

JANELA DO TEMPO

OSWALDO COSTA

JANELA *Do* TEMPO



Anápolis, 2013

LER Editora Ltda.
SIG - Quadra 4 - Lote 283 - 1º Andar
Tel.: (61) 3362-0008 - Fax: (61) 3233-3771
lereditora@lereditora.com.br
www.lereditora.com.br

Capa e editoração eletrônica
Samuel Tabosa de Castro

Copidesque, revisão textual e preparação de originais
Aristides Coelho Neto (www.revisor10.com.br)

Apreciação sobre a obra
Miguel Satori

© Copyright: todos os direitos reservados ao autor

1ª edição: junho de 2013
Tiragem: 500 exemplares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837j

Costa, Oswaldo

Janela do tempo / Oswaldo Costa - Brasília: LER Editora, 2013.
384 p. 15,5 x 22,5 cm.

ISBN: 978-85-64898-37-0

1. Literatura brasileira. 2. Poema. 3. Poesia. 4. Romance. I. Título.

CDU 821.134.3(81)

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura	821.134.3(81)
2. Literatura : Romance	821.134.3(81)

Contato com o autor:
oscosta@terra.com.br e revisor10@revisor10.com.br

Impresso no Brasil / Printed in Brazil / Presita en Brazilo

Das flores aos espinhos,
Dos sonhos à realidade...
O menino do botão de rosas,
No parapeito da janela do tempo,
debruçou.

In memoriam

À minha irmã Dirce,
Poderosa alavanca
Que abria meus caminhos.
Ao meu fraternal colega de profissão
José Luís de Carvalho,
Dono de uma amizade sem limites.
Ao amigo de todos os momentos
Hafif Farah Hajjar,
Que, do Oriente, trouxe a beleza
Do Amor Fraterno.

Exaltação é também um ato de superar algo.
Superando, pois, o meu ego,
externo meu sentimento de profundo ressarcimento
àqueles que carinhosamente me auxiliaram
a realizar o sonho de lançar este meu segundo livro.
Assim o faço.
Ao abrir o Sacrário que fica sobre a lousa do altar,
onde se dignificam sabiamente os Entes Sagrados,
vejo a Deusa da Gratidão estendendo a mão sobre as cabeças de
Lúcio e Sandra, meu filho e minha nora,
duas forças decisivas à realização de mais um sonho meu, e de
Aristides, o revisor desta obra, que,
com denodo e competência,
imprimiu carinho e amizade à arte de revisar.

É inútil lamentar o vaso quebrado
Quando todas as forças do universo se reuniram para
Fazê-lo cair das nossas mãos.

William Somerset Maugham

UM SUELTO DE ABERTURA

Não se trata de um prefácio. É apenas uma introdução que necessito fazer por uma questão de dívida não paga há muito tempo. Confesso, entretanto, não ter encontrado o processo de assim fazê-lo, em razão da delicadeza da questão, tendo em vista o tamanho da responsabilidade. Com o passar do tempo minha inadimplência aumentava na razão direta de não ter meios como encontrar a moeda do valor exato. No meio do caminho topei com o mestre Max Planck, germânico que lá pelos anos de 1900 presenteou o mundo científico com um ousado salto quântico, mostrando que a energia podia ser medida. Isso se tornou uma constante que veio solucionar a questão da emissão de graus variáveis de ultravioleta, por exemplo. Einstein, na contramão das teorias newtonianas, veio ao encontro de Planck e concluiu ser a luz um *quantum* de energia, denominando-o de fóton.

É aí que me perco. A moeda que tenho comigo, neste *intermezzo*, a mim me parece ser “um tostão furado”, como dizia minha avó, encarando o caixeiro que desejava vender-lhe um metro de chita, no pequeno mercado de tecidos em sua cidade do interior. Mas o que fazer se não possuo outra, senão a que, carinhosamente, guardo no bolso, pedindo vênica para apresentá-la com o coração nas mãos? Aceite estas estrofes, “cara amiga”, como uma dedicatória deste meu modesto livro, estendidas na bandeja que não é de faiança, mas do puro barro da gratidão. Embora este artifício já tenha usado no meu livro “Orapronóbis”, ficarei feliz se o acatar.

ANÁPOLIS, BRASIL

Minha cidade adotiva,
De encantamentos sem par,
Como é gratificante viver aqui.
Pequena que fostes como te vi,
Sua boa gente me motiva
A trabalhar,
A lutar,
A amar.

Como me deste teu uberino seio,
Se aqui não nasci?!

Beijo-te, e ao teu pé
Ajoelho-me agradecido, em reverência,
Pelo que me deste, sem nada pedir,
Marcando e construindo meu porvir,
Reacendendo minha fé.

Em comparação com o valor intrínseco das moedas que mencionei, como esses eventos científicos, é querer muito. Desculpe a intromissão. Porém, vou mais adiante. Tenho que ir, pois a pretensiosa moeda, que arranjei para pagar tão valiosa dívida referida acima, jamais corresponderá a seu valor em pauta. O pior é que onde há dívidas haverá sempre juros a vencer. E eles estão aí, roendo a alma como se fossem buracos negros, gestores de muitas estrelas absorvedoras insaciáveis de energia em trânsito pelo firmamento. E a essa altura não é que encontrei outro brilhante cientista que me deu uma mãozinha auxiliadora para resolver o problema? É Niels Bohr, dinamarquês revolucionário, criador do “Princípio da Complementaridade”, com o qual fez compreender que o átomo criado por Rutherford, estático, vazio, como se fosse um diminuto sistema solar, não passava de uma criação imaginária, ilusória. Se assim fosse, procederia, sem dúvida, como os satélites que coabitam nossa atmosfera que, com o tempo, perdendo energia a cada evolução, acabariam de cair sobre nosso planeta. Com o elétron de Rutherford acabaria acontecendo a mesma coisa. Daí Bohr, com seu

princípio da complementaridade, descobrir que o elétron somente salta de uma órbita para outra inferior, gerando energia, sem estacionar no espaço entre as órbitas. Chamou isso de salto quântico. Ao chegar à última órbita, continuaria sua evolução sem ter outra para saltar. Cria-se assim uma estabilidade dinâmica. Isso se tornou um acontecimento científico que veio desafogar o conceito de átomo entre os físicos, perdurando essa tese até hoje.

Sem pestanejar, me agarro agora nesse “princípio da complementaridade” de Bohr. E, sem nenhum constrangimento, tento ressarcir minha dívida de juros com a prata da casa. E, em analogia, usando dessa observância, inicio meus saltos quânticos, envolvendo os elétrons de sutis grandezas, nas pessoas de minha estima, pedindo vênias para citá-los aqui, em agradecimento pelo acolhimento e estímulo que me deram na minha caminhada pela vida nesta “inolvidável terra de todos”.

Nesta “Festa de Congratulações”, ao pagar singulares juros, embebedo-me ao sentir a presença sempre constante do fraterno Eurípedes Junqueira. Sua oratória, entre muitas outras qualidades, prenhe de metáforas felizes, capazes de levar o ouvinte a transcendentais atos místicos com seus eloquentes discursos, é uma constante na vida da cidade de quem foi prefeito com êxito. Bato o martelo — com moeda fraca, pago um quarto dos juros devidos.

Sentado na minha singela cadeira nessa festa, tenho a satisfação de abraçar o literato, trocadilhista e poeta Moacir Sales, o moço que deu sua juventude às lides executivas governamentais e de muitas empresas também, que descambou na idade madura para o magnífico posto de condutor da gente chamada “Pedreiros Livres”. Eu o saúdo com reverência: saravá, amigo! Obrigado! Mais uma martelada e, penso assim — está pago outro quarto da dívida.

E saio dessa festa abraçado ao Poeta dos Pássaros, que, paracatuense como eu, moureja por esta abençoada terra. Entre lembranças aqui e ali, sinto o quanto tem de cabedal para dar este meu contrerrâneo de nome Eugênio Santana, inquieto amante das liberdades e igualdades entre os povos. Continue, amigo. As flores e os pássaros também serão por isso agradecidos. E pelas bibocas de Minas saio com ele, cantando: “Nas paredes do tempo / Nas asas da memória / O andarilho solitário / Armando-se nas asas do sonho / Voou reto pela serenidade azul”. Vai aqui, mais um quarto pago.

De tudo isso somado, falta um quarto pra inteirar o total. Neste último quarto, envolvo-me com todos os anapolinos num só amplexo de gratidão extrema.

Goiás e Minas Gerais são irmãos gêmeos. Não somente pelo ouro armazenado em suas entranhas, nem pelo barroco de suas igrejas e casas sobradadas, e nem tampouco pelo linguajar característico de sua gente. O que os une por certo é o coração único, que delimita o pensar patriótico e consciente de seu povo. Povo confiante de que será, quer queiram ou não, o motor que fará avançar o país no contexto internacional.

Era dois de novembro, Dia de Finados. Floriculturas abarrotadas. Uns querendo flores amarelas, outros desejando brancas, e, alguns, até vermelhas. Os atendentes suavam a camisa para servir a todos, conforme aprenderam nos cursos de *marketing*. As flores mais vendidas eram as palmas-de-santa-rita e os cravos, sendo que até esses haviam acabado. Insistentemente, um cliente desejava flores vermelhas. O vendedor, consultando o computador de mesa, viu que iria recebê-las ainda hoje, mas tão somente à tarde. O freguês não podia esperar. Aí, não houve alternativa para o vendedor, fazendo uma cara de tristeza, puxando o beijo — trejeito característico de quem está prestes ao pranto —, senão argumentar, lamentando:

— Senhor! Como desejaria atendê-lo. O negócio é que não se usa levar flores vermelhas ao cemitério. O “dito cujo” — referindo-se a algum defunto —, dentro de sua lápide, numa total carência, em sua eterna solidão, poderia não gostar. Poderia até pensar que a pessoa que o estava homenageando estava, sim, era alegrinho por ter ele partido dessa pra outra. Coitado!

Aí, ele mesmo assustou-se com suas maquinações... Intimamente começou a divagar: no duro, no duro mesmo, estava o morto era descansando, nem se lembrando dessas rotineiras coisas — cá dos vivos, parecia... Continuou a conjecturar no *intermezzo* dessas divagações, perdido entre pensamentos que vinham à tona e voltavam como ioiô lançado pelo balançar do cordel de sua mente, preso entre os dedos de suas ideias! Assim, mui semelhante a um estado rápido de transe, foi até mais adiante nas suas internas lucubrações, sentindo-se mais seguro dentro de si mesmo. Pisando fundo, em rápida análise, chegou à ventura de concluir que ambos descansaram. “Cá de quê...”, assuntou, com certo pejo de filosofia

barata. No entender, com todo respeito, de Millôr Fernandes, o certo é que todo mundo, ante uma possível separação, nos momentos de muita angústia, apresenta-se em estado de choque, de difícil ajuste, mui perto de um esgotamento. Alguns parecem agir com extrema compreensão, diante ao quadro formado de perenes sofrimentos por que passam nesses momentos difíceis da vida, ancorados nos temas de uma religião de princípios dogmáticos.

Após o desenlace, se possível fosse, poder-se-ia escutar muitos soluços da alma por quem está por perto daquele que parte. Os que lavam a face com as lágrimas do choro extravasam-se, numa terapia salutar. Os que as engolem, mordendo os lábios, guardam reminiscências em seus subscientes, como marcos cravados, conduzidos à eternidade. Muitos, no decorrer do andar pela vida, costumam topar em suas encruzilhadas com pedras armazenadas bem amontoadinhas que foram, vertendo recalques apanhados em cruciais momentos de dor.

Sempre há, em toda família, um daqueles, escolhido talvez pelo Supremo Árbitro dos Mundos, elemento designado para cuidar do doente. O acúmulo de emoções e trabalhos físicos transforma-se em um legado de cansaço, quase chegando ao de extrema dívida da matéria humana, que espoliada já não se aguenta mais, tal o trabalho que comumente dá todo enfermo de longa estada no leito. Em contrapartida, porém, há tantos que partem tão ligeiro pra outra vida, que nem tempo de dizer adeus tiveram — continuou com seus pensamentos, passando a resmungar consigo o vendedor... Sou testemunha, perdi minha vó, que estava à noite fazendo seu crochê e, de repente, volveu a cabeça para o lado, deixando toda a família perplexa diante de sua partida para outra morada. Analisem, meus senhores — continuando a divagar consigo —, como o pensamento humano é ligeiro, que mesmo estando eu obcecado em convencer o freguês que atendia, em nanogésimos de segundo, pensara em tantas coisas diferentes. Imagine-se ainda que, nesse lapso de pensamento, lembro-me, *ipsis verbis*, das palavras sábias de Gabriel Nascente, que lera havia muito tempo, mas que ficaram gravadas em minha memória, guardadas como tesouro, prontas para serem soletradas rapidamente, dependendo do momento e das circunstâncias. Ei-las:

“De repente viemos ao mundo pela estridência do primeiro choro. E de repente, deste mesmo mundo, a gente vai-se embora, com

ou sem cerimônias do adeus. Mas, prova também que, se quisermos, seremos imortais na alma que construímos”...

“Puxa! Tôté me saindo como bom entendedor de filosofia.” Uma filosofia mui parecida com poesia. Também, ele só escreve assim. Não se sabe se é evocação, prosa ou simplesmente poema derramado sobre o papel, como água descendo sem tropeços correnteza abaixo. Seu murmúrio acalenta, sua cantiga eleva o espírito às alturas do embevecimento. Mas!... Voltar ao trabalho! Estava quase se confundindo, como se fosse uma capoeira a teimar em ser a floresta rica de temas que nada tinham com seu negócio — que era vender e vender flores — naquele momento...

E, nessas lucubrações, quase se perdia em seus devaneios. Assustado com o desvio do objetivo, rápido verificou que ali estava para exercer a função para que fora contratado, de mercador, e não para lembrar-se de coisas, embora concretas, ao mesmo tempo parecendo abstratas.

Finalmente, retornando à sua empreitada, sentiu, pelo olhar do cliente, num átimo, que o desafio que propusera estava prestes a ser conquistado. O freguês é que não demonstrava o quanto era chato esse vendedor. Estava bem amolado de tanto argumento bobo, no seu entender, mas, no fundo... no fundo mesmo, até que se divertia, cá com seus botões. O problema era difícil mesmo: vender ilusões torna-se uma tarefa por demais trabalhosa. Como é desgastante e custoso transpor a uma pessoa a sensação de que ela necessita para se sentir orgulhosa de si mesma, “rei da cocada preta”, no linguajar simples do povo.

O certo, para ele, vendedor — usando de sua filosofia pragmática, adquirida nas tertúlias às mesas dos botequins, em reuniões de fins de semana —, é que achava que levar flores para homenagear entes queridos era simplesmente praticar uma ação de satisfação íntima. Promovendo-se, socialmente falando. No seu conceito tratava-se de futilidades, sem o melhor proveito para o defunto. Enquanto para ele, casado de novo, o ato de vender correspondia a levar o pão para sua família. Ali estava seu dever. Conseguindo vender mais, melhor seria seus haveres. Precisava, pois, trabalhar com mais presteza, uma vez que o Dia de Finados era para a floricultura o que o Natal é para o shopping, centro de quinquilharias, muitas delas inúteis. Quanto mais vendia, mais ameihava uma boa

percentagem. Mesmo porque já tinha feito a psicologia do cliente, concluindo tratar-se de um daqueles que o dinheiro queimava em suas mãos. Era preciso arrancá-lo, senão, ir-se-ia, por certo, para outro saco. “Trem danado é esse tal de *marketing*! Sô cê num fô bom de estribo, escorrega na sela, e, aí... cê já viu: era uma vez um bom cavaleiro.” Emendava as palavras querendo vencer o tempo. Na pressa que o comprador demonstrava, e pela cara triste que fazia o vendedor, que tinha ido bem mais longe em seus argumentos, o freguês, vencido pelo cansaço, despachou:

— Faça um ramalhete com as flores que tiver, que meu tempo já se acha esgotado. De repente posso até voltar para escutá-lo — concluiu com certo ar enfadonho o moço que procurava flores vermelhas para homenagear um defunto que ele nunca havia conhecido ou ouvido falar a respeito.

Daí, com aquele sorriso gostoso nos lábios, num instante estava o vendedor, cortando o papel, embutindo botões de rosas e palmas, amarrando tudo com perfeição de mestre, dando laços com fitas roxas. Nem bem tinha terminado de fixar o arranjo, já nosso amigo freguês estava arrebatando de suas mãos o maço de papel colorido, onde destacava-se o esplendor das rosas, perfumando até a tesoura que dilacerara seus caules para uniformizar o buquê. Tão meigas eram elas que a nós outros parecia constatar, aquele ato, de uma rudeza do tamanho do assombro dos clientes que ali permaneciam à espera para serem atendidos.

— Passe, por favor, no caixa. Bom Dia de Finados pru sinhô!

Dizendo isso como arremate do que havia aprendido com letrados estilistas, a ensinar como vender, saiu à procura de um novo cliente... Se assim não fizesse, estava “inhabado” — palavra apenas conhecida pelos frequentadores do Toco do Pecado, que nas tardes quentes refestelavam-se à porta da igreja matriz para cientificarem-se das “últimas”, que seriam as “primeiras” — as notícias dos eventos que aconteceram na modorrenta cidade perdida no topo da Serra da Boa Vista, único degrau para subir e receber o ar puro que varre a chapada, complexo misto de cerrado e campina, onde por certo ainda perambulam bandos de emas, vigiados pelos lobos-guarás.

— Lá em casa — conjecturava ele —, estão dois pimpolhos à espera do pão. E, como dizia minha vó, que Deus a tenha em bom lugar, porque ela merece, e é minha vó, sobretudo, como se isso fosse

prioritário no livro que rege as leis do incognoscível: “quando o pão não entra pela porta da frente, o amor sai pela janela”.

Caminhando em direção a outro freguês que entrava pela porta lateral, nem viu o destino do homem que desejava flores vermelhas. Também, este, nada tinha a ver com o sentido ou não de colocar flores nos túmulos, uma vez que não havia nenhum ente seu descansando por aqui. Talvez pudesse haver algum, lá pros lados da Europa, encovados pela Lusitânia afora, onde deixara pais, irmãos e parentes. Pensando nisso, com a saudade batendo forte — olhos marejados pelas lágrimas incipientes que por vezes toldavam seus olhos presos naquelas paragens longínquas, onde medravam com naturalidade as videiras, que nesse tempo derramavam paz e tranquilidade, servindo de aconchego às cotovias que ali se aninham para passar o inverno —, desandou a lembrar, como se houvesse em sua alma uma fotografia, embora de cor amarelada pelo tempo, ligeiramente úmida pelas lágrimas que sempre brotavam ao menor atijamento. A recordação que matava sua alma andava encravada em sua memória. E a herdade onde havia nascido, onde morara com seus pais. Os passeios pelos campos, os banhos nos arroios, tudo isso estava sempre presente em seus momentos de reflexão. As danças, por ocasião das vindimas, em que as bagas de uva, por pés tão formosos das raparigas a magoá-las, revertiam-se, agradecidas, na seiva da vida, na forma daquele colorido líquido, a transformar-se no vinho que seria nas noites de inverno o cobertor das criaturas apaixonadas. Seria por certo, não se teria dúvida, aquele fluido vivo, que, aquecendo o corpo, encheria o espírito de prazer, na voz e no sorriso das camponesas a dançarem o fado com maestria e graça.

Aquele comprador eventual de flores, por agora, dentro de suas limitações espirituais, estava privado de continuar com essas lucubrações, uma vez que nada mais era que o motorista da madame que ficara ao largo, no estacionamento, dentro de seu Chevrolet Ramona, último lançamento destinado à elite. Estava, pois, apenas, cumprindo a incumbência que lhe fora passada por sua patroa. Esta, oriunda da estirpe alta da sociedade, desejava homenagear um seu antigo colega de escola primária que falecera há pouco. Tratava-se de pessoa de boa conduta, mui querida de todos e que deixara muita saudade. Não pôde ela mesma levar-lhe flores por causa de uma pequena luxação no joelho esquerdo, que muito lhe doía ao andar.

Acontecera ao descer de uma escada, ao trocar uma lâmpada no lustre da sala de estar de sua casa. E, mais ainda, sua formação cultural-religiosa não coadunava com o modo de proceder de muitos que faziam daquela data de contrição e respeito motivos outros que não fossem os de reverenciar e de curtir as saudades em comunhão espiritual com o Universo, fonte de inequívocas transformações. Entretanto, não se tratava de preconceito. Apenas seria um resguardo involuntário guardado a sete chaves em seu subconsciente.

A praça que dava acesso ao cemitério estava abarrotada. Eram barraquinhas de flores, de velas, apetrechos para compor coroas. Carrinhos de pipoca, cachorro-quente e similares, tomavam conta de todo o espaço. Encontravam-se enfileiradas de ambos os lados, deixando no meio um túnel por onde passavam os donos dos defuntos. E não só estes. Havia a turba que nem estava aí! Para ela, composta de pessoas em sua maioria simples, este Dia de Finados era dia de festa. Havia moças namoradeiras, rapazes querendo aparecer, contando piadas de defuntos que haviam levantado do túmulo em perseguição aos frequentadores daquele sítio de paz e de concórdia. Uma maioria bem avultada aparecia vagando por entre as tumbas, abraçando um aqui, outro ali, marcando presença, com o fito de mais tarde aparecer, cobrando afeto e até favores... Essa gente nada mais era que as velhas raposas da política local, que aproveitavam a oportunidade para se mostrar amigas das famílias enlutadas.

As ruas por entre as tumbas estavam apinhadas de gente de toda espécie. A maioria aproveitava a ocasião para colocar em dia seus negócios. Entre uma cusparada de pururuca do milho de pipoca, que não havia desabrochado, e teimava em agarrar no céu da boca, acompanhada de espirros outros, provocados pelas pitadas de rapé, muitos velhos agricultores e pecuaristas aproveitavam o ensejo para trocar ideias sobre as marrãs que estavam no ponto de enxertia, e que não vingavam. Como também sobre a praga da ferrugem que se alastrava no cafezal, prejudicando a colheita.

Esse recanto, onde deveria reinar o respeito e a paz, transformava-se em auditório ao relento, onde se reunia a comunidade, servindo também para que velhos amigos, que não se viam há muito, se congratulassem galhardamente, com ruidosa manifestação, não mui própria para a ocasião e para o local, principalmente. O que mais chamava atenção eram as arrelias com que muitos se abraçavam,

rindo, a bandeiras despregadas, como se estivessem numa mesa de truco, onde calorosas manifestações de júbilo de um jogador, por matar a carta adversária, eram acompanhadas de gritos e gestos galanteadores ao parceiro do jogo, cantando vitória.

Imaginemos se os defuntos, acostumados àquele silêncio de entra mês sai mês, sem nenhum ruído, a não ser o assobio das folhas das casuarinas que ali moravam, sopradas pelo vento intermitente, se rebelassem dentro de suas mortalhas? Se, diante de tantas manifestações barulhentas, levantassem em sinal de protesto? Vixe! Nossa Senhora! Seria um corre-corre tamanho que não ficaria nenhuma alma piedosa para contar o final da estória. Não acham? Era um tal de “salve-se quem puder” que, uma vez na praça, levar-se-ia no peito barracas e tudo o mais que se encontrasse pela frente. Por que será, alguém perguntaria, diante desse dantesco quadro, que os vivos têm tanto medo dos mortos? se estão vivendo entre bandidos vivos, que não se pejam em disparar uma metralhadora nas pessoas para lhes tomar o tênis ou o relógio comprado ao camelô da esquina?! Nesse caso é o instinto de matar, uma vez que as balas disparadas são mais caras que o material roubado. Os estudiosos desse clima social aconchegam-se nos princípios freudianos e se calam, fortificando-se e defendendo-se, no estado de repressão instalado, quando a prevenção poderia ser mais eficiente. O problema maior é que cada um dos habitantes deste planeta tende a pensar como se fosse ele o único ser existente debaixo dos céus que o cobrem, individualmente protegido de todos os males, e nada fazer além de dormir e esquecer-se do irmão. Esse irmão pode ser até o seu vizinho, que necessita de um socorro para uma pessoa doente em seu lar, e você precise sair em busca dele em uma noite chuvosa ou gelada em rigoroso inverno. É bastante comum vê-lo subjetivar: os outros que se danem! Comigo nada acontecerá — conjectura-se a miúdo, até com certo egocentrismo vulgarizado. Esses hediondos acontecimentos, transformados muitas vezes em crimes, são para ser vistos na televisão com muitos detalhes furibundos.

É assim que raciocina a maior parte da sociedade egocêntrica. Os locutores de rádio e os apresentadores de TV, por sua vez, pelejam para aumentar as tragédias, envolvendo mulheres e crianças indefesas, como primeiros artífices, para comover mais os assistentes das reportagens canibalescas em plena Terra, que se diz mui

civilizada. Quem as assiste, o faz como se fossem flashes rápidos de aventuras burlescas, projetadas apenas para divertir o telespectador, ou mesmo como passatempo. Este, por comodidade prefere trancar-se em casa a encarar os problemas como eles se apresentam. Daí ser fácil concluir que esse estado deve estar integrado à própria natureza do ser, como um dos paradigmas coletivos, na visão do grande Jung, que os criou e os colocou na genética — ter-se mais medo dos mortos que dos vivos. É bem possível que esteja encravada essa peculiar forma de sobrevivência no desoxirribonucleico — ácido celular, formador dos cromossomas, portadores dos genes responsáveis pelo princípio do instinto da conservação da espécie —, teoria criada pelo gênio de Charles Darwin. É bem possível! Esta parte fica para o leitor estudioso da biologia genética, que, dado aos avanços tecnológicos, está para ser desnudada em seus mínimos detalhes a cada momento. Por ora, poder-se-ia discutir também a ação de uma poderosa força encravada no íntimo de muitos outros indivíduos, como se essas manifestações transparecessem, no mínimo, ser derivados de um fenômeno extrassensorial, coisa do outro mundo, longe do alcance de nossa formação terráquea!... É a força da superstição derivada da pouca instrução, que grassa em ausente formação cultural de muitos povos.

Mas, deixemos isso de lado. Vamos continuar com nosso objetivo, que é esclarecer pontos desta narrativa um tanto quanto bem original, começando por onde ficamos até há pouco. Acompanhem os rastros pertinentes do homem que comprava flores vermelhas para homenagear um defunto. Diante do raciocínio do vendedor da floricultura, concluiu-se aqui tratar-se de um caso esporádico. Assim sendo, desejando colocar tudo em pratos limpos, vamos, contando com o tempo que nos possa permitir fazê-lo, procurar saber o que aconteceu com sua excelência — o “imperriado” freguês, a querer e a exigir flores exóticas para enfeitar um túmulo. Pois não é que, ficamos sabendo na fila do caixa, ele tinha se estranhado com outro cliente que carecia passar em sua frente? Bastante inquieto, fizera o pagamento, resmungando do tempo perdido com tanta burocracia. Diante de todos esses quiproquós, nem havia percebido: ao arrebatado o arranjo que o vendedor lhe apresentava, havia deixado cair um botão de rosas, que, a nós outros, nos parecia ser o mais conformado e o mais lindo de todos. O buquê, entretanto, estava

tão bem-planejado que, à primeira vista, nele não se via solução de continuidade. Seu arcabouço permanecia o mesmo: bem-estruturado, belo aos olhos de quem o visse de relance... Um botão de rosas a mais, um a menos, pouco importava naquele momento. O defunto nem daria pelo acontecido, e nem mesmo deveria reclamar do prejuízo.

Doido para cumprir sua obrigação, que era de levar tais flores para o cemitério, nosso personagem suava a bicas corridas, abrindo alas por entre o povaréu, que se encontrava ainda cedo à porta da necrópole. Imaginemos nós o que não estaria ele passando, uma vez que deixara a patroa à sua espera, dentro do carro. Tinha quase certeza, conhecendo-a como conhecia, devia estar ela, presumivelmente, espumando de impaciência com sua demora.

— Ô! Raios que o parta! — exclamou no modo que o nativo lusitano expressa, quando encontra qualquer empecilho ou dificuldade. É como se tivesse a dizer cá no Brasil: Ô! Diacho...

* * *

O enxame de gente à porta do cemitério fazia-lhe mal. Ia cutucando um, cutucando outro ali, abrindo espaço entre a multidão com uma das mãos, pois a outra segurava com firmeza seu tesouro: o buquê de rosas vermelhas. Que vermelhas, que nada, pois mandara confeccioná-lo com as rosas que havia no estoque da floricultura, chateado que estava por ter perdido um imenso tempo com alguém questionando esse seu desejo. Graças a Deus a patroa não tinha visto as cores das flores. Agora que ali estava, era meter os peitos e romper, indo à frente, abrindo espaço para passar. O que mais atravancava seu caminho era a fila diante dos carrinhos de cachorro-quente, disputados a tapa. Não era de se estranhar isso, uma vez que, cedo ainda, muitos haviam ali chegado, e quase todos estavam sem ter tomado algum alimento. Outros, não era bem por este motivo. Oriundos, em sua grande maioria, da zona rural, muitos deles guardavam ainda — e como o guardavam! — aquele cheiro-verde, cebolinha e salsa apanhadas bem cedo... ainda orvalhadas pelo sereno da madrugada... Era aquele odor do tempero acre, que arrepiava, e que jamais saía daquelas narinas a ele acostumadas. Assim sendo, matavam dois coelhos com uma só paulada — aproveitavam o momento para mitigar a fome e ao mesmo tempo saborear um bom

pão molhado com uma dezena de ingredientes de gosto roceiro, tendo uma bela chave bem-espichada de linguiça de porco, daquelas feitas artesanalmente falando, dentro, misturada ao seu miolo. A presença desse acepipe, de confecção caseira, fazia com que se lembrassem de que, quando ainda crianças, ajudavam a mãe nesse mister que envolvia toda a família. O manejo era empírico. Muita vez, tornava-se difícil fazer o embutido, devido à pressão do ar dentro das tripas. Para amainar isso, usava-se, de quando em quando, furá-las com espinhos de laranjeira para a saída do gás que se avolumava à medida que iam sendo entupidas. No final da tarefa, como era bom lembrar: sentada, toda a criançada, no rabo do fogão de trempe, na grande cozinha da fazenda, olhos penetrantes, à espera da hora de lambuzar as mãos na manteiga derretida dos pedaços pequenos que não serviam para serem pendurados a defumar, tostando-os na chapa pelando de quente.

Essas lembranças aguçavam o apetite de muitos daqueles que hoje estavam às portas do cemitério nesse Dia de Finados. Importante também é salientar que não era todo dia que se lhes apresentava essa condição tão favorável, já que em casa, quotidianamente, o desjejum invariavelmente era constituído de uma garapa rala de rapadura, acompanhada de um naco de pão dormido. É que, levantando cedo para começar o batente, o padeiro, com sua carrocinha barulhenta de rodas de ferro, rangendo nos pés de moleque do irregular calçamento da periferia, ainda não havia passado.

Esse fragor, abrindo um parêntesis, nada tem a ver com nossa estória, embora de vez em quando seja tão gratificante divagar um pouco, pela satisfação que isso oferece nos momentos — que não são muitos — de ciscar pelas páginas da psicologia das massas, procurando interpretar como os ruídos e sons são sentidos por vários grupos de seres humanos, ouvidos ao mesmo tempo e nas mesmas ocasiões, com sensibilidades tão diferentes. Se as rodas de ferro das carrocinhas do pão e do leite faziam gemer o solo pedregoso, provocando um barulho ensurdecador, muitas pessoas, raivosas, acordavam cedo, maldizendo esse som perverso que não os deixava dormir. Outros (os bebês) sorriam alegres quando o escutavam, na esperança de saborearem o pãozinho quente com a mamadeira de leite também quentinha.

Será que também o estômago emite aos sentidos, na razão direta da provocação, sinas sensoriais?! Há pouco um mestre gastroenterologista — em seu magnífico livro *O Cérebro Oculto* — afirmou, quando estudava a permeabilidade das vilosidades aderentes ao duodeno, para espanto de muitos, que esse pedaço do intestino fabrica mais serotonina, o neurotransmissor responsável pelas ações do prazer e bem-estar, como também por ser vaso constritor, do que mesmo o córtex cerebral.

Bem, mais adiante, caso se apresente um espaço melhor, poder-se-á, enveredar por esse intrigante assunto. A natureza, na sua mais sublime sabedoria, houve por bem criar as diferenças individuais. Consequentemente, foi detonando o que se inventou chamar de prazer, para contrapor-se ao estado de aborrecimento, de infelicidade, de amargor, que convulsiona o ser humano em momentos singulares, respondendo a provocações semelhantes. Imaginemos nós o quanto seria paulificante a vida se todos os seres respondessem igualmente aos estímulos ambientais, dentro do meio em que vivem? Já Mário Ferreira dos Santos, em seu livro *Psicologia*, p. 72, adverte: “A dor e o prazer são sinais. Indicam-nos o bom ou mau funcionamento orgânico. A dor e o prazer são estimulantes da ação. A dor e o prazer são também sansões das nossas atividades. A paz de consciência é uma sanção das nossas operações; a má consciência e a intranquilidade, de nossas ações más”.

Shopenhauer, diluindo a matéria em si, opina ser a dor positiva. O prazer, não. Seria este resultante da privação daquela?!

Como este palpitante tema de parte da filosofia poderá denegrir nossa narração, fazendo-nos desviar do assunto que nos propomos desenvolver, vamos — não há alternativa —, senão continuarmos a saber o que o “homem das rosas vermelhas” anda fazendo nesse dia dedicado a homenagear os mortos.

* * *

Arre! Não é que ele está bem por perto?! Ansioso para desempenhar a ordem de sua patroa?! Seguimo-lo. Detalhadamente percebemo-lo limpando o suor do rosto. Em passos aflitos, caminha firme em direção à ala onde se encontra a numeração dos túmulos. O número deveria estar bem lá na retaguarda, pois trata-se de

mausoléu novo, uma vez que o morto estava ali de fresco. Na hierarquia do cemitério, sua idade costuma ser contada do portão da frente para os fundos. Daí dizer-se que os túmulos velhos são os primeiros. Parece que nosso personagem estava mesmo sem sorte naquele dia. Seria urucubaca? pela escolha das cores das flores que se exigia para essa homenagem? ou era mesmo, essa confusão toda, fruto da saudade, embaralhando a cabeça de Sô Manoel?

Não é que descobrimos o nome do português, motorista da madame que o esperava no estacionamento dos carros?

Não havia maneira nem meios de ele encontrar o número da sepultura. Rodava por entre as catacumbas e acabava voltando ao mesmo lugar, caminhando em círculos que jamais se fechavam. Até que, cansado, não podendo mais suportar tanta angústia, resolveu que no primeiro que encontrasse, na curva da ala que no momento galgava, colocaria seu buquê de rosas. Também a madame não daria por achado, uma vez que não se propunha jamais, no seu julgamento, misturar-se com a gentinha que ali se aglomerava para “festejar” o dia dois de novembro. Em sua concepção também achava que o defunto receberia essa homenagem, estando enterrado em qualquer ponto do cemitério, pois que, para a parte fluida dos mortos não há delimitação de moradas. Bem não acabara de dizer isso consigo mesmo, já quase sem poder raciocinar devido ao esforço de encontrar o número da sepultura pela qual estava batalhando, depositou o ramalhete rechonchudo de flores, ajeitando-o ao pé de uma cruz ali provisoriamente fincada.

— Arre! — disse ele, lá com seus botões. — Até que enfim poderei descansar.

Bem não acabara de expressar-se consigo, uma como que minúscula sombra se eleva do outro lado do túmulo, timidamente, balbuciando:

— Num, meu sorr! Num roubei nada do sorr! Se o sorr quisé, taquiele. O botão de rosa que está aqui, foi o sorr que deixou cair lá na floricultura. Quando o apanhei, gritei, mas o sorr não me deu a mínima atenção — dando um muxoxo como se não interessasse em falar comigo. — Como muitos que ali se encontravam, pensou certamente que ia lhe pedir dinheiro. Corri até a porta e não vi o sorr mais.

Aí, o menino, trêmulo como uma vara verde, gaguejava mais e mais:

— Este botão é tão bonito! À primeira vista não sabia o que fazer com ele! Daí, pensei! Vou levá-lo ao cemitério e colocá-lo na sepultura de minha mãe, que me deixou tão sozinho há poucos meses. Foi Deus, na certa, quem me deu tão abençoado instrumento nesse dia de hoje, Dia de Finados, pra me lembrar dela! Aqui estou apenas, meu sorr, pra fazê isso!...

E já ia apanhar de novo o pequeno botão de rosas que havia plantado na terra fofa da nova sepultura, com o intuito de devolvê-lo, quando, ouviu a voz também meio trêmula de Sô Manoel que — ainda não o tendo deixado acabar de falar, com os olhos marejados pelas lágrimas que teimavam em disparar, saltando de seus olhos, gaguejando nas sílabas — conseguiu dizer carinhosamente:

— Venha cá, bom filho, dê-me um abraço! Não é nada disso que você está pensando. Quando adquiri essas flores, que ora estão aqui, as comprei para homenagear todos os mortos, inclusive sua mãezinha. Neste rincão de paz e de concórdia, são todos, irreversivelmente, iguais. Ninguém haverá de sentir-se menosprezado porque lhe ofertaram este ou aquele ramalhete, seja ele de rosas vermelhas ou multicoloridas, seja apenas um botão, ou simplesmente um sorriso no meio de uma oração. Venha cá mais para perto, vamos fazer uma prece.

Ajoelhou-se junto com o garoto, agora agarrado em seus braços. E ambos devem ter, ao ofertar as rosas, desejado bom lugar para aquela mulher que ali estava enterrada. Nessa oportunidade, lembrava-se com certeza de seus pais na longínqua Lusitânia: o que teria acontecido com eles?!

— Agradecido estou, meu Deus! Como o Senhor, Árbitro dos Mundos, mostrou-se bom para mim, sem que lho tivesse pedido! Colocou este garoto no meu caminho, fazendo-me recordar de minha terra, de minha mãe, dos meus familiares, dos meus amigos, das noites serenas onde nos reuníamos a cantar o fado e a dançar sob a única luz, que não era menos que aquela emanada pelos raios lunares por detrás dos montes... Obrigado, Senhor!

Agradeceu até o susto que levou com aquela aparição do garoto.

— Veja só — disse consigo —, acabo de receber uma demonstração de que a nada leva a prepotência e a arrogância.

Ali, naquele colóquio espiritual consigo mesmo, pareceu que havia esquecido o tempo. Num relance, voltando a vista para o túmulo, foi tomado por uma comoção que o deixou perplexo. Sentiu como que uma profunda pontada no coração... Pois não sabendo se fora levado pela forte emoção, ou coisa parecida, não havia acontecido um milagre! O botão, ele, o único entre todos os demais do ramalhete, não havia desabrochado em linda rosa branca, perfumando tudo em volta?!... Até gotículas de orvalho estavam presas em suas pétalas, como se fossem lágrimas de gratidão e de agradecimento!... Naquele enlevo, esqueceu-se que não eram nada mais, nada menos, que os pertinentes resíduos da água. Esta, nas floriculturas, é espargida, promovendo a “finesse” ilusão de que as plantas são na verdade jovens e frescas, colhidas há bem poucos instantes.

E, assim dizendo, entrelaçou suas mãos às do menino. Espancados, ambos caminharam para o estacionamento, onde sua patroa o esperava, ansiosamente.

— Olha, madame! — procurando desculpar-se pela demora! — o que encontrei no meu caminho: um garoto. A senhora nem imagina o que ele estava fazendo. Estava a homenagear a falecida mãe dele, em sepulcro bem encostado ao túmulo que a senhora indicou-me. Foi comovente vê-lo ofertando um solitário botão de rosas a ela. Se madame permitir, levo-o comigo para oferecer-lhe um lanche e, nesse ínterim, “isbiutá-lo”, procurando conhecer sua personalidade melhor — e, a tempo, dizendo com ênfase, embora retinto de constrangimento: — Cumpri as ordens da senhora. Não foi muito fácil encontrar o número que madame me deu.

Não corou, porque tinha convicção que, de qualquer modo, suas intenções haveriam de ir ao encontro do homenageado da sua senhora patroa. Tinha certeza que assim Deus o quis. Satisfeito pela justificativa encontrada nos recôncavos de suas circunvoluções cerebrais, divagou consigo mesmo: para o espírito não há fronteiras. É um, como que, pedaço de energia a flutuar no éter em busca do seu par quiral. Seu hábitat, seu chão, é o espaço infinito, onde, por questões físico-químicas, tremulam as estrelas, fotocorpos formados pelos lampejos de luz que vagam pelo incognoscível. Tacos das

explosões atômicas, são como filhas de uma possível desagregação de concentrado extremo de energia propulsora da matéria. Pensando bem, sinto até que o tempo que demandei a executar as ordens de madame, deixando-a a me esperar, foi salutar. Bem me lembro ter lido, uma vez, sem dar-lhe muita atenção, não a levando a sério, a frase que hoje aceito com outra dimensão: “O tempo é um sujeito gago. É preciso ter paciência para compreender as verdades que ele diz”.

* * *

Alguém, ao desfolhar — se conseguir chegar até aqui — esta narrativa, poderá imaginar estar dentro de um conceito estapafúrdio, no sentido de não entender como um simples motorista profissional pode relacionar fatos tão abstratos com a concreta existência do ser humano a vagar por este planeta azul... É que, em descrição deste porte, há sempre lapsos imperdoáveis, que podem, entretanto, ser sanados em pequeno espaço, caso se tenha boa vontade em fazê-lo. É o que agora se pretende: elucidar este problema surgido na volúpia de dar sentido a uma narrativa, prene de fatos abstratos misturados ao concretismo das ideias. Senão vejamos: a verdade é que Sô Manoel, ao aportar por estes brasis afora, trouxe misturado a sua bagagem um cabedal de conhecimentos mui próximos a uma Ordem, onde navega com sabedoria Hiram Abif, construtor inveterado de Catedrais Virtuais onde habitam os Bons Costumes, bem manejados pelo compasso e o esquadro, à procura do equilíbrio cósmico. Singularmente vem dispondo, há milênios, de uma espécie de virtual estatuto, o *modus vivendi* de seus integrantes na comunidade em que vivem, usando um especial baralho onde só há cartas de Rei. Perdão, há entre elas uma única tonicamente diferente, que é o Ás, pertencente ao Supremo Árbitro dos Mundos. Trocado em miúdos, isso quer dizer que os conhecimentos, derivados desse maço de cartas de igual valor, por ínvios tempos não contados de jogo interrupto, estão disponíveis a todos. Não há discriminação, nem preconceitos, por posições exercidas na comunidade por quem quer que seja. As lideranças, como que brotadas nesse caldo de cultivo específico, surgem inesperadamente, flutuam espontaneamente, tendo em vista os valores subjetivos lançados contabilmente na página “dos

créditos”, adicionados ao processo do livro “Razão”, pertencente à firma empresarial “Servir Sempre”. Conclui-se, então, avaliando tal metamorfismo, que esse singular baralho só tem cartas fraternas, com iguais quantificações, capazes de fornecer a oportunidade para que se dite aqui, numa trêmula analogia com um cientista grego, adaptando-a à atual sociologia: esse conjunto de “Reis” é a alavanca e o ponto de apoio que tanto Arquimedes procurou, na solidão do Éfeso, pensando em mover o mundo.

* * *

Madame estava inquieta e pronta para arguir, como sempre faz, usando um tom de voz diferente do usual. Embora de natureza meiga, tendo sempre um sorriso nos lábios quando em trato com qualquer pessoa, sabia, entretanto, de maneira enérgica, sem se alterar, reprimir quaisquer faltas que percebesse de seus funcionários. Mas a nós nos pareceu humilde e ansiosa também, ávida para conhecer o tal garoto, que, nessa época de tantos desarranjos sociais, parecia estar no bom caminho, como havia demonstrado há pouco e como o é desejável pela sociedade. Naturalmente, estaria ela pensando: “As coisas acontecem porque acontecem”.

Sô Manoel, ainda assustado pela maneira como sua patroa recebeu a comunicação, e também pelo modo como claudicara no processo de cumprir suas determinações, andou, embora confusamente, retirando do pensamento, uma locução de caráter funcional como proselitismo. Era a princípio não mui convincente, mas que, entretanto, vindo à tona, foi pouco a pouco aflorando como se fosse algo de extrema sabedoria:

— Pois num é! Pois num é! — usando o português de Portugal, saracoteando na soletração das palavras pensadas — não tenho muito que me justificar, pois não houve, penso, prejuízo para quem quer que seja — concluiu, satisfeito consigo.

Em seguida — continuando sua peroração íntima — Sô Manoel desamoitou da memória, não sabendo onde lera, ou onde vira, uma alusão ao papel de que, alguém, como intruso, costuma apoderar-se de ideias, misturando “alhos com bugalhos”, surgindo, inesperadamente, desarticulando qualquer proposição. Com esse característico, muitos são derivados dentro da gente mesma...

A psicanálise está aí para não nos deixar em dúvidas. Aqui acaba de pousar um destes, metendo a colher de pau aonde não é chamado. Trata-se de um personagem que sempre aparece, por acaso, na confecção das narrativas, procurando estar em todas elas, desejando mostrar sabedoria, amante de ciscar as fantasiosas figuras de uma filosofia meio virtual, meio abstrata, de concretismo meio duvidoso. Ei-las aqui, como foram configuradas.

— Os fenômenos, sejam de natureza física, sejam espirituais, nascem conseqüentemente numa razão direta das necessidades, quer da alma, quer do corpo, ou mesmo do ambiente em dados momentos, segundo a filosofia cartesiana. Um tropeço, entretanto, em quaisquer deles, poderá desencadear uma série de estágios, repletos de acidentes, capazes de levar uma eternidade para chegar ao seu destino definitivo. Haja vista os caminhos etéreos, quando palmilhados imprevisivelmente, tendo os pés nus. Estes, com certeza apresentar-se-ão, no fim da jornada, completamente dilacerados, inchados e dolorosos... Na aspereza de seu traslado, a marcha, muita vez, se contrai (aqui o tempo não se conta, os minutos poderão ser séculos). O ambiente vai se transformando, mostrando diferentes paisagens virtuais estampadas na terceira ou mesmo na quarta dimensão. O andarilho, assim projetado, parte para uma incansável procura da perene razão confortadora, que deverá ser alcançada no fim da jornada. Os tropeços são inexoráveis. Muita vez, valendo-se de hábeis cinzéis, manejados com maestria adquirida no longo do trilhar, desviando das imensuráveis crateras abertas na escuridão do imprevisto, sempre se conseguia desbatar as pedras informes encontradas pelo caminho, lapidando-as com carinho e amor.

* * *

Manoel, esbaforido de tanto circunvagiar pelos meandros do rio caudaloso que é a filosofia, dinâmica como sói ser, a mudar constantemente de conceitos, de acordo com a derrama de seus tributários, quedou-se por momentos. Limpando o suor que já empapava seus olhos, tornando-os vermelhos e congestionados, deu-se como desentendido ao ouvir as suaves palavras de sua patroa:

— Não só pode levá-lo, como colocá-lo aqui no banco traseiro, juntinho comigo — disse a senhora ao seu perplexo motorista.

D. Alzira, esse era o nome da madame que se encontrava à espera do seu motorista, o senhor Manoel, como ela respeitosamente o tratava. Esposa do Dr. Josino — apenas Zino para os íntimos, oriundo da família dos Valadares, prósperos fazendeiros lá pelos lados de Arinos, na confluência da bacia do Rio Urucuia e adjacências — demonstrava ser uma perfeita dama, em sua indiscutível *finesse*.

Por não haver justificativa plausível para um fenômeno de certa maneira incompreensível, o núcleo dos Valadares, constituído de um aglomerado de famílias supercultas, ilhadas num agreste de difícil comunicação no noroeste mineiro, merece, por várias contingências, um estudo *sui generis*. A maior parte de seus integrantes, púberes ainda, seguia para a Europa em busca de estudos secundários e acadêmicos. Ramificaram-se pelas Minas Gerais, dando mais assistência em Pará de Minas, João Pinheiro e Paracatu. Nesta, vamos encontrá-la disseminada em tradicionais famílias pertencentes a uma sociedade exigente e refinada. Há casos típicos que, para um sociólogo, poderão servir de caldo de cultura propício para um estudo mais acurado a respeito. O exemplo de Dr. Adrião Valadares chega a impressionar a parcela estudiosa da comunidade, por ser ele dono de diplomas de curso superior da maior estirpe entre todos da época — possuía-os de médico, de advogado e de engenheiro civil. Falava-se, à boca pequena, que, além desses, havia outros, validados na ingerência dos aficionados do Toco do Pecado, local que regulava a cadência da vida urbana da Paracatu, que deixou de ser a Vila do Príncipe para ser a Atenas Mineira, noiva desprestigiada, largada ao altar pelos mandatários do governo mineiro. Entocada na base da Serra da Boa Vista, último degrau para alcançar o planalto, ilhada pelos rios Paracatu e São Marcos, ambos sem pontes, só era lembrada por ocasião das eleições gerais no país. Nem por isso deixou de ser o berço da cultura pátria, nas forças intelectuais de seus filhos, da estirpe dos Melo Franco, Adjuncto, Pinheiro, Vargas, Rezende Costa, Rabelo, Neiva, Ulhôa, Santiago, Botelho, Jordão, Pereira Guimarães, Costa Rabelo, Laboissière, Rubinger, Meireles, Roriz, Paula Souza, Batista, Barbosa, Costa, Melo, Valadares e tantos e tantos outros. E mais recente ainda, o ínclito Presidente do atual Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa, dono de um cabedal superatualizado da

magistratura nacional. De Paracatu para a França, conquistou com suor e lágrimas, parodiando Churchill, a literatura internacional com o lançamento em Paris de uma obra de sua autoria. Dr. Adrião Valadares era outra figura também que motiva recordações de sua vida cultural.

Seria enfadonho para o leitor se aqui os milhares de outros, do mesmo quilate, fossem estampados. O vigor de um Afonso Arinos, para lembrar um dos mais recentes, fazia vibrar o Congresso Nacional, lá pela década de quarenta, com seus maravilhosos discursos — peças extraordinárias de valor sociológico, encadeados numa escorreita linguagem literária.

Celibatário que era, o Dr. Adrião ocupava-se por inteiro, dia e noite, dos estudos. Entre outros predicados, usava em suas anotações, às margens das folhas de seus livros, *vero verbis*, frases debatedoras, ora em latim, ora em grego.

Em Paracatu hospedava-se com sua irmã D. Julieta, esposa do coronel Jorge Batista, em casa situada à Rua da Praça. Ali, não obstante o carinho da família, continuava falando com seus livros, saindo pouco a andar pela cidade. Quando o fazia, era respeitosamente admirado pela sua elegância ao trajar-se, pela amabilidade que dispensava a todos, e indubitavelmente pela sua extraordinária cultura.

* * *

Dr. Josino, outro Valadares, era um misto de intelectual e fazendeiro. Cuidava de suas herdades com um carinho todo especial. Possuía propriedades em João Pinheiro e em Paracatu, que naquele tempo era a sede da comarca, onde mantinha casa e escritório. Aí desenvolvia todos os seus negócios. Risonho no trato a todos, de estatura um pouco mais da média dos habitantes desse quadrilátero mineiro, trajava-se com parcimoniosa elegância — ternos bem cortados, chapéu panamá, e botas de cano alto quando assistia ao meio rural. Era na verdade um perfeito gentleman. As suas estadias na cidade eram causa de certo alvoroço entre as moças casadoiras. Nas quermesses do Largo da Matriz, à luz de lampiões, por ocasião das Festas do Divino, era pessoa do primeiro escalão, não só dando

lances altos às prendas dos leilões, mas também ofertando muitas, tão valiosas que jamais houve concorrência. No correio elegante era o alvo principal das cartinhas das donzelas que, sorridentes e alegres, por ali saltitavam de mesa em mesa, contaminando o ambiente dessas noites enluaradas, caprichosamente propícias ao flerte entre rapazes e moças. Vez por outra, o olhar de Alzira encontrava o dele, numa troca mais demorada, capaz de traduzir muitos estímulos demonstrativos de mútuas carícias. De barraquinha em barraquinha, por ocasião das festas religiosas, de peças teatrais apresentadas no Philodramático por trupes amadoras compostas de alunos da Escola Normal local; de baile em baile em casas de família, por ocasião de comemorações, como aniversários, batizados, noivados; nas corridas de cavalos na raia do jóquei-club; nos piqueniques, aos domingos, na Praia do Vigário, na confluência dos córregos do Espalha, Rico e São Gonçalo, quase na fralda do Morro do Ouro; nas serenatas em noites de lua cheia, tudo isso foi sedimentando uma união que em breve se transformaria em um enlace matrimonial, realizado sob festejos que enriqueceram “o que de falar” pela sociedade existente no quadrilátero noroestino mineiro. Houve assunto para ser comentado por muitos e muitos meses.

Por ocasião de suas viagens a negócios, Zino deixava o carro a cargo de Sô Manoel como chofer, para atender a esposa em suas andanças pela cidade e dar assistência à fazenda Santo Aurélio, nas proximidades do latifúndio Boa Sorte, pertencente ao operoso fazendeiro e chefe político Raimundo Vargas. Era uma viagem penosa, vez que não havia ponte sobre o ribeirão do mesmo nome, tendo-se que contorná-lo pela suas vertentes.

Assim é que fomos encontrá-la, rodando no seu automóvel, dirigido pelo cordial português que todos conheciam e tratavam por Sô Manoel, pelas ruas da cidade onde residia — a velha província, outrora tão decantada Vila do Príncipe, esculpida pelo cinzel empunhado pelos escravos, na quebra da tapiocanga, em busca da seiva por onde circulavam as pepitas auríferas que tornavam os reinós mergulhados em dinheiro até o queixo. Dentro de suas burras, sentiam-se senhores do universo, podendo nadar pelos meandros, formados pelo pedregulho aurífero como se fossem rios voluptuosos de prazeres nababescos.

A terra toda tremia diante das marretadas que até hoje soam nos confins de suas erodidas catas. Muitos desses sons reverberavam nas pedras irregulares de seu calçamento, deixando um ambiente tenso, onde ninguém era ninguém, senão os donos de escravos e de minas auríferas. Criaram-se, assim, as castas, compostas de uma elite subjugadora, que por muito tempo fora senhora desse rincão aquartelado entre as montanhas altas, de um lado, e circundado por rios que entravavam seu progresso social, do outro. Desde o começo, ainda na sua infância, quando ainda engatinhava, vincularam seu topônimo ao príncipe, outorgando-o como o senhor de sua vida e de sua riqueza. Assim correram os tempos. Até hoje, após sua maioridade, ainda há reflexos desses mandos. Vez por outra esse poder surge ainda, alavancado pelo dinheiro escuso de políticos, turvando os céus da liberdade democrática, abocanhando os mandatos populares de forma dirigida.

* * *

Pelo motivo de dar seguimento à narrativa a que nos propusemos, onde a figura de Sô Manoel está intrinsecamente ligada ao “homem das rosas vermelhas”, voltamos a confirmar algumas passagens já contidas antes neste documentário, reafirmando conceitos passados.

Como antes fora dito, o motorista de D. Alzira, de quem era empregado, quase cai de costas com a ordem emanada pela sua patroa, de colocar o garoto juntinho dela... Fora de toda a normalidade costumeira, a ele parecia aquele gesto mais um milagre que qualquer coisa. Será que madame estava mudada?! Ria por dentro, certo de que sua psicologia lhe valera, no propósito de gratificar com muito carinho e afabilidade a alegria que o menino lhe dera com o gesto nobre de pedir a benção a sua mãe. Coisa que nos dias atuais era de envergonhar àqueles que, nos artefatos de comunicação de massa — periódicos, revistas, rádios e TVs —, cansam de externar seus pensamentos pessimistas, divulgando insistentemente que a juventude, encontra-se irremediavelmente perdida, manipulada pelo narcotráfico vivo no país. Não via a hora de ficar com o garoto a sós para melhor curtir a saudade que lhe vinha à tona. Via nele sua própria pessoa, a correr pelos lajedos da herdade onde nascera,

armando arapucas para pegar as cotovias que inflavam o peito, com suas maviosas canções, sobre as trepadeiras que cobriam o poço de água, onde, por vez, banhava-se junto aos demais pequenos, crianças de seu círculo de amizade. Eram recordações difíceis para serem assimiladas. Havia momentos de desejar que fossem embora essas lembranças! O passado, que lhe era muito caro, ao mesmo tempo muito distante, muita vez era convertido em um serenar de lágrimas que molhavam sua face, escondendo-se atrás das rugas. Elas teimavam em sulcar aquele rosto que andava sempre aberto ao riso franco.

Para que se magoar tanto!... A saudade, quando é forte demais, arranca um pedaço do coração onde se instala, sob a guarda da ilusão de que por momentos poderia ser revivida sem o arcabouço de estancar para sempre a fonte dos prazeres, e beber na taça da fantasia o champanhe da felicidade que ameaça ir embora.

Olhos marejados, Manoel puxou o acelerador do Ramona e mergulhou suas visões no canteiro de recordações, dando uma volta quase de noventa graus para sair com seu carro daquele tumultuado estacionamento babélico, deixando também para trás aquele burburinho de gente que, contritamente, “comemorava”, muita vez “festivamente”, o Dia de Finados.

Na verdade, entretanto, é bom que se diga: havia muitos que ali choravam, por vezes, sem alarde. Lacrimando por dentro, muita vez, ante sua aparência de contrição, serviam de chacota aos que, comumente, atreviam-se a sorrir mordazmente... Sem pedir licença, sentindo-se conhecedores do íntimo das pessoas, roubavam-lhes os sentimentos, os ideais, seus sonhos, como o avaro que só sabe guardar moeda, que, aqui neste caso, transformaria em instrumento para, ocultamente, ferir a sensibilidade humana.

* * *

O Dia de Finados, como outro qualquer, transcorria como havia iniciado, embora cheio de acontecimentos singulares. Muitos deles esquisitos... Se bem que a Sô Manoel, que era um sonhador por natureza, eles parecessem conjuntos de extremas incongruências, tendo em vista a data que se destinava a devotar

os impulsos de natureza sentimental, transformando-os em lides de profundas saudades. Era o que deles se esperava: uma denotação de carinho e de suprema amizade. Eram tantas as manifestações singulares, sem objetivos relacionados à data, que se assemelhavam aos acontecimentos mitológicos. Ou mesmo parecidos com — bem recordava de tê-los lido, uma vez, quando ainda estava em sua terra — certos atos que, para chegar a um final feliz, houveram por bem passar por inúmeras divergências. Lembrava-se deles! Nuances indicadoras de supostas semelhanças com as Simplegades, dava para entender. Na Trácia, conta o episódio escrito em português de Portugal, passara o valoroso barco Argos, lotado por cinquenta e duas celebridades da época, incluindo Orfeu, o poeta e cantor amarrado ao amor de Eurídice, em busca do Tosão de Ouro, guardado pelo dragão da Cólquida. Esse dragão era domado pelos acordes da cítara que o próprio Orfeu havia construído, aumentando sua cordoalha de seis para nove cordas, de onde tirava maravilhosos acordes harmoniosos, capazes até de acalmar o mar encapelado. As contradições deixadas para trás — “por mares nunca navegados” — eram tamanhas, que faziam lembrar a estreita abertura das rochas em luta, as Ciâneas (recifes móveis), na entrada do Mar Negro no Ponto Euxino, situado no Helesponto onde deveriam atravessar os iniciantes da ordem estabelecida pelo gênio designado por Orfeu. Uma história que, contada sem os ditos anteriores, vem parecer a nós outros como sendo cheia de fatos perigosos passados para procurar a rainha dos sonhos de Orfeu — Eurídice — em detrimento da vida dos demais companheiros de viagem.

Essas referências eram parcialmente entendidas por Sô Manoel, que, muito embora um motorista de família, era estudioso da mitologia grega e romana. Estas não lhe eram de todo estranhas. Guardava certa afinidade com os mistérios elementares de uma seita arraigada aos habitantes ibéricos — resquícios da ocupação moura —, simbolizando a passagem para o outro estado terráqueo, tendo tripla significação: elas representam o guardião do umbral, o terror do umbral e a ameaça de deixar a familiar condição mundana. Essa passagem define a união dos opostos. No período da iniciação, quando o homem deseja transferir-se deste mundo para o outro, deixando para trás reminiscências de intolerâncias, de ódio, de

despotismo intelectual ou econômico, ele deve passar através de um intervalo sem dimensão e sem tempo, que divide duas forças relacionadas, porém contrárias. No momento real da passagem, o herói abraça ambas as forças. E desse modo anula os opostos. Nesse preciso momento ele se encontra no outro mundo. Essa rotulação é de Spencer, citado por William Almeida de Carvalho, um estudioso da mitologia encravada no seio profundo das seitas secretas.

* * *

Sô Manoel, debruçado ao volante de seu carro, nos momentos em que não estava dirigindo, tinha sempre ao seu alcance os tomos, de que nunca se separava. Velhos, com amareladas páginas, mas amigos no silêncio e na solidão. Suas folhas, muitas delas quebradiças pela ação do tempo, eram companheiras e, sobretudo, guardiãs da formação de seu caráter impoluto. Dizia ele consigo mesmo serem elas a fonte de uma aprendizagem que nunca se esgota com a passagem do tempo, elemento de função dinâmica na vida. A prova disso, lembrava-se sempre nos momentos de meditação, era a forma de como surgira no meio dela o “garoto do botão de rosa”, para ensinar-lhe mais uma forma de mostrar que a vida não é somente a procura de felicidade no amealhar de bens terráqueos. O ciúme, quase doentio, que sentia pelos alfarrábios levava-o a guardá-los com muito cuidado, longe dos olhos de madame Alzira, sua patroa. Mas, mesmo!... mesmo!.. tinha muito cuidado para que não caíssem nas mãos de seus sobrinhos, jovens ainda, portanto inconsequentes. Poderiam até danificá-los por entendê-los imprestáveis por tão velhos que eram. Havia, até entre eles, um resumo de o “Mundo como Vontade e Representação” de Schopenhauer, um conjunto de pensamentos filosóficos que mexeram com muitos conceitos arraigados à cultura daqueles tempos coevos — conceitos atávicos que funcionavam quase como dogmas irrefutáveis. Constituiu, assim, uma nova escola de pensamentos filosóficos, tão indutivos e pragmáticos, embasada numa realidade crua, que motivou o abalo dos alicerces do dogmatismo próprio da cultura arraigada que norteava a vida do homem naquela época. Dentro dessa linha nasceu um gênio chamado Friederich Nietzsche, que despontou na comunidade do Velho Mundo com um cabedal extraordinário de

cultura pura. Ao entrar em contato com a filosofia de Schopenhauer, fê-lo seu ídolo. Daí estar sempre manejando seu “Die Geburt der Tragödie aus dem Geiste der Musik” (O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música). Nele encontrou: “Não existe no homem nenhum instinto de bondade, de verdade ou de beleza. O que existe de fundamental, no ser humano, é a vontade de Mando e de Poder. Só isso é capaz de elevar sua existência para algo mais digno. Essa vontade de Poder é o Valor Supremo; ela é quem deve determinar o critério do que é bom, ou verdadeiro, ou belo”.

Era difícil para Sô Manoel ir até longe! Ler por ler somente, não lhe satisfazia. Por isso e por causa disso quebrava a cabeça em violentas insones noites de vigília. A humildade que mantinha como um serviçal atento às exigências de sua patroa nada mais era que uma adaptação ao seu *modus vivendi*, para que pudesse no momento subsistir como ser humano. No fundo mesmo de seu entendimento andava preso a conceitos adquiridos, sem manifestá-los, gerados pelo que foi um dia na herdade de seus pais, onde, ainda imberbe, tinha acesso sobre os empregados que militavam ali como subalternos. Em troca, num paroxismo, muita vez cheio de dilaceramentos, a vida foi lhe ensinando, com a palmatória da angústia, da saudade de sua terra, de sua gente e seus costumes. O “garoto do botão de rosa”, ainda que jovem, mostrou-lhe um caminho, na singeleza de sua sabedoria adquirida nos tropeços da vida.

* * *

A tarde desse dia merencório estava chegando. Nas barraquinhas fincadas à praça defronte os portões-mestres do cemitério, impacientes vendedores encontravam-se quase em pânico. Grande quantidade de artefatos para confeccionar coroas e arranjos estava encalhada. E as flores? Despencavam. Suas pétalas mostravam-se meio caídas, murchas, com caras de tristeza incomensurável. Os cravos já não queriam concorrer com as palmas que permaneciam sempre eretas, houvesse o que houvesse. Pode-se dizer que aqui também o sexo feminino começa mostrar a que veio, e a solidificar-se perante a natureza. Os cravos, que já são poucos nas vitrinas das floriculturas, que se cuidem. As rosas, as palmas e as orquídeas, não lhes vão dar sossego — estarão sempre brilhando no universo

das coisas belas e lindas que enfeitam a vida. Muita vez, costumam enfeitar também a morte. Não é assim que Bilac as mostra em belo soneto no seu parnasianismo eskorreito?

A agitação agora era provocada pela gritaria dos vendedores, cada qual oferecendo sua mercadoria a preço de galinha na “manguara”, como se diz na gíria deles. O chão estava abarrotado de pedaços de papel colorido, sobrepujando os de cores roxas. E restos de fita — que antes servia para amarrar porções de samambaias a envolver o arcabouço da armação de arame com que eram confeccionadas as coroas — jaziam esparramados por toda parte do solo. Crianças, sem saber a que vieram, brincavam de fazer aviões de papel ou bonecos de papelão e palhas. Palhas! Sabem de quê? De milho, cujas espigas eram vendidas, assadas no braseiro em latas de vinte litros vazias, cortadas ao meio, como se fogareiros fossem, muito longe da impiedosa Vigilância Sanitária, cujos olhos são quase iguais aos de Argos, figura mitológica grega cujos cem olhos nunca se fechavam todos, ficando sempre cinquenta deles abertos. Esse monstro prestou a Hera o serviço de guardar a ninfa Io, que Zeus transformara em uma novilha com o intuito de escondê-la da esposa. Homero matou o monstro e libertou-a. Como não levava desaforo pra casa, como toda ninfa poderosa, espalhou os olhos de Argos pela cauda de seu ilustre pavão real. Popularizou com isso seu nome por todo o mundo, tendo Jasão dado o nome de Argos ao navio que preparara para ir à Cólquida com cinquenta e dois companheiros ilustres, em busca do velocino (o carneiro de pelos de ouro). Mais tarde, também Ulisses acabou apelidando seu cão de Argos. Os argonautas fizeram e aconteceram pelo mundo terráqueo conhecido da época, sendo muitos deles figuras mitológicas, que dão aos mais diversos sistemas literários aquele sabor de lendas inesquecíveis que todos gostam de rever — crianças e adultos.

Toda essa cantilena dos vendedores a nós parecia demonstrar que, na verdade, não estavam felizes. Os negócios nunca terminam como desejam seus protagonistas. A insatisfação se torna uma constante fixa em todos os ramos comerciais. Constante que pode ser designada como uma invariável função inerente à arte de negociar. Deduz-se daí a questão de ser ou não ser bem-sucedido em suas transações financeiras. O negociante está sempre desejando mais e mais. Até entre as nações se vê essa constante. Quem não se lembra

do ínclito De Gaulle, quando afirmou: “Entre as nações não existe amizade. Existe, sim, interesse”?

Estes aforismos acabam desaguando na doutrina que se convenceu denominar de Marginalismo, um sistema de política econômica pontificado na Áustria e difundido por vários países europeus como Inglaterra, Suíça e posteriormente no EUA. Em toda a Europa ficou conhecido com o nome de Escola da Utilidade Marginal. Desta, foram derivados vários outros conceitos de “margem”, dando forma a outras categorias econômicas além da utilidade, constituindo assim um sentido de doutrina econômica global. Nesse diapasão confunde-se, *a priori*, com as regras do capitalismo puro, diferindo, entretanto, no conceito de valores. Neste o valor é criado pelo trabalho e medido com o tempo gasto pelo operário na produção. Já no conceito marginalista a ênfase é dada não à produção, oferta e custo, mas ao consumo, procura e utilidade. A introdução do conceito da “utilidade marginal” é fundamental nessa mudança de perspectiva.

Na explicação dos fenômenos ocorridos no mercado, fenômenos esses quantificáveis através da análise matemática, parte-se do indivíduo isolado da sociedade à procura de sua mente pré-social, isto é, suas necessidades primárias, que, em última análise, determinam sua conduta no mercado. A utilidade é a relação entre as necessidades primárias do indivíduo e os objetos capazes de satisfazê-las. Esses objetos possuem então a característica de “bens”, sendo bens econômicos apenas os bens escassos, isto é, aqueles cuja quantidade é pequena relativamente às necessidades dos indivíduos [...] uma empresa atingirá a posição de equilíbrio, em relação à procura derivada de fatores de produção, quando os preços desses fatores forem exatamente iguais à receita marginal de seus produtos. Em relação à quantidade da produção, o equilíbrio está no ponto em que o custo marginal for igual à receita marginal. Neste ponto, se a produção for incrementada, baixará o preço do produto e diminuirá a sua receita marginal: essa condição é a melhor possível e a produção atinge sua quantidade máxima em relação à procura no mercado. (BARSA, p. 34, v. 9)

Daí originar, subentende-se, o pânico dos vendedores das barraquinhas da porta do cemitério, naquele dois de novembro, Dia de Finados. Foi com certeza, o mau planejamento, em que não se

observou a total utilidade do que se vendia, isto é, oferta grande, utilidade restrita. Pelo menos aqui se observa a possível veracidade e o valor da doutrina utilizada pela “Escola da Utilidade Marginal”.

Mas, deixemos isso para lá! Os economistas decerto vão mostrar as garras e, entendendo a superficialidade dessas demonstrações, perceberão logo e apenas tratar-se de conceitos vulgares para uma questão de suma importância na vida da sociedade como um todo. Seria matéria para vários compêndios e debates, não como simples silogismos.

Voltando à vaca fria, volvamos nossos olhares para o ambiente que fora deixado pela população naquela tarde crepuscular, onde morria cadenciado o Dia de Finados. O solo, o mais maltratado pelo pisoteio defronte o cemitério, apresentava-se de cor amarronzada, uma mistura de água das barracas de alimentos com restos de refrigerante da classe das “colas”. Já no lusco-fusco da tarde, antes de acenderem as lâmpadas elétricas oriundas de uma usina recentemente inaugurada, ninguém mais sabia onde pisar. Os garotos dos bairros limítrofes — pequenos, junto a alguns já beirando a juventude, pés descalços e sem nenhuma reverência — lambuzavam-se de restos de molho de cachorro-quente, que os proprietários de barracas lhes ofereciam gratuitamente, uma vez que não desejavam voltar com eles para casa, já que se tornariam contaminados sem refrigeração, imprestáveis para o consumo.

Os garis, representados aqui por mais pessoas do sexo feminino que masculino, já começavam o trabalho árduo de deixar a praça em condições de ser visitada no dia seguinte. Um trabalho difícil, que ia noite adentro. Muitos, ou todos, ali estavam empenhados em varrer, carregar, e muita vez até lavar, usando mangueiras, o chão pisoteado e sujo. Nessa labuta varavam a noite, alimentados apenas com um minguado naco de pão acompanhado de um gole de café que levava a tiracolo em um vidro vazio de magnésia fluida de Murray, comprada para acabar com a queimação da goela e do estômago, fruto talvez da alimentação pobre, em que farinha de mandioca era o alimento principal. Essa facção da sociedade, vivendo à sua margem, lutava para sobreviver com os parcos salários que recebia. O dia para eles não tinha sol, não tinha aquela vibração que faz mover a vida no sentido de crescer, de animar, seguindo a trajetória da sutileza de sentir-se parte dela. Transformaram seus sonhos em um eterno

sonambulismo. Nômades de espírito, vagavam sem rumo pelas cordilheiras da vida, sem esperança de poder alcançar seus cumes, tão longe e altos ficavam. Compondo esse lote, os negros, em sua parte a maioria daquela leva. Olhos voltados para “o longe”, mente presa a uma angustiada percepção de prisão dos seus sentimentos de liberdade, muito tempo arraigada no subconsciente de lembranças atávicas... Seus genes, em lócus presos às recordações do pelourinho e do tronco da senzala, numa complexa força hereditária, manchavam sua alma calcada de inferioridade pela vibração da tala do chicote do feitor, estalando costas nuas por milênios afora. Análogos à fabricação de tijolos para construção, são como formas repetidoras de um produto: no final se apresentam todos do mesmo tamanho e do mesmo peso. Em quaisquer lugares, as formas são as mesmas, só diferenciando a argamassa do barro ou da argila. Assim funciona a hereditariedade subjugada às leis mendelianas. Municidados assim, moviam-se como teclas de um piano, calcadas pela vontade de um músico que as acerta, mesmo no escuro. Acerta-as automaticamente, de tanto bater nelas instintivamente, num ritmo guiado pelos compassos e claves registrados na partitura. Uma nota sequer, batida fora das indicações, poderá transformar-se numa vaia estridente dos seus ouvintes, em vez dos gritos de “bravo! bravo! bravíssimo!”, cobertos por calorosos aplausos da plateia tomada por um singular e coletivo orgasmo sinérgico.

O negro no Brasil imaginou-se liberto pela Lei 3.353. Mas a Lei Áurea, assinada pela Princesa Regente, prendeu-o mais e mais às agruras da sociedade vigente, que não desejava absorvê-lo como cidadão da pátria que o abrigou um dia, em troca de seu sangue e suor, dar-lhe o que comer e beber, para depois matá-lo de tédio e horror nas senzalas imundas dos senhores donos dos latifúndios.

A raça abandonou, pode-se dizer, as poucas mesas de estudo que lhe haviam sido entregues, e saiu para a rua, vestida de “baiana”, ou levando à frente um estandarte de cetim azul bordado de lantejoulas, fazendo piruetas rítmicas ao rugido soturno e cavado do seu urucungo africano. [...] Isolados como vivem, os pretos votam nos homens de pele branca, mulata ou cabocla. E que conseguiram com isso? Absolutamente nada. Quando muito, a esperança de uma licença da prefeitura para, em fevereiro, passear o seu “rancho” pela cidade, e permissão para pular três dias e três noites, com

uma tanga de penas, e um cocar de espanador, no asfalto da Praça Onze. Sem coragem para ser branco, o preto carioca, envergonhado de ser preto, consola-se pelo Carnaval, com a ilusão de que é índio. [...] O negro brasileiro merece, entretanto, destino mais alto e mais nobre. Inteligente e sentimental, ele tem, no coração e no cérebro, os fatores que a civilização exige para integrar os povos no seu convívio. Pai João, que resmunga de cócoras, deve erguer-se e falar de pé. (Humberto Campos — Obra Póstuma)

* * *

Quando a alvorada desembucha nos céus, aos primeiros sinais dos raios solares, que tímidos ameaçam descortinar o horizonte, para cobri-lo de novo com um véu de vermelho intenso, franjado de fiapos de rosa claro, vão os garis — vassouras ao ombro, baldes e ancinhos pendurados aos carrinhos de lixo — a caminho da trilha que os leva aos seus barracos. Ali, uma enxerga os espera para nela jogar seus corpos cansados e sonolentos, a roncar seus sentimentos de mais um dia de luta brava, para no dia de amanhã, à noitinha, iniciarem novos trabalhos de limpeza das praças e avenidas da cidade, onde dizem morar.

* * *

Sô Manoel português, mostrando toda grandeza de seu espírito, julgou-se preparado para ser um orientador do “garoto do botão de rosas”. Não sabia bem por que estaria indo tão longe com esse interesse inusitado que o ameaçava. Não estaria ele, perguntava-se a todo momento, admitindo ser de uma responsabilidade muito grande assumir o papel de orientador de um garoto que pouco conhecia? E assim ia o pobre homem, perdendo noites de sono, preocupado com a vida do menino Sebastiãozinho, o Tião, pois, não era esse o seu apelido? Seus amigos assim o conheciam, quando, nas calçadas das ruas esburacadas de seu bairro, por vezes também nos lotes baldios, instalavam suas peladas de fins de tarde.

Era ele na verdade um garoto de sorte: não é que uma sua tia, irmã de sua mãe, o acolheu?! Era ela conhecida com o apelido de Tita. Seu nome verdadeiro, não sabia a maioria dos seus vizinhos de bairro. Era uma mulher baixinha, nem gorda, nem magra, cultivando

umas ancas bem contornadas e bem cheinhas. Em suas noites de solidão e insônia, costumava fumar seu cachimbo socado de fumo forte — um grande companheiro que a ajudava a vencer as horas nas quietas noites silenciosas do bairro onde tinha sua herdade... Se casou, ninguém comentava. Se era viúva, também ninguém até hoje quis saber. Como também se houve alguma íntima amizade colorida, não houve notícias sobre isso registradas. Não tinha filhos. Ao lado de sua casa, pelo lado esquerdo, havia um pequeno chalé onde residia um solteirão, amante da caça ao veado lá pelos lados da fazenda Guerra, uma senhora e bem administrada herdade. O proprietário era como se fosse inquilino de Tita, pois ela levava suas refeições e cuidava de sua roupa. Ela gostava imensamente de fazer isso. E ele a tratava com respeito e carinho. A cama que ele dormia dizia-se ter pertencido a Solano Lopes, o ditador paraguaio. Em sua cabeceira, logo abaixo de um pátio ricamente franjado, havia o brasão paraguaio, indicador de que na verdade tinha a cama sido apreendida em batalhas travadas na guerra que levou o nome de Guerra do Paraguai. Até dos famintos cachorros canadenses — sempre com as trelas que os mantinham juntos dois a dois — cuidava com carinho. Brigava com Tita, por estar tratando-os com muito alimento suculento. Queria-os magricelos e finos, aptos para correr melhor à toca do veado campeiro, um dos habitantes comuns mais velozes daquelas paragens. Tinha dele algum ciúme? Muitos achavam que sim, pois o solteirão gostava de brindar suas parentas — mulheres formosas — ora com couros de patos selvagens curtidos e coloridos por ele mesmo, produzindo belos arminhos, ora não consentindo que ninguém colhesse os limões-doces designados para suas visitas, frutos raros que cultivava com extraordinário zelo. Quando apareciam por lá, em seu chalé, barulhentas, seus sorrisos, suas gargalhadas, pareciam ferir Tita, como se punhaladas fossem, pois, acabava comentando, em suas conversas, sobre a exploração dessas mulheres ao seu “inquilino”. Morava, ela, na confluência do Largo do Santana, esquina com o Beco da Bitesga. O quintal da casa era imenso, beirava os barrancos de uma terra de pedregulhos e de um cascalho ralo, à margem do córrego ora designado de Córrego Pobre. Tinha esse nome por não ter o mesmo teor de ouro encontrado no leito do Córrego Rico, mais volumoso e que o recebia logo ali adiante como seu tributário. A casa era imensa, numa visão

para quem ainda infante a conhecera. Seu assoalho, constituído de tábuas largas, presas em barrotes grossos, retumbavam no porão embaixo, quando pisadas nas salas e varandas... Descendo a escada de madeira, no fundo, tinha-se acesso ao pomar de frutas raras e árvores frondosas. Foi ali, naquele paraíso de sossego, à sombra de uma castanheira, tomada como sua companheira, que Tião encontrou sua razão de estar vivo. Em todas as alvoradas, ao se levantar, beijava a mão de sua tia benfeitora, passando a tratá-la como uma encarnação de bondade e de ternura, como se fora sua mãe. Ela fazia tudo para contentá-lo. Em todas as manhãs costumava arrumar seu quarto. Gostava de escarafunchar seus livros colocados em um armário, feito de caixote vazio de vinho do Porto Adriano de Ramos Pinto, que o amigo português o havia presenteado. Chegando à adolescência, mais e mais o menino dedicava-se à leitura de tudo que encontrava pela frente — de revistas velhas a pedaços de jornais que vinham embrulhando os pães, pois não é que, naquele tempo não se fiscalizava a higiene nos açougues e padarias da cidade?!

Sô Manoel constantemente ia vê-lo, doando-lhe muitos fascículos que recebia da Europa e alguns livros que seus poucos recursos podiam adquirir. Sua vida era um oásis, onde brotava a criatividade a cada passo, borbulhando na areia de um deserto cheio de contradições sociais. Em seu torno, a adolescência germinando, via a maior parte de seus conhecidos da mesma idade morder as iscas colocadas pelos traficantes, no caminho dos vícios e das drogas, transformando-os em elementos corrompidos e nefastos à sociedade.

Os livros eram seus maiores companheiros. Cursado o primeiro grau, houve por bem desejar entrar para a Escola Normal, único educandário de maior porte que havia naquele raio de muitas léguas no noroeste mineiro, isolado física e socialmente do resto do país. Para isso acontecer havia duas condições: uma, a principal, era passar nos exames de admissão; a outra era sua manutenção com material escolar. A primeira fora uma sopa: destilava alegria por todos os cantos e desmilinguia-se todo, deixando-se levar pelo vento, com sua brisa suave cheia de enlevos bastante demonstrativos. Quem também não se sentiria dono do mundo ante uma conquista dessa, confrontando-se com outros concorrentes preparados em escolas particulares, onde havia professores do mais alto gabarito? Galgou, pois, à admissão com galhardia, soprando ufanias por todos

os lados. Tal era sua alegria que se assemelhava a um ubiquista, derramando-a em todos os cantos do universo. Tita, das poucas economias que mantinha com a venda de leite de vaca trazido da fazenda Guerra, adquiriu alguma coisa como cadernos, réguas, lápis, etc. Mandou confeccionar o uniforme para que Tião pudesse frequentar as aulas do curso de adaptação. E que uniforme! Era um legítimo dólmã com seus alamares, uma vestimenta semelhante à usada pelos hussardos. O rapaz ficou importante dentro daquela indumentária de brim caqui dos bons, marca Sargento, e que não desbotava com as lavagens ininterruptas. Ter uma só muda de uniforme escolar era um problema à época chuvosa. Muita vez era preciso lavá-la e enxugá-la a ferro de brasa de imediato, para que seu dono não perdesse aulas. Tião tornou-se um guapo rapaz, cheio de vida, bem cuidado, fiscalizado pelos argutos olhos de Tita, que não permitia o menor deslize em matéria de higiene pessoal. Até as unhas, aos sábados, eram olhadas pela tia. O seu quartinho, no fundo da casa, era — quando não estava à sombra de sua castanheira predileta lá pros lados do pomar — sua fortaleza inexpugnável. Colocou uma tabuleta na porta com os dizeres: “Quem não for geômetra não entre aqui”, parodiando, não se sabe quem, se Platão ou Pitágoras. O primeiro a usar essa expressão chegada até nós, observada uma mínima diferença de conteúdo, foi Platão, colocando-a no frontal de sua academia, fundada na cidade de Atenas, que continha o seguinte dístico: “Que ninguém entre aqui se não é geômetra”. Isso foi pelos anos 386 a.C., quando fora fundada a Academia de Atenas. A razão disso não era bem aludida às ciências exatas, mas, sim, pela convicção filosófica, oriunda da reflexão contemplativa “Deus geometriza sempre”.

Estaria Pitágoras de Samos por detrás disso? Nas lucubrações de alto significado, é bastante tolerável que se diga ser a história um conjunto de lendas sedimentadas ao sabor das lideranças de comunicação intensa, aglomeradas às conjunções esotéricas dos componentes das sociedades, ao tempo de vivências contemplativas. Muitas existem e preexistem — saborosas elucidações como nunca vistas — quando soltas ao vento pelos inefáveis e grandes lábios de exegetas ilustres da época, já que a palavra escrita engatinhava nas dobras grotescas dos rolos papiriformes *per saecula saeculorum*. Em alguns umbrais de templos de seitas secretas, derivadas de

ritos dionísíacos, e posteriormente órficos, que se expandiram por todo o mundo grego e a Itália meridional, usava-se também esse dístico, numa alegoria ao Mestre dos Mestres, como um tributo às ligas crotoniatas, criadas pelo gênio indubitável de Pitágoras. Tais ligas preparavam o homem para obter, pelo conhecimento, segundo os caminhos humanos, a via que o levaria à Mathesis Suprema, a suprema instrução.

Sô Manoel é que gostou. Diante da inscrição quase se ajoelha, em êxtase. Naquele grotesco pedaço de tábua aparelhado à faca, garatujado à mão levantada, à nanquim, estava inserida toda uma filosofia, condensada em uma só linha diametral. Codificava um corpo filosófico concentrado em um minúsculo espaço, ocupado como se ali estivessem destiladas todas as teorias em todos os compêndios de um perfeito doxógrafo, a oferecer uma portentosa obra de exegese pertinente. Emotivo, numa prece muda, já que apenas silenciosamente mexia com os lábios em sereno balbucio, levanta-se, em complemento, para um inefável agradecimento, olhos marejados por lágrimas, ao Deus Criador do Universo — um Geômetra que, na acepção newtoniana, traça forte o destino das partículas energéticas formadoras de tudo que é, de tudo que existe e de tudo que se transforma. Nessa hora, quem estava ali, ajoelhado em espírito, era o desbastador da rocha bruta, que de maço e cinzel em punho, desarestava-a, tentando compreender a marcha do homem no sentido de alcançar a proficiência da alma. Em complemento, lembrava-se, dentro desse ritmo um tanto metafísico e ao mesmo tempo histórico-contemplativo, uma citação do atrevido sonhador, que foi Plantagenet, sobre a lenda da Atlântida, onde se concebia ser “a pedra bruta o símbolo da liberdade”. Uma frase especulativa que proporciona um estado de profunda meditação. E, mais à frente, numa tentativa de atualizá-la, comenta esse desempenho, citando:

Entretanto, hoje, não é curvado sob o peso da pedra cortada, acabada, feita de todos os preconceitos, de todas as paixões, de toda intransigência das fórmulas absolutas, aceitas sem controle com a expressão formal e inexpugnável, as únicas verdades que fazem do homem o escravo de seu meio. (citações de Augusto Franklin R. de Magalhães)

Só uma aprendizagem ininterrupta por todo o existir poderá reverter os quadros que se formarem, aplicando uma percepção analítica constante e precisa.

Sô Manoel estava como um melete, a saborear a essência de uma colmeia, onde se lambuza todo em seu doce produto, cheiroso e gostoso de doer! Estava vendendo felicidade por todos os poros. Seu menino estava amadurecendo para a vida em ritmo coordenado por forças equiláteras. Os enigmas da puberdade, já quase todos decifrados, davam-lhe uma estrutura cômoda para entender a vida. Já não era mais o garoto tímido — do “botão de rosas” — que conhecera, medroso, incapaz de levantar a voz para qualquer adulto que o interrogasse. O devir era fantástico. Sô Manoel conseguia com sua patroa, D. Alzira, muitos livros, a maioria, para sua alegria, editados em Portugal. E os emprestava ao seu menino, como se expressava sempre que falava do Tião. D. Alzira, sempre que podia, visitava-o, mandando parar seu carro à porta da casa de Tita. A meninada do bairro acorria para admirar, com ares desconfiados, mas com respeito àquela máquina cheia de brilho, denominada pelos aficionados de “ramona”, mais parecendo uma lancha de rodas que mesmo um automóvel. Para eles, tratava-se de um bicho extremamente diferente do que conheciam, pois emitia até uma sonora buzina mui semelhante ao berro de boi. De buzina, só guardavam sensorialmente nos ouvidos a perereca do fordeco de colher do professor Graciano Calcado, que vivia parado no Quintal Rasgado, trecho de um largo beco de comunicação da Rua do Sacramento com a Direita. O Emanuel Laboissière, vulgo Mané Sossego, era o motorista a que o professor tinha confiança de entregar seu carro. Vez por outra, mandava-o retirá-lo da garagem — uma coberta de telhas sem paredes, encostada à casa de sua residência. Era para fazer uma geral limpeza naquilo que, tempos atrás, era um modelo luxuoso, admirado e desejado, fazendo as moçoilas se derreterem, mostrando por ele exagerado entusiasmo... Tinha receio que alguém não qualificado e sem responsabilidade pudesse danificá-lo. Dizia ser necessária essa providência para que o motor não estragasse, emperrado. Era tamanho o seu orgulho de possuí-lo, que dizia para quem quisesse ouvi-lo falar, alto e bom som, que só o Mané Sossego tinha competência para colocar o distribuidor do motor no ponto. Nesses carros antigos esse momento

era crucial e estafante, envolvendo caprichosamente a presença de duas pessoas: uma na chave de ligar e a outra olhando como ficava o platinado do distribuidor. Esse modelo de carro que está sendo descrito aqui não possuía chave de ligar: era posto em funcionamento à manivela. Esta costumava, para quem não soubesse manejá-la, dar um tranco, retornando pra trás violentamente, muita vez de maneira mui forte, capaz de até quebrar o antebraço do manobrista. Além dessas providências, era sumamente importante passar uma vela de espermacete nas correias que acionavam o ventilador, enxugando com capricho o carburador. Pois, não é que, em certa ocasião, haviam ligado a chave do motor com o carburador molhado, rachando, com isso, sua tampa? Por causa desse despropósito, que poderia até ser chamado de inqualificável destampatório, ficou o fordeco muito tempo parado, sem sair da garagem, uma vez que a peça danificada só chegou à cidade após um mês e meio, vinda da capital do estado. Dizia-se, à boca pequena, que o bicho não iria mais funcionar, não encontrando a peça desejada, uma vez ter saído seu modelo de linha há muito tempo.

A manhã que Sossego tirava o carro da garagem, obedecendo às ordens emanadas do professor Graciano, virava festa para os moradores vizinhos. Nesse dia, não havia pé de moleque que segurasse filho em casa. A meninada se assanhava, correndo impávida para ver o bicho roncar. Em muita vez, seu sonsonete era diferente, esquisito, e cheio de microinterrupções não muito sonoras. Há tempo não recebendo nenhum complemento de óleo lubrificante, por ter um vazamento crônico nas juntas, os pistões e peças importantes trabalhavam quase secos, atritando ferro com ferro. Daí serem ouvidos, vez por outra, estouros, parecendo milho de pipoca rebentando na panela, movido pelas palavras do pipoqueiro, declamando o nome lembrado de alguma mulher faladeira. As ratazanas, coitadas, que ali se refestelavam por tempos incontidos, em ninhos tão nobres, como palacetes dignos do pincel de um Walt Disney, deles saíam rasgando tudo no peito, desesperadas, a correr rua abaixo, seguidas da gurizada de pedras e paus a persegui-las em algazaras estridentes. Daí é que, Georgeta, uma viúva quarentona, lídima representante da linhagem francesa — os Laboissière, que desde o século passado fincaram residência na cidade —, mãe do motorista de que se fala aqui, residente defronte a garagem, pôde

deduzir por que seu angorá estava rejeitando a comida que se lhe era oferecida e continuava bastante rechonchudo e gordinho pra valer. O bichano saía todas as noites, causando-lhe preocupações.

Como a maioria dos franceses, era inveterada amante de gatos. Ela não deixava por menos, sabia tudo deles. Não aceitava que o bichano não participasse também, à mesa, nas horas das principais refeições. Daí suas dúvidas:

— Namorar? — pensava Georgeta, assim chamada na intimidade — num namorava. Isso, de escapular às noites, era por demais duvidoso, pois num é? Num credito! Num podia ser, pois, jamais ouvira das estridências do amor os miados bem conhecidos, vindos do telhado da casa...

Assim pensativa, às devidas horas da noite, na solidão de uma viuvez um tanto precoce, onde ainda coisas de amor eram soletradas nas páginas passadas de um livro que ainda se conservava aberto, a solução era contar, de barriga pra cima, deitada no leito, as ripas do telhado. E embalava uma insônia desesperada, na ânsia de ouvir um miado, pequeno que fosse, do seu bichano de estimação. O muito que se podia ouvir era o grito estridente do casal de corujas, morador no pico do telhado do abandonado sobrado dos belos tempos. Bem ali no Largo do Santana da Vila do Paracatu do Príncipe, um quarteirão abaixo, era um opulento exemplar dos edifícios coloniais. Foi construído pela força das pepitas de ouro que flutuavam nas corredeiras dos córregos, descendo das serranias que circundavam, intactas, a maioria dos povoados mineiros daqueles coevos tempos. Sua majestosa figura, onde havia até um arremedo de pequena sacada, abrigava solenemente a família do ouvidor — governador da comuna...

Fora disso, a noite permanecia tranquila, sem nenhum outro ruído externo, a não ser o estrépito do vento que, em junho, carregando nas costas aquele friozinho de doer os ossos, tentava entrar, assobiando, pelas frestas das janelas e portas trincadas pelo mau trato permanente. Miríades de térmites, convencidas de que eram na verdade as únicas proprietárias daquela vastidão de casa, tomando por si, construíram, por entre as telhas enferrujadas pela oxidação de séculos, túneis que iam ao melhor lugar, como colmeia de engenheiros. Como se vê, todo esse conjunto era um magnífico laboratório demonstrativo vivo da paciência do filho Mané, que

gostava mesmo era de cochilar por detrás do balcão de sua vendinha, em um pequeno cômodo ao lado, à lateral direita de quem sobe a Rua Direita. Motorista, mesmo, era por ter tido algumas explicações, quando na juventude, pelo costume de acompanhar como ajudante o Luiz Marimbondo. Eram viagens com o caminhão misto de Zé Rita, trafegando de Patos a Paracatu e vice-versa, conduzindo as malas do correio. Agora na cidade, após ter adquirido um chevrolet meio-uso, só nas horas vagas atendia aos fregueses. E assim mesmo tinha que ser em casa, chamado para fazer uma corrida. Esta, só depois de feitas as avaliações pecuniárias, era aceita ou não. Com ele era tudo combinado com antecedência. Seu chevrolet ali ficava, à porta da rua, cochilando também. Colocava-o ali pela manhã e o guardava à noitinha na sala ao lado de sua venda, como se fora garagem. Saía mês e entrava mês, esse era o trabalho do carro e do Mané, por tabela... Diziam que esse fenômeno se realizaria, por meio quimiopsicológico, isto é, por uma operação indutiva do sono de seu dono — é o que diziam as más línguas de quem nada tinha por fazer, a não ser gozar das almas quietas, na opinião dele —, o taxista calmo, como eram calmas suas viagens. Amava mesmo as tiradas longas, onde, pela janela do carro, respirava o ar puro das chapadas e dos vales. Era o momento de fotografar com olhos de lince as paisagens grotescas dos cerrados, com seus paus-terra tortos, seus pequizeiros em flor, suas caraíbas, cujas copas formavam esplendorosas barracas cobertas de luz. Era um florido amarelo intenso, que se destacava do verde do chão e do azul dos céus, como se, no seu conjunto, fossem naturais bandeiras do país, ali representadas no sertão. Ao parar nas cacimbas derivadas de fluidos e opulentos olhos-d'água, a fim de completar o nível do volume do radiador do carro, perdia minutos a contemplar as piabas saltitantes. Elas brincavam de esconde-esconde, no torvelinho dos aguapés, enfrentando as pequenas corredeiras que tentavam abrir espaço na fina relva adjacente. Se estivesse, ele e seu carro, sozinho — não sozinho de todo, pois sempre o acompanhava a vira-lata Princesinha, dorminhoca cadelinha de estimação —, era capaz de por ali se entregar aos braços de Morfeu, adormecendo ao som do gargarejo da água que tentava sair do fundo do poço, a formar a nascente de pequeno riacho. Muita vez, embalado pela brisa refrescante que, nas tardes dolentes de mormaço forte, soprava devagarzinho, bulindo sutilmente com as folhas das juremas,

arbustos resistentes que conseguiam sobreviver às queimadas de agosto, esticava o corpo sobre a relva baixa do descampado. Ficava assim, numa posição excelentemente convidativa de abrir a alma em sonhos maravilhosos, onde podiam imaginários querubins, em virtual ribalta, dançar em homenagem ao senhor da “bela vida”, que nada mais é que o Deus Tempo, regulador inveterado da tramitação dos ponteiros de um possível relógio cósmico. Abrigado assim por tênue cortina tecida de fina malha de uma espécie de bambuzinho rasteiro, cujos pedúnculos formavam várias ipueiras junto ao capinzal que tentava arremeter-se, galopando atrevidamente para a várzea, emoldurando as margens da nascente, servindo de permanentemente abrigo às perdizes que por ali ciscam, Mané ali se aquietava. Os pios dessas aves, mui semelhantes ao arrulhar das rolinhas-caldo-de-feijão, constituem os únicos sons ouvidos em todo o cerrado, gostoso de se pintar com o pincel imaginário dos sonhos. Caso a gente pudesse abreviar a vida para entrar nesse paraíso, quem não gostaria de perpetuar-se nesse enlevado panorama, cheio da música de uma ínfima ave, por vezes a salvar o nascer do princípio e fim das coisas, para marcar sua presença no mavioso e celestial brilho das estrelas que formam a galáxia de nossas aspirações? Quem não desejaria, tecendo loas àquele mavioso pedaço do planeta Terra, descrito aqui aleatoriamente por circunstâncias imprevistas, compor um poema que relampeasse por toda a galáxia? repleto de maviosas rimas poéticas transformadas em sons musicais, dignos de sair da imensa flauta ereta do deus Pan, reverberados por todo canto?! Quem?

Em sã proposição, quem não desejaria voar em céu de briga-deiro? poder soletrar a felicidade devagarinho, engolindo as sílabas e lambendo os beijos de ampla alegria espiritual? É confessável não ser fácil sentir-se esse porvir na alma e lançá-la no furacão das incertezas que caminham agarradinhas à vida. É confessável ainda que, necessitando urgentemente transpor o Himalaia de muitas dúvidas, com o solene propósito de seguir incólume com a narração proposta neste trabalho, ser impossível não continuar esbilhotando as travessuras do amigo felino de Georgeta. Infelizmente não há como dissociá-las, uma vez que fazem parte deste intrincado baralho, cujas cartas mudam de valor conforme a necessidade de seus integrantes.

Em vista desse constitutivo e justo apelo, fica resolvido voltar-se ao caso do angorá malandro, sem nenhuma pretensão de perturbar

o desenlace do projeto narrativo proposto nesta garatujice. Com isso, poder-se-á seguir o imaginário conjunto de não comprometidas arengas, sem deslustrar o seu pleno seguimento.

O que é certo é que estaria explicado o comportamento do estimado bichano da dita cuja, D. Georgeta. O que acontecia mesmo é que seu estimado miador, saía, sim, mas era para caçar, encontrando ali mesmo na sua cara uma ceva, um criatório de ratazanas, em formato de um automóvel. Só vendo para acreditar! Pra que comer todos os dias um interminável feijão roxinho com arroz de pilão? Isso valeria, com certeza, se estivesse participando do Sítio do Pica-pau Amarelo, com o supremo veredito do senhor Monteiro Lobato, o homem que gostava mesmo era de dar fala aos bichos e às bonecas, incluindo até sabugos de milho...

Cheio de mistérios, é isso mesmo! Só mesmo vendo para acreditar. Para Georgeta, os gatos sabem das coisas...

* * *

Retornando à vaca fria, tomando de novo pé da velha estória, sigamos de forma a que não fique semelhante a sonetos de versos que mancam, com pés quebrados. Vejamos, então, o que se deva trazer a lume, esclarecendo pontos nebulosos de uma estória que já anda meio longa e fatigante ao leitor. Será necessária uma concentração maior por parte de quem a lê, senão é possível que se entenda que as ratazanas do fordeco de Graciano acabaram de caçar e comer o pobre do gato, deixando Georgeta alegre com esse desfecho. Que coisa! Pois num é?

Nessa manhã, dia deste relato, quando Mané lascou a manivelar o motor, detectou de imediato que a máquina ainda aguentava a pressão do acelerador. Dada a partida, meio manhoso, tremendo que nem um maleitoso batendo queixo de frio, em estado febril, saiu que foi uma beleza, uma vez que estava em declive com a rua. E aí despencou sacolejante. Catingava de tão sujo que estava, a ponto de os velhos urubus-malandros, que habitam a barra escondida pelo mangue nas margens dos córregos Pobre e Rico, saírem crocitando com os bicos virados pra cima, à procura de ar puro. Até o velho gambá, habitante sorrateiro de riba do sótão do sobradinho, onde, dizia-se, morou o ouvidor pelos tempos coloniais, andou tapando o

focinho com ambas as mãos, com receio de pegar uma febre maligna ante o miasma criado pelo sacolejamento da carcaça do fordeco. Este, não se importando com a chusma de desaforos colhidos pela inépcia de alguns e maldade de outros, devagar e sempre, como diz o velho ditado, começava seu percurso pela Rua Direita até a praia do Santana. Ali na certa passaria, sofrendo os passes de solene ritual, sendo peremptoriamente rebatizado com água pura e refrescante. Parecia, ao chegar ali, como se infante fosse, alegre por receber as cuias de água viva, límpida e revitalizante, coisa há muito não sentida. Já havia até esquecido desses saborosos adjetivos.

Dentre muitos cavaleiros que por ali se transitavam, parando no topo da correnteza para mitigar a sede de suas animálias, sempre havia algum gaiato — como sói acontecer aos moradores sertanejos dessa vasta região longínqua, onde mesmo no campo se cultivava certa intelectualidade — que, em tom de blague, gritava:

— Ô! Sossego! Num faça isso que o bicho constipa! Já tá inté tussino quiném vaca engasgada cum fruto de lobo... Home!... Deixe ele sossegado, senão morre qui mermo, dando pasto aos urubus! Os bichos, com essa catinga, já tão fazeno roda! Levanta a cabeça prôcêvê, home! O céu tá cheio dessas ave agourenta.

Cá embaixo, nas águas revoltas do córrego, entretanto, ele, o viajante gaiato, não viu as microvidas que nelas residem, senão a conversa demoraria minutos mais de gozação enchendo a cabeça de nosso pobre Sossego. Se se tivesse prestado mais atenção, por certo constatar-se-ia um volume bem concentrado de uma colônia de girinos. Estes bamboleavam suas caudas como remos, descambando correnteza abaixo, procurando ancoradouro entre as raízes de arbustos aquáticos. Agiam assim, desesperados com medo daquele fedorento bicho que nunca haviam visto nem sentido naquele tranquilo “seio de Abrão”, que é a praia desse maravilhoso córrego, apelidado de Rico por guardar em seu gomoso cascalho as pepitas de ouro que foram responsáveis pela fundação da Vila do Paracatu do Príncipe.

Resposta mesmo, da boca do Mané, não vinha. O transeunte, escanchado sobre a sela, rédea solta na crina da animália, descansando uma das pernas em um estribo, com a outra dobrada na cabeça do arreio, ficava ali, espiando. Cua vai, cua vem, num monótono troar de água despencando, como minúsculas cachoeiras

por sobre o carro, provocando sono. Esperava um gesto qualquer de Mané, respondendo a ele. Tudo, entretanto, era em vão. Assim sendo, somente permanecia mais um tanto de tempo que seria necessário para sua montaria terminar de beber a água que refresca e dá condições de tocar a viagem. Diante desse entrevero, só lhe restava recolher o guampo que girava na correnteza, preso a uma cordoalha à cabeça da sela, e, esporeando levemente a montaria, vadear o córrego e galgar o falso aclive que dá acesso à estrada. Partia assim, dobrada a barriga na cabeça do arreio, curvado sobre a crina da animália, desatando em gargalhadas despregadas, morrendo de tanto rir.

Emanuel, no seu jeito sossegado, embora não apreciando muito ser chamado pelo apelido, indiferente, ficava “na sua” (locução temerariamente referida aqui, na confiança de que se é permitido o uso da gíria malandra que pululava nas ruas da cidade). Já acostumado às brincadeiras, só as retrucava com o tirar o boné de pano encarnado, agitando-o como sinal de que estava tudo de acordo. Ficava simplesmente bravo, entretanto, era com ele próprio, de não ter coragem de responder a eles também com sua filosofia e paciência, donde derivava o apelido de Sossego, que por sinal lhe assentava bem. Achava que não valeria a pena polemizar com ninguém. Assim mesmo, morto de raiva, quase sem mexer com os lábios, bem baixinho, para que não se escutasse, murmurava:

— Passe ao largo, bicho tihoso...

Sacudia o boné nas pernas para redar um pouco de umidade, e, cuia vinha, cuia ia... A água vinha límpida e saía barrenta, levando a poeira de mês entranhada na capota de lona do veículo. E assim, meio murcho com as gozações dos transeuntes, continuava com seu cansativo trabalho, que não era fácil como se pensava. Mais parecia estar sofrendo um verdadeiro pesadelo, que era dar uma geral naquele trambolho. Realizava isso, observando consigo mesmo: era pelo professor, a quem dedicava muita amizade.

Fora ele na juventude amigo de seu octogenário avô, o francês Léon Laboissière. Em momentos de lazer, gostava de ouvi-los, embora sem muito entendê-los, conversar a respeito da Europa em geral, tendo como prioridade a França. Por sinal, sendo o professor Graciano Calcado titular da cadeira de francês da Escola Normal, com isso atualizava sua pronúncia, educando seu ouvido, tornando-o sensível às particularidades daquela língua regida por

uma gramática cheia de regras e uma infinidade de exceções. Por várias vezes, ajudou-o a levar os números do Petit Journal que vô Léon encadernava com capricho até a casa do professor, pedindo a ele que contasse as estórias que relatavam guerras enfrentadas pelos franceses no Marrocos, na Argélia, na Síria e países adjacentes. Arrepiava-se todo ao ouvir o vô Léon solfejar baixinho, por vezes lacrimejando, versos da Marselhesa. Quando chegava à estrofe que dizia “liberté, liberté chérie”, pegava do bolso traseiro da calça o lenço para enxugar os olhos lacrimejados. E devagarinho balbuciava: “Le jour de gloire est arrivé”.

* * *

Após, lavado e engraxado, exalando aquele cheiro característico de sabão preto de decoada, o carro estava pronto para voltar a sua morada... mas, aí é que morava a Inês! O motor, afogado de tanta água, não tinha forças para subir a Ladeira do Gorgulho de volta a casa. E aí também é que a festa começava, pois já havia dezenas de meninos, brotados não se sabe de onde, a ajudar empurrar a geringonça que, quanto mais gemia, mais enterrava as rodas, cujos raios eram de madeira cozida na graxa até o eixo, no cascalho frouxo do aclave. Quando conseguia alcançar terreno firme, a gurizada se encarrapitava em todos os lugares disponíveis, fazendo uma algazarra daquelas de entortar aleijado de muletas. O motor gaguejava, ronronando como gato dormindo nos sacos de mantimento nas vendas. Conseguindo vencer o pobre calçamento das ruas, chacoalhando que nem guizo em peitoral de égua, madrinha de tropa, chega por fim o carro à porta do professor, seu proprietário. Este já havia vestido sua casaca sobre uma camisa caprichosamente branca, de colarinho alto, engomado, duro feito bolso de uniforme de marinheiro malandro. Gravata borboleta, cartola preta e bengala de cabo encastado de prata. Assim paramentado, se acastelava entre as almofadas de couro amarelado do banco dianteiro, pronto para solenemente dar uma volta pela cidade. Ainda bem que as rodas eram altas e, no calçamento disforme das ruas, não sentia muito o ramerrão do carro “balançano quiném cabrocha” em rancho descido dos morros cariocas, a saudarem o Deus Momo, senhor absoluto das gaiatices de um carnaval de entrudo.

Mané Sossego respirava fundo! Seus lábios entreabertos mostravam um sorriso de orelha a orelha. O combate fora árduo, mas a vitória fora compensadora: o automóvel “tava qui tava” brilhante e valentão. Sentia-se fidalgo impoluto, vassalo do Rei! Era o próprio “coco da cocada do rei”.

* * *

D. Alzira, nesse dia de visita ao Tião, queria, como se diz na gíria, matar dois coelhos com uma só cajadada. Assim é que, por bocas de amigas, tornou-se sabedora da tecelagem artesanal de Tita. Aí, aproveitava o ensejo para escolher entre os tecidos por ela confeccionados, os mais belos, para mandar fazer bombachas para seu marido Zino. O uso das bombachas era costume bizarro, por ser totalmente desconhecido no sertão mineiro — trouxera-o do sul do país, por ocasião de sua permanente pesquisa sobre gado leiteiro. Usava-as aqui, no trabalho, quando visitava suas herdades rurais, provocando espanto nos peões, que as olhavam como incômodas para a lida no cerrado, um pedaço de chão semiárido, herdado da cultura extrativa portuguesa que assim o deixou, fenômeno esse passado ao homem ruralista de hoje. Este, seguindo tal cultura, continuou empobrecendo-a, dela tirando tudo sem lhe dar nada em troca. Esse um fator preponderante de transformação em possíveis caatingas semelhantes às do nordeste brasileiro, onde impera a jurema como rainha entre as figueiras-do-inferno, raros mandacarus, e moitas de xiquexique, expulsando os assa-peixes brancos para as taperas nascentes. O restolho de capim meloso, com o atrevimento peculiar às gramíneas, lançava suas garras por entre o pedregulho, conseguindo enganchar-se nas bordas das erodidas grotas, exalando odores como lufas de um perfume característico, grotesco, gostoso e contagiante. Isso tudo, diziam os vaqueiros, prova serem, as ditas cujas bombachas, esdrúxulas vestimentas capazes de retardar o trabalho no custeio das rezes. Por sua vez, no sul do país, lá nas plagas fronteiriças com os países platinos, não há nenhum maragato que não as use, como representativas não só de poder e luxo, mas, sobretudo, como símbolo de liberdade, pois foram eles, os federalistas de Gaspar da Silveira Martins, que as popularizaram.

Nas entre coisas, faladas e pensadas, D. Alzira aproveitava seu tempo para, sutilmente, como se nada quisesse, querendo tudo, sabatar o Tião, a fim de aquilatar seu preparo. Um modo simples de justificar ou não os elogios que Sô Manoel, continuamente, andava fazendo com extremo entusiasmo. Eram tantas as notícias dos progressos de seu menino, como costumava dizer, que, por esse motivo, gostava Alzira de checar sempre ao vivo, visitando-o. À prosa, sempre interrompia suas falas corriqueiras para divagar em assuntos filosóficos, a fim de testar a profundidade do estado intelectual do Tião. Às escondidas ofertava algum dinheiro à Tita, dizendo que seria para comprar livros que estariam pela hora da morte. Vez por outra estava Sô Manoel enchendo a despensa de Tita de queijos, melado de cana, rapadura e até beijos de goma, que serviam para os desjejuns.

D. Alzira vivia na simplicidade de quem, sendo muito rica, era na verdade uma pessoa que levava uma vida íntima voltada para o próximo. Abastada, praticava uma avareza diferente — a moeda preferencial que guardava, guardava-a no cofre da sabedoria de vida dirigida para o social. Praticava com eficácia e altivez, dando conforto ao seu coração, atos de filantropia mui significativos. Não era só ao Tião que ela prestava atenção, ajudando-o e incentivando-o a estudar, num preparo metódico e proveitoso, para mais tarde poder enfrentar uma vida competitiva. Quando de visita às suas fazendas era sempre recebida, não como a dona de tudo, mas como uma fada que chegava para, com sua varinha de condão, dignificar a vida de tantos quantos nelas mourejavam.

Nessa época a fração humana maior se detinha no campo, desde séculos sobrepondo-se à urbana. Muitos antropólogos consideravam isso um fenômeno a envolver todo o planeta. Com o passar dos anos, entretanto, um fator considerado incontrolável devido ao desejo do homem-global de obter melhores condições de vida, o problema inverteu-se. Esse incoercível espírito de aventura passou a aguçá-lo no sentido e no desejo de matar a fome e alfabetizar a prole, na esperança de que ela, no futuro, pudesse levar uma vida melhor que a dele. O camponês, contudo, membro dessa parte fracionária, ao chegar à cidade, via toda essa aspiração, e toda a imagem que construía esmaecer-se, causando-lhe uma decepção imensa. Considerando-se envolvido pela propaganda escrita, falada e televisionada, muitos enveredavam para a vadiagem, consequência

do desemprego causticante e corrompido. Era pego com isso como se fosse uma argila maleável, cujo espírito não se encontrava preparado para enfrentar as vicissitudes que lhe chegam por encomenda, sem pagar selo postal.

O homem do campo passou a ser visto, como ainda hoje, sem que haja nisso qualquer força de expressão, de cima para baixo, ou seja, na condição de sub-homem, simples remanescente da escravatura. Daí porque o próprio homem do campo passou a denominar o seu trabalho de “derradeiro meio de vida”. Se, é o “derradeiro”, tem de haver outros melhores, que merecem ser tentados. Tanto mais quando o rádio transistor, a maior presença válida da tecnologia no mundo rural, se encarrega de proclamar a existência de regiões mais sedutoras. E mais que isso, nessas regiões, comenta-se de forma desalentadora a má condição de vida de quem vive no campo. Além da consciência pessoal há uma consciência geral de que de fato o trabalho rural é o “derradeiro meio de vida” do homem. Oprimido material e espiritualmente, o que lhe sobra senão a estrada? Eis a razão de ser do emigrante consciente.

Os falsos atrativos são criados pelas lendas propositadamente espalhadas no interesse de atrair o incauto, que, no fundo, são todos os camponeses. E como o homem ainda tem o direito de sonhar e de acreditar, torna-se fácil aliar o sonho de melhores dias às fantasias que os sedutores proclamam. Seria menor a imigração, se menores fossem as mentiras. —Teotônio Vilela, senador, na obra “O Homem e a Cidade”

D. Alzira, intuitivamente, agia como se na verdade fosse uma socióloga. Poder-se-ia dizer, nesse caso, que era, sim — nascera com esse dom. Com sua aguçada capacidade de assimilar os movimentos do homem em sua trajetória pelo planeta, descrita pela história, achava ser de suma importância fixar o homem ao campo, dando-lhe para isso condições de viver com segurança, tornando-o satisfeito e feliz. Seu marido gostava. Sorria a todo momento em que a espreitava a fazer atos de solidariedade sustentável. E admirava-a quando em uso desses métodos. Raciocinava como bom homem de negócios. Isso lhe dava segurança na lida das fazendas, já que seus auxiliares, peões, vaqueiros e agregados, em sua maioria trabalhavam gostando do que faziam. Vez por outra, vislumbrava-se nele uma pontinha de ciúmes, pela maneira como ela tratava a todos, envolvendo-se de

corpo e alma em tudo que fazia em benefício da comunidade rural que ali existia. No entanto, achava que, na exorbitância, aprofundamento e dedicação extremos às famílias de seus empregados, estava sobrando pouco tempo para si própria e para ele. Ela tratava aquela gente como se filhos dela fossem, já que não os tinha, biologicamente falando. Dava-lhe, a ele, Zino, um pontinho de remorso, na ausência de não saber se dele partia essa anomalia. Daí seus ciúmes, jamais revelados, entretanto.

Sob a batuta dela, a fazenda-sede andava como uma orquestra bem afinada. Num corolário de ideias bem definido, não se esquecia de nenhum fator que pudesse destrambelhar a unidade que ali existia. A saúde de todos era clave importante nessa partitura. Cuidava nos mínimos detalhes de cada membro das famílias que ali mourejavam, sobrando ainda tempo para ouvir muitos outros moradores de terras adjacentes. Para isso tinha um companheiro valoroso no seu velho Chernoviz, herdado do avô, que o trouxe da França quando por lá andava em sua mocidade. Em certa ocasião, houve por aquelas bandas um surto de colerina na criançada. Não havia medicamento que chegasse para acudir a todos os pequenos enfermos. D. Alzira, por coincidência, encontrava-se na fazenda, acompanhada de seu marido que estava ali, naquela oportunidade, para acertar a “sorte” com o vaqueiro — uma espécie de sorteio das novilhas desmamadas, ficando o vaqueiro com uma em cada quatro sorteadas.

Por intuição, diante daquele quadro de desidratação pertinente, ela ministrava a todos os pequenos uma decocção de entrecasco de goiabeira, com a dieta de tomar Água de Vichy de duas em duas horas para suavizar as náuseas. Alimentava-os apenas com um es-caldado de ovo, intercalado com colheres de uma solução de goma (póvilho) com caldo de limão-china, nativo por aquelas várzeas de rio. Felizmente, Zino usava essa água mineral importada da França, comprando as garrafas em caixas fechadas. Em casos de vômitos incoercíveis, fazia uma simples Poção de Revière, manipulando uma solução de caldo de limão em uma vasilha esmaltada e, em outra, uma de solução de bicarbonato de sódio, dando uma colher de uma, e em seguida da outra, de hora em hora, até parar o regurgitamento. Às noites, quando iam se recolher, os dois cansados da lida de sempre, ainda achavam tempo de procurar averiguar o que podia ter concorrido para aquele surto. Após muitos prós e contras,

chegaram à conclusão de que poderia ter sido a água de uso das cacimbas, que a maioria dos agregados usava no custeio da casa, por ficarem elas mais perto... Nem todos usavam filtrar a água, por mais que se insistisse para que assim o fizessem. Firmado nisso, Zino tinha duas soluções: a seu ver, poderia comprar na cidade os filtros, distribuindo-os às famílias agregadas, ou construir um açude no ribeirão próximo. Assim, por gravidade, encanar a água para a sede da fazenda e para as residências mais por perto. Alzira, para não errar no resultado do binômio, fê-lo adotar urgentemente as duas coisas, isto é, construir a barragem e comprar os filtros para todos os seus funcionários que tinham família. Zino, apaixonado por tudo que ela pensava em fazer, tendo como princípio não lhe negar nada, concordou plenamente. Para aproveitar o embalo, ela mandou Sô Manoel — o motorista que estava sempre a sua disposição — ir à cidade e de lá trazer tantos filtros em talhas de barro quantos necessários às casas dos agregados e retireiros mais longínquos.

— E, ó... — ordenava —, aproveite a estadia lá e passe na casa de Sá Tita. E veja se o Tião está disponível, com suas aulas. Em caso positivo, se ele quiser e puder, traga-o para ajudar-me nesse combate à endemia que avassala toda a fazenda. Como eu já soube, suas notas são as melhores em todas as matérias. E como as férias estão a beijo, não vejo como imprudência minha solicitar sua vinda.

Sô Manoel, contente com a observação, pediu-lhe permissão para dizer:

— Ééé!... A saudade anda batendo, né? É bom que se fale, que eu também estou engasgado de vontade de ver meu moleque. Xácomigo, madame! Vou fazer esforço para trazer nosso rapazinho. Como é? A senhora num precisa de mais da Água de Vichy ou qualquer outro medicamento? Vou passar logo na farmácia e num instante estarei aqui. Num é tropeço nenhum e não deverei perder tempo com isso.

— D. Alzira, com seu sorriso costumeiro, achando graça na conversa desenxabida de seu motorista, foi logo rebatendo:

— Rápido. Num preciso de mais nada. Vê se não vai dilatar com outros negócios e demorar. Tá ouvino? Vá... vá. Mas, pera aí, estou lembrando, passe em casa e traga cobertores e agasalhos que o frio por aqui a cada ano fica mais apertado! Agora vai indo... Ah!... Não se esqueça, pegue na cristaleira da cozinha o litro de conhaque

francês que está começado ao uso. É para Zino esquentar a friagem da noite, descansar o espírito e conviver com suas fantasias. Isto faz bem ao corpo e à alma. Pronto! Vá indo!

Na manhã seguinte, sem titubear, Zino convocou toda a camarádam disponível na herdade. Nessa convocação, só não foram chamados para o serviço proposto, que era a construção de uma barragem, o vaqueiro e seu ajudante. Era tempo de ordenha das vacas. E de cuidar das paridas de novo, tendo que ensinar os bezerros a pegar nas tetas para sorverem o líquido sublime, mantenedor da primeira vida dos animais classificados como mamíferos na cadeia biológica. Isso era um excesso de trabalho que se tinha, criando o gir, raça de gado vacum bastante dócil, de muitas qualidades, porém muito sensível às mudanças de temperatura. É que seu estado imunológico delicado passa a exigir extremos cuidados. Contudo, pela qualidade de melhor fornecedora de leite e carne, aliado à sua bela aparência, tornou-se orgulho dos fazendeiros mineiros que habitam a macrorregião, tendo como sede a cidade de Uberaba, no Triângulo.

Outro fator de extrema importância era a manutenção da ceva, onde se engordavam os capados, fonte única da matéria propulsora da energia humana, que era o toucinho, a banha e a carne de porco, mais fácil de ser conservada com seus embutidos. A manutenção da tropa era reservada aos serviços e critério do peão-mestre que não era nada mais que o nosso João da Bode — o homem que toda fazenda tem, pau para toda obra: desde a trança dos sedenhos às castrações do gado macho, dos potros e dos leitões. Não poderia ser dispensado por nada, uma vez que era um líder nato, sendo, ainda, um aglutinador dos camaradas que trabalhavam na fazenda. Eis por que a ele estavam determinados vários ofícios.

Estando, pois, a turma reunida, Zino anunciou, expondo detalhadamente, seu plano. A vontade de realizar esse sonho estava alicerçada no desejo do armazenamento da água do ribeirão circunvizinho à sede da fazenda, constituindo finalmente uma fonte de energia para tocar a lida cotidiana que tinha em mente realizar. Via também satisfeita sua pretensão, construída a barragem, de vazar a água para os pastos, através de canais. Assim, não só mataria a sede do gado, como melhoraria a lida das donas de casa e sanearia o meio ambiente. Isso daria, também, para movimentar a fazenda, pois, pretendia construir várias rodas-d'água, que serviriam para

mover o engenho de moer cana-de-açúcar, sendo ainda dispositivo para beneficiar arroz, debulhar e descascar o café em coco. Pretendia montar esses conjuntos logo houvesse disponibilidade da força motriz emanada do armazenamento da água no açude pretenso. Como sempre, mataria vários coelhos, e não apenas dois, com uma só cajadada. Os carpinteiros se encarregariam dessa parte e os peões eram a mão de obra que necessitava para realizar seu sonho.

Traçado o plano, de imediato começou-se a implementá-lo. A fazenda transformou-se num imenso canteiro de operações. Todos foram envolvidos: até as mulheres e as crianças sentiram-se absorvidas pelo entusiasmo dos patrões.

O trabalho tornou-se intenso, uma vez que, escolhida a parte mais estreita de uma margem à outra, era sumamente necessário, como prioridade, quebrar, por todos os meios ali possíveis, o talvegue naquele trecho. Amontoar pedras metros acima, dentro mesmo da água, amainando a força da correnteza. Feito isso, o maior serviço, entretanto, a realizar-se era o aterro que teria de ser feito incansavelmente usando as horas permitidas pela claridade do dia. Acontecia, vez por outra, perder-se de um a dois metros de barragem, por uma inequívoca interrupção, por pequena que fosse. Mas isso nunca servira de pretexto para arrefecer o entusiasmo que contaminava a todos. Para sanar essas dificuldades, criou-se uma turma de plantão, renovada de quatro em quatro horas, de maneira a não se descuidar de nada. Aí foi preciso instalar-se tochas de fogo para clarear pelo menos a parte da terra que estava sendo socada. Essa operação era feita estendendo-se um couro de boi em cima da terra colocada. Sobre ele descia um malho bem pesado, manejado pela energia de um “cara” batuta de força. Estancada a água, o serviço tornou-se mais ritmado, uma vez que agora era o momento de aumentar o paredão, tanto na altura como na largura, pois ele deveria servir de passagem de carros, como se fosse uma ponte natural.

* * *

Esse serviço, mais maneiro, dava oportunidade, no entanto, para que os peões passassem a ter mais horas de lazer, a bancar o jogo do truco, tocar e cantar modinhas... contar causos, trocar ideias sobre os marruás que não enxertavam, as vacas paridas que

escondiam o leite, o mandiocal que estava sendo estragado pela leva de tatus que estava montando família por ali... E, por fim, a praga do pássaro-preto que, em bandos intermináveis, andava arrancando o grão de milho nas recentes plantações de outubro — sementes jogadas no pó para produzir grãos de qualidade. Todas essas histórias serviam de moldura para as rodadas de uma boa pinga, acompanhadas das discussões sobre pousos das folhas e dos dias santos que deveriam ser respeitados. De feriados? Não sabiam. Nem se importavam se existiam, nem batiam a pacuera. O único, assim, assim meio falado, era o 13 de Maio, data da libertação dos escravos, servindo de pretexto para que o João da Bode, qualificando-se como neto de um deles, contasse algumas passagens de quando, apanhados em faltas, escolhiam entre fugir ou submeter-se ao relho do feitor. Preferiam muitos permanecer no cativeiro, porque sabiam que, quase sempre, eram perdoados pela intervenção da sinhazinha, jovem menina, educada em colégio interno. Trazia dele novas e avançadas concepções de vida, calcadas em uma literatura que desabrochava, diferente para os conceitos da época, movida pelos poemas de Castro Alves, pelos contos pátrios de Coelho Neto, e os sonetos de Gonçalves Dias, Bilac, que geravam lágrimas e suspiros capazes de enfrentar a fúria de muitos senhores, donos da vida e da morte de seus semelhantes de pele negra...

Eram tantas! que nem sabiam quantas! essas conversas ao pé do fogo. Se faziam, às noites frias, à beira do lago que se formava, pelo atrevimento da terra socada, barrando a liberdade da água, que antes corria alegremente, pulando por entre os seixos, abrindo caminho pelo vale fecundo às fraldas da Serra do Gomes, hoje prisioneira, como refém abandonada a insólito destino. Condenada, adormecia, presa em quatro paredes, como impaciente alma penada, sob os grilhões de si mesma. Tinha inveja da sua congênere que livre corria — poucas léguas dali — em paralelo, no leito livre do Ribeirão do Fogo, deslizando com bravura para despejar-se no majestoso Rio Paracatu, caminho natural que foi para as entradas e bandeiras, que plantaram civilizações no centro-oeste brasileiro.

Esses convescotes eram realizados quando ainda sobrava alguma nesga de descanso, antes de se entregarem — corpos dilacerados pela árdua lida — a um bom sono, estendidos em couros de boi sobre os jiraus ali improvisados. Mesmo com os

músculos doloridos pelo manejar das ferramentas de trabalho duro, no espaço entre dormir e acordar, ainda tinham segundos de tempo para ter saudades do leito de casa. Lá, o colchão de palha de milho rasgada — atrevido denunciador e comunicador de seus trejeitos, quando viravam nele — transformava-se em almofadas dignas de reis. Em quase todas essas rodas de bate-papo, os peões gostavam de relembrar o trabalho realizado no dia, interessados, tanto quanto, ao que se deveria prestar no dia posterior. Muita vez, o “faladô” João das Mercês — apelidado de João da Bode — inquietava a todos, quando se transformava em uma pessoa calada, cabisbaixa, presa à solidão de si mesma. E assim permanecia, enrolando seu cigarrinho de fumo de corda na palha de milho, alisada e passada na língua para amaciar. Nesse mister, devagarzinho, ia lhe dando forma, empregando nisso excessivo capricho. Parecia um autômato! Manejava os dedos, espontaneamente, estando com o pensamento muito além do horizonte — não tão longe, como a Estrela Dalva, fulgurante tocha de luz vespertina encostada na linha entre a Terra e o Céu. Mas também não tão perto, como as estórias que a brisa, soprando miúda, trazia em sua mente, presa ao passado. Assim, exaustivamente concentrado, via sua vida desfilar... De quando novo, sentia-se como um varão arrebatado, vaquejando lá pros lados da Forquilha, onde nascera, onde crescera. Lá, com destreza e bravura peculiar aos jovens irresponsáveis, caminhava, muita vez, a passos largos em direção a um marruá bravo, babando fogo, brandindo as patas dianteiras, rapando a terra à sua frente, fungando, soprando e urrando que nem doido. Frente a essa cena, que a maioria dos peões teme, sem pestanejar, gingava o corpo de cá pra lá e de lá pra cá, de modo a confundir a rês braba. Daí, de peito aberto, aproveitando-se do seu cochilo diante desse ziguezague, emparelhava-se com ele, e, subitamente, levava a mão direita ao chifre direito, segurando-o fortemente. E, sem pestanejar, dedos indicador e polegar da mão esquerda, já repentinamente enfiados nas ventas do bicho, com a direita presa com precisão em um dos seus grossos cornos, entortava a cabeça do valentão para o lado direito. Com a força de um titã, derrubava-o. E o peava, com maestria e ares de um gladiador romano. Aos aplausos de todos, reverentemente tirava o chapéu, desenrabichando-o do queixo. E, benzendo-se, agradecia, ora voltando-se para os peões

amigos, ora para as moçoilas que se aninhavam nos últimos varais da cerca do curral. Entre elas, estava Diva — menina moça, o dodói da família, filha única de abastado fazendeiro da região, cujos cabelos alourados e cacheados, com franjinha cobrindo toda a testa, balouçavam-se ao vento —, que ria, ria estrondosamente, e, com gritos estridentes, saudava-o, tentando abafar as vozes das demais. Com os braços levantados para o alto, aquela impúbere ainda, jovem de olhos cerúleos, espalmava, sacudindo o lenço de cabeça, como se estivesse em saudação voluptuosa às nuvens do céu. Aplaudindo-o, assim, com o espalhafato de sua inexperiente e irreverente juventude, e de jeito inopinado, quase escorregando — que nem lagartixa saindo do cochilo para correr atrás de grilo manhoso, que aos saltos lhe dava uma canseira danada —, caía do alto da cerca, onde se escanchara. Vinda diretamente do internato colegial onde estudava para a fazenda de seus pais, deslumbrava-se com tudo que acontecia em volta. Em suas andanças com as demais jovens de sua idade — moças acostumadas à lida rural, enfrentando com toda naturalidade o dia a dia da vida campesina —, ia, ora à manhãzinha, à cata das doces gabiobas e araçás, escondidas nas moitas ainda cobertas do orvalho da madrugada, esparsas pelos verdejantes campos; ora banhando-se nas correntezas dos riachos virgens, onde faziam mais algazaras do que periquito em milharal embonecado; ora colhendo pequis e araticuns nos capões de mato, na orla alta das veredas de água cristalina, onde as piabas brincavam, pulando para iscarem uma desavisada mariposa que, voando descuidada, raspava a ponta traseira do abdome na superfície da água, quase se molhando na brincadeira; ora, contente, batendo palmas quando descobria ninhos de papa-sebo, nas locas das pedreiras que orlavam as cachoeiras por onde descia a água como brancos e puros véus de noiva; e ora, assustada, em contraste, correndo ao deus-dará, quando topava com uma simples cobra-de-duas-cabeças, uma inofensiva ibijara (*Amphisbaena alba*). Tudo isso fora paulatinamente encadernado como se fossem páginas de contos e crônicas de um livro vivo, cujas folhas gravadas em sua mente poderiam ser puxadas a cada momento de profunda excitação vindoura. Todo esse inesperado bulia com a alma ingênua da menina-moça mimada, de vivência citadina, hoje uma — por dias não determinados — integrante da juventude feliz e arraigada à vida do campo. Solta como uma pluma ao vento,

esvoaçava-se em firulas tão destrás, incomensuravelmente ligadas aos limites de sua jovial postura diante de imprevistos fatores que iam desfilando à sua frente observadora. Uma abelha que se embrenhava pela antera do saco polínico, prenhe de micrósporos das plantas fanerogâmias, para sair dali com as patas lambuzadas de pólen, onde, na colmeia, mastigado pelas operárias, transformar-se-ia na amarelinha samora, protótipo daquele louro mel que encanta toda a natureza; um beija-flor, divertindo-se com as leis newtonianas, abusando da força da gravidade, pairando em frente de uma rosa para sugar-lhe o néctar perfumado, com o qual se alimenta; o João-de-barro, ínclito engenheiro formado na natureza, construindo sua casa com corredores e quartos, tendo a porta voltada para o nascente ao abrigo dos ventos do poente que trazem sempre chuvas torrenciais; os lambaris saltitantes, nas corredeiras, brincando de esconde-esconde das traíras e dourados vorazes; o tico-tico fêmea, ensinando o filhote de “passo-preto” — que no ninho comera seus ovos, botando outro no seu lugar para ser por ela chocado — a se alimentar... tudo isso, as menores coisas com que se deparava, constituía para essa primadona artefatos que traziam admiração, alegria e muita meditação. Para uma frágil e inexperiente cabecinha guardada a sete chaves no internato, o presente momento corria num mundo desconhecido, porém encantador. Envolvida com a simplicidade do levantar com o cantar dos pássaros saudando a aurora; com a correria ao curral para observar os bezerros apoiarem as tetas volumosas das vacas de custeio, paridas de novo; sentindo a lida interminável da fazenda, onde a cada passo há um imprevisto que necessita solução imediata; induzida pela pureza do amor nas rezas e ladainhas cantadas à luz das candeias de azeite de semente de mamona; dos pousos das folias, onde pouco se rezava e muito se dançava, em que se bebia e comia à farta, namorando à forra, mesmo monitorados pelos olhos das velhas comadres que só sabiam pitar e espiar... esse dilúvio de acontecimentos deixava-a meio bamba. Qualquer um, que nem ela, vivendo fora desse meio, não estando acostumado à vida campesina, ficaria tonto. Quanto mais uma garota que roça, sabia existir. Mas não sabia que se pudesse viver nela.

João, percebendo isso, procurava amenizar, dedicando-lhe um carinho quase sem limites. No campo, quando atrás de rês tresmalhada, encontrava uma mangabeira repleta de frutos, colhia-os

para presentear-lá. Se via uma orquídea presa a um galho dos mais altos de uma árvore, não via a hora de galgá-lo, indo aos trancos e barrancos buscar a flor com o mesmo intuito. Era com o coração aos pulos que lhe entregava sem nada pedir. Satisfazia-se apenas com o sorriso, estampado nos lábios entreabertos, dizendo-lhe docemente: “Brigada! Brigada mesmo!”.

A meiguice com que se expressava servia de âncora à felicidade que tomava conta de todo o seu ser, na medida em que se integrava a ela. João, assim embriagado de felicidade, voltava ao trabalho. Nessa contenda hodierna cavalgava pelas verdes invernadas, dentro da vastidão de intermináveis campos de um “mundão sem dono”, como eram tratados na boca dos peões os latifúndios imensos situados no noroeste mineiro. Ora em busca de um marruco de arribada, ora de uma rês parida que escondia sua cria por entre o cipoal das capoeiras, deixando de assistir-se ao custeio. Ora atrelando novilha, marruá ou qualquer outra espécie de gado bravo a um boide-entralho — bicho erado, conhecedor das manhas do parceiro —, espécime que toda fazenda possuía, especialmente treinada para o ofício de conduzir ao curral da sede, empregando força, astúcia e paciência com a rês para o custeio de praxe. Gastava-se com isso um dia inteiro, exigindo muita sabedoria para decifrar qualquer indício que só o matuto treinado aprende na lida quotidiana. E, indo daqui pra lá, de lá pra cá, perdia-se, por vezes em lucubrações etéreas a que se deixava contaminar num abstratismo intenso. Nascidos os dentes no mister de encontrar um animal tresmalhado, bastava por vezes encontrar um ramo quebrado numa trilha, ou uma moita de capim pisoteado, um cupim revirado ou mesmo um bando de anuns pretos e amarelos — aves que, numa simbiose perfeita, acompanham as reses para devorarem em seus lombos os gordos e luzentes carrapatos —, todos esses sinais ajudavam-no a encontrar o animal transviado em pleno gozo da liberdade. Nesse trabalho penoso, sob sol causticante ou debaixo de chuva braba, perambulava, cortando veredas, espiando por entre as “furnecas”, galopando pelo cerrado. Muita vez surpreendia-se dormindo e sonhando de olhos abertos, sem perceber o que se passava ao seu lado. Quem sabe uma espécie de sonambulismo, discretamente mencionado nos compêndios médicos como decorrência de uma concentração ligada a uma ideia fixa propositalmente desenvolvida pela mente. Quando isso

acontecia, por vezes, estando perdido frente a essas meditações, acordava preso, como visgo, à sela. Nesse ínterim, voltando ao normal, procurava as rédeas, não as achando, soltas que estavam, deitadas na cabeça de sua montaria. Seu cavalo, sem comando, respirava feliz, maquinando com astúcia, naquela marcha de buscar parteira, contente, indo em frente, já agora pela várzea, pois, por si mesmo, havia trocado de ambiente. Ia, ao deus-dará, cortando trilhas, em atalhos que ele conhecia bem, em busca da estrada real que levava à casa ou de uma aguada que matasse a sua sede, pois, como sempre, a canícula estava de rachar. Em algumas vezes, ao sair cavalgando seu pingo, entrava com o passar das horas em estado de meditação. Dir-se-ia que sua montaria andava conhecendo dessa particularidade. Por vezes, desviava-se ela propositalmente da trilha para, não resistindo à tentação, cair em cima de um amontoado de capim-provisório verdinho, ainda orvalhado pela força do sereno da madrugada. Podia-se acrescentar ainda que suas gotas escondiam-se do calor da aurora incipiente, por entre as folhas do miolo da moita, e assim permaneciam por muitos minutos. Na verdade, essas gotas conseguiam ficar assim, aglutinadas por mais tempo, nos lanhos do vegetal, em virtude da força da tensão superficial. Olhadas assim, assemelhavam-se a pérolas presas a lindas correntes, permanecendo quietas, embora a brisa procurasse fustigá-las. Diante desse manjar dos deuses não pestanejava! Numa só bocada, lambia-a inteiramente, saindo a mastigá-la contente da vida. Continuando sua marcha sem embaraço, deglutia o capim com desenvoltura, pois estava de cabeça apenas e não de freio — era potro arisco que estava sendo acertado. Tratava-se, com certeza, de animal que ainda não tinha, de todo, o queixo quebrado, daí estar usando o barbicacho por algum tempo. A maioria dos machos “bãos mesmo” eram acertados pelo ouvido do peão, igual músico que nada entende de claves, sustentidos e bemóis, mas, intuitivamente assimila os acordes como gente grande, nada ficando devendo aos teóricos. Era um maestro que manejava a batuta com sabedoria. Fazia disso uma arte. Amava seus discípulos a ponto de lacrimejar quando o patrão vendia um dos potros por ele amansado. Dava-lhe um frio na barriga na hora de passar a ponta do cabresto de sedenho, que ele também trançara, para o comprador.

A animália, discípula de João, quando estava quase no ponto, já até voltava-se nas patas traseiras, com um beliscão quase imperceptível

de um lado da rédea. Ao galope, bastava triscar com a ponta da chilena, à ilharga, para que, com um salto à frente, desencadeasse as braçadas ritmadas, características dessa espécie, cobrindo um trajeto de cem metros em cinquenta segundos, tempo equivalente a um bom potro de corrida. Ao encalço do novilho desgarrado do rebanho em marcha, em poucos lanhos esticados estava com ele emparelhado, dando margem ao seu cavaleiro colocá-lo no miolo da boiada. Era um estirão só! Sufragava água na boca de quem visse a ousadia e a destreza do animal. O patrão tinha orgulho do seu peão “acertador”, pois potro ou garanhão que caía em suas mãos não tinha dinheiro que o pagasse, tal o seu desempenho como animal de custeio para toda obra. Os animais da lida quotidiana eram repassados pelo amansador contratado para isso, mas os de montaria do senhorio e dos demais seus familiares só serviam se fossem acertados pelo João. Estes eram tão amestrados, que deixavam que se passasse — de tão mansos e obedientes às regras de seu bom educador — debaixo de suas barrigas, indo de um lado para o outro, se assim desejasse qualquer arrieiro. Dos garotos, nem se fala — brincavam com seus pôneis do jeito que queriam. Alguns montavam, até, com a frente do corpo virado para a anca, ao molde dos palhaços de circo, divertindo-se pelo pátio gramado até o horizonte, situado na frente do soberbo casarão.

João, usando seu talento, quase indispensável, houve por bem conquistar alguns favores, como o de falar com os moradores da casa-grande, entrando na sobressala apenas tirando o chapéu em respeito. Assim é que conseguia, em tempo recorde de segundos, falar algumas palavras com Diva, a quem oferecia qualquer coisa que, em suas andanças, achasse ser de seu agrado, o que o deixava de pernas bambas e de coração desmanchando-se em estertores de pura emoção de felicidade.

Também, quando no campo, usava de prerrogativas, como na escolha e manejo da sua montaria. Muita vez, leve como uma paina, espiritualmente falando, inconscientemente comungava com a esperteza dela, não se importando muito com que ela fazia, pois, por momentos, deixava-se dominar pelos pensamentos, que iam longe, muito longe! Diva, sua Diva, por certo, fazia parte precípua deles — o resto era o resto! Não sabia ele, até, se estava vivo ou não, tamanha era a felicidade que se induzia em seu ser, derivada

desses lépidos pensamentos. Por vezes, era por ele próprio pego de surpresa, espantado, a cantarolar baixinho modinhas que falavam de amor. Tinha-as, na mente, decoradas. Com maestria, quando nos encontros festivos, de tanto dedilhar sua sanfona de oito baixos, elas ficavam gravadas em sua memória e, assim, quase automaticamente, as repetia mesmo sem querer, como se elas fizessem parte integrante de seu ser. Nessas ocasiões era alvo de muito assédio. As meninas-moças, como a não quererem nada, estavam sempre cutucando-o com sorrisos, e às vezes até com palavras carinhosas. Era como se estivessem convidando-o para um entrosamento mais íntimo. Quando não podiam falar-lhe com gestos, diziam-lhe com os olhos e com os lábios entreabertos num sorriso de orelha a orelha. Aproximavam-se dele, naquele passo de urubu malandro, a maioria das jovens casadoiras. E que alegravam o terreiro, onde saracoteavam abrindo roda com suas saias de chita, naquele típico matraquear de batidas com os pés no chão, balançando as ancas em ritmos lascivos. Dizer que ele não gostava dessas estocadas, não se podia afirmar: nessas circunstâncias seria um tanto quanto duvidoso, se, porventura, se arguisse isso. O certo é que, na maioria do tempo que manuseava os botões de sua sanfona, o fazia de olhos fechados. Era como se estivesse em sublime levitação. Com o pensamento em devaneio, quem rodopiava pelos ares era a filha do patrão. O fazia em espirais furta-cores, flanando no espaço, semelhante a uma fada participante de festas dionisiacas, vestida de plumas esfuziantes, a manejar uma lira, de cujos acordes derivavam notas solfejadas por um hipotético Orfeu, uma supercriação, como dádiva de Deus. Nesse entorpecimento, ele puxava os acordes com a mão direita, tendo a esquerda a manusear os contrabaixos, impulsionado por uma força quase celestial. Fazendo isso, automaticamente, tinha os olhos fechados e o coração aberto, que nem gafanhoto, apostando para ver quem fendia mais folhas, pulando como doido varrido, no arrozal perfilado, cheio da seiva da vida. Nesse enlevo, sussurrava suas canções, dedicando-as ao único amor de sua passagem pelo planeta azul: a bela Diva. Sua sanfona pé-de-bode só faltava soar sozinha, tal a habilidade costumeira com que era manuseada. A marcha preferida da rapaziada que aprendia a dançar, por ser de fácil manejo, soava interruptamente, com um ritmo compassado. Parecia o monjolo da rebaixa, a cantar seu característico chuááá,

quando derramava a água de sua concha, seguido de forte ruído, de quando batia sua mão no pilão, a descascar o arroz, dia e noite... a noite inteira! Seus acordes, fáceis de serem gravados pela moçada, batendo os pés, ritmicamente, iam levantando poeira. Todos — menos as velhas cachimbando sonolentas, a fechar um olho e abrir serenamente o outro, no sentido de estar a par de tudo que acontecia pelos cantos e polos do terreiro — queriam que a sanfona não parasse, para que a dança não terminasse e a madrugada dilatasse, como as águas, que, sem descanso, interminavelmente desciam por entre as pedras da serra em bela cachoeira. E assim solfejavam:

Água...
Na cachoeira vai...
Da cachoeira vem...
Água caindo, cheirando
Os ombros do meu bem!

Água...
Na cachoeira vai...
Da cachoeira vem...

Cabelos molhados,
Em lindos atilhos,
Água descendo,
Beijando os mamilos
De meu bem.

Na cachoeira vai...
Da cachoeira vem...
Água batendo no rosto de meu bem.

Que tem
Olhos trancados, respiração ofegante,
Que vai e que vem.
O sol do amor, brotando em sua mente,
Disparando luz envolvente,
Uma felicidade tal, jamais vista em alguém.

Tem água cantando,
Batendo nas pedras,
Soando tem... tem...

Na cachoeira vai...
Da cachoeira se foi...
Levando com ela meus ais,
E também os suspiros de meu bem.

No leito do rio a vaga vai... e vem,
Levantando ondas a todo momento.
No meio delas, a voz do vento
Leva meus gemidos pro além.

Agarrado nelas minhas ilusões,
Que também vão e muitas não vêm...
Na espuma da água, interagindo,
Elas vão embora também.

Em toda data festiva, João era lembrado para alegrá-la com seus toques divinos. Daí o seu apelido: João da Bode, mais íntimo que João Sanfoneiro ou João das Mercês, como fora batizado. Não passava de ser o ambulante que vendia alegria e comprava felicidade a preços módicos, mui pertos de seu integral contentamento.

E assim a vida corria dentro de parâmetros modestos, cheios, porém, de uma avalanche de infintos e imensos desejos satisfeitos, contribuindo para que a paz e a felicidade reinassem naquele chão socado no extremo da pátria.

Nesse imbróglio, Diva e João reinavam. Eram, à altura desses devaneios comuns, dois seres vivendo em um mundo cheio de ternura e bem-aventuranças que edificaram para si próprios. Se se pudesse ler e interpretar o que se passava em suas mentes, podia-se pensar estarem eles cercados de suportes contemplativos de paragens paradisíacas.

Diva, quando sozinha, à noitinha, sentada na frente da penteadeira, antes de recolher-se ao leito, costumava lembrar-se de seu tempo de colégio interno, onde penava de saudades de seus pais e de sua cidade. Procurava compensar abrindo o coração e

colocando no papel estrofes capazes de dar alento às tristezas de sua alma. Assim conseguia que tais lembranças fossem dirimidas, versejando. Desse jeito, dando vazas a sua inclinação voltada para o estilo poético, conseguia que os dias e as noites encurtassem. Poetisar é falar cantando, mas muita vez é também escrever molhando o papel com escaldantes lágrimas de cáldido sofrimento. Vezes há que as rimas voam como pássaros flechados cortando os ares, respingando gemidos envoltos em gotas de sangue de suas muitas dores. Em todas essas nuances, o vate pode entrar em transe à cata delas, solfeando-as a cada verso inserido sem mais nem menos, agregados em estrofes regidas por claves etéreas. Sílvia Romero que o diga. No desejo de mostrar que a poesia nasce do esplendor de manifestações puras, em quaisquer ambientes em que o versejador se encontre, lança lufadas de desabafo, que engrandecem a história da cultura cabocla, ao lado, *ipso facto*, do merecido e consagrado lugar na literatura brasileira. Olhem só o que ele fala:

Se vocês querem poesia, mas poesia de verdade, entrem no povo, metam-se por aí, por esses rincões, passem uma noite num rancho, à beira do fogo, entre violeiros, ouvindo trovas de desafio. Chamem um cantador sertanejo, um desses caboclos destorcidos, de alpercatas e chapéu de couro e peçam-lhe uma cantiga. Então, sim.

Poesia é no povo. Eu criei-me na largueza, livre, correndo campinas, varando cerrados, comendo o que me ofereciam as árvores, bebendo nas fontes vivas e, quando o calor abafava, despia-me, pendurava a roupa num galho e atirava-me n'água, nadando contra a corrente.

Poesia para mim é água em que se refresca a alma, e esses versinhos que por aí andam, muito medidos, podem ser água, mas de chafariz, para banhos mornos em bacia, com sabonete inglês e esponja. Eu, para mim, quero águas fartas — rio que corra, ou mar que estronde. Bacia é para gente mimosa, e eu sou caboclo, filho da natureza, criado ao sol.

A rudeza desse desabafo mostra sua característica força literária, transbordante de regionalismo, em que transparece um estilo ao mesmo tempo cheio de vida e extrema sensibilidade. Valendo-se dele, sobretudo, mostra à pátria seus filhos extremamente valorizados. E se transforma em Euclides, cantando: “O sertanejo é antes de tudo um forte”, não tendo vergonha de, aí pegando, agachar-se,

assentar-se nos calcanhares e, sem nenhum medo, cascar os dedos da mão nas cordas da viola, fazendo-as vibrar. Ao mesmo tempo, desatando o nó do gorgomilo, enche de música a natureza dadivosa ao seu redor com improvisadas modinhas — quase todas enaltecendo amores não correspondidos. As rimas caem como gotas de orvalho na folha da taioba, puras e cristalinas, como pérolas de um imenso colar. Procurando esse apoio fonético, em outros termos e diapasão de conduta — *à volonté*, sem muita metrificação, dando vaza ao humor do momento —, Diva não tinha, igual a qualquer poetisa, como fugir dessa situação.

* * *

Nessas condições, falando sozinha, sozinha passou a escrever à moda campesina habitual, à margem de um cartão postal encontrado no móvel que lhe servia de cômoda, de quando retirava suas íntimas vestes de dormir. A paisagem bucólica que ele transpirava, abarrotada de paz e sentimentos vaporosos, inspirou-a, abrindo espaço em sua mente para transpor seus desejos, que nada mais eram senão garatujá-los, falando de amor. Lançando aqui, riscando ali, houve por bem dar-se como satisfeita ao completá-lo. A dimensão de seus sentimentos, evidenciada no pequeno poema, externou-se no tema principal, concentrado no amor virtual que dedicava ao seu herói. Ao seu término, não sabia se ria ou se chorava. Pelas injunções que rumorejavam pela casa, sentia que havia uma barreira em suas pretensões, alicerçada na diferença de casta, ainda inculcada na sociedade em que vivia. A família latifundiária ainda mourejava na casa-grande, resguardada de tudo quanto fosse tentativa de inovação que a sociedade moderna procurasse introduzir. Na mesa comprida da sala de jantar, observada a hierarquia, sentavam-se: pais à cabeceira, filhos, inseridos nas laterais, conforme a idade. As mucamas serviam, entrando mudas e saindo caladas. Às noites de inverno, mesmo as mais frias, a família se reunia em torno de lareiros improvisados. E se dedicavam a leituras e para ouvir, por vezes, as sonatas tiradas pelas meninas-moças que estudavam em colégios, na sua maioria regidos por freiras francesas, que ensinavam etiquetas um tanto quanto medievais — não se falava senão quando autorizadas. Os empregados tinham liberdade de contemplar às janelas, sem, porém, nunca

compartilhar: ora com as novelas irradiadas, ora com as modinhas sertanejas ouvidas. Era-lhes proibido, sequer, fazer apreciações palradas ou gesticuladas às músicas tocadas ao piano, embaladoras do chefe de família. Este gozava de primazia em tudo. Estirado em sua espreguiçadeira diletta, permanecia como que a dormir e sonhar. No entanto, em vez disso, semicerradas as pálpebras, em êxtase, somente as levantava para observar a espiral que a fumaça do seu charuto havana formava, dançando, fazendo firulas pelo ar quente do aposento. Sorria intimamente, vendo-as a se perder por entre as frestas do telhado colonial barroco, onde as telhas situam-se à mostra, no salão destinado ao lazer. As declamações poéticas eram por todos muito apreciadas, proporcionando ao ambiente um estado de meditação que levava os espíritos ao extremo desejo de levitar, transbordando felicidades.

Nesse clima é que Diva se encontrava. Às escondidas, pois, para despistar, já vestida com trajes de dormir, no seu quarto, deu como terminada a tarefa da noite com o texto abaixo:

Obrigada pelo que me deste!
Pelo agrado que na sua essência rejuvenesce
Em mim o amor que te dedico.
Querendo-te muito, muito eu fico
Obrigada pelo carinho que me ofereces.

Sem poder fisicamente retribuí-lo, desejo
Com ardor, usando minha mente,
Agradecer-te com um beijo, só um beijo!
Embora virtual, como um lampejo,
Em mim ficará inserido eternamente,
Será tudo que mais almejo.

Querendo-te, como sempre te quis,
Mil vezes mil desejava poder
Mostrar-te onde meu amor mora,
Para oferecê-lo com toda alegria agora
E dizer ao mundo o quanto sou feliz!

Viviam por ali como se não houvesse no universo outro mundo. O seu lhe bastava... até que o destino pregou-lhes uma peça das mais contundentes — um moço, rico boiadeiro que por acaso ali chegara, encantado com a beleza da menina, levou-a consigo, casando-se com ela, para gosto da família de seu pai. Nunca mais se viu Diva e João! João e Diva! Para ele só ficaram as belas lembranças de sua divina beleza e juventude. Em sua imaginação, via-a sempre, livre, cabelos revoltos ao vento, saltando veredas e regatos, espantando as garças com movimentos de braço a agitar o branco lenço de cabeça. E, em muitas ocasiões, irresponsavelmente sem medo, correndo, como desprevenida jovem corça pela campina afora. Não era em uma nem duas vezes, mas centenas delas, que a via em seus sonhos, após interminável vigília. Em um destes, o que mais lhe tocou, lembrava-se agora, haviam trocado ardentes palavras de perene amor, coisa que jamais poderia ter acontecido na vida corriqueira de ambos, uma vez que estavam permanentemente sob a vigilância dos familiares dela. Teria acontecido, de quando, meses atrás, adormecera debaixo de uma copiosa barriguda, atrevido restolho das queimadas de agosto — imponente espécime cuja floração, tocada pelo vento, cobria extensa parte da campina onde reina altaneira, testemunha inerte das conquistas amorosas dos animais silvestres que por ali passavam, refestelando-se à sua sombra aconchegante... Foi um dos melhores sonhos de sua vida. Nele a viu, linda menina! Apresentava-se aos seus olhos como se estivesse encarnada num belo espécime de gazela. Esta, ora correndo, e aos pulos, num bailado leve de garça solta ao vento, ondulando o capinzal alto, como se o mar houvesse chegado à terra; ora como atrevida corça, apanhando com os lábios vermelhos os frutos amarelinhos do muricizeiro, estalando-os entre os dentes; e ora com as orelhas entesouradas, à procura de algum ruído estranho, trazido pela brisa que soprava tênue, como uma lufada tépida semelhante a aveludada onda sonora, a adverti-la da presença singular de um possível predador. Assim extasiava-se, permanecendo, entretanto, quieta ao sentir presença amiga de seu amado: ele, João, que, sonhando, ali estava só para acariciá-la. Eram sonhos tão bons que, ao acordar, em contraste, desesperava-se por tê-los terminado, ficando, após, todo o tempo amuado, sem querer conversa... Nesse fim de transe, levantava-se da cama onde se espichava por todo o dia de mau humor.

Seu amor, entretanto, era tão singelo! tão puro! quase inocente, que jamais guardou mágoa pelo insólito acontecimento do enlace de Diva, sua amada, com o boiadeiro. Peão de arribada, contratado pelo fazendeiro, seria muito difícil que assim não fosse. Lé com lé, cré com cré, cada qual com um da sua igualha. Um desejo de galgar o Himalaia, até que lhe havia batido na alma. Nem mesmo que fossem as geleiras dos Andes, mesmo elas, ali plantadas para acalmar sua soberba e enterrá-lo de uma vez na imensidão do absolutismo eterno e dorido. É de se entender que essa atitude não passa de um modelo arcaico, engravado na era da tecnologia avançada, em que as classes sociais são mais toleráveis.

Ante esse quadro de lembrança viva, a vida ia passando, longos tempos correndo — longos, sim, a solidão o fazia um homem amuado, isolado, melhor dizer, sem muita vontade de interagir com quem quer que seja. Dentro de si se instalaram dolorosas recordações, acompanhadas de interrogações jamais explicadas sobre os níveis de castas adquiridas sob o julgamento de valores materiais. Aos albores da mediana idade, no canto da roda de lazer feita às tardes e noites serenas, onde os peões, seus camaradas, se esparramavam para contar lorotas da lida do dia findo, perdia-se em devaneios, esquecido do tempo. Viajava assim pelas ladeiras do seu ego, descendo e subindo sem nenhum outro sentido, senão o de conhecer-se a si mesmo, de sentir suas mágoas, transmutadas em suspiros profundos e dolorosos. Daí a nascenta da poesia transposta para sua companheira — a sanfoninha pé-de-bode. Dedilhava-a com tal amor, como se na verdade cada tecla apertada representasse uma forma de mostrar o seu carinho pela sua divina Diva! Embora fosse ela uma imagem virtual que nunca se perdia no tempo, parecia-lhe uma sombra concreta. Em uma dessas reuniões, quando solfejava uma modinha, deixou cair aquele insólito puxão de ar, semelhante a um esgar profundo, daqueles de arrebentar peito! Um suspiro tão longo e sentido, que todos viraram o rosto para o seu lado. De imediato essa externa manifestação chamou a atenção de todos. Como se tratava de um companheiro mais velho, aquele ato melancólico dava-lhe um ar de respeito, mas, ao mesmo tempo, flutuavam no pensamento da peonada lascas de curiosidade, acompanhadas de preocupação com sua saúde. E uma só pergunta estalou na língua de todos:

— Nossa Senhora! O que foi? Está se sentindo bem?

João colocou o pito no canto da boca, puxou o ar outra vez, menos profundamente que da primeiro vez, mas com a mesma intensidade, medida pelos dois sulcos formados e instalados de cada lado das bochechas. Após segundos de uma meditação análoga ao brilhar de um relâmpago, tascou um novo chupão de ar, sofrido “quiném boi velho de carro cangado”. Parou! Olhos presos no firmamento por segundos... Inopinadamente, como se nada tivesse acontecido, baixou a cabeça, tirou da capanga que trazia a tiracolo a cornicha confeccionada com ponta de cabaça de cuia, contendo algodão queimado. Posicionando-a entre o polegar e o indicador da mão esquerda, segurou em sua borda uma lasca de pedra de fogo, desandando a bater em uma de suas faces o fuzil, agilmente manejado, por diversas vezes. Em uma dessas, não é que uma atrevida faísca forte destramente pulou para dentro da binga, fazendo-a fumar? Um cheirinho de mecha queimada tresandou pelo ar. Meteu o cigarro nela, com voluptuosa vontade dobrada pelo tempo esperado, e, com os olhos fechados para sorver com prazer, tirou uma daquelas baforadas de entortar cano de espingarda.

Solta pela boca e pelas narinas, agora peleando pela atmosfera, a nesga de fumaça saiu a ondular-se, saracoteando pelo espaço, construindo espirais, onde seminuas ninfas dançavam num palco etéreo, provocando imaginária visão iníqua, potencializada pelo cheirinho gostoso do fumo de Bela Vista — um tabaco curtido lá pelos lados de Goiás.

Acompanhando a fumaça com os olhos, levantando a cabeça, João parecia estar contaminado pelos efeitos eflúvios que a nicotina proporciona aos fumantes ativos, levitando-os na proporcionalidade de sua cultura! Parecia meio anestesiado. A figura de sua amada permanecia no foco de suas divagações.

Mesmo assim, deixou escapar:

— Tudo muito bom! Brigado! Brigado a vocês todos! Deixa a vida levar! Mudano de assunto, num é qui Sô Zino tem uma cabeça boa! Daqui uns tempos ninguém vai conhecer mais essas terra. Tudo mudado! Tudo cheio de máquina... Mas...

— Num cabou de falá — contava mais tarde o Pedrão, se benzendo. — Eu senti na hora um daqueles arripio que deixa o corpo meio bambo e a alma cheia de medo e de dúvida. O velho amigo parecia transtornado. Fora do mundo.

Com os olhos presos no firmamento, mãos fechadas em formato de concha, presas em ambas as orelhas; com os olhos voltados para o horizonte, como se visse e escutasse alguma coisa despercebida pelos demais peões; com o pito galgando os cantos da boca, num ritmo esquisito, dançando de um lado para o outro, em entrechoques vagarosos, semelhantes aos movimentos brownianos, João, que havia interrompido por segundos suas palavras, voltou a vista para a lâmina d'água da represa, que brilhava como um taco de prata, refletindo a luz da lua navegante por entre um ralo nevoeiro de veranico. E, entre soletrar e gaguejar, disse, quase sussurrando:

— Esta linha de água grossa — apontando com o beijo inferior estendido — é traiçoeira! Essas água são caprichosa. Gostam de brincar com quem se atreve buli cum elas. Já vi muita coisa... Pruquaqué besteira que se delata, elas fica magoada!

Nem bem acabou de falar, foi a vez do Pedrão, gerente da obra, se benzendo todo. Com os olhos presos no firmamento, relatou:

— Domingo de Ramos, as famías da redondeza se reunia sempre cum as qui morava na Furquia. Era uma bondade de reunião qui ocê nem sabe. Todo mundo de roupa e calçado duminquêro. Moças e rapazes se sorrino, dava até contrato de casamento. Tamém o mundo deles tava ali. Num desses dia, num conto, tinham acabado de participar da reza da manhã do dia santo de guarda, e estavam, com cuidados dobrados, recolhendo feixes de palha de buriti. Num sei se era por superstição ou mesmo por milagres que assim procediam...

O mais certo é que se cumpria uma tradição. Com a precaução de quem já viveu momentos de terror ocasionados pela fúria da natureza, com seus relâmpagos e ventos devastadores, guardavam os feixes de palha benta com muito carinho, para serem queimados no terreiro da casa por ocasião das tempestades, no tempo das águas. Nessa tarefa, evocavam em voz alta, ou mesmo aos gritos, o nome de Santa Bárbara — a entidade que possuía a força de acalmar o vigor do universo em transe. A coisa era braba mesmo! Mas, voltemos ao assunto que permeava antes.

— Estando todos reunido na frente da casa, já preparado para voltar pro seu lar, quando, no arremate da curva do rio, todos viru surgir como uma faísca uma ubá sem remadô nenhum. A bicha rodopiava, sirigaitando quiném um pião lançado por mão invisível pela correnteza abaixo... A meninada foi quem viu primeiro. O pessoal se

agitou e todos correram em direção à margem do rio. Num segundo, um dos rapazes que ali estava pulou n'água. E com muito esforço quase conseguiu passar pra dentro dela, garrano o remo, trouxe ela até o barranco, onde jogou a corda e nós puxemos. Dentro tava uma trouxa de roupa, uma capanga e uma precata de muié. Mexendo daqui, mexendo dali, virando a capanga de boca pra baixo, viu um biête do dono da venda, chamano ele pra pagar uma banda de um capado qui tava de veno e acertá uns negócio dum dinheiro que tinha vincido. O biête era pru Zé Pezinho, meu cumpade, moradô do outro lado da Furquia, em riba da serra. Fiquemo cunhecido quando ele era passador de barco no Porto do Pontal. Aleijado dos pé, mantinha eles em um arranjo feito de pneu de carro à guisa de precata. Mas isso jamais atrapalhou de trabalhar: era um tronco de remador dos melhores qui já vi. Subia o barco pela margem, e logo que alcançava o começo da correnteza, soltava ele, mantendo à força do remo, no meio do rio, e como um corisco tava ele no barranco do outro lado. Muito depois é que ele veio morar por aqui. Depois de juntá uns tostões. Sua roça de mio fazia inveja a muitos que não eram aleijados. Também a muié era uma leoa pra trabaia. Conômica qui ela só, tinha uns dinheiro emprestado a vários meeiros que plantavam nas terras do Sô Zino.

“Mas, tô se esqueceno de contá a estória que há muito vinha rolando sobre o aparecimento do caboclo-d'água praquelas banda. Tirando isso de fora, pois muitos num acreditam nisso, o fato é que às vez o cumpade tava em apuro com a correnteza do ribeirão, carecendo de ajuda. Foi assim qui fomo subino ribeirão arriba, procurando furos nos igapó, remexendo uma ipuca aqui, outra ali. E, com essa firmação de encontrar algo que pudesse nos indicá o que havia contecido, andemo mais de légua pelos barrancos acima. E nada de achá nada. Num desvio qui nós viremo, à direita de quem sobe, já todos meio desacoroçoados, cumpanhando uma nesguinha de água empoçada na curvinha da roça de mio do cumpade, justamente onde ele panhava água pra bebê quando tava trabaiano por ali, defrontamo com uma tira de pano de chita ramada, qui tudo indicava ser de vistido de muié. Mais diante, peguemo um quicé fincado na lama. Num era dos maiores, mas tava com a lâmina rajada de maneira a parecer de sangue. Todo mundo ficou espantado e doido, sem sabê o que conteceu. Muitos se benzero solícitos. As mais malucas ideias

vieram em cada cabeça de nossos cumpanheiros. Depois de ir à casa dele e nada encontrá, tornou-se um misterioso contecimento qui até hoje arre pia os cabelos de quem conta e de quem ouve. Até hoje, meus amigo, ninguém achou o corpo do cumpade e da cumade qui tava cum ele ino pra atender o negócio com o vendeiro. Uma vez, falano com o véio Souza, conhecedô das mandingas daquele socavão e particularmente do ribeirão, chegou ele bem perto do meu ouvido e baxinho, benzendo-se todo, me disse qui o vendeiro, pessoa mais letrada da região, lhe tinha falado, em conversa íntima, quisso era obra do caboclo-d'água, qui levou a muié, e qui muié... Eu mesmo achava ela traente, rechonchuda, mulata de um beijo polpudo e de salamaleques de enlouquecer quando andava. Era trativa mesmo. Pois é! O maldito levou ela pra sua morada, cunsumindo com o cumpade. Cê pode vê ele, se quizé, me dizia o vendeiro. Fica de tocaia nos barranco, em noites de lua cheia, qui ele parece, banhando nos remansos. O qui mais a gente vê dele é o peito piludo, brilhante, qui nem couro de aririnha nova, que muda de brilhanteza quando a gente passa a mão nele de lá pra cá, e cá pra lá, lisando.

“E aí, o Souza, meio tremoso, chegando-se mais perto, encostou os beijo na minha orelha e mais baixo ainda sussurrou: o negócio do capado era tretura qui ele arranhou pra trazê o cumpade. Sabedô dos trejeitos da aparição qui não faltava nas noites de lua cheia, é qui o povo falava muito dela, desde a cabeceira do ribeirão até pru lado de cá. Num foi bambeza nenhuma ele soltá essa estória. Muita gente — dizia ele em confidência — tinha sabido qui a aparição mudara do Ribeirão do Fogo, qui corre de pareia a este daqui, mode escaramuça que fizeram nele, quando tentava garrar as moça que num podiam sequer se achegarem nos barranco pra lavar as roupa de casa. Diziam mesmo que o tal do caboclo andava meio tonto puraqui, procurando jeito de arrancar. E assim tava mais danado porque não tinha achado pouso seguro, definitivo. Nem muié pra morá cum ele... Se eu queria vê, podia ir vê.

“E eu fui lá pavê, cumpade? Num fui não! Num sô besta! Pois — continuou Souza, com ares de confidente —, num é? Priquito come mio e papagaio leva a fama. Virou pru canto, botou o chapéu acabanado na croa da cabeça, deixando livre a testa enrugada qui tava desde a hora qui começou conversá. Se despediu com um até a vista e foi andano cuns passo de urubu malandro.”

A essa altura dos acontecimentos, João da Bode parou de falar e, benzendo-se, caminhou devagar para o seu jirau, onde esparramou o corpo de barriga pra cima, passando a classificar pela força do brilho que emanava o gado miúdo que, no curral do firmamento, brilhava como pequeninas tochas faiscantes de luz nos caminhos das nuvens, em formato de estrelas. Vez por outra, arrepiava-se, quando uma dessas, despencando da abóbada celeste, riscava o céu. Ia, silenciosa e atrevidamente, satisfazer-se, matando sua sede na lâmina de água prateada do ribeirão, que à moda de sucuri a engolia com sofreguidão, fechando ligeiro seu rastro luminoso. No silêncio daquele momento de reflexão, lembrou-se de quando jovem, ao lado de Diva, ia espiar os peões a amontoar o café posto a secar no terreiro da fazenda, cobrindo-o por causa do sereno, para não se tornar chocho. E, como eram belas essas singelas modinhas que entoavam, arrastando os rodos, balançando o corpo naquele compasso gingado: um complexo sistema atávico entranhado no arquivo imaginário dos desbravadores do sertão, embasado na saudade da terra longínqua que deixaram para trás. Era a voz reverberada dos emigrantes que chegaram à procura de nova pátria para se alojar. Seus descendentes refletiam-nas em suas surradas almas prenhes de paradigmas condicionados na labuta dura do “salve-se quem puder”. E aí, iam entoando sem malícia uma canção sem muita expressão, mas que dava para auxiliar no passar o tempo, ajudando o corpo necessitado de repouso. Daí havia nascido um arranjo de modinha meio triste, meio rústica, meio dolente, que Diva gostava de ouvir. O “Negro do Sinhô” andava navegando por suas entrelinhas ruminando — tá cum medo do sereno...

Meu café mun...tu...a...do
tá cum medo do sereno.
Óia... óia... É tal qual cumo meu bem.
Agasalho cum braço forte, ele tá quereno...
Puxa o rodo... Aqui... e dali tá puxado
Café gasalhado!
Meu bem também
Tâmo ino embora, ele feliz e eu?
Tô cumo ninguém!
Café muntuado tá cum medo do sereno
Tô como quero!

Tô cumo ninguém!... Ninguém...
Feliz! Nos braços de meu bem...
Café muntuado tá cum medo do se...re...no! eno... eno
Tá cum medo do sereno.

O rodo ia acompanhando o tom, ora mais depressa, ora menos, se arrastando para voltar a ser puxado com mais destreza. A modinha determinava o ritmo do trabalho.

Nessas ocasiões, à boquinha da noite, justamente ao mês de agosto, mês propício de se ver estrelas cadentes despencando em tufos, riscando os céus, paravam Diva e João — João e Diva —, dois jovens encantados e extasiados —, olhos fixos no firmamento. Assim ficavam, rindo-se a bandeiras despregadas, e, em sufrágio, cada um, ou os dois, em unísono, no mesmo diapasão, dizia com a alma em transe de amor — é hora de fazer pedidos.

Cada estrela que despenca é a Deusa da Esperança que mergulha no horizonte. Traz, nem que seja virtualmente, conceitos de promissores acontecimentos. É um fio da teia cósmica, saudando o universo unificado em trabalho permanente de nascimento e morte — dois fatores polares, paradoxalmente significando mudanças energéticas.

Cada um de nós, leitor atrevido desta arenga, pode aquilatar quais foram essas súplicas. Feitas tão avidamente, eram como as sovinas moedas amealhadas por vendedor ambulante, da estirpe do judeu, que as tendo adquirido guardava-nas em burras como sendo as maiores preciosidades de sua vida. Com sentido nelas, rola e deita em transe, cobrindo-se com a colcha de retalhos, ouvindo de cada pedaço o tilintar dessas rodela de ouro caindo na arca. Assim, Diva e João devem tê-las trancado, cada um *per se*, no coração — um cofre cujo segredo só é operado ao porvir da grandeza de seus incomensuráveis e desgrenhados desejos. Abri-lo?... É bom que se deixe isso pra lá — se é segredo, não é da conta de ninguém. Melhor assim. Devem tê-lo fechado de vez e jogado a chave pra trás, contando um, dois... beijos infinitos... três. Na onda voluptuosa da catedral do desejo, foi a chave navegando, lançada na curva do terreiro da casa onde o amor habita. Sumiu.

“Forante” isso, é bom que se continue prosseguindo a ver até onde irá a cantilena dessa estória meio cheia de teias, onde a aranha de pernas compridas as estende e sai à procura de pontos sólidos

para esticar sua rede. Analogamente, também o leitor poderá vir a satisfazer sua curiosidade, se tiver paciência de continuar a deitar a vista por entre estas folhas...

Agora, sim! Após o dia da lida exaustiva, ali, à margem da barragem que ajudava a construir, tentando adormecer, João, no silêncio daquele momento, talvez empurrado pelas suas eternas lembranças, juntou as palmas das mãos. Concordando com o conteúdo mágico sublinhado na estrofe da oração básica do seu modesto conhecimento religioso, estando Diva agasalhada no âmago de seu coração, solenemente murmurou: *“Que seja feita vossa vontade, assim na terra como no céu!”*. E assim, voluteando em torno de sua cabeça, divagação sobre divagação, terminou por encontrar-se, em espírito, navegando pelo espaço ao tempo presente de estranhas visões. Algumas delas apareciam com mais vigor. Vinham pela força da alma em transe profundo, constituindo valores referenciais, frutos sazoados do castelo onde reside o Deus Netuno, Senhor das Águas. Certamente tratava-se de uma entidade que ele não conhecia, mas sabia-a generosa domadora da embriaguez das ondas revoltas. Conceituada para retirar das profundezas do leito do ribeirão quaisquer pragas que nele estivesse aninhada, tinha-a como insuperável. Mesmo que ela fosse virtual. Com isso, deixava-a pura, como as alvas luvas brancas usadas pelas virgens — ninfas eternas dos etéreos bailados celestiais. Tudo isso, todos sabiam, no seu coração estava gravada a prece que acabara de fazer, em atenção à dedicação que D. Alzira manifestava e tinha aos funcionários da fazenda. Finda sua compenetração, que poderia ser denominada de mística, entregou-se aos braços de Morfeu, que lhe proporcionou o “sono dos justos”, que, se existe, por certeza ele estaria a desfrutar, participando de suas benesses.

Seria bom acentuar aqui, ao final desta peroração que parece sem cabeça, a razão da preocupação de João pela feitura da represa. Estaria ele sentindo que poderia mais tarde trazer dor de cabeça para D. Alzira e Sô Zino a construção dessa obra?... Sua alma andava inquieta, cheia de visões que o Velho Souza andou botando em sua cabeça. Mas, ao que parece é que andava ele, o João, com o espírito combalido pela ausência de sua Diva, e com isso apto a temer outras *délivrances* insatisfatórias à sua vida e à de seus patrões.

O que de analisar e dizer de tudo isso, no momento não seria de bom alvitre, nem tampouco aquilatá-lo de chofre, já que as circunstâncias oferecidas aqui não são pertinentes ao desenvolvimento desta narrativa. O que se pode fazer é sucintamente postá-las à compreensão de cada indivíduo, usando as palavras expressas de W. Somerset Maugham, compondo esta sensata sentença: “Cada um tem as crenças de sua geração”.

São oito vocábulos ao todo! Poucos, se nos ativermos simplesmente a sua contextura física. Aparecem, porém, ao exame minucioso em seu sentido, em sua essência, como infinita chave para uma longa peregrinação filosófica. Ricos, quando agregados, são merecedores de profunda meditação, se avaliada for a história da humanidade com suas aflições, seus desejos e sua evolução ao longo da trajetória pelo planeta, em busca de um estado equilibrado de vida. Daí sentirmos estarem muitos dogmas a desmoronarem ante o salto exuberante de uma ciência que, a passos largos, abre novos conceitos, substituindo-os por aforismos, muito deles também insustentáveis, pela ampla mutação que caprichosamente envolve quaisquer avanços. São, na conotação atual, arrojados saltos, uns sobre outros: não dão tempo de analisar o anterior. A cada passo que a história evolutiva dá, em termos científicos, mais a humanidade se enche de inquietações. A cada degrau pulado, uma onda de desejos de novos conhecimentos toma conta do homem, provando ser ele o eterno mamífero inteligente e insatisfeito. Isso tudo deixa a sociedade do momento mais livre para pensar, porém um tanto quanto perdida. Não seria prudente uma maior valoração do homem como indivíduo biológico e não como um simples instrumento da parafernália de baites? Não será — ainda pode estar em tempo — de bom alvitre procurar palpar o freio, sem frear de vez? Com isso, seria plausível vigorá-lo, sim, na cadeia dos seres vivos como sendo ele o rei do universo, apto para viver ao redor de tudo que conquistou e que, com certeza, conquistará sem necessariamente procurar produzir uma máquina que o superará em inteligência? Vimos, preocupados, como o cientista americano Raymond Kurzweil prevê, com muita autoridade, que o homem vai se fundir com a tecnologia e que, por volta de 2030, um computador

comum será mil vezes mais poderoso que o cérebro humano. Não será desastroso ficar sob controle dessas máquinas? Como será pertencer a este mundo, sendo comandado por esta geringonça sem se perder dentro dela? É ele ainda quem afirma:

Combinando as formas em que a inteligência humana é superior com as formas em que as máquinas são superiores, teremos um poder muito grande: as habilidades da máquina, como velocidade e memória, combinadas com o reconhecimento de padrões da inteligência humana. Por volta de 2030, um computador comum será mil vezes mais poderoso que o cérebro humano. [...] Os nanobots, robôs do tamanho das células do sangue, introduzidos no cérebro humano, pelas veias, poderão interagir com nossos neurônios biológicos, tornando-nos mais inteligentes.

É bom que se lembre aqui o que diz Daniel Block, médico laboratorista da Comissão Francesa de Energia Nuclear (CEA), em uma entrevista concedida em Paris no Observatório de Micro e Nanotecnologias (OMNT) — uma estrutura comum ao CEA e ao Centro Nacional de Pesquisas Científicas (CNRS): “Quanto mais a matéria se divide em pedaços pequenos, mais reativa é. E, por isso, mais perigosa”.

Não seria perigosa a massificação da inteligência, dependente de uma nanopartícula adaptável a qualquer cérebro, para agir e pensar solitária e exclusivamente como ela? sem poder discordar de alguma proposta emanada na escuridão dos nanobots?

Einstein, em um seu popular dístico, expressa: “Uma noite em que todos estão de acordo e pensam a mesma coisa é uma noite perdida”.

Das diferenças individuais nasce a criatividade como fonte de onde brota toda e qualquer conquista. São elas, efetivamente, responsáveis para que uma determinada tese, material ou espiritual, resulte, perante um determinado debate com opiniões diversas, num consenso capaz de concluir um ato plausível e concreto, derivado de um fator até então desconhecido. O nanobot, com sua consistência física puramente material, interagindo com a inteligência biológica, poderá vir a capacitá-la no sentido de que uma das coisas mais sublimes da vida, que é o sentimento espiritual, possa a vir desaparecer? Onde serão colocados o amor, a paixão,

a fraternidade, a solidariedade e os suspiros saudosos? Desaparecerão os poetas? E os romancistas “melosos”, onde vão ficar? O caráter humano também mudará?

Diante isso, antevê-se: o homem poderá deixar de ser ele próprio.

Nossos cientistas, pois, deverão pensar com cautela, deixando uma brecha para que os habitantes futuros deste amável planeta encontrem fórmulas que não venham a descaracterizá-los de vez. Essa preocupação já vem batendo à porta das discussões sobre assuntos de relevância extrema relacionados à marcha da evolução do homem sobre a Terra. Proposto pelos estudiosos, o esquema “O Futuro da Memória” tornou-se assunto de relevância já vazado na imprensa periódica do país. O pensador francês Roger Chartier, em visita a nós, brindou os estudiosos do assunto com um relevante compêndio lançado em 2005, onde aborda a história do livro e a da leitura nestes últimos trinta anos. Com sua lídima capacidade, põe em relevo a necessidade das bibliotecas futuras serem montadas em propósito digital, desde que seja preservado, contudo, o acervo normal de compêndios manuscritos ou impressos, num paralelo conservador. Numa entrevista dada a Nahima Maciel, da equipe do Correio Braziliense, 24/5/2007, dizia ele em 24/5/2007:

A relação entre escrita e cidadania é essencial. A introdução da comunicação e de publicações digitais desempenha papel contraditório. De um lado torna possível a comunicação livre, gratuita e imediata e dá suporte técnico aos sonhos das luzes, definido por Kant como o uso público de sua razão. [...] De outro lado, apesar da desigualdade de acesso a essas técnicas que custam dinheiro, o mundo eletrônico permite, com maior potência do que o impresso, a difusão de informações errôneas, de falsificações e propaganda mascarada sob a forma do saber. Os leitores (em particular os mais jovens) ficam privados de referências que permitam hierarquizar a autoridade dos saberes a partir de gêneros, editores e coleções.

Com o avanço espetacular da tecnologia no setor da informática, os laptops de hoje, quando em tempos vindos mui próximos, serão comparáveis às placas de tipos de chumbo utilizadas, com extrema galhardia, para o nascimento da palavra escrita e impressa em tipografia. Ao mesmo tempo, Nicholas Negroponte, que foi o lançador

desse maravilhoso protótipo — o XO — deverá ser chamado de Gutenberg da parafernália de amanhã. Os jovens do futuro tecerão loas e homenagens aos precursores dessas invenções coevas. As acharão maravilhosas. No íntimo, entretanto, com audaciosos risos de mofa, qualificam-nas como instrumentos grotescos, pensando em não saber como os jovens de antanho poderiam fazer seus cálculos em rudes máquinas!

A inteligência humana não tem limites. Para não ser considerado um pessimista, é bom que se lembre do velho William Shakespeare, que é citado sempre como um auxiliar diante de imprevistos embaraçosos, gerando com isso uma garantia para os que deslizam pelos meandros imprevisíveis do filosofar sem rumo. Eis o que ele disse com sabedoria: “Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o bem que poderíamos conquistar se não fosse o medo de errar”.

* * *

Ao final desse difícil imbróglio, quase foram esquecidos os pontos nevrálgicos propostos aqui, tantos foram os subterfúgios especulativos. É de salutar princípio, pois, que se continue a descrever o que se prometera fazer no início. João, um dos personagens de primeira linha desta despresticiosa e ambiciosa narrativa, então cansado de tanto rebuscar fatos anteriores que mexeram muito com sua memória, fortalecido com sua pequena oração, tornou-se aliviado. E, diante daquele torpor conhecido — aquele pequeno espaço que costuma tomar conta do pensamento de quem procura entrelaçar-se nos braços de Morfeu e, mesmo, antes de esconder-se em definitivo nas trevas do sono, a instalar-se de vez —, sentiu-se compensado pelas recordações, adormecendo efetivamente. Seus demais companheiros, meio emburrados, meio contemplativos com tanto quiproquó, se persignaram, fazendo o sinal da cruz, antes de cair nos leitos improvisados. Alguns, não muitos, embora contados a dedo, trabalharam no dia seguinte, cabisbaixos, pensativos e sonolentos, após uma noite maldormida, onde o caboclo-d’água reinara absoluto naquelas paragens formadas nos meandros do curso sinuoso do ribeirão que estancavam — tudo isso reflexo de seus sonhos paraxiais. Diversos afirmavam ser o caboclo-d’água

uma aparição misteriosa que é amiga de seus amigos e inimiga dos que não deixam em sua canoa um naco de fumo. Invulnerável a tiros, foge, entretanto, da canoa que tiver uma peixeira espetada no fundo. É termo das conversas do populacho ribeirinho das cabeceiras quietas e silenciosas do Rio São Francisco, que o tem como figura sobrenatural, capaz de muitas cenas de opróbrio. Quando aperreado, costuma migrar por tempo indeterminado para as nascentes de seus afluentes. Alguns acham ser ele o mesmo romãozinho que habita os chapadões do Planalto Central, fazendo suas traquinices em noites de lua cheia, quando o fogo-fátuo é visto nos espigões dos montes arredondados que emolduram o cerrado quieto, onde, lá uma vez ou outra, escuta-se o uivo saudoso do lobo-guará solitário, à procura de parceira. Há muita semelhança no modo de se apresentarem e agirem. Diz-se, com certa cautela, que ele invade os córregos e ribeirões, “móde” hibernar nas épocas de calor intenso. O homem é que lhe dá o nome: ora romãozinho, ora moleque-d’água, ora caboclo e bicho-d’água; dependendo da região em que ele reina soberanamente.

* * *

D. Alzira, enquanto seu marido estava empolgado com a construção da barragem, entretinha-se em ordenar os afazeres domésticos com suas empregadas, na sede da fazenda. Seu prazer maior era juntar a criançada para correr a Cartilha Analítica — livro usado naquele tempo para alfabetização. Usava desse artifício para avaliar o nível em que se encontrava a meninada. Isso era motivo de seus pais trabalharem mais à vontade, sabendo que seus filhos estavam em segurança e aprendendo a ler e escrever. Mas, não era só isso que ela fazia. Intrametia-se em tudo, inclusive com as parturientes, quando as aconselhava de como ter gestações normais. Até brinquedos trazia em sua bagagem, para animar a gurizada nas noites de verão intenso, antes de chegar a hora do lava-pés quotidiano para ir à cama. Ensinava, ainda, passagens bíblicas. Contava histórias medievais de fácil assimilação para aquela gente, que, embora rude no modo simples de viver, era, entretanto, aberta à compreensão de tudo que se lhes transmitia, principalmente quando isso fosse feito, como era na verdade feito, com amor e metodologia

perfeita a cada caso. À meninada da fazenda e adjacências ministrava aos domingos aulas de catecismo e preparo para primeira comunhão, que acontecia na sede da Diocese, na cidade de Paracatu. Após as cerimônias eclesásticas, voltava com a criançada para a fazenda. Mal iam chegando, descendo das conduções, os festejos começavam. O foguetório pipocava por todos os lados. E a sanfona do mestre João da Bode roncava que nem sapo-boi no brejo. O velho Custódio, morador mais antigo daquele sertão, o acompanhava, puxando sua rabeca, num ramerrame mui semelhante aos sons que emitem as rãs rapa-cuia, coaxando no mangue. Quer se queira ou não, seu som estridente e agarrado fazia o contralto daquele ritual mágico que contaminava a todos. Vez por outra, havia um descuido no manejo do arco sobre uma corda de seu instrumento mais retesada. Este, ao passar sobre ela, causava uma gastura danada de forte, que rebitava os pelos do corpo da maioria dos ouvintes participantes do pula-pula no terreiro. Os pais, rústicos peões, transbordavam de satisfação ao ver que seus filhos haviam sido consagrados pela primeira comunhão com Deus, estando voltados para a religião, na suposição que o futuro deles estava garantido, sob a proteção de seus anjos da guarda. A alegria tomava conta do terreiro em frente da casa-grande, onde se reuniam todos, patrões e empregados, em todas as ocasiões solenes: quer alegres, como nas ladainhas tiradas em honra aos santos que a folhinha da Diocese marcava de vermelho; quer tristes, quando havia algum problema de saúde acompanhado de óbito, com parentes e amigos da redondeza, ali do vale extenso do ribeirão Santo Aurélio, emoldurado pela Serra do Gomes. Entre os pousos da Folia do Divino, o da Santo Aurélio era um dos melhores. Ali, debaixo de intenso foguetório, era içada a bandeira vermelha, símbolo do Divino, tendo ao centro a figura de uma pomba esvoaçante, adejando por um céu rajado de ansiedades, onde eflúvios de raios magnetizantes, sedutores, fascinadores e encantadores quebravam a monotonia do vermelho esmaecido ao derredor. Era essa bandeira rubra recebida com entusiasmo e muita reverência. Seu estado virtual, tomado de uma força espiritual muito forte, agia na alma de quem a tocava, levando-a para um estado místico, transcendental, conduzindo-a para um aceite do que se deveria ser no contexto social, como também à suma esperança de que tudo daí para a frente transcorreria no Seio de Abraão.

A noitinha chegando trazia consigo também muitos peões e moças das vizinhanças. As danças e leilões iam madrugada adentro. Iam até quando o sol, vestido de gala com seu calção dourado, usando de fulgurante autoridade, convidava a todos para se acercar dos varais do curral a fim de saborear um bom leite ao pé da vaca. Zino sempre mandava escarnar um “pinguelo” de sobreano, de carne mais tenra, para um churrasco que ele mesmo gostava de administrar com todo o ritual aprendido nos pampas, para o almoço de despedida dos foliões. Às mulheres era reservado o preparo dos assados. A pele dos leitões, secretamente lavada em cachaça de alambique de barro, de tão bem tostada, era uma pururuca só: estalava ao menor movimento de uma colher ou de uma quicé intrometida. Na boca, nem é bom falar — o salivar era intenso, só de olhar aquela magnífica prenda dos deuses, inventada pelos mineiros de costado. A pinga era servida em cuités de orlas prateadas e em doses generosas. O milho verde assado, bem quentinho, era servido nas próprias palhas que eram disputadíssimas, porque protegiam as mãos.

A ladainha do Divino era rezada pelos cantadores-mestres, ritmando-a ao som das violas repicadas e do som surdo do tambor. Os presentes persignavam-se. Os homens tiravam seus chapéus. Com as cabeças descobertas, contrastavam com as mulheres de lenços cobrindo os cabelos. Os xales, em sua maioria confeccionados de crochê, eram jogados como palas às costas, pontas em franjas cobrindo o busto em sinal de respeito. Ambos curvados em reverência, faziam, por certo, pedidos os mais estapafúrdios — todos em consonância com os problemas de cada um. Daí as promessas que envolviam desde a vaquinha de leite que não se apresentara ao custeio, até o boi de canga que se encontrava tresmalhado. De permeio ia também o problema do milho que, embonecando, andava ameaçado não só pelo calor reinante e estridente do veranico de janeiro, como pelo assédio das maracanãs, periquitos e papagaios que, nessa safra, pareciam demasiadamente numerosos, muito mais que no ano antecedente. Até as jararacas-do-rabo-branco, muito comuns pela redondeza, faziam desfalques no rebanho, de maneira a mais surpreendente. Calculava-se, para justificar o fato, ser o período de sol ardente, que queimava o cerrado, torrando a terra, diminuindo assim o povoamento dos calangos e ratos que lhes serviam de pasto, hibernados que estavam nos ocos dos paus grossos ou nas socavas

dos terrenos mais úmidos. Alguns mais consternados imploravam pelo descanso providencial da mulher prenha de nove meses. É que, em sua contagem regressiva, dentro de seu medieval processo de dar um pique no cabo da vassoura de palha de licuri que ficava atrás da porta da sala, poderia não corresponder ao final dos 270 dias tão esperados. As mais astutas, quando carentes de carinho do marido, costumavam dar alguns piques, às escondidas, por sua conta, com o fim de incomodar o marido e receber mais aconchegos. Este, meio pra baixo, meio caído, quando nas rodadas de mais um mais outro e outro cuité de pinga, costumava, já pra lá de alto, transpor sua inquietação pelo atraso da vinda do filho desejado. Tornava-se chateado sem desejar trocar muita prosa sobre o assunto. Não gostava de pensar nisso. Assim, usando de linguajar característico, abria a alma e despejava o leque de suas atribulações:

— Pois num é? Tá custando de brotar! Já inté enterrei o pé de meia, a mando da cumade Zefa, qui todos sabem ser ela boa parteira, do lado esquerdo da porta da sala da casa, pru onde o isprito do bem deve entrar, sigundo ela, e nada de mais acontecer. D. Alzira já inté chamou a atenção para isso, pru móde num ripiá, pois chegada a hora tudo vai dá certo. Ela disse para todos que tavam angustiados pra continuar a fazê as promessas pru Divino qui estava visitano a fazenda, qui tudo ia correr bem.

Era D. Alzira, em todo sentido, uma psicóloga nata. Ninguém podia duvidar. No íntimo, no íntimo mesmo, sabia ela que a fé é a mestra mais poderosa criada pela consciência cósmica e que, por certo, serviria de calmante para quem a devotasse. Daí não se incomodar muito com o desvario daqueles atormentados maridos, ciosos de suas responsabilidades.

Se o fim da psicologia é o estudo detalhado do comportamento humano, para encontrar o fator que venha nos dar vontade de viver com satisfação, quebrando as pedras do caminho que tolhem nosso viajar, então D. Alzira era uma psicóloga formada nas lides da vida, tratando dos mais variados problemas estruturais que vinham ao seu encontro. Lançava mão de todos os meios para resolver um problema de ordem física ou espiritual. A religião era sua aliada fervorosa. Considerava-a sempre como um instrumento de larga viabilidade para trazer conforto a quem necessitasse. Eis por que facilitava o pouso da Folia do Divino que em todos os anos visitava

sua casa na fazenda. Na contramão do ano, também, eram salutares as fogueiras dos santos de junho e as desobrigas que o padre Joca fazia pela redondeza, com fulcro na fazenda do Lavado dos Campos — família de magistrados na comarca de Paracatu.

O pobre do marido cuja mulher “esperava”, que era por ela sabatinado, entretanto, por saber que o seguro morreu de velho, acendia uma vela ao santo e outra às simpatias, não deixando de deixar transparecer sua apreensão com esses causos que, segundo ele, eram deveras difíceis de engolir. Principalmente quando tomava sua branquinha, poderosa arma de ver navios. O receio da encruação era medonho, avaliado com o que acontece comumente com o ovo de galinha que gora quando no ninho é muito mexido. Até as trovoadas de abril, quando estremeciam a terra, interferiam no choco das penosas. Por isso nem chegar perto da mulher chegava, já havia bem mais de mês e tanto. Isso é que o deixava triste e meio ressabiado.

Já havia consultado a parteira que, querendo ajudar a gestante, punha-o apreensivo pelo atraso do desenlace. O que acontecia solertemente, entretanto, era a diferença que sempre havia, pois era costume verificar o período pelo andar da lua no firmamento. As folhinhas de parede marcavam as fases do nosso satélite, muita vez confundindo-as com a sua passagem pelo meridiano, na contagem do fuso horário, abrindo um leque de insegurança. Daí a diferença estar alicerçada nessa variação, postulando meses com mais de quatro semanas e vice-versa.

D. Alzira não se perturbava muito com o assunto. Sabia que erros eram humanos e que nem sempre os nove meses são perfeitamente contados na gravidez, que, em muitos casos, pode ser abreviada, mas não sabia de caso acontecido de uma ultrapassagem do tempo normal de gestação.

No avançar das batucadas pela madrugada, nas festas devotadas a diversos santos padroeiros, Zino e D. Alzira, não sabiam como agradecer a Deus, diziam eles, dada a tamanha demonstração de bem-aventurança e paz reinante na região. Nada mais era, esse fator, se for analisada a situação, do que um simples teste com o intuito de uma indicação de como estavam se sentindo seus empregados. Estariam trabalhando com desprendimento e boa vontade? Comungando assim, com esse propósito, atendiam a todos com seus peculiares sorrisos de imensa satisfação, até a hora

das despedidas dos foliões com o raiar da aurora. Essa mostra de lídima religiosidade era para eles, Zino e Alzira, um bálsamo fino de contentamento íntimo, como se estivessem, ajoelhados sob o teto de uma catedral imensa iluminada pelo sol do oriente, a transmutar suas consciências para o eterno porvir do paraíso celestial. Aqui encontrariam por certo o Deus Shiva — uma das entidades máximas do hinduísmo, que mostra a dança perpétua do universo, num bailado indicativo da marcha da energia cósmica formadora de toda matéria que transborda pelos mundos.

As fogueiras de junho, nem se fala, eram concorridíssimas. Os músicos da sede da comuna eram trazidos em caminhões repletos de moças e rapazes. O maxixe ajudava a moçada a balançar os quadris enfeitados de babados de chita vistosa, produzindo um mexe-mexe cadenciado pelo bumbo, compartilhado com o tremelique dos pandeiros. A garotada avançada na puberdade incipiente não tinha olhos pra outra parte da festa, senão para aquela que despertava neles sonhos de arribação. Fora disso somente o casamento improvisado à moda caipira era muito aplaudido e ansiosamente esperado.

O santo mais devotado, sem dúvida, era Santo Antônio — o casamenteiro. Chegado o dia 13, o alvoroço tomava conta da região onde estava localizada a fazenda. Em todos os retiros e casas de colonos, a estampa desse santo tremulava no alto de improvisados mastros fincados nos terreiros, balançando ao sopro do vento frio de junho, como uma bandeira a mostrar a religiosidade da família ali residente. O mastro maior, entretanto, ficava dividido em dois fulcros — polos de aglutinação de negócios mais arrojados naquela região. Assim os festejos dividiam-se: um em Santo Aurélio, outro em Boa Sorte, do então Raimundo Vargas, dinâmico político de prestígio e empresário bem-sucedido.

* * *

Quando na cidade, D. Alzira mostrava qualidades inerentes ao espírito da época, voltado para a cultura. Agia segundo agiam todas as demais senhoras, embora com pequenas nuances, em vista de estar léguas à frente do cotidiano. Vivendo em uma cidade praticamente isolada do resto da pátria, naquele mundão de tramela cerrada a tudo que era progresso, tinha como *hobby* ler tudo que

lhe chegava pelo correio. Este, quinzenalmente aparecia, após ter enfrentado estradas cheias de atoleiros e de rios sem pontes, transladando-os heroicamente em barcos a remo. Vez por outra os caminhões que traziam o correio, juntamente às cargas para o comércio, atolavam de tal jeito, que, forçados, deslizando em lamaçal de mais de meio metro de espessura, era comum terem seus motores a bater biela, ou a quebrar pontas de eixo. Quando isso acontecia, não havia alternativa, senão a de mandar emissários a fim de buscar nas cidades mais perto, Patos de Minas ou Paracatu, peças para substituir as que fundiam. Isso durava semana ou mais dias para acontecer, pois, em sua maioria, eram retificadas em Belo Horizonte, lá no Volpine Motores. Era tremendo o sacrifício dos proprietários dessas máquinas com que ganhavam o pão para si e sua família, e que traziam ao mesmo tempo alegria para os moradores da comuna chamada Paracatu, berço de muitos intelectuais que tiveram de migrar para outros recantos à procura de estabilidade cultural

À família Rabelo, cujos rebentos foram criados pela incansável D. Sinhá, muito deve essa cidade. Plasmados na honestidade e força de vontade de sua genitora, tornaram-se baluartes do progresso da Paracatu dos idos de quarenta. Em algum canto da Terra haverá por certo alguém que com perspicácia e sabedoria possa vir a levantar a biografia dessa maravilhosa família de inveterados trabalhadores. Não cabe aqui neste sinótico relevo. Será preciso, com certeza, de toneladas referenciais para julgar o trabalho honesto que enaltece a proba família, que despontou como pioneira no progresso da cidade. Dentro desse contexto, é bom que se lembre de textos de louvor que foram feitos através do livro “Orapronóbis”, onde, em poucas linhas, ressaltou-se o valor adquirido por essa plêiade de trabalhadores na árdua luta de todo dia. D. Sinhá morava à Rua São Domingos, bem defronte a Escola Normal. Trabalhava com afinco e botava a prole para ajudá-la em tudo que era preciso. Esse pormenor aqui comparece para provar que o trabalho com alegria é produtivo. Ali, vez por outra, havia uma roda de concerto musical executado pelos filhos. Anita, a mais velha, no seu violino, Virgílio no bandolim, Manoel no sax, e assim por diante. Tonico, o touro que carregava responsabilidade às costas, Geraldo, outro pivô do trabalho. Pedrinho e Zeca, os mais novos, e a menina Quinha, ainda necessitavam de cuidados, pela pequena idade. Em horas de lazer era bastante agradável ouvi-los.

Havia luta, havia lazer e felicidade que vêm se multiplicando pelo tempo nos filhos de seus filhos, netos e bisnetos.

Os dias da chegada do correio tornavam-se festivos. A maioria da população, principalmente coletores do fisco, estaduais e federais, diretores de escolas, professores e proprietários de casas comerciais se aninhavam na frente das caixas postais. E, na medida em que recebiam a correspondência, iam comentando as notícias dos jornais, que relatavam fatos políticos ou quotidianos, registrados na capital do Estado, passados há quase vinte, trinta dias atrás. A casa do correio transformava-se em parlamento, onde se debatia de tudo, desde o momento político até o preço do pão nas padarias, motivo da inflação alta que consumia o poder aquisitivo do povo, uma vez que o trigo era importado quase cem por cento. Vez por outra se comia um suculento pãozinho francês com perfume de gasolina ou querosene, fruto das cargas e descargas entre caminhões plantados nos atoleiros, numa mistura sem precedentes de tudo que conduziam juntos — sacos de farinha de trigo sobre latas de combustível. Nesse tempo, vinham estas dentro de caixas de madeira — duas a duas, pois não havia bombas para abastecer os tanques dos carros automotores em geral. Postos de gasolina? Eram miragens só concebidas em ideias mais avançadas.

Se para a população em geral era dia de festa, a chegada do correio, para o excêntrico agente Renato Roquette e os empregados Horácio e Joaquim, transformava-se em momentos traumatizantes, com todo o mundo querendo receber sua correspondência ao mesmo tempo. A abertura das malas era feita solenemente com chaves que só o agente tinha. Além disso, eram lavradas atas para cada mala aberta, descrevendo as cartas registradas e os valores que por acaso havia nelas. A segurança era observada sob todas as formas.

* * *

Já que se está revolvendo a história, é sempre de bom gosto ir perambulando pelas ruas tortas, de calçamento irregular, contando causos, recordando a vivência na cidade pequena — a Paracatu que já foi do Príncipe, — distante de tudo, mas perto do coração de seus munícipes, possuidores de um bairrismo incalculável. Ai de quem viesse retratá-la pejorativamente! A tradição, o culto aos antepas-

sados que brilharam na literatura e na política do país, eram anéis que emolduravam a alma de quem nascera ouvindo tecer glórias aos vultos eminentes de seu rincão. Na cidade havia somente o Grupo Escolar Afonso Arinos e a Escola Normal Antônio Carlos, esta voltada para o magistério, aliás, um dos estabelecimentos de ensino pedagógico mais avançado do Estado, com professores de alto gabarito, da comuna e alguns vindos da capital — a magnífica Belo Horizonte. Entre estes havia uma professora de Ciências vinda da Holanda, com pronúncia carregada que jamais atrapalhava sua maneira de ensinar: professora Guilhermina, de singular competência, uma pedagoga por natureza. A ela se deveu a instalação do laboratório de Ciências, um dos mais avançados para a época. A Escola Normal era de tal maneira eficaz que, além do preparo intelectual, preparava com mestria o homem para a vida. Naquele tempo já havia uma disciplina designada Socialização, que se destinava exclusivamente ao preparo do aluno para viver em sociedade. Cultivava-se a dramaturgia, a arte de pintar, os trabalhos manuais, e a música como matérias fundamentais, todas tendo valores para a aprovação ou não do aluno para as séries subsequentes. Hoje, perdoada a intromissão, o que se vê no ensino em geral é uma ilimitada massificação, ora preparando o homem não para ser ele mesmo, mas sim para ser robô nas fábricas, as mais diversas; ora manipulando-o por processos denominados de *marketing*, onde se ensina, por “decoreba”, meios de convencimento para atrair supostos compradores, obtendo assim maiores lucros para os grandes magazines. Usam sempre de chaves pedagógicas do tal *marketing* a cada reunião devotada exclusivamente a essa estratégia. De tudo isso se chega à conclusão de que na verdade é o homem dirigido por sistemas adrede preparados, desprezando a criatividade inerente a ele, desrespeitando sua individualidade. Vieram as sofisticações industriais, exigindo pessoal qualificado. Criaram os colégios polivalentes e atualizaram os institutos, induzindo a juventude a ser verdadeiras máquinas, sem preparo para viver em grupo, em sociedade e em família. Por que não unir o útil ao agradável? fazendo com que o jovem gire por entre as matérias de estudo, de forma a criar um operário qualificado? e ao mesmo tempo um ser capaz de viver na comunidade como ela exige? Será porque isso demanda tempo, e tempo é dinheiro? Disso tudo se deduz que a sociedade se materializa com o objetivo de um

crescimento vertical, em detrimento de uma horizontalidade proporcionadora da procura de sua igualdade cultural. Daí os desabafos de fins de semana, que nem sempre acabam bem, com exagerado uso de meios de compensação psicológica. O álcool e as drogas pesadas aí entram como fatores dessa compensação. É a marca dos tempos. Não há como fugir disso, a não ser procurar reverter esse estado falimentar com educação integral do ser: um sistema que se apresenta à sociedade como o único meio de sobrevivência. Assim, cada qual, se desejar, deverá procurar resolver esse assunto cruciante usando técnicas práticas para a complexa formação de caráter. Se assim não for, acumular-se-ão prejuízos incomensuráveis à vida familiar — onde reside a célula da sociedade como um todo. Terá, por certo, necessidade de utilizar seu livre-arbítrio, aglutinando a esse estado material absolutamente científico, de valoração do ser como ser que é — um pensador para viver em liberdade de expressão e ação. Que é de minha gente que se reunia sentada à porta da casa para ver a lua brincando de “pegadô” por entre as nuvens? Recebendo as visitas? Recitando poesias inocentes e, por vezes, soletrando modinhas saudosas, falando de amores impossíveis ao toque de um violão solitário? Cadê o som dolente do sino da Igreja do Rosário e o matraquear do pequeno da torre da Igreja da Matriz? Cadê?... Perderam-se no tempo das festas suntuosas de “Sombinidito”, levados pelos romeiros em seus carros de boi para as fazendas adjacentes. Suas ondas sonoras sumiram nas encostas do progresso vertiginoso, subindo a ladeira da Serra da Boa Vista para sentarem-se na magnífica Catedral de Brasília, fulcro da grandeza do país. Inda bem que assim seja! Cadê os piqueniques da Praia do Vigário, onde as famílias trocavam gentilezas, proporcionando aos seus rebentos folgarem em pura liberdade? Cadê? O corre-corre da vida moderna mecanizada sepultou-os na ânsia de amealhar mais e mais bens materiais. Qualquer popular, em alguma praça de qualquer comunidade, suado de tanto espicaçar para ganhar o pão de cada dia, se perguntado se pode ele despender dois minutos para uma conversa, responderá por certo: “Time is money”, virando as costas, continuando sua marcha acelerada, rompendo as ondas do ganho a qualquer preço.

Saudosismo? Não! É saudade mesmo — uma manifestação entranhada na alma lusitana, berço de conquistas intramares

desconhecidas, cantadas e decantadas pelo gênio de Camões. Dias, meses e anos navegando, jamais se esqueciam do canto da cotovia em tardinhas bolorentas, sentados à porta da cozinha de sua casa cercada de arvoredos. E o que é belo e bom se guarda no coração. Quando partiam levavam consigo essas atávicas lembranças como uma herança a sacudir a alma irrequieta, com vontade de voltar.

Para baralhar mais tudo isso chegou a internet, aos trambo-lhos, sem nenhuma forma normativa de cunho social. Foi aparecendo e sendo tomada pela juventude que a abraçou de vez. Como uma dádiva tecnológica de altíssimo valor, tornou-se a coisa mais importante da vida. Condensada como matéria de alta precisão de comunicabilidade, o sucesso trouxe também fatores de preocupação. Desenvolveu um meio de cultivo propício, na mão de pessoas não preparadas, contribuindo para a corrupção do corpo, do espírito e da sociedade. Corrompeu até a língua escrita, tornando-a, a muitos, confusa e incompreensível, dada a simbologia usada nas salas de bate-papo. O equilíbrio chegará por certo, não há dúvida, tendo em vista que esse sistema é o maior avanço tecnológico do século, tornando os homens mais próximos e presentes aos fatos oriundos de todo o planeta. O que se lamenta é a pouca vigilância da família, que não foi preparada para receber a rede mundial. Como forte meio de persuasão que é, trará pontos negativos que merecem vigilância. Fiscalizá-la? Impossível, pela sua amplitude. Cabe então o preparo do jovem para usá-la com responsabilidade. E, com certeza, é a família o meio mais simples, aliado à escola, para tentar resolver um problema que, mais tarde, se não tratado, poderá transformar-se num instrumento forte de dissolução da sociedade. Além disso, já se fala em uma dependência instalada no seu usuário contumaz sem limites, capaz de envolvê-lo por tempo indeterminado, ocasionando prejuízos nos estudos e demais ocupações comuns aos jovens.

Educar, contudo, não é reprimir. É convencer, aproveitando as individualidades, motivando-as para o futuro, usando-as na direção da liberdade e do livre-arbítrio, para encontrar a felicidade espiritual, aliada à boa saúde física e social.

Disso tudo, fica bem claro que não se está renegando o progresso. Absolutamente, não é este o propósito, de se enveredar por este assunto um tanto polêmico.

Entre os sociólogos, há correntes que são defensoras da *individualidade* como estado de vida, como a liderada por Milton Friedman, designado pelo cognome universal de “o filósofo da liberdade”, que desde sua juventude propugnava ser este o exclusivo fator do viver do ser humano. Isso na verdade dá muito que pensar... É necessário urgentemente qualificar, para sobreviver no mercado competitivo ao extremo, como o do momento? Sem dúvida! será a resposta. Contudo não será o bastante para que não se procure mudar o sistema educativo da sociedade no planeta. É bom que se qualifique o homem integralmente, com já foi dito acima, quer fisicamente, intelectualmente, espiritualmente e até civicamente, de forma a poder usufruir com dignidade e habilidade da tecnologia que está aí e que virá com mais intensidade, provocando novas descobertas científicas. Tudo isso, contudo, deve ter como princípio a valoração do homem como indivíduo que é. Numa ousada revolução sistêmica de ensino, poder-se-ia introduzir no fim do curso fundamental uma série destinada exclusivamente à pesquisa, colocando o jovem no laboratório. E, assim, deixá-lo a fazer projetos, acompanhados de orientadores, e não de determinadores. Com isso poderia alcançar o fim precípua e exclusivo de estar preparado para enfrentar a universalidade de seus sonhos, na faculdade que deva qualificá-lo.

* * *

O ensino no país, como estava organizado nos albores dos anos trinta, era uma balbúrdia. Imaginem só a aberração que era: os formandos das Escolas Normais não eram habilitados para prestar vestibular às faculdades. A maioria dos seus diplomados partia para outros centros, onde pudesse fazer o ginásio — um curso de igual paradigma —, que pelas leis vigentes era o único que lhe dava condições de tentar a universidade.

* * *

O sonho de Tião — e isso já ele dava de ser entendido por D. Alzira — era cursar a Faculdade de Direito em Belo Horizonte. Baseado no princípio de que as coisas, para serem realizadas, devem ser lembradas, resolveu reafirmá-las:

— Infelizmente não tenho condições de concretizar esse ideal — dizia ele — fincado aqui na nossa comunidade. O espírito acaba criando raízes de acomodação, se contentando somente com os livros que puder adquirir. É certo que fazer cultura não é necessariamente residir em grandes metrópoles. A Escola Normal me dá sustentação para isso, mas não é o que quero. Ser professor é sublimar o espírito, reconheço. O que acontece, porém, é que a música que se conhece por aqui passa pelo cantar surdo dos carros de boi, gemendo na imensidão dos cerrados, socavões, onde a languidez opera em todos os sentidos. Às vezes, ainda, sente-se o som musical de um riacho que solfeja seus gargarejos por entre o lajedo coberto de musgo e de lembranças copiadas em sua rústica retina de pedra. Nesta se fixa a presença dos animais que por ali chegam para saciar a sede e se amarem em doces enlevos criativos da continuação da espécie. Tudo está oculto no âmago das circunvoluções cerebrais formadoras da nostalgia e da vontade de sonhar, e daí como se fosse um longo caminhar pelo paraíso criado pelos deuses, inserido na formação espiritual do Ser, eterno peregrino compulsivo à procura da felicidade, morrendo por ela, digladiando por ela e se perdendo por ela, se necessário for... É o nascer silencioso e merencório da lua cheia, cuja luz opalescente vai, qual peguireiro, sinuosamente, avançando pelas encostas dos montes, onde as sombras teimam, batendo o pé, permanecer por sobre o arvoredo, tarjando de negro o baixo horizonte, local onde a terra se confunde com o céu. Tudo isso é maravilhoso se não fora a necessidade de sobrevivência em um mundo que exige que se corra, para não ser atropelado pela tecnologia que chega a galope.

Alzira, encantada com a explanação de Tião, sentia a cada frase um arrepio na pele. A leve penugem de seus braços cruzados sobre o peito eriçou-se. Uma coisa boa estava lhe acontecendo. Num gesto de inteira aprovação à exposição do rapazote — um espécime maduro como ninguém —, sentiu-se altamente sensibilizada. E percebendo a alta definição dos princípios emanados por um ser ainda tão jovem, parecendo a ela, Alzira, estar ouvindo não uma simples exposição de motivos, mas sim a página de um lindo poema. A lucidez com que expôs seus pensamentos tocou D. Alzira, fazendo-a lembrar de pessoas ilustres na história universal. Em sua análise andou comparando-o com alguns como Leibnitz, que apenas com

quinze anos de idade já entrara para a universidade, lá pelos anos de 1661 — um gênio que, embora ainda adolescente, debatia com Isaac Newton sobre Matemática, empregando sistemas de cálculo alucinantes para a época. Nem diante do menino de dezesseis anos de idade, como ele — o ínclito Albert Einstein, que sonhara viajar junto a um raio de luz para mostrar ao mundo que ela é constituída de uma partícula ondulatória mais tarde denominada por ele de fóton. Estava, pois, não em frente do revolucionário criador da Teoria da Relatividade, mas, sim, em frente do jovem Tião! Não tão gênio como aquele! Mas, diante de um superdotado. Em seus estudos, D. Alzira via seu menino como um clone de Leibniz, que aos vinte anos, em 1663, já estava preparado para receber o título de doutor em Direito. Emocionada, parou uns segundos para refletir e, com voz calculada, num timbre baixo, porém, forte, assegurou-lhe:

— Complete seu curso aqui na cidade, e venha, sem nenhum constrangimento, falar comigo. Eu levarei ao Zino suas aspirações. Tenho absoluta certeza de que ele vai contribuir para que seus sonhos se realizem.

Dizendo isso, abraçou-o, comovida. As lágrimas se confundiram! Os espíritos se entrelaçaram! Não há dúvida de que as consciências cósmicas buscaram nos modelos coletivos a razão para aquele deslumbrante desfecho. Se não fora isso, seria, no mínimo, um encontro de seres que se entendiam na altura de suas intelectualidades. Tião agradecia ao acontecimento “botão de rosa” tê-lo encaminhado aos enlevos de uma segunda mãe. E D. Alzira, a felicidade de estar se saindo como a mãe que desejava tanto ser...

* * *

Zino, como já foi explanado antes, no início deste relato, era um dos legítimos herdeiros do clã dos Cordeiro Valadares radicados no vale do Rio Urucuia, um volumoso afluente do São Francisco, cuja bacia é mais extensa do lado esquerdo, situando-se a nordeste do noroeste mineiro, numa região crivada de fazendas e fazendolas de gado, em sua maioria pertencentes a membros dessa operosa família. Recebeu uma educação mui semelhante à europeia, tendo frequentado escolas refinadas da capital do Estado. Era inveterado colecionador de selos postais. Sua coleção era rica em exemplares

de quase todos os países do mundo civilizado. Sinal de que mantinha acesa uma cordial amizade com diversos outros seus colegas, amantes da filatelia, modalidade que interagia pessoas de alto nível intelectual. Entrementes, tornava-se uma pessoa taciturna quando recebia correspondência sutilmente úmida, em algumas vezes molhada mesmo, pelas chuvas torrenciais de verão, danificando os selos postais que emolduravam seus envelopes. Era também um leitor assíduo dos melhores lançamentos editoriais da capital do Estado. Sua biblioteca era cuidadosamente organizada. Situava-se em uma sala dos fundos de sua residência, onde só Alzira tinha acesso. Continha livros mui bem cuidados. Era seu orgulho. Ciumento deles como ninguém, recomendava a sua esposa cautela em não deixar a porta do seu escritório aberta quando estivesse fora. Fazia duas, três, ou mais viagens à capital do Estado por ano.

Belo Horizonte, a meca dos mineiros, crescia assustadoramente. Cidade traçada para receber 200 mil habitantes, já andava pelos trezentos e cinquenta mil. Cada dia aumentava mais o número de burocratas em suas repartições, fruto da política paternalista da época. Em tardes ardentes, o verão por ali era simplesmente pipocante. A cidade se situa às fraldas da Serra do Curral, uma montanha de ferro quase puro, que, como elemento de forte poder agregador de energia, condensa-a pela incidência dos raios solares, soprando por ação dos alísios como um gigantesco fole, cobrindo o vale onde se situa Belo Horizonte. Tão quente permanecia, que era possível fritar ovos nas profundas cavidades produzidas pelos saltos dos sapatos dos transeuntes deixados no asfalto mole. Suas largas avenidas, entretanto, arborizadas com fartura, amenizavam a temperatura escaldante... O calçamento novo era volúvel ao forte aquecimento. A Praça da Liberdade, às dezessete horas, findos os expedientes nas secretarias do governo ali sediado, coloria-se de tonalidades diversas, conforme o trajar dos securitários, de costumes acentuadamente diferentes. Era o espelho das várias etnias culturais do chão mineiro — um extenso e intricado mosaico. Uns vindos sob o gargarejo da máquina pertencente à Rede Mineira de Viação, jocosamente apelidada de “Ruim Mas Vai” — RMV, bitola estreita, chegavam à capital pelo lado direito do Ribeirão Arrudas. Os sinos espalhafatosamente acionados pelo maquinista pipocavam alegres, galgando com ufanismo a estação de desembarque. Acompanhando

os silvos emanados pelo escape dos vapores libertos da caldeira de água fervente, transformavam-se em um compêndio de lembranças sutis do sertão. Assemelhavam-se aos uivos dos lobos-guará, que, cabeças empinadas, saudavam a lua cheia, navegando por entre as raras nuvens da primavera entrante. Saudações essas reverberadas nas serranias alongadas, emolduradas pelas cachoeiras, derramando saudades. Às fraldas dos morrotes, aos saltos, as siriemas, nas tardes dolentes de final de agosto, trotavam, balançando os finos penachos fincados em suas pequeníssimas cabeças. A brisa que ameniza a quentura brava de então faz tremular a terra rente à vegetação fina do cerrado triste. Seus cantos ritmados, compassadamente desafinados, misturavam-se aos zunidos do vento, num “três pote... três pote... três pote...” infindo. Aqui e acolá, o serpentear da máquina da RMV pelas campinas riscadas pelas veredas de buritizais escrevia a história desse sertão bravo, clivado de redemoinhos, como se fossem chaminés de grandes fábricas. No encalço disso, atrás no tempo, o som das boiadas e dos boiadeiros ritmavam a música do tropear do gado, por meses a caminho das invernadas do sul mineiro e oeste paulista. O som do berrante, instrumento rústico confeccionado com os chifres enovelados de erados mirandeiros, traduzia a melancolia que os peões, longe de casa, sentiam. Serviam como único método que conseguia enovelar o gado na junta para examinar e contar o rebanho... Dessa mistura de ruídos e sons, o sino repicado da RMV simboliza o gemido do vento nas folhas do buriti num zum... comprido e fino, penetrante na alma do mineiro do sertão. Finalmente, como último suspiro, a máquina, vagarosamente, vai encostando-se na estação embaixo da Rua Sapucaí, resfolegando forte, acordando o viajante que apressado junta a maranha de pertences, jamais se esquecendo da lata da matula que sobrou, sua companheira inseparável, para desembarcar afinal...

Outros, beirando a margem esquerda do Rio Arrudas, chegavam, trovejando “café com pão, manteiga não”... Os apitos troavam com o som de suas máquinas, bitola larga, o fausto do homem da Zona da Mata. Os filhos dos Barões do Café da região sulina, lídimos representantes da *finesse* europeia, atrevidamente procuravam impor seus costumes e tradições, contrastando com os caipiras do noroeste, inexequíveis membros da cultura lânguida do cerrado, onde flutua a poesia melancólica de um povo sabedor que

o futuro só a eles pertence. Isolados da pátria, sobrevivem ao custo de si próprios. Nem por isso, dentro ou fora da universidade, se submetiam às considerações dos almofadinhas de bolsas estufadas pelas libras inglesas, compradoras do café brasileiro.

Quase todos os estudantes universitários vindos do interior tinham uma sinecura nas secretarias estaduais doadas pelo governo, até se formarem. Todas elas eram substancialmente rendosas. Eram doadas com valores proporcionais aos eleitores de cabresto dos grotões, comandados a ferro e fogo pelos coronéis latifundiários, seus genitores. O chefe político do interior media seu prestígio conforme o valor dessa moeda de troca “democrática”. O Bar Trianon, à Rua da Bahia, na capital do Estado, era o local preferido para julgar, nessa bolsa virtual, esses valores políticos. Era o ponto onde eles se deflagravam, medindo assim a potência de cada clã. Pelo rótulo do uísque, colocado no meio da mesinha do bar, avaliava-se o poderio político do chefe perante as forças que comandavam o destino do Estado. As mesas que ficavam dentro do estabelecimento, mas quase à porta de entrada da magnífica e bem decorada casa de bebidas e pasto, eram disputadíssimas. Isso porque seus ocupantes faziam charme político para os transeuntes que por ali passavam na calçada. Em sua maioria eram amanuenses e universitários. Rotundas senhoras, acompanhadas de moças coquetes, indo às compras pelo centro comercial da capital, faziam seu *trottoir*, irreverentes e fascinantes. Quase todas vindas do interior, na sua maioria hospedadas com seus respectivos esposos — deputados à Assembleia Mineira — no Grande Hotel Maleta, logo ali, no segundo quarteirão. O brilho das joias resplandecia nos colares de pérolas, nos brincos e anéis de ouro pontilhados de pedras preciosas, garimpadas no solo mineiro por sofedores meias-praças que de sol a sol bateavam-nas em puxados feitos no leito dos rios e riachos, seguindo as grupiaras que os donos do garimpo indicavam.

As ruas centrais transformavam-se em charmoso ambiente, onde finas senhoras, com seus chapéus caros e bolsas recheadas, desfilavam em corsos rutilantes, demonstrativos de fidalguia e nobreza. Simbolizavam em sua maioria o desejo de uma sólida sincronia demonstrada pelo mineiro do interior, principalmente, com sua bela capital. Cobiçosos vendedores das casas de moda, sorveterias e perfumarias de largo estilo — como a Lutz Ferrando,

Sloper e o Magazine Guanabara —, já mais embaixo, esquina da Afonso Pena, extasiavam-se ao realizar bons negócios. O Bar do Ponto, na convergência das principais ruas que ligavam o centro aos bairros — vértice do início das linhas de bonde para a periferia da cidade —, era mais frequentado por estudantes, jornalistas, escritores e gente respiradora de arte por todos os poros. O Café Íris, na confluência da Praça Sete, era o espelho da vida mineira — ali os negócios pululavam. Havia de tudo um pouco, transformando esse ponto na bolsa onde pulsava a vida do Estado. Por outra parte, uma percentagem regular, desejosa de imitar os costumes parisienses, fingia estar desfilando pelos *boulevards* da bela capital francesa, quando não nos calçadões de Hollywood, aonde graciosas atrizes se conduziam de modo avançado, quer no vestuário, quer no comportamento, haja vista o uso que faziam, ao doce enlevo da multidão de admiradores, de longas piteiras a sorverem o odor e a elegância de soltar sutilmente a fumaça dos cigarros. Fingia-se ainda, com mais frequência, estar desfrutando o próprio *glamour* da corte inglesa, com o uso, por parte das mulheres, de grandes chapéus e bolsas excêntricas trazidas da Índia. Por parte dos homens, colete fino de cujo bolsinho emergia grossa corrente de ouro a sufocar o relógio, que era consultado, muita vez, para demonstrar charme e elegância. Não era permitida a entrada no Cine Avenida, situado quase no final da Afonso Pena, pessoa que não estivesse devidamente paramentada com gravata e tudo que a aristocracia exigia. Ali, no velho casarão, desfilava a fina flor da elegância mineira, no sentido de assistir, além de fitas cinematográficas, peças teatrais de companhias vindas do Rio de Janeiro. Entre estas se destacava a intitulada “Deus lhe Pague”, de Juracy Camargo, na interpretação de Procópio Ferreira, uma complexa e profunda análise da vida em sociedade, contrastando com as deliciosas comédias interpretadas pela então jovem atriz Eva Tudor. Após isso, as sorveterias e confeitarias se enchiam de gente “fina”. Belo Horizonte refinava-se! O *footing* era feito entre a Rua da Bahia e a Praça Sete, das oito às dez horas das noites quentes. Do lado esquerdo de quem descia do Bar do Ponto em direção à Feira de Amostras, desfilava a *high society*, do direito, militares em folga, domésticas, profissionais do comércio e indústria, e muitos outros lutadores do dia a dia da capital. E muitas bagageiras, como eram algumas denominadas.

O Diretório Central dos Estudantes — o DCE — situava-se em salões no prédio do Magazine Guanabara e era presidido em 1941-42 por Newton Cavalière, formando da Faculdade de Engenharia, mineiro de Itabirito. Posteriormente, para designar esse pequeno período, por Adélio Gomes, da Faculdade de Farmácia, natural de Patos de Minas. O DCE era o refúgio dos estudantes que não tinham muitos recursos para frequentar os opulentos bailes do Automóvel Clube. Então, conseguiam realizar horas dançantes aos sábados. A UNE estava engatinhando. Esse período está sendo citado aqui para evidenciar o Congresso Brasileiro de Estudantes, realizado na cidade do Rio de Janeiro, convocado pelo então ministro da Educação do Governo Getúlio Vargas, o ínclito Gustavo Capanema. Pela primeira vez, no governo ditatorial, estudantes do Brasil inteiro reuniram-se para discutir assuntos pertinentes à classe. E, no seu desenrolar, estourou a vontade, quase por absoluta maioria, de que o governo marcasse eleições livres. Nesse *affaire*, a volta ao Estado Democrático, com todas as suas perspectivas de liberdade integral para o povo brasileiro, foi ato de muitas discussões de relevância política. O ano de 1942 marcou o lançamento, ao solo da pátria, da semente das liberdades individuais, estado que, posteriormente, deveria estourar em 1945. Aqui então é que acabou sendo desenrolado como fruto da instalação da República do Galeão — uma forma militar de governo paralelo arranjado para postular a apuração do crime do assassinato do major Vaz, um acompanhante voluntário do deputado Carlos Lacerda. Este, juntamente com o deputado Afonso Arinos de Melo Franco — um mineiro com raízes de sangue em Paracatu —, consignou-se como sustentáculo desse movimento militar dentro da Câmara dos Deputados.

Não se pode avaliar aqui a intenção sub-reptícia do ministro Gustavo Capanema quanto ao efeito da tal convocação estudantil para assunto de extrema complexidade. O certo é que a semente teria sido lançada por um mineiro de alta capacidade cultural e social, tornando-se o isqueiro que acenderia a chama da queda da Ditadura Vargas.

* * *

Zino hospedava-se sempre no Lice Hotel, à Avenida Paraná, reduto preferido dos paracatuenses que iam a Belo Horizonte. Ali ficava o comércio pesado da capital, onde ele se abastecia de maquinário e ferramentas para suas fazendas. Gostava imensamente, como a maioria dos interioranos do Estado, era de visitar a Feira de Amostras. Junto dela tinha sido instalada a mais potente rádio emissora do centro brasileiro daquela década, a PRI3 — Rádio Inconfidência de Minas Gerais, órgão do governo estadual, localizada em terreno onde, no começo da cidade, era o Mercado Municipal. Tornou-se assim um grande e útil veículo de intercomunicação entre as comunas mineiras. Hoje, ali, desmanchada a feira, um órgão de interesse turístico e de alto valor comercial, criado pelo então secretário do Governo, Dr. Israel Pinheiro, foi plantada a estação rodoviária. Será que em Belo Horizonte não havia outro local para isso? Não é desmanchando monumentos — elementos vivos da construção da história de um povo — que se enaltece uma administração. Haja vista a derrubada das árvores do meio da Avenida Afonso Pena, para melhor dar vazão ao trânsito no centro da cidade, pelo então prefeito Jorge Carone. Sua Exa. extirpou todo o encanto de uma via, que, ao lado do parque municipal, fazia parte do reduto ecológico — um orgulho da cultura, da arte e tradição mineira. Espantou com isso os pássaros que ali viviam, fechando também a única fonte de oxigênio puro emanado pelas árvores existentes outrora no centro da Afonso Pena. Saudosismo? Até que é. É gratificante vivê-lo, conservando-o na intimidade do que foi e que poderia ter ficado.

A rua entupida de veículos será sinal de riqueza, de felicidade e do bom viver de uma comunidade? Mas!... Deixemos isso pra lá. Será preciso pagar o preço de viver-se à altura do progresso tecnológico do século? Quanto tempo vai durar esse sistema de agressão à natureza em todos os quadrantes do planeta Terra? Duzentos... Quinhentos anos? É por aí, dizem os estudiosos. A matéria, segundo as novas descobertas da Teoria Quântica, se renova ininterrupta e permanentemente num universo em movimento. A vida, porém, consequência disso, como esse sistema indica — por estar firmemente assentada na existência do conjunto carbono-oxigênio-hidrogênio, nos estados quimiofísicos que se encontram na atualidade —, pode ficar comprometida. Não seria de bom alvitre que

esses elementos formadores do complexo denominado vida venham a se transformar em partículas outras, numa permanente criação de diferentes mundos subatômicos, desfigurando a natureza como ela se apresenta no momento... Não seria.

* * *

Alzira delirava com as revistas editadas na capital do país com que ele, Zino, em suas visitas à capital do Estado, jamais se esquecia de presentear-la em seu regresso. *A Semana Ilustrada*, editada no Rio de Janeiro, de fino acabamento em papel-linho, contendo gravuras da lavra dos mais abalizados artistas pátrios daquela época, fazia-se de carro-chefe. Os exemplares da outra cobiçada revista, *A Careta*, que eram disputados a tapa em virtude do seu pedigree famoso, eram colecionados para lê-los e relê-los, nos períodos que se convencionou chamar de entressafra da solidão. Nela os caricaturistas da época retratavam ora a vida quotidiana da corte, com seus dândis malucos, ágeis no manusear cartas nas bancas de pôquer, nos requintados cassinos; ora as turnês à porta da Confeitaria Colombo; ora a dos políticos barrigudos, lídimos exemplares do coronelismo do interior do país, que na corte só queriam saber de óperas e concertos onde pontificavam as artistas consulares. Estes últimos, o muito que faziam era circular pela Rua do Ouvidor, pontilhada de joalherias famosas, onde se discutia quais os perolados mais justificáveis que deveriam ser levados às *cocottes danseuses* que perambulavam pelos camarins dos teatros de revista. O que mais gostavam, entretanto, era malhar o governo na contingência dos comícios dos oposicionistas, a desancá-lo em reuniões relâmpago às escadarias do Municipal, onde exercitavam seus dons oratórios de agrado do populacho que por ali transitava. A maioria mesmo exercitava-se era nos finos restaurantes do Largo do Machado, próximos aos palácios Catete e Monroe, onde permaneciam por toda a tarde. Além de participarem de lautos almoços, ditos de trabalho, liam com especial carinho a coluna social dos seus prediletos periódicos. Alguns — nada tendo, ou não querendo ter o que fazer —, tragando belos havanas, tomavam parte no concurso de, tentando num extremo esforço, não deixar que suas cinzas caíssem. Com isso desejavam mostrar — aos metidos a socialistas e ao mundo em particular — o valor dos operários cubanos,

os melhores fabricantes de charutos. “Homens fortes como as folhas do tabaco, persistentes como suas cinzas, que eram duradouras a todo tempo.” Dali saíam às vezes para bater o ponto, assinando as atas das sessões parlamentares sem as ler, concordando com tudo ali relatado, exultantes por ter dado uma “magnífica contribuição” para o progresso de seu querido Brasil. Costumavam ainda, num belo gesto de trazer suas bases motivadas, enviar os periódicos emoldurados pelo Diário da Câmara Estadual a seus digníssimos correligionários do interior. Se saía alguma publicação no Diário Oficial do Estado de Minas dando parte de nomeação para seu distrito eleitoral, mandava pelo correio umas dúzias do mesmo para ser distribuído na cidade-polo. Bastava um decreto movendo um delegado de polícia, um guarda-fio do telégrafo, um agente do fisco da fronteira, ou mesmo uma remoção de comando do destacamento militar, aí ia ele mesmo, pessoalmente, levar o jornal às suas bases. Nessas ocasiões costumava ir ao barbeiro de sua cidade, sem muita necessidade, com o fim precípua de relatar os ocorridos gestos generosos do governo estadual de quem era correligionário.

O barbeiro nas cidades interioranas é o interlocutor de todas as mazelas e efemérides acontecidas na comuna. Na maioria é o porta-voz do povo e dos legisladores que vivem nas capitais. Por isso é o mais valioso cabo eleitoral dos membros do parlamento. Muitos, até, ao lado da tesoura e da navalha afiada, costumavam, virtualmente, saber também manobrar o esquadrão e o compasso, tendo o nível na capanga. Diziam serem pedreiros livres, construindo, na acepção da comunidade, não catedrais, mas sim portais por onde entrava a liberdade, a igualdade e sobretudo a fraternidade. Isso era demonstrado na forma de administrar esses conceitos, sutilmente encontrados no manejo de suas ferramentas, soprando ao ouvido de seus clientes formas de conduta e processos de se tornarem livres e de ter bons costumes como metas de vida. Alguns, “les amis habitués”, faziam-no confiante. Selecionado, dentre estes o mais íntimo, agia como um *expert* em assuntos pessoais. Era aí que ele, manobrando a tesoura com a firmeza de costume, embora com certa lentidão para ganhar tempo de conversa, pela cabeleira de seu interlocutor, usava da deixa dos segredos, como uma pasta de boa argila gostosa de ser manipulada. Às vezes os assuntos eram tão discretos que os seus clientes abriam o Jornal do Dia para

ler, e, semelhantes aos ventríloquos, conversavam baixinho como se estivessem lendo os artigos do matutino. E, assim, uai! a vida para ambos corria no entrelaçamento de opiniões e questões a ser resolvidas cada qual ao seu modo, para no final saírem ambos satisfeitos, com ares de terem cumprido o “dever de casa”. Assim, o barbeiro tinha na comunidade um lugar de destaque. Quem o observa por esse prisma diria tratar-se de nato analista, concorrente infável do sacerdote responsável pela paróquia, já que não havia médico especialista no ramo pelo interior mineiro...

Até mesmo o padre Joca dava trela com seu barbeiro, aonde ia para cortar o cabelo e tosar, raspando o miolo da cabeça, orquestrando aquela coroa que era obrigatoriamente feita à navalha. Isso era o símbolo que lhe dava superior sentido de diferenciar o sacerdote do leigo. Gostava muito de frequentar o salão do Eliseu, ali na Rua Goiás, uma similitude de barbearia e agência de viagens, onde se comprava o bilhete para pegar a jardineira com destino à cidade de Patos de Minas. Ali padre Joca colhia subsídios para avaliar a temperatura de sua paróquia. Pessoalmente admirava o modo discreto como lhe eram passadas as notícias da comuna. Particularmente, brincava com seu cabeleireiro, citando trechos da ópera de Gioachino Rossini intitulada “O Barbeiro de Sevilha”, em cuja essência descrevia Fígaro, barbeiro da cidade que gostava de participar de todos os planos e intrigas. Os contadores de lorotas daqueles tempos, dados aos mexericos, enchiam os salões aristocráticos, relatando com malícia a estória de que Rossini fora movido por força a escrever essa ópera, com o fim de pagar uma dívida. Como o credor havia lhe dado poucos dias para tal, andou buscando trechos musicais da “Aureliano” e da “Sigismondo” — criações suas também —, conseguindo assim apresentá-la no tempo aprazado, isto é, em três semanas. Sua estreia, entretanto, fora um desastre, tendo sido considerada abaixo da crítica. E foi vaiado. O pior, entretanto, é que ocorreram vários acidentes não previstos no desenrolar do evento. Entre estes se destacou o de quebrar-se uma corda de uma viola entre as muitas componentes da orquestra. E se isso não bastasse, o inesperado salto de um gato no palco motivou risotas e achaques que quase trouxeram o teatro abaixo com assobios e outras manifestações de desagrado pelos espectadores. Amolado, não apareceu em sua segunda apresentação, feita com mais cautela,

pela argúcia de seus amigos e admiradores. Daí para a frente houve uma recuperação notável, movida pela sua genial capacidade e inteligência. Nasceram disso sucessos absolutos, com premiações dos críticos reverberadas pelo público da época.

O procedimento do felino, entrando em cena, ficara, entretanto, marcado na história pinturesca dos acontecimentos burlescos da época, epilogados por longos tempos em convescotes informais.

O bichano, sem saber por que, desabou no palco. Inclinou a cabeça para baixo, deixando-a cair sob o pescoço. Levantou, desconfiado, a cauda. Deu um ronronar grave, olhou em roda e, se pudesse reagir como um primata, teria com as duas mãos em concha tapado as orelhas ante aquela barulheira de instrumentos musicais acompanhada de vozes em contralto. Era um erudito som grave feminino, entre o tenor e o meio-soprano, misturado aos fortes assobios dos assistentes, que descambava para uma douda balbúrdia, atordoando-o. Na verdade eram sons agradáveis os inseridos no corpo da peça musical dramatizada. Mas, desconstruídos e mal aglutinados, dado o descompasso dos componentes da orquestra, juntamente com o estado emocional dos atores, viraram um Vesúvio de timbres esquisitos. Pelo dito e não visto, o pobre gato, coitado, estava consternado — um ser digno de dó. A plateia, rugindo, gritando, assobiando, castigava seu tímpano, penetrando fundo nele, ensurdecendo o angustiado e pobre animal. Este, antes cognominado o “Rei das Noites”, batia o focinho nas placas paisagistas de mudança de cenário, não sabendo por onde sair. Desorientado pelos gritos da multidão, andou cambalhotando pela ribalta, transformando-se em instrumento de galhofa e riso por toda a plateia. A ópera, em sua essência, fora esquecida. Seus atores passaram a ser bufões, correndo a querer pegar o bichano que tomou conta da apresentação. Para o gato-ator voltaram-se todas as atenções da, até há pouco, erudita assistência, transformando-a numa turbulenta massa de desancadores ferozes. Se fosse ele um ser pensante deveria deixar o palco todo cheio de orgulho, tamanhas foram as ovações que retumbaram por todo o teatro, consagrando-o “Imperador da Ribalta”.

Em face de tais acontecimentos, poderiam alguns concluir tratar-se do Gato da Georgeta ressuscitado? Não era possível, pelo desencontro de datas, raciocinavam muitos. Mas, alguns, por superstição, passaram a supor que sim — ele mesmo —, uma vez

que os gatos são possuidores de sete fôlegos e sete vidas. O Gato da Georgeta era um exemplar inusitado! Só podia ser ele! Se não fora — as aparências não se contraditavam —, havia muita semelhança! Haja vista suas peripécias sobre os telhados das casas da Rua Direita! Por ali, fazia ele, das cumeeiras das habitações anexadas umas às outras, sua poética passarela, onde reinava soberbo nos encontros amorosos. Nas noites de verão causticante, suas peripécias acabavam por despertar, com seu miar singular, os casais humanos, que, estando a dormir, passavam a navegar em outros níveis de apaixonados sonhos novelescos. Se fora só isso o acontecido, tudo bem. É que andava ele, porém, a praticar estripulias de entortar o cano, indo, sem constrangimentos, visitar as gaiolas dos pássaros de estimação das moças solteironas, moradoras por ali, que os tinham como passatempo. Aparecia, nas salas, nas alcovas, nas cozinhas, sem mais nem menos, como alma do outro mundo, a navegar pela escuridão da noite... Conta-se que ele só não pôde se divertir com o papagaio da própria Georgeta, sua dona. O louro emplumava-se todo e, à sua aproximação, abria o bico e danava a gritar todo arrepiado:

— Georgeta! Georgeta! — e, encarando-o: — Sai, demo! Georgeta! Tem ladrão! Traz o caldeirão de água quente! Georgeta!

E pegava a lata onde estava sua comida e água com o bico e derramava em cima do bichano, que corria ao ouvir a palavra água, e sentir o líquido no lombo.

Dizem que gato escaldado de água quente tem medo da fria. Muita gente não acredita, mas o louro tanto acreditava, que abria o bico a falar água... água! até o bicho ir embora. O que parece é que ele também se fazia de entendido, tal a carreira que encetava frente à maldita frase aprendida pelo papagaio. Este, vez por outra, usando das palavras de uma modinha solta ao vento por sua dona a trabalhar na cozinha, cabriolava em suas sílabas: “Papagaio louro do bico dourado, leva esta carta pra minha namorada...”. E terminava: “Dá o pé, louro? Ram... Dá o pé?”.

Com isso, Georgeta trabalhava melhor, desviando seu olhar vez por outra em direção ao louro inteligente.

O gato não ficava atrás. Era danado! Parecia parente do “gato de Erwin Schrödinger”, que após a experiência que sofreu, apresentou dois estados físicos diferentes: podia ser um gato morto ou um gato vivo.

Essa estória dos dois “estados físicos” do gato da experiência, que se desenvolveu para provar a Lei das Incertezas de Heisenberg dentro da Física Quântica, aguçou o espírito dos estudiosos de acontecimentos científicos e muita controvérsia apareceu. Cá de Minas, onde há muita carolice, alguns só acreditavam mesmo era nas leis newtonianas e cartesianas. Alguns, por gaiatice, acertavam os ponteiros em perguntar por que Schrödinger escolheu um gato para suas experiências e não outro animal, um pássaro ou um lagarto, ou outro qualquer? Respondiam eles mesmos para si próprios: — Ora! Sabia ele que gato é animal que tem sete fôlegos e sete vidas! Daí, não ia morrer à toa. Podia ser até um truque, quem sabe? Gato nascido na Minas Gerais... Não sei não...

* * *

Frei Betto anda dizendo que ser mineiro é fingir que não sabe aquilo que sabe. E que bom mineiro não laça boi com embira.

Daí ter o gato da Georgeta aprendido o jogo de cintura da gataíada mineira, reinando entre eles como o cara que sonhou ser sultão um dia, no bom sentido, palavreado de Humberto de Campos, que estendeu sua loquacidade em rimas:

Tenho um serralho na Turquia; e eu mesmo,
Por não sei quais aberrações humanas,
Fui transformado, por milagres, e a esmo,
No alto chefe das gentes otomanas.

[...]

E assim sonhando, a ânsia do sangue calo.
O homem que sonha pode ter até
O ouro das Arcas de Sardanapalo
E as mil mulheres de Mulei-Hamé.

E o gato sonhava em ter tudo aquilo em forma de mil gatinhas só para ele. Quem sabe também, diziam mais outros que gostavam de pesquisar, não seria esse bichano o tal do Gato de Botas? Aquele criado por Charles Perrault, lá pelo desenrolar do século XIX?

Parece mui com ele, diria o Veríssimo em suas elucubrações com a Bernardina e o filósofo Roque. Porque o “de botas” ajudava seu dono, com o pensamento lá adiante, igual ao jogador de xadrez que mexe com uma pedra, já sabendo o resultado de dois a três lances na frente. A diferença é que às vezes agia inconscientemente, segundo seu criador.

Será que o Veríssimo, em sua intimidade, na inconsciência autógena, pendendo para difusas e profundas interrogações ao limite de um esquizofrênico, não se julgava um senhor Gato de Botas, defensor dos esquecidos da vida? Parecia que era, na opinião de seus íntimos naturais do meio em que vivia. Parecia ser, sim! Sem dúvida! Um mestre solucionador, usando métodos os mais estapafúrdios. Parecia ainda, contudo, crer que era ele mesmo uma entidade suficiente para resolver os mais difíceis e íntimos problemas. Com isso despertava, aos insatisfeitos por qualquer gênero de coisas, ser capaz de desenvolver um estado de atividade física e mental que chegava aos parâmetros do incognoscível. Por fim, seria ele uma formação sistêmica glamorosa? que levava o interlocutor a obter um resultando numa avaliação de alta significação, elevando-o ao estado de singular herói, transformador de situações injustiçadas? Seria? O problema paradoxal se encerra por aqui.

* * *

Como não tinha filhos, o prazer de Zino, era, às devidas horas da noite, antes de recolher-se aos seus aposentos, trocar ideias com a sua esposa, Alzira. Esta, a fim de fornecer subsídios, devorava os compêndios literários com sofreguidão incalculável, oferecendo-lhe suporte para as tertúlias que, muita vez, prolongavam-se madrugada adentro. Em várias ocasiões, quando se encontrava sozinha por estar Zino viajando a negócios, vivendo assim em intermináveis noites de silêncio profundo, na quietude de sua cidadezinha, levantava-se do leito. E no escritório dedicava-se inteiramente a rever as cartas recebidas de quando, apaixonado, seu marido lhe escrevia do distrito de Alegres, hoje a cidade de João Pinheiro, prometendo-lhe juras de amor eterno. Atrás disso, folheava seu álbum de fotografias onde ambos se apresentavam em passeios inesquecíveis por países sul-americanos e europeus. Como os lembrava! Retratabam dias

alegres, intermináveis, onde os risos e atos lindos de bem querer fervilhavam. Ficava, muita vez, ouvindo o carrilhão da sala, regendo incansavelmente os quartos de hora. Seu tique-taque interminável era mui semelhante a um malhar constante e monótono de implacável maestro, no uso de uma batuta insolente, agitada pendularmente.

Com isso, monitorava as modinhas que ouvira em remotas serenatas à sua janela de moça solteira, compassando-as em ritmados solfejos... Em momentos de inteira vontade virtual, gostava de rabiscar sonetos que falavam de amor e de saudades. Era o meio que encontrava para justificar sua solidão. A ausência do marido, que se dedicava aos negócios de suas fazendas, lhe era muito difícil de suportar. Em uma caixa de madeira envernizada que ficava sobre a escrivaninha, guardava-os a sete chaves. Não porque tinha segredos para com ele. Esse gesto era simplesmente movido pela timidez de que se apossava seu ser, uma vez que não tinha confiança de que seriam de todo produtos aceitáveis por seus leitores, caso os houvesse algum dia. Um dos poemas de que mais gostava, dos seus tempos de moça donzela, caía-lhe como uma luva. Feito para discorrer sobre a vida difícil por que uma pessoa de sua intimidade passava. Tratava-se nada mais que uma das suas tias solteironas tomada como exemplo, esquecendo-se que na verdade poderia estar era descrevendo a si própria quando jovem. Vida dura, calcada na formação autoritária da mãe, D. Hermínia, senhora de muitos filhos, criados, a maior parte, em sua viuvez precoce, nos difíceis dias de dona de fazenda de gado, única fonte de renda da maioria dos habitantes daquele município isolado das outras prósperas comunas mineiras. Vejamos, pois, uma dessas de sua lavra:

UMA VIRGEM

Moça dos trinta,
Que trata de sobrinho,
Que lava e passa e cuida da casa!
Moça de olhar indiferente,
Que não sente o cronômetro,
Que não vê passar as horas,
Que não se assusta, ri ou chora.

Moça de profundas olheiras,
Nas noites insones construídas,
Velejando por entre o nevoeiro,
Espionando os dias que foram sua vida.
Menina trêfega,
De vestidinho encarnado, e
Enfeitado com laços de fita.
Sapatinho de fivela,
Cantando ciranda,
Recitando “batatinha”,
Palmadinhas levando,
Do doce furtado.

Menina donzela,
Moçoila de calça “topeka”,
Blusa e saia, a que vinha,
Mascando chicletes,
De encontros marcados,
De clubes e “baratinhas”.

Menina moça,
Por todos cortejada.

Nas noites intermináveis,
De longos dias vividos, jaz
Sozinha no leito, ouvindo
O tique-taque do relógio da sala,
Tiquetaqueando... Tiqueta... ta... queando.
Cadenciado... Cadenciado...
Um filme que só anda para trás.

Moça dos trinta
Só e indiferente,
Numa luta renhida:
“Pegando e agarrando”,
Gritando e ralhando,
Nos sobrinhos, extravasando
As frustrações da vida.

Sociedade ingrata...
Segregadora de corpos lindos,
De olhos maravilhosos,
De seios burilados,
Que despreza úteros férteis,
Que tripudia sob a dor,
Que torna os rostos enrugados
Como espelho de órgãos estéreis,
Para em nome do pudor
Segredar: como é linda uma virgem!
Amém!

Espelhada nos solavancos da vida, filosofava, observando “que pouco muda na vida da mulher ser solteira ou ser casada sem filhos”. Em sua análise, concebia que a finalidade maior da fêmea é sem dúvida conduzir as transformações da célula-ovo — um zigoto — da perpetuação da espécie, até seu vagido primeiro. Daí para a frente é só amor e abjuração — uma renegação de princípios ou convenções — de tudo que possa interferir na progressão do ser que colocou no mundo para viver em harmonia, segundo ela, com o universo... A essa definição, achando engraçada a concepção que tinha e que estava espelhada em sua poesia, Alzira lia, ria, ria e relia, relia e corava... A rubidez sanguínea da face estava relacionada ao bater vigoroso de seu coração. Seria isso um motivo forte que a fazia gostar de estar perto do Tião, embora não tendo nenhum laço genótipo com ele?

Talvez, se houvesse oportunidade de indagá-lo, professor Aristides Coelho Neto levaria o leitor a entender essa comunhão de sentimentos como derivada do fluxo de feixes espirituais envolventes. Em seu “Estágio no Planeta Terra”, ele deixa transparecer, numa serena explanação, embora complexa, o aforismo indicador de que essa atração de forças, com destino garantido de aproximação milenar, faz parte integrante da evolução do fluxo energético que compõe a parte não material dos seres vivos no universo. Senão, haverá o recurso de apelar-se para a Teoria Quântica. E, assim, enfurnada em seus atuais princípios, procurar adaptá-la à Biologia e criar-se, num atrevido “insight virtual” com cara de ciência, uma nova proposição, que poderia ser intitulada de Biologia Quântica. Nesta apareceria, em conceito provável, a consciência como o centro

onde forças gravitacionais comuns possam interagir, numa operação de autopoiesis de teias energéticas, denominada atualmente pelos cientistas de “bootstrap” — cordão de amarrar bota —, um termo inventado para conduzir a teoria emanada por Geoffrei Chew. Seria então o cérebro comparável a uma poderosa bobina carregada de energia depositária de paradigmas coletivos? Nesse caso, poderia ser encaixado o sentido da empatia, podendo assim entender as afinidades entre indivíduos vistos pela primeira vez. Ou dos conceitos individuais motivados no sentido de entender tudo a sua volta, captados pelos sentidos, tendo um departamento capaz de, peneirado o amálgama, qualificá-lo em outro estado, que poderia ser chamado de energia psicossomática? É bom aproximar-se de Carl Jung, que pode ter respostas alvissareiras nesse sentido. É dele o sentido de que o inconsciente faz o consciente. Não é, como Freud supôs, o receptáculo da espécie de lixo mental, guardado a sete chaves. Pode-se dizer que esses conceitos, temas que só os estudiosos do assunto podem interpretar, cabem aqui apenas como recordações remotas que nos chegam ao caminhar dos pensamentos no correr das mãos sobre o teclado do computador, numa catação de letras de quem não esperava chegar até onde chegou.

* * *

Bem, como isso não é matéria que possa interessar à plena sequência da narrativa que está sendo proposta, é bom que se deixe onde está tanta indagação de saltos quânticos. Aos desbravadores de uma “Teoria Nova”, que chega como um vulcão devastador de muitos dos princípios newtonianos e cartesianos a regular o desenvolvimento da vida por centenas de anos, cabe indicar o melhor, para que o leigo encontre uma faixa onde possa explorar e entender muitos dos acontecimentos atualizados, no limite de sua percepção. .

* * *

Sigamos em frente. Em certa ocasião, em época de chuveiro pesado que durava meses, trazendo um tédio tremendo para quem estava na fazenda, D. Alzira despachou seu timoneiro em busca do Tião na cidade, ávida de ter alguém com quem pudesse deleitar,

trocando ideias e também para que lhe trouxesse os jornais e revistas da semana. Assim, Sô Manoel, já na cidade, em casa de Tita, enquanto ela coava o café que lhe ofereceria, especulava Tião, provocando uma prosa em que sutilmente procurava ver até aonde poderia chegar para dar cumprimento às ordens de sua patroa. Para obedecer a ela, achava-se quase num beco sem saída, uma vez que sabia que ele não gostava de afastar-se dos estudos. Em virtude disso, falava em levá-lo, naquele final de semana, a passar uns dias na fazenda, evocando uma quantidade de surpresas boas que ele encontraria por lá... Pra isso rodeava, procurando sutilmente chegar ao ponto nevrálgico do problema, falando como se não quisesse nada do assunto. Assim, ia provocando-o. Com perspicácia acenou como uma motivação, para despertar-lhe o interesse, enumerando os novos compêndios que D. Alzira havia lhe pedido pegar no correio para levar à fazenda. Aí, encontrado o fulcro providencial da questão, começou a elogiar a biblioteca de lá, usando-a como tema de fortalecimento do convite, uma vez que o menino era doido por livros. Mas o que mesmo o estava impedindo era não se sentir bem em ausentar-se da sua tia Tita, nesses dias em que ela andava acabrunhada com o pagamento do tal IPTU, imposto que, no entender dela, era um despropósito. Sua tia falava dele com tanto amargor, que lhe doía deixá-la naquele momento de tristeza. Vejam só, na cidade pequena a cultura está enraizada à desobediência ao reinol extrativista, prepotente e usurpador das liberdades individuais. Calcado na força do poder sedimentado nas sucessivas gerações, qualquer desvio de acontecimento é capaz de desorganizar o sentido da vida que, embora rotineiro, é sumamente agradável, porque afinado ao diapasão consignado aos costumes que o regulam afinadíssimo com as tradições milenares.

No princípio de todo ano, os editais dos impostos chegavam às propriedades urbanas como um ato julgado de desequilíbrio do sistema de vida na comuna.

* * *

Com muito custo Tião convenceu-se em ir à fazenda, com o compromisso de domingo à tarde, impreterivelmente, estar de volta. Sô Manoel, que se julgava bom estrategista, contava com a experiência de sua patroa, que dificilmente não deixaria de

reverter a questão. É que Tião já havia obtido sua aprovação de ano, não necessitando de mais pontos para subir para a última série do Curso Normal. Mas, no fundo, no fundo mesmo, todavia, seu maior trunfo é que jogava com cartas marcadas, pois a patroa necessitava dele para ajudá-la no combate à endemia que grassava pela região. Não iria abrir mão de sua companhia, e, sobretudo, de seus conhecimentos por nada neste mundo. Com esse trunfo, julgava que ganharia o jogo, por estar com o ás do baralho na manga da camisa... Em virtude disso, mostrava-se radiante, rindo à bandeira despregada por qualquer ato, por menos anedótico que fosse... No seu íntimo estava pensando nas pescarias que estavam programadas. Seriam magníficas alternativas de segurar o guri por mais tempo na fazenda. Segundo ele, teria a oportunidade de matar dois coelhos com uma só cajadada, isto é, saborear sua palestra cheia de coisas aproveitáveis e, ao mesmo tempo, procurar distraí-lo, como uma forma de incentivá-lo a descansar a mente. Seria uma maneira, e era, sobretudo, o que mais desejava — procurar integrá-lo, nem que fosse por pouco tempo, à natureza, a mestra capaz de dizer a ele de onde veio e para onde vai. Com isso, confirmaria o pensamento jamais inalterável de Lavoisier, quando afirmara: *“Na natureza nada se cria, tudo se transforma”*.

Heráclito de Éfeso ajudou na confirmação do pensamento de Lao-Tsé, que numa sucinta frase definiu: *“Na natureza tudo flui”*, o que mais tarde Einstein ratificou, dirimindo as dúvidas que afligem o homem no seu transcurso pelo planeta azul. Embora com muitas equações demonstrativas se perceba que na natureza tudo se transforma e nada se cria, fica sempre aquela percepção de que a energia aglutinadora na formação de corpos orgânicos poderia ter sofrido um comando forte capaz de originar formas genéticas como o que se designou de RNA. Deste, mais bem elaborado, chegou-se ao DNA.

* * *

Apesar de o ano ter sido gratificante para Tião, ele se encontrava cansado. Eram muitas as matérias curriculares que se via obrigado a cursar. Além disso, gostava de trocar ideias filosóficas e sociais com seus professores, dentre eles Graciano dos Reis Calçado.

Que bom que assim era! Desanuviava seu espírito, acalmava sua tensão e melhorava sua conduta.

Com isso a esfarelar seus neurônios, naquele presente momento, em que já vislumbrara Tião aprontando sua mochila, chegava Sô Manoel, que tinha ido ao pomar escolher belos espécimes de frutas sazoadas. Com sua alegria costumeira, dizia que teria muita satisfação em oferecê-las a sua patroa, com a devida aquiescência de Tita. Esta, feliz, aprovava o gesto amável. Bem inda não havia galgado o último degrau da escada que o levava à varanda, Sô Manoel foi logo aquiescendo em trazer o garoto na tarde do domingo, se sua patroa assim o desejasse.

A viagem fora cheia de imprevistos, uma vez que na bacia do Córrego do Fogo havia um pequeno ribeiro seu afluente que, após a chuva de véspera, tinha levado um pequeno mata-burro. Então, foi preciso que se desse uma volta de uns quilômetros, rodeando sua cabeceira para pegar a estrada real mais adiante. Com isso houve um atraso singular, que deixou o pessoal da fazenda apreensivo. Chegaram à tardinha, quase à boca da noite. Com as tantas bacadas e retrocessos da carroceria do carro, fruto de uma estrada feita a pneu, por sorte as encomendas de D. Alzira haviam chegado intactas, sem nenhum estrago. Estavam ali bem embalados os filtros de barro, os cobertores e principalmente a garrafa do conhaque que seu marido tanto apreciava. Este sempre estaria a dizer que essa bebida era sua companheira, auxiliar inseparável para o equilíbrio da temperatura do corpo nas noites de inverno forte. Como chegaria da viagem de negócios à noitinha, D. Alzira havia se lembrado de um dos seus costumes: antes mesmo de acomodar-se ao leito, gostava ele de passar as vistas em sua correspondência ou mesmo deglutir alguma coisa em um de seus livros prediletos.

D. Alzira estava ansiosa para que ambos chegassem, andando de um lado pra outro sem concatenar as ideias. Misturava essas preocupações com o incidente desfecho havido com um peão ao largo de entrada da fazenda. Havia nessa oportunidade grande alvoroço, e a entrada e saída de pessoas na casa ajudava a tornar o ambiente muito pesado. À buzina do carro, correram a abrir a cancela de entrada ao pátio. De imediato, Sô Manoel não gostou do que viu. Diante de um alvoroço danado pressentiu logo que alguma coisa diferente havia acontecido. A situação transparecia nos semblantes

de toda a turma que se encontrava em derredor. Via-se perfeitamente que o medo se encontrava estampado nas fisionomias cheias de apreensão... Já acomodado numa maca improvisada, estava um peão deitado, espumando pelas narinas e boca. Um filete de gosma grossa descia pelo seu queixo, emoldurado por uma rala barba de ruivos pelos molhados, indo acotovelar-se na gola de sua camisa entreaberta. Olhar triste, quase sem pestanejar, perdido no teto da varanda, parecia estar suplicando a Deus que tomasse conta de sua família, da qual era o provedor pelo braço alugado no dia a dia em trabalho assalariado. Mantinha-se medroso, mais pelo que poderia acontecer do que pelo que fora acontecido.

Indagando, ainda com o motor do carro sem fôlego — cansado dos embates violentos pelo cerrado, por desviar a todo momento, primeira marcha ligada, das canelas-de-ema e dos paus-terra tortos e incômodos —, ficou evidenciado que bem Sô Manoel não havia transposto a cancela, e teria que voltar de imediato, levando o dito peão. “Ofendido por uma jararaca”, disseram, quase em uníssono.

A primeira providência já havia sido tomada. Num átimo estava ali Nhá Bastiana, velha mulata, nascida e criada na região — uma mão de obra pra tudo que fosse necessário, desde rezar quebranto até exercer o ato de aparar crias das mulheres parturientes —, com todos os aparatos, a fim de benzer o tal peão que fora picado por venenosa cobra. Este, por sinal, já havia até sido medicado com chá da raiz de umburana. O certo, porém, era receber o antídoto específico — dizia Alzira. E a última dose que havia na enfermaria da fazenda tinha sido empregada em um cachorrinho de estimação. Ele, na véspera, serelepe, ao sair no pátio em perseguição a um calango, havia sido visto pulando adoidadamente, desviando-se daqui e dali de uma serpente, fazendo piruetas no ar como se fosse atleta de circo. Descobriu-se por acaso que o cãozinho havia sido picado, quando, choramingando num latido manhoso, procurava os cantos da casa numa tristeza de fazer dó. Bem que na corrida desabalada dando saltos intermitentes, sem brio, desviando-se da cobra que o perseguia, fora visto pelo jardineiro que por ali andava fazendo uns enxertos de roseiras. E, como apareceu, horas depois, sonolento e com sintomas de envenenamento, verificou-se que havia ele sido picado. É provável, ajuizavam todos, que, ao que tudo indicava, era a mesma cobra que tinha ofendido o peão. Em assim raciocinando, a

quantidade de veneno injetado no peão talvez fosse menor — diziam, a consenso de todos. Daí que havia uma chance a mais para que o empregado viesse a suportar mais tempo, antes de ser medicado.

Enquanto Sô Manoel dava de só tomar um copo de água, e imediatamente pôr-se a caminho de volta levando o doente que teria de tomar o soro antiofídico, Tião logo arregaçou as mangas da camisa. Pedindo uma tira de morim, providenciou a fazer um torniquete no membro ofendido. Em seguida solicitou a D. Alzira que providenciasse um calmante e um analgésico para que o doente pudesse suportar com mais segurança a viagem. Todos ficaram admirados da presteza do rapaz, demonstrando com isso já vislumbres de uma liderança mui próxima. Parecia a este estar vendo sua professora de Ciências, D. Guilhermina, a mostrar-lhe como proceder nesses momentos em que todos sabem como fazer e ninguém faz. Minutos correndo, diante do tempo que é o maior vilão nesses casos, fica todo mundo parado sem saber como agir. Nesse ínterim urge que o socorro ocorra no menor espaço de tempo, levando em conta, principalmente, como agir nos casos de picada por animais peçonhentos.

Na hora da partida, ainda lembrou-se de recomendar muito ao Sô Manoel que falasse ao doutor a qualidade da serpente que havia ofendido o peão. Isso é muito importante — dizia ele —, pois assim seria aplicado o soro certo.

— Adeus à pescaria de sábado — disse consigo mesmo o bom motorista!

Com a emoção do dever a cumprir, cheio de responsabilidades, pisou, Sô Manoel, fundo no acelerador e partiu convicto de que chegaria a tempo para que o funcionário da fazenda fosse devidamente medicado.

Com ele foram dois outros peões, munidos de ferramentas próprias a fim de consertar o dito pontilhão levado pela enchente na barra do mais forte ribeirão afluente do Rio do Fogo. Assim ganhar-se-ia mais tempo do que a volta que haveriam de dar para rodear a cabeceira do córrego, como já havia feito no decurso da vinda da cidade.

Logo que tudo se acalmou, pôde D. Alzira, de imediato, colocando a vista em Tião, ficar impressionada com a evolução física do garoto, nesses poucos meses que o havia deixado na

cidade. Parecia também não ter percebido que ele já se apresentava com uma superficial penugem, um tímido buço a compor sua face. Quando o abraçou, beijando sua testa, tamanha fora sua sofreguidão que não dera pelo fato. Também, a balbúrdia que se instalara com o problema do peão picado por cobra venenosa deixou-a bastante abalada e confusa. Na verdade, após curto intervalo, no momento que a consciência passara a ser comandada pela razão, disse emocionada:

— Está aqui um belo rapazinho!

— E se está! — concordaram todos.

Tião não se achou! Nem deu por que diante aos salamaleques, embora seus lábios mostrassem uma nesga de sorriso vaidoso... Cheio de vontade de vencer na vida pelo valor cultural, não dava muita importância a essas demonstrações. Sabia de onde partiam! Sabia, porque eram elas acompanhadas de sinais evidentes de muito carinho. A comunhão com a filosofia fez dele um precoce e inveterado analista do ser humano. Assimilando-a, fê-la sua companheira em todos os momentos. Mesmo se estivesse longe dos livros, praticava a filosofia com denodo. Livros em mãos, aprofundava-se em bem conhecer e praticar seus desígnios. E aí, assim, na sua intimidade, paginando-os, conversava muito com Platão, a quem admirava como um potente instrumento criador de normas metodológicas capazes de fazer a sociedade compreendê-lo, e, ao mesmo tempo compreender-se. Essa convivência o fez entender melhor os chamados neoplatônicos do porte de Plotino, Porfírio e Jâmbico, que floresceram em Alexandria nos séculos III e IV, e que, por exclusão, são considerados pretensos formadores das bases do Cristianismo, alicerçados nos estudos órficos. Tornou-se um apaixonado pela história universal. E a todo custo procurava por todos os meios conhecer seus segredos, muitos deles guardados a sete chaves. Entender a dinâmica e o porquê das “Ligas” criadas por Pitágoras tornara-se para ele um desafio. Para isso, não tinha receio de, ao menor embaraço, procurar quem lhe pudesse ajudar a esclarecê-la. Certos conceitos menos palatáveis à sua incipiente cultura deixavam, por vezes, emergir o seu proselitismo. Muita vez, tinha de ouvir, desses diversos interlocutores, proposituras que contestavam esses princípios, deixando-o absorto a analisá-los, como novos valores a serem estudados, procurando estabelecer um consenso entre

as teorias discutidas. Por momentos tornava-se taciturno, uma vez que, sendo cativo aos temas e teorias pitagóricas, encontrava proposições contrárias aos seus conceitos. Pelo que já havia assimilado não podia acreditar que muitos tinham dúvidas até de sua existência. Pelo contrário — observava ele, de modo categórico — seus teoremas e leis estavam e permanecem arraigados aos princípios filosóficos nascentes estruturalmente nos conceitos básicos de uma doutrina que atravessa os tempos. Seu pragmatismo consensual de uma sociedade hierárquica, capaz de doar uma vida orientada para a felicidade de cada um de seus componentes, será sempre um fator de orientação à sociologia experimental. Seus estudos matemáticos estão consagrados em discutidos e provados teoremas — unidades básicas do conhecimento humano. A propositura da valoração do “UM” como número e como força universal também.

Eudoro, antes de nossa era, dizia que “quanto aos pitagóricos não é somente dos seres físicos, mas absolutamente de todas as coisas que eles consideravam o UM princípio de tudo, colocando os contrários como princípios secundários e elementares, aos quais embora não sendo primeiro, subordinavam também as duas séries paralelas. [...] No plano superior, é mister dizer que os pitagóricos colocam como princípio de todas as coisas o Um. [...] Eis porque, seguindo um outro caminho, também disseram que o Um é princípio de todas as coisas, enquanto é princípio, tanto da matéria como de todos os seres que dele surgiram, é o Deus que está acima de tudo”. — Mário Ferreira Santos (Pitágoras e o Tema do Número)

Se ele, Pitágoras, não existiu, alguém compôs essa doutrina chamada pitagórica e com esse cognome lançou-a. Com esse nome, ainda, houve por bem conceituá-la com extrema aptidão. Acontece com ele o que acontece com Shakespeare — negado muitas vezes. Perambulam pelos tratados filosóficos esses duvidosos conceitos, emitidos até por alguns filósofos de boa investidura. Entre estes, Tião observava certo descaso, principalmente em Aristóteles, tendo lá uma vez ou outra citado Pitágoras em suas obras. Por esse motivo gostava mesmo era de dialogar mais com os neopitagóricos. Inda bem que tinha na memória algo que ajudava a compreender essa descortês atitude do genial Aristóteles, comentada pelo estudioso Mário Ferreira Santos, que é transcrito aqui:

Sabia-se, ademais, que Tomás de Aquino esforçou-se, de certo modo, em provar que Aristóteles tivera um pensamento criacionista, mas que não deu o relevo que o mesmo merecia. Em parte, é possível compreender-se esse desinteresse em delinear-lo em termos nítidos por parte do Estagirita, porque a tese criacionista era adversa à concepção dominante na Grécia, e ameaçava infringir certas normas do pensamento religioso. Ora, todos sabemos que na Grécia sempre houve certa desconfiança para com os filósofos, muitas vezes perseguidos encarniçadamente como nos mostram os exemplos de Empédocles, de Anaxágoras, Anaximandro, de Sócrates, de Platão e do próprio Aristóteles, para não citarmos as grandes perseguições sofridas pelos pitagóricos, uma das mais intensas e extensas, e de tal sorte que, depois da dissolução da escola de Crótona e da destruição do instituto de Metaponto, a seita dos acusmáticos conheceu perseguições sérias, sendo acusada de pitagórica, palavra proibida e perseguida pelo policialismo da época.

Inda hoje — resmungava Tião consigo mesmo — há resquícios, e fortes, dessa oportuna cautela frente aos desmandos de uma democracia de fachada, conduzida por timoneiros, chafurdando por entre as vagas portentosas do poderio comandado pelo dinheiro ganho de nefandos arranjos, como o narcotráfico e as corrupções nos parlamentos e secretarias do executivo federal.

Essa divagação vinha a propósito. Servia-lhe perfeitamente de motivo para homologar a ausência de Pitágoras nos conceitos aristotélicos. Não ficaria bem se assim não fosse! Como se evidencia, os atos não democráticos ferem frontalmente a busca da verdadeira liberdade de pensamento.

* * *

Esses artefatos, emboçados em leis um tanto quanto esdrúxulas para o presente, diria um atual analisador, comandam no momento o controle da imprensa falada e escrita e abre brechas enormes via internet, corrompendo totalmente a sociedade naquilo que ela melhor tem que é, indubitavelmente, sua juventude. É lastimável que crianças e adolescentes, com ingênuas promessas de bem-estar, poder e conquistas fáceis, sejam levadas pela enxurrada de processos encantadores, emanados por miseráveis corruptores, a praticarem atos de intenso repúdio pela família e pela sociedade.

Tião via Demóstenes, dileto “filho” da obra de Platão, como um paradigma de força de vontade, admirando-o muito, pela sua pertinácia extrema de procurar meios inefáveis para emergir numa oratória de qualidade sem precedentes. A história o vê como o exemplo do grande orador, que alcançou a fama movido por vontade inabalável.

Posteriormente, ainda que com tímida cautela, neófito que era no assunto, procurava assimilar Kant, Descartes, Schopenhauer e Hegel. Acompanhado, que andava, de tantas figuras filosóficas, não lhe sobrava tempo para traquinices próprias da idade. Era um rapaz de poucas falas, quase mudo, enlevado que estava pelos princípios que iam paulatinamente ser sedimentados e comprimidos em substantiais placas de uma compreensível aritmética filosófica. Isolado pelo seu devir, confabulava muito com sua castanheira amiga, no sombrio canto do pomar da casa de tia Tita. Esta, muita vez, preocupava-se com a solidão do jovem Tião, que lia com desmesurada sofreguidão e interesse até horas devindas da noite. Sabia-o acordado pela claridade que por debaixo da porta emanava da vela de sebo acesa à sua cabeceira. Às vezes, até costumava resmungar alto, pigarreando, sozinha à porta do quarto, para avisar-lhe que já era hora de dormir. Muita vez, porém, nem ouvir o aviso ouvia: só dava pelo caso quando a vela, já cansada de lacrimejar, formando pilares semelhantes a estalactites às bordas do castiçal de folha de flandres, dava sintomas de cansaço, pedindo para também fechar sua chama, envolvendo tudo nas bem-vindas trevas do descanso. Enquanto muitos de sua idade estavam em folguedos, Tião devorava os livros. Isso não deixava de preocupar a tia, que tinha medo que ele ficasse uma pessoa neurastênica, de poucos amigos. E isso não convinha para essa sociedade de competição em que se vive na atualidade. Gostava mesmo era de, às tardes, nos momentos de descanso, ver o treino do Santana Futebol Clube que ali se realizava. Era de fato seu amor. Tinha até o privilégio de fazê-lo gritar, vibrar com as vitórias e chorar com suas derrotas. Seu amigo de confidências esportivas era o João Cuinha, um negro de baixa estatura, atarracado, usando constantemente um chapéu de abas largas. Este, além de ter como profissão ser carroceiro de praça, era, antes de

tudo, o torcedor atrevido que convocava as assembleias do clube que ele mesmo presidia, muita vez, sem conhecimento da diretoria de ofício. A rapaziada que jogava era quase toda residente ali, do Largo da Matriz para baixo — com raras exceções — até o Gorgulho, atravessando a correnteza da praia do Córrego Rico, indo lá pelos lados da Chapadinha, rumo ao Ribeirão do Espírito Santo, onde havia um curtume. Neste trabalhavam vários atletas do time, num serviço árduo que não os impedia de estar, entretanto, após o expediente, ali no Campo Santanista, ouvindo as preleções dos técnicos, como eles, simplesmente amadores. Cuinha dava notícias do estado físico de todos, quase escalando quem deveria jogar aos domingos... Era excessivamente emotivo. Costumava exaltar-se tanto em suas propostas que embaralhava as palavras numa gagueira sintomática: “Sai de baixo!”, como a dizer “Não venha, não!”, munindo-se do guarda-chuva já na mão, empunhado, fechado e empinado. Seu semblante, comumente, entretanto, era de uma pessoa socialmente de bem com a vida, dentro de seus limites. No desenrolar dos jogos, seus adversários eram seus adversários. Fora disso, como bom torcedor, levava tudo na gozação. Fazia carretos sem olhar a quem. Seu burrinho só não sabia falar, compreendendo-o em tudo, haja vista um fato que o elevou à casta dos heróis. Numa certa ocasião, corria ele em sua carroça, apressado para atender um freguês, quando à sua frente surgiu um imprevisto. Mal teve tempo de pensar. Num relance, deu um salto acrobático postando-se à frente do animal, abraçando uma criatura que, sem nenhuma malícia, tentava atravessar a rua. Tratava-se de uma criança de aninhos de idade, tentando pegar algo que lhe era caro e que fugira de suas mãos. Talvez seu cãozinho de estimação, não sei. Houve gritos, choradeiras emotivas, e o povo aglomerou-se em torno do carroceiro, que estava cheio de escoriações pelo impacto sofrido pelos varões de seu próprio veículo e pelo pisoteio do seu animal de estimação. Gaguejava, querendo falar sem poder, quando se viu abraçado pela mãe da criança, que lhe beijava os pés pelo seu ato sobre-humano. Foi uma cena difícil de ser descrita. Um quadro digno do pincel de Afonso Roquete — professor de Desenho na Escola Normal, diplomado e laureado pelo Instituto de Belas Artes de Paris. Seria aquela pintura uma amostra sociológica para estudos? a fim de definir a solidariedade humana em momentos de perigo, não importando o valor de castas sociais?

Erwin Heisenberg prova mais uma vez que a vida é cheia de incertezas.

Olhem, vejam só quem era essa mulher tão grata! Nada mais, nada menos que a figura simpática da senhora Coraci Neiva Batista, conceituada professora, escritora e poetisa, presidente por mérito da Academia de Letras do Noroeste Mineiro. Por um nanogésimo de segundo, sua filhinha havia se desligado de sua mão, e quase acontecia uma tragédia. Daí seus gestos intensos de agradecimento ao humilde carroceiro... E, interessante, era ela irmã do competente zagueiro do time de futebol que mais dava trabalho ao seu querido Santana. Darci Neiva era o seu irmão, que defendia a área do clube adversário. Como é divino — dizia o outro espectador do acontecimento — o nascer do sol para todos!...

Por isso e por outros acontecimentos que mais uma vez vamos lembrar de William Somerset Maugham: “É inútil lamentar o vaso quebrado quando todas as forças do Universo reuniram-se para fazê-lo cair de nossas mãos”.

Quando Cuinha, aos 79 anos de idade, partiu para a mansão eterna, uma consternação sem limites tomou conta da comuna. A pequena cidade emudeceu. Houve lágrimas copiosas? Houve. Lamúrias? Não, não houve lamúrias. Não houve porque no âmago de cada conterrâneo abriu-se um leque de certezas da pureza daquela alma, que deveria, sem mais, encontrar-se com a bem-aventurança da sabedoria espiritual do Supremo Árbitro dos Mundos. Uma cesta de saudades prematuras enchia de emoções cada esquina, cada praça, cada rua, pelas quais cotidianamente passava — das manhãs às tardes de calor insuportável — o Cuinha com sua carroça puxada pelo burrinho rosilho.

No entremeio disso é gostoso e confortante deixar-se levar nas asas da lembrança de uma harmoniosa canção, cujas notas musicais recordam uma passagem histórica no cotidiano da vida. Há crônicas que choram... Há as que cantam chorando... Há as que confortam cantando. Uma miríade destas anda pelo mundo literário contando as fases de vidas vividas. E assim, em uma delas, não se dando por satisfeita, com a alma na mão e o espírito na ponta de sua pena, Coraci, empregando a altivez de seu preparo cultural, arrebatada de sua alma, com maestria, uma comovente alegoria. E a transmuta, diluindo em traços afetivos jamais vistos, numa linda

metáfora criada por ela... Na verdade, mais parecia um poema que mesmo uma crônica.

Coraci presenteia a todos que privaram da amizade de João Gouveia, o Cuinha, narrando em seu “Vivências e Contrastes”:

Deus fez João Cuinha e jogou a forma fora. [...] João Cuinha, enciclopédia viva da nossa história [...] — quem não teve acesso a ela não terá mais.” Aproximando-se o momento das exéquias finais, a natureza ficou mais triste ainda. “Até o céu chorou”, murmurou alguém, fazendo analogia com a chuva fina que recomeçara no momento em que se aproximava o féretro, uma procissão. Interessante, a chuva só passou quando seu corpo desceu no seio da terra, e uma lápide selou tudo. As águas da chuva se confundiam com as lágrimas em muitos rostos. [...] Junto ao seu túmulo monologuei: você não levou tudo consigo. Deixou no coração de muitos, especialmente no meu, da minha filha, um enorme sentimento de gratidão [...] Olhei para o céu e vi seu velho burrinho conduzindo uma carroça cheia de flores. Ela foi subindo, subindo, até desaparecer atrás das nuvens rumo ao Sol. Não o vi, mas sei que estava nela.

A chuvinha que caía, Coraci... não era chuva: eram simplesmente gotas perfumadas das palmas-de-são-jorge e dos botões de rosas pendurados às bordas da carroça, que se abriam em um derradeiro amplexo de gratidão dado por aquela alma pura. Em algumas, entretanto, poder-se-ia acreditar: junto delas a saudade vinha vindo a galope.

Ao salvar sua filhinha de tenra idade de uma tragédia por atropelamento, Cuinha atropelou sensivelmente seu coração, que não estava preparado para um embate de tal natureza. Não só o seu, Coraci, mas de uma comunidade inteira que lhe doou a medalha do reconhecimento. E assim poderia você dizer: “Ninguém a viu presa ao seu peito, de quando suas exéquias, mas no íntimo, todos sabiam: ela estava lá! Brilhava tal a luz de um sol a pino, nos lânguidos e modorros meios-dias, transmitindo honras ao seio uberino da terra em transe”.

No bojo da virtude — a esperança de uma vida cheia de be-nesses, num mundo que não escolheu, por certo, mas que lhe foi oferecido —, Coraci, com sua magnífica razão literária, perfumou esse caminho. Sabia de sua presença na carroça que subia guiada pelos fúlgidos raios do astro rei até a porta do Mestre, esperando

para agasalhá-lo. De si só houve um pedido. Desejava que, se pudesse, fosse Cuinha coberto com o cobertor da saudade dos amigos que deixara.

Tião, abalado pelo acontecido, sentindo-se desamparado sem a âncora da presença do companheiro, perdera a graça de ver seu clube favorito jogar. Não se tratava de um companheiro que partira: era, sim, um pedaço de seu coração, agora nublado com a ausência do amigo. “Amigo é coisa pra se guardar no lado esquerdo do peito”, iria poetisar Milton Nascimento, anos mais tarde, na voz dos seresteiros que, nas noites quentes de verão forte, ainda se acotovelariam sentados nas sapopemas da paineira defronte a casa de Sô Leno. Essa velha amiga, querendo ou não, numa primavera que retardava, insolitamente endoidou-se a florir, despejando sobre o solo miríades de flores, atapetando um pedaço do Largo do Santana, como se fossem corações partidos a chorar a falta de Cuinha. Os pássaros que nela nidificavam trinavam tão compassadamente que se assemelhavam a soluços pungentes.

* * *

A maioria das reuniões do clube de futebol era realizada debaixo da velha paineira à porta da casa de Sô Leno, a idosa Benedita, barriguda assim denominada e carinhosamente apelidada de Ditinha, no belo poema de Adriles Ulhoa Filho, o “Dizinho”, em seu livro “Caixa Grande”. Neste, às páginas 103-104, assim está:

AS TRÊS BARRIGUDAS

Eram três paineiras formosas,
Em diferentes lugares,
Maria, Antônio e Benedita — a Ditinha,
Assim eu as nomeiei.
Equidistantes,
Viçosas,
Cada uma num vértice
De um correto triângulo,
Balizando (ou talvez guardando)
O ouro da região.

Maria, ao norte (Morro do Ouro),
Antônia, no centro (Matriz),
E Ditinha, no sul (Santana).

Restou só a Benedita,
A Ditinha do Santana.
Anda triste, pouco floresce,
Surda de tanto barulho!
Já não tem ouro
ou alegria,
nem sonhos de primavera!

Não tarda a desabar.

Vê-se que o poeta, em vez de tecer loas de panegírico heroísmo pelos anos de uma vivência ufana, tristemente molha as raízes adventícias de sua querida paineira com lágrimas de pura saudade.

Chorosa, inda aguarda a volta de seus dias de triunfo. Parece, entretanto, que isso se foi — demoliram a igreja, símbolo da grandeza da idade do ouro fácil, acabaram com o campo de esportes, vetusta lembrança de muitas tardes de fausto e alegria, onde a família paracatuense vibrava com o feito de seus atletas. Por fim, também, levaram João Cuinha, e com ele seu chapéu de abas largas, seu guarda-chuva, com o qual abrigava tudo que fora tradição e sumira *per saecula saeculorum!*...

Ainda bem que você, Dizinho, sabe conversar com suas barrigudas diletas, sabendo nominá-las. Pelo que se vê, você amou-as, todas... Mas, no fundo... no fundo... sua paixão era mesmo a Ditinha, a única a que carinhosamente presenteou, denominando-a calorosamente com um diminutivo. E quando se faz isso, o coração palpita diferente. Esse pormenor é bem sabido de todos, não se esconde de ninguém... No regionalismo sertanejo, então, nem se diga. Os nomes próprios, assim adjetivados, caracterizam, de modo global, um gesto de amor e de intimidade. Na velha Paracatu essa forma de carinho é “useira e vezeira”. A própria palavra *carinho* não termina em “inho”? Então, está tudo explicado!...

Na verdade, Ditinha, cantada e decantada, nessa época era uma centenária árvore, da família das bombacáceas, de raízes adventícias

fortes, emergindo para fora do solo à procura de liberdade. A fraternidade e a igualdade desabrochavam pertinentes em suas lindas flores coloridas de creme prateado, que, nas primaveras, de centúria em centúria, motivadas pela umidade inerente à estação, cobriam toda sua copa. Para compor a trilogia socialista da tricolor bandeira de 1792, que servia de apanágio à Marselhesa e evocava a grandeza de uma nação a lutar pela integridade social dos povos, tinha o azul do céu e o vermelho alaranjado do ocaso, que se desfazia do outro lado no Largo do Santana, num horizonte bem perto, um quadro de rara beleza. Firmava-se ainda como inolvidável testemunha de seculares fatos advindos da truculência dos bandeirantes ante a rebeldia da indiada; dos gemidos e gritos de lassidão do negro-escravo sob o relho do feitor. Emergindo de suas bases, inúmeras sapopemas formavam verdadeiras bancadas, envolvendo-a com amor, como se braços fortes fossem. Ao luar dos meses de verão quente, sob uma canícula daquelas, de “pegar fogo”, a maioria dos moradores do Largo do Santana se acomodava, refestelando-se nelas, para uma puxada de cavaquinho e violão. Solavam modinhas e chorinhos arrebatadores, embalados nos cuités de “crioulinha”, a cachacinha curtida nas dornas de umburana, com carinho artesanal de Adílio, proprietário da fazenda Crioulas, estirada às margens da rodovia Francisco Pinheiro, bem no começo da chapada, em suave aclave ao Planalto Central. A saudade aí se derramava nos estribilhos de: “Noite alta, céu risonho... A quietude é quase um sonho...”. Eram cantados quase em surdina com respeito devido à sua magia. Quanto mais suave se a solfejava, mais nostalgia trazia, e mais se formava no ambiente um espírito de levitação, contaminando a todos. Os acordes pareciam não ser compostos senão por sons extraterrestres — maviolos e inebriantes. E as horas se derretiam pela madrugada adentro. Numa estirada final, para completar todo esse movimento espiritual, modificavam aqueles devidos momentos de lazer em outros tantos de saudosos estribilhos, cujos versos ardentes acabavam transformando-se em estuários de uma enxurrada de lágrimas, capaz de abalar a integridade física dos ouvintes. E muita adrenalina rolava. Era Jung presente com seus arquétipos da ordem do “anima”, a oferecerem uma parte feminina ao homem, salpicando seus olhos com atrevida umidade, decorrente de suas fantasias.

As despedidas eram sempre as mesmas de todas as alvoradas — muitos abraços e marcação para outros encontros. Alguns, mais arreliados, desciam a ladeira, indo curar a carraspana nos puxados da praia do Córrego Rico, antes da debandada geral.

Não era por acaso que Tião, em uma dessas vezes ali presente, mais como um analista que participante, sentava-se com os componentes do Toco do Pecado. Em suas divagações, apoderara-se por lembrança de uma descrição de seu autor predileto, Humberto de Campos, no seu livro de Memórias (p. 108), que, nas mesmas condições, ali debaixo de um umbuzeiro, descrevia sua presença no quintal de Taboal, fazenda antiga encravada na selva quase amazônica. Ficava esta na região de Miritiba, local onde infante ainda teria ido com sua mãe em visita de despedida a um seu tio, irmão de sua mãe, uma vez que estavam de mudança para o Piauí, após a morte de seu pai. Ei-la, assim redigida:

Atrás da casa havia, porém, um arbusto formando grande moita, cujos frutos estavam cheios de uma pluma leve, espécie de paina, sedosa e esvoaçante. Eu passava o dia a abrir os frutos maduros desse arbusto e a soprá-los para o alto, acompanhando, em seguida, de olhos maravilhados, o capricho de seu voo. Soprava a pluma, impelia-a com as minhas bochechas, de Éolo-menino, via-a revoltear nas alturas e cair adiante, no meio das árvores que assinalavam os limites do meu mundo. E guardei esse costume até hoje. [...] Que são, na realidade, as coisas que tenho escrito, e estas páginas que estou escrevendo no limiar da velhice, senão fragmentos de paina soprados para o alto, e destinados a tombar pouco adiante, sem deixarem o mais ligeiro vestígio no pedaço do céu por onde voaram sem rumo?

Era, esse desabafo do escritor acima referido, perfeitamente adequado à visão do jovem Tião — ele mesmo, uma pluma esvoaçante à procura de abrigo para sua alma inquieta, debutada para os embates da vida calcados no periélio das proposituras de seus filósofos lidos e debuxados quando entendidos.

Não foram poucos os frutos da paineira amiga que foram abertos. Não foram poucas as plumas sopradas por ele — foram centenas que o ajudaram a planar ao sabor das correntes que serviam de caminho para navegar em busca de um pressuposto porto seguro,

onde poderia lançar âncora em águas vertidas na rocha clara de suas peregrinações. O oceano de ar por onde navegavam suas plumas sopradas era o mesmo por onde suas ideias criavam as imagens de seu arguto pensamento.

No momento em que todos iam descobrindo soluções para os casos que iam surgindo, sendo mais pragmáticos, Tião estudava os desejos, as inquietações, as vidas, os amores, num sentido coletivo, procurando conhecer a presença do ser na sociedade composta por aquela gente humilde que ali no bairro vivia. Assim o fazia sem premeditação, usando o senso da perspicácia voluntariamente.

Analizada, a cidade era na verdade uma comunidade sem muitas ambições materiais, onde muitos dos seus componentes viviam da cata de ouro bateado no leito dos córregos adjacentes. Trabalhavam de sol a sol, durante toda a semana, para no sábado trocar o metal precioso garimpado com os compradores, muitos deles correspondentes autorizados pela Casa da Moeda, sediada no Rio de Janeiro. A quantidade de ouro trocado, que não chegava a mais que duas oitavas, isto é, mais ou menos sete gramas — convertidos ao sistema métrico — em cada sábado, geralmente mal dava para a manutenção da família. Usava-se de um sistema antiquado de pesar o ouro, sendo uma oitava dividida em 32 vinténs. Muitos, com trabalho árduo, não passavam dos vinténs. Suas esperanças, entretanto, se alicerçavam nas esperadas chuvas de outubro, que com suas enchentes bravas revolveriam o cascalho do leito do córrego e sedimentariam a terra que traziam dos morros adjacentes. Daí o ouro de aluvião, que era garimpado em maior abundância... A argúcia do trabalho em seguir as grupiarias, onde se encontravam os veeiros de maior produção, passava de pai para filho. E assim a vida ia correndo como Deus queria. Alguns, e eram muitos, quando bamburravam, diziam ter encontrado bons filões, apontados em seus sonhos enquanto dormiam por Senhora Santa Ana, a santa de sua devoção. Essa revelação acontecida era transformada em rol importante, levado à consideração da edição do Toco do Pecado, onde chegava a ser colocada em votação a proposição de mudar o santo padroeiro da cidade de Santo Antônio para Santa Ana, ficando Santana. Esse quiproquó virava disputa com os da Matriz, que não aceitavam a proposição. Muitos achavam importantes as discussões,

por servirem de assunto e motivação para sempre se encontrarem a bater papo ali naquela tribuna livre.

E assim, em todos os dias, ao chegar o crepúsculo, debaixo da paineira da casa de São Leno, o Toco do Pecado, do sul da cidade, se instalava. Ali as notícias serviam de prelúdio aos demais eventos que iam se desenvolvendo no decorrer das longas noites estalantes de fogo ardente do verão, pelando a pele, molhando as axilas, salgando os olhos com um suor pegajoso. Nesse ínterim, já a garganta ardida pela secura estava preparada para uma generosa talagada de restilo. Pois, não é certo o que se ouve na querência do adágio popular? “Queimadura com fogo cura-se com o próprio fogo”...

Muita vez, Tião saía de seus parâmetros de vida e, miscigenado na turma, comemorava as vitórias de seu time, tomando sua gasosa, espécie de refrigerante à base da fermentação da casca do abacaxi ou do ananás. Quem o fazia e o vendia ali, na Boca da Onça, era o Luís de Dario — o seresteiro —, com seu boteco encostado à margem do campo improvisado no mesmo local onde havia sido desmanchada a Igreja de Senhora Santana — a primeira igreja construída no povoado da vila do Paracatu do Príncipe. Antes, diz Olympio Gonzaga em sua “Memória Histórica” (p. 3):

As primeiras casas foram edificadas entre a barra do Córrego Pobre com o Córrego Rico, no atual bairro do Gorgulho, pelo ano de 1734. [...] Neste ano Paracatu já era arraial. (p. 4) Aos domingos, o povo reunia-se para assistir à missa em uma grande palhoça que servia de capela do povoado. Tal foi a origem do velho Templo de Sant’Ana (p. 9). A palhoça que servia de capela tinha a frente voltada para o Córrego Rico — foi substituída por outra de telha, a igreja de Santana, na qual trabalharam bons escultores baianos e portugueses.

No início, os ofícios religiosos eram todos realizados no varandão coberto de palhas de buriti. Não era permitido a padres negros oficiarem ali. “Por esta razão outras igrejas foram construídas para abrigá-los.”

Desse imbróglio, nasceu, no momento que aqui se está sendo lembrado, o bairro Santana, onde se desenrolavam os melhores eventos esportivos da época. E a privilegiada sucursal do Toco do Pecado não ficava pra trás. Até Frei Brocardo, esportista de quatro costados, costumava dar uma passada por lá, quando em visita a

alguns de seus paroquianos. Alimentava-se das fofocas que advinham da sua longa edição, mescladas e misturadas às notícias “d’além mar”, pois não era na Holanda a casa-mãe de sua congregação? Com isso formava lauto cabedal que lhe dava índices de como ia sua paróquia se mexendo ao longo da vida. E como seus paroquianos estavam reagindo ante a política administrativa do governo estadual, que parecia não sentir que ali existia uma cidade que lhe pertencia, situada na divisa do Estado de Goiás, abandonada e entregue a sua própria sorte. Era vista, e tão somente, esta região como o braço mineiro prolongado no noroeste, encostada ao Planalto Central, espiando a maravilha que é a Chapada Diamantina ao seu norte, arrepiando pela Bahia adentro, após pular o Carinhanha, tendo ao sul, com fraterno desvelo, o irmão dileto: um ubérrimo pedaço de chão cravado na bacia do Paranaíba, a que se acostumou cognominar de Triângulo Mineiro. Para o Estado, o noroeste nada mais era que um estranho apêndice, reconhecido tão somente pelo Departamento da Receita, a fim de angariar proventos advindos das vendas das boiadas que, antes de partirem para as invernadas de Barretos e Araçatuba, em São Paulo, recolhiam polpudos emolumentos aos cofres da Coletoria Estadual no Município, denominados “Vendas e Consignações”. Para recolher estes, ainda era preciso estar com o “Territorial Rural” em dia. Nessa região não se conhecia uma estrada ou uma ponte sequer que fosse construída pelo Estado. Haja vista a que levava até Cristalina, em Goiás, que foi construída pelo fazendeiro Vasco Adjuncto Botelho, inclusive com o barco para atravessar o Rio São Marcos; como a que ligava à cidade de Patos de Minas, que foi aberta pelo major Farnesi Maciel, proprietário da fazenda Gameleira, situada a meio caminho da cidade de Paracatu. Frei Brocardo assimilou os costumes da sociedade em que era pároco, sentindo e sofrendo, como se paracatuense nativo fosse, os dissabores de um abandono inexplicável pelos órgãos estaduais e federais. Esse tema sempre fazia parte das conversas às tardes, tanto às portas da Matriz como também entre a turma do Santana.

Ali seus membros gozavam de certos privilégios. Costumava, vez por outra, um deles deixar sua natural e popular cadeira, correr à Boca da Onça a fim de mitigar a sede com dois dedos de boa cachaça. Voltava assim com energia dobrada. E porque “da cá de qualquer palha”, enfiava sua colher de pau com arroubos de

grande mestre no assunto que se desenrolava. Com isso as edições tornavam-se mais movimentadas. E muita vez estendia-se por mais tempo, entrando pela noitinha, contrariando o seu “regimento interno”. Este, elaborado com rigor, tinha o dedo das mulheres, que não admitiam seus parceiros demorarem, em todas as tardes e noites seguidas, a contar lorotas. Nos seus entenderes, assim procedendo, esqueciam de “assistir” as obrigações de casa. Quando isso acontecia, alguns de seus componentes reagiam, pois teriam de trabalhar pela manhã do dia seguinte. Assim sendo, dando vaza aos artigos do regimento taxavam os que entravam pela noite adentro com suas estórias. Surgiam então as reclamações acompanhadas de taxaões de impostos e multas, que variavam de sacos de amendoim torrado a queijos frescos comprados ali mesmo na casa de Tita, que deveriam ser consumidos na edição do sábado — esta sim — sem horário definido para terminar.

Essas sanções eram recebidas sem restrições e levadas na brincadeira. Pareciam felizes todos! A liberdade de expressão caracterizava a *democracia de consenso* ali determinada e instalada — uma forma de vida, onde todos eram governantes e todos eram governados. As lideranças surgiam em diferentes situações, mudando conforme o sabor dos capítulos desenvolvidos em cada edição. Por essas e outras já explanadas aqui, é bom que se indague — tendo em vista a natureza do modo de agir dessa comunidade, numa tergiversação capaz de sucintamente explicá-la — o que se segue. Haveria, por acaso, uma impregnação herdada de fatores raciais atrelados a esses costumes? Ou seria isso uma herança atávica de formação genética entranhada nas populações indígenas, em cujas aldeias há consenso em todas as resoluções, havendo um único membro considerado superior — o pajé —, elemento que encarna os espíritos da selva e por isso é tratado com o máximo respeito? Como o são também os espíritos criados pela indução no seu sistema de sentir as manifestações da natureza. Daí acreditarem em forças extraterrestres encarnadas numa árvore, numa rocha, numa nascente de água ou em um animal escolhido para ser venerado, podendo ser uma capivara, um lobo-guará ou outro qualquer de sua escolha. O índio venera o Sol e a Lua e teme as manifestações da natureza como o vento forte, os raios e as trovoadas. Atavicamente, não sabe ser mandado. Em todos os sentidos o índio é fraterno.

Na pesca ou na caça, a vitória ou a derrota é absorvida pelo bando e não pelo elemento que foi destaque na ação. Daí, ao que tudo indica, serem os brasileiros bons nos esportes chamados de “associations”, em que todos agem segundo o lema “um por todos e todos por um”, almejando um só objetivo. A individualidade é permitida na ginga, nas intervenções chamadas “de letra”, nas firulas e manhas, visando a uma completa satisfação do comprometimento do grupo. E não é só isso. Por detrás há toda uma gama de amantes das querelas, impregnadas de aficionados de determinados agrupamentos que se subordinam às bandeiras, aos hinos e ao que se chama de galera.

* * *

Numa análise sucinta, esses aforismos deixam entrever a diferença dos costumes dos povos, em tese, como corpos sujeitos às intempéries socioeconômicas.

* * *

Somerset Maugham, às páginas motivadoras de seu livro *Servidão Humana*, coloca muito bem na boca de seus personagens questões sociais importantíssimas, não inteiramente cabíveis neste sucinto exame aqui proposto. Citamo-las apenas para servir de paradigma a quem se interessar por esse assunto, *a priori* parecendo simples, mas que no fundo é bem mais complexo do que se pensa. Haja vista o relato que se faz de um de seus personagens, o professor Warton.

Quando, a um de seus mais íntimos discípulos, perguntou quanto tempo pretendia ficar na Alemanha, e este tenha lhe respondido que talvez um ano; e que sob pressão de sua casa, teria de ir para Oxford, aquele templo de sabedoria e irreverência ao mesmo tempo, foi categórico em dizer, respeitada a grafia, sem preâmbulos:

— Que pretende fazer lá? Será apenas um colegial exalçado [...] Permaneça aqui, pelo menos cinco anos [...] Deixar o biergarten, ouvir a música no coreto; e partir para uma terra onde deverá aprender a jogar tênis e a tomar chá às cinco horas da tarde, todos os dias?

Numa contingência mais do que propícia, é bom ainda que se transcreva o pequeno trecho de Maugham, ilustrativo do que ele pensava das sociedades principais da Europa. Trata-se de trecho merecedor de uma boa peregrinação por entre seus meandros, onde se possa vir a descobrir, na concepção de hereditariedade atávica dos povos, as diferenças de seus costumes de vida em sociedade. Ei-lo, na boca do professor Warton, quando chamava a atenção de seu discípulo de Matemática para que permanecesse em Heildeberg pelo menos cinco anos, como ele próprio estava fazendo:

Há duas coisas insubstituíveis na vida — a liberdade de pensamento e a liberdade de ação. Na França dão-nos a liberdade de ação: faz-se o que se bem entende, e ninguém se intromete, mas é preciso que se pense como todos os outros. Na Alemanha a pessoa é obrigada a fazer o que os outros fazem, mas em compensação pode pensar à vontade. São duas coisas excelentes. Pessoalmente prefiro a liberdade de pensar. Mas na Inglaterra não se tem uma coisa nem outra; é-se triturado pelas convenções. Não se pode pensar nem agir como se quer. Isso porque a Inglaterra é uma nação democrática. Desconfio que a América ainda seja pior.

* * *

Deixando a tesoura e pegando a agulha, para andar mais depressa no coser o pano, que nada mais que é essa arenga, bom que se volte logo ao desenrolar comum das reuniões do grupo do Toco do Pecado. Após os comentários burlescos de entretenimentos de todos os dias, seria bom também se consignar aqui que fatos inerentes à vida da população eram sumariamente discutidos, caracterizando assim a solidez de seus debates: não era apenas uma formação de grupos dedicados ao lazer.

Sempre, corria daqui, ia dali, chegava-se a um ponto, ao lusco-fusco do dia, ao entardecer, à boca da noite, no meio dos quiproquós — ouvir muitos queixumes da vida difícil por que passava a maioria dos habitantes da cidade. E as comiserações políticas rolavam bravas. Não havia luz elétrica, não havia pontes sobre os rios que circundavam o município, não havia escolas de segundo grau que permitissem aos infantess se preparar para os vestibulares às faculdades de cursos superiores. Não havia sessões regulares

de cinema, cujas fitas vinham condicionadas em latas — decerto para não se molharem, conduzidas que eram pelos caminhões em estradas barrentas e cheias de atoleiros. Em época de muita chuva, chegavam muito estragadas, por ser a cidade a última a recebê-las, na última esquina da Terra, nos confins dos boqueirões do mundo, como se ele fosse quadrado e tivesse esquinas e fim. Antes de passá-las em sessões públicas, era preciso fazer mais de uma centena de emendas no celuloide. Tornava-se um trabalho de revisão cansativo e obrigatório. A cada vez que havia uma interrupção da sessão por uma seção da fita, o protesto surgia logo em forma de bate-pés em unísono dos assistentes, nas tábuas do assoalho da plateia. Eram tão fortes que pareciam querer derrubar o edifício do cinema — uma obra de arte, com muitos camarotes lavrados em madeira torneada e cinzelada. A energia para passá-las era fornecida por um motor de dois tempos, a gasolina, que por vezes faltava nos estabelecimentos que a vendiam na cidade. Inda bem que as fitas eram equivalentes ao cinema mudo, onde a mímica supria as palavras, e as ações eram subentendidas. Se assim não fosse, quem aguentaria vê-las e ouvi-las? estando as trilhas sonoras, os diálogos, muita vez violentos, tudo misturado com o barulhento gerador? E as cenas de combates guerreiros ou o tiroteio? mostrando as guerrilhas entre quadrilhas que disputavam pontos de venda de protecionismo e bebidas, durante a malfadada Lei Seca na região de Los Angeles e principalmente em Chicago? Cenas excessiva e exaustivamente mostradas ao mundo em fitas cinematográficas como panoramas da tecnologia americana, servindo exclusivamente de propaganda de seu progresso econômico. Fossem elas iguais às de hoje, faladas, e estivessem acionadas pela energia dos geradores “de muito antigamente”, seria um Deus nos acuda! Não seria?

O correio, por aquelas bandas, chegava de 15 em 15 dias, com suas malas abarrotadas de jornais. Já imaginou você, leitor, o que seria receber quinze números de O Estado de São Paulo, órgão diário? E outros menores, mas também mui volumosos?! Nem se fala aqui das edições especiais como as de Natal e Ano Novo!

Na verdade era uma cidade esquecida — a última do Estado de Minas — na divisa do longínquo nordeste do Estado de Goiás. Uma alma penada para quem resolvesse chegar até lá. A fuga de seus nativos, para quebrar a solidão, estribava-se na leitura, no

aprendizado compulsório, nas artes dramáticas, na ourivesaria, na pintura e na literatura. Tais temas evoluíram muito nessa conjuntura em que se encontrava seu povo, em perene isolamento. Vez por outra, um de seus filhos levantava-se e com extrema coragem cintilava na construção das constelações astrais representativas do país. Em muitas outras ocasiões, alguém fulgurava além da política e da literatura, recebia lauréis, salientando-se no momento atlético-esportivo como autêntico líder. A cidade abria-se em sorrisos, envaidecida com a evolução de seus filhos. Estes mais ainda sentiam-se felizes, comprometidos que estavam com a terra onde nasceram. Um bairrismo singular corria em suas veias. Dividiam com a terra amada os lauréis conquistados pela competência de seus saberes em várias modalidades, quer nas artes ou na cultura geral. Como estrelas de primeira grandeza, estavam na boca do povo. Um Afonso Arinos, sobressaindo-se na literatura. Nas ciências médicas, os doutores Aldemar da Silva Neiva, Sérgio Ulhôa, Cândido Ulhôa, Fortunato Botelho, Anthero Santiago, deixaram nomes nas diversas faculdades onde se formaram. Cândido Ulhôa, nas várias Secretarias de Governo estaduais, onde fora titular, deixando projetos que até hoje formam a base da cultura educativa e agrícola do Estado. Na música, Júlio Moraes fazia furor com sua clarineta na Banda Musical do Quarto Batalhão da Polícia Militar, sediado em Uberaba, no Triângulo Mineiro. Na pintura, Afonso Roquette, diplomado pela Escola de Belas Artes de Paris. No Judiciário, a estrela dos Campos, na figura de Dr. Martinho e Dr. Joaquim Santiago... e tantos e tantos outros que, se lembrados, encheriam páginas e páginas muito antes de termos em nossas costas a Capital da Esperança — Brasília, que mais tarde nos trouxe suportes sustentáveis a um progresso não muito distante...

Por esse isolamento aqui descrito, retratando tempos coevos, emparelhados a outros motivos, de caracteres inerentes à descendência colonialista, é que a cobrança de impostos sempre era recebida com constrangimentos.

Muitos de seus munícipes já falaram sobre isso. Os queixumes, brotados de todos os lados, eram tantos, tantos, que os pobres dos fiscais se viam com a maioria dos proprietários de imóveis. Alguns, de tanta raiva, costumavam soltar os cachorros sobre eles. O que mais os atormentava era a cobrança do tal do IPTU, imposto que,

em muitos casos, tornava-se um martírio, pela pequena renda de seus moradores. Cobravam-no de todo mundo. Até dos que residiam lá pelos lados do bairro do Sapé, bordejando o açude; dos do Gorgulho, às margens do Córrego Pobre, e os do Largo D'Angola, com seus ranchos cobertos de capim-sapé, numa longa caminhada desde a Ladeira do Alexandre Padilha até a Ponte do Matadouro, saltando para o Paracatuzinho, deixando as Maurícias à margem direita da encharcada Praia do Córrego Rico; e, mais ao longe, à margem direita, o sobrado da Chácara dos Melo Franco, habitada na ocasião pela família do ínclito jornalista Alyrio Carneiro, hoje pela Prelazia. E isso apenas para só citar os arremedos de bairros, os mais carentes de uma periferia que nunca vira um dedo da atual administração municipal! E não era só por ali que o tal imposto tirava o sossego da maioria de seus moradores. O que mais chocava toda a cidade era a maneira como chegavam os avisos. Com esta ninguém se acostumava. Chegavam definindo de forma autoritária que em fevereiro se esgotaria o último prazo para saldar a dívida. Caso contrário os imóveis seriam levados à hasta pública para serem leiloados. A sociedade sentia-se vilipendiada, no seu entender, com semelhante abuso de autoridade, mais pelo que ele determinava do que pelo sentido intrínseco da questão — um assunto tanto quanto ditatorial. Por analogia, é como se visse o próprio Luiz XIV levantar-se do túmulo e vociferar, ordenando com a irreverência peculiar de Sua Majestade: “L'État c'est moi”. Ficava assim caracterizada a onda de indignação que grassava por todos os recantos da municipalidade. Tornava-a mais crescente a cobrança do imposto aos que residiam na periferia.

No Toco do Pecado era assunto para deboche, apelidado com sarcasmo de: “A Derrama, emulada pelo Conde de Assumar!”. Parecia, e era consenso, até que a comuna tinha como governante o célebre preboste na figura do Tirano de Vila Rica, cujo instinto de prear a tudo e a todos, andava estampado em sua fisionomia de vilão da pátria.

Até tia Tita, dona do casarão onde morava, ao receber o talão de cobrança do imposto — o tal de IPTU — se aborrecia ante o aumento de cada ano. Quanto ao prazo estipulado no talão, ela lia e sorria, deixando escapar entre dentes:

— Um abuso!

Era tanta taxa que nele vinha descrita que mais parecia uma cartilha de beabá. Havia cobrança de esgoto, e nada de esgoto. De calçamento, e não havia calçamento. Havia cobrança de meio-fio, que não existia. Havia, sim, e com abundância, muita grama pé-de-galinha que, forte e rígida, atrevidamente infiltrava-se por entre as pedras roladas de um arremedo de calçamento, rebitando e rachando as paredes das casas. Às horas mais quentes do dia, o saci-pererê, rodopiando, comandava a poeira levantada pelos redemoinhos, sufocando os que se atreviam encará-lo de frente, ao sair às ruas...

— Qualquer dia vamos receber intimação para pagar até o ar que a gente respira! — dizia Tita.

E, amarga, concluía:

— Virgem Nossa Senhora! Tudo isso é demais! — desabafava, saindo meio cambaia, com passos claudicantes, mão esquerda às costas, segurando uma das nádegas, rumo à cozinha.

Ali, punha um tiquinho de café amargo numa “rabinha” de folhas de flandres, colocando-a sobre a chapa quente do fogão à lenha. Aquecida a bebida, a sorvia lentamente, lambendo os beiços ressequidos pela fumaça dos tições, cujas chamas ora acendiam ora adormeciam, num compasso semelhante ao andar de urubumalandro... O sabor da bebida suavizaria o impropério, tão insosso quanto o vigor da insolência — matutava ela! E a vida deveria continuar... Só que para muitos de seu conhecimento, qualquer falseamento transformava-se em constante pesadelo. Cada cem réis gastos inocuamente era um desfalque quase irreparável, no dia a dia dessas pessoas. Haja vista, e estava bem equável, no seu entender, a poesia que havia encontrado nos trabalhos de seu sobrinho, de quando ali arrumava sua estante de livros. No seu entender, ela espelhava, e muito bem, o que eram vidas comuns na sociedade carente. E como sempre estava ao gosto de tornar a lê-la e senti-la, vez ou outra se pegava indo buscá-la para mais uma vez satisfazer seu desejo. Como ela não tinha com quem extravasar seus sentimentos, saboreava-a intimamente, balbuciando para dentro de si mesmo, sentindo aquelas linhas de versos trasbordarem em ondas de emoção, palmilhando seu coração como se ele lá estivesse à praia — em carne e osso —, compartilhando da nobreza e da posterior angústia da:

A GARIMPEIRA

Descendo a ladeira do Córrego Rico,
Vai, na cabeça, bateia e peneira,
Enxada no ombro, no bernal, um tico
De paçoca, a garimpeira,
Em busca de faíscas de ouro,
Para comprar o pão na feira.

Pensamentos afloram em sua mente:
Ali, bem na volta do córrego, na correnteza,
Num puxado, bem em frente,
Viu tresmalhar pepita diferente.
Bom serviço deverá dar com muita certeza.
Debaixo do grande ingazeiro,
Cujos ramos cobrem a maior parte da praia,
Faz fogo com alguns gravetos e desce a traia.
Pita um pito e, meio banzeira,
Espera, sonhando, vendo a água gargarejar,
Banhada pelos fúlgidos raios do sol que raia.

O dia todo com ele nas costas,
Nuas, e, só de tanga e volumoso porta-seios,
Ginga a bateia com as mãos postas
Em seus flancos, para extrair o ouro dos veios.
À tarde, gemendo baixo, com dores nas cadeiras,
Passa o esmeril para o caburé.
E com rebolados, cautelosos e costumeiros,
Apura o ouro, levando-o para o cuité.

Passa-o em seguida com cuidado
Para uma rabinha de cobre.
E ao fogo brando é levado,
Para desidratar o metal nobre.

Quando o sol é posto,
Arruma de novo a traia,
Torce a tanga e lava o rosto,
Deixando de novo a praia.

Subindo devagar a ladeira,
Fazendo cálculos do que tem,
Esquece o trabalho e a canseira
E vai à rua vender seu vintém.

Vintém de ouro bem pesado
Dá para comprar a mamadeira
Do filhinho sujo, mas amado,
Único mundo da garimpeira.

Era sempre assim! Terminada a leitura com nó no gorgomilo, sem entender por que havia diferenças nas vidas humanas de uma mesma sociedade, e guardada a peça literária que manuseara há pouco por entre as folhas do livro que acabara de folhear, entrou em profunda meditação. Os resultados dessa ficaram com ela. Era o seu feitio. Não as passava a ninguém... Também jamais alguém se interessou em saber do resultado. Eram mais, ao muito entender, frutos de homenagem a seus pensamentos íntimos que qualquer outra coisa. Coisas assim... coisas desse gênero... são coisas que merecem respeito!

Tudo que lhe acontecia, mesmo as explosões, acabava por fim amenizado pela tolerância que os janeiros haviam lhe conferido confidencialmente. Nas noites tristes de sua passagem pelo planeta, num cantinho da esquina da Terra — a sós, atrelada ao bico da galáxia, caminhando sem saber para onde — seus sonhos, auxiliando a empurrar suas vigílias, não eram tão insalubres como se os pudesse avaliar *a priori*. Em sua maioria, satisfaziam seus almejos. Conseguia fundear-se nas noites com certo alento, materializados na sua consciência esses inconfessáveis desejos, por serem derivados de singelos fatores que a natureza lhe oferecia abstratamente. Em sua juventude, pertencente à casta sobremaneira vigiada pela insolência de uma sociedade normatizadora e preconceituosa, jamais soube ter desejos e aproveitar os donativos que a exuberância dos hormônios naturalmente oferece ao corpo que amadurece com a força inesperada e desejada de ser útil à perpetuação da espécie por formas concretas. Se não lhe foram oferecidas essas condições naturais, a inteligência e a memória substituíram-nas em sonhos acordados ou não, emoldurados nas reminiscências bastante confortáveis do que poderia haver acontecido por força da natureza incontestável.

Se houvera uma companhia para mitigar essa ansiedade, ninguém soubera dizer. Esse segredo era guardado a sete chaves, no cofre chamado saudade, engastada de pedras de quilates altos cravejados no colar da lembrança — uma capanga em forma de coração, onde chacoalhavam rutilantes rubis misturados aos “suspiros acaramelados”, frutos açucarados de uma imaginação fértil.

No dia a dia, a labuta da casa fazia-a deixar as recordações para trás. Reclamava bastante do alto custo das coisas de primeira necessidade. Sua renda caíra muito, pois já não tinha forças equivalentes para manobrar o seu tear — uma peça importantíssima nos velhos tempos em que a cidade fabricava a maior parte do tecido com o qual vestia sua população. Os jovens que a visitavam, gostava muito de levá-los ao quarto onde ele estava armado e instalado, pronto para ser usado... Fazia-o com orgulho. Era uma máquina composta de travessões de madeira, manobrados por um pedal, mola real da tecelagem. Como a madeira era pesada, ocupando todo o quarto, para manejá-la era preciso de muito esforço muscular e tia Tita já não tinha lá isso, devido à idade já avançada — uma menina teimosa brincando de dobrar o espigão da serra em cujo horizonte a vida se esconde. É como se fosse a gota d’água que, escorregando pelo bicamente, vai aos trancos e barrancos, engatinhando, levando solavancos, e, num instante, desaparecendo por entre o lajedo do córrego onde mora a saudade.

No momento que dobrava a folha de papel onde havia lido a poesia “A Garimpeira”, Tita deu de olhos, às costas da folha escrita, com mais versos. Inda bem não tinha saído da crise que a levou à meditação aqui narrada, eis que surge também outra motivação. Esta, com mais subsídio para analisar os pensamentos de Tião, levou-a a ir cambando até ao varandão da casa. Ali soltou o corpo sobre o canapé de palhinha — um testemunho inabalável da história de sua vida. De imediato, puxa aquele suspiro forte, demorado, quase igual ao tempo que o Cometa Halley leva — só 73 anos — para voltar a orbitar perto da Terra. Não resistindo ao cansaço, cérebro despojado de pensamentos quotidianos relacionados à lida caseira, pernas estiradas, óculos na ponta do nariz, olhos perdidos na imensidão de acontecimentos passados, tão logo, ao início da leitura, tendo a folha desdobrada presa entre os dedos da mão esquerda, sente o pessimismo que a mensagem mostra. Uma página de tédio e mesmo

de fastio para tudo que cerca seu sobrinho — seu autor —, o que leva a encher seu espírito de preocupação. E Fastio é na verdade seu título. Ei-la, abaixo transcrita:

FASTIO

Rir do mundo...

Da bica d'água que não para
Do vento que sopra
Da laranjeira que produz todos os anos
Das formigas incansáveis
Das borboletas esvoaçantes
Dos grilos na macega saltitantes
Do sol que vem todos os dias...

Eu rio de tédio...

Como é quotidiana a eternidade...
Todos os anos com seu dezembro
Todo dezembro com seus natais
Todos os viventes à procura da felicidade
Que ora se aproxima ora se vai
Como a linha do horizonte ao andarilho
Tendo a luz no cão e outro no gatilho
Indo e vindo!... correndo... correndo
Como a bica d'água que não para

Tita, após a leitura, gaguejando e repicando nos ponto-e-vírgulas, dizia para consigo mesma não estar pra essas coisas. Emocionava-se por da cá qualquer palha. Andava sensibilizada até quando via uma cria de pássaro despencar do ninho ainda estando implume. Pois não é que, uma vez, ao fitar a mangueira da porta do quintal, atrás de uma boa fruta madura, um filhote de sabiá, por ação de uma passageira, porém forte, ventania, não lhe caíra ao colo?! Fora difícil para ela desvencilhar-se da mãe-sabiá que descia como uma seta, fazendo volteios circulares por cima de sua cabeça, atrás de sua pequenina cria que pipilava sem interrupção, como uma

doidinha medrosa. Pois não é que, decididamente, houve por bem mandar um garoto que passava pela proximidade, do outro lado da rua, subir na árvore e colocar de vez o passarinho na sua caminha de plumas? Quem na verdade ficara feliz com essa estória? No contexto quântico com sabor universal, algumas figuras, tão diferentes como indivíduos e tão iguais como participantes, foram as responsáveis e quiçá premiadas. Tita, pelas providências articuladas em favor da vida, sentiu-se aliviada e com a consciência tranquila. A sabiã-mãe também, pelo seu esforço ao usar dos parágrafos inerentes ao modelo materno em alcançar seu objetivo protetor. O garoto, por ter praticado uma ação que ele mesmo qualificou de boa, tendo aproveitado o espaço-tempo para se premiar, chupando alguns frutos. Por fim, a árvore-mangueira, que após ser testemunha virtual dos acontecimentos, balançava seus galhos como que saudando o Céu e a Terra. Quem os agitava? O vento? Quem o soprou tão forte? Seria uma derivada ocasional dos atávicos fenômenos cósmicos? Tudo isso, se analisado ao pé da Física moderna, poderá ser útil na “observância” de que na verdade o que houve foi um inolvidável testemunho, provando que o universo é sumamente integrado por peças processuais, numa característica e interminável dança cósmica. É Geoffrey Chew, criador da teoria “bootstrap”, quem diz ser o universo um emaranhado de energia e massa consequentes, com a aparência de uma teia dinâmica de acontecimentos inter-relacionados, onde nenhuma parte estrutural é primordial. Todas são fundamentais, interagindo umas com as outras até formarem o contexto do evento. Como ele, o universo se apresenta conforme quem o vê, ou quem o observa com os sentidos. “Taí” uma boa ocasião para qualquer leitor fazer suas considerações físico-filosóficas e tirar suas conclusões. Nessa oportunidade, é bom não esquecer da Lei das Incertezas de Heisenberg. Nela se observa que tudo que acontece está dentro de um processo de probabilidades e de possibilidades.

* * *

De novo, será necessário que se retorne à vaca fria... Tita fazia o serviço da casa quase como autônoma, pois tudo se repetia em todos os dias numa rotina de chatear berne em cupim de boi gordo. O mais era o mais! Não se importava muito com o que poderia acontecer

daqui a minutos ou horas ou dias. No contexto geral o que mais lhe trazia dor e sofrimento era a coluna, pois tinha de dobrá-la todas as vezes que puxava a trave de compressão dos fios de algodão, adredemente preparados nos fusos da roda de fiar. O trasladar da canelinha por entre esses fios esticados era sumamente delicado, necessitando de muita habilidade e atenção, principalmente se havia algum bordado a cumprir. Para isso, tinha que ficar horas e horas com a espinha dobrada. Saía dali com as mãos presas às cadeiras, andando com passos miúdos, o corpo estirado para a frente. Para desalinhavá-lo, tornando-o mais aprumado para dar passos mais largos, era preciso certo tempo. As câimbras eram frequentes, atormentadoras. Vez por outra, nas panturrilhas intumescidas, micronovelos eram formados como nós, custosos de se desmancharem. Eram sofridos esses momentos de dor e de aflição. Mesmo assim não reclamava de nada. Apenas puxava mais o fôlego e suspirava forte. Após esse lufa-lufa, sentava-se por momentos no comprido banco colado a um vasto gradil, como se fora um parapeito fincado num varandado, donde, dali, se nele se debruçasse, via de cima todo o quintal e o pomar. Um cheiro de ervas frescas, misturado aos odores de dezenas de frutos amadurecidos, enchia-lhe as narinas, dando-lhe um sentido de vida nova. Seus olhos que chegaram meio amortecidos, símbolos de ave penada, iniciavam a criação de uma nova alma. A paisagem que lhe era apresentada nesses justos momentos de instalada semimelancolia começava a encher de imagens consternadoras seu cérebro até então árido. Essa fase de finita recuperação de muitas sinapses em neurônios adormecidos acalentava momentos de intensa meditação, observando como os guaxes disputavam os mamões maduros com os tucanos. E como o tênue colibri macho transmutava todo o seu egoísmo, na marca do seu território, correndo dali com os pequeninos chapinhas que andavam, com ele, compartilhando o néctar das florações de setembro. Às gralhas dedicava mais atenção, por achá-las divertidíssimas em suas despedidas das tardes de calor intenso. O ambiente, nesses momentos, se tornava cheio de ruídos, quando cada qual mostrava às companheiras, segurando com dois dedos, a melhor castanha que conseguira abrir com seu afiado bico em arco. É como se quisessem dizer: esta é melhor e mais doce que a sua. E entravam, assim, em breves e barulhentos convescotes que só elas entendiam. Muita vez o silêncio falava mais alto, e, sem nem

mais ver, esvoaçavam numa algazarra danada. É que algo só fora por elas percebido, daí a disparada do bando diante do imprevisto que surgira, um intrometimento a estragar-lhes a festa.

Mais embaixo no terreiro, ao pé do pilão, do rústico monjolo, uma saraivada de papa-capins disputava o resto do farelo da sopra do arroz com os canarinhos-do-reino. Suas cores se confundiam com os marinheiros, que teimosos passaram pela peneira de taquara separados no seu manejo pelo peão encarregado desse trabalho. Esse agrupamento forrava a relva de verde, um verde amarelado igual à bandeira pátria.

Ali, Tita estagiava um bom tempo. Vez por outra, esticava as pernas onde as varizes teimavam em se enovelar. Causavam, elas, certo torpor acompanhado de dor, melhorando até que os músculos se restabelecessem e se adaptassem às novas funções. Estas adviriam e não eram poucas, por certo, haja vista o trato dos cães que Dadico mantinha nas dependências de seu chalé parede-meia com o casarão. A matilha era composta de duas trelas de canadenses magrelos destinados à caça ao veado-campeiro, o *hobby* de Dadico.

No momento de sair para a caçada, já montado no seu pingo castanho-estrelado, uma montaria ardente e passarinheira como não sei quê, piaçando como uma danada ao menor reboleio na estrada, Dadico, empunhado de uma corneta, açulava os animais. Estes aprontavam uma confusão com latidos fortes, pulando sem cessar nas baldranas do arreio do cavaleiro. E choravam. E latiam. E gemiam e saltavam. Soltavam uivos demorados e tristes, todos cômicos de que estavam indo para participar da liberdade de correr cerrado adentro em busca de boa caçada. E assim, com seus amigos, partia feliz da vida o celibatário Dadico, homem maduro, mas cheio de vigor, rumo à sua fazenda Guerra, a poucas léguas da cidade. Os moradores do Largo do Santana, embora acostumados à barulhada dos cães alvoroçados com o toque da corneta — que se assemelhava aos uivos do lobo-guará nas noites de lua cheia à procura de parceira —, saíam às janelas de suas residências, sempre encantados, a espiar o balé deles em volta do cavaleiro, que mais os açulava quanto mais pulavam. A matilha descia a ladeira da Mariana, entrava na correnteza da praia do Córrego Rico. Ao passá-la sentia-se mais alegre e feliz. Daí, transposto o aclive do outro lado da margem do ribeirão, mudava por completo o ambiente. Os cães alvoroçavam-se, na quebrada da

serra do capão do Espírito Santo, respirando o ar forte contaminado pelos odores dos frutos das mamás-cadela, marmeladas-de-cachorro, pequiizeiros, araticuns esborrachados de maduros pelo chão e outras espécies nativas de arvoredos da chapadinha. Desatrelada a matilha, seus componentes comportavam-se como todo jovem da espécie de mamíferos. Sem muita comisseração, desandavam a fuxicar, latir e farejar tudo que encontravam nas trilhas que os levavam a um cerrado fino. De lá saíam lambuzados do capim-meloso que ditava ramagem por cima dos paus-terra e barus. Vez por outra, estiravam-se também à sombra dos muricizeiros, cujos frutos amarelinhos atraíam os veados-campeiros. Pelo odor deixado por esses animais, os cães encontravam os rastros, dali partindo para um possível encontro com a caça. Daí pra frente eles comandavam a música. O maestro, de cuja batuta saía ritmado o toque do levante, era o canadense mais velho, de nome Bartira. No encontro do rastro, no farejo, tocavam o campeiro, numa toada bonita de se ouvir. O veado, distante muita vez de um a dois quilômetros de frente, pressentia a matilha que velozmente ia em sua direção, e usava assim de muita artimanha para despistá-la. Era comum nesses momentos, observando que estava sendo perseguido, e não sendo nada bobo, entranhava-se em um bico de brejo amoitado de buritizeiros ou numa vereda, despistando assim os cães pelo sumiço do odor na atmosfera e dos rastros dispersos que desapareceriam desmanchados pela correnteza da água. Treinados para o levante do campeiro, nossos caçadores de elite ficavam, nessa hora, desapontados e murchos, com a cauda entre as pernas. Dadico? Igual aos cães também se desmanchava em decepções! Como bom jogador, entretanto, não se dava por vencido, continuando a vasculhar os capões e restingas.

Antes, os cães não se importavam com caça miúda. Agora, porém, sem a graúda, passavam, em sua falta, a levantar meletes ou mesmo preás que se misturavam à relva das fraldas dos montes e várzeas. Vez por outra, iam mais adiante e encurralavam, para brincadeiras, um tamanduá-bandeira, que acuado na campina tornava-se animal quase inofensivo. Porém, quando num naco de capoeira qualquer, era deixado de lado com todo o respeito que ele merecia, tendo em vista seu vigoroso abraço forte e fatal, era engraçado! Dadico morria de rir com as negaças de um de seus cães ao deparar com um teiú. Ao menor movimento do lagarto em

balançar sua cauda que servia de chibata, o cão pulava pra trás, com medo do bichinho quase inofensivo. Vai ver que já havia levado, em enfrentamento antigo, uma lambada pra valer. Dadico, por sua vez, já havia visto cachorro onceiro, valente como não sei o quê, fazer frente a uma pintada e correr de medo do galo índio — treinado para briga — no terreiro da fazenda. E já vira também onça recuar, frente ao marruco do pastoreio, que, rodeando a manada de quem era o chefe protetor, partir pra cima dela com os cornos sujos da terra que cavara com as patas, bufando pelas narinas como um animal selvagem acuado. A pantera brasileira, negra como a noite, em tais circunstâncias, espiava-o de soslaio, e devagarzinho se retirava, não deixando de vez por outra virar a cabeça para dar uma olhadela na manada, a ver, por alguma razão insólita, um de seus membros se desgarrarem, tornando-se assim presa fácil de ser dominada.

Para Tita, dia de caçada era um alívio, embora fosse por horas apenas, uma vez que à boquinha da noite seus pupilos estavam de volta. A sorte é que chegavam cansados e iam dormir, logo após comer o seu angu com pedaços de carne, preferencialmente da caça que haviam conseguido pegar. Aí é que por vezes morava o problema, pois geralmente Dadico trazia a caça escanchada na garupa, necessitando de alguém para derriçá-la, tirar-lhe o couro e esquartejá-la, separando as partes que mereciam ser armazenadas após a salga. Para isso, quem vinha em socorro de Tita era o Luiz de Dario, seu vizinho, ali, da Boca da Onça, um cara bom pra toda obra. Aproveitava ele também para fazer alguns acepipes com o fim de atrair a freguesia e com isso vender mais suas bebidas acompanhadas do tira-gosto de carne de caça. Tita lhe agradecia pelos favores, colocando Dadico e seus cachorros de quarentena. Ficava amuada por longo tempo, até que passasse a onda das caçadas.

Vivia ela praticamente quase sozinha, embora sua casa estivesse sempre cheia de gente, em sua maioria, pessoas amigas, ali do bairro onde morava. Pelo meio-dia de todos os dias passava-os na venda do leite que vinha da fazenda Guerra, de Dadico, seu vizinho. Era um serviço leve. Em se tratando, porém, de alimento, os cuidados higiênicos pesavam, e passavam a ser minuciosos, como a esterilização dos utensílios usados nesse mister. Tião, seu sobrinho, era a única pessoa com quem, abrindo seu coração, gostava de falar, procurando uma maneira de ser mais extensa. Ele, por sua

vez, amava dialogar com ela. Fora disso, encontrava-se sempre às voltas com seus livros, acachapado debaixo de sua companheira predileta — a amendoeira velha de guerra, que lhe dava, com sua sombra aconchegante, condições e pertinácia para enfrentar as difíceis contingências esculpidas nos alfarrábios de seus prediletos amigos filósofos e sociólogos. Em caso de difíceis problemas matemáticos, era ali, naquela quietude ambiental do pomar, onde só se ouvia o chilrear dos pássaros em nidificação, que, amparado pela exuberância da sombra da árvore querida, achava o carinho necessário para encontrar as soluções procuradas.

Embora tudo isso, Tita sentia-se feliz. Seu tear era o seu viver. Seu prazer estava naquele quarto, onde passava horas inteiras. Ali, manejando aquelas peças de madeira quase automaticamente, havia tempo para navegar sua mente, perscrutar seu coração, esquecida da vida. Por vezes era pega suspirando profundamente. As lembranças de um passado, não muito distante em seus pensamentos, faziam-na arrepiar. Seu coração forte batia apressado ao ver-se, ainda jovem, sendo altamente requisitada pelos rapazes de sua geração, quando se encontravam nos desafios das bandas de música — a Euterpe e a Fraternidade —, que realizavam ali mesmo naquele Largo do Santana, pivô cultural da cidade. A história dessa praça de lazer, transposta aos idos dos Caldeira Brant, mostrava-a rica de passados. Ali brilhavam os acontecimentos sociais da época. Os saraus, nas residências abastadas, eram trilhados pela música barroca importada da Corte e tocada por músicos educados lá pros lados de Vila Rica — a capital da província. Os cavaleiros que a elas chegavam eram recebidos por pajens de libré, acolitados ao mezanino do sobrado por mordomos trajados a rigor... A baixela dos serviços de mesa era cinzelada em prata da melhor estirpe. Eram acontecimentos singulares aqueles. Mais pela frente no tempo, na velocidade do desejo de manter esse aparato, o povo se vestia das tradições, reunindo-se ali para, num arremedo pretensioso, evocar seu antepassado glorioso, ouvindo as retretas musicais. Os dobrados executados pelas duas bandas musicais eram tocados, um após outro, compostos por mestres em sigilo absoluto. O julgamento para a melhor execução e a melhor composição era realizado por maestros vindos de outras cidades. Entre estes, o próprio, em carne e osso, da Banda do Quarto Batalhão da Polícia Militar do Estado de

Minas, sediado em Uberaba, fazia-se presente. Ele interessava-se participar dessas retretas comuns em várias cidades mineiras, com o fim de selecionar músicos para o batalhão ao qual pertencia. De Paracatu foram vários deles, em diversos períodos. Os que mais se sobressaíram foram: Júlio de Moraes e Diogo filho de Tiofão, ambos, membros da Banda Fraternidade, todos dois clarinetistas.

As torcidas eram apaixonadas, iguais às que se vê, hoje, nos jogos esportivos.

Ambas as bandas eram mantidas por correntes políticas que as usavam para motivar seus adeptos. Após cada peça tocada, os rojões levavam os aplausos para o espaço atmosférico, donde derramavam estrelas acesas, saudando a alegria pelo triunfo conquistado pelo grupo de pessoas da agremiação. Os oponentes soltavam fogos de lágrimas e de assobios, apupando os adversários. “Nos finalmente”, como dizia o prefeito Paraguaçu, de inolvidável lembrança — interpretado pelo inesquecível Paulo Gracindo —, tudo acabava em confraternização, com bebidas e caçaroladas portuguesas, com que todos enchiam a barriga e se encharcavam, volitando o espírito. A cachacinha rolava adoidadamente, e as gasosas e licores de jenipapo para os músicos. Para os chefes de partidos políticos e autoridades municipais e estaduais, como os coletores de impostos, professores e delegados de polícia, apareciam surdamente garrafas de Brahma Rainha, a cerveja preferida dos habitantes da comuna. Cara e custosa que só! Cada garrafa era vendida a 3\$500. Para entender o quanto era cara, vejam bem: um bom oficial de carpintaria ou marcenaria daquela época ganhava por dia a quantia de 4\$500 cativos.

Vinham as garrafas embaladas em capas feitas com palhas de trigo ou arroz, em caixas de madeira com 72 exemplares, ao peso de 3 arrobas. Manoel Teiú, um baita dum mulato, sacudido e corpulento, ao chegar o carretão de quatro rodas, vindo do Porto dos Buritis até a cidade, puxado por juntas de bois, colocava duas caixas delas em um varão, à moda de balança nos ombros, e, brincando, descarregava-as. E colocava-as no Armazém Quintino Vargas & Cia., à Rua Goiás esquina com a Travessa dos Tropeiros. Hoje seria, por certo, um “medalha de ouro” em qualquer olimpíada, na modalidade de levantamento de pesos.

Pelo preço exorbitante, em muitos casos, substituíam-na, servindo em seu lugar uma similar, — a bebida caseira produzida em

uma pequena fábrica dirigida pelo operoso Gustavo Laboissière em sua residência à Rua Direita. Era uma cerveja de sabor adocicado conforme o gosto dos europeus, fabricada com produtos importados, inclusive o lúpulo da Baviera. O vinho espumante era servido para o presidente da Câmara Municipal e o pároco, que o bebia sempre dizendo: — Vou tomá-lo pouquinho só para não fazer desfeita. Só que o pouquinho era, muita vez, enquanto duravam os festejos e as confraternizações. De pouquinho em pouquinho... Ah! Deixe isso pra lá: quem ajuda e julga padre é sacristão. São tão íntimos que costumam ser sócios no vinho de missa — celestial e gostoso de rachar! — o vinho licoroso de Málaga, também chamado “vinho de padre”. Contam “as más línguas” que o velho pároco, padre Joca — mão de vaca danado — escondia suas garrafas em casa, colocando na sacristia um aglomerado de pinga com água e xarope de groselha. Não se sabe se a gororoba que era bem feita ou se a sede do sacristão que era brava, pois não há notícia de que ele a achava ruim.

Contam ainda essas mesmas “más línguas” estórias interessantes havidas por elas. Numa dessas não é que houve uma confusão danada com toques de sino? Era verão, numa dessas noites difíceis de suportar. Tendo como singular companheira uma lua cheia, a brilhar pelo lado do Alto do Córrego, como se fosse uma roda de carro de boi, o pároco e o sacristão, após terem exorbitado no gargarejo do conteúdo das *bouteilles* de “Dulce Néctar dos Deuses”, subiram, ambos, à torre da Matriz. E, enquanto o ajudante de ordens matraqueava o sino pequeno, o padre marcava o ritmo com badaladas compassadas no grande, cujo som belo e limpo falava alto ao coração da maioria das beatas, que não se incomodaram com a hora. Bateram, de xale à cabeça, à porta da igreja, atendendo ao chamado. Todas, meio cambaias, ainda presas ao sono incipiente, não sabiam a que vinham! Seria uma missa diferente?! Ou seria uma convocação para algum ato de contrição especial?! O que se soube depois é que o pároco desceu nervoso e pôs todo mundo a correr. Disse que estava treinando para a Procissão do Senhor dos Passos, a ser realizada na semana entrante.

— Puxa vida! — diziam os maridos abandonados aos leitos vazios. — Esse padre tá merecendo! Tá procurando sarna para se coçar!

Ninguém mesmo sabia a que vinham os repiques dos sinos em tom de convocação! Daí a indignação dos respectivos esposos. As mulheres desculpavam-no, os maridos concordavam, e tudo voltava como sempre “ao seio de Abraão”. O padre, continuando a compartilhar o vinho com o sacristão. As mulheres, achando graça da extravagância dele, continuando a ir contritas à igreja. E os maridos, cuidando de não ficar mal com as esposas, que lhes faziam muita falta! Principalmente em noites de lua cheia!

E o imbróglio não ia adiante, em vista de estar envolvido o pároco, de quem, mesmo com algumas restrições, todos gostavam e o consideravam pessoa preparada para equilibrar a comunidade. O mesmo não aconteceria se somente o sacristão tivesse a pertinácia de envolver-se em problema dessa ordem. Uma vez, teria aberto as portas da igreja, subido à torre à noite, e repicado o sino, em acordes de aviso fúnebre, quando na verdade deveriam ser repiques festivos para a Missa do Galo.

Você sabia que nas cidades mineiras oriundas da mineração do ouro, como ao tempo da colônia, os habitantes distinguem as solenidades eclesiais pelo repique dos sinos? Em muitas, até hoje, estes são tradicionais. Haja vista nas procissões tristes da Semana Santa, onde a saída do andor do Senhor dos Passos é acompanhada de badaladas rítmicas, soando fundo na alma, penetrando-a devagarinho, saudosas, profundas como o ribombar dos trovões longínquos que permanecem ecoando no infinito. Já, em contraste com elas, o matraquear repicado da entrada soa mais ligeiro, os sons não se confundem. Há, em cada solenidade eclesial, uma toada de sinos própria. Tão somente os nativos as conhecem e sabem interpretá-las, como a entrada e a saída dos andores nas igrejas receptivas. O som melancólico do grande sino da Igreja do Rosário, de quando da saída do andor do Senhor dos Passos, é uma coisa indescritível que nunca sai de nossos ouvidos, estejamos ouvindo-o realmente ou ao longo da história. Sente-se que assim seja. Numa recordação virtual inerente ao grau da saudade que ele injeta em nosso espírito, ele funciona como lenitivo para o espírito do emigrante exilado da terra onde nasceu... Os versos esparsos da poesia inserida no livro “Orapronóbis” são testemunhos desses dizeres. Ei-los: “O sino da Igreja do Rosário / geme um balão... dão... dão / Um som triste repetido no Alto do Córrego! / É Senhor dos Passos que está saindo.

[...] Os homens de capas roxas levantam o andor / O sino da Matriz matraqueia: balandim... dim... dim! / É Senhor dos Passos que vai entrando / Com seu olhar triste, acompanhado de muita dor”.

* * *

Voltando a nomear os acontecimentos surgidos no Largo do Santana, conta-se que, após ter a retreta sido executada, ninguém queria perder a ocasião para se mostrar. E assim as arengas iam acontecendo, para alegria de todos.

Sempre havia alguns discursos. O padre Joca, após ter participado de inúmeras pequenas metades das taças de vinho, deixava de lado seus dogmas, versículos e provérbios religiosos, e danava a contar anedotas, captadas nas suas intermináveis desobrigas pelo agreste noroeste mineiro. Além destas, não dando nomes aos bois, como manda a ética sacerdotal por ele cumprida à risca, gostava de misturá-las com outras das muitas que guardava na memória. Algumas de sabores picantes, derivadas do seu cadastro interminável, registrado no confessional. Para complementar, sendo ele um celeiro incomensurável da cultura induzida de centros europeus, destacando-se a francesa, surgia vez por outra com as traquinices de Flaubert, rindo do mundo de seu tempo, com o seu livro “Madame Bovary”, um romance que gravitava fora de órbita. Desejava o autor, com isso, trazer à luz os costumes parvos de Emma Bovary, adaptando-os, como exemplos de atos condenáveis pela família e pela sociedade.

Em contrapartida, o povo em geral não ficava para trás em questões de oratória... Em sua maioria, era provido de uma cultura embasada no fato de não haver outro sentido de vida de seus habitantes, senão o de ler, ler muito, ler tudo. Isso era ecoado nas Minas Gerais, no estado inteiro. Se reverberado na confluência de suas montanhas, constituía forte êmulo capaz de propiciar invejas em outras comunidades, constatando-se que o mineiro é *per se* um inveterado bairrista diplomado. E, sendo o padre lídimo representante dessa cultura, não fugia disso. Gostava, sim, de mostrar aos jovens, como uma relíquia, os feitos de vários conterrâneos que ocuparam e outros que ocupam no momento, cargos de relevo na história e no contexto atual do país. E, usando e abusando prolixamente de figuras

literárias que caíam no gosto da juventude, mostrava o quanto era necessário estudar com afinco para vencer, fazendo sentir como era dura a vida para os habitantes de uma cidade distante dos centros progressistas da pátria. Terminava, com a ênfase de que dispunha sempre quando se empolgava, exortando os ouvintes no sentido de que, “não obstante essas dificuldades, todos deveriam amá-la pelo que representava no contexto do país, ditando cultura e enobrecendo o Congresso e os Ministérios com vultos de capacidades inexoráveis, filhos deste rincão esquecido”.

Cutucado o espírito patriótico da gurizada, viam-se, além das palmas ouvidas, os meninos lançarem os bonés para o alto, e os lenços brancos das meninas agitados ao léu. Esse conjunto assemelhava-se a asas abertas de pássaros em vulteiço ao arrebol, cobrindo o céu inebriado pelos sons das palavras musicadas do orador. Este, chapéu-coco preso entre a axila do braço esquerdo, direito estendido para o alto, em comunhão a elas, em contralto, sorria com a grandeza do momento — uma divina e verdadeira demonstração de exaltação à terra onde nascera. Sentiam-se compensados por pertencerem à “Atenas Mineira”, título que lha deram vários intelectuais de outras províncias. Até no arrocho com que vivia a maioria do seu povo, o padre andou tocando, embora com certa precaução, em virtude da presença do senhor presidente da Câmara, de quem precisava para resolver algumas pendências legitimadas de interesse estrutural de sua igreja. Porém, a maior parte dos assistentes compreendeu o que queria dizer o pároco, quando tocou no problema dos impostos escorchantes, entre os quais o impiedoso “territorial e urbano”, que mortificava o povo pobre da comuna.

Assim, o dito cujo, designado de IPTU, era recebido sob ressalvas pelo pouco que era oferecido ao povo em termos de vivência na cidade. Em reuniões quaisquer, o primeiro assunto era esse. De tanto se falar nisso, até as crianças contaminavam-se com esse problema, tornando-se inquietas e medrosas pelo que poderia acontecer no término do prazo para a prometida devassa.

* * *

Tião, perante tantos queixumes, embora mostrando serenidade, não deixou de se interessar pelo assunto, mesmo porque sua tia Tita

estava azeda com o negócio. E foi assim que, saindo mudo, chegou calado, sem trocar palavras com Sô Manoel, durante a viagem que fazia para chegar à fazenda. Às perguntas que lhe eram dirigidas, no muito, respondia-as sem interesse, cometendo até certos solecismos no afã de não encompridá-las, burilando as frases, desvirtuando-as da concordância gramatical. Tornava-se até engraçada a prosa dos dois. Sô Manoel, por vezes olhava-o desconfiado com o rabo do olho, sem muito entender a posição de seu companheiro de viagem. Por azar, em ali chegando, encontrou a casa alvoroçada com o problema — já descrito em períodos anteriores — do acidente havido com o peão que havia sido ofendido por uma jararaca-do-rabo-branco — um dos mais temidos ofídios que abundavam naqueles rincões. Havia muita controvérsia sobre assuntos de serpentes, uns dizendo ser ela, quando rumorejava em locais pedregosos, mais brava que a que vivia nos brejos, circunavegando por entre os aguapés. A lógica dizia ser esta menos venenosa, pela farta linha de alimento que há no seu hábitat. Tinha, a todo momento, oportunidade de estar exercitando suas glândulas elaboradoras de proteínas e enzimas virulentas na predação de pequenos animais, como ratos e preás de banhado, sapos, rãs e muita ave peralta que andava à cata de nematoides entocados na lama.

Tanta informação fora ao mesmo tempo despejada em cima dele, o que acabou levando-o a um quase total retraimento. Terminou indo encostar-se a um canto, onde, sozinho, pudesse conversar consigo mesmo, colocando a cabeça no lugar. No muito, extravasando-se sorrateiramente, sorriu pra Zabé, a governanta, quando esta lhe ofereceu um pires com requeijão quentinho acompanhado de melado de cana-caiana. Sabia ela como agradá-lo. Todas as vezes que vinha à fazenda, era-lhe oferecida com desvelo a sua merenda predileta. No mais, gostava mesmo era de conversar com ela. Procurava saber de seus sobrinhos e primos, de suas necessidades, de seus sonhos. Tudo isso era de suma importância para ele. A todo momento a motivava a que lhas contasse. Podiam, assim, ser úteis na análise que poderia fazer. Dependendo dela, quem sabe oferecer alguma alternativa capaz de atenuar seus temores íntimos. Nessas ocasiões permanecia pensativo e, muita vez, condicionava certos argumentos — uma espécie de conselhos — para ajudá-la a resolver seus problemas. Zabé o adorava. Em certas ocasiões, permanecia calado, escutando-a, tão

pensativo que parecia estar ouvindo sua própria mãe a falar-lhe, com a mesma entonação de carinho e de amabilidade, coisa que tinha uma miríade de saudade. Como se pareciam! Uma vez, as lágrimas brotaram em seus olhos com tanta profusão, quando ela, passando as mãos em sua cabeça, deu-lhe um beijo na testa, dizendo: — Que Deus o abençoe e o livre de todos os males! É o que mais desejo, meu querido menino!

Para ela seria sempre o “seu menino”, embora fosse já um rapazote sacudido.

Esses convescotes não deixavam de açular o ciúme que a ela devotava D. Alzira, pois, desejava dispensar a ele todo o carinho possível, como a um filho que não tinha tido, por capricho da natureza...

Após o jantar, depois de ter ouvido um chorinho tocado ao piano por D. Alzira, recolheu-se cedo. Tomando por acaso um livro que estava à sua direita, no caixote que lhe servia de criado-mudo, tentou ler algumas páginas, mas, infelizmente, naquele final de dia não havia, mesmo, clima para esse tipo de devaneio. Parecia que tudo embaralhava sua cabeça. Pediu então a seu amigo Schopenhauer que também procurasse dormir, colocando o seu “Dores do Mundo” no meio dos demais em sua grotesca estante. Montesquieu ficou de um lado, com seu “Espírito das Leis”. Do outro, Jean Jacques Rousseau, com o “Contrato Social”, obra em que aponta o regime democrático como aquele que melhor protege os direitos dos cidadãos.

Apagada a vela de sebo, apertado o morrão do pavio entre os dedos molhados de saliva, puxado o pesado cobertor de lã de carneiro, Tião, procurando acomodar a cabeça na bacia de paina formada no seu travesseiro — fofinho que nem pluma de couro do peito de pato selvagem —, entrega-se aos braços do Deus do Sono. Estava embriagado por milhares de informações atiradas ao seu cérebro por todos os lados e em todos os lugares por onde recentemente andara. A princípio, parecia ter encontrado um total repouso: uma respiração cadenciada, num ritmo pausado. Era essa a situação que *a priori* estampava. Mas, esse estado de total conforto, de imediato, foi se transformando em uma alteração de postura, logo confirmada pela agitação com que se movia de um lado ao outro no leito. E o Deus dos Sonhos, satisfeito com a oportunidade que lhe era oferecida, abriu a comporta de seu reino, despejando uma

torrente de figuras derramadas *à volonté*, como uma cachoeira que despenca, com frêmito, suas águas comprometidas apenas com a lei da gravidade e mais nada. Envolto então, nesse sistema estesiógeno, modificador de sensibilidades biológicas, sentiu-se de um momento para outro frente a uma situação que o conduziu a profunda interação com o que se designava fruto de uma imagem até então desconhecida. Junto a ela ouvia-se um forte alarido, entrecortado de muitos gritos de protestos e de debates, vindos de longe, de um mundo até então abstrato. Coberto por nuvens de fina bruma seca envolvendo o ambiente, via-se no que teria sido ele, o garoto da floricultura, que apertava entre os dedos da mão o cabo do botão de rosa, com especial frenesi, a caminho da necrópole onde estava sepultada sua mãe. Via-se exatamente como no momento em que encontrara Sô Manoel. Só que agora parecia confuso, sem saber de onde vinha tanta algazarra, tanto berreiro, envolto que estava diante de uma turbulência de vozes indistintas. Algumas davam para ser compreendidas diante de tanto barulho. Vez por outra, um estalar de palmas, como aplausos misturados a apupos e assobios, como se fossem vaías. Quão diferente estava “este agora”, comparável com o daquele tempo — recordava Tião.

E o sonho foi deslizando perante sua retina, com toda a empáfia costumeira dos saltimbancos em visita à aldeia da terra da fantasia, onde as ninfas se transformavam em voluptuosas bailarinas. Em que os mata-cachorros, em burlescos varapaus, apanham de todos a toda hora. Onde os palhaços, únicos salvadores do espetáculo, chegam encarnados em hilariantes fantasmas de caras brancas de alvaiade mal distribuído.

Por todo o cemitério uma multidão de figuras, de diferentes tumbas, tomara conta das praças e ruas, protestando contra uma taxaço de impostos sobre os túmulos. Tião logo percebeu que era a tal intimação que tanto fazia sua tia Tita sofrer. Foi confirmar, pegando um exemplar que se arrastava no chão, tocado pelo vento. Era o vilipendiado IPTU. As taxas eram surpreendentes: quanto mais alto era o mausoléu, mais caro o dono era taxado. A medida era feita do chão até a cobertura. Tinha túmulo tão alto que parecia um templo salomanesco ou uma torre semelhante à de Pisa. Aí é que o proprietário esbravejava contra os familiares que haviam construído tal disparate sem seu consentimento. A maior parte, enlouquecida,

cuspiam fogo de raiva pelo que considerava um insulto: construir uma coisa em seu nome sem sua aquiescência e permissão. — Puxa vida! — dizia o dono da tumba — nem depois de morto se respeita a nossa integridade física, obrigando-nos a deixar a paz de nosso túmulo para atender a cobranças indevidas de impostos?! Cadê nossa vontade? Que é de nossa liberdade?! Aprendi que não se pode ser dono dos desejos, da vontade e dos sonhos de quem quer que seja.

Já os pobres, das covas comuns, sem lápides, os que sempre levam chumbo, estavam taxados no topo, por incrível que pareça. Como sempre, eles pagam mais impostos que os ricos em todos os trâmites da vida. Estes conseguem, através de mecanismos do tráfico de influência, esquivar-se aqui e ali, obtendo com esses manejos descontos equivalentes, dependendo do *status* que gozam no meio da sociedade. Em todos os momentos, os de poucos recursos constituem a facção dos mais prejudicados. Levando-se em conta o diapasão seguido, as alíquotas do imposto eram, também, proporcionais à profundidade da cova medida da superfície para baixo. Com isso, o descontentamento alastrou-se sobremaneira, envolvendo todo o corpo central do cemitério, tornando-se mais profundo ainda pela adesão da periferia. Como esta era maioria, o tumulto generalizou-se. Os defuntos que estavam quietos levantaram-se das tumbas e sem mais nem menos aderiram ao motim. Em alguns momentos, os mais atrevidos já haviam depredado alguns túmulos com motivos arquitetônicos de talhos cinzelados por artistas famosos, por isso mais bem esculpidos e ornamentados, onde, muita vez, predominavam áureas constelações estelares incrustadas no róseo mármore de Carrara. Era como se estivesse na frente da vida viva, estampada em lousa fria, na concepção psicodélica da arte, interpretada de modo esotérico. Tal fator virou peça desencadeadora de generalizado tumulto. E muitos entraram na briga para colocar lenha na fogueira, incentivando o confronto pessoal com a autoridade criadora do conflito. O que é certo é que a tormenta tomou conta de toda a população mortuária, alastrando-se como água de morro abaixo e fogo de morro acima... A inquietação chegou ao tamanho de uma revolução geral, vez que acabou não ficando ninguém dentro de suas tumbas.

Como sempre, quando o patrimônio dos ricos é ameaçado, de imediato aparece aquele que se apresenta como mediador, capaz

de colocar ordem no assunto, a fim de, adquirindo confiança, levar proveito. Os ricos, quase todos avaros, são medrosos em relação à guarda do seu patrimônio. Geralmente, arraigados aos valores materiais, aceitam quaisquer ajudas, partam de onde partirem.

Assim é que apareceram diversos pretendentes a diretor, alguns propondo trabalhar como mediadores do sistema que se instalara. Disso, surgiram alguns que foram militares graduados, com larga experiência de campanha em revoluções, golpes de estado, envolvendo a facção civil do país. De guerra mesmo, na acepção da palavra e do acontecimento, só apareceu um, ainda remanescente da Guerra do Paraguai, não sendo muito levado em conta, uma vez que surgiu capengando na arena. Tinha parte apenas de seu esqueleto corroído pelo tempo, embora possuísse ainda coragem de invocar-se como um dos heróis de 1864. Era valente mesmo assim! Não se importando com as projeções negativas de seus pares, protestava pra valer, não desistindo da pretensão de ser útil à causa que defendia. Todos ficaram desvanecidos com sua coragem, mas, o que fazer? se era necessário elemento forte no setor físico? Nele faltava quase tudo, nada mais palpável havia, nem taco de muxiba se via. Era apenas a usina de transformações que já havia dado o que podia.

E a balbúrdia se instalou! Parecia uma praça de marafonice, onde tinha de tudo: bêbados, marginais, dançarinas evoluídas e o mais de que se dava por falar. Apareceram, nessa oportunidade, chefes de ordens religiosas, com seus jeitos de bons pastores, sem mostrar, contudo, nenhuma condição de poder botar as mãos na rédea dessa rebelião desenfreada, sem nenhum comando. Alguns falavam muito, deixando entrever que eram bons de oratória, sem nada ter de concreto para apresentar na área de administração. Lembravam muito o conceito do místico oriental Chuang-Tsé quando considera *“não ser bom o cão, por simplesmente saber latir bem; como também ser bom o homem que ‘flui’, manejando com maestria as palavras”*.

A turma do “deixa disso” já andava cansada de botar água fria na fervura. Um ruído surdo, matraqueado num ritmo regular, contaminava o ambiente, como se fosse metralhadora de guerra disparada a esmo, oriundo de tanto levantarem os braços e rebolarem, desejando digladiar-se. Os ossos dos esqueletos batiam uns nos outros transtornando a calma aparente do ambiente.

Assemelhavam-se às batidas secas das matracas em noites de “procissão do enterro” na Semana Santa, marcando o compasso dos homens de capa roxa, membros das confrarias, calcando os pés nas pedras informes do calçamento das ruas, conduzindo nos ombros o andor, pesado como só ele.

Nessa oportunidade, não é que um gaiato, morador lá do fundo do cemitério, antigo professor de pirotecnia, levantando-se do túmulo com a barulhada, ao ver o pau quebrando pra valer, pensando que estava na festa de São João, tacou fogo num rojão de três tiros, estremecendo a terra? Um silêncio de morte desabou sobre aquela plêiade de elementos subversivos! Quem diria que isso poderia influir onde não havia ninguém com possibilidade de morrer? Trazer medo a uma turba que estava em estado unilateral e imaterial de repouso absoluto? Como chegar ao ponto de aquietar-se? O que é certo, porém, é que a coisa funcionou. Os estampidos do foguete se deram na hora própria, fazendo calar a turba que minutos antes era só tempestade. Incrível como isso aconteceu, pois, poucos segundos fizeram-se necessários para terminar a confusão que se ia alastrando, não fora a maluquice do estrondo provocado pelo morteiro lançado pelo ignoto defunto, dono de uma pequena tumba lá da periferia. Será mesmo que era ele o seu dono? O certo é que muita gente tremeu ante aos estampidos de três tiros.

Levado pelo pavor, dizia, gaguejando, pálido de susto, o esqueleto branco como marfim pertencente a um abastado senhor, proprietário de um mausoléu com torre de alabastro a arranhar as nuvens:

— Nem aqui ficamos nós os ricos livres dessa gentalha! Infelizes indivíduos, moradores ignotos da periferia, que só sabem armar confusão. Pedintes natos que só se sentem bem quando infernizam quem está tranquilo, morando no centro, longe deles... Estão sempre nos incomodando, atazanando em todos os sentidos! Até na morte, meu Deus! Onde estamos que nem aqui há paz? Deveriam ter enterrado aqui também essa tal de democracia que só serve para nos atulhar de deveres. Onde estão nossos direitos?! Nossa segurança anda precária com tanta concessão dada a esse populacho sem a menor qualificação! On... onde estamos, meu Deus?! — dizia o pobre ricoço a respirar miúdo conforme sua gagueira.

Com essa lengalenga fora do normal, embora tenha falado baixinho, quase imperceptivelmente, alguém, tendo ouvido, arrebentou pra cima do ricaço que correu a esconder-se atrás das tumbas, quieto que nem rato a espiar por onde o gato andava. Sorte que, à noite, as sombras o ajudaram, senão nada adiantaria procurar se esconder, misturando-se ao ambiente qual camaleão, o animal que mais conhece o processo da mimetização.

Acalmada a situação, eis que surgiram assim outros e outros pretendentes à ação de dirigir os trabalhos da recém-instalada assembleia... Entre eles, o que mais foi votado pela maioria dos presentes fora um ex-juiz de paz, cargo muito comum, ainda existindo como uma óbvia herança, vinda das cidades provincianas do Estado de Minas. Era um senhor de respeito, de idade mais avançada, que homologava os casamentos civis. Mediava pequenas querelas, exercendo ainda a provisão de ser depositário cauteloso das posturas municipais. Enfim, um personagem experiente, podendo ser capaz de dominar uma contenda que, à primeira vista, apresentava-se como contundente, em forte processo desagregador dos interesses da comunidade.

Como era o que se apresentava de melhor, capaz de enfrentar a turba sedenta de sangue — esquecidos que já não o tinham mais, dele não necessitando por não haver em seus esqueletos abrigo e escoadouro para o mesmo —, fora ele, portanto, por unanimidade, aclamado o redentor da pátria.

Em vista disso, o comando foi logo assumido pelo então mais votado candidato. Pela maioria, debaixo de aplausos, foi logo empossado. Como juiz, experiente na condução de trabalhos onde há sempre muitas querelas, de imediato convocou assembleia para conceber um projeto que, em consenso, poderia obstar a tal derrama que estava sendo programada para fins daquele mês e começo do outro. O confronto foi o meio defendido logo por um punhado de defuntos mais jovens, cheios de vontade de lutar. Pensando assim, propugnavam que seria melhor começar, desde já, a desencadear uma invasão nos pontos nevrálgicos da cidade, a começar pelo Paço Municipal. Ia ser um movimento devastador. Não iria ficar pedra sobre pedra. Haveria uma debandada danada de todos os cidadãos, muitos com a trouxa na cabeça, à procura de abrigo sem encontrá-lo. Girariam como peões, não saindo do lugar. Jamais presenciar-se-ia

um balé de tal proporção, tão rico de sutilezas, as mais extravagantes, como se fizesse parte de uma ópera bufa.

Muitos dos apresentadores de tal projeto já punham seus dentes à mostra, em risos nevrálgicos, sacudindo e balançando, de gozo antecipado, os esqueletos bambos de felicidade. Diziam nem precisar de armas, nem de muita astúcia! Só de vontade política! Até parece que havia reminiscências dos atos governamentais do país, uma vez que, frente a qualquer dificuldade, a saída era dizer: para se concretizar qualquer projeto “é preciso unicamente de vontade política”. Disso o povo não entendia muito. Seria essa vontade coisa palpável e concreta? Que nada, diziam as raposas políticas: servem essas palavras para contentar o povo, mostrando que iriam trabalhar no sentido de fazer o governo cumprir os tratos de campanha. “Por isso é que este projeto”, repetiam os jovens, “será o mais econômico e melhor para acharmos o denominador comum com a gentalha que comanda a comunidade lá fora dos muros deste cemitério”.

Outra corrente, mais ao largo de uma possível consternação provocada na totalidade do problema, penalizando muitos que nada tinham com isso, apresentava um projeto de oferecimento de um diálogo capaz de contornar a situação, propondo apresentar uma alíquota mais em conta, que pudesse satisfazer aos que moravam no silêncio da periferia. Proposta logo não aceita, por inviabilidade do processo de encontrar quem aceitaria conversar com um esqueleto. Esse meio diplomático, o Instituto Rio Branco não teria ensinado a ninguém. Ao deparar com um esqueleto que falava, por certo o interlocutor desmaiaria ou acabaria indo para o mesmo lugar que o interpelante. Para substanciar essa negativa, argumentavam com a fábula da assembleia dos ratos, onde fora votado um projeto vencedor que se constituía em pendurar um guiso no pescoço do gato para avisá-los de sua presença. Uma ideia vista *a priori* como excelente e de fácil cumprimento. No meio das palmas de satisfação pelo modo encontrado de eterna vigilância, surgiu, porém, pela astúcia do mais velho componente da assembleia da rataria, o problema: — Quem poria o chocalho no pescoço do bichano? Eis a questão! — diria Shakespeare

Diante disso, acabaram seus proponentes rindo de si mesmos, com os demais espantados com a argúcia complementar da sentença emanada da mesa.

Enquanto se examinava o quesito dessa negativa, nesse ínterim instalou-se no meio da assembleia um quê de confusão. Pois não é que chegara um emissário trazendo notícias da entrada na capelinha de um esquite luxuoso, todo bordado de renda azul? Deixava entrever-se, pelos adereços, tratar-se de um defunto nobre, ou pelo menos rico — se pobre fosse, teria vindo no “bastantão” municipal. Um taciturno silêncio sepulcral, dos maiores, instalou-se entre todos, tão tomados de surpresa estavam. E o senhor presidente da Assembleia suspendeu os trabalhos por momentos, até a averiguação do ocorrido.

Aberto o ataúde para as condolências finais, eis que dele surgiu um jovem de pequeno porte, bem conservado e maquiado, de lá pelos seus trinta e poucos janeiros. Estava, no que trouxe surpresa a todos, coberto de rosas vermelhas, preceito não mui recomendado para essas ocasiões. Um indivíduo não tanto jovem, nem maduro, mais pra lá do que pra cá, tanto na idade quanto no estado de doença, como diziam as velhas corocas na antessala dos moribundos agonizantes. Vai ver que foram elas, as rosas vermelhas, adquiridas na mesma floricultura do começo desta narrativa. E por isso o vendedor não as tinha para vender ao Sô Manoel. Por certo, haviam apreendido a lição e estocaram, enchendo as prateleiras das flores que o motorista de D. Alzira procurara naquele confuso dois de novembro do ano anterior, e que, não as encontrando, levou de mau humor outras de outras cores. Naquele dia, pode-se agora, se houver vontade, voltar ao início deste enredo, e confirmar o que o vendedor, não havendo na ocasião flores vermelhas, dissera ao confuso Sô Manoel que elas seriam impróprias para a ocasião. Vejam só como funciona o tal do *marketing*, no que o vendedor mostrara não serem elas próprias para o desfecho, tendo convencido o comprador levar, como se elas fossem, flores de outras cores. Vai ver ainda que funcionou o *marketing* do vendedor que, ao inverso daquele dia, não tinha flores próprias para Finados. E conseguiu vender as vermelhas, que abarrotavam sua floricultura.

Após os momentos de consternação, uma comissão nomeada pelo presidente, composta de alguns dos futuros vizinhos de condomínio do recém-chegado, houve por bem — já que era de extrema necessidade dos constituintes da assembleia — solicitar-lhe, para uma melhor análise, como estava o clima lá pela cidade afora. O neófito, observando o interesse de todos pelo bem-estar da sua

nova comunidade, iniciou seu discurso de agradecimento pela acolhida obtida e pela confiança despertada. Em seguida, troando com voz de barítono, pra que todos pudessem ouvi-lo, mostrou o mapa do desalento que se multiplicava por todos os cantos da cidade, tendo em vista o acocho na cobrança do malfadado IPTU.

Só de ter pressentido, ao ser ouvido o famigerado nome, não é que um vozerio tremendo tomou conta do ambiente? É que as carpideiras, que até então estavam reprimidas pelo interesse em ouvir os debates, se abriram na maior choradeira de todos os tempos de vida daquele cemitério. Pranteavam pelo defunto fresco que ontem se despedira da vida para entrar na eternidade e muito mais pelo nome horrendo que só traz mal-estar ao ser pronunciado. Choravam tempestivamente sem lágrimas, cumprindo apenas o papel de derramá-las de mentirinha, passando os lenços na bochecha, em vez dos olhos. Vez por outra esfregavam o vômere com toda força, para dar a impressão verdadeira de pesares profundos, tornando-o vermelho pelo persistente atrito. Muitos dos que estavam presentes, ao ouvirem tamanha desenvoltura no coro das choradeiras, pressentiram logo que elas seriam necessárias para abrir a passeata, fazendo o fundo musical, quando do aparecimento do fantasma a dançar com o estandarte Abre Alas. Poderia até tornar-se uma alegoria à terceira parte da sonata em si bemol menor da Marcha Fúnebre do divino Chopin, suando as narinas em ritmos cadenciados. “Vão ficar um ‘barato’ as aparições”, dizia um jornalista que cobria as divagações dos membros dessa esquisita assembleia.

Para testemunhar seus valores, espontaneamente, sem ninguém ter solicitado, resolveram elas, as carpideiras, improvisar uma choradeira maiúscula, servido isso de treino, uma vez que estavam ali por muito tempo mudas, dentro de suas tumbas.

Acontece que o berreiro fora tão grande que mexeu no sono do nosso Tião, indo lá no fundo do seu pesadelo, quase o trazendo definitivamente para a realidade de sua vida. Ainda bem que deu que ele revirou apenas no colchão e continuou seu sonho, agora mais sofisticado. Se assim não fosse, estaria essa cantilena sido interrompida, o que não seria de bom alvitre, ficando a história sem pé nem cabeça.

* * *

Pelo visto ou não visto, após este parêntese da choradeira das carpideiras, o tal do defunto que chegara momentos antes ao cemitério não poderia ser postergado ante um assunto de tamanha relevância — dizia ele com veemência —, por isso desejava tomar parte na assembleia. Sendo o mais novo de seus componentes, entretanto, era o mais atroado em seu discurso. Desejava imediato ataque à base instrumental desse disparate que maculava, além dos habitantes da cidade, como no presente momento estava sabendo, também o Estado onde iria residir doravante por determinação da natureza. Daí, uma vez que ainda trazia resquícios frescos da outra vida, achava-se com direito de ser o cabeça de uma possível insurreição. E, melhor sabedor dos pormenores que podiam facilitar a vitória dos companheiros de infortúnio, propôs comandar uma plêiade escolhida a dedo, composta de amigos do peito que por lá deixara. Poderia servir-se deles para abrir uma guerra contra os chefes municipais responsáveis pela situação nefasta que estava corroendo a integridade, a tranquilidade e, até, a segurança da comuna, pois já estavam aparecendo algumas tentativas de agressões físicas com contusões graves por parte de moradores *versus* agentes do fisco municipal.

— Eu posso arregimentar — dizia o neófito — entre meus empregados da fazenda onde vivia até pouco tempo pessoal bom, qui num leva desaforo pra casa.

Todos ficaram espantados com a querela do neófito. Arroubos de pura sandice, chegaram à conclusão, uma vez que não há possibilidade nenhuma de envolver figuras desconhecidas de nosso estado de vida. E ninguém levou em consideração essa sua má peroração. Ressabiado, tratou ele de recolher-se à sua ignorância, fechando-se em copas.

Nessa conjuntura, mais do que nunca, ficaram convencidos da necessidade de encontrar um sistema que pudesse ser utilizado no combate a essa desaforada cobrança. A Junta organizada, agora já como Assembleia Constituinte, com sua empossada Mesa Diretora, iniciou sem perda de tempo os trabalhos, colocando a palavra ordeira e fácil para todos que quisessem usá-la.

Daí por diante estabeleceu-se muita polêmica, muito desaforo proferido, muita proposta. E também muita sandice! Haja vista um que propôs rifar o sino da capela do cemitério, uma vez que a lenda

dizia ter mais de cinquenta por cento de ouro puro, na casa dos vinte quilates. Para isso contava ele em vender os bilhetes rapidamente, descendo à cidade, no momento da entrada do cinema. Naturalmente, diante de uma proposta dessas, houve apupos de todos os lados, com assobios de dedo e tudo o mais! Para isso argumentavam — quem iria carregar o sino? Era ele de grande peso. O ato fraturaria, por certo, qualquer clavícula de qualquer esqueleto de respeito que se apresentasse como “chapa” para carregá-lo. Isso era consenso de todos. O caso tornar-se-ia mais complicado ainda se o problema chegasse à tona pra valer mesmo. Um mineiro desconfiado que nem ele, se não visse o tal do sino, se não o palpasse para ver se era verdadeiro, se, não tendo cortado dele um pedacinho, para observá-lo a olho nu, poderia atestar estar à frente de uma quadrilha de estelionatários. É claro que ninguém desejava que isso viesse a acontecer! Ninguém mesmo desejaria! E o pior poderia acontecer! Já pensou? Topar com um esqueleto com carnês de sorteio na porta do cinema! Alguns poderiam até julgar que era propaganda virtual de filme de terror. Porém, sua maioria mesmo “vazaria na braquiara”, como dizem os mineiros.

Tardinha... Já no estiramento do rubro lençol que ao findar dos dias primaveris se estende sobre o horizonte, na sua obrigação de agasalhar o Sol que se despede de mais uma virada sobre as serras... Bem lá... lá na linha de destaque do que é visto e do que é pensado ser do não visto do outro lado, possivelmente coberto por oceanos azuis, manchados daqui e dali de tênues blocos de algodão, formando castelos onde se guarda a esperança, a musa dos povos... Nessa tarde, quando se ouve somente o vento tocando o seu violino nas cordas afinadas dos mantos das casuarinas — gigantes enfileirados nas ruas e avenidas por onde transitam os mortos vivos que ali moram — estava-se, singularmente, na iminência de uma rebelião que nunca ninguém imaginaria. Quando tudo parecia desaguar numa tertúlia sem vencidos e vencedores... eis que surge uma proposta menos contundente e contingente, na palavra mesmo do senhor presidente, o ex-juiz de paz. Dizia ele ser necessário um sistema baseado no diálogo. Esse processo — seguia ele a explanar — encerra o que de melhor já foi descoberto pelos homens, até os tempos modernos, com o fim precípua de se encontrar o consenso em quaisquer equações desenvolvidas em extensos e complicados

polinômios, mesmo que o valor de “x” esteja escondido, mesmo que ele seja a incógnita perdida nas entrelinhas dos cálculos... E argumentava, discorrendo sobre o sensato relato do notável novelista uruguaio Javier de Viana, que narra em seu intitulado *Del Campo y de la Ciudad* trechos do combate travado em 1886 entre revoltosos e tropas legalistas de seu país.

Escutou-se uma descarga cerrada, formidável, e uma saraivada de balas caiu sobre a tropa, semeando o pânico; e de tal modo que esta, quebrada a última resistência, redemoinhou comprimiu-se, formou um grupo desorientado, à semelhança da manada que cai no rio e se afoga por pelotões aturdida, inconsciente; e assim como uma bola de carne, um monte inerte, rodou pelo declive, e foi, no fundo do vale, chocar-se com o resto da infantaria destroçada pela metralha.

Aqui se confunde a pena do escritor com a realidade estúpida da luta. É Humberto de Campos, com sua visão clara do que podia ter sido essa brutalidade, quem engrandece este transcrito na página 216 do seu inolvidável “Um Sonho de Pobre”. E o juiz, empolgado com isso, continua a expor o conteúdo dessa magnífica tradução, dizendo com pormenores justificativos que a tropa de revoltosos era constituída integralmente por jovens, muitos deles ainda imberbes, originados de famílias pertencentes a uma classe média alta, com resquícios de boa preparação educacional e de vida. Entre eles encontrava no fragor da batalha um neófito de nome Alberto, que se achava estirado no chão. E passa a discorrer a cena, recitando literalmente o que se segue:

Alberto que se achava estirado no chão, deitado sobre o ventre, levantando o tórax com auxílio da mão direita, que se apoiava na terra, enquanto a mão esquerda comprimia o flanco, que se achava profunda, enorme, horrivelmente aberto pela metralha. Os intestinos rotos saltavam entre seus dedos crispados e o sangue manava em grandes jorros avermelhando a relva [...] Retorcendo-se sobre a relva no meio do seu próprio sangue, gritava, sem cessar:

— Oh!... que barbaridade!... Como me duele!... Mamita, como me duele!... (Oh! Que barbaridade!... Como me dói!... Mamãezinha, como me dói!...)

Mudo de espanto, um companheiro, esquecido do próprio perigo, tentou inutilmente falar-lhe e dar-lhe um consolo. O outro prosseguia:

— Como me duele!... como me duele!... Que barbaridad!... Mamita, que barbaridad!...

* * *

Diante dessa locução feita com o sentimento que dela emanava, a Assembleia quedou-se. Um silêncio sepulcral como jamais visto instalou-se. Nada se ouvia a não ser o pio fanhoso da coruja que tinha ninho na torre de sustentação do sino da capelinha, chamando o parceiro para sair à caça dos morcegos que habitavam o telhado da sacristia. Até eles haviam parado de cruzar os ares com seus assobios irritantes. Pareciam medrosos frente a tão agudas dores, que um ser vivente poderia suportar com galhardia. Esses gemidos dilacerantes, embora invisíveis, repercutiam neles, levando-os a não ir além de apenas um chilreado uníssono, baixinho que nem o sopro da brisa nas folhas das palmeiras em dia de canícula forte. O que se via mover, nessa hora de extrema meditação, era um dos batráquios que habitam por ali, debaixo de um pedaço de mármore esquecido pelo construtor de túmulos, ao pé do poste de iluminação do centro da avenida principal do cemitério. Com seus olhos pregados no foco da lâmpada elétrica, disfarçadamente, como que a espiar, deslumbrado, as estrelas do firmamento, postava-se, quase inerte, à espera de um inseto que, atraído pela sua incandescência, despencasse e caísse diretamente na sua língua comprida e limosa, enriquecendo sua ceia. Até a irara, inveterada amante de mel, pisava devagarzinho, como se estivesse à espreita de uma boa presa. E, assim, passava cuidadosamente, só namorando a colmeia de abelha caga-fogo, enganchada numa forquilha de um pé de jasmim-do-cabo. Não era boba não, conhecedora que era de sua ferroada de soltar mijo escaldante, doída que nem picada de lacraia ou escorpião amarelo.

Isto tudo fazia com que as palavras do senhor presidente fossem escutadas em profundidade, com todo respeito. Desejava ele que tudo ocorresse dentro dos conformes, sem confronto. Não gostaria que pessoas que nada tinham com o caso sofressem, uma

vez que, em sua maioria quase total, eram, no escaldar da questão, vítimas e não executoras. Vencera, mais uma vez, a mensagem de Shakespeare que anda troando pelos ares, pela sua singularidade prática: “Eu aprendi que a melhor sala de aula do mundo está aos pés de uma pessoa velha”.

Surgiram assim várias propostas mais amenas. Nenhuma, positivamente, trazia fundamento palatável. Como não havia ainda campainhas e tímpanos, o senhor presidente achava-se em difícil situação, pois, todos falando ao mesmo tempo formavam uma onda de sons reverberados, quase como zumbido de uma colmeia. Dizia-se estar diante de uma paráfrase. E, assim, o tempo corria contra tudo e contra todos, sem, todavia, encontrar-se um denominador comum. Num dado momento, porém, um defunto mais ousado lançou mão de um megafone, pedindo silêncio, para que o vizinho, de quem ouvira uma proposta convincente, pudesse explanar suas ideias. Conseguiu, embora enfrentando certos atropelos, chamar mais a atenção dos constituintes, colocando suas ideias na cabeça de todos. Era uma fórmula simples: formar-se-ia um pequeno exército de fantasmas que pudesse trabalhar às noites no Paço Municipal, baralhando os processos burocráticos que estivessem em tramitação, inclusive fazendo passeata, adredemente preparada para desfilar pelas vias públicas com cartazes de protesto, com bandas de música e mais. Votada essa, tudo transcorreu sem problemas, obtendo resultado unânime — fora aceita a ideia. Para isso, entretanto, era preciso convocar os mais temidos fantasmas que estavam por aí, em todo o firmamento, fazendo diabruras. E a banda? Como arranjá-la? Não foi nada difícil, à primeira vista! Entre os congressistas, havia um que pertenceu, quando fundada, à Banda Fraternidade, que prontamente se apresentou para suprir o cargo de maestro. Era tudo, ou quase tudo, de que se necessitava. Era ele o sisudo maestro Mathias Mundim, residente que fora à Rua do Sacramento, servindo sua residência também para os ensaios quotidianos da banda que regia. Como conhecia os demais músicos que pertenciam à banda e que ali junto dele, de tumbas *vis-à-vis*, residiam, começou imediatamente a convocação deles pelos instrumentos que manejavam. Assim, num piscar de olhos, apareceram: o tocador de clarinete, o de trompa, o de bombardino, o de pistom o de trombone de vara, o de trompete, o de sax, o de clarim, e outros de diversos instrumentos.

O do bumbo, coitado, apresentou-se logo, mas, faltava-lhe o antebraço direito. Como bater o bumbo? Tristemente ele se recordava! Era véspera de São João! A moçada estava alvoroçada e as festas pelas cercanias da cidade eram de enfeitiçar a rapaziada. O sertão todo estava como chapa de fogão: “pelano pra daná”. Embora o mês de junho fosse frio, as queimadas eram tantas, em todos os povoados e fazendas, que o ambiente enfumaçado servia de capa, como se abrigo fosse, para aparar os ventos frios das alvoradas e descambos do sol, protegendo os habitantes da região. A lenha forte de angico vermelho estalava nas fogueiras. Por toda parte as danças animavam as noites penduradas nos socavões das fraldas montanhosas, como lençóis negros a tapar os santos nas igrejas em Semana Santa. Fazendo parte da bandinha que perambulava por toda parte que era chamada, estava ele — o tocador de bumbo — ocupando uma vaga junto dos colegas na carroceria de um caminhão com destino à romaria onde deveriam tocar nas procissões. Foi quando o danado do veículo, por honra e graça do demo, capotou. Ele, jogado ribanceira abaixo, teve o antebraço esmigalhado, perdendo-o por completo. E ali estava a prova: não havia mais antebraço direito, tinha-o esfacelado. Recordava-se disso tendo as órbitas da caveira escurecidas pelas lágrimas oxidantes que ali secaram. Não lhe faltava coragem! Inda bem não havia acabado de contar sua triste estória, chateado por não poder fazer parte da banda que se organizava, surgiu um velho cirurgião. Fora ele baleado nas proximidades da Linha Maginot, na divisa da fronteira da França com a Alemanha, para onde fora com o contingente brasileiro de Saúde. Quando voltou ao Brasil, onde faleceu por outras circunstâncias, estava na oportunidade fazendo parte daquele congresso instalado no cemitério. De imediato, condoído de ver aquele que era seu primeiro cliente, no mundo opaco da vida eterna, resolveu exercer a profissão que fora o seu único ideal. Mãos à obra! Sem pestanejar — se pestana ainda tivesse — um só momento, chegou à conclusão que poderia encaixar-lhe uma prótese. O problema é que não havia material. Aí lembrou que no hospital de campanha onde ele servia, usava-se improvisar tudo, desde que pudesse proporcionar um melhor conforto aos soldados feridos. Se a gente pudesse avançar no tempo, chegaria até Timothy Leary, no momento um dos mais combativos e combatidos especialistas sobre o assunto, tendo defendido a tese de que “O temor da morte era uma

necessidade evolutiva no passado”. Estaria ele se expressando nas seguintes palavras:

No passado, o dever genético reflexo de Controle Gerencial Total (aqueles que se encontram no controle social de vários reservatórios genéticos — como governantes, autoridades, instituições, etc.) era fazer com que os seres humanos se sentissem fracos, impotentes e dependentes frente à morte. O bem da raça ou nação era garantido a custo do sacrifício do indivíduo. [...] Vemos duas categorizações de princípios da forma do ser humano no futuro, uma biológica: um híbrido bio/máquina de qualquer forma desejada e uma que sequer ser biológica: uma “vida eletrônica” nas redes dos computadores. Humanos como máquinas e humanos dentro de máquinas. Destes, os humanos como máquinas talvez serão mais facilmente aceitos. Atualmente já dispomos de implantes e próteses grosseiros, membros artificiais, válvulas e órgãos inteiros. Os contínuos processos na tecnologia mecânica de velho estilo lentamente aumentam a totalidade da integração homem-máquina.

Pois bem, na sua andança pelas cercanias do cemitério, com a ideia fixa na cuca de que haveria, por tudo que era santo, de implantar um segundo antebraço no tocador de bumbo, deparou o doutor com uma colher de pau deixada junto a um monte de lenha rachada e amontoada. Deveria, por certo, ter ali sido deixada por algum romeiro que acampara à sombra das frondosas árvores à praça externa do cemitério por ocasião das novenas do Divino Espírito Santo. Era uma boa colher. Nem grande nem pequena, mais pra cá do que pra lá, iria funcionar bem. Com ela implantada estaria dispensado até o malhete que se usava para ritmar as pancadas, rufadas no couro esticado do bumbo. A própria colher implantada fazia esse papel. Delirou, pois, com o achado! Deve ter sido largada, no atabalhoamento de uma despedida, por alguém que, resolvendo fazer uma visita fraterna a parente morto e enterrado por ali, deixara tal utensílio de cozinha por esquecimento. Esquecimento!... Fruto, talvez, de muita emoção ali criada! Emoção que abala! Que traz para o presente muito passado, muita vez não muito perto, mas também não tão longe!... Porém, no fundo, histórias marcantes, com certeza, de muitos atos de vida em comum. Daí, partindo para uma possível meditação. Rezar, orar, por vezes se faz sem medir as

palavras, sem interagir espírito a espírito. Meditação, entretanto, se alcança, presumivelmente, quando o ser se isola de preceitos feitos. Inicialmente, não passa de uma ação acompanhada de ato abjuratório que o eleva para um segundo estágio. Este necessariamente o envolve, transmutando-o para uma seleção de ondas espirituais, presas numa velada carapaça: um “*hardware* de osso, carne e sangue”, proporcionando um fluxo de entretenimento de forças semelhantes, numa combinação físico-química mui perto dos fenômenos subjetivos a estados de transmissões e recepções mútuas. A consciência, nesse ínterim, é cedida, tornando-se pronta para uma virtual transposição propulsora de um estado igualitário, transformando-o num pacto de envolvimento espiritual, tornando-se transcendental o que eram, até poucos momentos idos, espaços limitados. Assim, transposto para campos siderais, vai se desligando. Abstraindo-se de ondas colaterais para fixar-se numa íntima interação propulsora de um feliz encontro! E, colocando à margem dogmas temporais para, num esforço maratonal de desligamento, tentar interagir com a galáxia como seu membro — uma partícula minúscula, mas um sério componente ondulatório, cuja radiação é necessária ao equilíbrio do universo. Estaria, nesse ínterim, divagando no sentido de uma interação do microcosmo com o macrocosmo como moléculas quíricas responsáveis pela fidelidade estrutural da matéria? Estaria nesse sentido se referindo à consciência cósmica, uma das virtudes da mecânica quântica decantada por Amit Goswami? Ou tudo isso, desse físico-místico que vem deslumbrando a classe científica com seu avançado conceito de matéria, não passa de sonhos? muitos deles fundados no limiar da criatividade permissível a uma franca interação do materialismo ao espiritualismo, até então irreconciliáveis? Tudo está indicando que ideias promissoras nesse sentido estão a caminho para selar esse casamento tão esperado pela humanidade.

* * *

O esculápio em referência movia-se instintivamente pelos princípios de Aleister Crowley, que a partir de 1904 criava uma espécie de doutrina intrínseca que o levava a expressar “Do what thou wilt shall be the whole of the Law” (*faze o que tu queres deverá ser o todo da Lei*), amor a tudo que se deseja fazer é a lei, “Love is the law,

love under will” (*Amor é a lei, amor sob vontade*)... Houve por bem, então, submeter-se por completo a essa verdadeira vontade cognitiva de conseguir fazer o músico sem antebraço reaver sua vontade de tocar bumbo. Daí sua alegria incomensurável, marchando para a conquista cirúrgica a que se destinara praticar. Também, madeira e osso são duas matérias sólidas compatíveis. Assim sendo, tornar-se-iam fáceis de ser manipuladas com êxito para essa restauração — um *modus faciendi* original —, não restava dúvida. Difícil, mas possível, dizia com cuidado o Filósofo de Mondubin, mais para saxí-frago que para pensador, uma sátira-locução, usada em abundância pelo ínclito jornalista e cronista Nelson Rodrigues, o dramaturgo capaz de transformar uma prostituta em um anjo de moralidade ou ao contrário, com sua pena versátil que não conhece limite. Um tanto quanto formador de opinião, só havia nele um defeito, diziam os adeptos do Flamengo: ser tricolor de carteirinha. Era apaixonado pelo Fluminense, um Senhor Clube, enaltecido em suas crônicas diárias, escritas no jornal carioca “O Diário de Notícias”.

* * *

Em se comentando o estúrdio episódio da colher de pau, caem na lembrança certos conhecimentos regionais, alguns bastante grotescos, que, relatados e encadernados na cachola, contribuem para que muitos fatos iguais a esse sejam relatados. E a pena corre solta, nesse momento, trazendo mais alguns trechos capazes de dar vida à memória do leitor. Como é do conhecimento de quem habita, ou daquele que já passou investido de “cometa” — viajante comercial — por esses lugares ermos do interior mineiro, um dos costumes da cultura sertaneja trazidos à tona, e um dos mais marcantes, é sem dúvida a figura sem precedentes do romeiro velho: aquele que vem à peregrinação e devotamento ao seu Santo Padroeiro, de carro de boi, rumorejando pelas intermináveis estradas poeirentas do sertão, vadeando as traçoeiras correntezas dos bravos riachos e das melancólicas veredas, em cujas águas brandas e borbulhantes navegam lambaris e piaus ariscos... É seu o modo de viver rústico, mostrando o que é, nada mimetizando, como os camaleões das posturas metropolitanas fazem. Sente-se no dever de pagar as promessas. Por esse ato realizado, o coração se abre cheio de

felicidade. E não são poucas as promessas feitas. Muitas delas são tão corriqueiras que, vindas à tona, podem parecer ridículas. Na labuta diária da fazenda, a cada dia surge um fato novo. É natural haver, entre outros, o campear para encontrar uma rês de arribada tresmalhada nos capões de mato, marchetando a campina a perder de vista, ou mesmo o curar machim de um dos pés de seu cavalo de sela, uma rutura quase incurável, daí o valor de uma das promessas. A estadia do romeiro era trabalhosa. Além da complexidade religiosa de lavar a alma com o ressarcimento das promessas feitas, tinha o compromisso das compras. Entre essas estava a escolha da chita mais bonita para as saias de suas meninas-moças, o zefir de fazer as camisas domingueiras, o sabonete Gessy — cheiroso como não sei quê —, o trancelim de alpaca e o rosário de contas de vidrilho graúdo. Tudo isso para agradar a mulher, a esposa, sua companheira inseparável das grosseiras lidas dos dias e noites intermináveis dos ermos esquecidos e guardados com carinho pela natureza. De si, muita vez, só se lembrava mesmo na hora de cangar as trelas dos bois já ajoujados. Era cambá-las, arrochando-as ao carro, para a volta, de alma limpa e de dever cumprido, à boa terra que o esperava de braços abertos, naquele gesto de fêmea no cio, pronta para a entrega. Lembrava-se também — no palavreado arrastado da região — “de vê se a disinfeliz da chumbeira num tava carente de ouvido (uma peça onde estala a espoleta), e se num tava faltando porva e chumbo passarinho pras crianças divertir com as maracanãs no milharal”. Assim, matava dois coelhos com uma cajadada: os meninos se divertindo e, ao mesmo tempo, ajudando a vigiar as leiras, escondidos por detrás dos troncos das fartas gameleiras que enfeitam o descampado. E, sobretudo — esse não podia esquecer nunca —, o fuzil de aço, de preferência esculpado pelo Josino Banha, o ferreiro do Largo D’Abadia. Tratava-se de peça importante para, ao coriscá-lo na pedra de fogo presa entre os dedos da mão esquerda, lançar faíscas na cornicha. Esta constituía um pequeno cone formado com uma ponta de cuia agasalhada logo abaixo na concha da mão. Nela estava inserida uma pequena tocha de algodão queimado que, ao receber a faísca tirada com o atrito do fuzil na pedra, se acendia, revigorando uma espécie de brasa fumegante, como borralho a queimar, espantando as pragas do cafeeiro do quintal, nas noites

de geada braba, sapecando as folhas das bananeiras plantadas na restinga da rebaixa...

A fumaça que daí se desprendia dava saudade de quando se estava na cidade, onde em vez da binga se usava fósforo. A lembrança era “por demais de gostosa” quando se a assoprava. E quando se chupava o tolete de cigarro de palha fincado nela, era como se a gente fosse levantando devagarzinho pelo espaço sideral, a bailar com as ninfas celestiais de tão gostoso que era! Que bom recordar! “Cá de quê, da roça a gente tem sôdade de tudo! Também num se tem divertimento nenhum a num ser fazer crescê a famia e sentir o coração apertado toda hora, nas lembrança daqueles namorico, escundido nas capoeira ou nas quebrada das leira do cafezal. Se este tivesse florido, então era bem de melhor, né?” Era como se a gente estivesse sob a égide de um templo enfeitado de miríades de rosas brancas, onde as abelhas, com seu zunido característico, assobiavam árias celestiais, beijando-as, uma por uma, numa incansável procura do néctar que lhes daria a matéria-prima para alimentar sua colmeia. No mais é ler, quando se tem tempo, fora dos encargos duros de manter a terra produtiva para que a família cresça sadia e feliz. Anda bem que a gente consegue, graças ao professor da roça, que no melhor dos casos é sempre um estudioso da Sociologia, ciscando também a Filosofia, cabedal encontrado e sedimentado nos seus livros emprestados. Por que isso? Porque ele se dedica ao ensino da criançada, sendo pago pelo dono da fazenda para, exclusivamente, desempenhar esse cargo.

Na nostalgia das noites vividas, a leitura é o consolo para quem, na solidão, vive longe, na largueza da imensidão do cerrado e das campinas adjacentes. Não havendo com quem debater, o professor da roça dialogava consigo mesmo, no julgamento de princípios, teses e hipóteses encontradas nos livros, compêndios e revistas filosóficas que recebia por volta dos dias que passava em férias na cidade mais próxima de seu emprego. Por vezes, sentados nos tamboretos em roda ao rabo do fogão, na cozinha da casa, à noitinha, quando esperavam o milho verde tostar no espeto, comentavam — professor e fazendeiro — os tópicos que mais lhes tinham interessado nessas leituras. E o fazendeiro geralmente sufragava desse convívio, usando não só do cabedal cultural do seu interlocutor, como também bebia seu aperitivo nas páginas de seus livros. Vez por outra, ia de

soslaio escolher aquele cujo título mais lhe agradara entre os que se encontravam emparelhados e empilhados na rústica estante feita de caixotes vazios de Vinho do Porto “Ramos Pinto”, que era adquirido para festejar, principalmente quando Nhá, sua esposa, lhe dava mais um rebento. Daí armazenar rabiscos de uma cultura cravada aqui e ali, mas que servia sempre de acervo para encetar uma conversação fluente. Dizia-se ser um autodidata! — palavra que o fazendeiro achava de difícil pronúncia. Que “dificuldade” de entender...

Após esses arroubos de falso ufanismo, voltando para a dura realidade, dana o romeiro a pensar no que faltava para encetar a viagem de volta ao seio da família.

No embornal laçado na cabeça do arreio, preso à meia-lua da sela, ainda podia sentir pelo tato o vidro vazio de xarope Bromil, agora servindo para levar o quartilho de querosene para as lamparinas. Era mais uma prevenção, pois podia o óleo da guampa derramar pela ação dos solavancos que o carro poderia sofrer com as bacadas das estradas carreiras feitas a facão e a machado. E, também, porque os frutos da mamoneira de onde era extraído o azeite que alimentava as candeias, ainda não estavam maduros. De quando assim, era um alvoroço para a petizada que se agitava com os gritos de alegria aos estouros deles, ao se abrirem, ao esturricar do sol, como se fossem traques usados nas fogueiras de São João.

E com o espírito já catingando de tanto mexido que estava, chegava a hora, então, de pechinchar ao maloqueiro da praça, local onde desencadeiam as virtudes e desvirtudes, as sublimações da fé e os pecados intrínsecos das romarias. Com cuidado, desdobrava o lenço onde guardava o dinheirinho suado, chorado, para adquirir, mais em conta, a Folhinha do Divino. Junto dela, as estampas moldadas que ficam, ao longo das novenas, penduradas no bojo do mastro do santo de devoção, por ocasião dos festejos e novenas em respeito ao padroeiro. Como também se lembrava do carregamento para a espingarda cartucheira que leva a tiracolo. Quase que deixara sua companheira sem poder de fogo, prejudicando as escaramuças ao veado campeiro ou à perdiz que nidifica nas relvas secas da campina, em fraldas dos cabeços de morros nus.

Esse pode ser o retrato do romeiro nascido nas Minas Gerais. Bem lá no “cafundó onde Judas perdeu as botas”, na solidão dos socavões tristes emaranhados nas grotas fundas, em cujas rampas,

por vezes abruptas, desce uma ramagem grotesca de samambaias de folhas ásperas, feitas para aguentar a tristeza dos intermináveis dias secos de verão forte. São estes verdadeiros leitos perenes de águas dolentes, imaginários refúgios, onde romãozinho — o menino travesso do folclórico sertanejo — mitiga a sede, fruto de suas peregrinações sob o sol clemente que assola o cerrado seco. Na imaginação do campeiro que ali trafega, o garoto traquina é uma entidade semelhante ao andarilho que viaja pelos espigões das serras, onde só é visto às canículas fortes que fazem a terra tremer, constituindo as miragens, transformadas em visões fantasiosas. Ao sabor desses contadores de estórias, ao pé do fogo, nas rodas de modinhas tocadas em violas desafinadas, acompanhadas da boa cachacinha de alambique, é o roceiro retrato vivo do homem forte, sacudido. Dentro do seu mundo, ele impera com garra, vencendo todas as incongruências de uma civilização encravada numa terra esquecida. Apesar de tudo! Disso! E, mais ainda! Do descaso dos poderes públicos! Ama-a, demais. Não se importa que seja ele visitado com salamaleques somente na ocasião dos pleitos eleitorais. Sua vida é sua terra! Sua terra é sua vida!

Seu amor é tanto, que essa manifestação de carinho assemelha-se como se professasse, buscando na profundidade íntima do hinduísmo, o afã de uma levitação descompromissada de matéria. Seria então o que se poderia chamar de Amor Cósmico, derivado da Consciência Cósmica, na linguagem quântica, decifradora da medida esotérica do conceito ondular, inerente a tudo que pertence e existe no universo.

Na descrição vertida mais abaixo, com o desvelo merecido que cabe, aqui, pode-se aquilatar o valor da entidade que se designa por Terra, cantada nas asas brilhantes de um trecho do “Evangelho Essênio”. Na concepção de Rafael Kenski e Duda Teixeira, os essênios permanecem como um assunto vivo. O contato com a natureza, para eles, é essencial. Tanto que os novos essênios possuem uma planta em todos os cômodos da casa. Os essênios tinham com o solo uma relação de devoção, é o que nos relata Flávio Josefo, historiador judeu do século I, expondo: “Um dos rituais comuns deles consistia em cavar um buraco de cerca de trinta centímetros de profundidade em um lugar isolado dentro do qual se enterravam para relaxar e meditar”.

Dispondo da complacência do leitor, convém oferecer-lhe esta bela transcrição, como um atestado do amor incongruente desse povo ao planeta Terra. Muito de sua história está hoje traduzida dos manuscritos encontrados nas cavernas de Qumran, onde foi construído o monastério, uma das primeiras comunidades monásticas do Ocidente.

Abençoado seja o Filho da Luz que conhece sua Mãe Terra,
Pois é ela a doadora da vida.

Saibas que a tua Mãe Terra está em ti e tu estás Nela.

Foi Ela quem te gerou e que te deu a vida,

E te deu este corpo que um dia tu lhe devolverás.

Saibas que o sangue que corre nas tuas veias

Nasceu do sangue da tua Mãe Terra.

O sangue Dela cai das nuvens, jorra do ventre Dela,

Borbulha nos riachos das montanhas,

Flui abundantemente nos rios das planícies.

Saibas que o ar que respiras nasce da respiração da tua Mãe Terra.

O alento Dela é o azul celeste das alturas do céu

E os sussurros das folhas da floresta.

Saibas que a dureza dos teus ossos foi criada dos ossos de tua Mãe Terra.

Saibas que a maciez da tua carne nasceu da carne de tua Mãe Terra.

A luz dos teus olhos, o alcance dos teus ouvidos,

Nasceram das cores e dos sons da tua Mãe Terra,

Que te rodeiam feito as ondas do mar cercando o peixinho,

Como o ar tremelicante sustenta o pássaro.

Em verdade te digo, tu és um com tua Mãe Terra,

Ela está em ti e tu estás Nela.

Dela tu nasceste, Nela tu vives e para Ela voltará novamente.

Segue portanto as suas leis,

Pois teu alento é o alento Dela,

Teu sangue, o sangue Dela,

Teus ossos, os ossos Dela,

Tua carne, a carne Dela,
Teus olhos e teus ouvidos são Dela também.
Aquele que encontra a paz na sua Mãe Terra,
Não morrerá jamais.
Conhece esta paz na tua mente,
Deseja esta paz ao teu coração,
Realiza esta paz com o teu corpo.

É do sertanejo a propositura de organizar sua tralha ao gosto que a Terra lhe dá, que lhe oferece e lhe presenteia. Para onde ele vai, ela vai consigo. Junto dela, a cartucheira é peça que, predominantemente, fala mais alto, quando motivada pela presença de uma fera, como a onça-pintada. Esta, muita vez, pulando à sua frente pelos caminhos tortuosos dos capões ou das matas ciliares, marginando os riachos — bebedouros da população selvagem —, mostra sua fauce arreganhada, na ânsia de uma boa refeição. Quando perambula pelo agreste, o sertanejo nunca sabe o que poderá advir-lhe. O adágio “um homem prevenido vale por dois” é seu companheiro pelo largo do tempo de sua vida. Daí dizer-se que ele é mais desconfiado ante ramo quebrado na encruzilhada, indicativo de alguma tocaia, do que raposa frente a uma armadilha ou alçapão.

* * *

Fixada que foi a colher de pau ao antebraço do tocador de bumbo, este galhardamente saiu aprontando. Tanto ria, como gritava e sapateava. Era a felicidade em pessoa. O que era tristeza transformou-se em ufanismo. Fora de bom presságio ter o presidente da Assembleia a ideia de pedir-lhe que guardasse suas energias para o desfile prestes a ser realizado. Ninguém aguentava mais tanto barulho. Foi preciso assegurá-lo de que o bumbo podia furar de tanta batida, para que, só assim, diante do iminente perigo, se acalmasse. E o presidente, como bom mineiro, mais conciliador que enérgico, chegando-se ao ouvido dele, cochichou-lhe que parasse um mucadinho, só até iniciar-se o debate! — Depois!... De... pois... O falar em reticências foi o bastante. O tocador de bumbo, meio amuado, encostou de lado o instrumento. Cruzando o braço esquerdo sobre o outro, onde se lhe havia engastado a colher de pau, pôs-se a descansar,

jogando o corpo moído num cepo de aroeira que estava escorando a porta que dava acesso à Praça da Capelinha. Sentado ali, recolheu-se, furibundo que nem menino a quem lhe haviam tomado o brinquedo. Inerte diante da situação, ficou como que estacado, resmungando que nem mula empacada, com as ventas arreganhadas, fungando e piafando frente a uma assombração que não passava de uma grande teia de aranha. Estava a cobrir um belo cupim de térmitas, e a visão assemelhava-se a um lindo lençol branco a funcionar como um espantalho fúnebre na encruzilhada da estrada, interceptando a marcha dos animais de montaria em noites de lua cheia.

E assim, beijo caído, o íclito tocador de bumbo houve por bem aquietar-se, pondo-se a meditar. O silvo do vento por entre as folhas das casuarinas trazia-lhe alento com a suavidade do seu som orquestrado. E, embevecido pelas recordações que lhe vieram, quedou-se, envolvido pela saudade dos tempos que foliava pelas fazendas adjacentes, acompanhando a Bandeira do Divino, a colher donativos para as procissões, acompanhando o dedilhar das violas com a cadência das batidas em seu instrumento de percussão. Também, pensava ele, caso o bumbo furasse, já estava de olho no gato da Georgeta — belo espécime, que andava pelos telhados das casas da Rua Direita, certamente um belo couro. Era um magnífico animal, cobiçado por todos os fabricantes de tamborim para as festas de Momo ou a representação da Tapuiada por ocasião da Procissão de São Benedito. Alguém que já havia andado pelos meandros da teoria quântica, dizia ser esse gato o mesmo que tinha servido na experiência mental inventada por Erwin Schrödinger, renomado físico nascido na Áustria, na procura de ilustrar a incompleta teoria da mecânica quântica. Na sua prática havia encerrado em uma caixa de aço um gato juntamente a um dispositivo radioativo capaz de, dentro de uma hora, emitir partícula que poderia acionar um artefato pronto para quebrar um pequeno vaso contendo ácido cianídrico. Aberta a caixa, decorridos os sessenta minutos previstos, os observadores não saberiam qual o estado em que encontrariam o gato — se vivo ou morto. O artefato não havia disparado, contrariando ao que estava premeditado, justificando o Princípio da Incerteza de Heisenberg... Muitos diziam, após essa experiência, que não era ele gato vivo... No mínimo poderia ter dois estados: um gato vivo se livrando de ser um gato morto. Aqui para o leitor: seria então “alma de gato”? Gente da

terra sabia que alma-de-gato era um pássaro e não gato que pega rato, como todos conhecem. Mas, é melhor deixar esse problema de gato vivo/morto pra lá, uma vez que sua complexidade não comporta ser aqui discutida numa simples narrativa de como não pagar o IPTU cobrado pelo presidente da Câmara numa terra de ninguém.

O problema é que o tocador de bumbo estava sem saber se o gato da Georgeta era mesmo gato. De qualquer maneira era fácil pegá-lo, uma vez que, durante o dia, entre um ronrono e outro, permanecia ele vigiando as ratazanas que viviam dentro dos estofados do fordeco de colher do professor Graciano Calçado — um mestre catedrático, sexagenário e celibatário, que lecionava francês na Escola Normal “Antônio Carlos”. Morava ele defronte a Georgeta. Era um inveterado sonhador. Em suas lucubrações mantinha a de possuir um automóvel para, vez por outra, à aparência de Santos Dumont — gravata em colarinho alto, vestido de fraque e usando cartola —, andar pelas ruas da cidade, que, dado ao seu informe calçamento, não permitia que se desenvolvesse velocidade além de 20 quilômetros por hora. Ao perceber que estava sendo perscrutado por entre as palhetas das venezianas pelas moças casadoiras, tirava a cartola e dava aquela barretada, curvando-se todo.

Solucionado o problema do tocador de bumbo, “néqui” surgiu um maior? Era o de conseguir os demais instrumentos para compor a banda. Um militar, ex-maestro, prontificou-se a arranjá-los. Conhecedor que era dos meandros da corporação a que antes servira, sabia onde encontrá-los. Estariam — disse ele — guardados na sala destinada aos treinos do destacamento policial. Ciente de que eram usados apenas em ensaios intermináveis, às proximidades dos feriados importantes como o do aniversário da cidade e da Proclamação da Independência do país, não se sentiu inerte, e sim resoluta, ao traçar um plano que não deveria falhar. No momento de hibernação, lá deveriam estar eles empilhados em qualquer canto, necessitando apenas de rasgar as teias e espantar suas donas, as aranhas. Aconteceu que, examinada a proposta, houve por bem, da parte dos debatedores, não poder aceitá-la — a maioria dos instrumentos musicais era de sopro. Como soprá-los? Ficaram embasbacados! Não tinham bochechas, nem beiços! Vixe Maria! — dizia o neófito que acabara de hospedar-se naquele aglomerado, sua comuna eterna. Nesse ínterim, surgiu a ideia de usar — e ali estavam eles à mão — o

piano, os violinos, os violoncelos, as caixas, os banjos, os bandolins, e outros que poderiam ser executados manualmente. Eram eles todos componentes da orquestra municipal, usada apenas nas exéquias de personagens públicos: civis, militares ou eclesiásticas. Como essas inumações de caráter especial eram raras, pouco uso tinham esses instrumentos musicais. Assim sendo, eram guardados na sacristia da capela do cemitério, em lugar seguro, onde poucos entravam. O ex-maestro sabia como agir, dado que lá havia uma pequena bandeira de vidro colorido sobre o portal, artefato fácil de desmontar.

Tudo caminhava para o êxito da passeata. Faltavam os fantasmas que, como peças mais importantes, haveriam de compor a comitiva que deveria atazanar os poderes públicos, como havia sido votado na Assembleia, que andava, a todo vapor, trabalhando energicamente para o êxito total de um acontecimento inédito na face da Terra. Era sumamente importante que não houvesse a mínima falha, e assim tudo saísse a contento como se planejou.

À primeira vista, surge, como era de se esperar, o mais popular deles, encravado na peça musical *O Fantasma da Ópera* — tradução do original de “*Le Fantôme de l’Opéra*”, romance de Gaston Leroux, considerado uma novela gótica. Foi levada no teatro Ópera de Paris, monumental obra construída sobre enorme lençol de água subterrâneo, iniciada em 1857, terminada com sucesso em 1874.

A ideia, logo aceita, explodiu espontaneamente, como não podia deixar de ser, como pólvora em rastilho de estopim para a massa de dinamite, uma vez que o próprio título da obra induzia a isso. Bem não havia acumulada tanta euforia, um abelhudo, lá no fundo do auditório, com voz sarcástica ponderou: — Tão veno, gente! quisso num vai dá certo? Pois não é que o tal do fantasma usava de corrupção para a prática de atos violentos? Os funcionários que trabalhavam no teatro confirmam o assombramento por essa misteriosa aparição que tinha o desplante de cobrar vinte mil francos mensais de dois empregados. Chantageava-os e os obrigava, ainda, a reservarem o camarote número cinco para todas as atuações. Esse fantasma era, sobretudo, rancoroso. Ao saber que a cronista Daaé — colocada por ele na substituição do papel importante que criou, no lugar de “*La Carlota*”, que abandonou o ensaio na véspera de lançamento da peça — possuía um amante, quis obrigá-la a amá-lo! E tão somente a ele. Como se estivesse possuído por uma entidade maldita,

transtornado pelo ódio e pela ira, levava-a sempre, violentamente, sequestrando-a, até os subterrâneos do teatro, impedindo-a, assim, que ela encontrasse o visconde Raoul de Chagny, um seu namorado de juventude. Conturbado com isso, despertada sua ira, fruto de seu ciúme violento e obsessivo, colocaria em extremo risco, com sua possessiva presença, a vida de qualquer um que ousasse entrar no teatro. Gênio da música, esse elemento desfigurado, tanto na aparência física como no estado psicológico, encontra na imagem de Daaé a cantora ideal para alcançar suas próprias aspirações.

— Seria sumamente perigosa a convocação de um elemento dessa natureza — dizia o pacífico presidente, o senhor ex-juiz de paz, voltando a se pronunciar na direção dos trabalhos. — Poder-se-á — acrescentava sua excelência, prossequindo em seu arrazoado — diante de fatos consumados, caso se insista em aproveitar tal personagem, transformá-la, transmudando-a de participante de ópera para ator de uma terrível tragédia grega. Trata-se esta, indubitavelmente, de uma peça que sempre procura confundir inicialmente a plateia com falsos atos de sentimento de piedade para, no final, lançar mão de todos os recursos a fim de executar o seu término com um acontecimento funesto.

Daí, empolgado, derrama na assistência, com a minudência de quem na verdade conhece com profundidade as nuances e os meandros da cultura medieval, um quadro desolador.

Continua, pois, detalhadamente. Desenha, e tão somente, uma teia de fatos ardilosos, com o propósito de suspender o público, fazendo-o transpor os píncaros de uma cena desproporcional de imenso pavor — uma atribuição de Thespis, seu inventor.

— Com isso — concluiu o presidente —, estaríamos a um passo de uma possível transmutação indesejável. Nossa reivindicação, que está pacificamente protagonizada, caso insistamos, vai desafiar esse imbróglio, e vai ser direcionada para atos de vandalismo, com assassinatos em massa! Esse, peremptoriamente, não é nosso propósito. Não seria bom que volvêssemos aos tempos de culto ao Deus Dionísio. A lenda pode nos conduzir às devassas atribuídas ao Segundo Dionísio. Isso não nos levaria a nada, quanto ao programa que devemos traçar nesta conjuntura, que é protestar contra a mal-fadada cobrança de impostos a quem nada mais deve a este mundo.

* * *

Aqui o senhor presidente, parecendo cansado pela longa explanação, ficou-se por momentos. Porém, impulsionado pela força da responsabilidade que estava por detrás de sua elevação ao cargo, e para não perder o fio da meada, desejando esclarecer o porquê de sua peroração em favor da tolerância — uma espécie de crisálida eclodida da análise feita —, continuou em detalhes a explicar a diferença encontrada entre o sentido do que é uma ópera e o que significa uma tragédia grega. Para isso, embora falando, já com o arfar de quem está com o fôlego “batendo biela” pela exaustão, resolveu dar umas pregas no assunto. Para isso não fez uso de agulha e linha. Nem tampouco de esparadrapo. Valeu-se apenas de uma alternativa capaz de diferenciar o sentido das narrações em campo vasto, professando a estratégia da citação, para diminuir o tamanho e o tempo gasto em destrinchá-lo. Na sua avaliação, no trabalho dessa metodologia, quem iria discernir a questão seria não ele, mas os ouvintes presentes. Do pensamento à ação foi um tiro! E assim aconteceu. Vejam como foi.

Raspando a goela para limpá-la dos resquícios residuais da longa exposição anterior, iniciou outra, aproveitável e renovada por um novo conceito, passando a lê-la, ritmando suas palavras, numa cadência própria de quem estava acostumado ao método das apresentações orais. Volveu as vistas para alguns trechos inerentes e envolventes da pauta em questão, anos mais tarde coligados por Renata Xavier da Cunha (UFF, 1997), uma experta do assunto. Baseou-se ele, em assim procedendo, no princípio dos conceitos vivos, onde grandes pensamentos são de toda a humanidade — um beneplácito informal que a cultura universal criou, absorveu e entregou para uso da coletividade humana. Eis por que se sentia à inteira vontade na leitura do transcurso em pauta. Assim, numa concentração *sui generis*, enfatizou *ipsis verbis*:

Os adeptos do deus do vinho se disfarçavam de Sátiros, figuras conhecidas pelo imaginário popular como “homens-bodes”. Teria nascido assim o vocábulo tragédia (tragoz = trágos = bode + wdh = oide = canto + ia = ia, que no latim resultava em tragoedia e em nossa língua acabou se tornando tragédia).

Há outra versão que diz que a palavra tragédia surgiu porque durante o início das festividades se sacrificava um bode a Dionísio, o bode sagrado que era o próprio deus. Diz a lenda que em uma

das suas últimas metamorfoses para fugir dos Titãs, Baco teria se transformado em um bode. Devorado pelos Titãs, o deus ressuscitava na figura de “trágos theios”, ou seja, de um bode divino que deveria ser sacrificado para a purificação da pólis.

Na Grécia, os devotos de Dionísio, após a já falada dança vertiginosa, caíam desfalecidos. Neste estado acreditavam sair de si pelo processo do “ékstasis”, êxtase. Este sair de si era considerado uma superação da condição humana, era o mergulho em Dionísio e o mergulho de Dionísio em seu adorador através do processo de “enthusiasμός”, entusiasmo. O homem, simples mortal em êxtase e entusiasmo, unido ao divino e à imortalidade, tornava-se um “anér”, ou seja, um herói.

— Um herói, transformado no Deus Loucura, um compulsivo autor das desgraças alheias — completou, claudicando na última palavra o senhor presidente. — Se a sociedade, não se acautelar, profetizo que irá, estribada nisso, procurar por todos os meios uma maneira de ingerir substâncias capazes de levá-la ao êxtase.

Perplexa e incomodada, a Assembleia levanta-se ante tão perspicaz pronunciamento final do presidente. Triste, torna-se apreensiva, portando-se como se fora tangida por uma lufada de vento, vindo do outro lado do Atlântico, a profetizar desgraças. Como bagagem, traz a verruma “em comprimidos” que vai ritmar as baladas das noites, “cá de cá”, do nosso lado, abrindo fendas na alma da mocidade de classe média principalmente.

Caindo como uma bomba, essa elucidação se fez motivo para que o debate continuasse a se desenrolar sem muito avanço. Agora com mais cautela.

Caldo de galinha e paciência não fazem mal a ninguém — resmungou rotundo um velho esqueleto com ares de sabedoria perdida nas curvas do caminho da existência terráquea. Tudo ia decorrendo às mil maravilhas, quando um eloquente literato, inserindo-se por uma brecha deixada por inépcia da Mesa, logo disparou uma prolixa oração cheia de citações e metáforas. Discorrendo, com detalhes, pelas trilhas e cantos de intermináveis perorações, andou perdendo-se por ínvias encruzilhadas, onde, por acaso, tropeçou, dando de encontro com Victor Hugo. E, por azar dos ouvintes, com ele andou claudicando, quase perjurando, ao caminhar em citações por cenas de uma obra posta em relevo do, também, autor consagrado pela crítica universal. Por séculos, traduzidos em várias línguas, os seus

livros são citados como uma das mais tocantes formas de levantar aspirações de sociedades emergentes. Insulado pela sua leitura, teve o “Aldeão” coragem de desenvolver o sentido de alocar meios, a fim de diminuir sua ansiedade, para encontrar a felicidade na liberdade — na liberdade de trabalhar para quem quisesse e não preso ao jugo dos senhores feudais; na liberdade do direito de ir e vir, na, principalmente, liberdade de expressão, podendo agir como o impoluto Voltaire, que, na sua maior demonstração de pureza liberal, espicacou o autoritarismo com a frase: “Posso não concordar com o que você está dizendo, mas defendo até a morte o direito de você dizê-lo”. Era comum o que dele se ouvia, embalado pela frase: “Será que vocês já ouviram falar em liberdade?”. Estaria assim solidificado o princípio denominado de Humanismo Social... Examinadas as suas características intrínsecas é de convir que sejam poucas as diferenças entre a literatura medieval e do século XVI, onde já apareciam albores de uma ciência mais evoluída com obras como as de Jean de Meung, compactadas no substrato francês; como as de Boccaccio, na Itália, com “Decameron”, traduzida por Antoine Le Maçon.

* * *

Voltando mais uma vez à vaca fria — no uso consagrado por todo aquele que se encontra em palpos de aranha para continuar norteando a estória que se propôs levar a um final sereno —, continuou o literato.

Nomeio-lhes o exemplar, considerado por todos como uma epopeia literária, o romance “Notre Dame de Paris”, exaltado e numerado por muitos como sendo do porte de um monumento. Um “livro feito de pedras”... Foram tantas as homenagens esculpidas por toda a Europa, que a crítica houve por bem assim designá-lo.

Na sofreguidão com que disparou a externar sua longa peroração, quase perdeu o fôlego, tamanho fora o período dissertado.

Embora “com a língua de fora” — expressão esdrúxula para o presente momento —, mas empolgado, como eterno apaixonado pela linguagem soberana e ao mesmo tempo serena do romancista, numa efervescência nada comum, como era de se esperar (além de o assunto coadunar-se perfeitamente com o momento), meteu-se fundo por entre os meandros da obra. Como seu personagem principal

surge inopinadamente a figura singular (merecedora de uma análise profunda, que mais tarde poderá ser estudada na plenitude de uma auditoria relativa a procedimentos interiores da alma) do arcediogo da Catedral de Notre Dame: um típico representante da “ditadura da idolatria”, que passou à história como o vocábulo que mais terror despejou sobre a cabeça dos povos, denominado, com o nojo que ele, passados os séculos ainda inspira, de Inquisição. Com o pensamento gotejante de argúcia e ao mesmo tempo abalizado no esmiuçar da estrutura espiritual desse “oficial de porte” do então reinante “papismo”, que devorava os crescentes anseios de igualdade e liberdade dos povos, bate de frente, estacando-se com a figura de Frollo — um perfeito símbolo de tudo que se possa esperar de uma autoridade investida da crueldade imposta pelos tentáculos de uma concepção doentia que não admitia o que mais sublime existe na formação humana: a liberdade de expressão baseada no diálogo. E somente nele, para se chegar a um denominador aceitável. Frollo faz de um indivíduo humano, de físico deformado, seu ajudante de ordens na execução dos rituais inerentes à religiosidade que estava operando. Quasimodo “estava” como escravo em suas mãos. Era a cobaia da qual se servia como argila maleável, na qual, para exercer maior domínio espiritual sobre ele, moldava-a, usando de meios capazes de manipular a tentação de destruir sua personalidade, igualando-o sempre a um monstro. O fato de ser repugnante, pelas deformidades que carregava na face e na cacunda, não o impedia, entretanto, sendo humano, de admirar Esmeralda — a linda cigana que, para viver, dançava na praça onde ficava a suntuosa catedral. Pois não é que Frollo, exercendo sua autoridade mandou-a para a cela por duas vezes?! Todas com o fim de passar momentos com ela, torturando-a, porque desejava amá-la em sua plenitude. Torturando Esmeralda, torturava Quasimodo. Muita vez se sentia profundamente ferido, observando como ela o desprezava. Pelo amor que Esmeralda devotava ao soldado Phoebus, Frollo a maltratava, considerando-a como se fosse o instrumento que o Gênio do Mal, Satan, criara com o específico fim de despertar sentimentos e desejos num homem de sua estirpe. Por isso, merecia ser castigada! — dizia ele com a alma pendurada com a corda da vontade de esganar todo mundo à sua frente, fazendo-os vibrar nos índices acordais correspondentes ao teor e quilate de sua ira e de sua concupiscência.

Nos porões da Inquisição era lavada toda a ignomínia lacrada no recalque de almas sequiosas de colocar para o exterior, como fuga, instintos sedimentados na impunidade de autoritárias vazões de desejos inconfessáveis. Portanto, qualquer que fosse a infração cometida por qualquer indivíduo, por menor que ela se apresentasse, poderia sofrer penas sem que seu algoz se sentisse culpado do ato ignominioso. Submeter-se à vontade suprema do seu senhor era o que se requeria nessas contingências. Haja vista o inolvidável cientista Galileu Galilei, astrônomo e físico de notabilidade incontestada, que para sobreviver renunciaria a sua legítima convicção, contrária à doutrina eclesiástica que propugnava ser o nosso planeta o centro do Sistema Solar. Conta-se que, levado ao Templo, após uma ceia vigorada com bastante vinho, assim o fez, cumprindo as determinações de seus algozes. Porém, à saída, ao observar os altares, os candelabros e o grande turíbulo pendurado no meio da abóbada da igreja, balançando como um grande pêndulo, disse, apontando-o e retrucando: — No entanto, por si, se move! Abjurara seu *slogan* científico, reafirmando-o, logo após, em estado elucubratório gerado pelo alto teor ético concentrado no seu cérebro.

Em outras ocasiões, era a suposta infração arranjada pelos próprios inquisidores, para servir de meios sustentáveis, para confiscar bens em favor da Ordem Pontifícia. Quando não eram atendidos esses desejos, o infrator era levado à execração e ao ultraje da sociedade, para servir de exemplo.

Apesar disso, mesmo assim submetidos aos arroubos de insolência, Esmeralda e Quasimodo encontravam momentos de se encontrarem sozinhos. Ele, nos resquícios de sua alma, amava a beleza de Esmeralda, tendo-a salvado de um inoportuno acontecimento na torre da igreja. Foi monumental esse ato de coragem, de beleza e de heroísmo.

— A Inquisição, meus colegas, aparece na atualidade, com nomes diferentes, mas, com o mesmo propósito de manipular o povo em geral, infringindo nele tantos quantos abusos forem possíveis, no sentido de tê-lo sob o pulso da ignomínia. O IPTU a nós cobrado é um exemplo da tirania lançada em cima de uma secção da comunidade ordeira, que deseja apenas sossego e paz para cumprir o seu destino. Eis nossa legítima reivindicação.

Estava então o litero-orador sentindo-se preparando para soltar a língua para continuar... quando... quando naquele exato momento, com a maior parte dos componentes da Assembleia cochilando, o senhor presidente, meio chocho e “rouco” de tanto ouvir, soou a campaninha, colocando um ponto final na interminável fala do pressuposto crítico literário. Se não tivesse havido essa misericordiosa e providencial intervenção, não se sabe o que poderia ter acontecido. Era provável e possível terminarem as discussões, uma vez que o dia já vinha sendo anunciado pelo lusco-fusco da aurora, pintado nos cabeços dos morros adjacentes ao cemitério. E, aí sim! Babau! Os protestos mais badalados da história da passagem do *Homo sapiens* pelo planeta Terra tornar-se-iam levados pelo sopro do vento, agitando as folhas das casuarinas, guardiãs da morada dos esqueletos protestantes. Protestantes contra impostos! Bem... Bem entendido... nada a ver com histórias calvinistas, luteranas ou outros segmentos religiosos. Nem com candomblés, macumbas e exorcismos. Trata-se de, sem ser substancialmente laico, moderadas ações de propositura filosófica, sendo muitas delas de sentido um tanto quanto burlesco...

Após a admoestação do senhor presidente, sentiu-se o orador na contingência de colocar um ponto final em sua extensa peroração. Assim, terminando de falar, meio ofegante pela virulência com que expunha os acontecimentos, o palestrante, em requerimento final, pede para colocar em pauta de discussão a tese do sim ou da não convocação de Quasimodo — o fantasma mais feio, em minha opinião, dizia ele —, que poderia ser encontrado sobre a Terra. E assim ficaria encerrada essa primeira apresentação.

Nessa oportunidade, um gaiato, sentado na derradeira fila de cadeiras dessa fúnebre assembleia, começou a rir sem parar. Suas mandíbulas esqueléticas batiam uma na outra com tanta veemência, como se em bando de “queixada” estivesse... Entre as muitas gargalhadas, dizia ele:

— Como trazer até nós uma personagem que há milênio encontra-se enterrada na Europa?! Num vê que há um mundão de água pra atravessar? Num vê que o Atlântico divide os dois mundos: o europeu e o americano? Vejam pois o disparate, o despropósito de tal ação... Isto é estapafúrdio... Um dos maiores que já vi... E, assim, continuou a provocar o proponente da medida com seus estridentes

risos de mandíbula escancarada, entre intermitentes palavras, torcendo, por final, a queixada em ato de incômodo cinismo.

— Não vê também, burrão — respondeu outro, cá da primeira fila, virando-se todo para encarar o gaiato que ria sem parar, lá no fundo do auditório —, que fantasma num carece ser de lá ou de cá? Ô! Besta! Fantasma é coisa qui num é concreta. Tá mais pra espiritual que material, ou melhor: mais pra nuvem que para chuva. Como as nuvens, os fantasmas flutuam no ar e voam ao sabor das correntes aéreas. Sendo assim nem asas precisam para viajar! Usam asas se desejarem, em ocasiões mui especiais. Em sua maioria, assemelham-se a flocos de nuvens que se enovelam, desafiando a luz que chega com toda força no alvorecer do dia que se escancara... abrindo-os tanto quanto os raios solares são encetados sobre eles. Nessa oportunidade então, fogem esfumacantes sem deixar rastros, a não ser farrapos de algodão, quando alcançam frentes frias, batendo nos brejais. Aí, sim, formam figuras exóticas a correr das rajadas de luz que os perseguem como o cão farejador, que, após o levante, “toca” a caça sem piedade. Assim é o fantasma! Ô, meu! Ele é universal e está em toda parte. Vou dizer: nem viajar precisa! Chamou?! Tá aqui! Surpreendente, né?! Minha pamonha mal amassada... Ele anda na velocidade da luz! Esta galopa no lombo do tempo, contrariamente ao que pensa Stephen Hawking, que contradiz, dizendo: “Os seres que viajarem neste veículo, em direção ao futuro, ao passado já voltaram”. De maneira que minha proposta — continuava ele — é para colocar em pauta esta maravilha encontrada. Feia... Cheia de caretas permanentes qui nem mulher na hora de dar a luz, constitui-se, pois, num achado maravilhoso encontrado para o ato que queremos. Junte a isso sua docilidade, podendo ser manobrado a critério nosso. Tem ainda a vantagem de ser popularíssimo. Seu nome, derivado de palavras latinas pronunciadas no intróito da missa no Domingo de Páscoa — denominado Domingo do Quasimodo —, dizem que é o intróito da cerimônia que inicia pelo texto de São Paulo: “Quasi modo geniti infantes, rationabile, sine dolo lac concupiscite”, isto é, “como crianças recém-nascidas, desejem com toda candura o leite que vos é destinado”. Diz-se dos neófitos batizados antigamente em conjunto no Sábado de Aleluia. Seriam oito dias após a Páscoa, recém-nascidos para a fé e para graça. Vestiam-se de túnicas alvas

em toda a oitava da passagem “Dominica in albis” — domingo dos vestidos brancos (Enciclopédia Internacional, p. 9.465).

— É bom que se anexe à figura do Quasimodo outro estranho ser de desmesurada face, que é conhecido com o nome de Polifeno, filho de Posidon, um dos gigantes com um único olho fulgurante no meio da testa, denominados de Ciclopes — filhos de Anfitrite casada com Netuno, Deus do Mar, das Ilhas e das Praias.

Colocada a sugestão em apreço, fez uso da palavra um cara que mais ouvia que falava. Tendo assimilado muito bem a essência das palavras do senhor presidente sobre a consistência da palavra “tolerância”, achou por bem levantar a questão das violências praticadas por essa figura denominada Polifeno, assim se expressando:

— Uma vez que nosso presidente tem na mente a concepção da autoridade, compreensiva como a razão em primeira mão, acho que pouco vai esse elemento servir, já que está sendo classificado como fazendo parte das séries de monstros os mais violentos da mitologia grega. Veja só: na volta de Ulisses pelos mares agitados dos sítios de Troia, na sua viagem aventureira, teve a má sorte de encontrar os Comedores de Loto, denominados hedonistas. São eles os originários da doutrina filosófica que afirma ser o prazer individual e imediato o Supremo Bem da Vida Humana. Tanto foi assim que Ulisses teve de retirar seus homens à força, pois nenhum deles desejava deixar de usar e abusar da comodidade dos hedonistas, que nada faziam além de ficar sentados a comer frutas, o que os fazia esquecer de suas responsabilidades.

Nessa luta, usava ele, Ulisses, da estratégia de trocar o seu próprio nome. Ora dizia-se chamar-se Odisseu, ora Ninguém. Ora Ulisses mesmo. Numa dessas, tendo, juntamente com seus homens, caído prisioneiro do mais poderoso dos ciclopes, denominado Polifeno, cuja barbárie transbordava a tudo que se possa imaginar, do ponto de vista de decoro, pois logo de início já provaria isso, saciando sua fome ao comer seis de seus homens, perguntado como se chamava, dissera: “Ninguém” (em grego, Outis). Com isso, conseguira livrar-se de seu agressor, usando da estratégia de vaziar seu único olho com uma lasca de madeira pontuda e em brasa. E, tendo este clamado de dor, e colocado a população de ciclopes em pé de guerra com seus urros aterradores, disse, ao ser perguntado

sobre quem o havia ferido, ter sido Outis. Se não fora ninguém, seus companheiros não sabiam como agir e nada poderiam fazer. Assim sendo, deixaram pois Ulisses, o prisioneiro, à deriva, pronto para planejar sua fuga... Transpostas outras dificuldades, que aqui não cabe indicar, conseguiu ele aportar-se na ilha flutuante Eólia, cujo rei, Eólo, havia recebido de Zeus o poder sobre os ventos. Usando das prerrogativas que lhe foram propiciadas, o então monarca presenteou-o com uma bolsa de couro na qual tinha aprisionado todos os ventos tempestuosos, e, junto a esta, a invocação para navegar impulsionado por uma suave e boa brisa em direção a oeste. Pois não é que, não obstante tantas benesses, mesmo assim levava Ulisses vinte anos para o seu retorno à Ilha de Itaca?!

Depois dessas considerações, houve por bem o senhor presidente introduzir só o requerimento que constava da convocação de Quasimodo na pauta das votações. Uma vez encerradas as preliminares discussões que quase o fizeram esquecer que estava regendo o cargo de presidente, foi realizada a votação. Já que havia necessidade de correr contra o tempo, esta se deu por aclamação. O senhor secretário — um defunto oriundo da vida burocrática — fez as anotações de estilo, tendo o senhor presidente homologado o resultado favorável à convocação do Quasimodo, com sua chancela esquelética, ali, bem em cima da página amarelada do livro de anotações pertencente ao arquivo do cemitério. Estava, assim, a primeira providência aprovada por unanimidade dos presentes, após essa exaustiva discussão.

Após os minutos de descanso concedidos pela mesa, ficou decidido que se deveria convidar outras personagens do mundo da fantasmagoria, uma vez que, talvez, muitos não poderiam vir em virtude de compromissos anteriormente assumidos. Os maiores deles estavam presos à vida e aos acontecimentos na Europa Central. Ali era o local propício para eles, onde primava a superstição entre a casta dos aldeões analfabetos, presos às condições feudais, onde o senhor do castelo, referendado pelo baixo clero, cometia as mais ignóbeis ações com o fim de dominar seus vassalos pelo medo, invocando as aparições de terror.

* * *

No momento em que retornavam aos trabalhos, logo informou o maestro encarregado de compor a orquestra que deveria dar ritmo à marcha da passeata pelas ruas da cidade. Que o conjunto de músicos estava “nos cascos”, prontinho para cumprir seu dever. Embora tenha havido um incidente, tudo estava sob controle. Lembrou ainda o trabalho que tinha tido nos ensaios, uma vez que, em função das idades avançadas de seus componentes, muitos dos instrumentistas tiveram de recordar as peças musicais, o que deu muito trabalho. Num dado momento desses ensaios, explicava ele, ao executarem como treino a Ópera “Il Trovatore”, do insigne compositor Giuseppe Verdi, houve um verdadeiro pânico, uma vez que os ciganos, personagens principais do evento, assustados com o desafinamento dos instrumentos de sopro, largaram a partitura e desandaram em tremenda debandada. Tão alarmados ficaram que, na arrancada, tropeçavam, trombando uns nos outros. A cada estridente nota mal dada, o maestro retorcia-se todo, no afã de conter a transmigração da gentilha que corria aos solavancos, de cara pra trás, pontas dos fraques rebitadas às costas. As ciganas juntavam nas mãos os recortes de suas longas saias e acompanhavam o trote dos homens. Pareciam bandeiras chistosas a voltearem nos ares, multicolorindo o ambiente. Quem os via assim tinha a impressão de um bando de saltimbancos corridos por senhores de castelos medievais. Se assim não o fizessem, cairiam diante dos látegos dos verdugos que vigiavam dia e noite as propriedades feudais.

A batuta que o maestro empunhava, no rápido corrúpio de suas evoluções, parecia aos olhares externos, na ilusão ótica, mais um arco de berimbau que um pequeno cilindro em suas mãos. Ele próprio, também, estava apavorado com a debandada dos personagens da partitura. Como não tinha barriga, o que sentia era um vazio na espinha que mais e mais aumentava seu pavor. A ginástica que fazia para se conter em pé, regendo a orquestra, causava-lhe desconforto, ao ouvir o estalo compassado dos ossos do complexo de sustentação do seu esqueleto, acompanhando o ritmo desenfreado das teclas do piano solo. O músico que executava essa partitura gritava e esperneava, todo amarfanhado e exausto. De tanto se agitar, sentia as teclas do seu instrumento fugir de suas mãos. Cada nota tocada era uma porta aberta para mais evasões. A turba se desenvolvia como uma imagem nebulosa de um tornado arrebatando tudo a sua

frente, acompanhando os outros primeiros ciganos que — pernas pra quem tem, já quilômetros à frente — desandavam, batendo os maxilares, com medo do sopro dos corneteiros. E o resto da ciganada não se dava por se achar, tamanha fora a pertinácia dos músicos (sem bochechas), tentando soprar os bombardinos, os pistões, os trompetes, as clarinetas.

Muitos dos demais companheiros não ciganos tentaram modificar esse estado difícil de coisas que aconteciam sem proveito imediato. Citaram trechos de obras científicas para mostrar-lhes que o total desafinamento dos instrumentos era simplesmente derivado das partículas elementares e virtuais que se chocavam a todo instante na teia estrutural formadora da matéria. Fritjof Capra, renomado Ph.D. em Ciência, autor de “The Tao of Physics — An Exploration of the Parallels Between Modern Physics and Eastern Mysticism”, em um dos seus mais completos compêndios científicos da atualidade, descreve (p. 183) um aforismo de Alexandra David-Néel, contida no seu livro “Tibetan Journey”:

Todas as coisas são agregadas de átomos que dançam e que, por meio de seus movimentos, produzem sons. Quando o ritmo da dança se modifica, o som que produz também se modifica. [...] Cada átomo canta incessantemente sua canção e o som, a cada momento, cria formas densas e sutis.

Entre esses tropeções, tal movimento sem par na história das óperas forneceu elementos para o poeta místico Carlos Drummond de Andrade convocar um “Congresso Internacional do Medo” onde como peça especial destilou:

Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio, porque este não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte.
Depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

E o poeta esdrúxulo, aproveitando essa inolvidável ocasião de ter uma das maiores figuras da literatura brasileira ao seu alcance, morrendo de medo, rouba as rimas e as converte:

Quando muitos estarão, assim, morrendo de medo,
Preso às sílabas dolentes cheias de dourados medos,
Furtaria e plantaria no meu coração
Um ramalhete de flores amarelas
Para enfeitar o meu triste canto — símbolo da luz,
Desvanecedora dos meus temores!
E, para justificar a regalia
De ser o ladrão da poesia,
Com medo, convocaria Drummond
Para irrigar as medrosas flores amarelas,
Brotadas com o adubo de suas maviosas canções!
Delas surgiriam miríades de botões,
Que voluptuosamente se abririam em pétalas coloridas,
Onde colibris azuis iriam sugar o néctar condicionador da vida!

* * *

Se assim for, ligar-se ao espírito de Timothy Leary — o Pensador da Morte — é conseguir extrair dele algo que vem subsidiar o pensamento, encetando-o a perder-se em lucubrações e a vagar em espaços metafísicos. Lendo-o, percebe-se todo o esplendor filosófico-social, dentro de um tema deixado à margem da história, por não interessar muito às lideranças opressoras um assunto que jamais gostariam que a massa humana pudesse ter acesso. Assim, veja:

A maioria dos seres humanos encara a morte como uma “atitude” de impotência, seja resignada ou com medo. Nenhum desses “ângulos de enfoque” submissos e frequentemente mal informados, frente ao evento mais crucial da vida de uma pessoa, podem ser considerados como enobrecedores. [...] O temor da morte era uma necessidade evolutiva no passado. [...] A obediência era recompensada. Pela devoção era prometida a imortalidade no “céu”, “paraíso” ou “Reino do Senhor”. [...] Nas eras feudal e industrial, o gerenciamento fez uso do temor da morte para motivar e controlar indivíduos. Agora, à medida que ingressamos na Era Cibernética, chegamos a uma nova sabedoria, que amplia nossa definição da imortalidade pessoal e de sobrevivência do reservatório genético: as opções pós-biológicas das espécies da informação.

* * *

A reunião da Assembleia no Cemitério desenrolava-se sob uma tensão mística, uma vez que o próprio maestro da Banda Esqueleto Enfeitiçado — pois não fora este o nome encontrado por aclamação para designar a corporação musical ora criada? — sentia-se conturbado ante o que estava acontecendo. Os músicos dessa macabra orquestra viam e sentiam que trompas eram os instrumentos mais difíceis de executar. Tiveram elas uma gloriosa trajetória de mudanças pelos séculos. Do “shofar hebreu”, feito de um chifre e que é ainda usado nas cerimônias religiosas dos judeus, chegou às trombetas de caça da idade média, que foram modificadas pelo acréscimo de varas, pelas mãos de Anton Joseph Hampel, em 1753, até chegarem ao instrumento moderno. Weber, com sua ópera “Der Freischutz”, descobriu nelas um timbre especial, tornando-as assim um tormento para os músicos aqui requisitados para compor a orquestra que deveria marchar à frente da turba do desfile que se desejava navegar pelas ruas da cidade. O que mais espantava, entretanto, era a tentativa dos flautistas, tímidos e dignos de dó, tentando... tentando!... se esforçando! Mas, de seus instrumentos, apenas podia se ouvir era um som uníssono e prolongado, como se fosse o silvo de cobras ovíparas no cio. “Coitados! Também... não tinham beijos!” — dístico saído dos lábios do grande Veríssimo, o comandante das ruas.

* * *

Beijos grossos, sensuais, convidativos mesmo, eram os de Bernardina Doida, cujas estórias mirabolantes o Dizinho — consagrado e douto escritor regional das bandas de Orapronóbis, o trecho simbólico na história de Paracatu — adora relatar em suas cantilenas patrióticas e regionalistas. Adriles Costa Ulhôa tem sido o guardião da história contemporânea de sua terra, contada de maneira fluente, com traços críticos que lhe imprimem os restolhos da personalidade forte e coerente com que foi esculpido. A pedra-sabão, que fora lapidada com o cinzel da tradição derramada na alma repleta de amor à terra que o viu nascer, aparece nas páginas de seus

livros, tão lidos quanto queridos. Prova está, quando o vemos solto, flácido e fúlgido, rumorejando, com sua obra literária que vaza pelo território brasileiro como fogo morro acima! Como água cachoeira abaixo!

Lendo-o, qualquer um de seus leitores pode encontrá-lo no menino descalço, botinas amarradas ao ombro, cabelos loiros caídos, a balançar na nuca ao sabor dos ventos alísios soprados do Alto do Córrego. A correr, ora atrás de uma bola de borracha, ora a empinar seus papagaios de papel de seda no Largo da Matriz. Ora balançando-se nas cancelas que fechavam o patrimônio da cidade. Mas o que mais chama a atenção é o seu amor à terra e aos seus companheiros de peraltice tão bem descritos em seus livros.

* * *

Voltando ao problema do beijo de Bernardina, não se pode deixar de citar o palavreado usado pelo viajante de tecidos, o cometa João Magalhães, um espécime “faladô cumo todo januarense que se presa”, uma mistura de mineiro com baiano. Andava ele de ano em ano pelo sertão, principalmente pelo noroeste mineiro, visitando as cidades mais importantes. Daí o singular nome de “cometa”, que era dado aos representantes de casas comerciais distribuidoras de produtos manufaturados nas grandes metrópoles do país. Magalhães, ao chegar à cidade de Paracatu, capital intelectual regional, tinha que dar cumprimento ao melhor que desejava que fosse, que era falar com Bernardina — uma figura encravada na sociedade, pertencente ao seu folclore. Assim, ficaria municiado das notícias do “métier méticuleux” paracatuense.

Bernardina? Quem não a conhecia se ela estava em toda parte? do norte ao sul, do leste ao oeste da cidade? Bernardina das quitandas aos lautos jantares das classes menos pobres, das salas às alcovas? E quem Bernardina não conhece nessas trinta léguas em derredor? E ia, o João, sempre ao seu encontro, para cumprir a obrigação de décadas. Além da boa prosa, não é que tirava proveito em atualizar também o cadastro de todos os comerciantes da comunidade? Ficava sabendo, por seu intermédio, qual o mais forte e a quem poderia vender seus artigos sem perigo. Mantinha com ela, a risos

despregados, rocambolescos convescotes que sempre terminavam com uma locução concludente e gostosa de ouvir:

— Ô, Bernardina! Inda hei de comer esses seus beijos numa boa feijoada. Irei falar com Yayá, de Siá Vininha, dona do Hotel Paracatu — o mais famoso do Triângulo Mineiro pelo seu lombo assado de carne de boi —, que, sem o beijo de Bernardina na feijoada de sábado, vai perder o seu freguês. Irei mudar pru Hotel do Bernardo Osório ou pra pensão de Inhozinho da Cunha, ambos ao final da Rua Goiás, nos limiares da Rua da Capelinha, confluyente com a Rua do Piolho!

— Você há de vê! Bernardina! Escute o que tô falano! Sente e espere! O tempo dirá!

Terminava às gargalhadas soltas! Exuberantes, de fazer inveja ao palhaço do circo que se instalara no Largo do Rosário, onde a meninada gostava de ir.

Bernardina, achando graça nas palavras de Magalhães, também ria, esticando seus dois dedos de beijos gordos, continuando a falar da vida alheia que ela, nas suas lucubrações, bem conhecia. Dizia ela ter nascido de família abastada que caíra no desagrado do ouvidor-mor da Vila de Paracatu do Príncipe, sem saber por quê. Este não morava na vila. Vez por outra visitava a comunidade para resolver problemas. Entre os mais importantes, a arrecadação de impostos. Nessa oportunidade hospedava-se num sobrado à Rua Goiás, esquina com a avenida hoje Quintino Vargas. Dizia-se ainda que seus antepassados perderam, pelas mãos dos beleguinazes — esbirros do reino — todo seu patrimônio, nos confiscos arbitrários de então. Dizendo coisa com coisa, ia e vinha e virava, mas não largava de resmungar fatos referentes a um tal de Tetê, que no seu entender era gente de sua antiga convivência. Falava de porcos e galinhas, cavahadas e vacadas, das festas do “Divinu Espirtu Santu” e de “Sombinidito”. Esta era a que mais venerava, pois ia e vinha em sua memória a toda hora. Com o passar dos minutos, não muito concludentes, resmungava sozinha, cobertor “sapeca neguinho” jogado nos ombros à moda de xale longo:

— A prucissão era cheia de gente de toda parte. Domlizeu, o bispe, era todo sorriso, caminhando divagarinho, debaixo do teiado de pano (pálio), carregano a Estrela Dourada qui era o Divinu.

O andor do Sombinidito caminhava na frente, carregado pelos devoto da irmandade (confraria). Todos vistido de capa preta, pois a image era negra tombém. Sombinidito é padroeiro dos negro. Sua igreja é a do Rosário aqui no Paracatu. Nas demais não deixavam os preto e mulato entrá. A Matriz era dos branco e dos pardo. E a d'Abadia era dos mulato. Como penetra tombém iam alguns pardo qui eram carregado mais ao branco sem ser mulatado. Cada qual tinha irmandades que gerenciava as festa. Antes, nos dias de preparo, era carro de boi chegando, cheio de gente alegre e de boa matula, sem falá nas pinga de ingenho qui era guardada nos carotes, bem condicionada. As cuité dela distribuída aos visitante funcionava como peça de boa vizinhança... num dá pra contá. Tetê era o Rei da Alegria. Vinha muita belezura de mulher vestida de estampado de roda e os home de camisa de zefir xadrezada. Os tocadô de viola era sempre bem-vindo e pra eles sempre tinha uma farofa de pé de galinha, rigada com a caninha da boa, ferecida pelas minina chegando a casório.

Daí pra frente, as gentes que já viveram esses momentos de festas e procissões contam que às vezes aparecia, na tenda do carro de boi, à boquinha da noite, um sanfoneiro extraviado. Pedindo licença, iniciava uma polca aqui, uma valsa ali, uma modinha chorosa ou uma canção sertaneja. E, se a turma gostasse e desse trela, a cantoria rumava noite adentro “inté” o sol começar a dizer a que vem. Rodando seus raios, sem pedir licença, penetrava em todos os lugares, fossem eles robustas vivendas ou lupanares, sem ódio nem vingança. Sereno, surpreendia a moçada, a mostrar que o dia já havia surgido e a lida não dava mole não. Aos homens cabia a tarefa de municiar as pipas de água potável e, principalmente, passar em revista os tapumes da cerca do pasto onde se colocavam os animais de serviço — bois e cavalos. Às mulheres, o preparo das refeições e o arranjo das roupas domingueiras que seriam usadas no acompanhamento das novenas. Em muitos acampamentos as ladainhas tiradas pela mulher mais velha, presente no momento, desenrolavam dolentemente, causando moleza na gurizada que ia se encostando em qualquer lugar, pegando no sono. As chamas das velas de sebo bruxuleavam pelos cantos da tolda e debaixo da mesa do carro de boi, flechando a área circunvizinha com suas luzes pálidas,

onde em um altar improvisado erguia-se a imagem do “Sombinidito”. Sobre bruacas, canastras, sacos de mantimento empilhados, pipotes de aguardente e caixotes vazios, escamoteavam os componentes das rezas e também dos comuns e quotidianos encontros familiares, como se fosse mesmo um recanto de lazer muito bem decorado, à altura até de cerimoniosas visitas.

Todo mundo admirava a tolerância do viajante João Magalhães, que permanecia intermináveis horas dando trela a Bernardina... “Mas... tombém na cidade não tinha divertimento algum!...” — diziam quem os via e ouvia conversar, sem tempo pra parar.

* * *

Muitas mulheres da cidade tinham medo da língua da incansável Bernardina, que, como andarilho, vasculhava todas as esquinas, todas as praças, todos os adros das igrejas, todos os quintais, bibocas e terreiros abandonados. Vez por outra, era vista em colóquios com o “filósofo” Roque ou mesmo com o inteligente Veríssimo. Ambos chegavam, sem dizer a que vieram ou a que fazerem! Uma curiosidade mórbida chegou a ser constatada em alguns munícipes que sempre tinham receio de serem eles espíões, como acontecera épocas atrás com os falsos vigários da Coluna Siqueira Campos, pelos idos de 1927. Daí é que os dois tomaram conta da cidade sem se importarem com o que deles falavam ou o que os outros faziam. Viviam felizes com seus sonhos de grandeza. Cada qual agindo conforme suas peculiaridades. Com o decorrer do tempo, passaram a figuras tradicionais, indispensáveis ao folclore da comunidade.

O Roque, bonachão, ria mais que falava. Grande comedor de toucinho cru que a criançada gostava de dar a ele só para ouvi-lo repetir, ao ser chamado: “Hein!... hein!”... Tantas vezes quantas fossem ditas o seu nome, repetitivamente dizia “hein”.

Para retratá-lo, só mesmo o contato de uma pessoa que vivia quotidianamente com ele, conhecedor de seu modelo de vida, de seus hábitos e de suas maneiras de encarar o destino que lhe fora dado pelas forças universais. E foi o que inventou fazer seu amigo e defensor Veríssimo, soletrando as rimas a quem deu o título de “Roque, o Filósofo”.

E foi por aí, claudicando por vezes, engolindo por situações diversas a saliva que juntava nos cantos da boca, que nasceu a biografia do mais querido personagem folclórico que perambulava pelas vielas da cidade de Paracatu, uma cidade a noroeste de Minas, de áureos tempos em sua história, que pelas suas particularidades exóticas foi cognominada de Orapronóbis.

Assim ele a leu... Assim declamou-a, cantando suas rimas:

Maltrapilho, sujo, fedorento,
Punhos da camisa ensebados,
Gravata ao largo do paletó, um tormento.
Calças na mão, sapatos esfolados,

Desce a rua, neste momento,
O Roque, pisando leve e com cuidado.
Nas costas, velho ensinamento,
Traz tudo, de tudo um bocado:
Toucinho e farinha, um bom casamento,
Tapos sujos bem amarrados
Num rendilhado saco poeirento.

Olhar lânguido, um ornamento,
Na face leonina, computado!
Barba rala, cabelo espetado,
Do bigode crespo às narinas:
Um escudo ou barravento...

Gingando, músculos inchados,
Palpando as pedras informes do calçamento,
Grandes e pequenas, para ele um tormento,
Vem o Roque com passos cadenciados,
Caminhando devagar, todo cuidado.

Tinha longe seus pensamentos!
Marcando o tempo das passadas,
Protegendo-se de alguns ferimentos,
Nas grossas pernas, panos atados.

Para! Solfeja, sem acanhamentos,
Um dó e um ré bemol bem regrados,
Num assobio íntimo. Estes sons arejados
Mostrava na alma, manhã de contentamentos.

Pisa, subindo os degraus calçados,
Um a um, bem contados,
E se joga, olhos no firmamento,
No adro da igreja, perna e pés esticados,
E na traia desce a cabeça suavemente.

É hora de repouso. Pés cruzados,
Balançando um sobre os outro, compassados,
Marcando na torre da Sé o ritmo inocente
Dos ponteiros sempre apressados
Do relógio, trabalhando intransigentemente...

E começa a sonhar! Emaranhados
Sonhos o divertem loucamente!
Vez por vez, sonhando acordado,
Sorrisos sardônicos são lançados
Entre lábios abertos fugazmente.

Que manhã deliciosa!
Agrada-lhe sobremaneira tanta paz,
O sossego, a vida ociosa...
Trabalhar? Sim! Mas em coisa deliciosa,
Como sapecar toucinho em fogareiro a gás.

A meninada do bairro, de repente,
O descobre deitado à porta da Igreja do Rosário.
E, pé ante pé,
Chega à laje do campanário,
E começa a chamá-lo: Roque!
Que, indiferente, responde
“Hein!”, desperdiçando como perdulário
A energia acumulada vorazmente.

A garotada acha uma delícia...
Quanta vez o chama "Roque!". São
Os heins respondidos sem malícia
Pausadamente, com grande reflexão,
Contando-os todos com perícia.

Não volta sequer o rosto
Porque isso importa em trabalho!
Nunca se viu um homem desse estilo,
Tão indiferente! É como o orvalho
Que cai na roseira, galho a galho,
Sem molhar da rosa seu pistilo.

A criançada não contente
Atira-lhe pequeninas pedras. Uma
Atinge-lhe a testa, bem na frente,
Entre os olhos. E como uma verruma,
Fura-lhe o crânio, ali, bem rente,
Colorindo com sangue a face suja,
Fazendo-o pular como um puma.

A ira, entretanto, transforma-se em doçura!
E, olhando a alegre e risonha criançada,
Diz um adeus àquela terra de formosura.
E, compassadamente, retira-se com brandura.
Lançando olhares de desculpas à garotada
Lá vai o Roque, passo a passo,
À procura de outra calçada.

A vida tem seus Roques em sua trajetória.
Há paz, há ira, depressões, e muitos perdões
Caminhando ao longo de sua história.
Também tem seus algozes, cada qual com sua enxó,
Havidos para transmutar-lhes os sonhos, com deformações,
Cortando e rasgando com hábeis formões,
Almas generosas, dilacerando-as sem dó!

É a sociedade sem comiserações.
É a exploração do homem pelo homem
Sem amor e cheia de ambições.

* * *

Dentro desta narrativa, não é que vamos encontrar o Roque, ao descer a escadaria da Igreja do Rosário, dar de cara, nada mais nada menos, sabe com quem? Com o amigo Veríssimo. Solícito, este foi de imediato tirando o lenço do bolso detrás da calça. Esparramando a mão aberta desde a cabeça ao meio-ventre, voltando a colocá-la de um ombro ao outro, como se faz o nome do padre, soletrando inconfundíveis sons, passa a enxugar o sangue da brecha que ensopava a rala barba do amigo. De imediato, passou meio estarecido, meio piedoso, a dizer em voz alta, mostrando revolta frente àquela barbaria:

— Isso não se faz com um ser humano! — gritava e gesticulava, num misto de bravura e ódio. — Isto é obra do demo! Irei ao juiz agora mesmo, mostrar-lhe o Código dos Direitos Humanos. E, firme, vou requerer ipis lite, ipis verbi, ipis num sei o quê, mas vou! Vou solicitar providências imperativas! Hei de fazê-lo cumprir então, com todo rigor, as leis do país. Isso não se faz com um pobre diabo. Não vou permitir! Como cidadão brasileiro, vou atrás dos direitos constitucionais que regem o vir e devir de qualquer ser nascido em qualquer cafundó desta nação. Viva a República! Viva eu! E viva Sô Raimundo e todo mundo e a todos nós! Vivááá!...

* * *

Raimundo, a quem ele se referia, era o presidente da Câmara Municipal. Homem forjado e calcado nas lides políticas, que vinha sendo pontilhado como futuro candidato à Prefeitura Municipal. Vereador, o mais votado em vários mandatos, se apresentava como um sério concorrente ao cargo, dado o seu currículo de probidade e de amor à terra que o acolheu e aos seus familiares, todos contendo vasto cabedal político. Os Vargas marcaram a vida política da região como argutos homens públicos. Dinâmicos, ajudaram a escrever com sabedoria muitas páginas da história de uma terra que os adotou como filhos.

* * *

Após essa comunhão de fatos os mais diversos, misturando religião, política e até direito, Veríssimo mostrava o lenço de linho, antes alvo como cal, conspurcado agora, ao limpar o sangue empapado na face do amigo. Desenrolava-o, discursando ao molde da Beú expondo o Santo Sudário à porta da Igreja da Matriz, onde doridaamente cantava a *sui generis*, tradicional e triste ária — digna de dó... ó... ó... — à entrada do andor do Senhor dos Passos em Sexta-Feira da Paixão. A coisa era tão pungente que até a suindara arrepiava-se toda. Com seus olhos redondinhos, pescoço esticado, girando a cabeça sobre o côndilo cervical, era lhe dada a sutileza de espiar da torre da igreja, onde se aninhava para mais uma nidificação, o tormento de Nossa Senhora ante a dolorosa cena do flagelo que marcou o salto quântico, extremo divisor das eras temporais do Planeta Azul.

E aí, diante de um termo moderadamente arcaico, é salutar que se possa esclarecer que Beú era uma das quatro mulheres que acompanharam Jesus em seu caminhar para o Calvário, sendo assim apelidada talvez pelo término de seu doloroso canto que em latim, no seu final, expressa “dolor meus”, isto é, a minha dor. E esse final se prolongava: do... or... do... or..., até o andor do Senhor dos Passos entrar tristemente até o final da nave religiosa que era a Igreja Matriz.

Trata-se nada mais que uma representação de uma delas, cognominada de Verônica, a que enxugou o rosto de Jesus flagelado. Na verdade é ela representada às procissões do “Senhor dos Passos” à sexta-feira santa, denominada da Paixão, por uma menina-moça escolhida entre as muitas da sociedade, com pendor para a música litúrgica, pela Irmandade — a confraria que rege os rituais da Igreja do Rosário nas cidades seculares de cultura portuguesa. Os versos dizem assim: “Caminheiros que passais por este caminho, parai um pouquinho e olhai por favor se neste mundo existe uma dor assim. tão grande como a dor de minha dor”. E esse “minha dor”, no final em som grave, vai se estendendo por minutos até que seja mostrado no rol todo o rosto de Cristo ao povo que se aglomera em torno da também chamada Maria Beú. Essas estrofes sofrem misturas de latim e português em diferentes regiões de cultura lusitana.

Roque, pasmo, olhava e reolhava o companheiro, sem entender muito o porquê daquele ato de amizade e de contrição ao mesmo tempo. Não dizia se estava doendo ou se não estava! Deixava o amigo fazer a assepsia do local. Parecia estar se sentindo valorizado. Sorria com os olhos brilhando de agradecimento, como se fosse o angorá de Georgeta — matrona, lá da Rua Direita —, sentado, ronronando na almofada de veludo aos pés de sua dona, que fazia sua sesta ao meio-dia de forte calor. O certo mesmo é que quando Veríssimo desembainhou a quicé-canivete que tinha à cintura, ameaçando fazer uma pretensa cirurgia no local do ferimento, ele — pés pra que tenho — “desembambou”, cabriolando rua abaixo, sem medir as arestas das pedras informes do calçamento ruim, saco de bugigangas batendo às costas. Sob seus rastros iam ficando, paralelamente aos tacos de toucinho cru e torrões de rapadura, os lampejos nos olhos que lhe indicavam: melhor correr que esperar pelo desenrolar do acontecimento.

Veríssimo, com os olhos presos no firmamento, com a alma transmutada, gesticulando, braços levantados para o alto à procura não se sabe de quê, continuava desesperadamente a pregar o seu sermão:

— Não se assuste! Alma do Senhor! Venha a mim! Eu sou o Deus que salva! Sou Deus e o Diabo também! Quando piso o pé na Terra, bate o vento no penacho! Sossega, leão! Tááá!... Roque! Cadê você?

A essa altura, Roque já andava a mais de légua, diante de uma possível intervenção cirúrgica, correndo sem virar a cara pra trás... Bernardina olhava! Revirava o rosto! Murchava e estendia os beijos, para depois abrir a boca numa gargalhada só! Ria como quê! A banha dos seus seios compridos e despregados tórax abaixo balançava que nem jenipapo maduro ao sabor dos alísios de maio! Veríssimo a respeitava. E, no transe de seus pregões, podia-se dizer estava ela, ali, como Madalena, a descalçar as sandálias do Senhor, para ungir com o bálsamo da gratidão seus pés divinos. As nervosas gargalhadas de Bernardina misturavam-se com copiosas lágrimas de agradecimento, desde o momento em que se sentiu equiparada com a figura mitológica enfocada dentro da história da vinda do Messias à Terra para cumprir os desígnios do Pai Celestial.

— Sou eu — continuava, neurastênico —, Veríssimo, o representante do Bom Pastor, que a todos protege!

Dizia e dizia isso sem parar e sem tirar os olhos do firmamento, dez, vinte vezes!... E não se sabem quantas mais!

Se fosse o caso de um exame minucioso, tomando por base parte da Psicologia Transpessoal, conjuntamente com estudos elementares de Teoria Quântica, poder-se-ia estimar que teria ele, Veríssimo, sido acoplado, em momentos transcendentais, por projeções de abundante consciência cósmica, vagando por entre instintos atávicos. Entre essas poderia até, extravasando conhecimentos místicos não tanto definidos, supor ter havido uma semelhança com as ações do poeta inglês William Blake, pela extravagância de seus êmulos. Pois, não fora este um poeta classificado por muitos, além de místico e visionário, muita vez também identificado como louco? Pois, não fora ele que, em tarde de *fog* manso em Londres, fora encontrado nu no jardim de sua vivenda, juntamente com sua esposa?! Não fora ele que dissera com a simplicidade dos anjos que, ao ser admoestado pela autoridade, nada de mais estava havendo, pois simplesmente estavam brincando de Adão e Eva no Paraíso? E fazia isso, ao mesmo tempo em que, sóbrio, convicto de ser um grande pensador e poeta inigualável para seu tempo, dizia no The Pickering Manuscript, perambulando pela ciência, descrevendo o universo englobado na essência de uma estrofe, prenda de sabedoria! Veja a profundidade:

Ver o mundo num grão de areia
e um Céu numa flor silvestre
Ter o Infinito na palma da sua mão
e a Eternidade numa hora!

Nessas condições, dava, em contrapartida, testemunho de desequilíbrio mental, haja vista seus colóquios, em nebulosas estrofes, de cujos versos aureolados e perolados emanavam efusivos ecônomos ao deus dos infernos, o Demônio, o rei incontestado de seus encantos poéticos.

O enquadramento desse duplo estado gnóstico assimilado por Veríssimo, levando-o a delirar, trazia a muitos a alternativa de uma análise sobre a questão da reencarnação. Como sói acontecer, quando os assuntos são polêmicos, é de bom alvitre que sejam discutidos em esferas virtuais e científicas também. Acerca disso está sendo

lembrado aqui, com muita propriedade, o pensamento concedido pelo professor Amit Goswami — Ph.D. em Física da Universidade de Oregon — sobre esse tema controvertido, em recente e longa entrevista concedida à rede Cultura na TV, no programa “Roda Viva”. Torcendo para não macular o sentido de sua peroração, procurar-se-á dar-lhe boa forma, na esperança de que sua versatilidade venha a conferi-la com o original pensamento, já que está sendo condensada em molde sucinto de expressão. Assim sendo, quando interrogado sobre o assunto, conjeturou o professor:

Tratando-se de um tema que até o momento estaria codificado somente aos teólogos, fugia sempre ao ser interrogado sobre ele. Passei a encará-lo no presente momento de meus estudos com seriedade, uma vez que poderia tê-lo enquadrado no sentido lógico da Física Quântica de que a consciência é a base do ser. Basicamente, o problema com a encarnação é este: o corpo físico morre, e o que resta? Só pode ser a consciência. Esta é a primeira pista. [...] Como a Física Quântica está embasada na Lei das Incertezas de Werner Heisenberg, toda ela está estruturada no princípio das probabilidades de possibilidades. Então, não é irrelevante dizer que as possibilidades podem viver. Algumas das possibilidades morrem com o corpo material e o cérebro, mas pode haver outras possibilidades que se modificam ao longo de nossa vida e essas modificações podem formar uma confluência que pode viver mais tarde na vida de outra pessoa. [...] E se a nova Física puder responder essas perguntas, a despeito da importância da Psicologia Transpessoal e da Psicologia Junguiana, em que a nova ciência ajuda, e também da medicina alternativa, que nem discutimos ainda, acho que tocaremos o coração das pessoas quando pudermos dizer “Finalmente a Ciência pode ajudar a entender essa pergunta”.

Rose Maria Murari, vindo em socorro, reforça o tema acrescentando:

No livro “O Universo Autoconsciente”, demonstra seu autor, o professor Goswami, como a consciência cria o mundo material. Cientificamente, através da física quântica, ele prova que o universo é um conjunto superior — Deus. Isto torna sólida a sua afirmação de que é a consciência que cria a matéria e não o contrário, como até hoje “crê” o Realismo Materialístico implantado na ciência por Isaac Newton e René Descartes. Como a ambiguidade está inserida

no ato do colapso das possibilidades, é dever obrigatório substituir o pensamento de Descartes “penso, logo existo” para “escolho, logo existo”. [...] A consciência é a realidade única e final da matéria, dos pensamentos, a noção do imanente e do transcendente, os arquétipos, ideias, do mundo manifesto, enfim, tudo é a consciência. [...] Na “República”, Platão exemplifica a sua teoria do Idealismo Monista usando a “Alegoria da Caverna”, que se tornou célebre.

Diz ainda Goswami, analisando-a:

Essa alegoria serve para demonstrar que nossos “espetáculos de sombra” são as manifestações imanentes-irreais da nossa experiência humana de realidades arquetípicas pertencentes a um mundo transcendente. [...] No Idealismo Monista, a Consciência é como a luz na Caverna de Platão.

* * *

Veríssimo, descendente dos Valadares da bacia do Rio Urucuia, não passava de um falastrão entendido de tudo. Ao contrário das demais personagens que cobriam o folclore da cidade, andava de roupa limpa, botinas lustrosas, chaveiro preso à cinta e um grande relógio de bolso com corrente — dizia ser de ouro 24 quilates tirado nas catas do Morro da Cruz das Almas, que circunda as praias de São Gonçalo e Macacos. Gostava de pregar sermões bíblicos. Falava exaustivamente dos “transportes vindouros” que iriam caminhar baseados na velocidade da luz. “Quero ir ali, aperto um botão e... cheguei!” — dizia. E daí continuava a falar sobre todos os assuntos científicos, filosóficos e religiosos, sempre com o pensamento no futuro.

Olha! Ao examinar, meio século depois, essas lucubrações, bom que jamais se duvide do que falam os loucos. O que hoje se vê, comparado com o que ele discursava, é fator de arrepiar. Não é de hoje que o grande Carl Gustav Jung, criador da Psicologia Transpessoal, dizia estar o inconsciente coletivo repleto de padrões modelares, oriundos dos reservatórios genéticos raciais, guardados, acumulados sedimento por sedimento no desenrolar da existência humana. Jung via a psique como uma interação complementar entre elementos conscientes e inconscientes, com uma constante troca

de informações e fluidez entre ambos. O inconsciente não seria um mero depósito psicobiológico de tendências instintivas reprimidas. Ele seria um princípio ativo inteligente, que, em seu extrato mais profundo, ligaria o indivíduo a toda a humanidade, à natureza e ao cosmos. Não seria governado apenas por um determinismo hormonal direcionado à função sexual, como postulado por Freud, mas sim por ânsia consagrada às funções projetivas e, muita vez, também, teleológicas.

* * *

Havia indivíduos populares que viviam pelas ruas da maior parte das cidades colonizadas em face das descobertas auríferas. Faziam parte até de suas tradições. Já os ciganos, estes, sim, todos queriam saber de onde haviam vindo e para onde iriam. Considerados espertos por demais, eram esses nômades fiscalizados em todos os momentos.

Daí a preocupação causada à Assembleia que já se encontrava exausta ante os problemas de cobrança do IPTU dos moradores do cemitério, frente ao relato do maestro sobre a corrida desenfreada deles, os ciganos, no momento em que foi ensaiada a ópera de Verdi “Il Trovatore”. Todos que participavam dos debates desejavam pormenores sobre o acontecimento. Eles, os evadidos, é que não se importavam, uma vez que se consideravam livres — vindos das estrelas, para elas iam voltar. Por isso não podiam estar presos a ópera escrita por um “gadje”.

Povo nômade, de costumes milenares, calcados em princípios místicos, falando uma linguagem mui semelhante ao sânscrito — considerada a mais regionalista, e que cobria o mundo antigo —, parecem os ciganos engajar-se perfeitamente no conceito da Psicologia Transpessoal. Isso pelo misticismo gerado na repetição “per saecula saeculorum” de atos, fatos e costumes modeladores igualitários da espécie humana. Sua individualidade interage e se confunde com o princípio do subconsciente coletivo racial, impregnado de arquétipos prontos para aflorar em momentos existenciais, de pura estrutura mística. A religiosidade e o misticismo são partes inerentes aos hábitos desse povo, que interage com a natureza como parte integrante e ativa dela. Haja vista suas crenças e as dos hindus,

cuja religiosidade forte norteia sobremaneira seu comportamento, impondo normas e fundamentos importantes, que devem ser respeitados e obedecidos. Os ciganos invadiram o ocidente, vindos ao que tudo indica do norte da Índia, espalhando-se por todo o mundo. Sem dores e derramamento de sangue na história da humanidade, constitui essa invasão *sui generis* a única ao desenrolar das muitas que aconteceram no gênero em todos os tempos da caminhada do homem sobre a Terra. Viaja essa gente nômade em grandes carroças enfeitadas de fitas coloridas, levando inclusive seus rebentos, criados à luz do sol, das estrelas e da lua. Dizem ser os guardiões da Liberdade. O grande lema de seu povo está grafado, com letras garrafais, dentro da alma de cada um de seus elementos, em um expressivo desabafo apaixonado, esculpido como se fosse um troféu encravado no seu subconsciente coletivo: “O Céu é meu teto, a Terra é minha pátria e a Liberdade é minha religião”. Há lendas que contam serem eles descendentes de Lilith, a primeira mulher de Adão, e por isso entendem não carregar o estigma do pecado original. Assim, não podem ser operários assalariados dos “gadjes”, nome dado por eles aos não ciganos.

* * *

Há rumores de que Zecharia Sitchin, encontrando diversas gravações em placas de argila acondicionadas como peças históricas, catalogadas na Biblioteca de Alexandria, conseguiu traduzi-las. Trata-se de documentos que contam que Adão — o primeiro homem a povoar a terra — jamais existiu. Não passa, diz o arquivo, de engano, pois Adão é uma corruptela do termo hebraico “Adam Kadmon”, que se refere ao aparecimento da raça adâmica. Essa raça apresenta-se no desenrolar da história como sendo mui próxima à raça humana, contendo muitos característicos semelhantes. Os sumérios, habitantes da região do Eufrates, considerados os primeiros a ter uma cultura global para aquela oportunidade, deixaram estudos sobre a origem da quinta raça humana na Terra. Antes... muitos decênios antes... houve por aquelas paragens o que se chamou de terceira e quarta raças, na colonização da Terra, os lêmures e atlantes. A Lemúria, ao que tudo indica desapareceu tragada por terrível *tsunami*, tendo muitos de seus sobreviventes procurado asilo

na África. Com a Atlântida acontecera também o mesmo fenômeno, fruto de distúrbios terrestres que ficaram gravados como eras de períodos glaciais, contribuindo também para seu desaparecimento.

* * *

Os ciganos são devotos da Santa Sara Kali, uma deusa venerada pelo povo hindu, que a considera como a Mãe Universal, a Alma Mater, a Sombra da Morte. Sua pele é negra como Shiva.

Seu mistério envolve o das “virgens negras”, que na iconografia cristã representa a figura de Sara, a serva (de origem núbia) que teria acompanhado as três Marias: Jacobina, Salomé e Madalena, e, junto com José de Arimateia, fugido da Palestina numa pequena barca, transportando o Santo Graal (o cálice sagrado) que seria levado por elas para um mosteiro da Bretanha. Diz o mito que a barca teria perdido o rumo durante o trajeto e atracado no porto de Camargue, às margens do Mediterrâneo, que por sua vez ficou conhecido como “Saintes Maries de la Mer”, transformando-se desde então num local de grande concentração do povo cigano. (pequeno trecho de palestra da cigana Strada — fev. 1998, Campina Grande, PB)

* * *

Após esse tremendo transtorno relatado pelo maestro, todos sentiram que não era fácil transformar as ideias que estavam sendo discutidas. O problema era bem outro. Os ciganos cumpriram sua parte. Inacreditável! Foram-se, como se esperava! Largaram à ópera que estava sendo executada sem dizer adeus, na contingência de serem feitos prisioneiros por aquela turba de esqueletos doidos. Mas, francamente, não se poderia pensar que tal ato fosse realizado tão depressa e com tanto furor, como foi feito. Dentro dos moldes de suas vidas nômades e imprevisíveis, mais uma vez refizeram performances genéticas inconfundíveis, reveladas na interação com o espírito de seus antepassados, desde quando parolavam em sânscrito arcaico. Daí terem mostrado a que vieram e por que se foram no momento do ensaio da banda organizada para a passeata de desagravo e protesto contra o lançamento de impostos indevidos aos moradores daquele verdadeiro cenáculo, cuja paz estava sendo maculada pela indelicadeza, para não dizer estupidez, de um

brocardo inepto. Analisado esse gesto, o conceito de *subconsciente coletivo* inequivocamente estaria demonstrado em face da marcante descoberta de Jung, revelando-se como intrínseco paradigma da recém-criada Psicologia Transpessoal, derivada da que inicialmente ele designou, com muita propriedade, de Psicologia Analítica.

Agora, perante o repentino fenômeno — diziam todos os que compunham a assembleia —, não era de bom alvitre afastar-se diante daquele acontecimento inusitado. Não seria, indubitavelmente, questão *sine qua non* para ser levada a sério naquele momento da peleja. Fora perdida uma batalha, mas não a guerra.

Sufocada com um nó na fauce escancarada, a resposta veio como desabafo! Surgiu como um silvo sinistro acompanhado de tiras de fortes relâmpagos, lançados ao deus-dará. O coro foi espontâneo:

— Agora, bola pra frente!

— Já que o cemitério estava localizado às margens da cidade de Orapronóbis, um apêndice da então Paracatu, a locução ecoou nas quebradas da Serra da Boa Vista, verberando nos cumes do morro da Serra da Contagem e do Alto do Córrego, circundando a cidade adormecida. Pelo lado do Açude, as vozes ressoavam, caminhando com destino a São Domingos, São Sebastião, Lagoa, indo morrer nas alvas praias do Ribeirão Santa Rita, onde o cascalho laminado começava a brilhar, por embora ainda medrosos incidentes raios de sol, que começava a mostrar a cara, esborrachando de luz aquelas solidões. Por toda parte o refrão estrondava nas cercanias. Não ficou nenhuma alma que não gritasse “Bola pra frente!”.

Os galos madrugadores repetiam-na, transpondo os sons para o modo onomatopeico, usando para essa singular partitura notas musicais breves e semibreves, fusas e semifusas, num insólito compasso quaternário:

— Bo... óó... olá... prafrennnn...te... iii...

Para isso, estufavam a garganta, colocando a língua presa ao omoide, empinando o bico como se fossem aparar gotas de orvalho perdidas no socavão dos terreiros em transe, produto da incidência de raios cósmicos, fluxo de partículas imantadas de energia gravitacional. A terra trêmula devolvia ao ar os vapores quentes de água guardados com volúpia em seu uberino seio. E a orquestra galinácea continuava com sua singular apresentação. Postulados em seus domínios, os chefes territoriais, batendo as asas, comandavam-na.

Seus sons eram suavizados ao esbarrarem nas folhas das moradoras das entrealas dos túmulos — mui comuns naquelas paragens —, as majestosas casuarinas... Nesse embate corpo a corpo, produziam aquele ciclo característico de gaita afinada com o sereno manso que espiava de soslaio a alta madrugada — a deusa da modorra e do afago com a qual os casais, humanos ou não, como seus devotos incontestáveis, se apegavam para amar e apreciar, justificando assim a demora por mais segundos na cama, no ninho, nos malhadores ou mesmo sobre enxergas, baixeiros e trapos. E os sons iam sendo debuxados na suavidade da cantiga de ninar da Mãe Terra, aos abraços e embalos dos cintilantes raios luxentos do sol que zarpavam em todas as direções, procurando cobrir os cumes dos morros, tisonando-os com sua bruxuleante luz. Pareciam estar às portas do Paraíso, tal a suavidade das cores, ainda que persistentemente difusas. Alguém diria ser isso um lídimo colírio, capaz de abrir os olhos sonolentos do Anjo Gabriel, divino eunuco, o servo de espada flamejante que, num nanossegundo, tinha sido pego ali descansando. Podia-se dizer ainda ser ele o Guarda Divino — o responsável pela entrada e saída aos aveludados campos de relva fresca tisonados por luxuriantes açucenas, testemunhas do fluido sistema criador da paz pertinente, com forte tom de perfume inebriante que emanava de todos os cantos daquela região sublime. Dir-se-ia por fim, dadas as condições envolventes da aurora — com toda sua potência de fada devastadora da escuridão da noite, empregando sua força cósmica de luz a clarear tudo repentinamente —, não haver ser terráqueo, de outro planeta ou mesmo espiritual, que resistisse estático a tal implemento de forças. Estar-se-ia, cada qual, dentro de sua facção cósmica, motivado ante a natureza, expondo o fenômeno do desabrochar de uma alvorada incipiente, envolva em luz, prestes a nascer! Fruto da argamassa moldada nas turbinas do astro rei, o pivô meridional da galáxia... Com isso, funcionando, transformá-la-ia em peça importante que dinamicamente atira seus raios, a desbambar pelas encostas e vales, colocando para correr a neblina, vastos lençóis de espuma branca, desenhando pelas margens dos brejos frios, novelos virtuais de alvo algodão. Daí o envolvimento do divino Guarda, Anjo Gabriel, que, interminavelmente, por todos os tempos, não resistindo ao empuxo de uma nova aurora, quando parte para sua morada celestial, indo embora, desata sempre a chorar. E consigo leva o sereno manso

da madrugada. Algumas de suas lágrimas em forma de orvalho, entretanto, ficavam escondidas nas costas das folhas das plantas. Assim, eram volatilizadas pelo calor dos raios do sol que, alvissareiros, passavam a cumprir o desígnio de simplesmente provocar o deslumbramento da natureza... As que caíam eram acolhidas pela Mãe Terra, que sofregamente as escondia, transformando-as em lindos cristais refratados pela incidência da luz que chegava suave, com ares acalentadores. Dir-se-ia estarem sendo observados por imenso caleidoscópio, esculpido por mãos preñes de amor virtual, senão de um deslumbramento etéreo do Deus da Luz, um sábio que costuma criar cores diferentes das que compõem o arco-íris, tendo por finalidade embelezar as paisagens do Éden.

* * *

O lusco-fusco da manhã estava pra abortar a alvorada e ainda nada havia sido resolvido sobre o caso da passeata a ser feita na defesa dos interesses dos moradores perpétuos do cemitério. Ante esse desígnio, eis que surge uma vozearia com muita lamentação vinda do fundo da necrópole. Eram as carpideiras, até então mudas e passivas. Diante do impasse criado pela evasão dos “ciganos da partitura”, lamentavam-se estrondosamente com receio do fracasso do movimento insurreto. Daí a barulheira que aprontavam, resmungando:

— Nadar incalculáveis milhas e morrer na praia? Isso não tem cabimento. Já que estava sendo difícil a convocação de fantasmas importados, por que não usar nossos mitos? Perambulando pelo país todo, desde o Oiapoque ao Chuí, eles vagueiam cumprindo seus desígnios. Temos até um tal de Cumadre Florzinha, fantasma morador perpétuo no nordeste, que não passa do conhecido Boitatá, cá mais do centro-sul. Trata-se de um com formato de enorme Serpente de Fogo, alegoria de uma alma penada que pune com a morte quem depreda as florestas perto de sua morada... Então! Melhor ainda! Se tomar conhecimento do corte das belas amendoeiras da Praça do Rosário, iria “ficar uma arara”. Até os índios, falando-se da cobra, a conhecem bem e a chamam de Mbaê-Tata. Será fácil convocá-la. Porque o Curupira do Amazonas, um cara calvo que tem os pés virados pra trás, dentes azuis ou verdes, anda dizendo para quem

quiser ouvir estar essa espécie de cobra doida pra conhecer o cerrado do centro do país. Lá se fala muito em queimadas pra plantar cana-de-açúcar e soja. Será um bom hábitat pra ela desfrutar dos “óio” da bicharada, que não tendo onde se esconder, dada a vegetação de poucas moitas de arbustos, vira carniça abundante logo logo... Seria para ela bem melhor aqui, pelo que anda passando lá pro norte, onde a vastidão a proíbe de cercar todo o fogaréu do devastamento da floresta amazonense. Quando pega um danado de incendiário numa corcova de mato, outro abre queimada noutro lugar. É um deus-nos-acuda sem fim.

Outra carpideira emendava:

— Os pulítico tombém mandam pô fogo pra culpar o estrangeiro qui qué tomá conta das florestas, mais propriamente do nosso Amazonas e... e vai pru puleiro chamado Congresso e defende a mataria, condenando o fogaréu. Ninguém entende! Ô! Brasiu! Cadê ocê?... Será que tamo chorano em vão? Ô... Brasiuuuu? Coitado do nosso país! E num é só o Amazonas, não! Tristeza por tristeza tali num montão de lugar.

Realmente, no norte mineiro e sul baiano, bem ao largo da bacia do São Francisco e Jequitinhonha, vemos uma terra dizimada, fruto da pobreza e do desamparo governamental em todos os sentidos. São, os nativos dali, comedores de peixe com farinha de mandioca, temperado com muita pimenta pra mascarar o enjoo de estar mandando pra dentro do estômago a comida de todos os dias. Todos os dias a mesma comida!... O que os ajuda é a cantoria das ladainhas, das novenas, dos desfiles da caboclada nos tradicionais batuques dos congados em deferência a “Sombinidito” e “Sombastião”. Embora respaldados todos esses eventos com generosas talagadas de marafa, tem-se conhecimento de que reina por lá muita paz. Senhores de rotundo amor à terra, são depositários de muita religiosidade, baseada na comunhão de infinitos mitos herdados do índio, do africano, misturados à evangelização iniciada pelos jesuítas que andaram pelas margens de rios volumosos. Com a chegada dos donatários, novas culturas chegaram e se difundiram pelo interior. Com elas, também, desembarcou ali a vontade de enriquecimento a qualquer preço de seus acompanhantes, vindos da “Bela Lusitânia”... Arrasaram a terra, tirando tudo. E se foram. Os que ficaram ficaram por não terem pra onde ir. Uma nova cultura instalou-se sob a neces-

sidade de sobrevivência a qualquer custo. Criaram-se sob a égide de vencer e vencer. Daí se transformarem em pessoas demasiadamente tolerantes, quase servis, que só desejam e só querem saber de viver. Com isso os filhos de seus filhos aprenderam a amar o chão que seus pais conquistaram com muito empenho e sacrifício. O homem do sertão foi se enraizando na terra e por ela brigando como se sua fosse. Passou a se identificar no traje, na prosa, no aperto da mão calejada pelo uso do machado, da enxada, do correão do laço, que ao se esticar pelo arranco do marruá queima e caleja sua palma. Por isso está entrosado com o meio hostil dos campos, capões e cerrados, tendo-os agregados em seu físico, fazendo parte de sua personalidade. É, antes de tudo, um fiel depositário do amor à terra que, para ele, aparece como sendo uma só entidade. Em virtude disso está, perenemente, cômico do real valor do meio em que vive, classificando-o como uma extensão de seu corpo.

* * *

Aí as carpideiras fizeram um intervalo, “suntando” os integrantes da Assembleia para ver a reação de cada um de seus componentes. Chegaram à conclusão, um pouco insossa, de que precisariam era de agentes mais fortes para bagunçar toda a rede de cobradores do tal IPTU, além de tornar insuportável ao senhor presidente da Câmara Municipal trabalhar sossegadamente... Usando desse mister, mostrariam que não estavam para brincadeiras, e possuíam uma força capaz de intervir nos destinos de qualquer empresa por maior que ela fosse, quanto mais numa administração pública que não gozava de muita confiança e ordem. Imaginavam estar dando um palpite dos melhores possíveis. A maior parte delas gostava mesmo era de atemorizar por meio de serpentes, “cá de quê” todo mundo, quando não tem medo delas, tem aversão, nojo e escrúpulo por ser o bicho que atrapalhou a vida no Paraíso. Adão que o diga! Uma das mais velhas — guerreira de muitos costados e de miríades de cântaros de lágrimas derramadas em centenas de enterros —, acostumada com o tradicional desvario de muitos dos donos de defuntos em momentos de transe, achegou-se ao presidente, e, desentranhando a dentadura, soletrou ao seu meritíssimo ouvido (o dele):

— Por que não fazer um conglomerado desses entes? misturá-los, e dar um comando forte, soltando-os ruas abaixo, deixando-os fazer o que bem entenderem?

E continuou, no seu jeito peculiar de falar:

— Cê imagina! Bão... até as cabaça de Mestre de Campo, descendo a Rua da Praça numa baruiada danada, boiando na água trazida do Ribeirão do Galinheiro [aliás, um evento prometido e sobremaneira desacreditado, devido ao suposto desnível da nascente], trouxe inquietação pru povo. Imagina nós dançando e chorando? Imagina o espanto de todos, vendo esqueletos de véias caducas, torcidos e retorcidos, a bambolear defronte a passeata pelas ruas, abrindo alas prus nosso fantasma? Imagina ainda nós balançano o estandarte?...

Foi uma carpideira de fala mais sofisticada que continuou:

— ... estandarte onde está retratado, pela alma pungente de Hans Holbein, a Dança Macabra? Imaginem a gente a distribuir para a plateia trechos dos livros de Erasmo de Rotterdam, acompanhados do “Velhice do Padre Eterno”, de Guerra Junqueiro, todos incluídos no Index Prohibitorum da Pontifícia Romana? Vez por outra, a modo de via-sacra, faremos pausas rotineiras e ritualísticas nas esquinas, becos e encruzilhadas de ruas mal-assombradas, onde suspenderemos o esqueleto do dorido e nobre poeta trágico Augusto dos Anjos, para que ele possa recitar uma de suas poesias, gemendo suas dores imaginárias de um mundo tétrico... Vai ser um trem de doido quando ele, abrindo os maxilares, bater um no outro e destilar:

Vem do encéfalo absconso que constringe / chega em seguida às
cordas da laringe / tísica, tênue, mínima, raquítica...[...].

Ou...

Agora, sim! Vamos morrer reunidos / [...] Eu, com o envelhecimento
dos tecidos! / Ah! Esta noite é a morte dos vencidos! / E a podridão,
meu velho! E essa fatura / Ultrafatalidade de ossatura / A que nos
acharemos reduzidos.

Outra carpideira continuou:

— O coro esquelético da turba acompanhante, assim, soltará
seus maxilares em rotunda e uníssona gargalhada de funesto
deboche e vitória. Virá um bando de queixadas a ranger os dentes
numa toada semelhante a miríades de rãs rapa-cuia a crocitarem

no charco da insensatez... Além de serem melhores — continuou a velhota — nossos fantasmas são genuinamente nacionais. Usá-los é também um ato de brasilidade. Vai ser um sucesso, com gente correndo de modo adoidado. Esse sistema, se for usado, vai poupar trabalho e diminuir as responsabilidades. Para que isso aconteça, será plausível buscar o Caipora, aquele índio de pele escura, com um olho só pelo meio da testa. Ágil, vive nu, fumando seu cachimbo, saboreando a todo momento uma boa talagada de cachaça. Muito “mais melhor” que Polifemo, o famoso ciclope que teve a ousadia de aprisionar Ulisses, que passava ao largo de Troia: um antropófago varrido. Ao contrário desse monstro, nosso Caipora, além de ser nosso conterrâneo, é um bom espécime de atleta, valente como um danado, que anda por onde quer e deseja, montado num porco selvagem, brabo que nem ele. Com seu ar de bom companheiro, nem parece ser o que é — atirado e treteiro — mas é! Já foi visto desbambando pelos espigões das serras à procura de almas para seduzi-las, após encantá-las com seu espírito ao mesmo tempo de voluptuoso e inveterado “dandy”, como também de guerreiro afoito, capaz de manejar a flauta de Pã e o florete de D’Artagnan.

“Aliás, para qualificar isso, conta-se à boca pequena que muitos vaqueiros o viram, em noite de lua cheia, nos morros da Serra do Queimado, ali pros lados da Nadi, engalfinhar-se com uma canguçu faminta, parida com seus gatinhos ao lado, de olhos esbugalhados, curiosos do que estava por acontecer. Diz-se ter sido um bom duelo sem vencido, saindo ambos vencedores, retirando-se da arena, bradando triunfo, como nas velhas fábulas da carochinha. Cada qual deixando o campo de contenda, saudando a astúcia, a impenetrável companheira, domadora da força bruta, capaz de defletir formas ignóbeis, transformando-as em deidades cheias de encantos. Assim aconteceu! E a fada do “deixa disso pra ver como fica”, juíza da disputa, batendo sua varinha de condão, recolheu-se ao seu nicho, alegre por mais uma conquista. Também o Mestre que comanda os acontecimentos siderais e terrestres — o Senhor dos Mundos, Supremo Árbitro do Universo, o Brahman —, estando sentado num pedaço de nuvem, correndo ao sabor dos ventos cósmicos, presenciando o deus Shiva a desmilinguir-se em contorções supremas na sua dança eterna, acompanhando o voluptuoso torcer e retorcer do cosmos por inteiro, sentiu-se recompensado pelo resultado da

contenda. Quem sabe estar-se presenciando o diálogo movido pelo deus Krishna ao guerreiro Arjuna, sumamente atormentado pela batalha que haveria de empreender contra seus familiares. E dela, saiu-se feliz, uma vez aconselhado pelo deus mascarado de seu cocheiro, que levava seu carro de combate por dentro dos exércitos, dividindo-os ao meio. Nessa evolução Krishna houvera por bem introduzir na cabeça do guerreiro ensinamentos capazes de fazê-lo um vencedor espiritual numa peleja onde não houve vencidos.”

* * *

Descansando, após essas divagações envoltas numa filosofia esquisita, saída de uma caixa sem encéfalo, a velha carpideira tomou fôlego, engolindo a seco como bom esqueleto que era. E, à semelhança de irrequieta Cassandra, a predizer infortúnios mui semelhantes aos filmes caligarescos de conteúdo mórbido, misterioso e sinistro, passou a pressionar a assembleia, argumentando:

— Assim, consignados esses atributos, além de ser de suma importância e de bom alvitre, nada mais resta que trazer a figura já conhecida do Caipora para mais perto. Estando ele “assistindo” ao longo do cemitério, é possível encontrar companheiros nas mais diferentes formas que por ali aparecem à procura de desaguar sentimentos recalcados da alma, muita vez debuxada de desejos de revertê-los em formas de restauração espiritual.

Vale aqui lembrar a Loura do Bonfim, Bairro entre Lagoinha e Carlos Prates, em Belo Horizonte — encantadora capital do Estado de Minas Gerais —, que sufragou por ali nos anos de 40 a 50. Nessa época aparecia às duas horas da madrugada, vestida de branco, permanecendo em frente duma drogaria onde os boêmios esperavam o bonde. A alguns já mais pra lá do que pra cá, trocando as pernas pelo alto teor etílico, sempre com “mais um” copo da branquinha, dizia morar no Bonfim, para onde carregava o “borracho”, prometendo um bom programa, desaparecendo em suas proximidades. Houve um que, não sabendo o que acontecera na véspera, acordou dia seguinte dentro de uma cisterna começada a ser furada, na ilusão de que havia sido sequestrado por linda figura de mulher. Tornou-se, na edição dos jornais “Folha de Minas”, “Estadão de Minas” e “Diário

da Tarde”, manchete apregoada pelos jornaleiros com dísticos irônicos: “Olha o Diário da Tarde. Maria Tomba Homem aprontou mais uma! Olha o Diário! A Pedreira Prado Lopes num manhece sem mais uma da Tomba Homem, que num levou desaforo pra casa e meteu o braço no bicho. Olha o Estado! Olha o homem qui virou sapo na cisterna! Olha a Folha...”. E assim a notícia virou piada nas esferas dos vendedores de jornais. Até os pequenos jornaleiros, agrupados aos estribos dos bondes, jovens crianças, comparados aos pardais que vivem a chilrear por todos os cantos da cidade, não se importando por quem passa ou deixa de passar, se a vida corre pra baixo ou para cima, gozavam e faziam piadas nos seus pregões às manchetes dos periódicos citadinos.

* * *

A manhã chegou alvissareira naqueles descampados. O sol metia a colher, por intermédio de seus raios, em toda parte; desde os cumes convexos e arredondados dos morros às várzeas, dos capões às enseadas de veredas cobertas de buritizais... Uma calmaria nervosa reinava. Não se viam vibrar as folhas do pau-terra, que debruçava seus galhos sobre o “batedô” da cancela da entrada ao pátio da casa da fazenda. O vento, talvez cansado de balançar as ramagens dos ciprestes e das casuarinas, recolheu-se ao baú da escuridão da noite que se despedia, pegando um seco e forte cochilo brabo. A madrugada, com suas fantasias coloridas pelo espectro solar que inundava o horizonte de baixo para cima, chegava com a espiritualidade, mui semelhante ao noivo que espera a nubente com ansiedade, ao último degrau do altar, aqui construído sobre as escadarias do universo em flor. E uma pasmaceira gostosa foi chegando devagarzinho, claudicando, passo meio trôpego, fruto do longo sonho encetado, contendo muitas projeções de hábitos relacionados e entrelaçados à cultura filosófica que sentou banca nas divagações que corriam contra o tempo. Este, sem saber como fazer para que a Assembleia dos Mortos tivesse êxito, com o ouvido ainda repleto da choradeira desregrada das carpideiras, chegou chutando o espaço que se diluía numa tênue acomodação. Quem diria ter-se estabelecido uma complementação tão pragmática

quanto eficaz?! Ao que tudo indica, foi proporcionada em obediência ao vetusto látigo empunhado pelas narinas dos deuses que fizeram a troca do furacão pela brisa suave que acalma, levando tudo ao desvanecimento da alma, a conter muitas e muitas variadas querelas.

Sem ter percebido que as evoluções metafísicas se esparramaram na poltrona das aparentes ficções, se enroscando no edredom das sutilezas do descanso, garatujadas em sua mente, Tião, tornou-se quedo. Preso ainda às injunções metafísicas de um sonho inacabado, voltava a cabeça sobre a almofada que lhe servia de travesseiro, procurando coordenar as ideias. Vez por outra deixava de olhar vagamente, para passear seus olhos pelo teto do quarto onde ia contando as ripas do telhado. Contava-as e recontava-as. Aparentava um esfalfado viajante, cujos pés inchados não lhe davam mais condições de dar um passo, um passo sequer a mais! Se assim fosse, as sinapses neurônicas tornar-se-iam preguiçosas, com receio de adejarem-se por entre as circunvoluções cerebrais. Não era isso, entretanto! Não passava de uma simples letargia relacionada à despedida convulsiva do “deus dos sonhos”, que, sem cerimônia, fechava encolhidamente a porta da noite — a residência dos acontecimentos inefáveis. Nada se movia ao derredor de sua cama. Vindo de lá de fora, do terreiro junto ao curral, muitos ruídos da lida de todos os dias, inerente ao desempenho da fazenda, confundiam-se com o mugir das vacas paridas, perpassando as cercanias da casa, saudando suas crias. Sob melhor atenção, pareceu-lhe ouvir, despertando-lhe sobremaneira contentamento, as ondas sonoras do canto do galo, o chefe do terreiro, navegando por entre as frestas da porta do quarto, escanchado nos raios de luz do atrevido astro rei, anunciando o alvorecer. Ao que tudo indica, não era somente o João-de-Barro, à porta de sua casa encravada entre duas forquilhas da mangueira do quintal da casa, que resolveu saudar o monarca da energia, chamado Sol, com sua gritaria estridente. Também o sanhaço “bustiqueiro”, pulando de galhada em galhada, lá nas grimpas, bem no alto do grelo viçoso da jabuticabeira, que teimoso havia construído sua moradia por entre os cafeeiros do quintal, escolhia suas belas e mais maduras frutas para a refeição matinal. De ouvido aceso pôde distinguir os acordes trinados do treteiro pássaro que tanto admirava. Às tardes calmas de verão, desandando um calor de tremer o chão, andava

pelo terreiro da casa em busca do ar da brisa que vinha devagarzinho rondando a boca da noite próxima. Tião, por inteiro, começava a voltar à realidade da vida, deixando as agruras de seu qualificado sonho sem a análise merecida. Pelo menos por enquanto! — murmurou consigo. Num instante, ligeiro, passou pela sua memória uns rabiscos que havia soletrado em uma dessas passagens, sentindo-se bem pelo dístico jocoso que encaminhara suas rimas. E assim, com um delicado sorriso, demonstrado no sinuoso fulgor de seus olhos, discursou intimamente:

SANHAÇO ATREVIDO

(escrito como é falado regionalmente)

Jabuticaba graúda no pé,
Quem não gosta? Quem num qué?
Até o sanhaço, lá nas grimpas,
Escolhe as que são mais supimpas!

Bicando aqui, ali, muita vez inté,
Apartando das bustica,
A fruta que enjeitada fica,
Secando no galho, pois ninguém a qué.

Em riba da jabuticabeira
Sanhaço sassarica na galheira!
Busticou uma, duas vezes, no chapéu
Do garoto e saiu cantando ao léu.

Menino que também tava garrado no casco,
De galho em galho, pegava as que mais gosta,
Limpou com o dedo indicador a bosta,
Esticando o beijo com nojo e asco.

Com a barriga cheia, já pelo meio,
Sentiu um começo de dô,
Soltou assobiando um pum feio,
Sanhaço ouviu, assustou e pulô.

Menino danado da vida, chateado grita:
“Sanhaço bustiqueiro,
Você não é meu meeiro,
Inda como ocê com farofa e batata frita”.

Daí foi limpá o chapéu,
Todo busticado quiném puleiro.
Sanhaço esticou as asas pru céu,
Voando, feliz por inteiro.

Sanhaço pra jabuticabeira voltou,
Busticando e bicando com furô,
Caçando a fruta mais graúda,
Não somando com a miúda.

O garoto nervoso sacudiu a galhada,
Sanhaço bustiqueiro saiu voando ligeiro...
Bicho treteiro, caiu fora dessa meada,
Indo contar essa estória noutro terreiro!

Pois não é que não era sanhaço não que estava a barlaventear pelas criptas das ondas, por vezes traiçoeiras, sem nenhum medo?! Inda porque aparentava ser um tremendo de um gozador. Será por quê? É que Tião o venerava, como a todos os pássaros, sem deixar alma nenhuma a apoquentá-los. Gostava, sim, de, em todo alvorecer, ouvi-los saudar a natureza, sem se importar com quem quer que seja. Sendo assim todos estavam acostumados a solfejar suas canções — lindas sonatas —, desguaritando por vezes, mas sempre ali por perto, felizes a pular pelos galhos dos cajuzeiros, das mangueiras, dos pessegueiros que faziam trilha da porta da cozinha até as margens do ribeirão do fundo do quintal. Um meio rio, meio córrego, que também invejoso contava e cantava suas lendas. Andava risonho, meandrando-se pelo lajedo afora, poço aqui, poço ali, repletos de lambaris e piabas espiados pelas maldosas e famintas traíras que os vigiavam, escondidas nas ipucas, beirando os barrancos lodosos às suas margens. À tardinha eram tantos os pássaros chegando para se aninharem que, com os mais variados trinos de cada espécie, os acordeavam harmoniosamente, formando magnífica orquestra de sons maviosos. Enquanto havia sinal de claridade na tarde, mesmo

dentro do lusco-fusco, a orquestra não parava, indo, na verdade, diminuindo... diminuindo seu ritmo, tão lentamente... até sumir nas ondas do vento que sorrateiramente o roubava, levando-o à garupa para encantar as fadas que saíam de seus castelos dentro da mata, para dançar, acionando as varas de condão de seus encantamentos. Daí pra frente chegava o intruso do Silêncio, um senhor penetra que não foi chamado para a festa. Os casais, parados, aninhavam-se, talvez com receio dos bem-te-vis-gamela, que sempre metendo a colher onde não são chamados, fechavam as peças sonoras com seus trinados guturais, solfeando forte, batendo o compasso ternário: bem-te-vi... bem-te-vi...

— Viu o quê? Melhor mesmo é fechar a porta do ninho, esconder, colocando a cabecinha às costas e procurar sonhar com as maluquices travessas de voos rasantes pelo espaço infinito, porque amanhã deverá ser outro dia! Sonhando, voando alto, bem alto, estará mais perto do topo do universo, onde se esconde alguma coisa que não se sabe o quê, podendo ser a casa da Energia Cósmica — a Fonte que impulsiona a dança da universal teia de forças que é a estrutura do mundo em si.

* * *

— Tião! Tião! — gritava alguém.

Estava ele ouvindo, como se estivesse longe a pessoa que o chamava pelo nome. Curioso como era, levava as coisas pelo lado do misticismo, parando o fôlego para avaliar o que estava se passando. Daí, chegar às fantasias que estavam sempre com ele era um pulo. Muito antes mesmo de tomar uma decisão, ainda que fosse preciso ser rápida, divagava nem que fosse por segundos.

— Num era ele, o sanhaço gozador! Nem podia ser quem o estava chamando! Se fosse, estava provado que ele ainda sonhava! E que sonho, hein?! Seria semelhante ao que em momentos atrás se desenhara em sua mente e que estava voltando? Assombrosamente o qualificaria como? Um filme de terror, de estórias mal contadas ou mesmo de reflexos escondidos no subconsciente, prontos a aflorar ao menor estado de excitação? Não saberia, por mais que o analisasse, onde colocá-lo! Estava mais para um suntuoso delírio, cravejado aqui, ali, de cenas jocosas do que para um simples

pesadelo?! Achava que não. De paradoxos em paradoxos, chegaria à conclusão absoluta de que era fruto da inequívoca perturbação que a cobrança imperiosa do IPTU aos moradores de casebres na periferia da cidade lhe causara. Nesse caso se solidarizara às preocupações de sua tia Tita. Poderia ser essa a razão de tantos tropeços aglutinados em seu cérebro?! Sim, por que não? Sem dúvida!

Assim é que, voltando à realidade das coisas, Tião acordara para a vida e, espreguiçando, contraindo e descontraindo braços, pernas e corpo, jogou o cobertor para os lados da cama e de um salto se pôs de pé.

Na verdade, quem o chamava era Zabé! Agora estava distinguindo a voz! Inda bem que era ela, não obstante o tom melancólico, estava alegre por isso estar acontecendo. O que se percebia, entretanto, quanto ao modo de como estava ela, batendo forte com o punho fechado, à guisa de malho, na porta do quarto, poderia aquilatar-se que andava preocupada e medrosa. O gesto traduzia isso. Seria grotesca qualquer outra avaliação.

Para ela o seu menino estava precisando de ajuda. Já que custou a pegar no sono pensava e pensava! Havia pestanejado o problema. Pela luz trêmula da vela que aparecia bamboleando ao sabor da brisa, que rasteira entrava com um silvo brando pela fresta por debaixo da porta, tinha analisado que o seu menino pegara no sono bem tarde da noite. De cochilo em cochilo havia identificado esse fato. Tinha certeza do tempo que ele levaria pra se entregar definitivamente aos braços do deus do sono... À madrugada, em substituição à claridade que vinha pela soleira, ouvira ruídos diferentes. Em algumas vezes, percebera conversas confusas, parecendo, embora sem nexos, derivadas de discussões, dando-lhe mal-estar definido por surdos barulhos, distinguidos como se fossem devidos ao muito mexer desordenadamente na cama. A princípio não atinava muito, por ser de palha de milho seca rasgada em tiras o colchão em que ele se deitara... Daí, após analisar os acontecimentos oriundos de suas dúvidas, considerar tudo isso uma bela e inefável incógnita. Dessa forma, portanto, avaliava que algo diferente estava acontecendo com seu menino. E era necessário que se tomasse providência. E foi aí que resolveu boxear a porta do quarto, coisa que jamais teria feito se não houvesse nela instalada uma preocupação intermitente. Quem assim a tinha visto sair de seus aposentos, arrastando os pés,

usando seu chinelo velho de palmilha comida pelo muito ranger do calcanhar na sola por quase uma eternidade, cabelo desgrenhado, xale às costas, esmurando a porta com desmesurada força, teria criticado-a, ou pensado não estar ela certa de suas faculdades mentais. Na verdade era que se encontrava, dentro de seu limite intelectual, bastante confusa. Daí pensar que, por esse motivo, talvez, estivesse ele se envolvido por demais com seus livros de nomes esquisitos. Nessa conjuntura, não viu alternativa senão essa de intervir desordenadamente, Preocupadíssima, avaliava os acontecimentos havidos na véspera, pela tarde, quando ele chegara da cidade. Foram cenas de muita profundidade para seu gosto, estando ele por isso muito cansado para dormir logo que deitara.

Tinha visto como D. Alzira havia estado também ansiosa. Não era para menos. O caso do peão que estava sendo medicado na cidade não saía de sua cabeça. Estava pensativa com a situação de apreensão dos familiares de seu empregado. O jeito rude como batia as teclas do piano naquela tarde que antecedeu o recolhimento de Tião, tentando colocar o compasso do chorinho em ordem, denunciava sua impaciência pelos fatos desenrolados àquela ocasião. Andava meio ofegante, fruto da tensão que a dominava. Em tudo que resolvia fazer, revelava esse estado de ansiedade que estava se alastrando perigosamente. A sorte é que a própria música, sendo executada, mesmo com energia forte no bater das teclas do piano, fora vagarosamente atenuando esse estado, levando-a a encontrar-se quase levitando sonambulescamente pelo espaço sideral, onde moram as fadas dançarinas. Encontrando-as assim na sutileza de seus pensamentos, sentia-se envolvida pelas varas de condão delas, que a cada chegada de uma nota musical mais aguda fazia despencar do firmamento uma estrela cadente reveladora da delicadeza do transe que se desenvolvia em sustenido na pauta do crescimento da alma. Não levou, entretanto, muito tempo, para sentir a presença virtual de Zino, seu esposo, ao seu lado, dando-lhe forças para encarar os fatos. Numa análise sucinta, fácil concluir ser ela uma mulher talhada para enfrentar desafios. Isso está baseado na certeza de saber que podia contar com a anuência de seu marido para o que pudesse advir de suas tomadas de intenções e decisões.

Zino, de sua parte, transmitia-lhe esse conforto, derivado do amor que lhe dedicava. Alzira correspondia a esse afeto com o traba-

lho e a pertinácia em resolver os problemas atinentes à prosperidade do casal. Para isso usava com maestria a clava da inteligência, como a moca, capaz de, acionando o cinzel do sexto sentido que se diz ser exclusivo das mulheres, esculpir as imagens da catedral de seus interesses. Não usava dessas ferramentas para dar vida às figuras inerentes e alevantadas à construção do edifício capaz de abrigar emoções instantâneas: gostava mesmo era de construir a imagem concreta de uma vida estabilizada, obtendo rico cabedal próprio, como subsídio para estender seus braços acolhedores e servientes.

Na presente altura dos acontecimentos, quando as luzes dos lampiões emergiam em série, pela proficiência das mãos de Zabé, em face da noitinha que se avizinhava, galopando seu cavalo negro, ela, vagarosamente, fechou o piano. Era o instante em que se iam descerrando as cortinas sob todas as pálpebras de todos os pássaros que se aninhavam por entre as folhagens das árvores a cobrir parte da entrada da casa. Era o momento em que as varandas se entristeciam à medida que o lusco-fusco ia, atrevidamente, sem dizer a que veio, penetrando pelas soleiras das portas, quando os cômodos da casa-grande, já às escuras, semelhavam rude museu onde as figuras dos móveis pareciam estátuas cobertas com o xale negro da antiguidade... Afastou-se até a janela que dava para o pátio de entrada da herdade. Dali se via o descampado a perder de vista. Estava ele já quase totalmente iluminado por uma lua grande como uma roda de carro de boi. Nascia assim o satélite do Planeta Azul, alegre e resolutos, movendo-se sinuosa e vagarosamente, a contornar os morros, iniciando com desenvoltura sua navegação por entre um ramado de nuvens em farrapos, idêntico a rabos-de-galo, denunciadores do inverno que se aproximava célere. Era o aviso de que um friozinho gostoso chegava com todas suas nuances motivadoras, estimulando a vida para renascer e o espírito aos devaneios. Com isso sempre havia um prenúncio de gostosas reminiscências a sacudir o corpo predisposto aos avatares, com Vishnu, segunda divindade inscrita no Dharmakaya, uma simbólica Bíblia do Hinduísmo, a definir a configuração da Unidade criadora do universo...

O Astro Pálido, como treinado pegureiro a farejar os calcanhares da Mãe Terra, em incansável caminhada, incidia sua luz, caia a grama externa do pátio e pintando uniformemente de

um branco gelo o tronco das árvores, trazia para dentro da varanda da casa uma pálida e gostosa tranquilidade. E em contraste com a ansiedade que há pouco tinha se instalado em D. Alzira, agora surgia e a envolvia uma sensação de ternura, fruto da quietude do ambiente. Parecia estar ela perdida dentro de suas lucubrações, sob forte estado místico. Iluminada pela transposição para o nível das suas vivências passadas, conseguia frasear a “saudade” — uma figura literária extraída do âmago de sua alma —, irreverentemente assim:

SAUDADE

A saudade, quando é Saudade,
Qual na bigorna o malho,
Bate forte sem piedade,
No coração nu, sem agasalho.

Cada fagulha do ferro em brasa,
Riscando o ar, qual candente
Estrela no espaço correndo,
Fere o pensamento, como ardente
Lembrança: uma recordação corroendo,
Batendo forte no coração da gente.

Ela fixa-se no pensamento, e vai
Prender-se, bem lá no âmago do ser,
Como visgo que segura, semelhante
Ao alçapão, no qual o pássaro cai,
Tolhendo sua vontade de viver.

A cada dia, a cada hora, ela cresce,
Como no campo a daninha erva
Mata a planta que fenece,
Mata o coração que se entristece.

Na vida, comumente, a saudade se mede
Com o metro do amor.
E, no momento que abruptamente se despede,
Vai-se embora, deixando só dor.

E esse “vai-se embora”, início da estrofe final de seu aglomerado de rimas, acabou levando-a de mansinho, sorrateiramente, para um estado de aparente levitação. Sentada numa das duas grandes cadeiras austríacas, que adredemente estavam instaladas lado a lado em um dos cantos do varandão da casa, dando-lhe segurança e conforto, adormeceu. Sua tranquilidade era tanta que se poderia afirmar estar ela ali ao lado de seu marido, recostado na poltrona adjacente, folheando alguma revista ou lendo algum de seus livros prediletos. Assim, sustentada pelos pilares da confiança, ferrou num sono que muita gente gostaria de pegar. Possivelmente estaria tendo alguns farrapos de sonhos não conectados, uma vez que esse estado profundo é grandemente reparador. Por esse motivo, quem sabe podia estar ela desenrolando um sonho semelhante ao que Tião, paralelamente, “puxando a palha”, entregue aos braços de Morfeu no aposento destinado aos hóspedes, desenvolvia atabalhoadamente... Nele se desenrolava um emaranhado de fatos, muitos dos quais de difícil manejo. Nesse estado de puro excitamento, volvia-se, saindo de um assunto e entrando em outro, sem parar, muita vez sem nenhum elo para com o tema que lhe aferroava o espírito que era a cobrança do tal IPTU — um assunto que o apoquentava e muito! Mas é isso mesmo! No andejo das ruas, o “filósofo-mestre”, pejorativamente cognominado de Veríssimo, o doido, poderia estar pensando: “Se o mundo é como cada indivíduo o vê, então, também, pode cada pessoa sonhar de acordo com os arquétipos adquiridos em seu estado de vida terráquea”. Será?

Como não é assunto para ser destrinchado no momento, deixa isso pra lá e vamos lembrar que agora o que interessa são os sonhos de D. Alzira. Se fosse possível vê-la em seu estado de pura transposição para o mundo virtual das coisas, poder-se-ia sentir o seu arfar respiratório cadenciado, pressuroso e carregado de sensações capazes de decifrar sua tranquila serenidade, a divagar pelos altares da catedral do deus do sono em beata via-sacra...

Tem-se certeza que, daí para a frente, seus sonhos decorreram repletos de imagens de sua vida, em sua maioria vividas ao lado de seu esposo. Esse estado trazia-lhe segurança, condicionando-a assim a encontrar-se em extrema tranquilidade. Sob pretensa condição

letárgica, aparentava um profundo estágio místico tão mordente, que nem escutava o piar — com significativo crocitar aparente — da coruja que fizera seu ninho dentro do grande cupim que a poucos metros se erguia ao fundo do pátio de entrada da casa. Parecia ele, de tão bem construído que fora, tratar-se de uma tenda de trabalho, semelhante a uma bem esculpida miniatura de soberba catedral feita de barro e saliva das térmitas, incansáveis insetos-operários. Abandonado que foi pelo motivo da criação de outros com estado melhor de vivência, com afiadas unhas e bicos curvos muito resistentes e limados, o casal de corujas cavou dentro dele uma caverna — seu ninho de amor —, que ora lhe servia para a criação da prole, condição *sine qua non* que a natureza lhe oferecera para a infinita conservação da espécie. À porta desse buraco, seu filhote aborrecia-a com pedidos de alimento, escancarando para os céus a cabeça com o bico arreganhado, mostrando suas róseas fauces. E era assim que a coruja-mãe ralhava com ele, aos gritos estridentes e muito fortes. E era sob esse panorama que D. Alzira dormia, sem perceber o que se passava em derredor.

Tudo isso se desenvolvia sem atropelos, até que uma lufada de vento entrou forte, vindo do nascente, onde a lua, agora mais empinada, mostrava nitidamente o São Jorge cavalgando, de lança e tudo, seu cavalo, meio russo, meio baio-queimado.

Ante essa ocorrência, a candeia que se encontrava pendurada na parede do fundo da varanda, em substituição complementar ao lampião de carbureto, despencou. Ao cair, como se fosse uma bombinha de São João, provocou um deslocamento de ar, estrondando-se levemente ao contato com o chão da varanda. Incrível! Pois não é? Jamais acontecera um fato como esse, uma vez que Zino era muito cuidadoso com as coisas da casa, e tinha colocado-a com um gancho bem enroscado na parede... Dado à proximidade onde estava D. Alzira tirando sua soneca, poder-se-á aquilatar o motivo pelo qual ela acordara de repente! Pois não é que ela, assustada, voltou à vida normal? Levantou-se sem dificuldade, e tateando a murada iluminada pela luz da lua, rumou para a porta da sala que se encontrava meio aberta.

Zabé parecia adivinhar as coisas. E dessa maneira, prevendo um acidente eventual a exigir uma maior necessidade, acabava, por antecipação, resolvendo tudo. Era a companheira que D. Alzira tinha

— uma verdadeira amiga para todas as horas. Pois, não é que, pré-muniada por um sexto sentido aguçado, precavidamente deixara a lamparina da cozinha acesa “inriba” — como dizia ela — do rabo do fogão a lenha?!

Um feixe de tímida luz servia de indicador aos aposentos da casa. Alzira, servindo-se dele, e não se havendo por menos, adentrou sua alcova. Completou sua vestimenta de deitar-se e, volvendo os olhos para a gaveta da penteadeira, deu com ela semiaberta. Ao ir fechá-la não aguentou de vontade de manusear o seu conteúdo, como muita vez o fez com certa volúpia, guardado com carinho afetuoso. Essa vontade andou falando mais alto que a de acomodar-se definitivamente ao leito. Seria, nesse caso, o definitivo complemento para completar o sono que havia pegado, de quando estava sentada momentos idos na poltrona da varanda da casa.

Um misto paradoxal de tristeza e felicidade andou vagando pelo seu pensamento e sua alma, um tanto quanto frágeis.

Abriu-a de todo, retirando dela algumas fotografias já amareladas pela força do tempo. As mais velhas se encontravam juntas a um amontoado de papéis amarrados com uma tira fina de cetim verde. Não foi por acaso que isso acontecera. Movida pela vontade de espriaiar o espírito, desatou a laçada da fita com certa delicadeza, embora a aflição estivesse batendo à porta de seu coração com certa força. Baralhou um punhado de retratos e por último destacou um que era dela própria. Havia sido tirado pelo marido quando, juntos, estavam em viagem de férias pelo sudeste do país.

Era uma tarde de abril, bem se recordava. Ventava muito. Seus cabelos revoltos quase tapavam a metade de sua face. Sorria muito com a desenvoltura, a alegria e uma traquinice aberta muito perto da irresponsabilidade da mocidade, cheia de vigor, semelhante à menina, que nos seus poucos anos de quase adolescência, fosse — também se casara há pouco... — donzela despontada para o amor. O Cristo do Corcovado, ao pé de quem estava, parecia abençoá-la, tão somente a ela, como se fosse a única mulher habitante do planeta, transportando-lhe a alma para as etéreas camadas do espaço, onde reina o amor sem fronteiras. Estava por ele dominada, sem acanhar-se, entretanto, de dominá-lo paradoxalmente, como se fosse a dona de um universo místico que inventara. Tamanha era sua felicidade, que se sentia ser, e mais ninguém, a dona do mundo.

Olhos presos ao firmamento, em estado pleno de evocação, sentia-se tocada por eflúvios raios que desciam sobre sua cabeça, descortinando a catedral onde reside a deusa que atende pelo nome mitológico de Afrodite... A imagem do Santo do Corcovado andava, pé ante pé, coberta pelas nuvens de abril. Eram iguais maços finos de algodão a voar em direção ao poente. Corriam como poldras jovens aglutinadas em bandos, disparadas pela campina a perder de vista. Iam fagueiras, despedindo-se do período das águas, dizendo um até-logo, pois pretendiam voltar no novembro vindouro para fertilizar a terra, após os quarteados pés-d'água, ligeiras chuvas outonais, denominadas vulgarmente de "chuvas de manga". Em certos momentos rodopiavam ao sabor de esparsos redemoinhos, em torno da imagem do Cristo, fazendo-a desaparecer dentro do nevoeiro. O estio estava chegando também, com a força dos alísios, soprando as folhas das altas amendoeiras hirtas e finas que olhavam os céus, com seus pontiagudos filetes de puro lenho secular.

* * *

Alzira, pegando a fotografia entre os finos dedos meio trêmulos lembrava perfeitamente do dia em que havia posado para que Zino a tirasse. Fora bem, recordava-se, numa tarde de abril do mesmo ano que havia decorrido seu enlace matrimonial. Abaixo dela havia uma oferta que fizera a ele, desejando-lhe amor eterno. O que a fazia feliz, entretanto, toda vez que manuseava esse retrato, era o pós-escrito abaixo, com a letra miudinha característica de seu esposo. Para muitos poderia pensar que isso fosse apenas uma resposta à dedicação de amor eterno de Alzira para ele. Entretanto, não era esse um julgamento correto. A nós outros aparentava, e não passava mesmo disso, ser um desses anseios reprimidos, enjaulados na gaiola do amor — a suprema entidade que usa prender corações, comumente segregados ao castelo onde, sob enferrujadas chaves de bronze, mora o desejo, a volúpia, vigiados pela velha de beíço torto, denominada Senhora Ética, cujo escudeiro esdrúxulo, o Estatuto Social, lhe dá cobertura.

Tratava-se, então, não havia dúvida, de bem manejada aglutinação de figuras literárias muito comuns no palavreado de quem na verdade se apaixona. Não deixava de ser, como sempre há de ser, e

outro nome não se poderia dar, senão um poema inflado de lamúrias sem-fim. Só que suas rimas características, em versos assimétricos, partiam de um coração decente, firme como um desabafo mostrado por uma personalidade madura, sabedora do que se deseja querer...

Com a ternura de sempre, desfeita a primeira emoção, afagou-o bem ao peito, antes de começar a lê-lo. Mais uma vez entre centenas de outras vezes, antes de pegá-lo com ternura, os olhos marejaram. Enxugou-os com as costas da mão esquerda meio fechada. Puxou-os para a direita e para a esquerda, a navegar nas águas da impaciência, e “desbambando-se” na espreguiçadeira do quarto, mais para perto do castiçal da vela agora acesa, iniciou um diálogo com o pós-escrito, interrompendo-o a cada momento com ligeiras visões da tarde de abril que dera origem a tudo isso que estava acontecendo.

Zino, como que alisando seus cabelos, levando suas pontas aos lábios e narinas abertas para sentir o perfume que deles exalava, abriu o coração e ditou:

TORTURA

Falei-lhe no meio da multidão,
Acenei-lhe na despedida com o lenço.
E, descendo a rua com lentidão,
Contei os passos em silêncio.
Rememorava seu hálito,
O seu perfume, seu olhar, seu jeito
De andar, tendo o hábito
De encostar-se junto ao meu peito,

E seu cabelo resvalar
Nos meus lábios,
No meu queixo,
De quando em vez voltando o olhar,
Mostrando os seios em desleixo.

Se me dado fosse escolher,
Entretanto, entre essa tortura
E da paz de seu amor não ter,
Preferia tê-lo, mesmo com amargura.

E querendo-a como a quero, a fundo,
Jamais cogitaria escolher e, com louvor,
Gostaria de mostrar ao mundo
Que não aparece por acaso o amor.

Amá-la-ei infinitamente, até o enésimo momento
De minha vida, lutando com todas as veras,
Pisando em todo o cardo, mesmo em tormento,
Mesmo se queimando estivesse em uma cratera.

Não se distinguia bem a sua data, em razão de alguns rabiscos característicos à assinatura de seu esposo. Sabê-la, também, pra quê? Estava sempre presente em sua mente. Era o poema que lhe falava ao coração mais que outra coisa qualquer. Não precisava, pois, perder tempo com isso. Andava ela encravada em sua alma, tendo sido absorvida letra por letra. Como se incorporara na sua íntima memória espiritual, seria impossível esquecê-la, jamais! A cada verso, a imagem nítida de Zino abraçando-a espelhava-se dentro de si como se lhe apresentasse, sorridente, com um maço de lírios brancos entremeados de margaridas amarelas e rosas vermelhas, compondo um lindo buquê — ramalhete colorido entrelaçado com uma fita azulada longamente pendente.

No todo da fotografia, era evidente, não havia números e sim figuras e imagens inesquecíveis estampadas em sua alma. Os modelos esculpidos no coração aberto ao amor, vindos de antigas e recônditas nuances, desde Prometeu, se enovelaram nos últimos estágios dessa memória, abraçados à vontade de correr. Vontade de correr milhas e milhas para deslocá-los do *container* onde andam armazenados. Colocá-los na caixa da memória incrustada em algum escondido lugar no cérebro, um porto seguro inventado pelas leis da vida, onde a âncora — dizem os que creem nos saltos quânticos geradores da consciência cósmica — pode ser lançada...

O que se sabia era que Zino, em uma das vezes que viajara a negócios, em hora de repouso, fixando seus olhos dentro de sua bolsa a tiracolo, deu com a fotografia de sua esposa. Daí, para escrever o desabafo fora um pulo. Depois disso, havia guardado-a dentro da gaveta do móvel em seu quarto de dormir, entre as folhas de seu bloco de notas, onde sempre rabiscava trechos de um possível livro a ser

editado. Em horas devindas da noite, quando insone por pensamentos que poderiam ser desarquivados de seu cérebro, aproveitava para lançá-los em seu bloco de notas. Daí sempre estarem eles misturados às suas íntimas fotografias sempre à mão.

Uma coisa é certa: eles se amavam reciprocamente, com intensidade semelhante. Isso estava demonstrado pela sequência dos acontecimentos. Senão vejamos: primeiro — não fora ela quem recitara intimamente o poema intitulado “Saudade”, ainda quando estava divagando, sentada na cadeira, a ver da varanda o nascer da lua? E, mais tarde, ao penetrar em sua alcova não havia deparado com sua fotografia, onde no posfácio havia outro poema, muito mais expressivo? exaltando no seu íntimo, podendo também ser intitulado “Saudade” e não “Tortura”, como ele o tituló? ambos escritos em momentos de grande emoção e de imensa dedicação?! sendo que um mostra seu dileto afeto em puro anátema à tristeza de estar longe do seu amor? e o outro à soberba edificação, semelhante a uma ode de lamentações capazes de mover montanhas para cantar a devoção à mulher de sua vida que a milhas se encontrava?!

Em virtude desses acontecimentos *sui generis*, é de achar-se que nada há mais a discutir, pelo menos por enquanto, sobre o valor desse ato escrito com letras góticas, cheias de ramos floridos, como a quererem abraçar o universo lotado de felicidades.

O fato mais interessante é que, serenamente analisadas as duas evocações de afeto, de carinho, ambas não registram nome nenhum, ou seja, a quem foram dirigidos os poemas em apreço. Também não era preciso fazer esse diagnóstico — nas trocas evocatórias as figuras que falam se confundem de tal maneira que, dentro do estado místico de transmutação em que se encontravam ao escrevê-las ou ao lê-las, poderia estar aí concebido um intrigante princípio: “isto” é também “aquilo” e “aquilo” é também “isto” — um conceito solto ao vento por Chuang-Tsé, duzentos anos antes que o grande pensador chinês Lao-Tsé, contribuinte profundo dos princípios taoistas referentes às manifestações do “*insight*” dos “opostos”. Tal referência está no cap. 8, p. 91, de “O Tao da Física”, de Fritjof Capra, um verdadeiro oráculo onde são evocadas as lições filosóficas do Oriente perdido no tempo, num absoluto sinergismo com as descobertas científicas hodiernas do Ocidente, uma parte do planeta Terra que se diz moderna. O seu envolvimento, entretanto, com as coisas materiais

qualificadoras de uma péssima qualidade de vida, não obstante a tecnologia avançada conquistada, década por década, célere no espaço-tempo cada vez mais estreito, comprova a deterioração da natureza, da matéria como energia e vice-versa, segundo os estudos de Albert Einstein, Neils Bohr, Werner Heisenberg, Erwin Schrödinger, para citar, dentre muitos, os pioneiros do gênero em apreço. Chopra é quem diz: “A matéria é uma flutuação da energia, usando um disfarce diferente”.

* * *

Após todos os acontecimentos havidos à noite de vigília intermitente, Alzira conseguiu colocar a cabeça no travesseiro, e num repente ferrou no sono. Tão cansada estava ela, que pela manhã já alta não tinha ouvido a barulheira que Zabé estava fazendo para acordar Tião. Ele repousava em quarto não muito adjacente ao seu, mas também não muito distante. Não acordara porque estava acostumada àquela hora da manhãzinha de todos os dias com o mugir das vacas paridas — reses de custeio — que saudavam e chamavam suas crias, num berreiro daqueles. Acostumada com o canto dos galos ainda empoleirados, saudando a alvorada que chegava com o nascer do sol, atropelando a noite que se despedia; com a miríade de pássaros que orquestravam as mais variadas partituras musicais, enleados na augusta e generosa moita de bambu na confluência do curral. Acostumada com os grunhidos dos porcos soltos na vastidão do campo em frente da casa, a pedir a ração da manhã; com o relinchar do reprodutor à vista de outros cavalos e éguas pastando na internada adjacente à sua cocheira. Acostumada com a algazarra que faziam as apanhadeiras de café que se reuniam para o lanche da manhã antes de partir para cumprir suas tarefas. E junto a tudo isso, os tinidos corriqueiros oriundos do manejo das latas e litros usados para a lida dos vaqueiros prontos para a ordenha.

Esse era o enfoque de todo o ramalhete de sons próprios ao delírio da vida, como se fossem partículas sincrônicas a dançarem, compondo o que os sentidos sentem, o que parece ser na verdade o universo em seu transe infinito e perene de nascimento e morte... E como “tutto se muove” — Terra e Sol, Sol e Terra — na solerte expressão de Galileu, presente ao tribunal que não admitia ressalvas

na posição tomada como certa, tornou-se fácil demonstrar que também pode haver uma espécie de siloquismo, mesmo que seja virtual, entre seres habitantes do universo. Daí partir para um breve convescote foi coisa de átimo. E assim aconteceu:

A CORRIDA DAS GALÁXIAS

As galáxias estão se distanciando
Uma das outras. Olhos de 3000
Contemplarão “um mundo deserto”.
(Olhos de um cientista oblongo)

Da janela do mundo
Tu me espias,
Piscando, piscando,
Como a querer falar-me...
Oh! Estrela solitária,
Dos recôncavos do universo, mandas tua mensagem:
— Quero viver!
Quero sentir, tenho vida.
Sei rir e sei chorar.
Nas transmutações do meu ser,
Consumo hidrogênio e crio o hélio,
Quebro cadeias atômicas
E construo outros seres.

Tenho energia, sei vibrar,
Por que me prendes, Senhor?!
Nessa cadeia cósmica?!
Acorrentaram-me a uma galáxia sem nervos,
Sem alma e sem amor!
Não, não quero partir...
De que me adiantará ter vida, energia e beleza,
Não havendo olhos que me vejam?

Quero ficar perto de ti.
Já o amo e o quero
“Homo sapiens” — criatura de Deus.

E minha alma a contemplar-te,
A sofrer e a chorar,
Minha estrelinha solitária...
Desejava, como tu, partir,
Jogar-me no turbilhão das transformações etéreas,
Ir para não voltar,
Afastar-me para não retornar...
Que olhos perversos!
Jogaram-me no ciclone das aventuras inermes,
Navegando no mar de incertas ondas inacessíveis
Que avassalam o teu bem amado “Homo sapiens”.

* * *

Tião não acordara de momento, ante as batidas fortes na porta de seu quarto. De leve, ouvindo-as, como se delas longe estivesse, jogou o cobertor para o lado e, pensando estar ainda sonhando, atirou-se debruço na cama, com receio talvez dos ciganos que abandonaram a partitura a cada vez que era apertada uma das teclas pelo maestro da banda “Esqueletos Enfeitiçados”.

A luz do sol já andava entrando pela porta ao rés do chão. Tião, com o rosto enfiado nas dobras do travesseiro, parecia estar dobrando o Cabo das Tormentas, quedando-se ante a calmaria que, estanque de ventos, segurava a embarcação que se atrevia a contorná-lo. Parecia que seu espírito ainda estava preso ao auditório semelhante a uma proa de navio, a navegar num rio onde se acotovelavam os esqueletos em assembleia. Só que, no seu sonho, o auditório aqui falado era mesmo um imaginário agrupamento desses defuntos atrevidos e furiosos, empunhando bandeirolas onde estava impresso: “Vitória ou Morte” — dístico esquisito para quem já não vivia. O objetivo primordial dessa assembleia, que estava sendo projetado, era de como realizar uma passeata de protesto contra a cobrança do tal IPTU de cada um, pelo espaço que ocupava em sua eterna morada no cemitério.

No correr dos debates, por vezes inflamados, os braços finos dos proponentes insuflavam as bandeirolas com o vigor que lhes davam os membros superiores nus. O ruído que faziam nesse trabalho era um troar esquisito, forte e ensurdecedor, um “raquerraque”

incomodativo, muito parecido com o coxar das rãs rapa-cuia perambulando pelos brejais em noites quentes à procura de parceiros... Se possível fosse fazer uma esdrúxula comparação, podia ser, esse manejar de bandeiras situadas entre o entusiasmo e o ódio, comparado às emulações que fazem os componentes do MST, porfiando e imperativamente rogando pedaços de terra para vendê-los posteriormente... Isso seria necessário para eles, seus componentes, já que o governo não lhes dava dinheiro com sobra pra comprar uma besta boa de sela e um acordeom de não sei quantos baixos, com largas teclas, suficientes para poder sintonizar suas modinhas ou forrós. Isso tudo a todos parecia ser de uma singularidade surpreendente, já que a sociedade convive há muitas décadas com esse trambolho, com o jeito de querer apenas paz e nada mais. Os poderes constituídos admitem que estejam, na verdade, fazendo a tal reforma agrária, injetando gordos emolumentos para que, assim melados, ao tempo das eleições, o alicerce esteja feito para edificar a catedral dos donos da democracia — “um governo de todos para todos”, num país tranquilo e blindado aos golpes militares, permanecendo apenas o caudilhismo inventado pelas forças partidárias, originariamente criadas oligarquicamente nas furnas dos grotões.

Mas não cabe aqui fazer uma analogia dessa natureza, percorrendo com profundidade problemas com incógnitas de difícil solução, uma vez que a discussão proposta aqui neste opúsculo não encontra espaço. É determinativo examinar outro assunto, que nada mais é que tratar da tal cobrança do IPTU dos defuntos que habitam o cemitério da cidade. Trata-se de, na verdade, pinçado o espaço obtido nesta lenga-lenga — um pouco atrativa, não se pode negar —, que é tão somente analisar o lema das bandeirolas desenroladas nas manifestações. Não cabe que se desvirtue do problema criado para discutir outro assunto que nada tem a ver com o proposto.

Assim sendo, voltar para examiná-lo é dever desta narrativa. E é isso que se pretende realizar.

“Vitória!”, parecia já a nós outros uma grande utopia. Agora, “Morte!”, como ação complementar nas bandeirolas?!... Não há explicação plausível, já que vivos, percebe-se, não estão. Todavia, há de se deixar que façam o que bem entendem, uma vez que em sua primeira proposta, ao instituir a Assembleia de Protestos, o império

da democracia seria peça primordial dos debates, ações e tudo o mais. Propósito requerido e aprovado...

* * *

O sonho de Tião tinha sido avassalador. Doíam todos os músculos e ossos do seu corpo. Olhou em roda e deu com as estalactites da vela de sebo contornando o centro do castiçal. Formavam um desenho semelhante a pilares de um templo. Os livros estavam como haviam sido deixados: em pé, espremidos uns aos outros na prateleira de sua improvisada biblioteca de caixote vazio de madeira — uma embalagem acondicionadora do Ramos Pinto, o Vinho do Porto consumido pela classe média alta. Em vista de tudo isso, sentira agora muito mais, ao ter ouvido a voz de Zabé chamando-o, que verdadeiramente estava vivo, com os pés na terra. Estando ainda com um dedo de impertinente sonolência, se compôs e, sentado no catre, calçou as botinas, jogou os cabelos pra trás, passou os dedos da mão direita sobre eles, a modo de pente, ajeitando-os mais ou menos na cabeça, e, devagar, abriu a porta.

Zabé de um só pulo agarrou-o, e, com os olhos marejados, soluçou:

— Graças a Deus! Você está bem? Está?! Está bem, meu filho? Graças a Deus! Né? — repetiu, aumentando o soluço que paulatinamente foi se transformando em choro, braços em cruz agarrados nos ombros de seu menino, agora mais e mais apertados, parecendo sufocá-lo.

Tião, meio sem saber o que havia acontecido, murmurava:

— Não foi nada, mãe! Nada aconteceu, mãe! Estou aqui, tá... aá... veno? — gaguejou!

O problema é que a cada vez que a chamava de mãe, mais e mais o choro aumentava. Zabé sentia-se solta no espaço. Ser chamada de mãe por um rapaz tão bonito e preparado era muito para uma pobre mulher nascida do povo, sem instrução e cultura, quase analfabeta, matutava, meio espantada, consigo mesma... Embora desconfiada, o que ouvia era isso mesmo! Mãe! Mãe!... Era ela mesma que era chamada de mãe. E quase desmaiou em seus braços. A carga de adrenalina tinha se substanciado à sua potência armazenadora.

Por sua vez, Tião, desvencilhado desse apertado enlace, persuadiu-a, tamanha sua emoção, que de fato estava ali, junto dela. Ela, porém, apavorada com esse novo estado de vida, parecia estar num mundo truncado. Não obstante, sentia-se feliz da maneira como fora chamada! Na verdade, nada mais era que um desabafo subconsciente do seu menino, uma verdadeira proclamação de um sentimento intuitivo — poderia ela ajuizar-se nesse sentido, caso houvesse preparo cultural para isso. Entretanto, lendo-se nos seus olhos sentia-se todo seu entendimento: uma lição de puro amor, contido num fardo grotesco, sem muita expressão, no bom sentido da palavra. Ama-se não a embalagem, mas sim seu conteúdo — uma frase solta no ar, numa tentativa de explicar o inexplicável. Nesse caso não pairava dúvida! A certeza estava configurada nas ações, não nas intenções apenas. Será? Acho que sim! — diria quem o visse e quem o ouvisse.

Tião, ao término dos fatos, no seu pensamento racional, sentia que na verdade estava sendo tocado por um espécime *sui generis*, semelhante a sua verdadeira mãe: uma imagem cartesiana — carne, osso e espírito — nitidamente personalizada, com as características da biologia. Esse sentimento, a cada momento, mais aflorava em sua mente! Não senti-lo seria difícil! Por certo!

O modelo maior, provedor desse acolhimento, parecia estar sendo sustentado, provavelmente, na prova do princípio da herança genética do ser humano, no conceito de Carl Gustav Jung, criador da Psicologia Analítica.

* * *

A essa altura, Alzira já havia tomado pé da situação. Meio sem entender bem do assunto, quase saíra apenas aos trajes menores, pela envoltura dos ruídos estranhos que estava a ouvir. Nunca-jamais se via e ouvia Zabé fora do seu costumeiro modo de agir.

Zabé na sua intimidade era dócil, atendendo a todos com entusiasmo e gentileza. Uma coisa era certa: nada se passava dentro de casa ou fora dela, pela fazenda, de que ela não tivesse conhecimento. Estava sempre arguta a todos os acontecimentos. Era como se fora o braço e a mente tanto de Alzira como de Zino. Ambos tinham por ela grande admiração, em razão de seu interesse por tudo que ali se realizava. Nutriam também uma amizade infinita de irmãos.

Nascida dentro dos limites da fazenda, fora levada criança ainda pelos seus genitores à presença do antigo casal, proprietário das terras, não só para conhecê-lo como também encontrar uma vaga, a fim de aprender a ler e escrever na escola que havia anexa à casa-grande, sede da fazenda. Por lá, assídua aluna, foi crescendo sob a égide da patroa de seus pais. E a cada ano que passava mais ficava aconchegada ao amor dela e de seu esposo.

Comprada a fazenda por Zino, ele e Alzira encontraram essa espécie de beleza por fora e por dentro, e dela tomar conhecimento.

Havia Izabel — apelidada Zabé — perdido seus pais não fazia muito. A essa altura, passou a residir na sede da fazenda, onde prestava, em troca, serviços os mais diversos. Consequentemente, ameihada ao espaço criado por ela, sentia-se como peça íntima daquela propriedade. Postava-se como o “gato de Georgeta”. Esse felino havia elegido os telhados das casas da Rua Direita da cidade, juntamente com as almofadas do Ford de colher do professor Graciano, como sua propriedade. E nela ninguém “tascava”, em virtude de seus direitos intrínsecos.

Os gatos, como animais domésticos, são assim. Eles são da casa onde foram criados e não têm donos. Delimitam seus espaços e deles só se retiram quando chamados pelas forças da renovação do universo. Alguém pode até pensar que, transmutado para sítios siderais, eles haverão de estranhar a imensidão do mundo em que vão passar a viver, até voltarem como partículas eletromagnéticas, talvez formadoras de outros corpos.

Bem, o dever aqui nunca foi, e jamais será, envolver-se com a filosofia “gatesga”, um tratado bazófia muito além do conhecimento genérico do ser humano.

* * *

Zabé não tinha nem pensado que pudesse ser demitida. Também não pedira para ficar. Foi ficando... E, quando viu, já tinha sido incorporada à família de D. Alzira e não simplesmente Alzira. Dona Alzira, como agora a chamava. Por ser uma peça importante da engrenagem a que se propunha conservar, fazia sentido. Era o dever da hierarquia que se sobrepunha às demais liberalidades.

Logo as qualidades dela foram aparecendo e nascendo, como a semente boa que lançada em solo fértil se propaga e dá bons frutos. O modo como atacava os problemas que iam surgindo, a maneira como era tratada pelos outros camaradas que tinham ficado na fazenda depois de vendida, tudo isso somado mostrou o verdadeiro valor dela. Hoje era peça insubstituível, passando de simples empregada a uma entidade que despertava total admiração. Estava ela assim envolvida, num global sentido de amor e de gratidão, com a causa que abraçara.

Zabé, a menina-moça que todos admiravam pela beleza de seu corpo, pelo encanto de sua juventude alegre e feliz, hoje, amadurecida e consciente de tudo que fazia com força imperativa, transformou-se na amada e mui respeitada mulher por tantos quantos gravitavam em sua órbita. Uma elipse por onde trafegava a amizade, o carinho, a bondade em pessoa, e sobretudo o cumprimento do dever e o equilíbrio da razão. Tudo isso era fator de municiar a paz, a concórdia e a fraternidade em que todos viviam ao seu redor. Assim é que devagar foi transformando-se, nos seus trinta anos de dedicação, na comandante suprema de um agrupamento destinado a crescer como empresa e como conglomerado de expressivo prestígio social.

O que mais se admirava nela era a sua característica persuasiva de aceitar, dentro dos limites da racionalidade, as manifestações cotidianas da vida. Entre o nascer e o morrer, entre o ir e o voltar, o participar e o não participar, tudo, para ela, se confundia no próprio ser ou não ser — uma compreensão singular da vida em seu trajeto dinâmico de transformação, que na sua vivência era encarada na plenitude das naturalidades advindas.

Assim é que lá pelos seus dezesseis para dezoito anos, o Zeca, um guapo rapaz, cria também de uma fazendola adjacente, começou a insistentemente arrastar asa no seu rumo. A princípio, levava o assunto na pura brincadeira. Eram dois muchachos saídos da adolescência, desprovidos de responsabilidades sociais, com a puberdade aflorando com todo seu esplendor. Nos diversos pousos de folia, eram os que mais dançavam agarradinhos. Na verdade tornavam-se assunto de todas as horas. Quem mais cirandava no causo eram as velhas tias. Matraqueavam elas, como a não querer nada, cachimbando nos cantos onde as luzes das candeias bruxuleavam ao sabor da brisa que entrava pelas frestas da cumeeira,

originando uma semipenumbra. Aliás, não perdiam de vista uma só mosca que treteiramente espiralava pelo espaço dos terreiros, onde eram escoradas as barracas de capimpuba. No começo, esses simples encontros nada mais eram do que uma forma de se divertirem. O problema é que estes foram se estendendo, fora dos limites dos folguedos. Daí, para avançados abraços e juras de amor, foi um salto. Lindos lampejos de uma união que não podia ter sido concretizada da maneira como foi. Originou-se uma fonte de mal-estar entre os pais do moço e os dela própria.

Zabé começou a esconder-se, refugando encontros com pessoas de sua intimidade, mudando completamente seu perene estado de alegria. Desconfiada, sua mãe andou procurando os motivos dessas interferências de conduta. Só deu com o caso deslindado quando já não se podia mais esconder uma gestação que andava pelos sete meses mais ou menos. O mundo desabou em cima de seus ombros. Menina-moça cumpridora de seus deveres, jamais se poderia pensar ter caído numa esparrela como aquela, que se apresentava com todas as nuances de maledicência, interrogatórios e de falatório da comunidade. A maior parte, sem dúvida, estava calcada, nada mais, nada menos, numa vontade mórbida de saber como tudo acontecera. Não que gostariam de ter tido o mesmo resultado, mas sim, no fundo, sentiam prazer em conhecer os pormenores do acontecimento. Nesses casos, o fato em si tinha mais solicitude que mesmo o seu desfecho. Desejavam conhecer os detalhes para se municiarem de equações que pudessem satisfazer os desejos arraigados em conjunção obrigatória do instinto da conservação da espécie. Nada mais que isso. Nesse sentido, a curiosidade também é outro fator despertador do disse que disse nas áreas de encontros sociais.

Embora meio ressabiados pelas pressões que recebiam, encontravam-se sempre pros lados do cafezal que se estendia ao longo do imenso quintal detrás da casa sede da fazenda. Bastava o arrulhar das rolinhas-caldo-de-feijão, nas dolentes tardes cálidas, para despertar neles o desejo de satisfazer esses encontros. O som soturno, gutural, condensado pela língua presa ao omoide digitado compassadamente por essas aves quase domesticadas, ondulava o espaço ambiental, enchendo de música, como instrumentos de percussão, os corações desse jovem casal. Elas, que procriavam em todas as primaveras por entre os galhos dos cafeeiros, mexiam com

a veia poética de ambos, mostrando-lhes o porvir que deveria ser alcançado imediatamente. Despertava neles a vontade insuspeita para realizarem esses ligeiros encontros, na verdade, fortuitos, até antes de aparecer o resultado concreto da união.

Essas injunções, que não mais necessitavam de ser ocasionais, satisfaziam seus estados de solidão. Assim, de quando sozinhos, aparecia aquela vontade de encontro pelo cafezal. Esse fato começava a se tornar permanente em suas vidas, passando a mexer extraordinariamente com os sentimentos de cada um deles. Gerava uma cachoeira de saudades, palavra até então desconhecida de ambos. Saudade de tudo, de encontros acompanhados de muitas juras, de beijos e de muitas irresponsabilidades.

Zeca, sempre solícito, fazia projetos de como deveriam ser suas vidas daí para a frente, logo houvesse o prometido e esperado nascimento do filho ou filha. Qualquer que fosse o sexo da criança seria bem-vindo — dizia ele com certo ufanismo. Que isso acontecesse na costumeira normalidade do ato biológico, era o seu maior desejo. Precisava precaver-se. Para isso, além de muita oração, havia também extensos interrogatórios às comadres mais velhas de seu círculo de amizades.

— Quem nunca comeu melado quando o come se lambuza até o pescoço — diziam, sorriso amarelo, as velhas corocas que adoravam um fuxico, de quando em convescotes.

Todo esse arcabouço construído com algum improviso por vezes levava-o a não querer saber que pudesse advir alguma complicação, pela inépcia no acompanhamento da *délivrance*. Tudo que estava vendo era um grande sonho no mar das incertezas — diziam muitos de seus amigos mais experientes. Alguns filosofavam: “Não se sabe o que possa acontecer. Será um sonho no oceano ou apenas um oceano de sonhos!”. O certo é que todos estavam aflitos para ser o padrinho do filho do amigo, que acabaria sendo o dileto compadre que todos desejavam ter...

Não ficara, entretanto, um experto no assunto! Daí suas intermináveis inquirições. A primeira vez de todo acontecimento é sempre acompanhada de muitas e muitas dúvidas, diz popular ditado. Sendo um atencioso ouvinte da roda de amigos mais experimentados, passou a levar o assunto com mais seriedade. Isso contribuiria para uma incipiente serenidade, que podia transmitir a sua Zabé

também. Era ela que mais necessitava desses princípios — módulos de acertos...

Diante de tantos atos de carinho, ela se enrolava à toa. Parecia uma jiboia enroscada no ninho, após uma lauta refeição. O amor brotava em todo o seu ser com o esplendor de uma alvissareira aurora. Instalava-se em sua alma como frutos sazoados de linda cerejeira florida, mui semelhante a uma imensa catedral repleta de sonhos — uma divina joia plantada com afeto e carinho em seu coração pelo Zeca, o jardineiro-noivo. Agia como tímida gazela a exibir a precursora menarca — o sinal que lhe dava sintomas de estar nascendo para outra fase da vida, mais bela e mais cheia de incertezas, porém. Seus olhos passavam a ser, em circunstâncias obrigatórias, notados agora por todos com quem falava e, particularmente também, pelas pessoas mais íntimas, isto é, do seu grupo familiar, com singular brilho, emergindo de suas órbitas com um aguçamento penetrante. E, batendo de frente com as cenas que vinham paulatinamente acontecendo, fazia intermináveis cálculos. Via e sentia, então, um futuro maravilhoso para si e para a família que ia constituir. Juntos, Zeca e ela, construíam belos castelos ao lado do filho ou filha — não sabiam ainda do sexo do embrião que iria nascer. Só sabiam que crescia. E como crescia!... Dizia ela, rindo, às gargalhadas, surpreendentemente feliz, que parecia ter comido todo o fermento que havia na despensa da casa, que era destinado a fazer o “bolo de domingo”, tradicional receita de quitute de arroz, vinda da época da Vila do Paracatu do Príncipe. Como a barriga estufava com uma ponta para o lado, semelhante a um deformado abacate, diziam as mulheres entendidas no assunto que tudo indicava ser do sexo masculino a criança que iria nascer.

Zeca era um arquipélago de lindas ilhas verdes emersas num mar azul, onde reside a deusa chamada Felicidade, circundada pela corte em cujo séquito vivia guapo e irrequeto artista, que atendia pelo apelido Amor. Este nada mais era que o trapezista desse reinado. Gostava de mostrar-se, indicando que, para sobreviver, havia aprendido ser o equilíbrio o maior fator do sucesso. O trapézio era sua Bíblia.

Zeca sentia-se o “rei da cocada preta”. Andava basofiando com ares de grande senhor, cõscio da sua paternidade como objetivo primeiro de sua vida.

Marcaram a data que haviam de receber os sagrados princípios do matrimônio. Seria a mesma em que seus pais haviam se casado. Sua família, agora constituída de tios e tias, por estar órfã, andava a mil por hora, desdobrando-se para que a cerimônia fosse um bom acontecimento na redondeza. Para que os preparativos fossem feitos à altura, Zabé recolheu-se à antiga morada de seus pais. Seu tio mais velho, Sô Niceto, já havia ido à cidade e interpelado o pároco, padre Joca, para realizar o enlace matrimonial. Este aquiesceu de imediato, na contingência de travar um leitão pururuca com boa talagada de pinga de engenho, a mui famosa caninha destilada de garapa de rapadura “lambicada praqueles lado”.

— Veja só! — dizia ele — se haveria de perder uma dessas ocasiões...

Mesmo porque havia de pousar na fazenda Santo Aurélio, famosa pela sua maneira de tratar seus hóspedes. Isso era uma verdade. Em diversas vezes que teve a alegria de visitar essa herdade, pôde aquilatar o valor do casal Alzira e Zino. Era ele fino *gentleman* no trato das pessoas que o visitavam. Muito mais ainda com indivíduos do seu círculo de amizades, onde estava incluída a figura do pároco. Este era um ilustre *habitué* da fazenda, mui querido de todos. Em tardes serenas, às sextas, após o sempre lauto manjar das cinco, se reuniam no varandão da casa. Aí, esticados confortavelmente nas poltronas austríacas, mantinham eles e o padre uma prosa elevada e variada, à altura dos seus conhecimentos. Em sua maior parte, eram reverberados no teor do grau de cultura de que cada um trazia, dentro do conteúdo do texto em debate. Estes se definiam menos ou mais discutidos, dependendo do interesse comum. Eram mais demorados os que tinham como tema novas áreas. Economia social era caso especial. Os anfitriões sentiam-se felizes e, a cada manifestação mais alegre, pingavam um pouco mais do dileto “Macieira”, o conhaque dos deuses, como o qualificava Zino, um *expert* em bebidas francesas, experiência adquirida em suas longas viagens internacionais. Amava muito visitar as províncias francesas que ficavam mais para o lado do vale do Loire inferior e do Garona inferior, onde fica Bordelais e Cognac, como também pros lados de Lyon, no médio Ródano. Padre Joca se dedicava mais a ouvir, no momento em que Zino abordava com um entusiasmo incomum o problema econômico do mundo e, principalmente, o do nosso país.

Considerava Zino, homem sobretudo de muitos negócios, e que andava bem municiado de todas as notícias dos centros econômicos do país, uma pessoa abalizada para discutir esse assunto. Padre Joca, useiro e vezeiro de manter algumas economias presas às Bolsas da Itália e de Londres mantinha-se de ouvido aceso... Gostava de saber o que andava acontecendo pelo mundo. Seu cabedal era quase todo invertido em libras esterlinas — uma maneira de acautelar-se das intempéries e das crises periódicas pelas quais o mundo econômico ciclicamente sempre passa. Quem o via de batina surrada, chapéu-coco desbotado na cabeça, calçado de botinas onde, em uma delas, a do pé esquerdo, havia um pequeno orifício por onde estufava um belo calo no dedo mindinho, não avaliaria o seu potencial econômico. Quando alguém mais amigo falava com ele a respeito de sua singela aparência, se desculpava apontando os gastos que tinha com a casa onde morava com sua irmã, Alexandrina, e Cristovam, seu sobrinho. Além do mais, mandava dinheiro para seu cunhado Lázaro e família, que residiam em Uberaba, no Triângulo Mineiro. Lá havia também dois sobrinhos e afilhados — o Geraldo e o Vicente —, estudantes do Colégio Diocesano, que, no seu entender, moíam dinheiro “qui nem cana-de-açúcar na moenda dos engenhos”. Na verdade falava muito a esse respeito, mas no fundo, no fundo mesmo, os garotos eram seus bem-quereres. A gente via seus olhos brilharem quando tocava no nome de cada um deles. Amava-os com sofreguidão e dizia que a saudade deles era como música de boa qualidade, que faz, quando bem executada, aliviar a solidão.

Ao falar nisso, e, além disso, se elevava às alturas místicas do paroxismo ao ouvir à noite as partituras clássicas que Alzira magistralmente executava ao piano. Daí seu entusiasmo quando lhe falaram da chamada que tivera para consagrar o casamento de Zeca e Zabé por aqueles lados do Santo Aurélio. Eram, ambos, filhos diletos de dois de seus compadres, médios fazendeiros naquela vasta bacia do ribeirão Santo Aurélio e do Córrego do Fogo.

Se puxasse conversa com ele, ao estar ouvindo o flautar das teclas batidas com especial carinho pelos dedos ligeiros de Alzira, seria comprar mal-estar, derivando com isso muitos muxoxos. Numa situação dessas, de inteiro desprendimento de alma, era certo não se obter resposta. Poder-se-ia ouvir apenas, estando ele em alentado

êxtase, uma cadenciada respiração, insuflada de beleza, sublimidade e desprendimento.

Muita vez Zino, que era apaixonado pelas cantigas cá do sertão, bem sertão, convocava dois ou três tocadores de viola para acompanhar o João da Bode com sua sanfona, e, em seresta, costumava acordar seus hóspedes, que alojava em sua morada em imensa ala com quartos. Ia de quarto em quarto, a convidá-los a uma taça de Ramos Pinto, esquentando assim a madrugada que vinha a galope. No terreiro, com a lua caíando a relva que se estendia até os flancos da serra a delimitar o horizonte, já havia uma fogueira que mandara montar, em cujas labaredas alguns peões assavam espigas de milho amarelinhas como pequenos topázios incrustados em um cone de prata. A temperatura, assim refeita em seu redor, aliviava a tensão do vento frio que soprava do oriente. Era um convite a todos para formar a roda pra contar estórias, onde muita vez apareciam estados de almas penadas, a vagar pelos flancos dos montes, no que era logo contestado pelo padre, explicando o que era o tal do fogo-fátuo. Era surpreendente como se sentia feliz nessas ocasiões. Padre Joca, na hora que Sô Manoel, o motorista, o chamava para se despedir, fazia um beijo tão grande que o muxoxo acabava colocando Sô Manoel de atalaia.

— Né possível, seu Mané?!... quiôcê num me deixa sossegado?! Dionísio falava assim do seu sacristão. Dionísio Pilão lá qui tome cuidado de minhas beatas!

E assim corriam as horas, e corriam também os cálices de vinho, marcando “a saideira”, que acabava entrando noite adentro. Sempre era tarde para começar a viagem. E assim, baixinho, cantava: “Deixa... Sô Mané... a vida me levar”.

Padre Joca era demais! Quando excedia nas taças de vinho, não dava mais pra viajar, já que a tarde prenunciava noite fechada. Assim, a volta à sede de sua paróquia ficava para o dia vindouro. Então, não se recolhia cedo aos aposentos designados para ele. Alegre e feliz, pedia a Alzira pra tocar um pouco de música, mas não queria aquelas muito dolentes. Se fosse o caso de Alzira escolher partituras de compositores clássicos, que entre eles fosse Beethoven, o preferido, mais forte, mais másculo. Nada de Strauss, com suas valsas românticas, que convidava a gente a navegar nas sublimes ondas do Danúbio, azulado por ele, ou ouvir pássaros a trinar pelos

bosques calmos e sossegados de Viena. Quando muito, uma opereta da qualidade da Flauta Mágica, de Mozart.

Vez por outra saía com uma declamação. Em alguns casos, lembrava-se de alguma que havia feito antes, quando rapazola ainda, de internar-se no Seminário de Assuntos Teológicos, onde aparecia sempre a figura de uma gurizinha de seus dezesseis anos mais ou menos, que quase o transforma em marido. Constrangido consigo mesmo, declamava sem muito alterar a voz, bem baixinho, como se estivesse vivendo aquela passagem de sua adolescência, com os olhos marejados, alegando que a saudade que o martirizava não passava de gabolices de rapaz que andava aprendendo a conviver com a sociedade de seu tempo.

— Acontece que saudade não se tem à toa — dizia sorrindo Zino, não perdendo nenhum verso, já que prestava total atenção à declamação.

Após solfejar o último verso, sem especificar a engasgada inscrição à proa do barco que ora navegava, quando levantou os olhos para cima — pois os havia aninhado sob as pálpebras, em estado místico —, levou aquele susto com as palmas da plateia que o assistia em estado de profundo arrebatamento.

O poema que ora declamava tinha estreita estrutura com sua vida. E era por isso que o tinha na mente, jamais o esquecendo, guardado que estava no armário denominado coração, que só poderia ser aberto com a chave de sua emotiva vontade. Tão logo isso acontecia, era preciso acender a chama da alegria que deveria incendiá-lo de luz, perscrutando intensamente em todos os seus cantinhos, a ver se foram diluídos os montinhos de lágrimas que, em todos os casos em que entra o tal senhor chamado Amor, deixa solidão e mágoa. Se estavam bem guardados, não os via agora nesse momento em que a felicidade, cavalgando a senhora Saudade, galopava de mansinho, abrindo a estante de prateleiras azuis, pintadas de olhinhos vermelhos, bela como o céu crivado de estrelas... E nada mais!... Daí estar a recitá-lo baixinho, com certa vergonha, principalmente de sua própria batina, que poderia transfigurar o sacerdote preso a ela, conspurcando-a...

A vida do claustro é por demais penosa. É o local de retraimento e, sobretudo, de desprendimento! Aos seus dezoito anos caminhara para ele como uma ovelha desprevenida ao sacrifício, na esperança

de compreendê-lo, já que fazia parte de um elo da sociedade que não se ajustava aos princípios inseridos nele. Exercendo seus costumes hodiernos, via-se como partícipe de uma sociedade de hábitos machistas, cujos valores permaneciam agregados às oligarquias e ao coronelismo, que ditavam as normas de vida do povo em geral. Tratava-se de um sistema político-social vigente nas comunas interioranas, para lá do fim do Império e da República Velha.

Após mais uma saborosa talagada de dois dedos, os versos correriam céleres, cobertos por suspiros ligeiros, cadenciados na entonação conduzida pela respiração um pouco ofegante em cada término pontuado com o pingo final. Aí, demorava um pouco para renovar adiante.

Pigarreou, limpou os lábios com a costa da mão direita, ajeitou-se na poltrona, mexendo um pouco o corpo à procura de se acomodar entre a palhinha do assento e do encosto... E demorou um pouco, alisando a proeminente barriga, tornando a pigarrear... Não teve outro jeito senão lançar-se à tarefa, um tanto quanto improcedente em sua avaliação.

Ei-la, pois, com todos os efes e erres:

SAUDADE

A alma roída pela saudade
Anda com tal tristeza divagando,
Às vezes com tal ansiedade,
Que acaba a gente não saber viver
Senão chorando!

Mesmo na alegria de estar lembrando
Doces momentos e muitos lampejos de ventura,
Crava no coração espinho, espinhando,
Aumentando as saudades dos dias de ternura.

Saudades vão batendo ao longo do meditar,
Como o relógio de parede, ávido para marcar
As horas que o tempo consome.
A minha vida, qual ponteiro insone,
Navegando pelo dial, como barco solto ao mar,
Só tendo em sua proa escrito um nome:
Uma âncora que alimenta meu sonhar.

E, com isso a tarde ia morrendo sob os auspícios da leve brisa que ia derramando um friozinho gostoso que só por toda a varanda da casa...

* * *

O nome da inscrição à proa deste barco estava, não cravejado em sua proa, mas, sim, gravado a fogo no seu coração: só ele o conhecia. Tentava afogá-lo na labareda de generosas taças de vinho, mas a cada uma delas mais penetrante em sua alma ele fincava. Era como se no apanhar uma rosa, recebesse as pinicadas de seus acúleos com gratidão. Poderia ser Maria o mais comum dos nomes. Quando também podia ser Aninha ou Zélia ou Luiza. Pouco importava a outrem que o soubesse! Pouco importava! Mas, para ele havia apenas um nome, o mais querido, que jamais haveria de pronunciar, a não ser para o seu próprio coração, que o conhecia mais do que ninguém.

Assim a vida corria célere. E o padre, sendo um gozador dela, esticava suas vivências em sítios fora da cidade.

Tão logo seus deveres eclesiásticos eram cumpridos, corria para esses cantos de chão de terra bruta, onde a natureza em espécie se encontrava com o progresso, instalando-se um meio-termo entre a quietude e os gritos dos vaqueiros, controlando o gado, cujos berros juntavam-se ao rinchar dos “potros inteiros”. Entre a quietude e o ranger e o bater das cancelas, provendo a entrada dos cavaleiros que adentravam a estrada real em busca do próximo povoado. E o chuá da água movimentando os monjolos, combinando com o matraquear do pica-pau à cata de larvas no tronco do mamoeiro velho de guerra, a balançar seus galhos, cansado da rotina, sai ano, entra ano, num trabalho que jamais acaba... Tudo isso coordenado pelo suave som de pássaros canoros, perambulando pelos galhos das laranjeiras no pomar das casas senhoriais. Com isso mostrava aos seus paroquianos que a vida é bela e pode ser vivida com entusiasmo, em troca de pouca coisa. E seu coração, diante de tanta abnegação e sutileza da alma, se abria como um céu, para estampar a totalidade de suas estrelas. Cada uma delas representava com seu brilho todo o amor que reservava para dar, com o pensamento na unidade do “Um”, aquele que abriga o Pai, o Filho e o Espírito Santo, como dizia ele. O “Um”

dessa trindade — confinava textualmente com seus pensamentos — está em cada astro nos muitos céus, absorvendo todos os outros que navegam pelo universo imerso neles, interagindo no nanogésimo tempo que lhe dá para formar novas unidades... Assim o entendia! Dava como significativa a presunção de que o universo está de fato em constante trabalho organizado de intensa interação de energia destruidora e renovadora, à procura do equilíbrio cósmico. Com isso, agregado ao seu ministério de vida religiosa, como significativo mestre no comando de seus paroquianos, exercia-o com dedicação e denodo na conjunção de seus deveres, ordenado nos princípios do cristianismo que abraçara.

Com essa filosofia mui chegada ao Taoismo chinês, ciscando a mente pelo Hinduísmo e Budismo, de que era estudioso, marchava com a consciência lavada. Era um ícone solto, a galopar por campinas verdes de um paraíso onde em todos os dias brilha o sol. Clamava por uma sociedade fraterna, segura de seus deveres, sendo ao mesmo tempo ávida de segurança absoluta para reverter a energia criadora em trabalho profícuo à humanidade. Seus sermões às missas de domingo serviam de parâmetro para quase todos os habitantes da comuna de que era o pároco. Tinha-os nas mãos pelo processo da socialização que intermediava negros e brancos, ricos e pobres, sem preconceitos, como deve ser um sacerdote cumpridor de seus deveres, responsável pela felicidade de seus paroquianos.

Sendo ele o próprio ecônomo das igrejas que assistia como pároco, mantinha sempre sóbrias quantias para se locomover e usufruir, gastando pouco, de boas acolhidas.

Estando, pois, nos preparativos para ir celebrar o casamento de Zeca e Zabé, não via a hora de passar umas tardes na bela fazenda Santo Aurélio. Para isso já pedira à Alexandrina, sua irmã — a governanta de sua casa, — para colocar na canastra destinada aos paramentos religiosos uma daquelas garrafas do Vinho de Missa. “Junto”, lembrava-a, “coloque também aquela lata de Miscelânea”, uma coleção de doces importados da França. Destinava-a, dizia ele lá com seus botões, para presentear o casal que o hospedaria. Na capanga, cheia de bugigangas, tais como pente e escova para decorar a careca — com seus raros fios de cabelo grisalho, pontilhado de pequenas manchas, formando mechas meio trigueiras —, também

havia verônicas e medalhas. Soltas, misturavam-se com alguns bombons suíços. Por fim, dobrado — costaneira meio escanchada aqui e ali —, reinava o fiel companheiro, seu volumoso e encardido breviário. E junto a um amassado último número da Revista Careta, editada no Rio de Janeiro, um exemplar do “Sermões do Padre Vieira”, onde encontrava escapes para suas próprias pregações. Privilegiava neles o Sermão aos Peixes, no qual está destacada a simbólica figura literária em que “os peixes grandes saciavam-se com os muitos pequenos. Seria melhor se os pequenos comessem um grande, porque bastaria apenas um grande para muitos pequenos”. Encontrava por aí a metáfora para fustigar os ricos e poderosos, que escravizavam ora com o rebenque ora com o capital selvagem, os pequenos “agregados” aos seus latifúndios e em particular os tapuios, que eram tratados como animais domesticados pelo condicionamento da chibata.

Padre Joca portava-se como um êmulo de Vieira — “benigno com os pobres, justo com os ricos”. Satírico, mordaz, picante com os poderosos carentes de espírito e admirador dos que, tendo grande cabedal intelectual, lutavam pela sobrevivência econômica. As paroquianas, em particular, adoravam-no pela sutileza de seu trato com as coisas da igreja, sem ferir a vaidade e, em nome dela, os arroubos de modernidade. Privilegiava os namoricos na igreja em detrimento do falatório das beatas, dizendo: “na igreja começa e na igreja acaba”.

Fisicamente era um touro. Era de causar inveja como manejava com facilidade impressionante seus braços e pernas. Jamais permitira que lhe contassem os janeiros. Dizia não fazer aniversário a não ser o eclesiástico. Seus músculos adejavam jovialmente dentro de sua idade provecta, pois não é que aguentava viajar montado em sua besta de sela, a Juju, como a chamava, por horas sem queixar cansaço?! Juju, também, “num tava nem aí”... Ia escutando as conversas do padre. Interferia apenas vez por outra, quando trocando de perna para uma marcha mais truncada, nos aclives da estrada, com o fim de descansar a outra, dava um ponto de interrogação nos pensamentos do padre. O pequeno tropico o obrigava a procurar um melhor assento em cima de seu lombo. Assim, tragando e comendo as léguas pelos cascos de sua besta, ia de encontro às obrigas trimestrais. Olha

que era de “uma sentada só” as muitas léguas, andadas com uma facilidade impressionante, pela idade do vigário. Parecia ter vindo de Shangri-lá, cravada no norte do Paquistão, no vale do rio Hunza, alimentado pelas águas de muitas geleiras que descem o degrau da terra chamado Himalaia. A dois mil quatrocentos e tantos metros de altura, às fraldas do Everest, é cidade onde ninguém envelhece.

Será que o nosso vigário Joca transforma-se, vez por outra, em “virtual ser”, desagregado daquelas alturas? Pois se diz que essas estradas são de subidas e descidas que atravessam importantes cadeias montanhosas — Himalaia, Karakoram e Pamir —, onde místicos hinduístas encontram Brahman, para se entenderem. Será? Será que a consciência cósmica pode renascer em outros seres? Dizem muitos dos físicos quânticos atuais que isso é possível.

* * *

Zeca havia prometido a sua noiva que haveriam de constituir família em sua própria casa. Para isso havia ganhado de seu tio mais velho, Sô Niceto, um pedaço de chão de terra “boa pra daná”, como ele dizia. Dois ou três olhos-d’água a gargarejarem dentro dos pequenos capões de mato fresco no sopé da Serra do Beija-Beija, pastagens já formadas “pra lá duns” seis alqueires, só de capim-provisório, muita água e muita mata de bacuri e gueiroba, de fazer inveja a qualquer fazendeiro que se preze. Dava, portanto, para um bom começo de levantar uma nova fazendola. De início pouco ia lá. Quando, porém, a extensão do problema ia aparecendo, crescia nele também a necessidade de apressar o seu desenlace. Aí, deu de trabalhar como um danado na constituição de sua herdade... De dia, não tinha hora nem para se alimentar. De noite, aproveitando os momentos de vigília, fazia projeções com o fim de marchar certo nos seus planejamentos. Zabé também fazia parte de sua ânsia de resolver todas as apreensões. Madrugadinha, muita vez, o surpreendia ainda com os olhos fixos no telhado do rancho improvisado que construía para servir de tenda-reforço para o trabalho do levantamento da casa que deveria abrigar seus amores: sua esposa e filho, ou filha, que adviria dessa união familiar. Havia como um nó em seu coração, no desejo de que concretizassem melhor e mais depressa esses sonhos. E a briga com o Tempo, esse cavaleiro

maskarado que navega no mar das probabilidades e possibilidades, sem ajudar ninguém, era incessante. Definia a razão de suas vigílias. “Seria muito mais mió montar num burro xucro, pulador qui nem cabrito, conseguir domá ele até o ponto de fazê ele galopá cerrado afora, tendo o bicho sujigado pela espora e a rédea, do que estar dependente desse cara chamado Tempo, regulado pelo relógio-sol!” — dizia ele, cá com seus botões.

Demarcada a doação, levantou tapumes e cercas, desmatando um naco de floresta, abrindo uma clareira onde deveria construir a sede da sua fazenda. Falava dela assim com orgulho desmedido. Era como se estivesse a construí-la com o pensamento escrito com letras maiúsculas, imprimindo tudo com a pena imersa de intensa alegria, a transbordar do tinteiro onde a tinta era nem azul, nem vermelha ou preta, e sim colorida de felicidade, podendo ser verde como a Deusa Esperança.

Na clareira que abrira abundava o angico, o vinhático, que servia para as estacas das cercas de arame, como também a aroeira, para os esteios da casa.

Um arremedo de pomar, onde predominavam os frutos silvestres, como a goiaba, o baru, o araticum, o jenipapo e muitos outros, havia lá pelos fundos, sentado numa nesga de tapera, já com ares de capão. Ali se podia, também, observar sinais de um rancho, onde havia um jirau destinado a bater o arroz, a ser colhido na roça encostada a um filete de água que descia da serra, alagando uma tira de brejo. Ficava o lugar coalhado de samambaias cinzentas, de talos fortes, formando moitas pinturescas, contrastando com o azul dos poços onde lambaris brincavam de esconde-esconde. Inda bem que as traíras, ali, andavam em surtos da piracema que se aproximava, deixando as indefesas piabas um pouco sossegadas. De vez em quando, aflorava um desajeitado jabuti, assuntando a natureza, meio extasiado com a claridade do sol, cujos raios incidiam sobre a superfície da água, colorindo-a de ouro metálico vivo. Com seu jeito de bobo, a remar, levando a casa às costas, dava de assustar os alevinos medrosos que, para se abrigar, corriam às ipucas situadas no emaranhado das raízes do arvoredado que saciava sua sede, estando a beber a água empossada na beira dos barrancos para se esconder...

Às horas de folga, que eram poucas, mas que dava para sonhar, Zeca se extasiava em vê-los saltando aqui e acolá, como se quisessem

esticar a vida fora de seu hábitat. Enquanto isso os pobres jabutis miravam esses saltos, balançando a cabeça vagarosamente como infinitos pêndulos, admirados da esperteza desses peixinhos. Mas, lá com eles, poderiam estar a dizer: “Também eles não possuem casa às costas para carregar! Daí suas traquinices”.

Mais adiante, o brejo se afinilava, recebendo outros filetes, à guisa de afluentes. Assim, encorpado, dava forma a um belo ribeirão onde a água mais volumosa corria entre o lajedo, originando aquele gostoso som que suavemente penetra nos ouvidos, como nota de um trompete em surdina, marcando repetidamente um compasso interminável. Alguém poderia dizer estar ouvindo o gargarejar de um duende com força e equidade, tendo sua fauce semiescancarada, a brincar com goles de água, em compasso dois por dois, acompanhando o som da correnteza — fluida massa a desgarrar-se pelo declive do leito do ribeirão que atrevido descia cantando árias saudosas. Zeca as engolia como se fossem um soar mavioso ao seu pensamento repleto de paixão. Era como se ouvisse o poeta a derramar lamúria *in natura*, um marulhar de recordações de vida simples e bela acompanhada de suspiros intermináveis, onde a realidade se transforma em música, daí vindo:

VIDA MUNDO

Galho de gameleira na correnteza.
Água batendo!
Batendo e cantando.
Maré chegando,
Chegando
E rodopiando,
Meio do rio afora.

Lambari comendo isca,
Folha seca boiando,
Peixe grande, lombo de fora,
Mareando e abusando.

Cheiro de beira-rio chegando,
Chegando e me envolvendo.

Som de mato esquecido,
Badalando,
E me querendo...

Cigarra zinando,
Peixe grande abusando...

Êh! Saudade!
Êh! Carmo Bernardo...

...
“Vida Mundo” cantando.

À margem esquerda desse rio-poeta aflorava uma densa capoeira em cujas orlas nasciam novas e recém-crescidas árvores, ensombrando os barrancos cinzentos de argila macia. Alguma garça extraviada de seu bando muita vez descia de uma copada gameleira, indo saciar a sede e a fome nos poços onde o dourado apostava carreira com as matrinxãs, a perseguirem pobres piabuços descuidados. Vez por outra, levando-se em conta a transmutação ambiental, pela manhã ou à tarde, no lusco-fusco da despedida ou nascer do sol, escutava, quebrando a quietude do ambiente, o piar do inhambu à cata de companhia para satisfazer seus instintos seculares, êmulos responsáveis pela continuação da espécie. Aí, contribuindo para formar o quadro emoldurado pelo sussurrar do vento nos galhos das árvores, a jaguatirica andava, pisando macio nas folhas secas que atapetavam o chão, negaceando aqui, acolá, surpreendendo as adoráveis pernaltas. Estas, também em vigília, aguardavam a passagem de algum nematoide descuidado que haveria de contribuir para completar sua refeição matinal ou vespertina. O único que se fartava dessas obrigações era, nada mais, nada menos que Deus, responsável pelo dissipativo empenho de sustentar a vida, um Equilíbrio Dinâmico. Seu reino não é fausto. Não há amos nem corte opulenta. Trabalha-se nele com firmeza e tradição, sem tergiversar nas encruzilhadas armadas astutamente pela mutação inerente à formação do universo. É Ele o responsável pelo ranger da gangorra, numa criação da natureza, dando condições a tudo que há nela em que se brinque de subir e descer, incluindo o fenômeno do nascer e morrer e vice-versa, e do morrer para nascer — um

paradoxo útil para a reflexão dos místicos. Para se entender melhor essas subjetividades, seria de bom alvitre inteirar-se do assunto nas obras do grande pesquisador Ilya Prigogine.

Os fazendeiros de roda, diante da vontade de Zeca em erguer logo seu ninho, começaram a prestar-lhe uma assistência da mais pura boa vontade. Assim é que ele usava o carro de boi de um, o cavalo de tocar o engenho para amassar argila de fazer tijolos e adobes de outro. E outros ofereciam mão de obra no assentamento de esteios, telhado e paredes da nova casa. Alguns, como sói acontecer, ofereciam-lhe o calor da solidariedade humana, coisa que levantava o seu astral, que andava meio cambaleante pela forma como acontecera seu pseudonoivado. Nas fazendas interioranas, essas coisas são levadas muito a sério. Os costumes são outros. A honra fala mais alto em todos os sentidos e requer a reparação imediata do ato consumado, considerado um opróbrio. Do contrário era comum lavar a honra com sangue, acompanhada do despejo da infratora. Mesmo quando não se resolvia a questão pela violência, o repúdio ao infrator pela sociedade era fatal. Como tal, o estigma da desonra o seguia, delineando seus passos por longo inverno, tendo o dilapidador da honra de carregá-lo inolvidavelmente. O trauma consolidava uma postura na sociedade, levando-o à comiseração pública e ao isolamento, terrivelmente consumado.

* * *

Zeca recebia a ajuda de seus amigos e parentes com o sorriso que a Deusa da Gratidão lhe emprestara, cobrando juros consignados à satisfação íntima que o envolvia. Não eram essas taxas adjudicadas de pouco valor — a moeda que pulava de mão em mão estava sempre ao alcance de quem habitava a comunidade onde reinava soberana a fraternidade.

Pendente ao canteiro de obras havia sempre um mutirão quase todos os sábados, onde, além do serviço diário, à noite, sempre sobrava energia para uma tirada de ladainha caprichada, servindo de pretexto às danças que a mocidade adora. Se não houvesse um músico com seu instrumento — uma viola, violão ou sanfona —, duas colheres de mesa presas entre os dedos da mão direita, batendo na esquerda, serviam para marcar o compasso de uma modinha tirada

em gaita que andava sempre presente em bolso de algum peão sonhador. Sempre aparecia um meio poeta para desenrolar uma musiquinha, capaz de ajudar o pessoal a manter um requebro mais avantajado. E, assim, o aparecido ia cantando dolentemente:

Subi no coqueiro
Coco rolou!
E coco ralou!
E coco ra... lou...

E coco rolou!
Coração fechou
E coco ralou!
E coco rolou!
Mulata fungou...
Fungou!...
E coco rolou.

Nhonque!... nhon... que...
Sanfona soprou
E coco ralou!
Ralou. E coco rolou!
Rolou...
Nhonque!... nhon... que...
Nhon... qui... iii...
Sanfona fechou
Cocada queimou
Meu bem chorou... chorou... cho... rou...
Subi no coqueiro...
E coco rolou... ro... lou...

Cuidado, moreninha...
Tô... qui tô... ô...
O doce de coco
Virou amô!

Na abertura de um parêntesis nesta recepção acometida de uma improvisada e envolvente dança, seria oportuno não deixar de narrar o episódio qualificativo das ditas ladainhas de louvor ao

santo padroeiro da estação do ano. Estaria assim dignificando, na maior parte delas, São João, São Benedito, São Pedro e o guerreiro São Sebastião. No desenrolar das orações cantadas pelas velhas corocas, em toada rítmica como se estivessem fazendo algum recém-nascido dormir, dolentemente espichando o final das frases, poder-se-ia observar os olhares dos jovens rapazes — e vice-versa, das donzelas — a se cruzarem, projetando fluidos convidativos aos namoricos inocentes.

A reza era, logo ao seu término, sempre acompanhada de algum batuque mais forte, de levantar poeira pelos pés a socarem o chão de terra batida do incipiente terreiro. Um gole de uma jenipapada caprichada às moçoilas e um generoso trago de uma boa cachacinha de arder a goela dos rapazes motivavam os requebrados com o balançar dos braços agarrados — eles, os rapazes, à cintura do seu par; elas, as moças, cruzados em seus ombros, falando todos mais alto, traduzindo a que vieram. O saracoteio gostoso entrava madrugada adentro. E o domingo chegava célere na cabeça da moçada. Inda bem que ele era dia de descanso da lida árdua para quem vive em fazendas de gado no interior mineiro. Quem, entretanto, não podia gozar dessa prerrogativa, era o vaqueiro que ordenhava as vacas de cria. Quando o sol vestido com seu chambre dourado sacudia o lusco-fusco da madrugada, colocando seu óculo de emitir raios ao longe, o vaqueiro já estava “rouco de tanto ouvir” a lamúria dos pobres bezerros a berrar saudosos de suas mães, que, movidas pelo instinto da maternidade, respondiam mugindo longamente. Caminhavam elas, às manhãs, vagarosamente em fila indiana, soprando o ar frio da madrugadinha, condensando o ambiente em torno. Suas pernas e patas andavam envolvidas com capim-melado — um agarrador inveterado que ama subir pela galhada dos paus-terra —, verdinho que só ele, ensopado pelo orvalho. Exalava aquele odor de entrar fundo pelas narinas arregaladas, como se estivessem saboreando o fino cheiro de um “Jean Patout” — um dos mais finos estratos de sedução que só os gauleses sabem manipular. Pelo mês de agosto, essa espécie de forragem, também chamada de capim-gordura, torna-se a preferida dos criadores de vacas paridas, uma vez que o leite ordenhado apresenta-se mais pastoso, mais denso, produzindo um queijo — o de Minas — mais refinado, onde gotículas de manteiga entranham-se na massa compactada.

O vaqueiro, sempre de prontidão, no momento em que as vacas se aproximavam da cancela do curral, ia manejando-as para dentro dele, onde cada uma já sabia o local onde deveria permanecer à espera da cria que não tardava a ser chamada. Era o momento com que o vaqueiro contava para fazer o bezerro, quando encostado à sua mãe, apoiar o leite antes de começar a ordenha de fato, que consistia no belo manejo dos seus grossos dedos, num puxar incessante das tetas de cima para baixo do úbere a extravasar aquele líquido espumante, branquinho “quiném” cal, consolidador da estabilidade da vida.

De imediato, ao ouvir seu nome pronunciado várias vezes, de maneira um tanto cantada pelo vaqueiro, o bezerro se atirava como uma bala, driblando todas as outras vacas que encontrava pela frente, postando-se logo às tetas do peito de sua mãe. Esta o lambia todo, a começar do seu lombo, acariciando-o. A cria, toda desmilinguida, respondia a esse magno carinho, parecendo ter encontrado o paraíso. Só largava o peito pela força do ordenhador que, além de retirá-la dali, valendo-se de um sedenho à guisa de focinheira, amarrava-a à perna da frente do animal, que a essa altura já havia sido peado pelos membros traseiros. Todas, ou quase todas, eram dóceis e acostumadas às exigências do vaqueiro. Sentiam-se até aliviadas com o esvaziamento do úbere que, pesado, tolhia-nas de se locomoverem com destreza. As de primeira cria costumavam andar meio velhacas e aborrecidas ao trato do sedenho. Algumas até escondiam o bezerro nas capoeiras ao parir. Outras escondiam também era o leite, não atendendo ao puxar de suas tetas. Diziam os vaqueiros, nesse caso, que elas davam pouco leite porque já havia dado de mamar a alguma cobra moradora de cupins que havia nas invernadas e pastos nas fazendas.

* * *

Sô Niceto, na qualidade de tio mais velho de Zabé, usava dessa faculdade, cuidando de tudo — pra que tudo saísse “nos conforme”, como dizia ele. Era seu dever procurar zelar pelo nome da família que, embora de médios recursos, gozava de grande conceito na região. Constituíam o apanágio da vida em comunidade.

Assim ia correndo tudo da melhor maneira que se havia planejado, estando todos comprometidos com as tarefas a serem

realizadas. Os planos iam sendo cumpridos com denodo absoluto. Muito antes do previsto, garantiam, deveriam Zeca e Zabé ter o seu tão desejado lar.

Acontece que na vida a gente é conduzido por possibilidades dentro do espaço escolhido em que se vive. Ferindo os princípios cartesianos do equilíbrio universal, eis que surge na vida de Zeca e Zabé o imprevisto de doloroso acontecimento. Nunca poderiam sequer pensar que a lei das incertezas, criada por Werner Heisenberg, pudesse atingi-los de maneira tão drástica como foi o acontecido.

Ao lusco-fusco da tarde, havia Zeca e seus companheiros elevado a trave de madeira que seria a cumeeira da casa, em cima de seus respectivos esteios-mestres. Colocaram um ramo de assa-peixe branco por cima, com o fim de festejar esse grande acontecimento, como é do costume. Estava cumprida a parte mais importante de um projeto de levantar uma casa... A noite vinha chegando e todos os companheiros, juntamente com Zeca, estavam felizes, e por isso começaram a descer dos andaimes feitos para o evento. O último a fazer isso, Zeca, ao pisar com a ponta dos pés em um dos paus roliços do andaime mais alto, com ele rolou, despencando ao chão. Socorrido, a princípio não parecia ter sido senão um pequeno deslize, sem maiores consequências. Acontece que ele havia, ao cair, batido a cabeça no esteio de permeio, e com isso aberto uma senhora brecha ao lado, bem à altura do parietal.

Num instante todos correram a socorrê-lo. Encontraram-no desmaiado. Um deles vai correndo até a bica do rego, trazendo ligeiro um balde com água fria como gelo, e o entorna em sua cabeça. Com o choque pareceu a todos ter ele mexido um pouco com ela. Colocaram-no em cima da mesa do carro de boi, e, orando todos para que nada de grave estivesse acontecendo, pediram presteza ao carreiro. E este ferrou os bois, largando à estrada quase a galope, sendo acompanhado a trote pelos companheiros, cada qual mais apreensivo. Um deles, sendo mais sensível, não conseguia reter as lágrimas. Outro, de mais expediente, correu a cavalgar um cavalo que se encontrava arreado e amarrado a um galho de pau-terra à beijo da cancela. Disparou estrada afora a avisar Sô Niceto do ocorrido.

A notícia chegou como uma bomba na casa do tio, onde Zabé se encontrava, ajudada pela madrinha, D. Rosa, esposa de Sô Niceto,

a configurar o seu enxoval de noiva e do bebê que estaria para nascer daí uns sete meses. Correram a esconder dela o acontecido.

Narrar o drama que se desenrolou após a chegada de Zeca estirado à mesa do carro seria desejar um esforço gigantesco. Maior ainda, se um jornalista de postura pudesse descrever o desabamento do Himalaia — uma hecatombe sem descrição possível...

Uma quietude tomou conta do ar que se respirava, rarefeito em quarta dimensão. Sô Niceto, quase sem forças pela forte emoção presente, não conteve o choro, ao constatar o desenlace fatal. Mesmo assim ajudou a descer o corpo de seu sobrinho. Já o considerava assim, pois iria se casar com sua sobrinha Isabel. Seus braços tremiam! Neles pesava o corpo do jovem — menino que vira nascer e a quem, segundo ele, estaria reservado um futuro promissor. Sua perspectiva, caminhando nesse sentido, era deveras singular, manifestada pelo afeto que mantinha por ele. Foi assim que, abraçando-o por inteiro, parecia estar sonhando, uma vez que não podia crer que pudesse ter havido um acidente daquela monta. Zeca era tão ágil! — dizia ele! — Tão seguro em tudo que resolvia encarar! Desde púbere amava montar em animal brabo. E laçar e trazer marruco ajoujado à rês de ajuda — um boi erado, preparado para esse serviço, útil em toda fazenda do noroeste mineiro — até a porteira do curral; encarar noites escuras como breu, montado em sua besta de estimação, a socorrer algum amigo doente ou em perigo, viajando por inóspitas paragens, cheias de assombramentos contados pelos mais velhos... Não!... Não poderia ser... “Num credito no que to vêno. Será possível, meu Deus?! To vêno ele rudiado de moças, guapo rapaz, assediado em todo sintido... Vivia feliz por intêro! Não posso avaliar essa desventura. Tô... quitô vêno ele, muita vez rindo pra valê, quando nas grimpa de uma mangueira sua mãe gritava: — Cuidado! Desce daí, menino! Não vê que os galhos tão moiado pela chuva e escorregadio?! Menino... desce... — gritava alto, como uma doida, toda receosa.”

— Qui nada... mãe!... Não se preocupe!... Estou bem — dizia e gargalhava ele, pulando de galho em galho em busca de uma fruta mais madurinha.

— Essa é pra senhora — dizia sorrindo.

Bartira, seu cão de estimação, companheiro em todas suas aventuras, latia como um danado, olhos presos ao alto, dando

pequenos pulos como querendo agarrar o amigo, desejoso de protegê-lo frente a suas doidas estripulias. Esse cão era um canadense de pelo fino, cor bege, mais astuto que os demais companheiros da matilha que Zeca criava para suas intermináveis caçadas. Aonde ele ia, estava ali, comendo seus calcanhares, o velho companheiro e amigo. Não o largava por nada deste mundo.

— Cala, Bartira! — dizia ele —, já estou descendo, companheiro! Olha! Veja! — e malucamente soltava uma das mãos do galho que segurava, escorregando de mansinho até mais em baixo. O cão, em virtude dessa estripulia, se agitava todo, grunhindo que nem porco, chorando baixinho, rosnando e entrando pelo meio das pernas de sua mãe, quase provocando um tropicão, enroscando nelas como um desvairado. Agora, quem agitava era ela, que, brava, dava-lhe segundos para descer, senão o poria de castigo sem poder sair de casa. Como sempre, ele ria! Sabia que a mãe falava da boca pra fora.

— Não era ele — continuava Sô Niceto em suas divagações — um jovem que não fosse o pivô de todo acontecimento por “aquelas banda” de chão? Não!... Num credito... E agora? — resmungava soturnamente consigo mesmo. — O que fazer com Isabel, quando ela perceber e tomar conhecimento desse tremendo desenlace?

Sô Niceto, na verdade, não acreditava “nadico de nada” no que estava vendo: Zeca sem vida, estendido ao canapé da sala.

— Um horror! — e continuava com suas conjecturas. — O mundo é difícil de ser entendido! Inda osturdia trocávamos ideia a respeito dele, taludo que já estava, cum tosco buço acinzentano a cara com um arremedo de bigodinho, quiném linha traçada a carvão por debaixo do nariz, bochecha cavacada aqui e acolá por uma espinha brotando... Era preciso começar a pensar em fazer alguma coisa no sentido de trabalhar, ganhar alguma grana e deslanchar sozinho na vida. Pois a gente num é pra toda ela. A tal da morte é tão traiçoeira qui as veiz num deixa a gente nem pensar e... prá... tá na cova! Todos nós somos mortais e temos que pensar profundamente nisso. De repente seus familiares mais velhos são chamados para prestá contas ao Senhor dos Universo! E daí? O que fazer? se a gente não aprende a se virar?...

E seguia, com sabedoria, dando vazão a seus pensamentos:

— Nesse entremeio, até, já havia conversado com ele no sentido de levá ele, pela primeira vez, na comitiva que vai largar em

novembro. Ia conduzi uma boiada de 1.200 garrote de seus dois a três anos, supimpa pra burro — invernada na fazenda Olhos-D'água, do meu compadre Pedroca —, até Barretos no estado de São Paulo. Os componentes da comitiva já inté andavam brincando com ele, chamando ele de “amigo curau”, nome que dão aos principiantes. Era curau pra cá, curau pra lá!... E a brincadeira num tinha limite. Mas ele levava tudo achando muita graça e louco pra chegar o dia da despedida da camaradagem. Juntos eles todos iam seguir viagem.

A peonada criava seus palavreados próprios até pra gracejos. Quando o iniciante, por assim dizer, andava pra lá de lerdo, com a cabeça meio pendida no rumo da cabeça da meia-lua da sela, como querendo dar uma cochilada, o que vinha logo atrás começava a gritar: “Eia! Vamos! Sai da frente. Samóra! Deixa eu passá...á...á!...”. E, sacudindo o piraí, batendo-o na coroa do arreio, mandava aquela esporada pelos flancos da mula, picando-a e rasgando o cerrado da lateral da trilha aberta pela pata do boi. Isso assim ia amassando a macega, por meses inteiros em muitos anos, construindo uma semiestrada que levava ao “num sei onde”, como falavam os peões, olhos presos na boiada que rastejava pelas curvas do caminho como uma grande jiboia. Vez por outra tinham a alma presa no infinito, a esvoaçar em direção da casinha onde deixaram mulher e filhos.

Concentrado no evento prestes a iniciar, já com uma alegria descomunal, havia ele, Zeca, nesse ínterim, adquirido o anel — um argolão dourado que enfiado pelas pontas segurava o lenço vermelho que ataria ao pescoço. Sentia-se armado, ostentando o que chamavam de símbolo do peão de boiadeiro.

— Eu inté briguei cum ele uma vez que, como seu padrinho, por ser o seu introdutor no assunto da viagem, quiria eu lhe dá o lenço e o anel... Mas ele, todo orgulhoso, tinha pricipitado e comprado os apetrecho. Fiquei amuado de mintirinha. Tinha mesmo é bulido com a cabecinha dele. Ele tava muito feliz com isso, embora, ao mesmo tempo, não deixava lá uma hora por outra de manifestá preocupação em deixar Zabé já bem barrigudinha. Coisas de criança, pois, num é?

Ele, Niceto, é que sabia, pois quanta vez teve de deixar sua mulher, Rosa, esperando filho... e mês inteiro em cima do lombo do burro, tomando sol ou debaixo de chuva? Cavalgava pelos cerrados infinitos, vales, montanhas, atravessando rios perigosos, levando boiadas e boiadas em comitiva. Deixava uma, buscava outra, em

interminável serviço que só um profissional, capataz, está apto a fazer, duas a três vezes por ano, sempre ao tempo das águas. E assim tomava chuva o mês por inteiro. A umidade era tanto por fora de sua manta — uma senhora capa da marca “Ideal” — que, após dias de inverno, era preciso, ao chegar ao pouso de estrada, rapar com faca o grande número de varejas que nela estavam grudadas. As moscas não davam trégua. Suas larvas eram horripilantes... “E a saudade da caminha quentinha de casa, em companhia da esposa, matava, derrubando este estado austral de mim” — dizia ele, estremeando de emoção. O que ainda acalentava a saudade eram as cantigas dos peões à beira das fogueiras nas noites intermináveis, bebericando um conhaquezinho barato comprado em venda de beira de estrada. A comidinha de casa era trocada pelo feijão pururuca com torresmo, acompanhado com nacos de charque ou carne seca, misturados ao arroz carreteiro. A bebida era um bicho tão forte, como era forte esta ardente lembrança: o peão a engolia sem cerimônia, deixando-a descer pela garganta abaixo rasgando tudo, sem incomodar a goela, para, no final, inda, sapecando, estalar os beijos ressequidos pelo vento e a poeira das intermináveis trilhas, feitas à pata de boi, naqueles socavões perdidos, onde Judas, disseram, perdera a bota.

Na pequena herdade, Rosa administrava desde o galinheiro ao curral da ordenha das vacas. A fábrica de queijos tinha o costumeiro labor, como também a “panha” do café, onde reuniam várias mulheres que passavam a residir nas acomodações dos galpões próprios para esse fim. Às noitinhas sempre havia uma roda de prosa, com lauto manjar roceiro, composto de milho verde assado, canjica e torresmo quentinho com feijão pagão a rolar inteiro pela cuia de farinha em beiju. Tudo isso à beira do rabo do fogão a lenha, em cuja chapa estava sempre fumegando a chaleira de água. Esta continha um pedaço de rapadura, para passar o pó do ouro negro, capaz de refazer as forças extravasadas na sua colheita. As rabinhas fabricadas de “folha metálica”, aproveitando os repastos das latas que serviam para condicionar a manteiga de leite, estavam sempre areadas e prontas para serem usadas no esquentamento do café. Era só derramar um tico de água sobre a chapa quente do fogão e colocá-las por cima, que num instante estaria o café quentinho, a sair fumaça. E as conversas partiam sempre para o lado dos amores não correspondidos, que as mais jovens traziam a lume. Nasciam

daí muitas estórias, as mais estapafúrdias, que só corações abertos ao amor irresponsável estariam submetidos. Os fuxicos andavam soltos a brilhar na escuridão de fatos, quase sempre até escabrosos. As invencionices chegavam a um ponto que merecia a intervenção de D. Rosa para que não pensassem que estavam, elas, partindo de sua casa. Com isso, observando com severidade essa questão, convidava ela a todas as demais mulheres que ainda se encontravam a conversar para se recolherem aos seus aposentos, sabendo-se que, pela manhã, deveriam estar prontas para a lida.

E assim Sô Niceto via a vida correr, num ligeiro pensar onde as recordações caíam como nuvens, ora na forma de estratos — fiapos no alto da abóbada celestial —, ora como cúmulos-cirros, ora feito nimbos — agourentas e tempestuosas — e ora, mesmo, como majestosos e lindos castelos, cobrindo toda sua imaginação. Em poucos segundos, os meses e anos trafegavam em sua mente como relâmpagos cobrindo céus que antes eram “de brigadeiro”, passando a tempestuosos, ambos componentes da vida com suas nuances ricas de luz e, muita vez de trevas avassaladoras, definindo a marcha natural das interações cósmicas.

Muito antes, quando ainda Zeca estava sob os cuidados de seus pais, levava ele uma vida cheia de aventuras, sem pensar muito em responsabilidades, como se estivesse de fato no Paraíso que padre Joca, ao catecismo dos domingos, havia lhe ensinado ser de mel e maná. Amava visitar parentes, principalmente aqueles que residiam lá pelos lados do estado de Goiás. Dizia nunca ter visto um céu tão azul como o desse estado. Parecia que o tinha nas mãos de tão baixo que era. “Lindo de morrer!” — solfejava...

Nas horas de folga, mui antes de acontecer o acontecido, isto é, seu namorico pra valer com Zabé, quando não estava junto ao seu cão Bartira, negaceando uma perdiz pelo lado do Jacurutu — um belo de descampado —, estava pescando traíra nos poços do Ribeirão do Cachorro. Este um curso não muito caudaloso, mais cheio de correntezas poderosas, de água barrenta, logo ali, depois da entrada do primeiro degrau da escada da Serra da Boa Vista. Galgada nesse local, se chega à chapada, onde, em sutil aclave, entre morrotes e descampados de horizonte circular, visto à frente, aos lados e atrás, se alcança o seu ponto mais alto, a Serra dos Cristais, hoje a cidade de Cristalina, fundada pelo bisavô deste que garatuja

o presente relatório em forma literoromanesca. Como já citado em várias ocasiões neste muita vez lendário documentário, diante desta nova abordagem, seria bom lembrar de novo do que realizava esse francês de média estatura e de alta disposição para o bandeirantismo, que era o então Léon Laboissière.

Na Serra dos Cristais, encontrou ele vasto lençol de quartzo hialino, tendo o explorado, juntamente com outro francês de nome Ètienne Lepesquer. As pirâmides de quartzo eram enviadas, em grande quantidade, para a Europa, que o usava em percentagens abundantes nas armas de guerra que, se não há engano, desenrolara-se pelos anos de 1914 a 18. Terminada esta, e não havendo mais interesse da França em importar grande quantidade desse minério estratégico, vô Léon houve por bem encerrar, pelos anos de 1920, sua extração e compra. Nessa conjuntura, é bom que se diga que jamais deixara de dirigir sua “tenda” de marcenaria, dedicando-se também a uma perene semissocialização ao povo carente que vivia nas suas proximidades, no Bairro do Santana, que envolvia as ruas: Direita, Detrás, do Sacramento, da Bitesga ao Gorgulho, beirando a Praia do Córrego Rico, da Ladeira do Anselmo a Mariana. Deixou, ainda, entretanto, uma boa semente que foi o desenvolvimento do povoado da Serra dos Cristais na bela cidade de, hoje a próspera, Cristalina, uma joia cravada no oeste do Estado de Goiás.

A garotada ali do fim da Rua Direita e do Largo do Santana gostava, às tardinhas, de se reunir em torno do velho, sentado à porta de sua tenda, à Rua Detrás, para ouvi-lo a repetir as intermináveis estórias de sua França, tão longe e tão perto. Eram notícias recebidas no “Le Petit Journal”, que encadernava com carinho, número por número. Não se cansava de repetir fatos já conhecidos e relatados nos vários e anteriores números desse documentário aqui apresentado, porém, sempre lembrados com entusiasmo. A importância que lhe dava a garotada, e muitos outros curiosos em saber o que se passava por outros mundos que não conheciam, ajudava a serem retratados os fatos com mais precisão pelo octogenário vô Léon. Era raro não vê-lo de olhos marejados quando folheava seu hebdomadário predileto vindo de sua terra natal, quase em todos os correios chegados à cidade. As histórias da Argélia eram fascinantes, como também as figuras dos soldados da Legião Estrangeira em eternos combates

com os árabes, naqueles desertos cheios de incertas condições de vida. Histórias envolvendo a Legião prendiam a atenção da garotada que, olhos fixos aos lábios de Vô, nem piscavam de emoção. A Divisão desse órgão militar francês, criada por Luís Felipe I da França, a conselho do Marechal Soult, ministro da Guerra por Decreto de 10 de abril de 1831, segundo a história, deixa qualquer coisa de saudosismo misturado a um grotesco misticismo. Dizia o decreto:

A Paris, le 10 mars 1831, Louis Philippe, roi des Français, à tous présents et à venir, salut. Vu la loi du 9 mars 1831, sur le rapport de notre Ministre secrétaire d'Etat au département de la Guerre. Nous avons ordonné et ordonnons ce qui suit:
Article 1er — Il sera formé une légion composée d'étrangers: cette légion prendra la dénomination de Légion Étrangère.

O local escolhido para sediar a nova força, segundo historiadores franceses, foi a aldeia de Sidi Bel Abbès, na Argélia. Tal providência nasceu da vontade que o governo francês e o povo em geral tinham de se ver livres de muitos foragidos, vadios e criminosos, imigrantes indesejáveis, e mendigos que poluíam a sociedade francesa da época. Para manter essa corja, como se dizia, a cumprir determinadas ações militares, era necessário manter uma disciplina rígida. Com isso, houve, a princípio, uma debandada das maiores vistas em forças armadas. Lembram, ainda, esses historiadores, que o batismo de fogo deu-se em 27 de abril de 1832, ocasião em que apareceram muitos atos de bravura para uma tropa nova, a maioria deles provenientes de falta de preparo, movidos pela audácia e pelo sangue frio de muitos que ali estavam. Na verdade eram atos de coragem, e não movidos por técnica militar. Tendo, na sociedade em que viviam antes, cometido crimes horripilantes, essas escaramuças pareciam a eles brincadeiras de grupos em folga.

A meninada delirava com as aventuras do lendário capitão Danjou, que desde criança mostrou-se interessado em combater ao lado dos legionários. Aos 20 anos diplomou-se na Escola de Cavalaria de Saint-Cyr. Neste ínterim, já combatendo na campanha da Crimeia, na célebre Batalha de Sebastopol, perdeu a mão esquerda. Nem por isso deixou de montar a cavalo e comandar seus soldados, que sempre mostravam uma bravura incondicional, movidos pela audácia,

entusiasmo e conduta exemplar de seu comandante. Mais tarde, foi designado para lutar no México, onde, entre muitas bravuras, foi ferido e morto em combate. Lutava com denodo, embora tivesse uma das mãos mutilada, tendo-a substituída por uma prótese de madeira. Até hoje, ao que se sabe, essa peça recebe uma significativa homenagem de toda a tropa, pelo aniversário da fundação da entidade militar, em desfile e continência em seu louvor e saudação.

Vez por outra, era tamanha a saudade que Vô, misturando as línguas, fechava o jornal e levantava os braços dizendo: “Écoutez-moi, je suis très content. Des enfants terribles! Onde estão meus óculos?”. Procuravam-nos, quando estavam eles presos à sua testa, sobre as pálpebras de seus olhos, como sempre os punha, quando não os usava. “Tout, tout estes meninos mexem. Mes enfants, allez s’en vite. Je reviendrais plus tard! Merci, au revoir.” E concluía: “C’est la vie! À la prochaine, mes enfants!”. E assim despachava seus interlocutores, que se despediam à moda francesa, que ele os havia ensinado, com beijocas estaladas nas bochechas. Como era bom — diziam! A felicidade tão perto e tão longe, agora que a gente é grande, não sendo mais criança, essa evocação de carinho, de *l’amour*, perdida nas têmporas do tempo. “Se tirer toujours d’affaire” (sair-se bem em tudo) que planejávamos... Era um encanto!... Era tão normal! Que a gente nem cuidava de querer fazer melhor!

* * *

Vô Léon era adorado por todos do Bairro do Santana. Mas, também... numa cidade pacata como era a que se vivia por aquele tempo, não havia nada que pudesse servir de entretenimento! Os filmes de conquista ao oeste americano pelos caubóis eram raros. Também o cinema mudo não era muito apreciado. Era preciso que se lessem as legendas com extrema rapidez. E isso não era pra qualquer um, daí o desinteresse. As reuniões havidas, ao lado dos destroços da Igreja do Santana, que estava a cair por definitivo, eram as únicas distrações da moçada e da meninada. O jogo da peteca era o único espetáculo que conseguia juntar pessoas por lá. Vô também foi o mestre que transmitiu seus conhecimentos para uma infinidade de jovens que se transformaram em hábeis oficiais de marcenaria e construção em geral. Ia, uma ou duas vezes a cada dois anos, à sua

terra natal, de lá trazendo várias novidades, como novas ferramentas, canetas-tinteiro, caleidoscópios. Trazia garrafas para refrigerantes que se abriam automaticamente, deixando o líquido, com muita espuma em função do gás retido na fermentação de frutos da terra, derramar-se com sutileza e beleza. O que mais impressionava eram os livros, bem encadernados, de autores apreciados na literatura europeia e congêneres pelo mundo.

E assim o tempo corria em sua vida de imigrante, não tão difícil com nos anos em que, quase adolescente, pisou nas terras desconhecidas ante a cultura em que vivia anteriormente na Europa. A coisa que nunca deixou de fazer foi dedicar-se carinhosamente aos seus dois gatos angorás. Na hora de ir às refeições na mesa, tinha-os ali por perto, oferecendo-lhes apetitosos degustes. Um deles, já da intimidade do leitor, tornou-se, após o seu falecimento, o preferido pela sua filha Georgeta, tornando-se “o gato da Rua Direita que andava pelas cumeeiras das casas, com o sentido vigilante às ratazanas do carro do professor Graciano, cuja garagem ficava em terreno baldio em frente da casa”. Esse gato dava o que falar, como se há de ver em algumas páginas deste documentário romanesco.

* * *

Ao lado da cama de Vô, à direita de sua cabeceira, havia uma pequena cômoda. Lá, à chave, guardava a correspondência que vinha de ultramar. Eram cartas de seus familiares. Nunca a gente pôde lê-las. Não se sabe para onde foram conduzidos os seus jornais encadernados e suas coisas pessoais. Havia moedas dentro dela: francos-ouro, que costumava doar, uma ou duas, aos netos pela passagem de seu aniversário, como também em datas marcantes da história de sua querida França... Encimando a cômoda, tremulava um pequeno estandarte tricolor, transmitindo ao ambiente forte sentido de um patriotismo invulgar. Tinha como profissão alta marcenaria: fabricava móveis finos de estilo francês, mantendo uma “tenda”, nome que dava ao local de seu trabalho, movida a máquinas construídas com muitas polias e engrenagens de madeira que até hoje a gente não sabe como eram manejadas, sabendo-se que não havia energia transmitida por caldeira a vapor, nem tão pouco motores a gasolina, nem fonte de eletricidade. Só se sabe é

que torneava, serrava, arqueava, moldava, espelhava, envernizava, transformando as toras de madeira bruta em belíssimos móveis, de “toilettes” a salas de estar com canapés de estilo austríaco, lindos de morrer. Os vidros, espelhos, vitrais, eram importados e bizotados. Tudo era transformado em belas e importantes peças de artesanato.

* * *

A cidade do centro-oeste brasileiro era, por assim dizer, naquele contexto de torrão esquecido dos homens que governavam o país, uma região tanto esplendorosa como sossegada. Era monótona a vida de seus habitantes. Qualquer fato novo, como falecimento, casamento, e até batizado, mexia com a população.

Numa dessas é que surgiu o desenlace envolvendo a família de Sô Niceto, médio fazendeiro do município. Para ela a coisa havia mudado de panorama num instante. Muitos diziam: “O homem põe e Deus dispõe”! De repente as coisas mudam e se transformam. No fluir da matéria aparece a vida, flutuando em ondas de interações programadas, obedecendo à lei das incertezas, criada por W. Heisenberg.

A tristeza tornou mais aguda a quietude no seio daquela família. Ninguém falava, ninguém agia. Tudo se transformou de repente. Um estado de total apatia tomou conta de todos. Já no mesmo momento em que os companheiros depositavam Zeca, acidentado, ali sobre o canapé da sala, Zabé tomara conhecimento do ocorrido. E, de imediato, não contendo o baque, desmaiara, sendo levada ao seu quarto onde estava merecendo os cuidados de sua tia e madrinha, D. Rosa.

O alvoroço, a confusão que se instalou por toda a circunvizinhança, provocou um pânico geral: ninguém sabia ao certo o que estava fazendo.

Repentinamente a casa se encheu de gente vinda de todos os recantos daquele torrão, onde a fraternidade, impulsionada pela necessidade de subsistência, reinava absoluta. Logo as velhas rezadeiras brotaram de todas as latitudes da região e se instalaram ao redor do corpo de Zeca. Já, de imediato, portando terços nas mãos morenas pela incidência dos raios solares, castigando-as ao longo dos dias de labuta na árdua lida de manutenção de suas herdades, tomava a mais velha delas as providências iniciais de repartir,

entre elas, a tora da leitura dos *laudes* do breviário de costume. Em complemento disso, improvisaram um modesto altar na extremidade da sala contendo as imagens de santos que pela casa havia, tendo ao centro uma de “Jesus Morto”. A um gesto da coordenadora do grupo, começaram logo a tirar, numa toada dolente, a ladainha própria para a ocasião. Todos os demais devotos que permaneceram no recinto acompanhavam-nas, com toda reverência — os homens, de cabeça descoberta, chapéu preso às mãos cruzadas ao peito, e as mulheres, de xales puxados aos ombros, com as pontas em cruz, cobrindo-se da nuca à testa.

O cheiro do azeite de mamona queimado nas candeias de pavio longo, de algodão torcido, misturado ao odor da sutil fumaça emanada das velas de sebo presas nos castiçais de folha de flandres, gerava uma simbiose mística. Produzia assim um estado de profundas interações com o Supremo Árbitro dos Mundos, na observância da encomendação da alma daquele que partira tão inesperadamente, sem tempo de dar adeus aos seus entes queridos, principalmente ao que deveria ser seu herdeiro biológico, prestes a chegar.

As chamas das velas agitavam-se miudamente pela ação da brisa. Esta soprava sorrateira pelas bandeiras sem vidros das portas de permeio da casa, na divisa de suas dependências, mui semelhantes a pequenos leques que balançavam hastes floridas de amarelo dourado. Uma insólita despedida àquele cujo espírito já devia estar trilhando outros caminhos, tão difíceis como era difícil despedir-se para uma jornada não desejada.

Nessa congruência, todos repetiam as solicitações que se pediam, dentro dum cheio de mistérios ritual desenvolvido para essas tradicionais ocasiões.

Não se sabe a origem dessas evocações. Tudo indica ter havido uma assimilação de religiões, postando o Cristianismo entre elas, onde a recitação parece ter vindo alçada nos tempos pela força do Hinduísmo, que as aplica como técnicas fundamentais até os dias hodiernos. E assim os explica como se fossem mantras. Mantra é termo usado por eles segundo alusões diversas, aparentando justificar a obtenção de muitos resultados satisfatórios através de seus significados sons e declamações melódicas, servindo de amparo às meditações. Utilizam-no para encontrar auxílio ou para invocar a força espiritual interior.

* * *

Deixando de lado essas abluções de origem secular, uma original forma mística de ver e sentir as coisas, é bom que não se distancie muito da narrativa proposta. E que se volte novamente à sala onde acontecia o velório.

* * *

Divergindo dos muitos, os mais chegados à família do jovem Zeca, alguns de cabeças descobertas em total respeito, mãos ao peito, entravam, reverenciavam o morto, fazendo o nome do pai. Esparramavam cadenciada e apressadamente as palavras nas cruzes traçadas com o polegar estendido da testa ao ventre, passando pelos lábios e tórax. Benziam-se. E, cabisbaixos, saíam para o terreiro onde já havia uma chaleira a ferver água para passar o pó de café como era costume se fazer nessas ocasiões. Sô Niceto, mesmo muito abalado, cuidava para que tudo corresse de acordo com a tradição costumeira daquela gente simples. Já havia mandado colocar um novilho de sobreano “na corda” para uma eventual necessidade. Já despachara um “próprio” à cidade para trazer os necessários apetrechos relacionados à feitura da mortalha, como também um marceneiro capacitado a fazer o caixão.

Como tudo ocorreu de supetão, carambolando as ondas de incertezas que caracterizam a vida, nem tábuas aparelhadas para isso tinham. Fora necessário haver uma cooperação espontânea dos fazendeiros limítrofes, cada qual fornecendo o que tinham para solucionar esse impasse.

À madrugada, na hora que o frio aperta no sopro do vento forte pelo permeio do inverno, anunciando os primeiros raios solares, embora ainda medrosos, após a vigília de uma noite de consternação e de reflexões sobre o acontecido, bateu uma tristeza só. Era visível no semblante das pessoas. Essa imagem, lúgubre, estava traduzida no cantar dos galos, que, em vez de saudarem com a alegria costumeira o despontar da aurora, parecia confirmar a privação de alguém muito querido. Seus cantares soturnos diluíam-se nas cercanias com um afinamento prolongado, tristonho, e quase interminável, traduzindo um desconforto tremendo à natureza. Essa, na fluidez de

uma tristeza danada, parecia compreender o luto que deveria advir nos dias futuros. Com a falta daquele soberbo mancebo que até há pouco fazia a alegria em todos os cantos daquele cerrado cheio de vida, as canelas-de-ema esticavam mais para o alto seus feixes de pontiagudas folhas, como a implorar aos deuses dos céus clemência para todos os seres vivos daquelas paragens. Dava-se a impressão estarem as folhas dos arvoredos molhadas não pelo orvalho, mas por lágrimas condensadas a gotejarem nos seus troncos frios. Parecia que o mundo estava aberto às tiranias do “demo”, com todas as suas maldades a tiracolo. Sentia-se que ele estava pronto a semear desventuras num lugar encostado em uma esquina do planeta Terra. Onde há poucos momentos reinava a paz e a felicidade em todos os seus ângulos, pontos de confluência das linhas retas em cujos vértices residiam as fadas da Ternura, do Amor e da Fraternidade incondicional. Podia-se dizer, por fim, em se sentindo uma questão de similaridade, estarem elas recolhidas ali, tendo as varinhas de condão empilhadas às portas. Varinhas em cruz, com o fim de se isolarem dos maus espíritos que compõem a corte do deus dos Males, que só sabe destruir sem jamais ter construído qualquer bem útil no universo. O ambiente tornara-se pesado.

Lá fora, terreiro adentro, numa roda de pessoas mais idosas, discutia-se a validade da vida. Uns afirmavam ser ela uma dádiva divina. Outros, levantando créditos às transformações havidas dentro do tempo, encontravam a solução com a presença de fatos determinativos de certos comportamentos existenciais, definindo as reencarnações. Outros mais, indo mais fortemente na questão física, alimentavam a ideia da interação das forças universais, produto da dança processual da energia como fonte de trabalho e formação da matéria. A nós outros pareciam todas essas definições frutos da contemplação do homem simples do campo em eterno convívio com a natureza, tirando dela ensinamentos que, de muitos modos, planificam suas existências. Interrogando as estrelas que brilham e que riscam, algumas, os céus, para morrer na confluência dos horizontes, em sucessivos beijos à Terra, perguntando como a ínfima semente jogada ao léu se transforma em árvore frondosa; e, ainda, o movimento da água, cantando na descida dos rochedos, e placidamente se concentrando na formação das lagoas onde nascem vidas diferentes num meio comum; e, por fim, em se examinando muitos

outros fenômenos, intriga-se com a multiplicação das bananeiras em clones perpétuos, chega ele, o homem simples do campo, ao fim de tudo a uma tênue conclusão de que no universo tudo se transforma.

* * *

O “positivo” de Sô Niceto não poupou seu estradeiro, que, parecendo saber da necessidade de seu desempenho, abria a marcha com passos largos, quer nas baixadas de veredas, quer nos aclives que levam às chapadas de horizontes incomensuráveis. Sua passada desenvolvia-se tranquila, sem necessidade nenhuma de receber o incentivo das esporas a cutucar suas ilhargas. Engolia os quilômetros com galhardia. Comia nos cascos as léguas com desenvoltura e animação, dando pregas eficientes na estrada, diminuindo-as de comprimento. Ao ser arreado, sabia de sua responsabilidade. Os animais, ponderando sobre situações aflitivas e emergentes, parecem interagir com o dono, daí seu magnífico e fora do normal desempenho. Se conjecturássemos sobre tal fato, diríamos estar diante de princípios psicossomáticos inseridos globalmente numa concepção biológica. É ver para crer, dizia o peão que o dirigia. A notícia que ele levava a galope contornou a cabeceira do Córrego Pobre, deixando o açude Quintino Vargas à esquerda, transpondo as ruas ainda quietas, acordando de sobressalto seus moradores. Os passos cadenciados de sua montaria nas pedras informes do calçamento, naquela cálida manhã, ressoavam como uma sinfonia manejada pelo som característico, semelhante ao socar do arroz em compasso uniforme: um, dois, três... um, dois, três..., três pessoas num um só pilão.

Padre Joca, do alto de seu coturno já esticado aos pés, deu de chamar em altos brados a irmã Alexandrina para que coasse o café. Enquanto isso ele se paramentava a fim de ir à fazenda do amigo, não só como ministro de Deus, mas também como um íntimo companheiro, muito querido, que era de Sô Niceto. Não faltaria a essas exéquias por nada na vida. Recebendo a notícia, custou a acreditar nela. Conhecia o valor do sobrinho de seu dileto amigo. Não fora nem uma nem duas vezes que em situações de emergência ele havia demonstrado serenidade e muita astúcia no desempenho em momentos de perigo. Numa delas, havia — escarafunchando a

memória — se atirado à correnteza de um ribeirão forte para salvar um companheiro de pescaria numa pequena embarcação que virou, não aguentando os trejeitos deles. E o seu acompanhante não sabia nadar. Essa sua ação foi muito elogiada pelo povo da comuna e refletiu em notícias dos jornais do estado, enaltecendo seu heroísmo... O rio em que pescavam era considerado um dos mais violentos do centro-oeste, sendo, na linguagem popular, o assassino que sempre estava de fauces abertas para engolir quem o desafiasse. Foi e será palco de muitas tragédias, dizem os ribeirinhos de sua bacia. Daí a repercussão de seu ato de puro heroísmo. Muitas e muitas outras ocasiões de desespero, ele as havia superado com astúcia, força e presença de espírito. Se contar ninguém acredita no que se segue. Pois aconteceu! Numa dessas vezes, ia, de barranco em barranco, beirando um curso de água mansa, assobiando um estribilho de uma música sertaneja. Aquela de versos inocentes que dizem: “Se eu vou você fica... se você fica eu vou, mas eu vou, levando saudades de meu amô...”. Assim, ia sempre pisando cautelosamente como um puma, espingarda passarineira a tiracolo, facão na bainha presa à cinta, acompanhado de Bartira, seu cão, à cata de algum inhambu desgarrado do habitat, à procura de nematoides para seu jantar. O chão andava atapetado de folhas secas. O outono havia chegado imponente, despelando as árvores robustas às margens do ribeirão que corria doce por entre barrancos argilosos, pelo fundo da invernoada ao curral de aparto das “novilhas da sorte ao vaqueiro”, coisa que se fazia todo final de ano. Pois não é que, de repente, fora ele tomado de surpresa por um estridente ganido de angústia? Perscrutando o ambiente, não vira Bartira. Cadê ele? — mentalmente perguntou a si mesmo. Volvendo a vista, quase em ângulo de noventa graus à procura do amigo, vira o pobre do Bartira sendo enovelado por uma gigantesca sucuri, que de um salto havia surgido das águas escuras pelas sombras das galhadas do arvoredado à beira do ribeirão. Tomado de surpresa, não sabia o que fazer. Com receio de a serpente largar o cão, virando-se para o seu lado por ser presa maior, mesmo assim, não titubeou. Ao primeiro momento, pensou em valer-se de sua espingarda. Até que seria mais cômodo esse procedimento, podia ser... Mas também poderia, como chumbeira que era ela, esparramar sua munição e atingir seu cão. Não havia alternativa, senão procurar cortar um anel do réptil e assim

o fez. Lançou mão de seu facão e, escanchando no seu lombo, deu um certo golpe metendo a arma na entranha do bicho. Um grito de dor retumbou no universo que até então estava mudo! Soltando o cachorro, volveu a cabeça e rápida, ainda voltou-se num último suspiro, abocanhando uma das pernas de Zeca. Fora preciso que ele desse outra facãozada para se ver livre da cobra. Já senhor da situação pulou para o barranco. Uma grande mancha vermelha toldou a superfície do córrego, tingindo-o pelo sangue do réptil que desandou a rodar na correnteza, desaparecendo na profundidade das águas. O cão, coitado, apavorado, enfiou o focinho por entre as pernas do seu dono, procurando agasalho. Gania baixinho de dor e desespero, tremendo como vara verde. Quase havia sido moído pelos anéis da serpente, cujo instinto determina que aperte sua presa até quebrar-lhe o esqueleto por completo para poder engoli-lo de uma só vez. Ao que parece, andou tendo alguma costela quebrada, pois, não aguentava ficar de pé. Zeca fora paqueirar e voltara trazendo o cão nos seus ombros. Chegou mancando de uma das pernas, mas chegou. Uma cuia de decocção de mastruz com compressas de tintura de arnica, que sempre sua mãe guardava em casa, estancou definitivamente a cesura, aliviando a dor que se instalara.

* * *

Antes, o padre, meio sorumbático, cumprindo com suas obrigações eclesiais de rotina, deu uma passagem pela Matriz, a dizer a missa da manhã. Quase sem fala, transmitiu a notícia, ao pregar diante do púlpito da igreja, produzindo com isso uma comoção sem limites. Repentinamente, toda a cidade ficou ciente do caso, convulsionando a tramitação normal de todos seus habitantes. Alguns comerciantes, obedecendo ao costume e tradição da comunidade, não abriram as portas, em simbólica homenagem à família enlutada. Antes que o pároco procurasse uma condução para chegar a tempo na fazenda, em sua casa aportaram muitas pessoas dispostas a levá-lo. Bastou que a notícia fosse veiculada por ele no ligeiro sermão que fez à missa, para que as famílias colocassem à sua disposição tudo para que pudesse viajar com confiança. Coube — como uma dádiva de Deus, disse ele — que fosse Sô Manoel o escolhido, já

que conhecia bastante toda a trajetória que levava à fazenda de Sô Niceto. Quem sabe estivesse sendo presenteado pela ação do Espírito Santo, que lhe caiu, tomando-o para si, de imediato, após a celebração da missa. Pode-se até dizer que, no momento cruciante da transformação do pão e vinho em Corpo e Sangue do Messias, tenha ele evocado as bênçãos para a alma de Zeca. Dir-se-ia, por fim, que deveria assim fazer sua viagem sem maiores problemas, tendo a consciência limpa pelo dever cumprido. Espírito aberto, alma lavada e todo seu ser transmutado em comunhão com a teia de partículas virtuais em constante dança, formando-se e se destruindo para nascer adiante no universo energético, sentia-se absoluto e pronto para cumprir como sacerdote suas obrigações religiosas. Era integrante involuntário dessas emaranhadas transformações da energia em matéria e vice-versa.

O carro resfolegava soberano pela estrada, comandado por Sô Manoel, numa desenvoltura incomum, como se compreendesse o fim a que se destinava. Os sons confundiam-se, misturados ao zumbido das abelhas que beijavam pela primeira vez no ano as incipientes flores a enfeitar a paisagem colorida, acionadas pelo vento da primavera que se aproximava célere. Constituíam o “breve” da partitura, a dar compasso à sonata que se desenvolvia pelas rodas a ronronar macias sobre o piso duro, levantando poeira pelo caminho. Nas curvas da estrada, vez por outra, ao longe, no limiar da campina com o cerrado adjacente, sobrepujando os nanicos arbustos, as caraíbas sorriam, com seus galhos tortos repletos de flores amarelas. Marcavam presença como se fossem taças abertas aos céus, para recolher as partículas eletromagnéticas que adejam neles, caindo como água encachoeirada vinda do universo em transe. As juremas que estaqueavam a orla da estrada, tismadas pela sedimentação do pó lançado pelo atrito das rodas dos carros à terra, lançavam seus galhos nus, encurvados, como mãos de mendigo que pede esmola às portas dos santuários. Só que aqui o maior óbolo deveria vir mesmo era dos céus, encharcando a terra, acabando com a solerte poeira que tapa seus órgãos de respiração. Ao ápice de uma aroeira, sobrevivente impoluta das queimadas de agosto, um carcará vigiava com olhos, bico adunco e garras afiadas, o rebanho de fugitivas e temerosas aves, cobras e lagartos, garantia de sua sobrevivência.

Jazia ali como responsável pela manutenção do equilíbrio biológico do ambiente onde reinava absoluto.

Padre Joca recebia pela fresta do vidro da porta do carro semiaberto o vento da manhã que não lhe dizia coisas boas como anteriormente em suas escaramuças às fazendas limítrofes, ocasiões em que viajava com prazer, em tempos de festa. Falava-lhe de tristeza, embora sabedor, como sacerdote que era, ser a morte um prenúncio de uma existência eterna de transformações, determinadas pelo programa que cada ser carrega consigo desde o seu nascer biológico. São programas causais que por toda vida sujeitam-se às leis claras das incertezas universais.

Zabé, atrás do soluço que emanava contra sua vontade, orava como uma doida, sem saber o que fazer. As contas do rosário embaralhavam-se em suas mãos como bolas de pingue-pongue que vão e que vêm sem galgar os mistérios do futuro. Era um nunca mais acabar suas seguidas dedilhações. Ao longo da marcha deles, colocava o pai-nosso no lugar da ave-maria e vice-versa; do espírito-santo, não se recordava, por vezes.

À chegada do pároco, caiu em seus braços, pedindo misericórdia. Padre Joca, alquebrado pela idade e pelo caráter do evento, custou a retê-la e levá-la a sentar-se na cadeira à cabeceira de seu querido noivo. Ele há pouco ainda com vida andava a murmurar-lhe palavras de carinho, antes de ter ido para a construção da casa, onde deveriam morar após o casamento. A palavra fatalidade era a mais pronunciada por ela. Como jovem que era não entendia por que havia isso acontecido. Foi preciso que o padre explicasse a ela os desígnios de Deus. E que a morte era o nascimento de outra vida. Essas coisas que só os padres sabem dizer com mais autoridade que qualquer leigo. Coisas que todo mundo sabe, próprias para consolar a quem se veja nessa situação de desespero, e que ficam soltas no ar para sempre voltar em situações semelhantes, em outras ocasiões. É da cultura hodierna, o que fazer?! Padre Joca, estudioso da cultura grega e romana, dava-se como entendido, às divergências encontradas entre elas. Enquanto esta não possuía a filosofia consoladora diante ao problema da morte, aquela suavizava esse estado, não o temendo pela dignidade da vida. Humberto de Campos, em seu livro “Um Sonho de Pobre”, às fls. 17-18, dá sentido a Cícero (De senectute), assim afirmando:

[...] sobre o qual é preciso meditar desde a juventude: o desprezo da morte, sem o qual nenhum homem poderá viver tranquilo. Nós poderemos morrer, talvez hoje mesmo. Se temerdes a morte que paira sobre vós a todo instante, como podereis ter uma alma forte? E em outra passagem (Tusculanae, 1:38):

A natureza me deu o gozo da vida, como se empresta dinheiro sem fixar a data da restituição. Por que nos queixarmos que ela no-la retome quando lhe apraz? Nós não a temos, senão sob essa condição.

Sílio Itálico dirá que o direito de morrer é o maior bem que a natureza facultou ao homem: *Nullus vos invida tanto Armavit Natura bono, quam janua mortis (Quod potest) e vita non equa, exire potestas.*

Nem todos os romanos são, porém, sábios ou filósofos. “É menos doloroso morrer do que temer a morte” (*Crudelius est quam mori semper mortem timere*), dirá Sêneca, numa de suas máximas.

[...] A superioridade diante da morte é, em Roma, patrimônio de sábios e filósofos; de um Sêneca, de um Petrônio, de um Cano Júlio. Na Grécia, porém, ela faz parte do espírito público e constitui, mesmo, uma virtude nacional. A paz espiritual de Sócrates, bebendo a cicuta como quem esvazia o seu copo ao erguer-se de um banquete, é, para o grego, um ato natural.

Passados os momentos mais cruciais que avassalam qualquer um metido neles, serenados os ânimos pela constante pregação do vigário, que afirmava ser a morte um nascimento para a Vida Eterna, cheia de novos conceitos de felicidades, estabeleceu-se no ambiente um pequeno intervalo de calma. Esta, entretanto, não foi muito longe. Daí a poucos minutos, houve um regougo na situação, principalmente por parte das mulheres. Desencadeou-se uma lamúria total no momento exato do fechamento do féretro, que foi levado para a clareira que se destinava à construção da fazendola, a pedido de Zabé. Comentavam todos que essa viagem poderia estar sendo feita em sentido diametralmente oposto, isto é, nada mais nada menos que Zeca abraçado à sua noiva. Seria a marcha de núpcias tão desejada por todos, e poderia estar sendo realizada no lugar desse final de tragédia. Chegaram à tardinha. A clareira aberta encontrava-se iluminada pelo lusco-fusco da entrada do sol que se despedia, deixando uma abóbada alaranjada com vários

riscos vermelhos a flechar os céus, de horizonte a horizonte. À cova debruçaram o caixão. E as esperanças com ele.

O sepultamento foi feito debaixo de muita consternação e pesar. Zabé fora a última criatura a deixar o ambiente. A volta foi penosa, triste e cheia de pensamentos fúnebres. A lua que vinha despontando por detrás dos montes também parecia estar tristonha, pois sua induzida luz tinha uma palidez forte, mui semelhante a que se estampa nas criaturas tísicas. Fazia dó senti-la. Alguém, até, demasiadamente preso aos acontecimentos, dizia ter visto o cavalinho de São Jorge baixar a cabeça, apresentando duas manchas escuras como se fossem lágrimas que escorriam até suas canelas. Na certa que essas visões eram fruto de muita pressão d'alma. As curvas do caminho pareciam eternas. A cada uma delas pensamentos lúgubres se faziam presentes em Zabé. Ao bater da cancela, à entrada do pátio da casa, novo acesso de choro voltou a tomar conta de seu estado de penúria. Maior fora, entretanto, quando Bartira, o cão amigo, começara a enroscar entre suas pernas e resmungar como estivesse, também, sob os efeitos do vazio que se instalara. Lamentava como só os cães sabem fazer a falta do calor de seu amo e companheiro.

Extenuada pela vigília da noite e pela caminhada que fez ao levar seu amor para a morada eterna, pedira para ficar sozinha em seu quarto, onde, em seu leito, debruçada sobre o travesseiro, deitou-se, desatando em novo e convulsivo choro. D. Rosa sua madrinha, atenta como sempre, não aguentando tanto sofrimento, adentrou o quarto, desrespeitando o desejo dela, que era de ficar em pleno isolamento. O instinto de mulher dizia que ela carecia de afago e de conforto. De tudo lançou mão para consolá-la. Disse-lhe por várias vezes que no momento presente teria ela que voltar as vistas para o ente que estava em seu ventre. Necessitava calma e compreensão para uma gestação sadia. Parece que adivinhara estar acontecendo alguma coisa mais grave, quando resolveu entrar, sem permissão, no quarto de Zabé. Por via das dúvidas, resolveu ver como estavam as coisas. E houve por bem examiná-la, uma vez que sua respiração estava um tanto quanto ofegante, muito mais que consequência de um choro, mesmo que fosse muito convulsivo. Ajudando-a a trocar o vestuário pelo de dormir, levou grande susto ao perceber uma mancha de sangue. Ao ser interpelada, Zabé, não soube explicar

o que acontecera. D. Rosa, experiente no assunto, alvoroçou-se e de imediato trouxe o caso ao conhecimento de seu marido. Este, apavorado, mandou segurar o padre na fazenda de Zino, a poucos quilômetros dali, onde se hospedara para reter o carro que o levaria de retorno à cidade. Chamando Orozimbo, o peão que era sempre designado para exercer casos difíceis de doenças e recados urgentes levados à cidade, disse-lhe: “O cavalo é meu, a espora é sua... Galope para chegar a tempo de reter o carro que deve levar o padre à cidade. Diga para esperar, que não vou demorar a chegar lá, a tempo de aproveitar a companhia”.

Falava aos arrancos, querendo ser rápido sem poder! Um peso na alma refletia em seu estado de aflição. Um aperto no coração, como que a lhe contar um desfecho amargo, surgia sem cessar. Parecia que seu peito ia arrebentar, tal a força com que o coração batia descompassadamente... Sabia que a coisa era muito grave.

Orozimbo nem arreou o animal. Jogou uma manta em seu lombo e partiu a galope. O cavalo açoitado com vigor engolia as curvas da estrada com tal habilidade que nem dava para o cavaleiro senti-las. O vento a zunir em seus ouvidos também não lhe concedia momentos em que pudesse pensar em alguma coisa a não ser que teria que chegar a tempo de reter o automóvel à espera de seu amo. Conhecia bem os atalhos que podia fazer. Nem pensou em passar pela estrada do açude. Atravessou o vau do Córrego Fundo, saindo do outro lado de sua margem como se ele e cavalo estivessem a dançar uma polca ligeira. Ao adentrar o pátio frontal à casa da fazenda, desceu do animal que bufava forte e, às carreiras, soltou o corpo no primeiro tamborete encontrado a pedir um copo de água. Passados alguns segundos, deu o recado ao padre, que veio logo em seu socorro, e desmaiou de cansaço...

Em seguida, infelizmente, levada à Santa Casa no dia imediato, o diagnóstico médico caiu como uma bomba nos ombros aflitos de todos os parentes e amigos que ali se encontravam — Zabé havia perdido o embrião que se desenvolvia, até há pouco, no berço uterino que lhe fora destinado pelo Senhor dos Mundos. Dois atos martirizaram-na em poucas horas. Não entendia como, em tão pouco tempo, tanta desgraça conseguira atingi-la. O sofrimento, quando é muito, abre uma cicatriz de imediato na ferida que bem não começara e já se abria mais ao fundo do espírito, se fechando por

razões desconhecidas. Age, como estofo na alma, endurecendo-a e provendo-a de amargurados pacotes defensivos para uma existência sem esperança,

* * *

Assim é que vamos, anos passados, encontrar Izabel, em casa de Zino e de D. Alzira — um espécime frio, cumpridor de deveres. Amadurecida no sofrimento que a tinha como parceira, desenvolvera em seu espírito aquele aspecto de mulher sabedora do que quer, sem muito agacho para ninguém. Se ria, mais tarde sentia vergonha do que antes fizera. Até aqui não se lembrava de ter chorado por qualquer coisa. Afagos, retribuía-os com delicadeza, sem entretanto demonstrar satisfação. Daí ter surpreendido a todos, quando ouvira ser chamada de mãe por Tião, ao abrir a porta do quarto onde dormia, na fazenda Santo Aurélio, naquela manhã, após o desmesurado sonho que tivera naquela noite maldormida.

Em sua mente devem ter ressurgido todas aquelas cenas que a amarguraram, de quando da tragédia que levou ao sepultamento de Zeca e conseqüentemente à perda de seu esperado filho. Embora a tristeza tenha se instalado nela, ante a lembrança dos fatídicos momentos que a envolveram e que a floraram ao ter sido chamada de mãe, durante o desenrolar do dia, a nós outros parecia estar vendo-a mais feliz, uma vez que voltara a sorrir em alguns momentos. Para ela, fora doce essa expressão de carinho e de ternura. Por sua vez, Tião também sentiu-se preso àquela manifestação cheia de sensível abnegação. Isso fê-lo, por instantes, esquecer os personagens de seu sonho, aglutinados numa passeata, protestando contra o IPTU que deveria ser recolhido à Câmara Municipal. Ainda permanecia condicionado ao assunto, em lembrança do que poderia estar acontecendo com sua tia Tita, lá pela cidade.

O dia transcorreu sem maiores problemas. D. Alzira, sentindo, entretanto, o clima pesado do ambiente, mandara chamar o João da Bode, para arrear o cavalo de viagem de Zino e levar Tião para andar pela fazenda, procurando envolvê-lo em outros assuntos que os não de seus estudos, aliviando assim sua cabeça. Poderiam, se fosse do gosto de Tião, visitar Sô Niceto, cuja fazenda limítrofe ficava ao lado da estrada que ia à cidade, bem uns doze quilômetros, não mais que

isso. Para tal, pedia cuidado ao atravessar a ponte sobre o ribeirão Santo Aurélio, uma meia légua arriba de onde construíam o açude delimitado por Zino. Ficando este pronto iria diminuir bastante esse trajeto.

João, um grande admirador do rapaz, sentiu-se premiado por essa missão, e de imediato já estava com o alazão-estrela no ponto. Bom de sela, marchador “em picado”, sem ser esquipador, era só montá-lo! E avisou à sua patroa.

João, além de acertador de cavalos, emprego que tinha na fazenda, era extremamente educado e cortês. Conhecia aquela região como ninguém, estando pronto para levar Tião a lugares pinturescos como cachoeiras, lagoas e trilhas dentro da mata. O que mais chamara a atenção de Tião foram os olhos-d’água a borbulhar no limpo do campo. A água deles, enfrentando a rudeza da rocha calcária subterrânea, jorrava com certa força, inundando suas margens, onde os mais variados peixes pequenos navegavam, brincando de esconde-esconde por entre a ravina coberta de verdinha grama em micromoitais. Seus bordos, em sua maioria, achavam-se enfeitados por touceiras de samambaias e pequenas orquídeas, em cujos háustórios zumbiam mansas jataís, lambuzando suas pequenas patas do pólen que se transformaria no tão procurado mel que os nativos usavam para amenizar os acessos de tosse. Fileiras de martins-pescadores pacientemente jaziam por ali. Alguns deles, dorminhocos como ninguém, costumavam, no cochilo, bater com os bicos n’água, apavorando as piabas que “arrebitavam carreira”, escondendo-se nas locas e ipucas. Outros, eretos apenas em um dos pés, descansando o outro, olhos fixos à superfície dos minadouros, esperavam calmamente o descuido de lambaris saltitantes, para neles aplicarem botes certos. Tião, com os olhos voltados para o céu, cobrindo-os com uma das mãos para amenizar os raios solares intensos àquela hora do dia, encantou-se ao ouvir a barulheira que fazia um bando de pássaros de muitas espécies, espinafrando e espantando um pequeno gavião, colocando-o longe de seus ninhos onde adormeciam os filhotes. Bicavam-no de todos os lados, nas curvas fechadas, em voos rasantes, no alto da cabeça, na cauda, até que o levavam para muito longe da região onde nidificavam. Nunca tinha ele visto tamanha competência, onde pequenos indivíduos se aglutinavam para defender o direito de viver em sociedade. Por outro lado a ave de

rapina, não procurando defesa, estava concordando com o ataque, vez que o bando defendia seu rebanho futuro, para que não lhe faltasse o alimento de que necessitaria para sua existência. O equilíbrio universal se fazia, respeitando os hábitos coletivos das espécies que habitam o Planeta Azul. Lembrava-se, já havia lido alguma coisa a respeito, de quando os físicos modernos davam a entender a dança cósmica das partículas virtuais na formação do universo. Processos de criação e destruição da energia formadora de tudo que há na natureza, onde o nascer evolui para a morte e vice-versa...

Cavalgaram um monte de bastantes léguas. A Tião, tudo parecia novidade. Só andara, até aquele momento, de automóvel, indo da cidade à fazenda e desta para aquela. Como a sombra de sua montaria desaparecera, sabia ele, sol a pino, serem doze horas. O gingado do corpo solto na sela, pela falta de treino ao cavalgar, trazia-lhe um pouco de desconforto. O estômago começara a sentir aquele roedurazinha característica de quem deseja alimento. João, experiente navegante dos sertões, não se fez de rogado: bambeou a rédea do seu macho, volvendo-o com liberdade, acentuando para que Tião fizesse o mesmo. Era que, próximo à fazenda da Forquilha, soltando as alimárias, elas marchavam com certa volúpia, sabedores de que iriam descansar no regalo da herdade que se aproximava. Conhecedores do caminho, pareciam perceber que estavam perto de alguma morada naquele vasto campo, onde predominava a canela-de-ema, na orla do mato de pequizeiros entrelaçados de capim-gordura. Para isso, faziam uso de seu aguçado faro, iguais ou melhores que os dos cães. Soltos na imensidão dos cerrados, estavam condicionados ao cheiro característico do estrume agregado à urina do gado nos currais, o que lhes fornecia o sentido da aproximação de um retiro onde se apascentariam. O bater monótono do monjolo, associado ao som costumeiro do chuá-chuá da água despejada de sua caçamba, davam-lhes condições de saber que havia morada por perto. Assim, Tião admirou-se da desenvoltura do seu pingo, acelerando a marcha, sem necessidade de maiores comandos. Seu companheiro de viagem, o João, morria de rir do contentamento estampado nos olhos brilhantes de Tião diante de tudo que estava acontecendo na jornada de recreio que encetavam.

Ali, bem não tinham soltado a cancela ao seu batedor, já perceberam D. Rosa de Sô Niceto aparecer amavelmente à porta da

frente da casa, ralhando com a matilha de canadenses, cães de caça aos latidos, que serviam de guarda à propriedade. Reconhecendo de imediato os cavaleiros, foi logo dizendo:

— Apeiem! Que prazer vê-los! Fico aqui muito isolada e raramente tenho tido uma visita desse porte. Por mal pergunto, já almoçaram? Se não, chegaram na hora da merenda, mas não seja por isso, vou arrumar-lhes alguma boia.

O almoço como primeira grande refeição nas fazendas se faz por volta das nove horas, pois a lida se inicia ao primeiro cantar do galo ao amanhecer.

— Ô, Joana! — chamando alto sua cozinheira. — Pegue um franguinho no terreiro! O mais novo que puder e, rápido, arrume-o pra dar comida aos hóspedes. Antes, traga uma limonada para matar a sede de meus convidados para se refestelarem, descansando da jornada neste calor infernal.

E, virando-se para os “chegantes”, falou cheia de trejeitos e risos:

— Não precisam se apoquentar, pois, não demora de nada sair a gororoba... Joana arruma tudo num nanico de tempo. Enquanto isso vamos proseando, botando a fala em dia, o que me dá muito gosto — e, bebendo um gole da limonada, disse: — Peraí — interrompendo com uma das mãos sobre as taças —, não tomem por enquanto! Não! Não tomem!

E pediu:

— Ô, Joana! Traga mais um pouco de açúcar, pois, seu refresco está muito sem graça!... — e, virando-se para seus convidados: — Desculpem, por favor! Acho que ela anda com a cabeça virada, dado um namorico meio sem sal dela com o Thomaz, meu vaqueiro que anda escorregadio quiném bagre ensaboado! — e levando a mão à boca, tossindo meio seco: — Tô sustentando isso há muito tempo, mas é coisa qui passa logo. Conheço bastante esses causos! Daí ter feito essa limonada sonsa!... Cruz-credo!

Joana, experiente cozinheira que era, logo retrucou: — Não é preciso, comádi, pegá frango nenhum! Tem um qui tô assando aqui pru jantar, qui vai saí uma delícia! Já volto com tudo arrumado. Ô! Qui cabeça! Tô esqueceno o buião de açúcar! Já vorto! Se sora quiser tem também a canjica, qui na contramão tombém vai servi de sobremesa. Tá uma delícia! Como sora sabe, foi feita no capricho, ao

gosto de Sô Niceto qui tá pra chegá. Ele e Tumaz num deve demorá. Foi mais o Tumaz num estirão atrás de uma nuvia de primêra cria qui tá escondendo o bezerro nu capão da encruziada do aterro do açude. Foi Tumaz mesmo que me disse! Pus uns nacos de rapadura cuns pivozinho de cravo-da-índia, pra miorá o gosto no leite qui Sô Niceto gosta. Se a sora não quisé eu tiro.

D. Rosa, muxoxando lá com seus botões, sabia direitinho para quem era todo o capricho da comadre!... Não precisava esconder nada dela. Estava tudo muito claro... E, frente ao falatório que não parava, foi logo falando mais alto que de costume:

— Vai, deixa de tagarelice, qui os hóspidi tão com vontade de comer e não de ouvir suas bobage! Anda! Depressa! Chispa!...

Indo adiante com seu convescote, começara a procurar saber como era a vida desse moço que acabava de adentrar sua casa. A triste perca de seu sobrinho transformara-se em lembranças guardadas para sempre em seu coração. Ao ver aquele bonito rapagão, parecia ser Zeca que estava em sua presença. O caso, entretanto, ficara só na lembrança. Daí ter começado a especular Tião. Ele já nos seus dezesseis pra dezoito anos, buço aparecendo por entre as covas da bochecha, motivou-a a interpelá-lo se já tinha namorada. Gostava, D. Rosa, de passear sobre esse assunto. Tião, pegado de surpresa, de imediato não sabia o que responder. Ficara até vermelho ante a pergunta que jamais ouvira. Ela, porém, toda sorriso, animou-o: — Vai ver que já tem um monte de moçoilas a fazer roda em sua volta! Né? Um moço tão bonito e prendado... Tem qui tá preparado... Num credito que já não tem! E muitas! Não é?

Não acabara de falar e Tião já lhe respondia, com aquele seu jeito meio acanhado, que não tinha pensado no assunto ainda, uma vez que seu objetivo era cursar a faculdade na capital. Problema que havia discutido com D. Alzira dias passados. No mais, achava que namorar era um negócio meio complicado. Achava que só se deveria namorar tendo como objetivo se casar, daí o seu desinteresse. Por enquanto, não havia sequer pensado nisso. — Primeiro... — falou consigo e ficou embutido, sem saber como agir. Coisas desse tipo ainda não o haviam atormentado. Agora diante de uma coisa surpreendente, essa conversa surgia com uma força incontrollável, capaz de colocá-lo mudo por minutos corridos. E mais uma vez o rosto afogueado fez corar suas bochechas.

Rosa, não se dando por convencida, ajeitando os óculos na testa, fez aquele peculiar trejeito, com o lábio superior encostado nas narinas, de quem não estava acreditando muito no que ouvia do rapaz. E despejou, como a não querer nada:

— Tô perguntando porque, à noite, vai haver uma reza por aqui, no mês entrante na saída da Folia do Divino Espírito Santo. Muita gente vai se reunir, e falam até que um punhado de moças da cidade está prevendo aparecer por aqui. De modo que ocê estando na fazenda qui do lado, por uns dias, que fiquei sabendo, pode aparecer. Vai nos dar muito prazer — e continuou D. Rosa o seu discurso: — O festeiro “Imperador da Irmandade” já fez Sô Niceto sabedor do evento, falando que já até providenciou os violeiros e tudo mais. Tem um que a viola é toda enfeitada de fitas multicores e balangandãs pelo braço dela afora, muito mais cuidada que o vestido de domingo da mulher... Chico — falava do empregado “pau pra toda obra” que há na maioria das fazendas, muitos deles crias delas mesmas — já está escolhido para esfolar o capado reservado para o almoço, antes de botar os cavaleiros na estrada. Tem até um “novio de sobreano” qui pode ser leiloado já no começo da saída da folia. Num vai sê ruim não! Num sei socê já viu como é a Folia do Espírito Santo. Se ainda não viu, tá na hora de conhecê uma das tradições de nosso folclore cá do sertão brabo. Tudo cumpanhado de muito foguetório, dança e cumida pra valer. Onde ocê vai passar, quando for indo embora, ali do lado do curral, ocê vai suntar qui ali deve ser bandeirado, varrido e aguado pra calmar a poeira: o local das danças e das rezas.

* * *

O regionalismo mineiro é forte, solto e expressivo! Bonito não diria, porém, agradável, sim. Há sempre um prelúdio envolvente, a solfejar notas de qualidade. Em tudo sempre se começa rodeando o assunto principal, pra chegar “nos conformes”. É saboroso vê-los assim, mancando numas sílabas e juntando “ôtras”, os nativos de todos os cantos desse solo abençoado — bairristas e “conômicos qui nem eles” —, no cigarro de fumo de corda e “paia de mio”, “inté” na linguagem. Até os intelectuais, na intimidade, não dão trela a muitos predicados, emendando os substantivos com os advérbios e tudo o mais. Todos falam e compreendem o que os demais “fala”...

é tudo bom “dimais”. Para D. Rosa não era diferente... Embora sendo uma mulher que passou pela Escola Normal “Antônio Carlos”, titulando-se no magistério, acompanhava, sem pestanejar, o modo singular de falar de todo mineiro. O paracatuense não foge à regra, incorporando alguns vocábulos muito presos à sua origem. Daí usar a palavra “gastura” para indicar um constrangimento peculiar do corpo, arrepiando-se todo ao ver um indivíduo passando um corte de palha pelos lábios para amaciá-la antes de colocar o fumo para o cigarro, ou usar termos de dúbios significados, como: pelar para o frio e pelar para o quente (“Estou pelando de frio. Estou pelando de quente”); ou “Isto é de fulano” e não “Isto é do fulano”. E por aí vai, cambando nos sofismas como: “Tomei um pito danado do meu pai” (repreensão); “pito” é também cachimbo, cigarro; “pita”, do verbo pitar, e “pita”, para designar a planta piteira e também o canudo de qualquer material, onde se coloca o cigarro para fumar ou pitar; e muitas outras expressões idiomáticas regionais, como “bebendo água no guampo, a pinga no cuité, a farinha na cuia” e depois “cendendo” o chumaço da binga com o fuzil riscando a pedra de fogo presa entre o polegar e o indicador da mão esquerda, segurando a cornicha... e aí o fumaceiro do murrão de algodão carbonizado é sorvido pra “cender” a ponta do cigarro; senão, encostar o corpo na “traia” e puxar uma “paia” com ronco de espantar muriçoca. “Cêbesta, home, a coisa não é tão feia não”...

* * *

Tião agradeceu e tratou de mudar de prosa, indagando sobre coisas as mais diversas, que nada tinham com assunto de namoricos. Até porque achava insólito seus colegas de escola se envolverem com isso, em vez de procurarem estudar. Contudo... de qualquer maneira, a pergunta de D. Rosa mexeu com sua cabeça. — Quem sabe?! — conjecturou com seus botões. — Pode até ser! Não tem nada que me impede. Vai ser uma nova experiência entre as muitas que vivo e que me pode fornecer subsídios para um trabalho de socialização na escola. Pelo ano que vem vou precisar muito dessas reuniões para concluir um pequeno projeto já elaborado e que anda coçando minha cabeça. Me sinto apreensivo e ansioso para começar

o estudo da nova matéria denominada Sociologia — concluiu com seus pensamentos.

Já tinha até um livro sobre o assunto, escrito por Delgado de Carvalho, lhe dado de presente por Zino, que o trouxe da derradeira viagem feita à capital mineira. No íntimo, no entanto, não deixou de gostar da pergunta sobre namoro, pois a testosterona da puberdade, a senhora comandante dos prazeres, andava cutucando-o nos muitos sonhos que tinha logo que adormecia. Um *insight*, entretanto, atropelou o raciocínio da questão em mente. Tirando o cavalo da chuva, começou a especular D. Rosa, passando de inquirido a inquiridor, sobre a vida de “camaradagem” nas fazendas limítrofes — seus anseios, suas dúvidas e principalmente o estudo das crianças, seus rebentos. D. Rosa aí deixou transparecer que tudo corria na “Paz do Senhor Deus”, como definia, levantando o braço com a mão espalmada por cima da cabeça em direção aos céus. Explicou em seguida que o que garantia muito a constância de correr tudo bem por essa redondeza estava na presença constante de Alzira de Zino — citando sua comadre, da fazenda Santo Aurélio. “Qui ocê tá cansado de saber, pois é de lá mesmo. Cê sabe mais qui eu.” O empenho de Alzira de ajudar a todos no objetivo de criar suas proles, no suporte de uma família honesta e religiosa ao extremo, era fator preponderante do equilíbrio socioeconômico que por ali andava normalmente, sem atropelos...

— Nós aqui — volvendo a mão em círculo para apontar a região — não temos empregados! Temos amigos! Tudo é cumpadre e cumadre. Há uma confiança recíproca entre todos. Os menores, sejam de onde forem, são respeitosos com os mais idosos, solicitando, ao se aproximarem, as bênçãos rotineiras aos cumprimentos.

Tião, ao ouvir essas explicações de D. Rosa, a respeito dessa gente, tão alegre ficou que teve ímpeto de abraçá-la e beijá-la na face. Fazia uma insólita ideia do modo de viver da gente do campo nessa região. A ele parecia que viviam sob rigoroso jugo dos proprietários de terras, sem escolas para seus filhos, assistência médica e de outros fatores que possam ser úteis a uma vida digna. Pensava que somente Sô Zino e D. Alzira tinham tais atitudes.

Desde o momento em que apeou de sua montaria, à porta da casa da fazenda em apreço, D. Rosa não lhe parecia ser o que mais tarde demonstrou. Havia em sua face um semblante austero. Testa

enrugada, com estrias horizontais, parecia mais uma inquiridora militar do que uma dama, na concepção da palavra. Foi o que viu e sentiu à primeira vista. Porém, ao desenrolar da recente convivência, percebeu o quanto se enganara. Tratava-se de uma senhora de modos finos e acolhedores. Uma solerte mulher, sagaz contadora de belas histórias. Era o que se via e o que se sentia daquele momento para a frente. Qualquer um que a mirasse naquele momento, frente ao sorriso faceiro e o brilho forte de seus olhos, como ele fazia agora, sentiria um prazer imenso. É isso aí, refletia: como é bom fazer o bem sem olhar a quem! D. Rosa agora adentrou seu coração, dele tomando conta. Já andava até com vontade de voltar no dia dos festejos anunciados para testemunhar o que ela lhe estava relatando a respeito da Folia do Divino. Essa sua resolução, entretanto, baseava-se — é de se pensar com toda força —, que a presença da moçada à mesma era um motivo muito forte para esse seu repentino interesse.

Intrigada com o desenvolvimento do rapaz com quem palestrava, mais e mais puxava sua língua, mantendo, no seu entender, altas averiguações, para sentir sua cultura a respeito. Esse um dos fatores responsáveis para que crescesse uma afinidade momentaneamente aparecida entre os dois, de idades tão diferentes! Enorme admiração de D. Rosa pela cultura de Tião foi chegando devagarinho, aumentando cada vez mais.

— Como — pensava ela — uma pessoa pode ser tão culta, sendo tão jovem?! Como esse garoto conseguiu chegar até aqui com este cabedal todo?! Estará surgindo um fabuloso crânio, da amplitude do que moveu Mozart? o menino prodígio que revolucionou o continente europeu com sua música?

Matutando sobre isso, recordou-se de que vira há pouco, quando em leituras de revistas científicas, algo a respeito de nascimentos cíclicos de gênios no correr dos séculos. Fixara bem a parte na qual os cientistas atuais ponderaram estar, a seu ver, o cérebro humano crescendo, em razão da relação encontrada no melhor aproveitamento dos alimentos propulsores às criações e averiguações dos sistemas que compõem a natureza biológica dos seres vivos no universo! Será?! — concluiu pensativa. A imunidade alcançada por descobertas de várias vacinas foi outro tema responsável pela diminuição da mortandade infantil, levando, ao que se pensa, à fabulosa complexidade em favor do desenvolvimento

cerebral do homem, no sentido lato. Fatores outros atinentes ao fato são encontrados na volúpia com que o homem procura se desenvolver nos estudos sobre embriologia. Segundo cientistas, entre eles Fritjof Capra, transparece nas averiguações antropológica e biológica que o cérebro humano parou de crescer há 50 mil anos.

Assim, nesse clima estatístico, conversa indo, conversa vindo, com menos ou mais assuntos, ora reflexivos, ora, paradoxais, chegava a hora de os interromper, uma vez que o sol já descambava no horizonte, informando que o dia estava acabando. Bem que Tião gostaria de permanecer mais tempo, uma vez que os músculos do corpo todo doíam — por falta de treino, dizia o João... Mas o que mesmo estava prendendo Tião era a faceirice de D. Rosa, não obstante seus janeiros. Ficara, na verdade, preso às suas considerações. E após o que parecia estar finalizando, eis que novos assuntos começavam. Entre eles, de entrevero em entrevero, iniciava ela a discorrer sobre temas diferentes, onde predominavam conceitos socioeconômicos de toda a região. Era uma, além de normalista, autodidata. E não fundamentalista, na expressão do vocábulo, pois lia e analisava tudo que lhe caía nas mãos, desde livros, revistas e jornais. Amava sua herdade, cercada por copadas árvores, tendo ao centro um roseiral, para o qual fugia em horas devindas de saudade. Quem a via declamar as singelas poesias do pernambucano Olegário Mariano, bom versejador das cigarras e do amor, não dizia que morava em fazenda situada no agreste mineiro, longe de tudo que é progresso possível para o tempo em que vivia. E como o fazia eloquentemente! Puxando nos efes e erres, sustando o fôlego em cada fim de verso, passava a sonhar sozinha:

Toda manhã, ao sol, cabelo ao vento,
Ouvindo a água da fonte que murmura,
Rego as minhas roseiras com ternura,
Que água lhes dando, dou-lhes força e alento.

Cada uma tem um suave movimento
Quando a chamar minha atenção procura.
E mal desabrochada na espessura,
Manda-me um gesto de agradecimento.

Se cultivei amores a mancheias,
Culpa não cabe às minhas mãos piedosas,
Que eles passassem para mãos alheias.

Hoje, esquecendo ingratidões mesquinhas,
Alimento a ilusão de que essas rosas,
Ao menos essas rosas, sejam minhas.

Concentrada, como se estivesse vivendo o conteúdo das rimas, envolvendo-se nos versos como quem ouve na alma o troar de suas expressões, sentia-se o calor de uma lágrima fugitiva a correr entre os sulcos de sua face morena, queimada pelo inclemente sol do centro-oeste do país.

E não era só isso! Diversificando sua cultura, tornava-se magnífico expoente fervoroso em várias proposições encaminhadas nas longas tertúlias que se desenrolavam, noites adentro, na fazenda da comadre Alzira de Zino. Discutia alguns dogmas com padre Joca, quando se encontravam em palestras por lá, na casa de seus compadres, em que o sacerdote era visto como bom analista da revolução científica que desabrochava por todos os cantos e que tinha como expoentes máximos os conceitos de Darwin, criador da Teoria da Evolução: uma tremenda sacudidela nos dogmas religiosos.

— Se não fora René Descartes, newtoniano por excelência, ter dado a entender ser o homem formado de corpo e espírito, amaciando com isso a dogmática clerical, talvez a ciência não conseguisse avançar, retardando assim sua evolução — argumentava ela.

O padre, como bom analista que era de temas polêmicos, usava de artifícios que a língua portuguesa lhe oferecia, manipulando-a com singular maestria, encontrando sempre, nos tropeços dos vaus da corrente científica, momentos ocasionais de adaptá-los aos conceitos religiosos sem deturpá-los. D. Alzira, aberta ao diálogo e inteligente como era, costumava envolver-se nos assuntos, dando corda para que os debates se prolongassem madrugada adentro nas sufocantes noites de quentura insuportável. Era um modo de que se valia para passar o tempo, circundada de gente tão inteligente e culta. Zino, só, à socapa, espiava acomodado à sua taça de vinho, saboreando um bom “havana”. Vez por outra palpitava, sem desejar aprofundar-se. Se isso acontecesse — pensava ele —, lhe tiraria o sabor de sorrir

com algum íntimo sarcasmo, ao ouvir os deslizes dos debatedores. Assim aprendia mais sem muito esforço.

— Ando um pouco rouco de tanto ouvir! — dizia ele, parafraseando o digno governador, Dr. Benedito Valadares.

* * *

Rosa e Alzira tinham sido colegas na escola particular de D. Nenzinha, uma autodidata de escol, que dispunha de uma biblioteca de alto nível intelectual, onde buscava com fervor novas teorias e novas descobertas no campo social. A cidade, nessa época, era muito vigiada pela austera religião católica, cheia de dogmas repressores da liberdade e da igualdade dos sexos, como um avanço de ideias de novos filósofos. Não era à toa, portanto, que moças ainda não pudessem devorar, mesmo sendo às escondidas, algo como “A Velhice do Padre Eterno”, de Guerra Junqueiro, ou mesmo alguns de Eça de Queiroz, não falando em Júlio Dantas com sua “A Ceia dos Cardeais”. Gostavam elas de lembrar a fala do bispo de Albano e Carmelengo, Cardeal Gonzaga, aos seus 84 anos de idade, descrevendo seu amor de infância:

Ai, como sabe amar
a gente portuguesa!

Tecer do sol um beijo e,
desde tenra idade,
ir nesse beijo unindo o amor
com a amizade,
numa ternura casta
e numa estima sã,
sem saber distinguir entre
a noiva e a irmã...

Fazer vibrar o amor em
cordas misteriosas,
como em comunhão se
entendessem as rosas,

como se tudo o amar fosse
um amor somente...

Ai, como é diferente!
Ai, como é diferente!

Cardeal Rufo, arcebispo de Óstia e deão do Sacro Colégio, ao lado de Montmorency, bispo de Palestrina, fazem coro com Gonzaga: “Ai, como é diferente!”.

Era flagrante um policiamento que existia por parte dos familiares, muito condicionados aos dogmas das crenças hodiernas chefiadas pela Igreja Católica, fechada que era naquele tempo de caça às bruxas. Em virtude disso, às escondidas e mesmo assim, as meninas-moças atreviam-se a manusear livros e quaisquer outras peças culturais que se encontravam na lista dos proibidos. Tratava-se de um desafio temerário. A proibição era geral.

Ao correr do martelo do tempo, a bater pelas liberdades individuais, os costumes foram mostrando outra realidade. Assim é que, já passado algum tempo, os intelectuais começaram a se libertar.

Nesse meio, tinha-se Alzira e Rosa em alto conceito. Ambas com excelente nível intelecto-cultural, amealhavam plenas condições de apreciar essas leituras com o interesse literário devido. Daí o conceito que Tião, no desenrolar da prosa, levantou da cultura de D. Rosa.

Passando os olhos pela pequena estante de livros, ao canto da sala, deu de cara com “Flores do Lodo”, do discutível Vargas Vila, o colombiano que andava mexendo com a cabeça do povo. Como era novo para si, pensou em levá-lo emprestado. Mas desistiu, na medida em que não era tão íntimo assim para fazê-lo. Encostado a ele estava, altaneiro e aprumado, um volume que lhe chamou muito a atenção, do mesmo autor. O título era nublado para ele, “Íbis”, em letras garrafais, e adiante: 1899, ano de sua impressão. D. Rosa, ao vê-lo de olhos presos à sua estante de livros, quase que dava trela, comentando algumas partes referentes a José Maria Vargas Vila, um sul-americano irreduzível, nascido em Bogotá, solitário e ateu, altivo e vaidoso, como catalogavam vários de seus admiradores e biógrafos. A maioria de seus livros era proibida de circular em vários países, em virtude de pregar uma irreverência sutil aos modelos permitidos pela

sociedade, principalmente por ser ele abjeto a todas as formas de governo constituídas. Tornou-se por esse motivo um ser sem pátria, girando pelo planeta, semeando seus pensamentos revolucionários por todas as esquinas, onde se erigissem tanto palácios como alcovas infectas. Serviu como soldado em muitas partes do mundo onde houvesse um grito de rebeldia a alguma forma de opressão. Serviu também algumas vezes como embaixador em sua atribulada vida. Ia, quando lhe era permitido pelos governos organizados, do frio ao calor, da bonança à tempestade, constituindo-se num imenso papavento a girar pelo planeta, semeando discórdias, entremeando-as com benesses, voltando às discórdias, até se chafurdar em celas policiais. Embora culto, era classificado como gênio bipolar. E assim corria o mundo.

* * *

Almoçaram! Depois amarraram os chapéus ao queixo, ajeitaram os coxinhos sobre a sela, batendo com as mãos sobre a baldrana arrochada, testando o aperto da barrigueira. E foram às despedidas, feitas conforme as normas habituais, deixando muitos abraços para Sô Niceto que não chegara ainda. Agradecendo a hospitalidade, já montados, arremeteram os cavalos que sofregamente sopraram o ar dos pulmões com força, instigados que foram pelo leve roçar das esporas às suas ilhargas. Mastigando os freios, como que resolvendo o que fazer com algum resto de capim-meloso “grudento como num sei quê” entre os dentes, entesourando as orelhas como a perscrutarem o ambiente, os cavalos soltaram a marcha com o intuito de terminar a jornada. Como a sentir que poderiam voltar para casa em menor tempo. Com isso, alargaram o esquipado com ligeireza, abraçando o cerrado torrado pela inclemência dos raios incidentes do sol. Os cavaleiros, subjugando-os nas rédeas com maestria, zelosos, sentiam os animais matraqueando as patas numa marcha picada, consumindo a estrada com volúpia e ardor, no tempo previsto para o dia. Haviam descansado o bastante, livres dos arreios e dos cabrestos, pastando numa “larguinha” junto ao curral. Haviam matado a sede num filete de água que rompia, meandrandojajeado adentro até à casa do monjolo, aquele “Senhor de Madeira” que marca o ritmo da lida no campo, cantando compassadamente sua

inusitada música chuí-chua, a derramar da caçapa a água da vida. No pasto vedado, onde ficavam os animais de prontidão, o capim-gordura enfileirava-se pelos galhos dos paus-terra e pequizeiros, enovelando-os como se fosse um noivo a levar a nubente à alcova, representada pelas luzidas copas retorcidas e emaranhadas como uma doida meada de linha. Às noites frias, quando o sereno era denso, à luz da lua, por toda a galhada brilhavam gotículas de orvalho como pérolas de grande valor, semelhantes, pela profusão, a uma cortina engalanada de ricas opalas. Assim, pastando de cabeça alta, logo os animais acabavam cochilando à sombra da grande mangueira que dominava o espaço da larguinha, em cujo pasto reservado os animais de monta da família ficavam. O verde dominante em todos os quadrantes saía da cancela de entrada ao pátio da casa da fazenda para encostar-se na fralda dos morros adjacentes. Estendia-se como um vasto tapete, abundante de saltitantes grilos, pasto para os anuns de asas amarronzadas que por ali faziam seus ninhos, vivendo em simbiose com o gado, aliviando-o dos carrapatos que mortificavam o seu lombo. Os cabeços desses montes, uns altos outros baixos, dobravam-se por encanto, aqui e ali, como se fossem corcovas de dromedários, compondo uma tira escura a delimitar o céu da terra. Ali se instalavam os lindos crepúsculos dos meses de verão brabo. Nessas ocasiões, às despedidas do sol, o firmamento, beirando o horizonte, tisona-se de rubro, como um cortinado cujas franjas tecidas de palombas douradas desciam sobre ele como toalhas a cobrir o altar medieval de sacrifícios ao Deus Pan, um filho da Terra e do Céu... Nitidamente, qualquer pessoa poderia fotografar de relance as curvas de nível feitas pela passagem intermitente do gado pelas encostas da serra... Aos olhos de curaus, as rezes pareciam andar de bando, numa grotesca coreografia. Ao soprar do vento em tempo mais arrojado, os coqueiros enfileirados como militares em dia de parada festiva, deitavam de forma uníssona suas folhagens unidas uma às outras, como feixes mui semelhantes aos rabos de cavalos em disparada, a sumir de vista pelo descampado. O capim-provisório que atapetava as margens dos grotões erodidos ondulava levemente, semelhante às ondas do mar quando sereno. Os passantes desse paraíso sentiam um arrepio na pele deslizando por todo o corpo, ao bordejar essas cercanias, como se estivessem levitando dentro dos canais arrebatadores da imensa abóbada de um céu sem horizonte.

E assim Tião, embevecido por essa plena interação com o universo, sentia-se gratificado a D. Alzira por ter lhe dado a oportunidade que estava vivendo. Absorvendo toda essa gama de motivações ambientais, sentia-se extasiado por toda essa escala uberina apresentada pela ação da natureza em transe... Nesse ínterim, nem se falavam, ele e o companheiro. Acomodados aos ritmados solavancos da marcha dos machos, iam envolvidos pela composição sonificada do ambiente, agrupada de vários ruídos, como notas musicais que o vento trazia, num longo sopro carregado de excentricidades. Compunham-se elas dos pios das aves misturados aos uivos em sustenido dos lobos-guarás, socados nos capões adjacentes às orlas da vastidão do cerrado, à procura de parceria. Codificando essa maravilhosa orquestra sem limites, as seriemas, organizadas aos pares, ingurgitavam o seu estrídulo cantar característico: “Três pote!...Três pote!...”. Correndo, asas abertas, pela relva alta, como se ninfas fossem, a dançar num interminável palco o balé que a natureza, em dia de festa, lhes ensinou. Era todo esse natural arranjo um clássico quadro pictórico de relevância mística. A natureza sábia dormia assim e acordava assim, irradiando beleza *per saecula seculorum*. A alma de quem a via, nesse panorama singular, por certo teria motivo solerte para ser levada ao ápice de transmutáveis e inefáveis sonhos.

João, cabeça baixa, abanava com um ramo de cagaiteira as mutucas impertinentes que impacientavam sua montaria, obrigando-a a bater as orelhas de frente pra trás e de detrás pra frente. Esse ritmo cadenciado motivou-o a concentrar seus pensamentos na figura de sua inesquecível Diva, que vinha e fugia, tornando a vir incessantemente, linda imagem de mulher, fruto cujo epicarpo realçava toda a beleza do ambiente.

Daí a iniciar o solfejo de uma pequena sonata sentida foi um pulo. Boca semifechada, movido pela rudeza com que sofrera o hiato de um cenário lindo onde viviam juntos, Diva e ele, deslumbrados por um amor marcado como impossível, sentiu uma vontade inabalável de externar seus sentimentos. E derivou-os para dolentes rimas de uma canção que brotava de seu coração. O movimento que fazia com um dos braços, para espantar os insetos que picavam as orelhas de sua montaria, funcionava como a regência de um compasso musical quaternário, numa singular clave de sol. Seu pingo parecia

agradecer-lhe, usando passadas mais fortes. Serviam estas de um acompanhamento singular, como marco virtual, comandado por uma invisível batuta presa entre os dedos, para concatenar os sons tirados da garganta molhada pela indução de um soluço fugaz. Acabou por sussurrar uma mistura de rimas e notas sonantes em sua cabeça, que encontraram ninho em seu ferido coração. Numa analogia à pretensão dos pais de sua Diva, que a fizeram casar com um rico senhor em seu detrimento, grafou-as e gravou-as, assim, na memória:

Bote de rico corre rio,
Corre mar,
Corre mar!
Canoa só navega no estio,
Beirando rio,
Beirando rio!
Que corre para o mar!

Bote de rico vira navio,
Que não precisa remar!
Nos igarapés do rio,
As garças não cansam de amar!

Minha canoa não vai ao mar!
Só anda beirando rio,
Que nem corça ao cio,
Carregando desejo de amar!

No vão profundo da terra
Ruge o mar,
Esbravejando como fera,
Criando ondas como alta serra:
Imensa muralha de água pura
Que pouco dura...

Na praia, desmanchando-se na areia,
Quebrando sua fúria, sua cara feia
Lamentando-se do que foi sua bravura.

Lá muito longe,
Queda-se o mar!
Que, em vagas chorosas, qual oração de monge,
de mãos postas, coração ardente, contrito a rezar.
Com um olho nos amores vividos na flor da idade,
E o outro de imensa lembrança cheia de pura saudade.
Aquietando-se! Pronto para sonhar!

Remei minha canoa a pensar:
Poderia estar feliz navegando no estio,
Ir onde sempre quis singrar,
Ladear água no meio do rio,
O remo levantado para o ar,
Pingando saudades, gota a gota,
Que, daqui, partem para o mar.

* * *

Houve hora em que Tião, levantando os olhos para o companheiro, sentiu que ele estava vivendo minuto de muita reflexão. Aproximou sua montaria à dele e, assim emparelhado, percebeu que João andava resmungando, tendo em seus lábios um meio sorriso, plantado na face em doce aparência. João, no íntimo, estava contente. Percebia-se, entretanto, estampada uma ruga na testa, que ele ainda se preocupava em como colocar aquela pequena melodia em sua sanfona, quando chegasse para um ligeiro descanso, à beira do ribeirão onde encontraria seus amigos de tertúlias singelas, quase inocentes. Era difícil não deixar de levar a velha amiga pé-de-bode numa capanga à garupa de sua montaria. Pequena e fácil de ser conduzida, estava ela ali para ser dedilhada, dando-lhe contentamento e segurança, contribuindo para achar que as léguas a serem comidas pelo casco de sua montaria não eram tão léguas assim.

Seus companheiros de trabalho na fazenda, quando juntos, sentiam-se envolvidos pelas músicas do dileto companheiro. E sempre que podiam insistiam com ele para cantá-las, dedilhando o fole de oito baixos. Nesses momentos transformava-se! No fundo, no fundo, orgulhoso, sentia-se um poeta, que gostava de falar em suas modas o que a plateia gostava de ouvir. Principalmente quando

rebuscava histórias com cenas indelévels de amores impossíveis. Na rusticidade de campeiro do sertão, orgulhava-se de sentir que suas composições mexiam com a alma dos campesinos — homens simples, de mãos grosseiras, onde em cada calo uma passagem de vida está retratada. E que nem por isso deixavam também de ter suas histórias! Também haviam amado e tinham amores! Eram tão humanos quanto seus semelhantes citadinos, companheiros da viagem encetada neste Planeta Azul, em que o Deus da Fraternidade deve residir. Assim, amam e amaram e são amados, componentes que são da humanidade, cada qual respondendo ao fluxo do meio em que vive. Diga-se de passagem, ao ler Fritjof Capra, o leitor poderá constatar a surpreendente uniformidade dos componentes vivos, que são muito semelhantes uns aos outros em todo o mundo. Quanto mais entre seres humanos! E, deslumbrado, ainda, é Capra quem expressa com entusiasmo o que brilhantemente descreve Lewis Thomas:

Aí estão eles, movimentando-se de um lado para outro no meu citoplasma. [...] Seu parentesco é muito menos comigo do que entre si e com as bactérias que vivem livremente lá fora à sombra da colina. Sinto-os como se fossem seres estranhos, mas acode-me o pensamento de que estas mesmas criaturas, precisamente as mesmas, estão também nas células das gaivotas e baleias, e na erva das dunas, e nas algas marinhas [...] e mais para o lado da terra nas folhas da faia no quintal de minha casa, e na família de jaguatirica [...] e até naquela mosca pousada na vidraça da janela. Através deles, estou ligado a todos os seres vivos; sim, tenho parentes próximos, parentes em segundo grau, espalhados por toda parte. — Thomas, Lewis apud Capra, 1982, p. 269

Por isso todos o veneravam. Por tudo isso, João tinha um lugar perpétuo no coração de cada companheiro fraterno. Na singeleza de suas rimas, por vezes tristes, estalava sempre o desabafo do coração oprimido pelas injustiças sociais. E assim “ia remando contra a maré”, como gostava de dizer.

Também, é bom que se diga: poesia não é só Virgílio, nem Ovídio, muito menos um Bilac ou Lorde Byron. Poesia em si nasce germinada no cérebro de um letrado como também de um analfabeto. Alguns dos repentistas do nosso nordeste provam isso ao derramar

talento pelas caatingas, em comunhão com o gorjeio dos sanhaços acompanhados do arrolho da “Asa Branca”. Assim o disse, com sua sanfona, o Rei do Baião, o insigne professor Luiz Gonzaga! E o que dizer do nosso Catulo da Paixão Cearense! Não o Catullus de Verona — o maior lírico de todos os tempos —, poeta de “Lesbia”, que era Clódia, irmã de Clódio, inimigo de Cícero. Não o Catullus dos poemas eróticos, mas o singelo cantador do sertão, que tinha a alma cálida, embora suave, igual à ardência da quentura dos raios solares, nobres envolvedores normativos da vida dura do homem do agreste nordestino. Seus poemas são tão reais que, ao lê-los, o leitor sente estar vivendo-os por inteiro.

Dessa forma, respeitando a solidão assistida do seu companheiro de aventuras, Tião, desejando fazê-lo voltar à integridade da realidade que vivia momentaneamente, resolveu comentar com ele a hospitalidade de D. Rosa, lembrando de várias observações que ela tinha feito, como a se desculpar. E tentou arremedá-la, assim:

— “A comida não foi deliciosa, como ocês tão dizem! Eu sei, ocês são muito educados” — assim ela se desculpava, usando da lenga-lenga própria para essas ocasiões.

Rindo, Tião continuou a falar, imitando-a: “Meus meninos! Sejam benevolentes, não estava esperando! A hospitalidade vai ser melhor, caso novamente apareçam, o que vai me dar muito gosto”.

E assim lembrava de outros momentos, como:

— Desculpem — falando do almoço —, ele num tava lá essas coisas! Achei ele meio sonso! Tava pra lá de ruim! Tenho certeza! Nada! Tudo foi feito às pressas. Pra gente com fome toda comida é boa. Prometo. Se avisarem, vai ter melhor acolhida. E olhem: quem agradece, sou eu, pelo dedo de prosa e pela visita. Lembranças e muitos abraços para Alzira, a quem muito estimo. Diga-lhe que qualquer tarde darei um pulo por lá para fazer-lhe uma visita cordial.

Não falou de Zino porque ficou sabendo que ele estava para a capital do estado, já havendo agendado uma audiência com o Secretário da Agricultura sobre os eventos que desejava implantar na região de sua fazenda. Por esse motivo não tocou no nome do compadre, há quem muito prezava.

* * *

Esse negócio de compadre pra cá, comadre pra lá era um jeito que achava toda essa comunidade para se valer de uma intimidade construída ao longo de uma boa vivência. Passavam uma vida quase tribal no sentido cooperativo para todos os fins. Se havia algum desentendimento, que é uma condição inerente ao ser humano, era logo contornada pela autoridade dos mais velhos, que eram respeitados em todas suas sábias injunções.

* * *

A tarde chegava ligeira, com o sol começando a esmaecer. Bandos de aves de todas as espécies cruzavam os céus à procura de seus abrigos. Ao longe bugios conversavam entre si, naquela linguagem rouca e ininteligível que ecoava por toda a mata ciliar do ribeirão Santo Aurélio. Tião começara a inquietar-se sobre o arreio. Há muito não cavalgava tanto em tanto tempo. Antes galopava por distração à beira dos córregos próximos à casa da fazenda. Quando mais longe ia, era ali por perto, em companhia de Sô Manoel, para fazer uma pescaria que sempre dava em nada. Algumas vezes trazia uma ou duas traíras, com meia dúzia de lambaris para o jantar. E ficava apenas nisso. Quem não gostava do brinquedo eram as ajudantes de Zabé, destinadas a limpar e escamar os peixinhos cheios de espinhas. Quem, entretanto, assanhava-se, eram os gatos da casa, que sorriam ao lado das empregadas que lhes passavam as vísceras e um ou outro pedaço mais difícil de ser aproveitado. Para o gato de Georgeta seria um belíssimo banquete, uma vez que andava enfiado das ratazanas que edificaram vivenda debaixo das almofadas do velho Ford do professor Graciano, morador da Rua Direita, ao sul da presente cidade. O forde era tão velho que os menos conhecedores da comunidade poderiam até pensar ser da era do Felisberto Caldeira Brant, o primeiro a chegar por aquelas bandas à procura de ouro, lá pelos tempos de um mil setecentos e tanto. Outros andavam a dizer que era o forde que Romualdo Ulhôa trouxe de Goiás — o primeiro a chegar na cidade de Paracatu. Se assim fosse, na verdade poderiam contar muitas lorotas. O problema é que o trambolho estava ali muito depois do bandeirante destemido que assentara praça pelas bandas do gorgulho, onde mais tarde levantar-se-ia a primeira igreja do local — vasto casarão coberto de palhas

de buriti. Pois é! Como o assunto é para quem gosta de história, o melhor é contatar o seu máximo expoente, o insigne autor Oliveira Mello. Suas palpitantes descrições — cheias por vezes de metáforas enriquecedoras e de uma linguagem de alto nível, para que o leitor passe a entender melhor os termos técnicos que a história exige como fatos vividos, com suas lendas e autênticas passagens pelas priscas eras corridas — encham de orgulho a todos os nascidos nessa imensa vastidão do solo pátrio. Em tudo que ele mete a mão, esse amor explode como semente a germinar. É de se conferir.

* * *

Começava a esfriar. A brisa transformava-se em ligeiro vento, fazendo o buritizal tremer nos contornos das veredas que desciam paralelamente aos capões de mato ralo. O som lúgubre que saía de entre suas folhas extensas transformava-se em doce sonata a conduzir os pares de curicacas, cujas asas abertas davam para cobrir o horizonte ao longe, como lindos vôs abertos. O bater de suas asas manchava de preto acinzentado a vermelhidão do céu poente — um quadro digno do *crayon* do professor Affonso Roquette, o mestre laureado pela Academia de Belas-Artes de Paris.

* * *

Em pouco mais de meia hora, avistaram o acampamento dos camaradas que construíam o açude planejado por Zino. João, lépido, passou à frente, cutucando a ilhargia de seu alazão, que, alavancado em suas patas traseiras, deu aquele estirão de jogar cavaleiro fora da sela, descendo o declive da beira do ribeirão aos solavancos... Parecia estar com sede. João, ótimo amestrador de cavalo, não se fez de rogado: retesou a rédea, puxando o cabeçalho (não era amante de freio), e deu um chega pra lá no focinho do animal que logo, obedecendo, picou a marcha com desenvoltura.

Foram recebidos com a alegria costumeira dos homens do sertão. Os braços levantados para o céu mostravam a verticalidade de seus propósitos ao saudar os visitantes. Como andavam isolados por mais de uma semana, com o objetivo de terminar o trabalho antes de o patrão chegar da viagem ao Rio de Janeiro, sentiram-se prestigiados.

Zino teria ido para contatar pessoal que pudesse lhe proporcionar ensinamentos de novas técnicas agropastoris com prioridade para produtos mecânicos, capazes de melhorar o desempenho da herdade que comprara e administrava. Trabalhavam com afinco e zelo dobrado. Eram dias infintos e incontáveis, complementados por parte das noites. Não sabiam se era sexta ou domingo o dia da semana. Para eles, eram tão somente horas vividas, indefinidas em dias indefinidos. As tarefas se revezavam num deus-nos-acuda sem precedentes. Era necessário acabar o trabalho mais árduo, que era o estanque do ribeirão, antes da entrada da estação das águas.

“Desamuntaram”. Desarrearam os animais. Um peão quase da idade de Tião, e que dele gostava muito, tão logo tratou de jogar uma cuia de água fria no lombo de ambas as montarias. E, após, conclamou seu amigo para darem uma esticada ao lago formado pela construção do açude na correnteza do ribeirão. Estando sob seus cuidados, João não permitiu que ele assim o fizesse, chamando a atenção para o número assustador de piranhas, que aumentara desde o início do fechamento da barragem. Desejando, disse ele, ambos poderiam tomar uma ducha debaixo da bica do ladrão da represa, por onde descia uma pancada de água límpida, borbulhante e gostosa. Assim o fizeram. Para Tião, o banho soava como um bálsamo emoliente, envolvendo seus músculos tesos e doloridos. Não só funcionava como um elemento sublime e refrescante, como também atuava no corpo cansado pelo socavão de sua montaria. Tudo isso lhe dava uma sensação de estar sendo massageado por mãos invisíveis de criaturas mui semelhantes às fadas dorminhocas instaladas na profundidade de sua memória — lembranças de menino mimado, a aquietar-se enroscado no colo de sua mãe, ouvindo lendas e cânticos de ninar... Na mente de seus cinco para seis anos de idade, ficaram lindas recordações, onde se misturavam fluidas cantigas dolentes com estórias da carochinha. Entre estas se destacava a do sapo que foi à festa do Céu, dentro da viola do beerrão urubu, sem que ele soubesse.

A ave chegou lá depois de voar por muitos quilômetros. Vez por outra se queixava do peso do instrumento musical que conduzia a tiracolo, sem saber que o sapo estava ali dentro bem agasalhado, enroladinho que nem cobra de duas cabeças. Pensou logo que essa anormalidade fosse devida à casaca nova que vestira para ir

à solenidade. E assim, todo imponente, chamando a atenção pelas suas baboseiras de bêbado, comeu, dançou e, embriagado, foi-se embora, deixando o pobre do batráquio debaixo da mesa. É que ele havia pulado pra fora da viola e participava da comilança pelo que caía dela no solo. Terminada a festa, o santo encarregado da faxina, ante aquela figura esquisita, a varreu para fora. E o sapo despençou de lá de cima do Céu até a Terra. Na queda, ficou em cacos. São Pedro, com dó, emendou os pedaços, dando-lhe vida de novo. Daí ser o pobre do sapo, até hoje, um animal aparentando ter o lombo colado de pequenas partes. Por não ter asas para ir às festas do céu, o santo portador das chaves dali deu-lhe um Paraíso, onde poderia reinar, soberano, para coaxar nas noites quietas de calmaria, iluminadas apenas pelas luzes dos vaga-lumes que cruzam os ares, tendo como lar o charco e como teto as estrelas fincadas na abóbada celestial. Ali, ele mais que alegre e satisfeito de ter voltado à vida, pulava, cambalhotava e, de vez em quando, olhos esbugalhados, esticava sua saibrosa língua para recolher um inseto que desprevenido andava por ali, embevecido com a fulgurante paisagem brejal. Dizem que em conversas de roda da bicharia, argumentara ele que jamais tentaria ir a festa alguma fora de seus domínios. Ainda doíam-lhe as costas do tombo que levava. Também São Pedro lhe teria dito que não deveria ele jamais querer ser príncipe sem ser filho de rei e procurar vestir casaca sem ser fidalgo. Mesmo assim, não perdeu sua empáfia. Sem se sentir culpado, continuou agindo como se nada houvesse acontecido. Pulava de golfo em golfo pelo charco sem nenhuma cerimônia. Nas noites quentes de canícula brava, em mistura com as vozes peculiares dos habitantes do brejo, em mistura ao trilar dos insetos, era comum ouvi-lo com seu som gutural a coaxar: “Sou rei!... Sou rei!...”. O presunçoso batráquio não entendia, ou não desejava entender, o grau da sua macabra aventura, que quase lhe tirara a vida, passando por filho do urubu-rei. Este, um beerrão de qualidade, havia-lhe emprestado uma de suas casacas. E colocado em sua testa um penacho fulgurante, além de um cartão de convidado. Não houve, entretanto, acordo nenhum que exigisse que o urubu tomasse conta dele. Ele que se virasse! E foi assim, num cochilo da ave em cuja viola ele pulara dentro. E foi por isso também que eles juntos se embriagaram. Um em cima da mesa e o outro debaixo dela, papando guloseimas que ali caíam no assoalho. Essa estória, como

as demais do mesmo naipe, foram a maior parte delas escritas com um segundo sentido, além de fábulas infantis. Seus autores, para disseminar suas ideias de liberdade e igualdade, encontraram o meio para fugir das condenações dogmático-religiosas que levavam muitos às fogueiras. Assim constituíam realezas, denominando os fidalgos como reis, condes, etc. Quase no presente, para não dizer dos tempos dos compositores de lendas medievais, Monteiro Lobato era mestre nisso. Criou até um Visconde de Sabugosa. Nos brejais, constituíam uma saparia (um aglomerado de sapos) com uma bela corte, onde sempre havia um rei muito presunçoso. Essas estórias fizeram um bem na formação do caráter do menino Tião.

Tião, embevecido com todos os acontecimentos que se superpunham em sua mente, ouvindo ainda as palavras de sua mãe, cujos sons ficaram perenemente gravados em seu cérebro, tão doces como o maná derramado à boca dos israelitas rumo à Terra da Promissão, levitava por trilhas ínvias, de encontro às nuvens serenas da história de sua meninice. Debaixo da bica, que caía tão forte como uma cachoeira, a vontade era não sair mais. A água batia em seu corpo, traduzindo uma sensação de bem-estar majestoso. Era como se fosse um bálsamo rejuvenescedor, como havia dito. Apreciava-a como se fosse um fator rejuvenescedor integralmente. Sentia-a como refrigerio a desabar sobre todo o seu ser, penetrando como um bálsamo regenerador até o âmago de sua alma. Para trás ficaram os cuidados que sempre levava consigo. Principalmente aquele que era fator de atribulação para seu espírito, ao lembrar a ansiedade de sua tia Tita, totalmente tomada de pânico com a tal cobrança do famigerado IPTU. A ela, essa ingerência aos seus brios, pelo modo como lhe fora apresentada a intimação, é que não combinava com sua maneira de viver. Jamais havia deixado de cumprir com suas obrigações sociais, inclusive o pagamento de impostos. Sua indignação estendia-se mais no momento em que se lembrava dos pobres proprietários de rústicas casas de morada, onde por vezes faltava até o pão. Obviamente estavam sem opção, porque provendo a família de pão não tinham como pagar o IPTU. Pagando o imposto, não poderiam provisionar sua família com o pão de cada dia. Nesse precípuo caso, se sentiam confusos ao rezar a oração do pai-nosso na parte em que agradeciam: “O pão nosso de cada dia, nos dai hoje”, sem tê-lo em sua casa. Diziam: “Rezar por

rezar, vamos fazendo sem muito compreender. O importante é que esperamos o milagre acontecer. Por hora, ao amanhecer, o padeiro não o deixava à veneziana da janela, embora estivesse ali, entre suas travessas, o saco de papel para colocá-lo”.

Não se cansava ele de recordar como sua tia Tita analisava esse promontório surgido no mar da vida das pessoas menos favorecidas da sorte. Não tanto por ela própria. Sua tia era tão querida pela população que vivia em seu redor justamente em face do seu zelo por ela. Desejava ajudar a todos. Devia ser porque não tinha tido filhos? fazendo de todos os que viviam ao seu redor os seus? E para eles vivia. Por que, pensava ela, a Câmara Municipal não votava uma lei isentando essa gente carente desse tributo? Seria melhor! Ou então seria melhor ainda que o governo da cidade desse meios de melhorar a sobrevivência dessa gente, provendo-a de recursos para trabalhar e pagar seus impostos devidos! Há muitos meios para isso — matutava com serenidade ela... Inclusive, para lembrar de um deles, criar o Banco do Povo, para pequenos empreendimentos caseiros, a quem desejasse abrir pequenas empresas.

Tião aí se fechava em copas! E, num fôlego, suspirando forte, gaguejava consigo: — Essa tia sabe das coisas! Vivência! Pois num é?!

* * *

João previu que ele demoraria ali, naquele estado de verdadeiro desligamento, levitando como uma pluma, confundindo-se com o meio líquido como se fosse uma mesma matéria. E tratou de, polegar para cima, designar um sinal de positivo para que alguém fosse até a fazenda avisar D. Alzira que iriam demorar, só podendo chegar à noitinha ou mais. Avisar ainda que o objetivo que ela planejava estava sendo cumprido com eficiência. O garoto estava gostando muito. E queria usufruir mais da excursão, viver plenamente o contato direto com a natureza. Assim pensou. Com o recado, tinha certeza de que ficaria tranquila. E João também. Suas recomendações estavam sendo cumpridas com todos os efes e erres. Poderia, em vista disso, demorar o tanto que quisesse. Tião diria que não fora sem tempo essas providências tomadas pelo seu guia. Em agradecimento, quase beija o amigo. Fora somente um impulso, mas o que fez mesmo foi dar um bruto de um urra à força de todos os pulmões!

Um verdadeiro grito de desabafo. Um urro daqueles de entortar o cano de espingarda passarinhira — diria mais tarde o seu amigo do banho na fonte improvisada.

Não foi bem por isso, entretanto, que uma bela, atarracada e gorda capivara, escorregara barranco abaixo, suavemente mergulhando na água... Era como se constituísse parte dela, deslizando-se numa sutileza incrível. Tudo isso parecendo convicta do que fazia. Sabia ela do monte de vorazes piranhas que por ali estavam à cata de alimento vivo. É bem possível, ainda, que estivesse ela, em momento anterior, ferrada num sono gostoso, acomodada a um monte de folhas secas, resultado do vento que sopra nesse começo de outono. E que desfolha sem piedade as árvores, cobrindo o solo com aveludado e colorido rejeito vegetal como se fosse refinado tapete persa... Por ali havia uma capoeira rala, formada de uma emaranhada meada barafustada de cipós tortos, beirando a orla do riacho, estampada na sua superfície límpida. Formavam figuras espelhadas, como se uma muralha fosse, cujos ramos virtuais abriam-se hirtos e eretos a saudar os céus, na horizontalidade de suas sombras na água... As traíras gordas se aninhavam por entre as raízes dessa flora *sui generis*, colocando somente a cabeça de fora, num estado singular de mimetismo aquático, à espera de qualquer ente vivo possível de ser ingerido num só bote certo. É bem possível que a capivara tivesse sido acordada com o grito de contentamento de Tião. Todavia, disseram os operários, poderia ser naquele sítio o local do malhador da manada que andava raleando, desfiando e danificando a palhada da roça de milho onde ainda havia uma soca de espigas que não foram colhidas. Isso em virtude da necessidade de se ter de convergir todas as forças do operariado da fazenda para a construção do açude. Também não poderiam deixar de lado esse empreendimento, dadas às condições climáticas. A estação da seca facilitaria muito o trabalho, aproveitando o tempo da escassez das chuvas. Nessa época o ribeirão tornava-se mais dócil, facilitando o domínio do forte talvegue naquela área.

Zino havia dado ordens para não só fechar melhor a lavoura, se se necessitasse, até com madeirame de encosto, mas também, caso houvesse necessidade de provisão, servir-se da carne de qualquer animal selvagem de caça encontrado por ali, com exceção de fêmeas e filhotes. Não se abatia senão para abastecer a despensa, sendo

proibido o comércio de qualquer natureza de quaisquer partes do animal em relevo.

A essa altura já se sentia uma tênue consciência de conservação da fauna por parte dos campesinos, que começavam a entender que o homem e a natureza precisam se completar para que a vida de ambos se desenrole a contento.

Por aquelas paragens viviam em sã harmonia o soberbo galeiro, caminhando como rei a balançar a cabeça mostrando seus imponentes chifres, com os babuínos — guaribas — e os demais macacos brincalhões de várias tribos; com as corças indefesas, a voltear pela paradisíaca campina como senhoras damas a desfilar nas passarelas luxuosas dos clubes de moda feminina dos grandes centros de costura. A onça parda, senhora absoluta daquelas matas ciliares, o lobo, o tamanduá, a queixada e o caititu, se emparelhavam, constituindo o equilíbrio daquele hábitat. Nada mais que isso. O gavião de penacho, usando de sua arguta e privilegiada visão, comandava e policiava os ares e o piso do cerrado por onde andam os lagartos sempre correndo do bote das serpentes. Conseguiram, com isso, que não nascessem mais bem-te-vis que sabiás, nem estes mais que os curiós, senhores plenos dos brejais. Percebe-se com isso a cadeia biológica perfeitamente exequível em toda a natureza para que se cumpra o equilíbrio de viventes sobre toda a Terra, no campo ou na cidade. Haja vista o que acontece nos terreiros das casas citadinas, onde hábitam pássaros imigrados de todas as partes, à procura de alimentos mais fáceis. Anexos a essa população há de se ter o predador, para que se cumpram as leis da Biologia.

Daí dizer que dos atrevidos sanhaços também o gato da Georgeta tomava conta, em suas incursões nas galhadas das jabuticabeiras e nas copas das frondosas mangueiras dos quintais da Rua Direita — a mais torta de todas as demais da cidade... Das cumeeiras das casas unidas umas às outras, fazia ele sua passarela de desfile. Daí pulava para as árvores dos terreiros ensombrados pela alta vegetação dos pomares, reservatório das goiabas, dos pêssegos, dos cajus, coroados mais embaixo pelo cafezal que, à primavera, se vestia de flores alvas como o lírio, semelhantes a véus de noivas prestes a caminhar rumo ao altar, fincado naquelas áreas férteis. Por ali, abrigadas pelas suas copas entranhadas umas nas outras como se fossem uma muralha branca de virtual cerca de um palácio invisível,

ciscavam as rolinhas-caldo-de-feijão, inhambus e saracuras vindas do brejo onde um filete de água cristalina corria solene e quieto. Tranquilas, vez por outra, essas crias de Deus saltavam por sobre o tapume da ceva dos capados, para compartilharem da quirela dada a eles como complemento das fartas refeições.

* * *

Após a ducha, Tião era outro: um sobrevivente de uma catástrofe, como dizia ele cá com seu botões. O corpo estava empinado. O cérebro funcionava a todo vapor. Uma vontade grande de alimentar-se atuava por todo o corpo, já mostrada pela intensa salivagem em face do cheiro de comida quente que exalava por todo o ambiente. Até os cães, dorminhocos inveterados, nessas ocasiões de sol ardente a queimar a paquera dos animais vivos, aprumavam o corpo, retesando as orelhas, partindo lépidos para o lado da cozinha improvisada. Ficavam por ali a rodear a trempe, sendo escorchados pelo cozinheiro — um mulato de barbicha branca —, senhor respeitável, já nos seus cinquenta anos vividos, muito requisitado por todos os demais operários que ali mourejavam. Benedito das Moças, era como o tratavam seus fraternos amigos, na intimidade. É que estava sempre rodeado delas. Sabidonas de como lidar com os sexagenários celibatários, não desgrudavam dele, quando andava a lanhar, penso ao espeto, as postas de picanha douradinha, derretendo uma gordurinha de salivar *gourmet*, mesmo em termo genérico, servindo-as com um sorriso daquele de desmanchar coisa braba.

— Êta! Tá uma delícia — diziam elas! — Só ocê mesmo é que sabe dorar uma carne como essa — e assim agradeciam-no com risinhos em lábios besuntados pela manteiga que escorria do lombo pedido.

Para ele, tinham elas os olhos brilhantes “quiném” onça-pintada, a patear solertemente, como se pisasse sem nenhum ruído sobre plumas, perambulando pelo meio da mata escura. Suas garras estavam aptas a resolver quaisquer imbróglios em seu hábitat de mato trançado! E resmungava, repetindo: “Onça-pintada” — na cara das moças de lábios laqueados a carmim vivo! Era tudo isso pretexto para que o coração de Benedito disparasse em galopes enfiáveis.

Isso apresentado assim, com os trejeitos que só uma jovem na flor de sua adolescência sabe fazer com graça, bastava-lhe. Saía confortado igual moleque ao peito da mãe a sugar o néctar da vida, sonhando com querubins a dançar, ao som de harpas dedilhadas pela fada-madrinha que vivia junto a Branca de Neve, guardada pelos anões de Walt Disney.

Não dava ele a perceber que as jovens estavam de olho era no taco melhor da picanha assada ao ponto. O certo, entretanto, é que ele, velho tramista, sentia-se orgulhoso pela barganha. Ganhara o dia! — como dizia ele, recompensado pelo trabalho árduo na beirada do fogaréu.

Já vestido, Tião foi convidado a sentar-se num toco de madeira adredemente cortado para servir de tamborete. Numa trempe formada de três pedras grandes, as labaredas lambiam a bunda de um caldeirão onde fervia uma sopa de cabeças de piranha, fonte energética, natural e eficaz. Uma cuia de farinha de mandioca “alvinha quiném alvaiade” estava ali em riba do jirau, prontinha para casar-se com um pouco do caldo da sopa para mudar seu gênero, transformando-o em colorido pirão. Neste sobressaía a massa junto à carcaça do tomatinho vermelho, encontrado subindo pela ramagem do assa-peixe branco, vegetação que comumente ruste pelas taperas, roubando o sol da relva que lhe aconchega os pés...

Um resto de restilo passou de coité-fechado à roda formada pelos peões sentados nos calcanhares, em torno do baixo jirau como improvisada mesa, onde tomavam as refeições da tarde. A cada gole, estalavam a língua e jogavam o restinho ao pé dos esteios que sustentavam o estrado feito de varas, onde colocavam os pratos de folha de flandres. Era o gole do santo, diziam! Nessa hora, um silêncio surdo se esparramava pelo ambiente. Nem o manejar das armas utilizadas — garfos e facas trançados, numa labuta brava, sobre o arroz entulhado de postas de peixes pescados ali mesmo pelo Benedito cozinheiro — davam de merecer quaisquer ruídos pelo ambiente. A tarefa agora era saborear a gororoba.

Tião saciou sua sede, sorvendo uma boa canecada de suco de gabirola e embarcou na comida com a avidez de quem há muito não tinha se alimentado. A cada colherada da sopa, um suspiro alto, como se estivesse a banquetear uma iguaria solenemente servida nos melhores restaurantes da capital do Estado. Esse rango era

como o excelente “manjar dos deuses”, de quantos tantos havia tomado conhecimento ao ler as memoráveis obras de grandes mestres contadores de histórias medievais, para não falar dos lautos banquetes dos romanos, que primavam pelo luxo bosquejado de plena luxúria.

Finda a refeição, uma lombeira foi chegando ao corpo de mansinho, convidando-o a lagartear um pouco. Foi o que fez Tião, estirado ao chão numa abençoada esteira de trançado de palha de buriti, providencialmente instalada debaixo de frondoso jequitibá-rosa. Sua galhada pensa para o lado do acampamento formava uma benevolente sombra, abrandando os cáusticos raios solares que incidiam sobre parte do terreiro onde funcionava a improvisada cozinha. Levou pouco mais de uns trinta minutos, bem não sabendo dizer quantos aconteceram, se mais ou se foram menos, quando acordou, com o suave trinado de um pássaro-preto numa gaiola pendurada numa galhada. Pertencia o bichinho ao garoto imberbe ainda que com ele se banhara debaixo da torrente formada pelo ladrão da represa. Uma nesga de musa soprou-lhe aos ouvidos sonoras rimas que há muito estavam escondidas em seu cérebro ao ter presenciado semelhante fato, na soleira da porta da casa onde almoçara como convidado de D. Rosa. Ali havia um da mesma espécie, arrochado numa modesta gaiola pendurada bem à entrada da sala de estar, o que lhe chamou muito a atenção. Achou uma similitude muito grande nos dois acontecimentos. Identificara uma variável forma de expressão de cultura rural, uma vez que o pássaro em apreço é muito perseguido pelos lavradores, sendo considerado praga, porque arranca o grão de milho plantado em terra seca com prenúncio de chuvas. Por isso, em algumas regiões de Minas, é denominado de pássaro-arranca-milho. Em outras, “passo-preto”, como gosta o mineiro de falar depressa, economizando, anexando ou engolindo umas sobre as outras, em pilhas, as letras dos vocábulos. “Sábado passado era Sete de Setembro, estava eu na cozinha...” fica assim na fala do mineiro: “Sapassado era sessetembro, tava eu na cuzinha” e daí por diante. A harmonia de sons faz do mineiro um brasileiro *sui generis*. Homens e mulheres presos entre montanhas, nascidos e embalados pela extrema vontade de liberdade aquartelada nas asas de Santos Dumont, a mostrar nos céus da pátria aonde vieram à luz os impulsos destinados a proclamar sua Independência, nas

vozes de seus mártires, da qualidade de Tiradentes e Felipe dos Santos, escudados em Bárbara Heliodora, a heroína que amou na adversidade sua terra. Esse é o brasileiro nascido nas Minas Gerais, que só tem medo de botina molhada e corrente de ar; o brasileiro que calcula as léguas pelo gasto, em suas viagens pelos inclementes chapadões, no consumo de sua matula composta de “um queijo e uma rapadura”; o brasileiro que, campeiro, só bebe água nas veredas, por ser cristalina, filtrada que é no luzido leito coberto por lâminas de cascalho brilhante, pelas fauces sedentas das raízes do buriti — palmeira que simboliza a perseverança do povo que habita uma parte do Estado de Minas, o noroeste esquecido, guardião de sua honra e de seu prestígio perante as demais regiões cobertas de benefícios pelo governo central.

Minas é território que sempre foi marco na grandeza da intelectualidade do estado. Foi e é grande por si mesmo. Não tinha estradas, construíram estradas; não tinha pontes sobre os rios de suas divisas, construíram pontes, todas e tudo para servir de acesso ao Planalto Central, onde localizaram a capital do país. Ignorado por muito tempo, o estado tornou-se o pioneiro com o expresse fim de indicar o caminho de Brasília, que deveria surgir das cinzas de uma pátria esquecida. Hoje, como ontem, sob a força de seus filhos, constitui uma das alavancas propulsoras da cultura pátria. Haja vista os colégios e as faculdades plantados com recursos próprios.

Nas águas do rio São Francisco, avolumado pelo seu maior afluente que é o rio Paracatu, a vida flui no sentido da integração nacional — uma dádiva de Minas ao Brasil. Em suas margens nasceram e se criaram vários dialetos que só fazem enriquecer e constituir a beleza da língua brasileira. Os costumes também vão se aglutinando para formar a característica do povo brasileiro. Daí Tião encontrar o que abominava — pássaros engaiolados em vários lugares por onde passava em cavalgadas pelo sertão. Pode-se dizer atávica essa predisposição estabelecida pelos lusófonos. Homens que faziam disso um processo para amenizar a solidão em que viviam, saudosos de sua Lusitânia. O trinado dos pássaros os fazia lembrar-se do arrulhar sonoro das cotovias em Ribeira Alta ou Trás-os-Montes.

Em vista dessa associação de eventos, Tião houve por bem, ao acordar com o trinado do “passo-preto”, julgar-se naquele momento

seu defensor. Em razão disso, solfejou e gravou embevecido pelo seu canto as estrofes seguintes:

INOCÊNCIA

Na gaiola de taquaras,
Jogando-se de toda forma,
Ferindo o peito nas varas,
O passo-preto, preso, não faz hora.

Geme e luta com todas as veras,
Parece não sentir na carne a dor,
E arremete outra vez, como as feras,
Que, feridas, lançam-se ao perseguidor.

Olhos lindos, entretanto,
Ávidos, acompanham este estertor,
Com admiração e espanto.

É à criança que o aprisionou
Fazem bem minutinhos e tanto,
Sem saber que o prendendo o matou.

Daí pra frente foi João quem comandou a alegria da moçada, que de barriga cheia pediu-lhe que tocasse e cantasse uma de suas modas. Fazendo-se de rogado, pegou sua pé-de-bode e dedilhou alguma coisa sem definição. Apenas soprou alguns acordes, dedos caminhando graciosamente pelos teclados em passo de harmonia. Isso fora como de costume o prelúdio de alguma coisa que poderia estar vindo por ali. A mais popular delas foi chegando de vagarinho: “Água pra cachoeira vai, água da cachoeira vem”.

Se alguém o encarasse bem de frente, notaria seus olhos marejarem. No correr disso, veria minúsculas gotas cristalinas a descer sorrateiramente, lambuzando a ponta de seu nariz, tornando-o acarminado. Amiúde passava na horizontalidade de gestos rápidos, mui suavemente, a manga da camisa xadrez pelas pálpebras, de modo de que ninguém percebesse a *délivrance* de que um amor escondido dentro de seu coração estivesse vindo à tona, a sufocá-lo.

— Diva! Sua Diva floria na ligeireza de seus dedos a tamborilar pelo teclado da sanfona. Seus acordes enchiam de harmonia o pequeno pedaço das margens do ribeirão, coberto por uma abóbada celestial, brilhante, de luzes furta-cores. Apenas uma migalha do maior templo que o Supremo Árbitro dos Mundos criou, e o homem chamou de universo, transbordou. E sons maviosos quebraram a melancolia até então instalada. Daí, quando se estendia a vista para mais longe, o céu se transformava, numa versão regionalista do “Caminho de São Tiago” em todo o seu esplendor. Visto pelos boêmios que serenatam na parte central da cidade, ele se apresenta repleto de estrelas e pontos luminosos, como candeias, cujas chamas passam a tremular sobre a ação da brisa que sopra suavemente, vinda do Alto do Córrego, se escondendo nas fraldas da Serra da Boa Vista, o degrau que leva à imensidão do Planalto Central do país. Ao adentrado do crepúsculo de verão mesmo, já na cidade, todo o céu tinge-se de vermelho desmaiado, mais para o lado do alaranjado. Pouco a pouco, como se obedecesse a uma voz de comando, a Rua Goiás da cidade, onde se opera esta narrativa, se ilumina. É o “Caminho de São Tiago” que se transforma! É a Via Láctea que cobre toda a extensão da rua. O céu, nessas ocasiões de verão brabo, parece tão baixo que, aos sonhadores, é permitido pegá-lo com as mãos, num desejo que se transforma em poesia; esta em modinha; e esta em serenatas inesquecíveis, embaladas pela lua cheia que, semelhante a uma roda de carro de boi, inicia sua navegação pelo firmamento. Por vezes, algumas estrelas desconfiadas riscam os céus de ponta a ponta, procurando se acautelarem, frente aos acordes desafinados dos cantadores “chumbados”. São as estrelas cadentes. Nos meses de agosto, até outubro de todos os anos, elas capricham, despencando do céu aos cachos em corrida vertiginosa, para se esconderem rapidamente por detrás da linha divisória entre o céu e a terra. Geralmente quando esse evento acontece, o espectador, ao sumiço do astro na linha do horizonte, sente um vazio em si, como se tivesse perdido uma coisa controlada pelo amor. Diante de tudo isso, desabrocha e reina uma paz tão comovedora, que a saudade não encontra outro meio senão de se fazer de amiga, recolhendo-se nos corações cheios de angústia por sentir que ela poderia escapar em tempos vindouros. É quando ela deixa de ser abstrata para concretizar-se, trazendo momentos de reflexão, mostrando que

se pode no presente viver o passado. É coisa de só querer. Abrir e despejar no surrão da alma a moeda ameahada com carinho no cofre chamado coração, muita vez com formas de ilusões, muita vez de felicidades, muita vez de amargas recordações que passam a ser depois de vividas... tênues brisas que se diluem nas águas da Esperança — a serena Senhora da Conciliação e do Reconhecimento —, a madrinha que os poetas tentam arregimentar só para si...

Diante disso, as venezianas das janelas se abrem para que as dorminhocas moçoilas possam, ainda em camisolas bordadas a ponto cheio, abrindo as bocas à procura do sono perdido, observar concretamente, quem eram os rapazes que compunham o grupo da serenata. Estes mais e mais acompanhavam ora o barítono, ora o tenor, cancioneiros alugados para emitir os sons mais dolentes e mais cheios de dores, correspondentes aos amores que eles pudessem despertar. Como, em sua maioria, estavam sendo movidos aos coités da boa aguardente de cana, por vezes desalinhavavam as vozes desafinadamente, provocando risotas às meninas que por detrás das talas das venezianas brincavam umas com as outras, rindo baixinho, vez por outra à intensamente, correndo para as camas.

* * *

E João sonhava! Agora, mais pesadamente, deixando os dedos caminharem sobre o teclado de sua sanfoninha. De pálpebras cerradas, danou a tocar uma balada desconhecida, dando asas ao seu talento. O amor vivia nas asas saudosas de todos, uma vez que estavam ali há mais de semana sem contato com suas famílias.

As horas passavam ligeiras. Os curiangos já se faziam presentes às margens dos caminhos que serpenteavam o cerrado. Aqui e ali piava estridente coruja-de-cupim, que acabara de acordar. Anunciava a chegada da noitinha, senhora de tez carregada, coberta de xale negro, cujas pontas sumiam por entre a galhada das árvores que sistematicamente nascem à orla dos capões fechados. Estes são templos em cujos altares abrigam-se os animais de hábitos noturnos, que vão à caça, num ritual específico, de modelos próprios para cada espécie. Vez por outra se ouve, lá pelo seu centro um farfalhar de asas de aves a se deslocar ao pressentimento da onça-parda que perambula de mansinho, saracoteando a cauda para espantar

as mutucas que, além de aborrecidas, faziam-na interromper sua concentração, motivado instinto de comer carne fresca.

* * *

Tião continuava sentado em um toco de madeira, à guisa de tamborete, num canto do triângulo onde se acomodavam, à sesta, os operários da construção da represa. Olhava o firmamento com aquele olhar sonhador que sempre nele se estampava quando de momento vinha uma inspiração para poetisar. Foi o que acontecera tão logo acordado pelo trinado do “passo-preto” engaiolado. Sempre que surgia um acontecimento desse quilate, entrava com precisão em uma segura concentração. Quando chegasse à sede da fazenda haveria de transpassar sua criação para o caderno que mantinha. E isso era feito muita vez aos sobressaltos. A pena que usava, por vezes, engasgava-se nas fauces da folha de papel que os engolia com avidez, ao mesmo tempo em que usava a memória num medroso anseio, prevenindo-se assim para que não houvesse chance capaz de oferecer escape a nenhuma vírgula sequer. Tinha como hábito a ação do perfeccionismo que parecia ser-lhe latente. Isso o diferenciava da maior parte de seus companheiros de lazer, como também de seus colegas de classe na escola. A muitos parecia não pertencer ele à galáxia em que mourejavam, pela distância que os separava, mesmo nos momentos de atos rotineiros. Isso estaria demonstrado desde seu primeiro gesto, quando, no momento em que se abrem os relatos desta despresticiosa narração, ele ansiosamente tentou entregar ao senhor que havia deixado cair “o botão de rosa” no solo da floricultura, lá pelos idos do dois de novembro há muito passado. O tempo foi-se, mas o episódio ficou gravado. O garoto transformou-se, física e intelectualmente falando, tendo encontrado amparo e condições de se desenvolver, a começar de Sô Manoel, pessoa que venerava. Daí pra frente alguns paradoxos foram aparecendo. Enquanto se desenvolvia, chegando à adolescência, crescia nele o caráter forte, presente desde que se tornou consciente de que se sentia vivo. Foi nesse tempo que nasceu a maioria de muitas cenas que serviram de complemento ao desenrolar desta obra. Ela descreve passagens, muita delas históricas, entremeadas de metáforas nas quais estão encetadas algumas fantasias.

Em se falando de Tião, não havia outro significado para esse transe! Era sim um inveterado sonhador! Alguns de seus colegas faziam parte do circo mágico que lhes acenava, motivando-os a participarem de festas onde abundava o álcool em bebidas sofisticadamente convidativas. Alguns, inadvertidamente, pegavam pileques memoráveis. Quanto a ele, preferia se embriagar de sonhos que eram transformados em peças, algumas poéticas, outras em simples comentários que guardavam em sua essência muito do que via, principalmente o singular desacerto entre ricos e pobres...

Pensando nisso, naquela oportunidade, ele meditava, a ouvir o soar do magnífico da sanfoninha do João para completar tanta emoção. Tião, de pálpebras cerradas, lembrava, entre furta-pensamentos, das palavras de D. Rosa, que lhe perguntava carinhosamente se tinha namorada. Nesse transe a testosterona, elaborada num leque mais profundo em seu organismo, trouxe-lhe seu pretensioso cumprimento. Apresentaram-se com denodo ela a ele, ele a ela. Daí para a frente um novo querer bateu às portas da dama de boa companhia denominada Sexualidade, que lhe ofereceu o braço para que ambos pudessem trilhar pelos meandros da vida. Estava se sentindo diferente. Ao mesmo tempo em que se era levado, no auge de um paroxismo envolvente, a uma situação óbvia, tornava-se assustado, titubeando-se no processo de como digerir as palavras de D. Rosa. Perplexo, iniciou uma análise desse ponto de transição, começando a encontrar por quais razões havia um mútuo interesse entre ele e a colega Roberta, a Binha, presente naquele momento em seu pensamento. Certo de que elementos afins serviam de pretexto para concretizar e fechar o elo que os aproximava, sorriu internamente, sentindo-se bem com essa virtual definição. Repentinamente apareceu em seu pensamento a menina-colega numa figura singular de uma jovem linda e cheia de predicados que lhe inferia uma vontade de abraçá-la. Falar-lhe e... quem sabe, aplicar-lhe um beijo, mesmo que fosse apenas na testa.

Apressou-se então a voltar para a sede da fazenda. Estava decidido que deveria retornar à cidade. Seus interesses o chamavam. Pareciam agora ser mais importantes. Urgia em ver se sua tia Tita estava melhor de saúde. Urgia mais ainda em encontrar seus colegas. E Binha estava em primeiro plano. Andava meio barafustado com a lembrança de sua postura como jovem menina cheia de trejeitos

característicos da idade, da juventude, demonstrando ares de quem deseja relacionar-se mais com colegas masculinos que propriamente com as moçoilas de sua idade. Isso o tornava mais satisfeito com a vida. Parecia vender alegria. Andava chutando papel na rua. Ao passar por qualquer pessoa, de sua idade ou não, cumprimentava-a, alongando os braços em sinal de contentamento. Parecia outro personagem, não aquele introvertido que só pensava em estudar e ler, ler muito!

Cavalos arreados, sanfona fincada no saco estendido à garupa do João, sem mais, sentiam-se firmes, alojando os pés nos estribos. As despedidas foram emocionantes! E partiram à larga! A montaria de Tião — um cavalo baio, esquipador de fazer inveja — mastigava os resquícios de capim por entre os dentes. A cada aclave galgado, o arrocho forte da barrigueira, a segurar o arreio sobre a enxerga, fazia-o resfolegar com sopro forte. João havia firmado mais a sela ao lombo do cavalo do amigo, prevenindo-se de quaisquer acidentes. Uma chuvinha de molhar preguiça serenava mansamente. Os animais pisavam cheios de cuidado! Vez por outra tinham os cavaleiros de abaixar as cabeças para se livrar das galhadas dos paus-terra, árvores que adoram viver às margens das estradas cavaleiras. Daí saírem respingados e meios desequilibrados, quando, ao levantar os braços para se defenderem dos galhos, os animais de sela davam arrancos também para não se molhar. Suados, não tinham como receber água fria pela cara, provocando choque térmico. João, um perfeito analista e um meio vidente do tempo, levantando a cabeça para o firmamento a perscrutar os céus, diante do fenômeno assuntado, disse a Tião que parecia coisa passageira! E era manga de chuva sem pretensões maiores. Poderiam ficar descansados que ela iria passar logo. Dito e feito! Ao galgarem um começo de serra baixa, o sol, ainda que esmaecido, dava sorrrateiramente o seu adeus naquela tarde de crepúsculo nebuloso. Agora, seu disco tismado de vermelho manso vagorosamente escondia-se por detrás de pardos montes. Os céus deixaram de lacrimejar. Uma forte brisa soprava, desviando as nuvens cor de chumbo para o lado do nascente, de onde, só em algumas vezes, vinha chuva. — Quando vinha — dizia João —, era aguaceiro derramado em baldes, muita vez transformando-se em turbulenta tempestade, arrasando e desfolhando as copas das árvores, sacudindo a terra com o ribombar de fortes trovões. Muitos

deles, iniciados ao longe das cercanias, chegavam após o faiscar dos relâmpagos que triscando os céus morriam dentro das grotas erodidas pelas enxurradas que desabavam quais fenômenos “de terra caída” — um evento corriqueiro às barrancas do rio Amazonas. Pelos lados da estrada dava para perceber, diagonalmente traçadas, mossorocas que se instalaram na terra fofa, ora aumentando os desbarrancados, ora formando ondulações como lençóis estendidos sobre o cerrado seco transformado em savana...

João estava exultante pela coragem de seu amigo. Garoto quase imberbe, sem nenhum traquejo de viagem a cavalo, acostumado a viver quase que exclusivamente na cidade, tinha se mostrado valente, tendo ultrapassado todas as expectativas previsíveis do passeio. Haja vista quando atravessaram um estreito regato, bastante fundo, onde os cavalos tomavam água pelas ilhargas. Inda bem que calçavam botas altas à prova de umidade. João para matar a sede deu vaza à guampa de chifre de boi, lançando-a à correnteza como púcaro, levando-a à boca. Tião, que jamais havia visto tal expediente, ficou encantado e desejou ele também lançar o copo preso a uma corrente de prata, para também saciar sua vontade de beber água límpida no meio do riacho que corria solerte, embora arditamente. Os animais mataram a sede, e com vontade transpuseram o talvegue, galgando com galhardia a ladeira que os elevava ao caminho chapadeiro.

A noite ia adentrando. O solo da estrada parecia estar sendo pichado, à brocha, de negro forte. Os vaga-lumes faziam uma farra de luzes, cortando o ambiente por todos os lados e ângulos. Vindos de muito longe era percebido o uivar dos lobos-guará que na certa perambulavam pelos cerrados altos à procura de parceria. Vez por outra surgiam de dentro da mata ciliar da bacia do ribeirão, olhos percucientes, brilhantes como brasa, semelhantes a lanternas, vistos com certa admiração por Tião. Ao largo, passou solene uma jaguatirica, atravessando a estrada e indo pras bandas de um capão de mato fechado. João percebeu: Tião havia se arrepiado todo, mas aguentou firme sem demonstrar receio. Somente os cavalos é que andaram passarinhando ante o odor da gatinha percebido por eles. Tião jamais havia observado o manejo ardente da mata à noite. Havia ali, nela, uma borbulhante demonstração de como a vida se delineava fora dos parâmetros de quem, como ele, nunca havia presenciado tais cenas, senão pelas descrições literárias de autores regionalistas,

que com seu característico linguajar davam de ser entendidos ao seu pulsar quente como agora. Tião via, analisava e comparava. Lembrou-se como um relâmpago do gato da Georgeta. O que ele faria ante a oncinha vista!? Aí, andou rindo por dentro. Na certa o bichano encurvaria o lombo, engrossaria o rabo e ficaria de prontidão ante assombração daquele tamanho. Correr ele não correria! Ficaria de olhos atentos, postado, pronto para pular de banda como só os gatos sabem fazer. Havia de escrever um dia sobre gatos. Seria como o escritor português José Valentim Fialho de Almeida — o Divino —, que em tese dedicou muito de sua inteligência aos gatos? Achou, meditando, que foi mordaz por demais... “Acho que não precisaria de tanto”, pensou. Fialho usou do bichano para torturar, como crítico literário tenaz, não só escritores e políticos, mas, sobretudo a sociedade. Sua autobiografia está cheia de recalques oriundos de sua vida pobre, em luta para chegar até a Faculdade de Medicina. Galgou o caminho, se formou e não exerceu a profissão, preferindo ferroar seus adversários, optando pela literatura crítica. Para isso aconchegava-se aos gatos de sua vida. Veja só — pensou, consigo mesmo —, o gato da Georgeta seria um desses? Parecia ser, pois, andava por toda parte. Em todo lugar ele chega e apronta. Mas é companheiro singular e amigo da Georgeta... Não parece nadinha com o de Fialho, que chegou a publicar, em 1894, algo a respeito, como se segue:

Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, e fez o crítico à semelhança do gato. Ao crítico deu ele, como ao gato, a graça ondulosa e o assopro, o ronrom e a garra, a língua espinhosa e a “câlinerie”. Fê-lo nervoso e ágil, refletido e preguiçoso: artista até ao requinte, sarcasta até a tortura, e para os amigos bom rapaz, desconfiado para os indiferentes e terrível com agressores e adversários [...] Desde que o nosso tempo englobou os homens em três categorias de brutos, o burro, o cão e o gato — isto é, o animal de trabalho, o animal de ataque e o animal de humor e fantasia — por que não escolhermos nós o travesti do último? É o que se quadra mais ao nosso tipo, e aquele que melhor nos livrará da escravidão do asno e das dentadas famintas dos cachorros.

* * *

À entrada da larga, quilometro e meio da sede da fazenda, ao bater da cancela, fechando-a, uma coruja deslizou em perseguição a um teiú que, arrebitando o rabo, dava-lhe chicotadas. O cavalo de Tião, assustando-se, piaçou arfando ruidosamente. Tião não se deu por desatendido. Segurou-se à meia-lua de sua sela, retesou a rédea, e, cutucando a ilharga do animal, coisa que não gostava de praticar, conseguiu dominá-lo. João, observando a fortaleza do amigo, soltou um grande hurra! Um brado de guerra como os russos gostam de dar com entusiasmo. Tão forte fora o grito, que uma ninhada de quatis, que dormitava nas grimpas de uma gameleira, despencou. Todos seus componentes desabaram ao mesmo tempo, caindo ao solo. Tião sem saber do que se tratava, pediu logo ao companheiro para irem para debaixo da árvore a fim de conhecer a espécie de animal selvagem. João não caiu na risada em respeito a ele, passando a informar-lhe sobre os costumes dos quatis em fazer isso. Nos momentos de aperto, juntam eles as patas aos focinhos e despencam da árvore voluntariamente, passando a correr e esconder-se de algum predador.

De fato, embaixo da gameleira não havia um sequer exemplar dos animaizinhos em apreço.

Logo após essa explicação, João deu-lhe parabéns pela sua desenvoltura frente ao imprevisto. Tendo seu animal sapateado, ele, mostrando maturidade e segurança, domou-o. Isso — dizia ele — merecia ser contado a Zabé, que na certa deveria de se sentir orgulhosa de seu menino.

Bem não acabara de festejar a desenvoltura de Tião, quando sua animália, que ia à frente, deu uma passarinhada. Voltou de ré, mais ou menos, uns dois corpos ou pouco menos. Fungava bravo, mastigando o freio na boca cheia de espuma. É que a seu lado, margeando a estrada, junto a um monte de lenha cortada e empilhada, uma caranguejeira havia estendido sua teia, branca como alvaiade, semelhante a um vestido de noiva com uma cauda de mais de metro. A outros que não ao João deveriam ter julgado ser uma assombração. A muitos, um fantasma. Aos demais, uma alma penada a necessitar de orações. Ele, porém, acostumado a esses acidentes de viagem em noites escuras, só teve tempo de segurar seu pingo, tornando-o a trotar, meio de banda, com as esporas firmes às ilhargas. O cavalo de Tião passou incólume, cabeça à cauda do

que ia à frente, embora meio de lado, espiando o lençol estendido sobre as achas de angico, ali à espera do carro de boi a pegá-las.

Às nove horas da noite, os cavaleiros, com os animais alegres com o término da jornada, adentraram ao pátio defronte a casa, sede da fazenda... Uma luz bruxuleante pelos lados do varandão indicava que alguém ainda não havia se recolhido aos aposentos e estava de vigília.

Ao atropelo dos animais, Zabé apareceu à porta da sala, empunhando um castiçal onde a chama de uma vela tremeluzia. Um sopro de felicidade envolveu-a. Seu menino estava de volta à casa. Havia chegado incólume do extenso passeio! Um lanho de emoção tomou conta de seu ser. Quase deixa o castiçal cair ao chão, levantando os braços para recebê-lo. Tião, mais feliz que ela, apeou, passando o cabresto de sua montaria ao seu guia, pedindo-lhe que tomasse conta de tudo, uma vez que se encontrava exausto, nada podendo fazer para ajudá-lo. Daí não deu outra! Agarraram-se! O coração pulava de ansiedade. Estava doido para contar suas peripécias. Um banho de água morna o esperava. Uma sopa quentinha ao lado de um naco de lombo de porco já se encontrava fumegante, esperando-o. Ao lado da mesa forrada com uma toalha branquinha, uma cuia de farinha de mandioca aguardava-o junto a um prato de feijão-pagão com torresmos alvos e torradinhos. Para sobremesa, doce de leite com requeijão quentinho, derretido na “rabinha” à chapa do fogão a lenha.

Tião fez questão de, enquanto tomava banho, que chamasse o João para também sentar-se ao seu lado à mesa. Isso se Zabé consentisse. Cumprido um largo ritual, João, lisonjeado, relutou muito em aceitar o convite. Zabé era toda solícita. Não sabia mais o que fazer para contentar seu guri. Este, ante tudo o que havia acontecido, o que mais o impressionou não foi a aparição da jaguatirica ao longe da estrada, mas sim — e aí iniciou o relato com veemência — a passagem em vau do Córrego Fundo, onde beberam água apanhada pelo guampo do João. Para ele foi lindo o ato. Parecia um sonho. E a destreza dos cavalos em se arremeterem contra a correnteza forte da água?... Foi supimpa! “Ao voltar à cidade vou contar isso aos colegas! Uma hora vou colocar isso no papel para jamais esquecer. Após ter lido o ‘Pelo Sertão’, de Afonso Arinos, gamei no seu estilo regionalista e em sua linguagem escorreita.

E penso que hei de chegar perto! O sertão está vivo, cada vez mais pulsante! Está me esperando também!”

Zabé ante esse relato tornou-se pálida e apreensiva pelo que pudesse ter acontecido. Quase desmaia ao ouvir essa conversa de atravessar a correnteza do Córrego Fundo.

— Pois não fora ali que o Nhô Tônico, irmão de Sô Niceto, num rodou? — comentou, buscando todas as reticências para reforçar mais suas palavras...

— Até hoje num soube mais pra onde ele foi. Só encontraram o chapéu dele embaraçado numa ipuca bem pra lá de umas oito léguas, córrego abaixo nas terras da fazenda da Barra. Dentro dele um filhote de jabuti dormia, fazendo sua sesta. Disseram que Nhô andou abusando na cachaça! Lá isso é verdade, mas o que assusta a gente é qui ele sabia nadar muito bem. Foi um contecimento qui até hoje num dá pra explicar. Até andaram falando que ali mora um caboclo-d’água. Se for verdadeira ou não essa suposição, o que é certo é que a gente deve se cuidar e não abusar. Tem qui passar é no vau mais adiante cum pedaço de fumo de rolo no ouvido cumo simpatia — dizia ela isso por ter ouvido dizer que em noites de lua cheia, às sextas-feiras, quem se atrevesse a ir lá poderia vê-lo de braços dados com a mãe-d’água. Como é muito ciumento, afoga qualquer pessoa que por ali adentra. Isso ela falava por falar, uma vez que não dava muita vaza a essas crendices.

— É necessário se prevenir — resmungou! — e, por um triz, não foi às orelhas de João por ter escolhido esse caminho. Depois acabou sorrindo pela coragem de Tião. Este procurou desculpar o João que acabou explicando ter optado passar por ali em virtude do atalho, achando-o mais perto em vista de que já estava escurecendo bastante. A essa altura dos acontecimentos, João, dando uma risada das boas, contou como Tião mostrou-se forte ante o imprevisto.

— Não havia pirigo — continuou ele a dar mais explicações — uma vez que açoitai meu cavalo ao lado do dele, abaixo da passagem, prevenino quarquê acidente que pudesse havê com sua montaria. E tombém, é bom que se diga: os animais que nós estava amontado tavam costumado a passá por esse atalho, fosse de dia ou de noite.

Queria dizer que eram treinados para serem usados às emergências, como buscar uma parteira ou quaisquer outros problemas, inclusive relativos a doenças. Estavam preparados para

sair a qualquer momento em busca de socorro. Houve uma ocasião que sozinhos atravessaram o Córrego Fundo para pastarem nas invernadas do outro lado que estavam sendo vedadas nos meses de seca.

Terminada a ceia, João se despediu. Tião e Zabé ainda permaneceram, por algum tempo a mais, trocando ideias. Foi aí que Tião mostrou-se interessado em voltar à casa de Sô Niceto no dia seguinte para participar do lançamento da comitiva que iria levar a Bandeira do Divino em folia pelas adjacentes fazendas da região. O que Zabé achava disso tudo? — quis saber ele de sua opinião. Esta não se mostrou muito interessada. Gostaria de ir com ele. Relutava, porém, de andar por aquelas bandas ao lembrar-se do desenlace havido com Zeca — seu ex-noivo que a morte arrebatou, levando-o de chofre, não lhe oferecendo a oportunidade de ao menos dizer adeus a ela. Esse fato ainda mexia bastante com seu coração, embora já tivesse decorrido bastante tempo.

Zabé, frente ao assunto, desejou saber qual a razão dessa vontade dele de ir lá, uma vez que nunca se manifestou favorável a estes eventos. Tião não soube explicar aquele desejo súbito. Acabou confessando à sua segunda mãe, como ele dizia, da sua preferência, entre as colegas, de estar sempre ao lado de Binha — aquela moça que, pelo aniversário de D. Alzira, no ano atrasado, esteve aqui na fazenda. Não deu outra! Zabé logo calculou que seu guri acabara de nascer para o amor. “Sendo assim” — perguntou ela de supetão — “por que não você deva deixar de ir à casa de D. Rosa? Deve sim, ir! Ela pode aparecer por lá na companhia das outras colegas que vão vir da cidade. Será excelente momento de trocar ideias e descansarem dos estudos do colégio. Vai ser uma coisa diferente em sua vida”, concluiu. “Você tem minha anuência e acho que D. Alzira vai permitir que você vá. Acho mesmo que ela, católica como é, será capaz de também aparecer por lá... Depende só de Sô Manoel, que foi à cidade em busca de correspondência, chegar a tempo. Se isso acontecer, ela poderá ir, tenho quase certeza. Nesse caso, você iria com ela. Não será uma boa coisa? Vai dormir, meu guri! Amanhã vai ser outro dia!”

Tião sorriu! Sorria com os lábios entreabertos de canto a canto numa face um pouco tinta, que o sangue havia feito corar. Seus olhos brilhavam mais do que de costume. Binha de agora em diante

não seria apenas uma colega de estudos e de trocar ideias sobre assuntos da escola. Passava a ser, além disso, pessoa que começava a fazer parte integrante de sua vida. As coisas seriam diferentes das demais, de agora pra frente. Seria, por tudo, sua companheira, com quem pudesse desabafar sem constrangimentos. Seria uma confidente especial.

Despediram-se, Zabé e ele, com mútuos desejos expressos solenemente: “Dorme com Deus, na paz do Senhor!”. Esse ato era de costume entre familiares ao se recolherem aos seus aposentos.

* * *

A cara com que Tião se levantou, antes de suas oblações costumeiras de agradecimento a Deus por mais um dia a ser vivido, como sua tia Tita lhe havia ensinado, dava sinais da sua felicidade. Além, naturalmente, da recuperação do cansaço da excursão do dia anterior, que o fez adormecer logo ao deitar-se, havia também tido sonhos bons, onde, por certo, Binha navegara com desembaraço.

Convidado pelo Luís vaqueiro a ordenhar a Laranja, vaca boa de leite, negou-se a fazê-lo, preferindo escanchar-se num dos varais da cerca do curral, seu mirante de observação. Por mais que Luís insistisse com ele, dizendo que havia escolhido entre as reses paridas a mais mansa para que ele pudesse, sem receio, tirar o leite, não houve jeito de aceitar o convite. Preferiu saboreá-lo ali mesmo, sentado em cima do moirão-mestre onde se encaixavam as tábuas da cerca do curral. Mesmo assim achou “um barato”, como dizia ele, fazer essa opção. O que não gostou, e falou ao vaqueiro, fora vê-lo levar o bezerro para apoiar nas tetas da mãe, para depois amarrá-lo às suas pernas, com uma focinheira de sedenho fortemente trançado. Dizia Luís que o ato de apoiar era necessário para que o leite descesse, já que havia rês treteira que escondia o leite, na intenção de amamentar tão somente sua cria. Ora, o vaqueiro continuava a informar que já tinha ouvido dizer que, apartada a cria que ficava presa à “casa dos bezerros” do curral, a mãe, incomodada com o acúmulo de leite não tirado nem mamado, encostava-se num cupim onde morava uma jiboia para dar-lhe de mamar.

Tião engoliu seco! Riu e concordou, para não desapontar o vaqueiro. Este, a seu tempo, contava e fazia uma cara de que também não “botava muita tensão” nessa lorota.

Tão logo o aparte era feito, a vacada descia a pirambeira que fazia limite à orla do córrego, para se embrenhar numa invernoada onde pastava de cabeça alta, uma vez que o capim-meloso, em formas helicoidais, trepava pela galhada, atingindo até as copas dos muricizeiros, vinháticos, pequizeiros e imburanas.

Nessa descida, vez por outra, uma das vacas paridas de novo parava. E de cabeça pra trás, respondia com mugidos longos aos berros lamuriosos dos bezerros. As trocas dos berros cobriam toda a extensão da várzea, como se fossem ecos lúgubres.

* * *

À tardinha, Sô Manoel — o motorista — clicou a buzina do Ramona à frente da cancela do pátio da casa da fazenda. Solícito, abriu-a um dos meninos que travessurava em traquinice por ali.

Uma chusma de correspondência foi derramada sobre a mesa. D. Alzira fora logo rasgando os telegramas, por serem mais urgentes. Em um deles Zino avisava que deveria sair do Rio de Janeiro ao final da semana entrante com destino à capital do Estado. Avisaria tão logo chegasse a BH. No mais, eram revistas e cartões saudosos. Silenciosamente, falavam de amor e de intimidades. Jornais? Ficariam para depois! Primeiro as cartas, em cujas linhas a vista embaralhava-se, uma vez que não havia outras coisas senão queixumes saudosos. De negócios pouco falavam elas. Contava Zino, em uma delas, que o Rio de Janeiro estava cada vez mais bonito. E que seria mais ainda se houvesse a companhia dela, sua dedicada esposa, ao seu lado. E por aí ia, se desenrolando sem mais assuntos que não fossem subentendimentos desse porte. Alzira, acabando de lê-las, soltou seu corpo em sua “chaise longue” — sua amiga de oportunas confidências em horas de meditação profunda, inclusive de suas insones noites de calor causticante, que a deixavam num torpor imenso... A cadeira era sua amiga discreta, silenciosa, concordante, sem nenhum subterfúgio. De olhos fechados como se estivesse em transe, dava aparência de estar a sonhar, mostrando uma fisionomia cheia de felicidade. Sorrisos que vinham de orelha a orelha demonstravam esse estado de euforia mui comum nesses momentos. As falas das cartas que chegaram tornaram-se cúmplices positivas para se chegar a esse estado de complexa euforia.

* * *

Bem não havia engolido uma xícara de café, pelando “como num sei quê”, Sô Manoel já se preparava para limpar o carro que era só poeira. O pedaço de queijo que Zabé colocara à mesa fora comido com sofreguidão. Ficara sabendo da disposição de D. Alzira em visitar a comadre Rosa, festeira-mor do grupo que deveria sair em folia para rezar a Novena do Divino. Esta, como diziam, tinha como objetivo rezar a novena, visitando várias propriedades circunvizinhas e, ao mesmo tempo, arrecadar espórtulas para financiar a festa, com procissão e tudo, na cidade. Sô Manoel, conhecendo como ninguém o espírito aflitivo de sua patroa, não esperou que ela o determinasse zelar do carro, e “mandou brasa” para solucionar logo o problema. Contou logo com a ajuda de Tião que, rápido, arregaçou as mangas. E cuia de água pra cá, cuia pra lá, pano esfregando aqui e ali, em pouco mais de nada o carro estava tinindo de limpo. Tião estava doido para que Alzira decidisse ir até a fazenda de Sô Niceto, dada a aparência solícita que mostrava em tudo relacionado a isso.

Às tantas da tarde, o Ramona serpenteava pelos espigões da Serra do Beija-Beija. No banco traseiro, D. Alzira apreciava a paisagem limítrofe das duas fazendas. Apreciava e fazia seu arrazoado não só sobre a qualidade das terras que transpunha, como o estado como elas se encontravam. Apontava ao Sô Manoel para que ele passasse ao vaqueiro a necessidade de remover a vacada leiteira para outro pasto, para vedar a Larga da Serra para os dias vindouros da seca, conforme Zino havia estabelecido e não cumprido. E ia mostrando ao Tião, dando nome às tiras de terra por onde estavam passando. Uma hora era uma ponte sobre um ribeirão, outra hora um mata-burro. Aqui e ali apontava algum acontecimento havido. Entre estes andou chamando a atenção para um dos que mais a impressionou. Em um dos flancos da serra, num taco de fralda onde a “gueiroba”, o bacuri e o vinhático eram dominantes — terra doada a Zeca pelo tio —, estavam as ruínas do que fora parte da herdade onde ele e Zabé iriam residir, não fora o acontecido que o levou dessa pra outra... Alzira, emocionada, lembrou, mas não quis ir muito além do que já havia dito, daquilo que lhe fora contado pela própria Zabé. A emoção fora tanta que acabou contaminando não só Tião como o próprio Sô Manoel, seu chofer. Mostrando certo roçado que agora tendia para ser tapera, pelo sistemático abandono de Sô Niceto, murmurou ela com voz embargada:

— Ainda ali — apontando com o dedo da mão estirado —, junto ao rego que ainda se mantém vivo, pelo visto, correndo sobre o pedregulho, estão as ruínas da “chaumière” — esnobava seu francês escorreito — onde Zeca instalara seu canteiro de obras na construção de sua fazendola.

Falou e calou! Estavam já na descida do vale onde, na fértil várzea, se encontrava a herdade da amiga e comadre Rosa.

Tião fora um observador insólito, gravando tudo que via. Os menores detalhes tornaram-se tão importantes quanto preciosos, pelo aspecto como se apresentaram aos seus olhos inquisidores, fazendo-o senti-los profundamente em seu âmago como se os tivesse vivido. O amor que desfrutava a Zabé fê-lo triste ante o fato consumado contado por D. Alzira.

Daí, meio dormindo, meio acordado, ia Tião embalado pelas sacudidelas do carro em estrada não pavimentada. Era cheia de sulcos e montículos, dos quais, nem a habilidade de um motorista experimentado que era Sô Manoel conseguia evitá-los. O rapaz, com meticulosidade, abrigou tudo que estava presenciando, valendo-se de sua extraordinária memória.

Não perdendo nenhum de todos os aspectos que vira, transformou-os em poema que mais tarde transcreveria no seu caderninho, amigo de todos os momentos de sua vida. Ei-lo:

DEDUÇÃO

Na vertente do bico da Serra do Beija-Beija,
Deitada na rala ramagem inóspita, intrusa e adeja,
Jaz uma que fora antiga apelidada cancela mutilada,
Ao lado de um velho e roto ripado,
Coberto com o cheiroso melão-de-são-caetano,
Trepadeira cheia de suspensos frutos acaramelados,
Formando cortina manchada de pontos à luz do sol, “faiscano”.

Mais à vista, na curva de um outeirinho coberto de hera,
À frente, um “pé-direito” da casa que hoje virou tapera,
Uma açucena carregada de flores alentejoadas,
Navegando pelas frestas por entre pedras marroadas.

No quadrilátero com aparência de varanda que era,
Poder-se-ia ouvir sussurros induzidos pelo vento,
Traduzindo muitas histórias em muitos poemas,
Transmutados hoje no triste pio da jaó ao entardecer,
No trinado dos sanhaços saltando nos galhos das juremas,
Despedindo-se do dia que não tardava a escurecer.

No pomar, erva-de-passarinho, perversa companheira,
Cobria de escuro-verde as tristes laranjeiras.
No chão, dois dedos de viscoso emplastro
Composto de miríades de frutos bichados das goiabeiras,
Emanando um odor de ervas fortes igual ao do mentrasto.

Às ave-marias, no varjão, às fraldas da serra,
As perdizes que ali nidificam, mimetizadas à cor da terra,
Quietas, cochilam embaladas pelo canto estrídulo das seriemas,
A correrem pelo capinzal, gritando “três potes”, como poemas,
Regidos pelos pica-paus, compondo a orquestra como maestros,
Bicando em compasso um mamoeiro velho de guerra!

Corças, à brisa, focinhos para o alto, aos trotes,
Galgavam as moitas de capim com saltos altos e fortes,
Formando gigantescos arcos de lindos traçados sinuosos,
Tintos pelo lusco-fusco vespertino — uma miragem.
Compunham “um pinturesco afresco” com traços harmoniosos,
Transformando a campina num quadro — uma bela paisagem.

Inda se vê um resto de balanço de dois lugares,
Suspenso por uma cordoalha à trave de um arredondado
Caramanchão de flores vermelhas como rubis lapidados,
Transformado agora em abrigo de muares.

Ali, dois anjos cá da Terra, amores eternos juraram,
E, em tempos que vão áridos, ali se sentaram!
Naquele balanço — ela, linda moça, desvelo de seus pais.
Ele, guapo jovem da adolescência saindo da puberdade,
Ambos derramando desejos na flor da idade,
Em ritmo avançado: comuns corações se entrelaçaram!

E na tarde calorenta,
As frutas pelo chão bolorentas,
As lágrimas derramadas saudosas
Por quem deveria ali estar..
E foram levadas pelo vento,
Possivelmente até o mar!

Algo deve ter acontecido,
Que não deixou rastro pela estrada.
Somente ouvindo do vento, induzido,
Um queixume surgido do fundo
De duas almas cansadas,
Ao que parece, vindas de outro mundo.

A um solavanco mais forte, contornando uma guelra de ipueira que descambava para um terreno encharcado, talvez uma das cabeceiras do filete de água que corria pelo meio da tapera, há pouco assinalada pelo indicador da mão direita de D. Alzira, Tião acordou. Assustado, percebeu que o carro já desbambava pelo declive, dando acesso à cancela do curral da fazenda. D. Rosa, ante o pipocar do carro que descia resfolegando como cavalo cansado após uma estirada forte, a galope, como se estivesse atrás de uma rês braba disparada pela campina, já se encontrava à porta, toda risonha, braços largamente abertos para abraçar sua velha amiga e colega de colégio. D. Alzira, às pressas, ainda que meio cambaleante pela sacudidela do veículo, em razão das bacadas que Sô Manoel tentava amenizar, acabando de apear, correu aos braços da comadre.

A poeira levantava ao baticum dos pés dos dançarinos sobre o chão de terra batida, comandados pelos acordes da sanfona, tirados pelos dedos mágicos de João, que tinha sido convidado por D. Rosa em dias anteriores que esteve em sua fazenda. Benedito das Moças cuidava da brasa que deveria ser o algoz dos pobres dos leitões e patos que deveriam ir às comidas, devidamente assados em pururuca. Parecia até que aquela dependência não ia conter o tanto de gente que ainda estava pra chegar. Só da cidade, diziam, deveria aportar ali umas tantas quantas em caminhão médio contratado para tal. Em virtude disso, já haviam estendido a casa para os lados e pela frente com puxados cobertos de frondes de coqueiro.

A coisa prometia! Muitos anos correram depois do insólito e fatídico acontecimento que ocasionou a morte de Zeca. O povo da região respeitara o luto dos Niceto por essa perda irreparável. As datas festivas serviam mais para recordações fortes que mesmo para comemorá-las. Agora que as tristezas diluíram-se, e novas gerações foram chegando, não há como deixar de mostrar a elas que a vida precisa ir adiante, obedecendo às transformações do universo, que são contínuas e permanentes. As conquistas harmonizavam-se aos princípios genéticos. Com isso também a cultura da nova geração mostrava ser outra. O ego formado pelo condicionamento adquirido, interagindo com novos avanços tecnológicos, não era o mesmo de épocas passadas. O *self* naturalmente sofreu uma alteração tremenda por essas conquistas temáticas que vieram modificar certos estados da vida moderna, no sentido de ser monitorado por costumes outros a navegar por ela.

D. Rosa não sabia o que fazer para agradar a visita. Não a esperava e achava que era mais uma conquista dela e do Tião. A conversa que teve com ele, bem se lembrava, acabou produzindo frutos. Estava feliz por isso.

Tião não se deu por vencido. Abriu o jogo e perguntou logo pelo povo que deveria já estar ali, vindo da cidade, conforme D. Rosa lhe dissera.

Alguém mais bem informado deduziu sua apreensão. E querendo amenizá-la, foi logo dizendo, passando a mão em sua cabeça, onde cachos de cabelos dourados pendiam:

— Fique calmo! A gente citadina gosta mesmo de chegar mais tarde, com a festa começada. Isso é redundância muito comum. “Prôcêvê, tá chegano” gente a toda hora. A pobre da cancela nesse bate e abre, abre e bate, não sabe o que fazer, espia! Tem lá um garoto pra vigiar a criação pra não misturar com as outras no pasto da frente da casa!

Tião, coração batendo forte a essa alternativa relatada, não sossegou enquanto não ouviu ainda que meio longe o ronronar do caminhão bufando pelo cerrado adentro. Não deu outra! Era isso mesmo! A máquina serpenteava pelas vertentes do vale que se estendia por toda a várzea da fazenda de Niceto. Em cada curva do caminho, ficavam registrados por um tempão os sons das modinhas que estavam sendo cantadas pelos alegres componentes,

acomodados na carroceria do veículo. Os animais de beira de estrada, como as corças, entesavam as orelhas e, espantados, não tinham nem “pernas pra que tenho”, permanecendo bobas a avaliar donde vinha tanto barulho. Acostumados aos ruídos característicos do cerrado, não sabiam aquinhoar os sons em acordes que não conheciam. Daí a estupefação de todos.

Inda bem não havia aberta a cancela por um mais aflito que ele, que era mesmo Sô Niceto, o grito unísono partiu do caminhão, chegando forte aos ouvidos de Tião. Os “adrianinos” espocaram! E a letra contagiante explodiu forte na garganta de todos com a clássica: “Ô abre alas que eu quero passar”...

D. Alzira e D. Rosa, que já estavam acomodadas à varandona da casa, levantaram-se para sentir a vibração da mocidade. No coração das duas uma tênue nuvem de recordações inefáveis se aninhou. Lá pelas eras vividas em festas que serviam de encontros fortuitos, muitos acontecimentos se fizeram marcantes em suas vidas de jovens alunas da Escola Normal da cidade. Foi aí, em uma dessas reuniões festivas, que conheceram seus atuais maridos. Daí também a forte amizade que as unia, perdurando até a presente data. Zino e Sô Niceto, guapos adolescentes, seguiram o mesmo caminho de suas esposas. Além de amigos, eram também vizinhos de tapumes naturais e cercas de arame farpado, que só não existiam em limites dos corações. Colaboravam em tudo. Muitos os achavam fraternos demais para o que acontecia entre eles. Uns até supunham serem eles irmãos biológicos.

* * *

Brilhante como estudante na Escola Normal, D. Rosa, além de boa aluna, era também a adolescente que puxava a dramaturgia nas aulas de Socialização, uma nova modalidade de preparar o estudante para a vida. Em muitas comédias, sobressaía-se como elemento primordial nas cenas de comicidade e de farsas. Estava sempre representando. Trazia nas interpretações os problemas sociais ao palco do colégio em busca de soluções. Com seu talento era o tanto e o quanto que necessitava para desenvolver crítica construtiva à maneira como se vivia longe dos grandes centros intelectuais do país. Com essa sua espontaneidade, vivia às turras

com o professor da disciplina, um fiel defensor das ideias cartesianas que impunha ser o ente humano composto de corpo e alma — o dualismo que vem desde os primórdios do séc. XVIII regendo os problemas da física newtoniana. Já se vislumbrava palidamente uma nova fase da ciência, introduzida pelo talento de um austríaco chamado Erwin Schrödinger, criador da Dinâmica Quântica, que andou absorvendo a Teoria da Relatividade de Einstein, criada em 1920 para revolucionar o mundo. Daí apareceram os defensores do que se pretendeu entender como sendo o Monismo, que vem sendo discutido com perseverança pelos cientistas nos tempos hodiernos. Dele se apoderaram os materialistas para apartarem Deus de todas as conquistas da ciência. No momento discute-se o valor da consciência como a força de criação da matéria. Dizem que é preciso haver o observador para delimitar o fenômeno. Com ele estabeleceu-se a noção de universo como se é apresentado hoje.

Estão atrás da partícula que deve ter sido formada imediatamente após o “big bang hipotético” da criação do universo. Higgs, um físico inglês, autor dessa hipótese, foi quem lançou essa teoria. Esse o motivo de ser essa partícula conhecida como Bóson de Higgs. Este, por sua vez, está hoje nas manchetes de todos os jornais e revistas científicas, pela pesquisa feita com o acelerador de prótons no maior aparelho construído por um consórcio de países.

* * *

Tião, logo que as pessoas desceram do caminhão, procurou de imediato ver se sua Binha estava no meio delas. Observava todas, até que a distinguiu. Seus cabelos revoltos, emoldurando a face corada, contendo um sorriso contagiante de orelha a orelha, faziam-na, aos seus olhos, um quadro para ser venerado, para ser amado, para ser... Não concluiu o pensamento. Ela, logo que o viu, veio saltitante ao seu encontro, com aquela alegria jovial, característica de quem também desejava encontrar o amigo de sempre. E... pela primeira vez se abraçaram de modo diferente: perdurando mais do que normalmente faziam. A bactéria do amor se instalara em seus corações — um microrganismo resistente às vacinas até agora conhecidas.

De imediato, após a característica euforia que sempre há em momentos de confraternização, em prosseguimento a alguns atos

costumeiros, de muitos abraços, beijos e indagações a respeito da vida de cada um, o “chefe comandante da folia” deu ordens para o começo da ladainha que inicia as novenas. Como sempre, perante o altar improvisado, ajoelharam-se os que podiam. Os que não podiam ficaram de pé, em respeito, e a novena transcorreu nos seus conformes originários e ritualísticos. Cá fora, nas adjacências, muitos camponeses de chapéu entre os braços dobrados à ilharga, olhares singulares aos estados semimísticos, permaneciam contritos.

Os fogos de artifício queimados indicaram o término da solenidade religiosa, passando ao lado festivo, assim relatado:

Os balões estão no ponto,
Agitando a meninada,
Que aos pulos gritam,
Correm, cabriolam,
E a festa começa animada.

Lá na sala da casa colonial,
Uma lufada de vento quente
Vem da fogueira, que, em especial,
Foi acesa no pátio da frente.

A sanfona sopra, ronca e grita,
No dedilhar do poeta da redondeza.
A alma de sertão nela se agita,
Com cadência e com real firmeza.

Os pares volteiam-se, gingando,
Num compasso ritmado e dolente.
Nos cantos da sala, pitando,
As velhas cochicham maliciosamente.

No quintal adormecem as laranjeiras.
Nelas titilantes, os pássaros há pouco
Faziam uma algazarra sem beiras.
Agora se quedam de trinar, roucos.

A lua, ziguezagueando por entre frestas, navega,
Driblando as nuvens de um céu semiestrelado,
Clareando com sua pálida luz o descampado,
Correndo solta, brincando de pega-pega.

Seus raios de luz flutuam por sobre o arvoredor,
Juntando-se a uma graciosa brisa que agita
Seus ramos, solfejando sons de uma bonita
E sutil ária de lindo e bem ensaiado enredo.

A moçada, como que insuflada
Pelos ventos alísios da felicidade,
Saracoteia em deslanchada
Marcha, sufocada de ansiedade.

Não era, entretanto, tudo que bem assim
Corria aos lampejos da tranquilidade.
Às mãos de João, murchava um galho de jasmim,
Que há pouco havia sido colhido no jardim
Plantado na frente da casa da herdade.

Com a cabeça baixa, olhando-o sem cessar,
Parecia estar vendo-o por lágrimas coberto,
A derramar-se por entre as sépalas, um mar
De tristeza, de decepção, com o coração aberto
Numa só ferida a sangrar de tanto desafeto.

É que a menina dos seus olhos, sim,
A mais bonita em todos os sentidos,
Foi-se embora pra longe daqui,
Deixando saudades que jamais deixou de sentir,
Agora estampada nesse murcho galho de jasmim,
Como condensado filme da vida,
Que pensou em um dia ter podido assistir.

Por um momento, João deixou sua pé-de-bode, desatando-a da
ilharga onde estava suspensa por correia trançada em hipotenusa
ao tórax, deixando-a sobre um tamborete. E, longamente, correu

os olhos pela plateia, indo sentar-se à frente de seu companheiro Tião. Este notou na face de seu amigo a tristeza que emanava de seu coração. Não precisou que conversassem. O ramo de jasmim às mãos do amigo dizia tudo. Naturalmente, Diva estaria por perto. Há muito João procurava esquecê-la sem poder. Quando tocava suas músicas preferidas, é como se nelas insuflesse toda amargura que lhe vinha à alma. Sua menina dançava em sua mente com estrepitosa alegria que só a juventude sabe carregar. Tinha-a em seu coração como a havia conhecido na jovialidade de sua idade primaveril, a estampar-se em todos seus momentos de reflexão.

A essa altura do acontecido, providencialmente Binha apareceu, interpondo-se ao meio dos dois amigos. Não precisou de apresentações. João já a conhecia, não só pelas fotografias tiradas com outras colegas, que Tião guardava no bolso de dentro do casaco, mas também em outras festas em que fora o músico-chefe, tendo-a visto como participante, ainda que solitariamente sentada junto aos seus familiares.

Entretiveram-se ali por alguns momentos até que Tião foi convidado a dançar uma marchinha carnavalesca pela amiga e colega. Ambos eram neófitos no assunto. Sem saber pra que lado era isso, desandaram, entre risotas, aos pulinhos, trocando os pés, até que sob o ritmo da música pegaram passo, saindo-se mais ou menos bem.

Após a cantoria dos foliões, diante do improvisado altar do Divino Espírito Santo, saudando os donos da casa, rapazes e moças e demais familiares, enfileirados em roda, atuavam na coleta dos donativos para o leilão que deveria ser realizado. O folião-tesoureiro marcava em uma caderneta as ofertas em bezerros, potros, porcos e até aves, também todo tipo de mantimentos. Tudo isso seria leiloado ao final das novenas na sede da prelazia, que determinava os leilões a serem feitos em barraquinhas ao Largo da Matriz, ponto central da cidade. Muita vez os próprios ofertantes pagavam os lances para ficar com os donativos que longe da cidade poderiam trazer dificuldades para outro arrematante.

D. Alzira havia ofertado uma trela de pinguelos que estava no retiro do Curral do Fogo. Era pra ali que Zino, em seu afã de selecionar o gado de criar, mandava o que de melhor possuía entre os tantos que pegava todos os anos. Os garrotinhos eram vendidos em levas, mandadas aos pontos mais distantes, sertão adentro, para

servirem de reprodutores, enquanto as novilhas permaneciam na fazenda para aumento da criação.

* * *

Terminados os festejos, na volta para casa, Sô Manoel decidira passar pela nova estrada que acabava de ser concluída, por ser mais perto. Até então, na antiga havia uma ponte que andava meio perigosa, por sua idade de construção. Zino, para evitar a passagem por ela, determinou que se construísse o paredão da barragem sobre o ribeirão mais largo, para caber com folga um veículo automotor, servindo assim como um natural meio de atravessá-lo. Como já havia, à véspera, sido fechada a represa, tornar-se-ia mais rápida a viagem de volta, já que estariam viajando a alta madrugada. D. Alzira concordara. Mesmo porque dava de conhecer o novo empreendimento que deveria equacionar o progresso de sua propriedade. Faziam, ela e seu marido, um trabalho de organização social naquela região, em complemento ao que os próprios moradores dali realizavam. Instalaram um processo de cooperativismo, onde todos se beneficiavam proporcionalmente ao emprego da força-tarefa de cada um. Daí a necessidade de uma nova conquista que estava concretizada agora com a promissora estrada que ligaria a fazenda à cidade.

* * *

Os festejos marcaram tento. Inda quando reiniciados os trabalhos escolares, eram lembrados por Tião e os colegas, dentre eles Binha.

Alguns dias se passaram, caindo tudo na normalidade. A vida de cada um desenrolava-se sem maiores problemas. As corridas de cavalo aos domingos transcorriam, movimentando toda a comunidade no preparo dos páreos, das apostas e, sobretudo, do baile que deveria acontecer logo à noite nos salões do Jóquei Clube Paracatuense — o vovô dos jóqueis clubes do Brasil.

Além de constituir um polo de turismo para a região, nascia como consequência uma perene rivalidade no sentido de melhorar os valores genéticos para a criação de cavalos de corrida entre muitos

fazendeiros. Desencadeou-se com isso um círculo maior, envolvendo criadores de outras regiões como Unai e adjacências, saltando o rio São Marcos, indo até Ipameri, uma gostosa e próspera cidade do Estado de Goiás. Vez por outra em cada temporada anual, as corridas se faziam ora em uma cidade, ora em outra. O evento transformara-se no acontecimento social máximo da região, onde cada Jóquei Clube procurava apresentar-se melhor que o outro. Ipameri e Paracatu tornaram-se irmãs fraternas nessas salutares disputas. A primeira, com grandes exemplares, uma vez que sediava o Sexto Batalhão de Cavalaria do Exército Nacional. A segunda, com sua tradição por anos e anos vividos, ainda quando a pista de corridas era chamada de raia.

As corridas aos domingos eram o xodó dos munícipes. Transformava-se em um acepipe que todos desejavam saborear: brancos, negros e mulatos, ricos e pobres, numa comunhão onde a liberdade corria nas patas dos cavalos e na mente da população — um delírio inesquecível! Uma miscelânea importante, mesmo que fosse temporânea. No calor da disputa prevalecia o fôlego do cavalo e a chibata do jóquei.

* * *

Os dias corriam céleres. O ano estava terminando. Das festas natalinas já se falava. Zino, que há mais de vinte dias estava fora de casa, fazendo viagens de negócio, avisara por telegrama que estava chegando. Achava-se em Belo Horizonte, quando surgiu um imprevisto, necessitando retornar à capital federal, Rio de Janeiro, onde necessitava encontrar-se com políticos da sua região em Minas, para ser liberada uma verba nacional a fim de construir a estrada que ligaria Paracatu a Coromandel, no Triângulo Mineiro. Havia prometido isso ao prefeito da cidade, valendo-se de seu prestígio, dizia sua excelência, o presidente da Câmara Municipal de Paracatu.

Pessoalmente convidou uma prima, um sobrinho e uma sobrinha — garota de mais ou menos sete anos de idade, não mais. Iriam se divertir muito. Como era perfeccionista ao extremo, solicitou, por carta a Zabé, a arrumação de seu quarto de dormir com tudo de melhor que encontrasse em seus guardados. Podia lançar mãos de algumas peças do seu enxoval de casamento, que

gostava de usar vez por outra em situações de extrema sutilidade de afetos amorosos.

A hora chegara. Zino adentrou a porta de sua casa, precisamente no dia por ele marcado. Receberam-no com grande festa domiciliar — alegria por toda parte. Alzira estava deslumbrante. Havia usado colônia Jean Patout ao banho. O perfume desandava fortemente pelo quarto. A água de colônia francesa impregnava as roupas leves e provocantes que havia vestido. Se pudesse, engalanaria a Rua Direita na confluência do Chafariz com bandeirolas e balões coloridos. Encomendara ao Yeyê — fogueteiro do Largo D'Angola — umas dúzias de foguetes de vara para queimar na inauguração da nova estrada. À Bisquinha, liderança nata e também doceira de primeira, moradora do começo do Largo do Santana, pedira fabricar cartuchos de confeitos. Seriam os doces distribuídos às crianças da região do Santo Aurélio que ali comparecessem. Queria uma tarde de gala, tão logo ali chegasse.

Zino era todo solícito. Ria pelos cotovelos. Uma onda de endorfina o envolvia. Abria com cuidado os envelopes trazidos, contendo fotografias de paisagens por onde andara, como também alguns presentes para os amigos, conhecidos e familiares. A cada um que abria, mais se acentuava o hormônio neurotransmissor de felicidade e prazer em seu espírito. Para Alzira, trouxe vários. Dentre estes salientavam-se os tecidos finos, xales bordados e lenços finos de procedência chinesa, todos importados. Reservara com cuidado um pequeno envelopinho, contendo uma pulseira de ouro branco, cravejada de esmeraldas interpostas por brilhantes. Ao guardá-lo no bolso de dentro do casaco de frio que iria usar na viagem, estando Alzira ausente, fora, esse ato ingênuo, contudo, visto por uma das primas que ali se encontrava como convidada. Zino, tendo sido esse gesto percebido, exigiu-lhe silêncio. Era um segredo que guardava a sete chaves. Só revelaria no momento que chegassem à fazenda. Faria coro ao espocar dos foguetes. Coroaria a festa com o maior desejo de regamente presentear, naquele momento, sua esposa amada.

Aí, dizia ele, a festa seria outra. Estaria gratificado imensamente em poder ver sua Alzira cheia de felicidades. Amava surpresas. O impacto que sempre causava com suas atitudes dava-lhe um estado de euforia que lhe lavava a alma.

Havia adquirido a joia em uma das ourivesarias mais badaladas da Rua do Ouvidor da capital federal, a linda Rio de Janeiro, orgulho dos brasileiros.

À véspera foi a vez de Sô Manoel voltar à floricultura, obedecendo às ordens de sua patroa, para comprar arranjos de botões de rosas vermelhas para colorir a varanda da casa, em jarros de porcelana chinesa. Mais uma vez, mostrara ela suas preferências pela cor das rosas.

— Engraçado! — dizia ele. — Como as coisas se repetem!

Para lá se dirigira, com o pensamento no que acontecera com ele, em tempos passados, em que conhecera Tião... Lembrara do estado em que se encontrava naquela passada manhã de dois de novembro, estando amolado, chateado, briguento e muito mais. Principalmente quando procurava o tal túmulo, onde deveria colocar as rosas vermelhas em obediência à ordem emanada de D. Alzira. Só que rosas vermelhas estavam somente no seu pensamento, uma vez que o buquê comprado tinha botões de todas as cores menos de rosas vermelhas. Tomara que dessa vez tudo corra bem! — murmurava com seus botões. A imagem do menino desconhecido, ajoelhado ao lado do túmulo que escolhera para depositar o ramalhete de flores, cheio de medos a devolver-lhe o botão de rosas perdido, aflorou em sua mente.

Tão logo serenadas as emoções da chegada, Zino confirmou sua ida à fazenda, por mais tardar às primeiras horas do dia seguinte. Alzira, já havia dito aos convidados que deveria pegá-los em suas casas logo pela manhã.

Dispensado, Sô Manoel inventou uma pescaria na barra do Córrego dos Meninos com o Córrego Rico, onde pegar pias velhacos era coisa para ser registrada como rico troféu na estória de pescadores. O mais famoso, entre muitos que ali faziam psicoterapia, era Moacir Pessoa, secretário perpétuo da prefeitura municipal, que sempre levava pra casa, às tardes, uma cambada desses peixinhos para o tira-gosto das noites de sábado, quando reunia amigos para divertidas tertúlias.

Inda bem que a estrela matutina não havia se despedido. O sol, incendiando o céu todo, piscara, atrevidamente, na linha do horizonte, correndo com o resto de flocos de neblina que desciam

morro abaixo, dissolvendo-as como algodão-doce na boca de garoto guloso.

Sô Manoel já havia colocado o carro à beira da calçada, pronto para viajar. Antes havia jogado uma cuia de água no para-brisa para retirar resquícios de pó grudado pelo sereno da madrugada. O motor já funcionava mansamente para aquecer e turbinar os pistões. A fuselagem do veículo tremia como maleitoso ao momento do ataque dos trofozoítos às suas hemácias indefesas, causando o acesso febril. Aqui pelo contrário, quando o motor está aquecido, para de tremer. É como se tivesse ingerido os quatro comprimidos de “Aralém”, indicado para a cura da malária aqui pelo sertão, sem beira nem eira de recursos médicos.

Tudo nos conformes! Colocada a bagagem, era hora de partirem. Primeiro Zino, agora no comando de seu carro, apanhou os convidados de Alzira. E, pé na tábua, foi o automóvel gemendo pela estrada. No banco da frente, estava sentada Alzira, junto ao chofer. No detrás os três convidados: uma prima, um sobrinho e uma sobrinha — infante ainda.

Zino transmitia uma alegria incomensurável a todos. Desejava saber das novidades da terra, uma vez que as do Rio e Belo Horizonte ele já havia relatado de trás pra frente e da frente pra trás. Ficou deslumbrado ao saber que passariam pela estrada recém-construída. Alzira tagarelava como uma maritaca no milharal. Indicava tudo que havia sido feito na sua ausência pelos camaradas, como ele deixara escrito. Não se esquecia de nada. Relatava minuciosamente, fato por fato, a seu marido. Enumerava com pormenores todos os acontecimentos havidos em sua ausência.

Vez por outra, sua prima que estava sentada no banco detrás, cutucava Sô Zino e falava baixinho, sorrindo: — E o nosso segredo?!

Zino ria e resmungava:

— Qual segredo, menina? Não há segredo nenhum! — e sorria!

Muitas e muitas vezes, de minutos em minutos, ela voltava ao assunto. Alzira começou a ficar intrigada e desejava agora saber o que é que havia. Logo na entrada do açude, onde a estrada estreitava um pouco, a prima disse, ingenuamente:

— O segredo tá no envelope no bolso de dentro da jaqueta.

Nesse presente momento, negado por Zino de que havia algo dentro do tal bolso, Alzira, rindo, brincando, enfiou a mão na jaqueta.

Zino, desvencilhando com a mão a mão dela, perdeu a direção. E o carro, descontrolado, caiu pela ribanceira nas águas do açude. Gritos se ouviram! Um barulho extraordinário ecoou por todos os cantos e margens do ribeirão!

Todos foram cuspidos fora do carro. A prima, nadando, logo alcançou o barranco. Por perto, o rapaz se afogava. Ela, deliberadamente voltou. Pegando-o pela cabeleira, conseguiu aos trancos e barrancos, segurando com uma das mãos as tochas de capim e ramos de plantas aquáticas, até que pisou forte em terra firme... Colocou-o deitado de lado e deixou-o a vomitar a água que havia engolido pela boca e narinas. Nesse meio-termo, Zino chegou à margem. Lançando a vista pra dentro do açude, deu com o vulto de Alzira vindo à tona, levantando os braços. Estava se afogando. Imediatamente ele voltou ao encontro dela. Suas botas encharcadas pesavam, dificultando o nado. Ao aproximar-se com certa dificuldade, foi tremendamente agarrado por Alzira. Na ânsia de salvar a esposa, abraçou-a mais forte, e ambos desceram cobertos pelas águas. Fora a última vez que os que estavam às margens viram seus corpos mergulharem para não voltar mais à superfície.

Da sobrinha infante, ninguém soube pra onde fora traga-da também. Gritos, choros, desespero tomavam conta dos dois sobreviventes, paralisados pela incompetência, sem saber o que fazer. Logo um peão que tomava conta do rancho onde ainda se encontravam as ferramentas de construção do açude, apavorado, começou a gritar, correndo como um doido até a sede a fim de buscar socorro. A notícia se alastrou como uma bomba por todo o vale do Santo Aurélio. De toda parte surgiam pessoas amigas do casal. Funcionários das fazendas limítrofes chegavam aos montes. Todos, sem exceção, procuravam fazer alguma coisa em prol do salvamento dos desaparecidos, que caíram com o carro no ribeirão. Apareceram vários canoeiros com suas ubás. A remo, singravam pelas margens em busca de alguém que pudesse estar preso em uma ipuca feita de raízes de plantas aquáticas. Os mais atirados caíam na água a mergulharem com denodo. Mas já a tarde rompia e nada de achar nenhum deles. A esperança de encontrá-los estava paulatinamente se diluindo à medida que o tempo corria. Começavam a chegar nadadores e mergulhadores famosos da cidade. Dentre eles, salientava o Pedro Capeta, campeão que mais tempo conseguia ficar debaixo da

água sem vir à tona. Dario, o tirador de barris dos poços e cisternas profundas, também estava ali com sua ferramenta para observar o fundo da represa. Usava ganchos presos às fortes correntes de ferro, vasculhando milimetricamente a represa sem nada encontrar. O desespero batia forte em todos os familiares que a essa hora já se encontravam nas margens, a andar daqui pra lá, de lá pra cá, confusos, sem saber que providência tomar. A noite chegou e vários peões da fazenda, usando tochas, ainda procuravam algum indício, algum rastro que oferecesse uma fonte para achar os corpos dos afogados. A essa altura já não tratavam mais como pessoas vivas. Já se falava agora em corpos — não havia mais dúvida: estavam mortos.

A tristeza começava a bater forte por toda a região. Não só pela tragédia desencadeada, mas principalmente por estarem envolvidas pessoas da estatura socioeconômica como a do casal Zino-Alzira. Eram duas famílias tradicionais do noroeste mineiro, cujos membros tornaram-se figuras expressivas no seio da sociedade, não só pelos “haveres e teres”, mas principalmente pela honradez e conduta pessoal com que administravam suas herdades. Com esse casal, pois, não haveria de ser o contrário. Demonstrava sua altivez, servindo a todos, amigos, funcionários, e a quem o procurasse, pedindo auxílio e orientação. Tornara-se um êmulo que comandava a roda de muitas vidas por uma vasta região. Seria uma perca irreparável. Traria, por certo, um transtorno em tudo que andava em sua volta, em que estava implicada sua orientação, seu desvelo, seu modo de trabalhar e viver a vida.

A cidade estremeceu, contaminando léguas num perímetro incalculável.

Dia seguinte, bem à aurora, não se incomodando com a baixa temperatura, os mergulhadores iniciaram o serviço de encontrar pelo menos os corpos, já que não havia mais esperança de salvamento. Uma multidão vinda da cidade e de todas as fazendas em derredor agora se encontrava às margens da represa. Alguns grupamentos improvisaram terços e ladainhas em prol das almas dos desaparecidos. Soube-se que padre Joca, em sua missão de consolar os aflitos, começava a falhar. Ajoelhado no cascalho da margem, sobre um tenaz pedregulho irritante, fazia o seu arrazoado entrecortado pelas lágrimas que desciam copiosas pelos sulcos da face, espelhos da vida vivida por muitos janeiros... Deglutia-as não desejando escondê-las.

Porque a amizade que dedicava ao casal inferia na sua posição de sacerdote que no momento se desenrolava como papel-carbono de dupla face.

À tarde do segundo dia da terrível *délivrance*, o desânimo acabou por instalar-se em todos os grupos que estavam empenhados em resolver o tremendo impasse. Muitos não compreendiam o porquê de não encontrar os corpos, já que a represa era jovem e por isso não tinha ainda um expressivo volume de água para tornar o fato tão difícil, transformando-o cada vez mais em ato insolúvel, tornando-o ao passar das horas por demais fatídico. Os nadadores, mergulhadores e canoíeros deram por esgotados os meios para resolver o problema. Desapontados, disseram que só mesmo esperando o tempo em que corpos imersos viessem à tona em virtude da grande quantidade de água ingerida.

Inconformados com a espera, decidiram convocar todos os familiares para discutir o assunto. Reunidos ali mesmo à margem do açude, por unanimidade decidiram mandar dinamitar o paredão da represa.

Colecionaram para isso os operários qualificados que trabalharam na demolição dos rochosos outeirinhos que foram demolidos para sua construção. O vento, sempre atento às analogias ambientais, aproveitando a ocasião, soprou, recordando com propriedade os versos de Bilac ao relatar num maravilhoso soneto sobre a sorte das flores. Só que aqui as funestas expressões transcenderam, indo muito além pela extensão da materialização da sorte.

Os profissionais — peritos em demolições — imediatamente instalaram cargas de dinamite. Concentraram-nas em um trecho do paredão, para que o esvaziamento não causasse problemas aos sítios que se encontravam instalados a quilômetros à frente. Não poderiam, alegavam, derrubar todo o paredão. Se assim fosse seria um fator causal de uma enchente sem precedentes, capaz de arrasar as lavouras adjacentes.

Sob expectativa, resguardadas as implicações que sempre hão de advir nesses eventos, deram-se as explosões, abrindo um largo canal à parede da represa. O escoar da água parecia a todos que ali estavam, mudos e inertes, um demorado século.

A tarde esvaía! Uma penumbra se instalara, marcando os montes que ao longe delineavam o horizonte como corcovas de

dromedário. A noite chegava cavalgada em seu negro ginete. A tristeza estava refletida nos olhares de todos, a esperar o desenlace. Batendo forte como o malho que sem piedade desce sobre a bigorna, com a respiração suspensa, adrenalina jorrando aos montões, os corações de todos não batiam: galopavam. Um moribundo silêncio instalou-se pelo ambiente. Ouvia-se somente o som do gargarejo da água descendo pela abertura do paredão da represa... Gemia pela liberdade, provocando um soar sinistro, mui semelhante ao arrastar de pés de alma penada de escravo fujão, tendo as correntes presas aos tornozelos de seu infortúnio! O surdo bater virtual dos grilhões a se atritarem uns aos outros refletiam-se na tristeza que se apoderava de todos os semblantes.

Escutava-se, tamanha a profundidade do silêncio, o ranger funesto de dentes ao bater de queixo, entre a emoção e o frio, envolvendo algumas pessoas mais chegadas à família em vista...

Ao que parece, disseram muitos dos operários que ajudaram a construir a represa, houve uma transmissão de pensamento... Lembravam-se da conversa de João da Bode, assim contada páginas atrás, neste documentário.

“Essas água são caprichosa. Gostam de brincar com quem se atreve buli cum elas. Já vi muita coisa... Pruquaqué besteira que se delata, elas fica magoada!” A passagem era a do desaparecimento do Zé Pezinho...

Já era noitinha, quando, pela ação das tochas acesas, foram vislumbrados vultos como sombras tétricas, à beira de um tronco apodrecido de árvore aí deixado pela inépcia, ou talvez pela falta de aptidão de anteriores desmatadores da margem do ribeirão para trabalhar cereais. Essa parte virou tapera e fora inundada pelas constantes enchentes que se davam à época das chuvas. Com a açudagem, estava coberta toda a área e com ela o pedaço de tronco podre que proporcionava assim o giro voluptuoso da água, ritmando um pseudorremanso onde evoluíam vários pedaços de ramagem apodrecida. Presos a eles jaziam, podendo ser vistos agora, com maior clareza, os corpos até então desaparecidos. Estavam como que num leve balançar à mercê das vagas, numa dança sombria e macabra... Dois estavam unidos pelo abraço da morte, que, não poupando o amor e o direito que a ele tinham, levou-os sem pedir licença. Inadvertidamente, entretanto, essa velha coroca, incansável

ceifadora de sistemas consagrados às *autopoiesis*, esqueceu-se que, por mais que quisesse e impusesse sua maldade, não conseguira separá-los. Juntos então, por certo, enovelados em lindo amplexo, desembarcaram da nave que os levou até seus aposentos claros, de luzes brilhantes, onde deveriam residir pelo espaço que lhes fora destinado, até serem revertidos à bonança da reforma cósmica. O Deus que estava em cada um acotovelou-se ao Deus de todos, reverenciando as transformações que adviriam com o compromisso de chegar à unidade do Um único e imortal.

Abrir um parêntese aqui seria precioso para se ter a renovação, muita vez esquecida, de metafísico termo — *poiese*, vindo do grego *poiesis*, criação — pouco andado nas lides literárias, permanecendo hodiernamente em programas científicos... É o que agora se pretende fazer, embora muito sucintamente, solicitando escusas por esse imprevidente ato, que faz o leitor desviar-se do enredo do presente documentário. A lisura racional se impõe em assim desejar justificar-se.

* * *

Dois biólogos chilenos, Humberto Maturana e Francisco Varela, tiveram a ideia de virar um sapo de cabeça para baixo. Constataram que ele percebia o mundo, nessas circunstâncias, também de cabeça para baixo. Ao lançar a língua para predar algum inseto o fazia diferentemente. Cresceram então as conclusões de que os sentidos são mecanismos de interação com o meio ambiente. E que cada um deverá ver o mundo diferentemente, acompanhando e sendo ordenado pelos neurônios que, ilusoriamente, também sofreram transformações físicas... Estudando as cicatrizações e criações dos seres vivos no desenrolar da vida, sentiram com mais profundidade a ação destas no ato de se auto-organizarem e se autorreproduzirem.

Em texto assimilado de José Luiz Quadros de Magalhães, é dito que: a ideia de *autopoiesis* deveria ser retomada, sentindo que o mundo ocidental vem se reencontrando com o seu passado, onde o materialismo e o espiritualismo não eram cuidadosamente separados. Um pressuposto fático, e não apenas teórico, é a condição de que, enquanto vivos, estamos condenados a *autopoiesis*. Somos

necessariamente autorreferenciais e autorreprodutivos, em tais situações. Essa condição se manifesta também nos sistemas sociais.

Já Vladimir Dimitrov e Roberto Ebsary, pesquisadores do Centre for Systemic Development, University of Western Sydney, Hawkesbury — Austrália, indo mais longe, criaram o termo “Autopoiese Intrapessoal”, com base no seguinte fato, dizem eles:

Em todo ato físico, emocional, mental ou espiritual, o *self* de cada indivíduo reproduz a si próprio, mantendo uma fronteira peculiar com o mundo circundante e “evoluindo” em harmonia com ele.

Os olhos invertidos do sapo é quem dizem. Entre nós e o mundo só temos nós mesmos. Cada um de nós vê o mundo penso pelos nossos sentidos. O *self* autorreprodutivo, composto pela consciência e a mente oriundos dos arquétipos coletivos, podem sofrer evoluções com o tempo, mas acompanham o ser do nascimento à velhice. — Texto baseado em estudos de Amit Goswami, físico da Universidade de Oregon, USA

* * *

A emoção eivada de muita tristeza bateu forte nos olhos de quem primeiro delineou a cena... Estando o ambiente mal iluminado pelo clarão das tochas, não teve ele coragem de anunciar o que vira. A emoção tomou conta de seu ser. Desgovernado, terminou caindo no chão duro do barranco, sendo socorrido às pressas pelos peões da fazenda que ali estavam. Tratava-se de Tião, que no seu amargo silêncio, via e sentia o mundo desabar aos seus pés. Entrara pela via das trevas inefáveis ao Castelo do Deus do Sono, que o acolheu em seus domínios, colocando-o na última prateleira do armário onde coleciona os seres em desmaio.

Ali, à beira do lago fatídico, ele havia permanecido o tempo todo, quase sem se alimentar, olhos presos à sua lâmina de água. Não perdia sequer um centésimo de minuto, dando-se conta de quaisquer movimentos fora da pauta. Nem o bater da cauda de um peixe mais robusto, atrás de sua ceia, tirava-lhe a atenção. No justo momento que divisou a tétrica figura, sentindo-se sozinho, sem o apoio de sua protetora, D. Alzira, não mais falou. Tinha os olhos fixos

no firmamento. Inerte, assim permaneceu até perder os sentidos por completo.

Tião fora, às pressas, levado para a sede da fazenda, onde Zabé passou a cuidar dele com muito zelo. Ela mesma não sabia como estava se movendo dentro da casa. Em momentos anteriores parecia, logo que lhe fora passada a extensão da tragédia, estar em estado de choque, sem saber o que fazer. No momento, porém, da chegada de seu menino, tornou-se outra. É de se dizer que, na eventualidade de uma necessária intervenção, a coisa muda de aspecto. Faz com que as pessoas se transformem. É aí que se mostram fortes. Sentiu-se que assim deveria proceder em atenção a um fato novo, talvez de vida ou morte, que havia caído em seus ombros. A Zabé cética, fria e calculista voltou a tomar conta de seu ser. Assim, com os pés no chão, voltou a ser a governante que tudo atende às horas certas, mesmo se sacrificando... a ponto de rir chorando, quando precisava converter o errado em certo.

O que importava agora era tão somente a reabilitação de seu garoto. Daí a correria que tomou conta de sua vida naquela hora. Da sala para o quarto até a cozinha, andava como uma sonâmbula a princípio. Logo que sentiu o peso da responsabilidade, porém, mudara completamente. De repente, já estava com um prato fundo nas mãos, onde fumegava uma caçarolada de caldo de carne e legumes bem cozidos. Serviu a Tião de imediato uma sopa quente. Envolvendo-o em um cobertor agasalhador, conseguiu que ele deitasse um pouco ao leito.

Refeito da noite de vigília, Tião sentiu-se, na verdade, estar mais confortavelmente em casa. A cena que vira à noite, à beira do riacho, começou a ser uma constante em sua memória. Ia e vinha, voltando a aparecer de novo em sua mente! Quando vinha era drasticamente, com a força de um Himalaia a deslizar sobre sua cabeça. Foi aí que o caldo entornou. Como um doido varrido, jogando o cobertor pra fora do seu corpo, pulou do leito, saindo desvairada e estrondosamente a gritar com toda a força de sua garganta o nome de Alzira, de Zino. Ia disparado do curral à rebaixa, do monjolo à ceva dos porcos, alucinadamente! Perdidamente!... Com os braços levantados, olhos fixos no firmamento, já sem forças, passou a não gritar. Entre soluços convulsivos, proferia em voz rouca o nome de Alzira. Foi daí que Zabé, conseguindo abraçá-lo, envolveu-o com

palavras de carinho, levando-o até a cadeira de balanço que, horas atrás, poderia estar aconchegando sua protetora. Não deu outra! As lágrimas jorraram abundantemente, torrencialmente, entrecortadas de desabafos surdos, de suspiros intermitentes e, sobretudo, de mãos intrinsicamente fechadas em sinal de protesto.

Um protesto a não se sabe o quê! Os desígnios do Onipotente estão aí para ser realizados. Não há como querer invertê-los ou modificá-los — dizia com extrema delicadeza e sabedoria Zabé, alisando, passando as mãos de leve em sua encaracolada cabeça de cabelos alourados. Padre Joca dizia, pensava ela, ser este o fim de todos: viajar na esperança de encontrar a paz na vida eterna. Seria um sistema que se abriria quando o desespero entra. Como uma brecha para se consolar, amenizando a dor, como um bálsamo mnemônico.

Quando acordara, pela manhã, pela voz triste de Zabé, ficou sabendo que os cadáveres foram levados para a cidade, juntamente com o da menor de idade que foi encontrado após, bem distante dos demais. Sô Manoel acompanhou-os! Foi outro que não soube reprimir seus angustiosos pensamentos. Seu instrumento de trabalho jazia imprestável, coberto de lama. Não havia mais um Sô Zino nem uma D. Alzira a quem prestar serviços. Viajaram para outra dimensão, onde a consciência cósmica os levará às transformações transcendentais fora da percepção sedimentada no *self* dos terráqueos, refletia ele. Seria uma viagem virtual pensa em seus herdados instintos coletivos implantados como genes nos seres? Ou seria uma consequência da interação de forças energéticas de cunho materialista, criada na senda do cartesianismo newtoniano? O pior é que nenhum pôde dizer adeus antes de partir. Assim, ante seus pensamentos trôpegos, Sô Manoel, continuava a conjecturar sobre todas as nuances que, de momento, transformaram sua vida. Mergulhava em lágrimas em seu infortúnio. Não obstante, esteve presente em todos os atos pungentes, até os finais que antecederam os sepultamentos. Daí pra frente recolheu-se em seus aposentos. Exausto, caiu em profunda meditação. Já há algum tempo havia pensado em voltar à sua querida Lusitânia. Sempre que pensava na viagem de volta à terra natal, retornava atrás com seus pensamentos, preso que estava à amizade que desfrutava a Zino e Alzira, e estes com ele. Como isso havia sofrido uma quebra de continuidade absoluta, em virtude da fatídica

tragédia. O acontecimento rompera intempestivamente, em tempo inoportuno, caindo como concreto em seus ombros, com a força da foice da morte sem reversibilidade. Achava agora conveniente pensar em realizar seu desejo de retornar à sua pátria. Havia, entretanto, um sério compromisso moral, que lhe tolhia de fazer as coisas repentinamente, que era a participação na educação do garoto — hoje esbelto rapagão feito —, aquele que lhe abrira o coração para uma melhor vida: — o menino do “botão de rosa”, chamado Tião. A fraterna amizade que lhe dedicava transformara-se em forte elo, muito além de uma simples caridade, agora firme liame que o fazia feliz em tê-lo como se fora pessoa de sua família em substituição à que deixara em Trás-os-Montes, no velho Portugal. O que fazer então? Esta interrogação dava-lhe condições de começar a planejar de verdade em maiores prazos para uma feliz e oportuna decisão.

Ao lembrar-se desse fato, sentiu um aperto no coração. Havia esquecido que Tião permanecera na sede da fazenda, sob os cuidados de Zabé e não tinha como vir até a cidade. Bem não havia pensado quando lhe bateram à porta. Era o próprio Tião, em carne e osso, que adentrava pelo quarto. Tinha pegado uma carona com um retirante que por lá passou a fim de participar das exéquias de seus queridos patrões.

Não deu outra, abraçaram-se comovidamente. Outro lago de lágrimas se formou em derredor deles, ensopando golas de camisas, descendo pelos corpetes. Custaram a se desvencilhar um do outro. Com a cabeça mais fresca, Sô Manoel passou a descrever detalhadamente o que acontecera logo que retiraram os corpos do maldito açude. Saíram dali desesperadamente, sem saber o que fazer de pronto. Muitos precisaram ser atendidos, dado o estado de choque, dando trabalho a muitos mais calmos. A cidade entrou em ritmo de pânico. A Rua Direita, onde ligeiramente em sua casa residencial foram velados, pelo estado adiantado de decomposição, transbordou de gente vinda de todos os recantos do extenso município, naquele tempo considerado o maior de Minas Gerais. Era gente de todos os tipos: rica e pobre, negra e branca, como também citadinos e homens e senhoras do campo. As escolas, as casas de comércio em geral, encerraram suas atividades. O som lúgubre do sino da Igreja do Rosário soava lamentações que se perdiam dentro da alma de cada um que ali estava velando os corpos de distintas e amáveis pessoas de

sua intimidade. Era prova de que toda a comunidade contritamente estava ali para prestar-lhes a justa e merecida homenagem. A Igreja da Matriz teve a lápide de seu altar-mor coberto de toalha roxa que emprestava ao ambiente um ar de condolência, mui semelhante ao que se respirava durante a quaresma, em tarde de procissão do “Senhor dos Passos”.

Às exéquias comandadas pelo pároco serviram de estímulo às lágrimas que retornaram com maior intensidade, derramadas em profusão pelos mais íntimos da família dos mortos. Das cidades vizinhas vieram amigos e amigas e também muitos que intermediavam seus negócios de compra e venda de boiadas. Todos chocados com a rudeza da tragédia. Moviam-se como autômatos, sem querer acreditar no que viam. Esse estado perdurou, mesmo após os féretros descenderem às sepulturas.

O noroeste mineiro se enlutou. As fontes, os regatos, os córregos, os rios, borbulhavam lamentações numa gême-deira de fazer dó, no descer de suas águas pelos lajedos. Os pássaros emudeceram ao calor causticante, sem precedentes por toda a terra, que andava triste, procurando solidão para curtir tanta desventura. Os homens e as mulheres equivaliam-se em amarguras. Andavam à procura solitária, onde cada qual pudesse reverter suas lágrimas consigo mesmo.

Não houve discursos. Não havia nenhuma pessoa que não os conhecesse. Não precisavam, pois, de enaltecê-los. As despedidas foram longas. A multidão encheu o pequeno cemitério, acotovelando-se para que não pudesse perder a oportunidade de deixar seu ramo de flores, mesmo aquelas silvestres que os campônios trouxeram. E assim taparam por completo os ataúdes que descenderam a uma só morada eterna. Viveram juntos numa vida de benesses, de amor conjugal e amizade sincera. Partiram juntos e juntos volveram, por certo, aos céus como reféns da graça do Grande Árbitro dos Mundos. Um anjo os acompanhava: era a sobrinha que também se fora! Tão menina! Tão pequena! E já deixando um monte de saudades que, por certo, ficarão eternamente gravadas nas mentes de seus genitores e familiares.

— O quartel dos anjos abraça naquela conjuntura suas portas para que mais um viesse completar a escuderia do Pai Eterno — dissera padre Joca ao laminar o ataúde da pequena garota que estava

sendo sepultada, com jorros de água-benta. Houve comoção? Houve! Houve choro e lamentações? Houve! Mesmo sendo um anjo que se criara, a partida é sempre dolorosa para os que o amaram em seu estado terráqueo.

A tarde desceu tenebrosa e lúgubre sobre o casario. A cidade se preparava para repousar. Em cada casa o sentido da perda irreparável era o assunto de todos.

* * *

Voltando atrás, sente-se o quanto se gostavam Sô Manoel e Tião, quando, encontrando-se, abraçaram-se comovidamente — uma demonstração enfática do amor filial e paternal em toda sua amplitude. É conveniente que, para um melhor entendimento dos fatos que vão se desenrolar daqui pra frente, se retorne um pouco àquela cena dolente.

* * *

Sô Manoel estava exausto com o longo trabalho que teve ao gerenciar concretamente todo o aparato e o cerimonial que se faz antes de fechar um féretro, para sua final caminhada até a sepultura. Seu trabalho fora penoso, pegando no pesado, com o coração transbordando angústia e cheio de dor... Nada mais tendo o que fazer, não conseguiu ir até o seu final. Da porta do cemitério voltou para casa.

Agora sentado em sua cama, após ter abraçado o seu pupilo, “o menino do botão de rosa” — um dístico expressivo para ele, como folha eterna de um compêndio de sua vida, arraigado nela como ferida incicatrizável —, ainda sob o impacto da tragédia acontecida, pensando, abriu o jogo com ele sobre sua vontade de retornar à Península Ibérica. E lhe indagou se teria ele coragem de acompanhá-lo.

Bem não havia acabado de expressar-se, pelo meio da frase, ao observar a comoção do menino estampada nos olhos dilatados a pular das órbitas, sentiu sua imprudência. Desculpou-se, entretanto, consigo mesmo, achando que fora movido por uma inquietude tremenda. Sentindo-se desamparado, não soube se conter, se

reprimir. E intempestivamente atirou à consideração de Tião a questão acima delineada. Depois refletiu que não era hora de assim agir. Tarde fora isso, porém! E um sorriso amarelo patinou em seus lábios...

Tião, meditando um pouco, solfejou meio gago, respondendo a Manoel, como se houvesse previsto essa sua atitude...

— Coragem tinha! — disse ele. — Só que não poderia resolver isso de imediato, uma vez que ainda estava sobre o efeito da tragédia que atravessara em seu caminho.

Acrescentando, continuou a dissecar a resposta, afirmando ainda que muitas coisas estariam agora a dar-lhe um sentido de vida diferente do que ele levava até ali... No momento em que assimilou o efeito do desenlace trágico, viu-se em outro mundo. Agora era ele o delineador deste. Passou a ser o timoneiro do barco a singrar por mares desconhecidos. Inda bem que tinha como âncora a casa de sua tia Tita, onde podia aportar e traçar o planejamento de sua futura vida.

Pensativo, passou a falar consigo mesmo! Antes, estando sob a égide de D. Alzira, tinha um caminho livre com uma estrada arborizada e cheia de pássaros a cantar árias de gozo e de alegria. Sua vida era reta como uma flauta, como diria Tagore, verzejador. Agora, teria de pensar e muito! Por detrás estaria sua tia Tita, a quem dedicava um amor filial sem precedentes! E a Binha? Estariam preparados para outro desenlace? Talvez maior ainda, pois o amor dela lhe consolava, e o dele a ela também! Estavam um para o outro e o outro para o um sem limites. Desculpando-se, pediu tempo.

Sô Manoel, meio acanhado pela insinuação irreverente, foi quem ficara decepcionado consigo mesmo.

Despediram-se com a promessa de se comunicarem por carta toda vez que necessitassem de um desabafo ou que as saudades apertassem. Dias depois, no momento da partida para a península que tanto amava, onde a responsabilidade familiar o chamava, não se encontraram. Daí para a frente, sem ter corrido meses, as cartas mútuas começaram a navegar pelo tempo, cheias de saudades. Pelo lado de Sô Manoel eram elas extensas, deixando transparecer o remorso de não ter permanecido ao lado de seu menino, numa situação delicada como a que o deixou. Desculpava-se sempre por isso em longas missivas explicativas, argumentando a velhice

de seus genitores, que também reclamavam sérios cuidados pela idade avançada que tinham. Mesmo porque também não aguentaria trabalhar em outro emprego no local onde fora tão feliz e que se transformara num vulcão de tristezas pelo passamento de seus amáveis patrões que foram Zino e Alzira.

A fazenda Santo Aurélio tornara-se uma laranja a ser fatiada entre vários herdeiros, em virtude da senilidade do maior deles. Uma senhora de indeléveis virtudes havia sido informalmente nomeada como seu gerente para administrá-la até que se terminasse o inventário. Concluído este, as coisas, consequentemente, deveriam cair na realidade, dando condições a cada um de administrar o que lhe deveria caber por herança. E cada pessoa, indubitavelmente, cairia na realidade. Zabé ficou feliz com isso, pois agora tinha Tião ao seu lado quase todos os dias, embora ele não tivesse abandonado seu refúgio amigo que era a casa de sua tia Tita na cidade.

Nesse ínterim, sorteado que fora para servir ao Exército, teve de apresentar-se ao Comando do 11º RI, batalhão sediado em Belo Horizonte, a capital do Estado de Minas. Foi bom que isso acontecesse. Seu sonho de cursar uma faculdade realizou-se pelo apoio e incentivo que recebeu de seu comandante, que percebeu o cabedal que o jovem guardava.

Formado, após ter servido às Forças Armadas de seu país, estava o personagem deste documentário — o menino do botão de rosa — assentado legitimamente com banca de advogado, sediada em uma das prósperas avenidas do centro da cidade. Agora era o Dr. Sebastião da Cunha casado com D. Roberta da Cunha, na intimidade, Binha, a menina de seus olhos.

Trabalhava como um varrido, não tendo tempo nenhum para folguedos. Mantinha um horário de trabalho para ser cumprido rigorosamente. Essa disposição talvez tenha sido aumentada, reforçada que fora pela rigidez da caserna, uma formadora de cidadãos cumpridores de deveres. Não obstante isso, em todos os anos, por volta do mês de setembro, estava ele com sua Binha a visitar os genitores dela e a todos os amigos que ainda viviam por lá. A cada um dedicava um dia inteiro para rememorar sua vida de menino e jovem que foi na terra onde nasceu e que, sobretudo, amava. Assim, transitava pelas ruas e becos de sua velha cidade, a participar das procissões de São Benedito e do Divino, das tertúlias

que dobravam as noites, estando ali, sentado em uma das grossas e confortáveis sapopemas emergentes da “barriguda”, defronte a casa de Sô Leno. No pomar da casa de sua tia Tita, encontrava sua velha amiga, a amendoeira, que agora virara uma senhora, dona de uma copa robusta que abria um leque a aumentar a área ensombrada. Ali andou muitas vezes a lacrimejar, movido pelas lembranças que afloraram subitamente em sua memória.

Depois de muitos setembros, certa feita sua tia o recebeu tremulamente, emocionada, quase não podendo distingui-lo por estar com os olhos, antes brilhantes, agora pálidos e agarradinhos em suas pálpebras, com pouco poder de foco. Abraçando o doutor, nele viu a estampa da perseverança embutida no jovem que ajudou a virar gente. Quantas noites, e foram muitas, em que havia raspado a garganta ao passar pelo corredor e ver a luz da vela de sebo a transitar por baixo da porta de seu quarto, denotando com esse singular gesto que estava na hora de dormir. E que não exagerasse em estudos até alta madrugada. Ele sorria diante desses propositais pigarros e se despedia de seus amigos — os livros —, com certo sentimento de angústia pela separação.

Uma coisa, porém, que o deixou triste foi não encontrar mais o campo de seu querido clube, o Santana, que fora parar na margem confluyente dos córregos Rico e Pobre. Lá ele não quis ir para conhecê-lo. Não se sentiria bem! Não seria mais o seu Santana, de gloriosas conquistas, marcando o ritmo da vida esportiva de sua cidade. Soube, ao indagar dos velhos companheiros que ali mourejavam — aqueles que molhavam a camisa pelo clube —, que agora muitos deles haviam se transformado em “amadores marrons”, guardiões de arranjos comerciais. João Cuinha já tinha ido embora com sua carrocinha cheia de flores, a mergulhar no céu em dia de chuva miúda, “banando seu chapéu de aba larga”. Esse gesto memorável já havia sido consagrado pela crônica da cidade comandada pela pena de sua embaixatriz, Coraci Neiva, que afirma não o ter visto assim, mas que ele estava lá! Estava! Seu burrinho, puxando a carroça alegre e feliz, trotando mesmo sem conhecer a estrada — afirma ela —, sumiu entre flocos de nuvens. Adiante ele a acharia.

Que sumira! Sumira! Para sua confirmação, seu rastro de saudade fora deixado. Cada botão de rosa que despencava de

sua carrocinha transformava-se em um astro brilhante no céu sereno, embora nublado. Disseram alguns trovadores de serenatas, acionados pela boa cachacinha, estar a Via Láctea — O Caminho de São Tiago, que cobria o céu da Rua Goiás, de ponta a ponta — mais brilhante, tendo aumentado o seu número de estrelas. Quem não acreditasse nisso — diziam eles — que as contasse pra ver se não era verdade verdadeira. “Cá de mim” que não sou bom matemático, achei-o mais cheio, mais brilhante.

* * *

Dr. Sebastião, em comunhão com familiares de sua esposa, designara uma tarde de sol manhoso para ir ao cemitério, dando de visitar seus entes queridos que ali se encontravam a repousar em sua morada eterna. As tumbas do senhor Zino, o de D. Alzira e o da pequena menina que também ali dormia junto, foram os primeiros a receber suas preces de agradecimento por eles terem existido em sua vida. Ficavam bem à entrada da avenida principal. O de sua mãe estava mais para o final, quase encostado no muro do fundo.

Rememorando o início deste documentário, vê-se que fora ele edificado em região onde se encontravam os dos neófitos. Vê-se também que ali Sô Manoel, o motorista de D. Alzira, tinha colocado o ramallete das pseudorrosas vermelhas, por ordem de sua patroa. Que ali também o menino Tião havia depositado, plantando um botão delas encontrado no chão da floricultura, deixado cair pela pressa do motorista. E que ali se iniciara uma nova existência.

Não foi por aí que a coisa terminou. Absolutamente, não foi! Ao bater os olhos no túmulo de sua mãe, sofreu um tremor tão profundo que quase seu coração saiu pela boca. A adrenalina jorrou pelo organismo todo, acenando para um emocionante sentido de choque. O pulso acelerou. Na face enrubescida, desceram algumas lágrimas inesperadamente. Nela passou sem se dar conta a manga da camisa, enxugando-as. Sentiu as pernas tremerem.

Não é que um roseiral de todas as cores emergia à sua vista?! Profusamente, a lápide toda estava multicolorida pelos ramos que caíam aleatoriamente.

Não sabia se acreditava no que via ou se era pura ilusão. Roseiras assomaram todo espaço que encontraram para florir. Uma coisa chamara sua atenção — naquele vesúvio de cores não havia uma sequer que brilhasse de vermelho!... Nenhuma! Todas, por certo, estavam ali, originárias sim do botão que ele enterrara na terra úmida do ainda recente túmulo de sua mãe. Tinham sido fecundadas pelos beija-flores que ali colocaram o sêmen multicolorido de outras espécies. Sentindo um nó na garganta, mal pôde gaguejar uma prece de agradecimento e ao mesmo tempo de oferecimento à “consciência cósmica” de sua genitora. A natureza, entretanto, sábia, mostrou-lhe que em terra fértil se a semente for jogada com amor floresce exuberantemente, mostrando a que veio.

Binha, ajoelhada ao seu lado, compreendendo sua ansiedade e sua surpresa, pois já havia tomado conhecimento da estória do “botão de rosas”, ergueu-se, e ajudou-o a levantar-se. Abraçando-o, convidou-o para que a levasse a visitar outros túmulos de seus parentes. Lançou mão disso para amenizar o impacto desse encontro comovedor. E assim se retiraram.

À noite, sentado à frente de sua escrivaninha, derramou, surpreendendo a si mesmo:

Rosas!
Eu as vi!
São rosas desabrochadas em maio,
Escancarando suas pétalas antes da primavera,
Alegres, cantando baladas em soslaio,
Festejando a vida que Deus lhes dera.

Rosas, espiando por entre a folhagem,
Brancas, lilases, amarelas e até rosas,
Debruçadas nas janelas da ramagem,
Sorrindo, lindas e viçosas.

Às noites tornam-se belas! Suas pétalas,
Quando, sem queixumes, deixam-se ser molhadas,
Às madrugadas quentes, por doce e sutil orvalho,
Que gota a gota, sopesando-as, fá-las
Ajoelhar-se, com preces, nos seus galhos.

Nas tranquilas manhãs,
Saudando os raios do sol,
Beijam a luz com afã,
Corolas abertas em caracol.

Adoram tudo e a todos como seus amores:
Tanto às borboletas pavoneantes,
Matizando o jardim com suas cores,
Como aos colibris esvoaçantes.

São botões que se abrem,
Saudando a natureza com carinho.
Brilham, coloreem, luzem,
Mesmo onde pode haver só espinho.

Suas corolas nos ramos balançam-se, enfim,
Pra cá, pra lá, numa cadenciada toada, ao sabor
Da brisa mansa, que, com ênfase cobre o jardim,
Conduzindo sutis e elaborados perfumes,
Que envolvem a todos com amor.

Terminou de grafar em seu caderno sob estado de grande emoção que perdurara até chegar à sua casa. Os borbulhantes sentimentos de recordações acumuladas molhavam a página, por vezes com hialinas bagas de lágrimas gotejadas de pura saudade. Não houve outra coisa a fazer, senão fechá-lo. Em seguida, encostando-se ao seu companheiro de levitações inter-sensoriais, seu amigo travesseiro, adormeceu profundamente.

Binha, curiosa como toda mulher, não fez outra, senão folhear as anotações do marido até a página recém-escrita. E passou a lê-la. Comovida, logo após pegou no sono também. Uma emoção tremenda levou-a à inquietude no seu ressonar.

Motivada pela sensibilidade despejada por seu marido naquele poema energizado, onde estava sobejando toda uma história, não deu outra que não fosse imergir nele para senti-lo profundamente num vigoroso sonho, onde tirara do poema, entre muitas de suas rosas, um botão. Pegou o mais brilhante e pensou: “Cada botão de rosa é um desejo e cada desejo é uma flor que nasce no coração!”.

Avaliado, deu-se com a telha de que era o próprio: o mesmo que Tião havia, com ternura e medo, plantado na terra ainda fofa da sepultura de sua mãe naquele dois de novembro surpreendente.

Coisa extraordinária então aconteceu! Em sua mão o botão explodiu, transformando-se em uma grande corola de uma rosa estupidamente colorida. Sua beleza era tão faiscante que seus olhos arderam. Ao centro, coberta pelos longos pistilos, cantando uma musiqueta de ninar, uma dama de aparência maternal, vestida de longa túnica branca formada por flocos de nuvens de algodão esvoaçantes, mostrando uma suavidade de comportamento... Era nada mais que a genitora de Tião, rodeada de inúmeros querubins a dançarem. Pássaros pipilavam em volta, procurando apanhar douradas mariposas que, voando, deslocavam-se de encontro à luz e se pregavam no céu, transformando-se em estrelas a brilhar, piscando, piscando sem parar.

E Binha, espantada, via as demais pétalas crescerem, crescerem e crescerem exageradamente. Foi quando se soltaram das sépalas, a esvoaçar em ondas crescentes a sumirem no horizonte. Nelas o gato de Georgeta, calçado de coloridas botas reluzentes, pulava de uma para outra. Numa de suas maluquices, encontrando em uma delas a pulseira de brilhantes que Zino ia oferecer a sua esposa, atirou-a pra longe. Saindo ela a rodopiar pelo firmamento, Saturno, o planeta dos anéis, absorveu-a. E os astrônomos disseram que haviam descoberto mais um anel em torno do astro. Este estava engraçadamente cravejado de asteroides luminosos coloridos de esmeraldas. O gato, num esforço hercúleo, quis apanhar a pulseira de novo, mas não pôde — ela, a rodopiar pelo universo, não mais pertencia ao nosso planeta. Tristemente acompanhando-a com a vista, deslizou em uma das pétalas da grande corola, até esvair-se lentamente, absorvido pela suave brisa que os conduziu até dobrarem a esquina do universo. Com ela, a sonhadora, ficou somente com o cabo da rosa gigante em sua mão, o que a provocou a solfejar uma linda canção de suaves acordes, começando também a dançar. Que coisa estranha e ao mesmo tempo linda e envolvente, ver-se a si própria a evoluir, trocando os passos numa dança maravilhosa, ritmando o compasso com o cabo do botão de rosas em suas mãos, assemelhando-se a uma batuta de invisível maestro.

O instrumental da música virtual fora tão forte, que ambos acordaram diante do alto ressonar compassado de Binha, imitando-o. E, como autômatos, abraçaram-se fortemente, indagando ambos:

— Que é do botão de rosas?

— Aquele que virou corola? Onde está?

Abraçados, sentiram-se que ele se transformara em pura saudade... que foi embora.

Juntos, sorrindo desconfiados, porque não havia nenhum botão de rosas concretamente às suas mãos, abraçados, entregaram suas consciências cósmicas novamente ao Deus do Sono, pedindo que outros sonhos, tão belos como aquele, viessem acalantar seus inquietos pensamentos.

FIM

EPÍLOGO

Como sonhador estou aqui outra vez, decorridos após sete demorados anos de quando entreguei ao público leitor o meu “Orapronóbis — Das contas de rosário, dos contos de Minas Gerais”, um livro sem pretensões de ordem literária. Motivou-me ele apenas para borbulhar o que conservava dentro de mim em memórias marcantes, como um simples regato a gemer saudades, meandrando pelas praias do meu Córrego Rico, escondendo-me nas ipueiras dos becos e das ruas calçadas de pedras irregulares, em brinquedos de “pegadô” das noites de lua cheia. Quando às seis horas da tarde ela surgia, semelhante a uma roda de carro, a nascer nos céus do Alto do Córrego, jorrando sua pálida luz sobre o centro da cidade, a gurizada se animava. E, reunidos nas adjacências da Rua Goiás com o Beco de Sá Candinha, corria solta em seus brinquedos, até que o sino da cadeia batesse às nove horas da noite, quando todos paravam e cada um, sem se despedir, dirigia-se ao seu lar. A lua também já estava alta e marcava o momento dos seresteiros. No silêncio das ruas moravam agora as valsas dolentes, despertadoras das meninas que atrás das venezianas namoravam as vozes, já que não podia ser de outro modo.

Quis, ao garatujar as páginas de “Janela do Tempo”, mostrar aos meus conterrâneos que o menino de ontem, que corria atrás das bolas de borracha com ufanismo, amando sua terra natal, é o velho que agora carrega cicatrizes desses momentos saudosos. É, entretanto, o mesmo que age presentemente, embora batido pelos

janeiros, com o mesmo entusiasmo e bairrismo que caracteriza o paracatuense.

Idades passam! O espaço-tempo conserva o mesmo calor. Que o progresso, não o tire nunca! Que Brasília — a bela absorvente cidade do centro-oeste — não tenha se transformado em seu algoz e, sim, no eco de sua cultura; que a alegria de se conversar com os vizinhos nas portas das casas em noites quentes de lua cheia; que as serenatas chorosas cantadas em noites de canícula forte... que nada disso venha a acabar engolido pelo progresso ou pela internet, que segura o menino, o homem e a mulher, trancados em cubículos, a curtir sua solidão. Isso é o que mais, no fundo da alma, peço ao Grande Arquiteto do Universo — que não deixe, jamais, isso acontecer!

Que nas visitas domingueiras aos compadres e comadres, levando a prole bem vestidinha e calçada, “o bolo de domingo” impere absoluto como o imperador da aldeia que é de todos.

Do professor José Antônio Oliveira de Resende tirei, dentro de sua peroração saudosa, um trecho muito parecido com meus sentimentos. Exponho-o, agradecido:

“[...] as casas vão se transformando em túmulos sem epitáfios, que escondem mortos anônimos e possibilidades enterradas. Cemitério urbano, onde perambulam zumbis e fantasmas mais assustados que assustadores.

Casas trancadas... Pra que abrir? O ladrão pode entrar e roubar a lembrança do café, dos pães, do bolo, das broas, do queijo fresco, da manteiga, dos biscoitos do leite...

Que saudade do compadre e da comadre!”

Eu que o diga!...

* * *

Se houver outros sonhos, é possível que eu volte a contá-los. Depende, e muito, do Supremo Árbitro dos Mundos! Por enquanto estou entregando ao público leitor, entre eles, mais um que me ajudou a chegar até o ponto que desejava — de narrar mais um fato marcante na história de minha cidade. Assim, vi que a tragédia verdadeira, que teve como palco o açude do ribeirão Santo Aurélio, poderia ser

relatada em páginas romaneadas, amenizando sua tessitura para que o historiador futuro viesse a encontrar subsídios elementares aproveitáveis, que o levasse a contar a vida de tempos coevos sem a agressividade literária que o fato reclama...

Romanceei-o, é verdade! Foi o arcabouço que encontrei para edificar alguns pensamentos que me foram chegando pelo caminhar destes cinco longos anos. Criei personagens e edifiquei ficções, às vezes lamentosas, na minha concepção de trabalhá-los. Nestas não os comparei com meus amigos e pessoas de minha intimidade. Se, por descuido, tenha promovido alguma semelhança, peço desculpas. A verdade histórica — mestra desta arenga — é tão somente o relato da tragédia que abalou a comunidade daquele tempo.

Sou o único responsável pelos erros encontrados na estrutura dos poemas aqui escritos. Podem observar que são livres de rimas e de métrica e expressam apenas o sentido transcendental do pensamento em dado momento. Neles a mente torna-se livre, sem pretensões outras. Ao compô-los, escorri-os sobre a lousa, contando somente com a pena e a tinta que tive.

A demora em terminar de escrever esta obra foi ocasionada por uma passagem singular.

Por acaso, estando eu a assistir um leve programa de entrevista, intitulado “Prazer em conhecê-lo”, da emissora “Rede Vida”, deparei, já quase em seu final, com a entrevistada, uma senhora chamada Kina de Oliveira, jornalista, psicóloga e escritora. Embora idosa, demonstrava invejável talento e formidável lucidez. Apresentava-a, o entrevistador, como genitora de Boni, aquele lendário diretor da Globo. Ao encerrar o programa, fora-lhe perguntado o que, depois de ter vindo de uma longa viagem pelo Oriente, incluindo a Índia, pretendia fazer em termos de Literatura, de Artes e mesmo de Ciência. Foi aí que me surpreendi diante de sua resposta. Com um sorriso firme, disse estar se aperfeiçoando no estudo da “Teoria Quântica”. Cabe aqui um parêntese para dizer que essa senhora, em maio de 2009, aos 94 anos, faria a primeira postagem em seu blog... Impressionei-me tanto com sua resposta, a ponto de, na condição de velho professor de Química e Física, conjecturar: como matérias tão escassas em currículos filosóficos poderiam interessar a uma senhora idosa, comprometida com Artes, Literatura, Sociologia e tantas outras congêneres? Suas respostas sobre museus visitados,

teatros, templos indianos, etc. eram, na totalidade, concisas e muito aproveitáveis. Daí a minha surpresa.

Já havia ouvido falar sobre essa teoria, sem muito interesse, uma vez, que tinha conhecimento de atomística. No meu entender, à primeira vista, pressenti ser essa teoria um avanço maior, embalado por uma matemática mais elevada. Portanto, seria para estudos mais profundos em cursos de graduação. Muito tempo passou. A ideia, entretanto, aflorava em minha memória a todo instante. Andei lendo alguma coisa e, para meu espanto, dei com outro programa no canal “Roda Viva”, na TV Cultura, na data de 18.2.2008, onde o indiano Ph.D. em física quântica, professor-titular de Física da Universidade de Oregon, USA, estava sendo entrevistado. Com desembaraço, o professor Amit Goswami, este é o seu nome, respondeu a contento tudo que lhe foi perguntado sobre seu livro “O Universo Autoconsciente”, que hoje, com muita alegria, tenho em mãos, publicado agora no Brasil. Procurou ele demonstrar que o universo é matematicamente inconsistente sem a existência de um conjunto superior — no caso, Deus. Há mais de quinze anos está ele envolvido em estudos que buscam construir o ponto de união entre a Física Quântica e a Espiritualidade.

Em virtude desse choque científico, desde essa época sou um dos quem, tomado de curiosidade, enveredou pelo problema. De corpo e alma, frente às descobertas encontradas, andei interessando-me pelo assunto. Comecei então a pisar fundo na matéria e tive que fazer sérias pesquisas, envolvendo outros estudiosos como Fritjof Capra, que possui duas obras importantíssimas. Li o primeiro dele intitulado “O Tao da Física”. Empolgado fui até o outro compêndio — “O Ponto de Mutação”. Este contém total crítica ao pensamento cartesiano, em várias modalidades de profissões e pensamentos, como Medicina, Biologia, Economia e Psicologia. Envolvi-me com Jung, o criador da Psicologia Analítica, descobri a Psicologia Transpessoal e a Teoria Quântica Intrapessoal. Encontrei no meu caminho dois cientistas preciosos, nascidos no Chile, com pesquisas extraordinárias nos Estados Unidos e em Lyon, na França. Tanto Humberto Maturana como Francisco Varela foram indicados para o Prêmio Nobel de Medicina.

Criadores da teoria da “Autopoiese” e da “Biologia do Conhecer”, estes dois neurobiologistas revolucionaram o modo de

ver o universo, concluindo que ele se apresenta a cada um como cada um o vê no momento.

Após essas pesquisas, voltei a relatar o documentário proposto no meu livro, daí a demora. Aconteceu que o que seria apenas um amontoado de contos passou a receber *insights* oriundos da nova ciência em que me iniciei. O leitor vai observar que, vez por outra, há rabiscos ciscados aqui e ali com respeito a essas novas conquistas da ciência. Deve-se observar bem que não emito sinais de que a teoria veio para ficar, e sim como nascimento de uma nova proposta para pesquisas. Estou à procura da verdade e assim fico.

Agradeço penhorado ao leitor que conseguiu chegar até aqui. Aceite, pois, o abraço amigo e o obrigado de Oswaldo Costa, extensivo à mulher mais linda do mundo, que teve a qualidade suprema de transformar meus defeitos em virtudes, minha doce e querida mãe, Ludmilla Rubinger Costa.

REGISTRO

Para não perder a ocasião — uma vez que para mim, diante de muitos fatores emotivos, eclode esta oportunidade —, a razão de sentir uma alegria imensa respinga num extraordinário desejo de deixar aqui os mais efusivos agradecimentos a tantos quantos me incentivaram a prosseguir nos meus intentos.

A toda hora, em todos os momentos, ouvia perguntas: “Quede o livro? Quando é que sai?”. E eu, fingindo que eram perguntas naturais, sentia-me orgulhoso com esses carinhos, que me davam mais vontade de prosseguir no rumo traçado. Agradeço, portanto, a muitos amigos e amigas. E especialmente a minha incansável companheira de 68 anos: minha esposa Maria José (Zezé). E a meus três filhos e minhas três filhas; minhas noras e meu genro.

Feliz, curvo-me ainda às lembranças dos infinitos carinhos que me dispensaram minhas avós Adelaide Adelina de Paula Souza Costa — Vó Delaide, e Leonides Laboissière Rubinger — Vó Dondona. Agradeço também a minha querida professora apelidada de tia Filhinha, cujo nome verdadeiro é Altina de Paula Souza, irmã da minha avó Delaide.

E, ainda, ao recordar mulheres fortes, entre muitas que marcaram e que marcam minha vida, desejo aqui homenageá-las com ufanismo, me permitindo declinar seus nomes:

Julieta Ulhôa Pinheiro — *in memoriam* — um dom político inigualável.
Florinda Lage — *in memoriam* — antropóloga nata e empresária de sucesso.

Amair Alves Lage e Marlene Alvim Braga — ambas doutoras, advogadas na capital mineira.

Carmem Nunes Xavier, professora, poetisa e escritora de relevância.

Luísa Salustiano Pereira, doutora em enfermagem — um ser sem limites para servir.

E AGORA!

Estou chegando à conclusão, no final deste despretensioso livro, que *saudade* é um vocábulo revolucionário, tão forte e tão profundo, que é capaz de transformar a abstração de ideias em fatos concretos de inexplicável conceito. Assim foi que ela bateu forte, agora, em meu coração, promovendo uma sensação longe do comum, uma sensação transmutada em um estado de sofrimento pela ausência de minha esposa, que há poucos meses deixou inesperadamente este mundo. Estou convencido de que ela anda ministrando aulas, o que ela mais gostava de fazer, aos anjos dos céus deste imenso Universo. Como será que ela estará se comportando num meio muito, penso, diferente do que ela estava acostumada a dominar?

Relendo, pois, meu amigo e companheiro de solidões, Humberto de Campos, em seu livro “Poesias Completas”, deparei-me à pág. 339 com o perfil de um mestre, que poderia muito ser adaptado ao dela. Diz ele:

A CANDEIA

Na furna áspera e fria onde à noite uivam feras,
Aos doutores do mundo abrindo o coração,
Ensina o seu saber, com palavras severas,
Nos confins do deserto, entre eremitas, João.
“Monge, diz-lhe um doutor, que recompensa esperas,
Transmitindo tão franco a ciência a teu irmão?
Guarda, como um tesouro, as verdades austeras;
Não disperves o teu verbo, teu verbo é o teu pão.”
O eremita sorri e, em vez de responder:
“A candeia sem luz, traze-a que é noite filho;
Nesta que já acendi, vem a tua acender”.

A candeia acendeu-se e ficou a brilhar.
Aquele que a acendeu continuou com o seu brilho
E o eremita no chão pôs-se de novo a orar!...

E é Eugênio Santana quem fecha a grandeza desse perfil:

Nas paredes do tempo,
Nas asas da memória,
O andarilho solitário,
Armando-se das asas do Sonho
Voou reto para a serenidade azul,
Feliz “pela invenção da beleza”.

Tomara que assim seja! Obrigado, amigos.



Em apoio à sustentabilidade e à preservação ambiental,
a LER Editora declara que este livro foi impresso com papel
produzido a partir de florestas cultivadas e renováveis
e que é inteiramente reciclável.